PARAMAHANSA YOGANANDA

AUTOBIOGRAFIA DE UM IOGUE CONTEMPORÂNEO

"Se não virdes sinais e milagres, não crereis"– João. 4:48.

Dedicada à memória de Lutero Burbank

"Um Santo Americano"

Introdução

É esta a primeira vez que um autêntico iogue hindu escreve a história de sua vida para leitores do Ocidente. Descrevendo com vívidos detalhes muitos anos de treinamento espiritual com Siri Yukteswar, um mestre que em muito se assemelhava ao Cristo, revela aqui o autor um aspecto fascinante e pouco conhecido da moderna Índia.

Paramahansa Yogananda foi o primeiro grande mestre da Índia a viver no Ocidente durante um longo período (mais de trinta anos). Iniciou na ioga 100.000 estudantes - técnicas científicas para despertar a consciência divina do homem. Neste livro ele explica, com clareza científica, as leis sutis mas definidas pelas quais os iogues realizam milagres e alcançam o autodomínio.

Yogananda, diplomado pela Universidade de Calcutá, escreve, com inesquecível sinceridade e incisiva agudeza. Capítulos cheios de vida são dedicados a suas visitas ao Mahatma Gandhi, a Rabindranath Tagore, a Luther Burbank e a Therese Neumann - a católica estigmatizada da Bavária. Este livro foi traduzido para doze idiomas.

Paramahansa Yogananda - Um Iogue na Vida e na Morte

Paramahansa Yogananda entrou em **mahásamádhi** (a derradeira vez que um iogue abandona conscientemente seu corpo) em Los Angeles, na Califórnia, em 7 de março de 1952, após concluir seu discurso num banquete em homenagem a Sua Excelência Binay R. Sen, embaixador da índia. O relato da partida do muito amado iogue apareceu no número de março de 1952 de **Self-Realization Fellowship Magazine** (Los Angeles) e no semanário **Times** de 4 de agosto de 1952.

O grande instrutor mundial demonstrou o valor da ioga (técnicas científicas para chegar à percepção de Deus como realidade) não apenas em vida, mas também na morte. Semanas após haver partido, sua face inalterada brilhava com o divino esplendor da incorruptibilidade.

O sr. Harry T. Rewe, diretor do Cemitério de Forest Lawn, de Los Angeles (onde o corpo do grande mestre jaz temporariamente) enviou a **Self-Realization Fellowship** uma carta com firma reconhecida, da qual são extraídos os seguintes trechos:

"A ausência de quaisquer sinais visíveis de decomposição no cadáver de Paramahansa Yogananda constitui o mais extraordinário caso de nossa experiência... Nenhuma desintegração física era visível no corpo, mesmo vinte dias após a morte... Nenhum indício de bolor revelava-se em sua pele e nenhum dessecamento (secagem) ocorreu nos tecidos orgânicos. Tal estado de preservação perfeita de um corpo, até onde vão nossos conhecimentos dos anais mortuários, é algo sem paralelo... Ao receber o corpo de Yogananda, os funcionários do cemitério esperavam observar, através da tampa de vidro do caixão, os costumeiros e progressivos sinais de decomposição física. Nossa admiração crescia à medida que os dias passavam sem trazer qualquer mudança visível no corpo em observação. O corpo de Yogananda permanecia evidentemente num estado fenomenal de imutabilidade.

"Nenhum odor de decomposição emanou de seu corpo em qualquer tempo ... A aparência física de Yogananda em 27 de março, pouco antes de colocar-se a tampa de bronze no ataúde, era a mesma de 7 de março. Ele parecia, em 27 de março, tão cheio ' de frescor e intocado pela corrupção, como na noite de sua morte. Em 27 de março, não havia, em absoluto, motivo para se afirmar que seu cor po sofrera qualquer desintegração física visível. Por estas razões, declaramos novamente que o caso de Paramahansa Yogananda é único em nossa experiência."

Índice

Introdução 2

Paramahansa Yogananda - Um Iogue na Vida e na Morte 2

Índice 3

Capítulo 1 - Meus pais e minha infância 5

Capítulo 2 - A morte de minha mãe e o amuleto místico 11

Capítulo 3 - O Santo com dois corpos 15

Capítulo 4 - Minha fuga interrompida rumo ao Himalaia. 19

Capítulo 5 - Um "Santo dos Perfumes"exibe seus prodígios 26

Capítulo 6 - O Swâmi Tigre 31

Capítulo 7 - O Santo que se levita 36

Capítulo 8 - Jâgadis Chandra Bose, Grande Cientista da Índia 39

Capítulo 9 - O devoto bem-aventurado e seu romance cósmico 43

Capítulo 10 - Encontro meu Mestre, Sri Yuktéswar 48

Capítulo 11 - Dois jovens sem dinheiro em Brindában 54

Capítulo 12 - Anos no eremitério de meu Mestre 59

Capítulo 13 - O santo que não dorme 76

Capítulo 14 - Uma experiência em consciência cósmica 80

Capítulo 15 - O roubo da couve-flor 85

Capítulo 16 - Mais esperto que os Astros 91

Capítulo 17 - Sasi e as três safiras 97

Capítulo 18 - Um maometano, autor de prodígios 101

Capítulo 19 - Meu Mestre, em Calcutá, aparece em Serampore 104

Capítulo 20 - Não visitamos Cachemira 106

Capítulo 21 - Visitamos Cachemira 109

Capítulo 22 - O coração de uma imagem de pedra 114

Capítulo 23 - Recebo meu diploma universitário 118

Capítulo 24 - Eu me torno monge da Ordem dos Swãmis 122

Capítulo 25 - Meu irmão Ananta e minha irmã Nalini 126

Capítulo 26 - A Ciência de Kriya Yoga 130

Capítulo 27 - Fundação de uma escola de Ioga em Ranchi 135

Capítulo 28 - Renascimento e descoberta de Káshi 140

Capítulo 29 - Rabindranáth Tagore e eu comparamos sistemas de educação 143

Capítulo 30 - A Lei dos Milagres 146

Capítulo 31 - Uma entrevista com a Mãe Sagrada 152

Capítulo 32 - Rama é ressuscitado 158

Capítulo 33 - Bábaji, O Cristo-Iogue da Índia Moderna 163

Capítulo 34 - Materialização de um Palácio no Himalaia 168
Capítulo 35 - A vida crística de Láhiri Mahásaya 175
Capítulo 36 - Interesse de Bábají pelo Ocidente 181
Capítulo 37 - Vou à América 187
Capítulo 38 - Lutero Burbank - um santo entre as rosas 192
Capítulo 39 - Teresa Neumann, a estigmatizada católica 195
Capítulo 40 - Regresso à Índia 200
Capítulo 41 - Ídolo na Índia Meridional 204
Capítulo 42 - Últimos dias com meu Guru 211
Capítulo 43 - A ressurreição de Sri Yuktéswar 219
Capítulo 44 - Com Mahátma Gandhi em Wardha 229
Capítulo 45 - A "Mãe Saturada de Beatitude" 239
Capítulo 46 - A mulher iogue que nunca se alimenta 242
Capítulo 47 - Regresso ao Ocidente 248
Capítulo 48 - Em Encinitas, na Califórnia 251
Capítulo 49 - O período de 1940 a 1951 253
Objetivos e Ideais da Self-Realization Fellowship 261

Capítulo 1 - Meus pais e minha infância

Os traços característicos da cultura hindu têm sido, desde sempre, a pesquisa das verdades últimas e, simultaneamente, a relação entre guru.[1] e discípulo.

Meu próprio caminho conduziu-me a um sábio semelhante a Cristo; sua vida fora cinzelada para a posteridade. Foi ele um dos grandes mestres que constituem o mais valioso patrimônio da índia. Surgindo, altaneiros, em todas as gerações, eles foram erguendo os baluartes que evitaram a seu país o destino de civilizações extintas, como a do antigo Egito e a de Babilônia.

Minhas recordações mais antigas abrangem traços anacrônicos de uma encarnação anterior. Lembro-me claramente de uma existência longínqua - a de um iogue[2] entre as neves do Himalaia. Estes indícios do passado, graças a um elo imensurável, permitiram-me também vislumbres do futuro.

Indefesas humilhações da infância ainda não se desvaneceram de minha memória. Era com ressentimento que eu tinha consciência de ser incapaz de me locomover e de me expressar livremente. Sucessivas ondas de oração erguiam-se dentro de mim ao reconhecer esta impotência física. Minha forte vida emocional exprimiu-se mentalmente, em palavras de muitas línguas. Entre a confusão interna de idiomas, habituei-me, pouco a pouco, a ouvir as sílabas berigalis de meu povo. Como se enganam os adultos ao avaliarem o alcance de um cérebro infantil, julgando que ele se limita apenas aos brinquedos!

A fermentação psicológica, não encontrando possibilidade de se expressar através de meu corpo imaturo, dava origem a muitas e obstinadas crises de choro. Recordo-me da desorientação e do assombro que meu desespero provocava em toda a família. Lembranças mais felizes também me ocorrem: as carícias de minha mãe, as primeiras tentativas que fiz para balbuciar frases e dar os primeiros passos. Estes triunfos infantis, normalmente logo esquecidos, criam, contudo, em nós, um alicerce natural de auto-confiança.

O grande alcance de minha memória não é caso único. Sabe-se de muitos iogues que conservaram a consciência de si mesmos, ininterruptamente, durante a dramática transição da vida para a morte e de uma para outra vida. Se o homem fosse apenas um corpo, sua desintegração física seria para ele o término de sua identidade. Mas se, no decurso de milênios, os profetas falaram a verdade, o homem é essencialmente uma alma, incorpórea e onipresente.

Apesar de insólitas, recordações nítidas da primeira infância não são infreqüentes. Durante minhas viagens por numerosos países, ouvi, de lábios de homens e mulheres verazes, o testemunho de suas recordações de uma idade muito próxima ao período de lactância.

Nasci em 5 de janeiro de 1893, em Gorakhpur, no nordeste da índia, perto das montanhas do Himalaia. Ali passei meus primeiros anos. Éramos oito irmãos: quatro meninos e quatro meninas. Eu, Mukunda Lal Ghosh[3], fui o quarto a nascer e o segundo varão.

Meu pai e minha mãe eram bengalis, da casta **Xátria**[4]. Ambos foram abençoados com uma natureza de santos. O mútuo amor que os uniu, tranqüilo e digno, nunca se expressou com frivolidade. Sua harmonia conjugal perfeita era o foco de serenidade em torno do qual girava o tumulto de oito filhos pequenos.

Meu pai, Bhágabati Charan Ghosh, era bondoso e sério; em certas ocasiões, mostrava grande rigor. Embora lhe tivéssemos muita afeição, nós, crianças, mantínhamos para com ele certa distância que raiava pela reverência. Notável em matemática e lógica, guiava-se principalmente por seu intelecto. Mas minha mãe era uma rainha de corações e educou-nos inteiramente através do amor. Depois que ela morreu, meu pai externou mais sua ternura íntima e eu notei que seu olhar muitas vezes parecia se metamorfosear no olhar de minha mãe.

Foi em presença de mamãe que travamos os primeiros contatos agridoces com as Escrituras. Ela recorria ao **Mabábhárata** e ao **Rarnayâna**[5] para exumar histórias que se aplicassem vantajosamente às exigências disciplinares. Instrução e castigo caminhavam de mãos dadas.

---

1 Mestre espiritual, "o que dissipa as trevas"; do sânscrito gu, trevas; ru, o que dissipa. (Guru-Gita, 17-19)
2 Praticante de ioga, "união", antiquíssima ciência de meditação em Deus.
3 Meu nome de família foi substituído pelo religioso de Yogananda em 1914, quando ingressei na veneranda Ordem Monástica dos Swâmis. Em 1935, meu guru conferiu-me um título espiritual mais elevado, o de Paramahansa (ver capítulos 24 e 42).
4 A segunda casta, tradicionalmente de legisladores e guerreiros.
5 Estes antigos poemas épicos são um repositório precioso de história, mitologia e filosofia da índia.

Em sinal de respeito por meu pai, mamãe nos vestia cuidadosamente, em cada tarde, para recebê-lo ao regressar do escritório. O cargo por ele ocupado era equiparável ao de vice-presidente numa das maiores companhias ferroviárias da índia: a de Bengala-Nagpur. Seu trabalho obrigava-o a freqüentes viagens e mudanças de residência; nossa família viveu em diversas cidades durante minha meninice.

Mamãe sempre tinha a mão aberta, generosamente, para todos os necessitados. Papai também era caridoso, mas seu respeito à lei e à ordem estendia-se até o orçamento doméstico. Em certa quinzena, mamãe gastou com a alimentação dos pobres mais do que papai gastava num mês.

- Por favor, só lhe peço que seja caridosa dentro de limites razoáveis. - Mesmo uma repreensão suave de seu esposo era de suma gravidade para minha mãe. Sem revelar aos filhos seu desacordo com papai, ela fez vir uma carruagem de aluguel.

- Adeus, vou-me embora para a casa de minha mãe. - Antiqüíssimo ultimato!

Rompemos em pranto e lamentações. Nosso tio materno chegou no momento oportuno. Segredou a meu pai um conselho herdado certamente de algum sábio de antanho.

Depois de papai ter pronunciado algumas palavras de esclarecimento e conciliação, mamãe, feliz, despediu a carruagem. Assim terminou a única divergência de que tive conhecimento entre meus pais. Recordo-me, porém, de uma discussão característica.

- Por favor, preciso de dez rúpias para dar a uma pobre mulher que veio bater à nossa porta. - O sorriso de mamãe era persuasivo.

- Por que dez rúpias? Uma é bastante[6]. - Papai acrescentou esta justificação: - Quando meu pai e meus avós faleceram subitamente, eu soube, pela primeira vez, o que era a pobreza. De manhã, comia unicamente uma pequena banana, antes de caminhar vários quilômetros até a escola. Mais tarde, na Universidade, sofri tais privações que me vi forçado a pedir a um rico juiz o auxílio de uma rúpia por mês. Ele recusou, declarando que mesmo uma rúpia tinha valor.

- Com que amargura você lembra a recusa dessa rúpia! - O coração de minha mãe teve um instante de lógica. - Você gostaria que essa mulher tivesse de recordar dolorosamente a recusa das dez rúpias de que tanto necessita com urgência?

- Você ganhou! - Com o gesto imemorial dos esposos que se dão por vencidos, meu pai abriu a carteira. - Aqui está uma nota de dez rúpias. Entregue com os meus melhores votos de felicidade.

Tinha papai a tendência de dizer “não”a qualquer proposta nova. Sua atitude perante aquela desconhecida, que tão depressa conquistara a compaixão de minha mãe, era um exemplo de sua cautela habitual. Em verdade, a aversão a aceitar imediatamente é apenas uma homenagem ao princípio de “reflexão necessária”. Achei meu pai sempre justo e equilibrado em seus julgamentos. Se eu pudesse reforçar meus numerosos pedidos com um ou dois bons argumentos, ele, invariavelmente, punha a meu alcance o objetivo ambicionado - fosse uma viagem durante as férias ou uma nova motocicleta.

Meu pai foi um disciplinador austero de seus filhos, desde pequeninos. Mas sua atitude para consigo mesmo só se podia classificar de espartana. Nunca freqüentou, por exemplo, o teatro, mas procurava suas recreações em várias práticas espirituais e na leitura do **Bhágavad Gitá**[7]. Repudiava todo luxo e aderia a um par de sapatos velhos até que se tornassem imprestáveis. Seus filhos compravam automóveis, depois que seu uso se tornou popular, mas papai contentava-se com o bonde para ir diariamente ao escritório.

Papai não tinha interesse em acumular dinheiro por amor ao poder. Em certa ocasião, depois de organizar o Banco Urbano de Calcutá, negou-se a tirar vantagens disso e não guardou para si nenhuma ação. Desejara apenas cumprir um dever cívico durante as horas de folga.

- Ele fez sozinho o trabalho de três homens! - o contador informou à companhia. - Tem a haver 125 000 rúpias, ou seja, 41500 dólares por compensações atrasadas. - O tesoureiro enviou a papai um cheque com esse valor. Meu pai lhe deu tão pouca importância que se olvidou de mencioná-lo à família. Mais tarde, meu irmão mais moço, Bishnu, informado de um grande depósito a seu crédito no banco, fez perguntas a papai.

---

[6] Uma rúpia vale pouco menos que um terço de dólar.

[7] Este nobre poema sânscrito, que faz parte do épico Mabábhárata, é a Bíblia hindu. 0 Mahátma Gandhi escreveu: “Aqueles que meditarem no Gíta retirarão dele novas alegrias e novos significados todos os' dias. Não existe uma única meada espiritual com fios embaraçados que o Gíta não possa desembaraçar”.

- Por que me orgulhar com um lucro material? - papai respondeu. - Quem procura alcançar o equilíbrio mental não se rejubila com o lucro nem se desespera com o prejuízo. Sabe que o homem chega sem dinheiro a este mundo e dele parte igualmente sem levar uma só rúpia!

Pouco depois de seu casamento, meus pais tornaram-se discípulos do grande mestre Láhiri Mahásaya[8], de Benares. Esta associação fortaleceu o temperamento, por natureza ascético, de meu pai. Certa ocasião, mamãe fez uma confidência notável à minha irmã mais velha, Roma: "Seu pai e eu nos unimos como marido e mulher apenas uma vez por ano, com o intuito de termos filhos".

Meu pai conheceu pela primeira vez Láhiri Mahásaya por intermédio de Abinash Babu[9], empregado de um ramal da Estrada de Ferro Bengala-Nagpur. Em Gorakhpur, Abinash Babu monopolizava meus ouvidos infantis com absorventes histórias sobre muitos santos da índia. Concluía invariavelmente prestando um tributo às glórias superiores de seu próprio guru.

- Alguma vez lhe contaram em que circunstâncias extraordinárias seu pai se tornou discípulo de Láhiri Mahásaya? - Foi numa tranqüila tarde de verão, quando Abinash e eu sentávamos na varanda de minha casa, que ele me fez esta excitante pergunta. Movi a cabeça em sentido negativo, com um sorriso de satisfação antecipada.

- Anos atrás, antes de você nascer, supliquei a meu chefe – seu pai -, uma licença de sete dias para ausentar-me do trabalho a fim de visitar meu guru em Benares. Seu pai ridicularizou meu plano.

"- Vai se converter num religioso fanático? - perguntou-me. Concentre-se em seu trabalho no escritório, se quiser progredir.

"Naquele dia, voltando tristemente para casa por uma vereda no bosque, encontrei-me com seu pai que era transportado numa liteira. Ele despediu os servidores que o conduziam e passou a caminhar ao meu lado. Procurando me consolar, começou a discorrer sobre as vantagens de lutar pelo sucesso mundano. Mas eu o escutava distraidamente. Meu coração repetia: - Láhiri Mahásaya, não posso viver sem Te contemplar!

"O caminho nos conduzia à orla de um campo tranqüilo, onde os raios do sol ao entardecer coroavam a ondulante elevação do capim bravo. Estacamos, em admiração. E ali, no campo, a alguns metros de nós, apareceu subitamente a forma de meu grande guru![10]

"- Bhágabati, você é muito duro com seu empregado! - A voz ressoava em nossos ouvidos atônitos. Meu guru desapareceu tão misteriosamente como viera. De joelhos, eu exclamava: - Láhiri Mahásaya! Láhirí Mahásaya! - Durante alguns momentos, seu pai quedou-se imóvel de assombro.

"- Abinash, não só lhe dou licença, mas também a concedo a mim mesmo a fim de partirmos amanhã para Benares. Devo conhecer este grande Láhiri Mahásaya, capaz de se materializar à vontade para interceder por você! Levarei minha esposa comigo e pedirei a este mestre que nos inicie na senda espiritual. Você nos guiará até ele?

"- Sem dúvida! - Eu transbordava de alegria ante a resposta miraculosa à minha prece e a rápida e favorável alteração no curso 1 dos acontecimentos.

"Na noite seguinte, seus pais e eu viajamos de trem para Benares. Lá chegando durante o dia, cobrimos certa distância num trole e depois tivemos de caminhar por ruelas estreitas para atingir a moradia retirada de meu guru. Entrando em sua pequena sala, fizemos uma reverência ao mestre, ensimesmado na habitual posição de lótus. Ele piscou os olhos penetrantes e levantou-os para meu chefe: - Bhágabati, você é muito duro com seu empregado! - Suas palavras eram as mesmas que ele pronunciara dois dias antes no campo de Goralchpur. E acrescentou: - Alegro-me por haver permitido a Abinash visitar-me e terem vindo, você e sua esposa, em companhia dele.

"Para alegria dos esposos, meu guru os iniciou na prática espiritual de **Kriya Yoga**[11]. Seu pai e eu, condiscípulos espirituais, temos sido amigos íntimos desde aquele memorável dia da visão. Láhiri Mahásaya manifestou particular interesse em seu nascimento, Mukunda, e sua vida estará com certeza relacionada com a dele; as bênçãos do mestre nunca falham ".

---

[8] Pronuncia-se um tanto Láiri quanto Laíri; é mudo o a final do título: Maáchái. 0 acento tônico recai na primeira e na terceira sílabas de Bábají. Sri Yuktéswar soa Chrii luctésuor. Diz-se Patânjali, Guitânjali, Guita.

[9] Babu (senhor) é aposto aos nomes próprios em bengali.

[10] Os poderes invulgares possuídos pelos grandes mestres são explicados no capítulo 30, "A Lei dos Milagres".

[11] Uma técnica iogue ensinada por Láhiri Mahásaya; acalma e silencia o tumulto sensorial, permitindo ao homem alcançar identidade crescente com a Consciência Cósmica (ver capítulo 26).

Láhiri Mahásaya deixou este mundo pouco depois de eu nele haver entrado. Seu retrato, em moldura ornamentada, sempre permaneceu no altar de nossa família, nas várias cidades para onde meu pai era transferido por necessidade de serviço. Muitas manhãs e muitas noites nos encontraram, à minha mãe e a mim, em meditação ante o improvisado altar, oferecendo flores aromatizadas com pasta de sândalo. juntando incenso e mirra às nossas devoções, honrávamos a Divindade que se manifestara com plenitude em Láhiri Mahásaya.

Sua fotografia teve influência transcendental em minha vida. À medida que eu crescia, o pensamento focalizado no mestre crescia comigo. Em meditação, eu via com freqüência sua imagem fotográfica destacar-se da pequena moldura e, assumindo forma vivente, sentar-se diante de mim. Quando eu tentava tocar os pés de seu corpo luminoso, ele voltava a se transformar em fotografia. No período de transição da infância para a adolescência, aconteceu que Láhiri Mahásaya deixou de ser a imagenzinha exterior encerrada em moldura, para surgir em minha própria mente, convertido e ampliado em presença vívida e luminosa. Em momentos de prova e confusão, eu costumava invocá-lo numa prece, encontrando em seu interior, sua orientação consoladora.

A princípio, eu me afligia por não o ter mais neste mundo, em seu corpo físico. Quando comecei a descobrir sua secreta onipresença, já não volvi a me lamentar. Ele escrevera, amiúde, a todo discípulo demasiado ansioso em visitá-lo: “Por que vir me contemplar em carne e osso, quando estou sempre dentro do raio de visão de seu **kutástha** (olho espiritual)?”

Aos oito anos de idade aproximadamente, conheci a bênção de uma cura maravilhosa, graças ao retrato de Láhiri Mahásaya. Esta experiência intensificou meu amor. Enquanto residia em nossa grande propriedade familiar de Ichapur, em Bengala, contraí o cólera asiático. Fui desenganado pelos médicos; estes nada mais podiam fazer. Ao lado de meu leito, mamãe impeliu-me freneticamente a olhar para a fotografia de Láhiri Mahásaya, presa à parede, acima de minha cabeça.

_ Curve-se diante dele, mentalmente! - Ela sabia que a excessiva fraqueza me impedia até mesmo de erguer as mãos para saudá-lo. - Se oferecer sua devoção e ajoelhar interiormente diante dele, sua vida será salva!

Olhei fixamente a fotografia e contemplei uma luz cegadora que envolvia meu corpo e o quarto inteiro. Minha náusea e outros sintomas incontroláveis desapareceram**;** eu estava curado. Imediatamente me senti bastante forte para inclinar-me e tocar os pés de minha mãe num gesto ele reconhecimento pela fé incomensurável que ela demonstrara ter em seu guru. Minha mãe comprimia a cabeça repetidas vezes contra o pequeno retrato: - O Mestre Onipresente, agradeço-Te por Tua luz ter curado meu filho!

Compreendi que ela também havia testemunhado o resplendor deslumbrante através do qual me recobrei instantaneamente de uma doença fatal.

Um de meus bens mais preciosos é essa mesma fotografia. Oferecida a meu pai pelo próprio Láhiri Mahásaya, ela irradia uma santa vibração. Este retrato teve origem miraculosa. Ouvi a história contada por Káli Kumar Roy, condiscípulo espiritual de meu pai.

Parece que Láhiri Mahásaya tinha aversão a ser fotografado. Não obstante seus protestos, tirou-se um retrato do mestre com um grupo de devotos, entre os quais Káli Kumar Roy. Surpreendido, o fotógrafo descobriu que a chapa, na qual se divisavam claramente as imagens de todos os discípulos, apenas revelava um espaço vazio no centro, onde ele esperava que aparecesse a figura de Láhiri Mahásaya. O fenômeno foi amplamente comentado e discutido.

Certo estudante, fotógrafo perito, Ganga Dhar Babu, jactou-se de que a fugitiva imagem não lhe escaparia. Na manhã seguinte, quando o guru se colocava em posição de lótus, num assento de madeira com um biombo por trás, Ganga Dhar Babu. chegou com seu equipamento. Tomando todas as precauções para o sucesso, tirou sofregamente doze fotografias. Em cada uma encontrou a impressão do assento de madeira com o biombo, mas a figura do mestre novamente havia sumido.

Em lágrimas e com o orgulho despedaçado, Ganga Dhar Babu procurou seu guru. Passaram-se muitas horas antes que Láhiri Mahásaya quebrasse o silêncio com um significativo comentário:

- Eu sou Espírito. Pode a sua câmara fotográfica refletir o Invisível Onipresente?

- Vejo que é impossível! Mas, santo senhor, desejo ardentemente um retrato desse templo corpóreo. Minha visão era estreita: até hoje eu não tivera consciência que nele o Espírito habita em plenitude.

- Regressa, então, amanhã cedo. Posarei para você.

O fotógrafo novamente focalizou sua máquina. Desta vez, a sagrada figura não se cobriu de impereceptilidade misteriosa; apareceu, nítida, na chapa. O mestre jamais posou para outro retrato; pelo menos, nunca vi outro[12].

A fotografia é reproduzida neste livro[13].

Os traços fisionômicos de Láhiri Mahásaya, de casta universal, dificilmente sugerem a raça a que ele pertencia. O intenso deleite de sua comunhão com Deus é levemente denunciado pelo sorriso enigmático. Seus olhos, semi-abertos, indicam um interesse nominal pelo mundo externo e, ao mesmo tempo, semicerrados, revelam sua absorção na beatitude interior. Alheio aos míseros atrativos da Terra, estava sempre desperto para atender generosamente aos problemas espirituais dos que o procuravam.

Pouco depois de minha cura, graças à luz que se projetou através da fotografia de Láhiri Mahásaya, tive uma visão de grande influência espiritual. Sentado em meu leito, certa manhã, absorvi-me em profunda concentração.

- Que há por trás da obscuridade dos olhos? - Este pensamento inquiridor me avassalou a mente. Imensa luz manifestou-se instantaneamente em minha visão interna. Divinas figuras de santos, sentados em posição de lótus, em cavernas de montanhas, alinhavam-se, como imagens de um filme em miniatura, na grande tela de radiações surgida tio interior de minha testa.

- Quem sois? - perguntei em voz alta.

- Somos iogues do Himalaia. - É difícil descrever a resposta celestial; meu coração, estremecido, inundou-se de beatitude.

- Ali, como anseio ir ao Himalaia e tornar-me um de vós! - A visão desapareceu, mas seus raios prateados expandiram-se em círculos cada vez maiores, até o infinito.

- Que maravilhoso esplendor é este?

- Eu sou Íswara[14]. Eu sou luz! - A voz se parecia a nuvens murmurantes.

- Quero unir-me a Ti!

Do lento desvanecer-se de meu divino êxtase, ficou-me a herança de uma permanente inspiração para buscar a Deus. “Ele é Alegria eterna, sempre renovada! “Esta lembrança perdurou muito após o dia do místico rapto.

Outra recordação de minha infância é notável, e tão literalmente, que carrego sua cicatriz até hoje. Certa manhã, bem cedo, minha irmã mais velha, Uma, estava sentada comigo sob uma árvore de **neern**[15], em nossa casa de campo em Gorakhpur. Ela me ajudava no estudo de minha primeira cartilha em bengali, nos momentos em que eu consentia desviar minha vista de alguns papagaios que, ali perto, bicavam os frutos maduros de amargoseira.

Daya Mata. As vibrações de paz e de amor divinos nesse quarto são arrebatadoras

Satya Charan Láhiri, outro neto, construiu em Benares um **Guru Mandir** (templo) onde se venera uma bela estátua de mármore de Láhiri Mahásaya. (Nota de SRF).

Queixou-se Uma de certo inchaço em sua perna e foi buscar um frasco de ungüento. Untei meu antebraço com um pouco de pomada.

Por que esfrega remédio num braço sadio?

---

[12] Em 1959, Daya Mata fez uma peregrinação ao lar de Láhiri Mahásaya em Benares, residência atual de um neto do mestre, Abhoy Charan Lahiri. Este informou que seu pai Tincouri (então apenas um mocinho) estava presente quando Ganga Dhar tirou a fotografia.
Durante sua visita, Daya Mata viu o pequeno quarto, hoje um santuário, onde se encontram um tablado de madeira que foi o assento habitual de Láhiri Mahásaya; suas sandálias; uma peça de roupa usada por ele; seu exemplar do Bhágavad-Gíta manuscrito em sânscrito; e um recipiente contendo algumas de suas sagradas cinzas. “Ali seus devotos se reuniam em torno dele enquanto Láhiri Mahásaya comentava as Escrituras - disse

[13] Cópias desta fotografia podem ser adquiridas de SRF, em Los Angeles.

[14] Nome sânscrito para indicar Deus em seu aspecto de Legislador Cósmico; da raiz is, legislar. As Escrituras hindus contêm milhares de nomes para designar Deus, cada um correspondendo a um diferente matiz de significado filosófico. Deus, sob o aspecto de Íswara, cria e dissolve todos os universos, metódica e periodicamente.

[15] Amargoseira, grande árvore originária da índia oriental, cujas flores são de corola lilás, e os frutos, amarelo. Suas propriedades medicinais são hoje reconhecidas no Ocidente, onde a casca amarga é usada como tônico; descobriu-se que o óleo de suas sementes e frutos é de valia no tratamento da lepra e de outras moléstias.

Bem, irmã, sinto que amanhã vou ter um furúnculo. Estou experimentando o ungüento no lugar onde a inflamação vai aparecer.

- Menino mentiroso!

- irmã, não me chame de mentiroso até ver o que acontecerá amanhã. - Eu estava indignado.

Ela, sem se deixar impressionar, três vezes me chamou de mentiroso. Resolução inflexível como diamante soou em minha voz quando lhe dei esta lenta resposta:

- Pelo poder da vontade em -mim, afirmo que amanhã terei um enorme furúnculo exatamente neste lugar de meu braço; e o teu furúnculo estará duas vezes mais inchado que hoje.

Na manhã seguinte, encontrei um valente furúnculo no lugar indicado; o de Uma tinha duplicado suas dimensões. Gritando agudamente, minha irmã correu para mamãe. - Mukunda converteu-se em nigromante! - Com gravidade, mamãe instruiu-me a nunca usar o poder da palavra para fazer o mal. Sempre recordei seu conselho e o segui fielmente.

Um cirurgião rasgou o meu furúnculo. Uma cicatriz notável, até hoje, mostra onde o médico fez a incisão. Em meu antebraço direito existe um sinal memorável do poder imanente na límpida palavra do homem.

Aquelas frases simples e aparentemente inofensivas a Uma, pronunciadas com profunda concentração, possuíram suficiente força oculta para explodir como bombas e produzir efeitos definidos, embora prejudiciais. Compreendi, mais tarde, que o poder vibratório da linguagem poderia ser sabiamente dirigido para liberar nossa vida de dificuldades e assim operar sem deixar cicatrizes nem censuras[16].

Nossa família transferiu-se para Lahore, no Punjab. Ali comprei um retrato da Mãe Divina, sob a forma da Deusa Káli[17], que santificou um modesto altar na sacada interna de nossa casa. Dominou-me a convicção inequívoca de que todas as minhas preces pronunciadas naquele santo lugar se realizariam.

Certo dia, de pé nessa sacada, em companhia de Uma, observei dois meninos empinando papagaios de papel sobre o telhado de dois edifícios vizinhos, separados de nossa casa por uma estreita rua.

- Por que se acha tão quieto? - perguntou-me Uma, dando-me um empurrão por brincadeira.

- Estou pensando como seria maravilhoso se a Mãe Divina me desse tudo o que eu pedisse.

- Suponho que Ela lhe daria aqueles dois papagaios! - O riso de minha irmã era de caçoada.

- Por que não? - Comecei a rezar silenciosamente para obtê-los.

Na índia, os meninos fazem competições e apostas com papagaios cujas linhas são recobertas de cola e vidro moído. Cada jogador procura cortar a linha de seu adversário. Finalmente, um papagaio solto voa sobre os telhados; é divertido correr atrás dele para apanhá-lo. Estando Uma e eu numa sacada interior, recoberta de telhas, parecia impossível que um papagaio de linha cortada viesse cair em nossas mãos; sua linha naturalmente passaria flutuando sobre o telhado.

Do outro lado da estreita viela, os competidores começaram o combate. Uma das linhas foi cortada e imediatamente o papagaio flutuou em minha direção. Devido à súbita ausência de brisa, o papagaio permaneceu imóvel por um momento; nessa pausa, a linha enroscou-se num cacto que havia na sotéia do prédio em frente: de tal modo a linha se envolveu no cacto que formou um extenso e perfeito laço no ar, ao alcance de minhas mãos. Entreguei o troféu a Uma.

- Foi apenas um extraordinário acidente, e não uma resposta à sua prece. Se o outro papagaio cair em sua mão, então acreditarei.

Os olhos pretos de minha irmã mostravam muito mais assombro que suas palavras. Continuei a rezar com intensidade crescente. Um puxão mais forte dado à linha pelo outro jogador causou a perda brusca de seu papagaio. Este veio em minha direção, bailando no vento. Meu útil ajudante, o cacto, novamente prendeu a linha num laço bastante extenso para que eu o pudesse alcançar. Apresentei meu segundo troféu a Uma.

---

[16] A potencialidade infinita do som deriva da Palavra Criadora, AUM, o poder vibratório cósmico por trás de toda a energia atômica. Qualquer palavra proferida com límpida compreensão e profunda concentração tem valor materializante. A repetição oral ou silenciosa de palavras inspiradoras provou sua eficiência em sistemas de psicoterapia como, por exemplo, o de Coué; o segredo reside em introduzir um "crescendo" na freqüência vibratória da mente.

[17] Káli é um símbolo de Deus sob o aspecto da eterna Mãe Natureza.

- A Mãe Divina o escuta, certamente! Tudo isto é demasiado misterioso para mim! - E minha irmã pôs-se em fuga, como uma pequena corça assustada.

Capítulo 2 - A morte de minha mãe e o amuleto místico

O maior desejo de minha mãe era o de ver casado meu irmão mais velho.

- Ali, quando eu contemplar a face da esposa de Ananta, terei encontrado o céu na terra! - Freqüentemente ouvi mamãe expressar com estas palavras o seu arraigado sentimento hindu. pela continuidade da família.

Tinha eu onze anos quando se realizaram os esponsais de Ananta. Mamãe estava em Calcutá, supervisando alegremente os preparativos para o enlace. Papai e eu ficamos sozinhos em nossa casa em Bareilly, ao norte da índia, para onde ele fora transferido, após dois anos de permanência em Lahore.

Anteriormente eu havia presenciado o esplendor dos ritos nupciais de minhas duas irmãs mais velhas, Roma e Uma; para Ananta, entretanto, como primogênito, os preparativos eram muito meticulosos. Mamãe, em Calcutá, recepcionava numerosos parentes que chegavam de regiões distantes**,** todos os dias. Alojava-os confortavelmente numa casa ampla, recém-adquirida, situada em Amherst Street, 50. Tudo estava pronto: as deliciosas iguarias do banquete, o trono vistoso no qual meu irmão seria carregado até a casa da noiva, as fileiras de luzes coloridas, os gigantescos elefantes e camelos feitos de papelão, as orquestras indiana, inglesa e escocesa, os comediantes e artistas profissionais, os sacerdotes celebrantes dos antigos ritos.

Papai e eu, com espírito festivo, havíamos planejado nos reunir à família em tempo oportuno para a cerimônia. Pouco antes do grande dia, porém, tive uma visão de mau presságio.

Foi em Bareilly, à meia-noite: eu dormia ao lado de meu pai no terraço de nosso bangalô, quando fui acordado pelo franzir peculiar do mosquiteiro estendido sobre a cama. As frágeis cortinas abriram-se e vi a amada figura de minha mãe.

- Acorde seu pai! Sua voz era apenas um sussurro. - Tomem o primeiro trem que partir, o das quatro da madrugada. Corram a Calcutá, se me quiserem ver! - A aparição desvaneceu-se.

- Pai, papai! Mamãe está morrendo! - O terror em minha voz despertou-o imediatamente. Em soluços comuniquei-lhe a notícia fatídica.

- Não se impressione com suas alucinações. Meu pai, como de costume, deu sua negativa a uma situação nova. Sua mãe está de perfeita saúde. Se recebermos notícias más, partiremos amanhã.

- Papai nunca se perdoará por não haver partido agora. - E a angústia me fez acrescentar: - Nem eu o perdoarei.

A manhã seguinte despontou melancolicamente e, com ela, o telegrama explícito: “Mãe gravemente enferma; casamento adiado; venham imediatamente “.

Papai e eu partimos como dementes. Um de meus tios veio ao nosso encontro numa estação onde tínhamos de baldear. Estrondosa locomotiva puxando seus vagões vinha em nossa direção com velocidade telescópica. De meu tumulto interior brotou a determinação repentina de me atirar aos trilhos, sob as rodas do trem. Sentindo que minha mãe me era violentamente arrebatada, eu não podia suportar um mundo de súbito calcinado até os ossos. Eu amava minha mãe como ao ser mais querido sobre a terra. Seus consoladores olhos negros tinham sido meu refúgio em toda as insignificantes tragédias de minha infância.

- Ela ainda vive? - Detive-me para fazer esta derradeira pergunta a meu tio. Ele compreendeu, num átimo, todo o desespero em minha face. - Claro que vive! - Eu, porém, dificilmente acreditava,

Quando chegamos à nossa casa em Calcutá, foi só para defrontar, alurdidos, o mistério da morte. Sofri um colapso e depois mergulhei num estado de quase torpor. Muitos anos decorreram antes que meu coração se conformasse. Meu grito e meu pranto, como tempestades renovando-se às próprias portas do céu, afinal impeliram a Mãe Divina a se apresentar. Suas palavras trouxeram o bálsamo da cura às feridas que ainda supuravam:

- Sou Eu que tenho velado por ti, vida após vida, na ternura de todas as mães! Contempla em Meu olhar os dois olhos negros, os formosos olhos perdidos que andas buscando!

Papai e eu regressamos a Bareilly logo após os ritos crematórios da bem-amada. Todas as madrugadas, bem cedo, em sua memória, eu fazia uma patética peregrinação à frondosa árvore **sheoli** que sombreava o prado auriverde em frente ao nosso bangalô. Em momentos poéticos, imaginava que as flores brancas de **sheoli** se derramavam com espontânea devoção sobre o altar do prado. Misturando minhas lágrimas ao orvalho que tombava, freqüentemente observei uma estranha luz de outro mundo emergindo da aurora. Dores me assaltavam, intensas, de saudade de Deus. Sentia-me fortemente atraído para o Himalaia.

Um de meus primos, recentemente chegado de uma viagem às montanhas sagradas, visitou-nos em Bareilly. Escutei com avidez seus relatos sobre a elevada cordilheira, residência de iogues e **swâmis**[18].

- Fujamos para o Himalaia. - Esta sugestão feita, um dia, a Dwarka Prasad, jovem filho de nosso caseiro em Bareilly, não foi de seu agrado. Revelou meu plano a meu irmão mais velho, recém-chegado para visitar papai. Em vez de sorrir com tolerância do projeto impraticável de um menino, Ananta aproveitou-se disso para me ridicularizar.

- Onde está a sua túnica alaranjada? Não pode ser um **swâmi** sem ela**.**

Suas palavras, entretanto, provocaram em mim estranha comoção. Pintaram-me com nitidez um quadro: eu próprio era um monge, errante pela terra da índia. Talvez as palavras de Ananta despertassem lembranças de uma vida anterior; em todo caso, percebi com que naturalidade eu usaria a túnica daquela Ordem Monástica, de fundação antiqüíssima**.**

Conversando certa manhã com Dwarka, senti que o amor por Deus descia sobre mim com a força de uma avalanche. Meu companheiro prestava atenção fragmentada à minha ininterrupta eloqüência, enquanto eu, encantado**,** me ouvia integralmente.

Fugi naquela tarde para Naini Tal no sopé do Himalaia. Ananta perseguiu-me com denodo; fui tristemente forçado a regressar a Bareilly. A única peregrinação que me permitiam era o passeio à árvore **sheoli** todas as madrugadas. Meu coração chorava pelas duas Mães perdidas, a humana e a Divina.

A morte de mamãe deixou no tecido da família um rasgão irreparável**.** Papai nunca voltou a se casar, vivendo sozinho o resto de sua vida, cerca de quarenta anos. Assumindo o difícil papel de pai e mãe de seu pequeno rebanho, ele se tornou notavelmente mais terno, mais acessível**.** Com serenidade e discernimento, resolvia os vários problemas da família. Após as horas de trabalho no escritório, retirava-se como um ermitão à cela de seu quarto, praticando **Kriya Yoga** em doce tranqüilidade**.** Muito posteriormente à morte de minha mãe, tentei contratar uma enfermeira inglesa para cuidar dos detalhes que tornariam mais confortável a vida de meu pai. Mas ele abanou a cabeça negativamente.

- Os cuidados para comigo terminaram com a partida de sua mãe. - Seus olhos miravam remotamente o que era o objeto de devoção de toda a sua vida. - Não aceitarei os serviços de nenhuma outra mulher**.**

Catorze meses depois da partida de minha mãe, eu soube que ela me deixara uma importante mensagem. Ananta estivera presente, ao lado de seu leito de morte, e registrara suas palavras. Embora ela tivesse recomendado que a revelação me fosse feita um ano após a sua morte, meu irmão a retardou. Em breve ele partiria de Bareilly para Calcutá, a fim de casar-se com a jovem escolhida por mamãe[19]. Uma noite, ele me chamou para junto de si.

- Mukunda, tenho relutado em dar-lhe uma estranha mensagem. - A voz de Ananta apresentava um tom de resignação. - Temi que se inflamasse o seu desejo de abandonar o lar. Mas, de qualquer maneira, você está revestido de fervor divino. Quando o capturei recentemente a caminho do Himalaia, firmei esta resolução: não devo adiar por mais tempo o cumprimento de uma solene promessa. - Fazendo-me entrega de uma caixinha, meu irmão transmitiu a mensagem de mamãe:

"Deixe que estas palavras sejam minha bênção póstuma, meu bem-amado filho Mukunda! - dissera minha mãe. - Chegou a hora em que devo relatar alguns fenômenos extraordinários acontecidos após o seu nascimento. Conheci a senda reservada a você, quando ainda era um bebê em meus braços. Carreguei-o ao colo, naquele tempo, em visita a meu guru em Benares. Eu mal podia ver Láhiri Mahásaya, sentado em meditação profunda, quase escondido atrás de uma multidão de discípulos.

[18] Swa, a raiz sânscrita de Swâmi, significa "aquele que se unificou com o seu Eu Divino" (ver capítulo 24).
[19] O costume hindu, segundo o qual os pais escolhem a esposa para seus filhos, tem resistido às rudes investidas do tempo. Elevada é a porcentagem de casamentos indianos felizes.

. Eu acalentava o meu filhinho e, ao mesmo tempo, fazia uma prece para que o grande guru. nos percebesse e abençoasse. Minha súplica silenciosa crescia em intensidade; ele entreabriu os olhos e fez sinal para que me aproximasse. Os outros me abriram caminho respeitosamente; reverenciei-o, tocando-lhe os pés sagrados. Láhiri Mahásaya sentou-o, Mukunda, sobre as pernas dele, colocando-lhe a mão na testa, à guisa de batismo espiritual.

- "Mãezinha, seu filho será um iogue. Semelhante a um motor espiritual, ele conduzirá muitas almas ao reino de Deus.

"Meu coração saltou de alegria porque minha súplica secreta fora atendida pelo guru onisciente. Pouco antes de seu nascimento, Mukunda, Láhirí Mahásaya me dissera que você seguiria o caminho dele.

"Mais tarde, meu filho, sua visão da Grande Luz foi testemunhada por mim e por sua irmã Roma; de um quarto próximo, nós o observávamos imóvel em seu leito. Seu rostinho iluminou-me; sua voz soou com determinação de ferro quando você falou de viajar ao Himalaia em busca do Divino.

"Por estes meios, filho querido, eu soube que sua senda está muito além das ambições mundanas. O mais singular evento de minha vida trouxe-me confirmação posterior - um evento que agora me impele a dar-lhe, de meu leito de morte, esta mensagem,

"Foi uma entrevista com um sábio no Punjab, Quando nossa família vivia em Lahore, a criada entrou certa manhã em meu quarto.

"- Senhora, um estranho **sádhu**[20] está aqui. Ele insiste em "ver a mãe de Mukunda ".

Estas singelas palavras tangeram uma corda profunda em meu coração. Fui imediatamente cumprimentar o visitante. Curvando-me a seus pés, em reverência, senti que estava em presença de um verdadeiro homem de Deus.

"- Mãe - disse ele - os grandes mestres desejam que saiba que sua permanência na Terra não será longa. Sua próxima doença será a última[21]. - Houve um silêncio durante o qual não me senti alarmada; ao contrário, experimentei a vibração de uma grande paz. Finalmente ele se dirigiu a mim outra vez:

A senhora deve ser a depositária de certo amuleto de prata. Não lhe darei o talismã agora; para demonstrar a veracidade de minhas palavras, ele se materializará em suas mãos, amanhã, quando estiver meditando. De seu leito de morte, deverá instruir seu filho mais velho Ananta, para que guarde o amuleto durante um ano e então o e o entregue a seu segundo filho. Mukunda entenderá o significado do talismã, proveniente de Grandes Seres. Ele o receberá na época em que estiver pronto para renunciar a todas as esperanças mundanas e começar sua busca vital de Deus. Depois de haver conservado o amuleto por vários anos e quando este já tiver servido a seu propósito, desaparecerá. Mesmo que esteja guardado no esconderijo mais secreto, o talismã voltará ao lugar donde veio.

"Ofereci esmolas[22] ao santo e me inclinei diante dele com grande reverência. Sem aceitar minha oferenda, ele me abençoou e partiu. Na manhã seguinte, enquanto sentada eu meditava, um amuleto materializou-se entre as palmas de minhas mãos, tal como o **sádhu** prometera. Fez-se notar por seu contato liso e frio. Guardei-o zelosamente durante mais de dois anos, e agora o deixo sob a custódia de Ananta. Não lamente minha partida, pois serei introduzida por meu guru nos braços do Infinito. Adeus, filhinho; a Mãe Cósmica o protegerá".

---

20 Anacoreta; quem adotou **sádhana** ou uma senda de disciplina espiritual.

21 Quando descobri, por estas palavras, que mamãe tinha conhecimento secreto da breve duração de sua vida, compreendi pela primeira vez porque insistira tanto em apressar os planos para o casamento de Ananta. Embora ela tivesse morrido antes do casamento, seu desejo materno natural fora o de assistir às cerimônias nupciais.

22 Um gesto habitual de respeito para com os **sádhus**.

Uma rajada de luz desceu sobre mim com a posse do amuleto; muitas recordações adormecidas despertaram. O talismã, redondo e autenticamente antigo, estava coberto de caracteres sânscritos. Compreendi que procedia de mestres de vidas anteriores, os quais guiavam invisivelmente meus passos. Havia outro significado ainda, mas seu possuidor, se assim o preferir, pode não desvendar completamente a intimidade de um amuleto[23].

Como o talismã afinal se evaporou em meio a circunstâncias profundamente infelizes de minha vida, e como sua perda foi o arauto da chegada de um guru, não o direi neste capítulo.

O menino porém, frustrado em suas tentativas de atingir o Hima1 a ia, viajou para muito longe, todos os dias, nas asas de seu amuleto.

23 O amuleto era um objeto produzido astralmente. De estrutura evanescente, tais objetos devem afinal desaparecer de nosso mundo físico (ver capítulo 43). Inscrito no talismã, havia um **mântra** ou letra de um canto sonoro. Em parte alguma, os poderes do som e de vach, a voz humana, foram tão profundamente pesquisados como na índia. A vibração AUM que reverbera em todo o universo (o "Verbo" ou "voz de muitas águas" da Bíblia) apresenta três manifestações ou gunas: criação, preservação e destruição (Taittirya Upanishád 1,8) Cada vez que o homem pronuncia uma palavra, ele põe em ação uma das três qualidades de AUM. Esta lei se encontra por trás daquele mandamento que, em todas as Escrituras, impõe ao homem o dever de falar a verdade. O mântra inscrito no amuleto possuía, quando pronunciado de modo correto, uma potência vibratória espiritualmente benéfica. 0 alfabeto sânscrito, de construção ideal, compreende 50 letras, tendo, cada uma, pronúncia determinada, invariável. George Bernard Shaw escreveu um ensaio sagaz e, como era de se esperar, satírico, sobre a impropriedade fonética do alfabeto inglês de base latina, no qual 26 letras se esforçam para agüentar, sem êxito, o pesado encargo de indicadoras de sons. Com sua habitual crueza ("Se a introdução de um alfabeto inglês custar uma guerra civil ... eu não a lamentarei"), o sr. Shaw propõe a adoção urgente de um novo alfabeto de 42 letras (ver seu prefácio ao livro de Wilson **O miraculoso nascimento da linguagem**, Philosophical Librairy, N ' Y.). Semelhante alfabeto aproximar-se-ia da perfeição fonética do sânscrito, cujo emprego de 50 letras evita erros de pronúncia. A descoberta de sinetes no Vale do rio Indo está levando vários eruditos a abandonarem a teoria corrente de que a Índia tomou emprestado de fontes semíticas o seu alfabeto sânscrito. Algumas grandes cidades indianas foram recentemente dessoterradas em Mohenjo-Daro e Harappa, fornecendo provas de uma cultura eminente que "deve ter tido uma longa história anterior no solo da Índia, pois nos faz retroceder a eras obscuramente suspeitadas" (Sir John Marshall, **Mohenjo-Daro e as civilizações do Indo**, 1931). Se a teoria hindu da existência extremamente remota do homem civilizado no planeta é correta, torna-se possível explicar por que a mais antiga língua, o sânscrito, é também a mais **perfeita** (ver capítulo 10). Disse sir William Jones, fundador da Sociedade Asiática: "0 sânscrito, seja qual for a sua antigüidade, possui maravilhosa estrutura; mais perfeita que o grego, mais rica que o latim e mais requintada que qualquer das duas". E afirma a Enciclopédia Americana: "Desde o ressurgimento dos estudos clássicos, não houve acontecimento mais importante na história da cultura que a descoberta do sânscrito (por eruditos ocidentais) nos fins do século 18. A filosofia, a gramática comparada e a ciência da religião ... ou devem sua própria existência à descoberta do sânscrito ou foram profundamente influenciadas por seu estudo".

Capítulo 3 - O Santo com dois corpos

Pai, se eu prometer regressar à nossa casa, sem ser coagido, poderei fazer uma excursão a Benares?

Meu pai raramente punha obstáculos à minha acentuada predileção por viagens. Permitiu-me, ainda menino, visitar muitas cidades e lugares de peregrinação. Em geral, um ou dois amigos me acompanhavam; viajávamos confortavelmente com passes de primeira classe, fornecidos por papai. Sua posição de alto funcionário na estrada de ferro favorecia inteiramente os nômades da família.

Papai prometeu estudar minha proposta. No dia seguinte, chamou-me e ofereceu-me uma passagem de ida e volta, de Bareilly a Benares, certo número de rúpias em notas e duas cartas.

- Tenho um negócio a propor a um amigo em Benares, Kedar Nath Babu. Infelizmente perdi seu endereço, mas acredito que você poderá lhe entregar esta carta por intermédio de nosso amigo comum, Swâmi Pranabananda. Este **swâmi** é, como eu, discípulo de Láhiri Mahásaya, e alcançou elevada estatura espiritual. A você, a companhia dele será benéfica; esta segunda carta lhe servirá de apresentação.

Piscando um olho, papai acrescentou: - Fugir de casa, de agora em diante, não!

Parti com o entusiasmo de meus doze anos (embora a idade nunca tivesse diminuído meu prazer de avistar novas paisagens e rostos desconhecidos). Ao chegar em Benares, dirigi-me imediatamente à residência do **swâmi.** A porta de entrada estava aberta; subi a um quarto, longo como um corredor, no primeiro andar. Um homem atlético, usando uma tanga, estava sentado em posição de lótus, numa plataforma pouco acima do chão. Os cabelos tinham sido rapados, e a face sem rugas, barbeada; um sorriso de beatitude flutuava em seus lábios. Para banir meu pensamento de estar sendo um intruso, ele me cumprimentou como a um velho amigo.

- **Baba anand** (bem-aventurança para você, querido). - Suas boas-vindas foram expressas de todo coração, com voz infantil. Ajoelhei-me e toquei-lhe os pés.

- O senhor é Swâmi Pranabananda?

Ele moveu a cabeça afirmativamente. - Você é o filho de Bhágabati? - Suas palavras foram ditas antes que eu tivesse tempo de retirar do bolso a carta de meu pai. Espantado, estendi-lhe a carta de apresentação, agora supérflua. Sem abri-la, ele acrescentou:

- Naturalmente localizarei Kedar Nath Babu para você. - O santo de novo me surpreendeu por sua clarividência. Teve apenas um olhar para o envelope e fez algumas referências afetuosas a meu pai.

- Sabe, estou desfrutando duas pensões. Uma, por recomendação de seu pai, para quem trabalhei anteriormente na estrada de ferro. Outra, por recomendação de meu Pai Celestial, para quem terminei conscientemente meus deveres terrenos nesta vida.

Achei muito obscura esta última frase. - Que espécie de pensão recebe do Pai Celestial? Ele atira dinheiro ao seu colo?

O Swâmi riu-se. - Refiro-me a uma pensão de paz insondável, recompensa por muitos anos de profunda meditação. Agora, nunca imploro dinheiro. A satisfação de minhas escassas necessidades materiais está sobejamente garantida. No futuro, você entenderá o significado de uma segunda pensão**.**

Terminando de chofre a conversa, o santo imobilizou-se gravemente. Um ar de esfinge o envolveu. A princípio, seus olhos brilharam como se observassem algo interessante, depois se tornaram baços. Seu mutismo deixou-me confuso; ele ainda não me dissera como eu poderia encontrar o amigo de meu pai. Um tanto inquieto, circunvaguei o olhar pelo quarto vazio; com exceção de nós dois, era um deserto, Meus olhos errantes pousaram em suas sandálias de madeira, sob o estrado.

- Senhorzinho[24], não se preocupe. O homem a quem veio procurar estará aqui dentro de meia hora. - O iogue estava lendo meu pensamento: uma empresa não muito difícil naquele momento!

Novamente ele se interiorizou num silêncio impenetrável. Meu relógio indicava que trinta minutos tinham decorrido quando o **swâmi** se levantou.

- Penso que Kedar Nath Babu está chegando à porta da rua disse ele.

[24] Alguns santos hindus usavam a expressão “Choto Mahásaya”ao se dirigirem a mim, Traduz-se por “Senhorzinho” (little sir).

Ouvi alguém subindo as escadas. O assombro e a incompreensão mesclavam-se de repente em mim; meus pensamentos eram velozes mas confusos. “Como é possível que o amigo de meu pai tenha sido intimado a comparecer aqui sem que um mensageiro o fosse chamar? O **swâmi** não falou com ninguém desde a minha chegada!”

Sem-cerimônia, abandonei o quarto e desci as escadas. A meio caminho, encontrei um homem magro, de pele clara e de média estatura. Parecia estar com pressa.

- O senhor é Kedar Nath Babu? - A excitação dava colorido à minha voz.

- Sim. E você não é o filho de Bhágabati que está esperando ror mim? - Ele sorriu amigavelmente.

- Senhor, como lhe ocorreu vir aqui? Eu sentia frustração e ressentimento por não poder explicar sua presença.

- Hoje, tudo é misterioso! Há menos de uma hora atrás, eu saía de meu banho no Ganges, quando Swâmi Pranabananda se aproximou. Não tenho a menor idéia de como soube que eu me achava ali, àquela hora. Disse-me ele: - O filho de Bhágabati está à sua espera em meu apartamento. Pode vir comigo - Concordei de bom grado. Caminhamos lado a lado, mas logo o **swâmi,** usando sandálias de madeira, tomou estranhamente a dianteira, apesar de eu ter, nos pés, sapatos reforçados para andar pelas ruas. - Quanto tempo levará para atingir minha casa? - Pranabananda parou de súbito, para fazer-me esta pergunta. -Cerca de meia hora. - Ele me olhou enigmaticamente. - Devo deixá-lo para trás; nos encontraremos em minha casa, onde o filho de Bhágabati e eu estaremos à sua espera. - Antes que eu pudesse replicar, adiantou-se velozmente e desapareceu entre a multidão. Vim para cá tão depressa quanto me foi possível.

Esta explicação apenas aumentou meu assombro. Perguntei-lhe há quanto tempo conhecia o **swâmi.**

- Tivemos alguns encontros no ano passado, mas não recentemente. Foi com prazer que o revi no **ghat**[25] de banho esta manhã.

- Não posso crer em meus ouvidos! Será que estou ficando louco? O senhor encontrou Pranabananda numa visão ou realmente o viu, tocou-lhe a mão e escutou o ruído de seus passos?

- Não sei onde está querendo chegar. - Ele ficou rubro de indignação. - Não lhe estou mentindo. Não pode compreender que só por intermédio do **swâmi** eu podia saber que você me esperava neste lugar?

- Pois eu lhe asseguro que esse homem, Swâmi Pranabananda, não se afastou de minha vista um só instante desde que entrei aqui há uma hora atrás. - E sem mais reflexão, contei-lhe toda a história, repetindo a conversação que tivera com o **swâmi.**

Seus olhos abriram-se desmesuradamente. - Estamos vivendo nesta era materialista ou estamos sonhando? Nunca esperei testemunhar tal milagre em minha vida! julguei que este **swâmi** era um homem comum e agora descubro que pode materializar um corpo extra e operar com ele! - Entramos juntos no quarto do santo. Kedar Nath Babu apontou com o dedo para os sapatos sob o estrado.

- Olhe, são as mesmas sandálias que ele usava no **ghat** - segredou-me. - E vestia apenas uma tanga, exatamente como agora.

Quando o visitante se inclinou diante dele, o santo voltou-se para mim com um sorriso divertido.

- Por que ficou espantado com tudo isto? A sutil unidade do mundo dos fenômenos não se acha oculta aos verdadeiros iogues. Eu vejo e converso instantaneamente com meus discípulos na distante Calcutá. Eles também podem transcender à vontade qualquer obstáculo de matéria densa.

[25] Escadaria para que os banhistas possam descer a um rio ou lago; desembarcadouro. De ghats reservados à cremação, os participantes do funeral têm acesso à água para se purificarem e atirarem as cinzas à correnteza.

Foi provavelmente para avivar o ardor espiritual em meu jovem peito que o **swâmi** condescendeu em falar-me de seus poderes de rádio e televisão astrais[26]. Mas, em vez de entusiasmado, senti apenas terror, Talvez porque eu estivesse destinado a empreender minha divina busca sob a direção de determinado guru - Swâmi Yuktéswar, a quem ainda não encontrara - não me senti disposto a aceitar Pranabananda como meu instrutor. Olhei-o com desconfiança, conjeturando se era ele ou seu segundo corpo o que eu tinha à minha frente.

O mestre procurou dissipar minha inquietude, lançando-me um olhar de alento espiritual e dizendo algumas palavras inspiradoras sobre seu guru.

- Láhiri Mahásaya foi o maior iogue que conheci. Ele era a própria Divindade revestida de carne.

Se um discípulo, refleti, pode materializar uma forma carnal extra à vontade, que milagres não estarão ao alcance de seu mestre?

- Vou lhe dar uma idéia de quanto é inestimável a ajuda de um guru. Eu costumava meditar com outro discípulo durante oito horas, todas as noites. Tínhamos de trabalhar no escritório da estrada de ferro durante o dia. As práticas noturnas tornavam difícil o cumprimento de meus deveres diurnos de empregado, e por isso desejava dedicar meu tempo integral a Deus. Durante oito anos perseverei, meditando metade da noite. Obtive maravilhosos resultados; tremendas percepções espirituais me iluminaram a mente. Mas sempre um véu delgado persistia entre mim e o Infinito. Mesmo desenvolvendo esforços sobre-humanos, a união irrevogável me era negada, Certa noite, fiz uma visita a Láhirj Mahásaya e supliquei sua divina intercessão. Continuei a importuná-lo durante o resto da noite.

"- Angélico guru, minha angústia espiritual é tanta que não posso mais suportar a vida sem ver o Supremo Bem-Amado, face a face!

Que posso fazer? Você deve meditar mais profundamente.

Estou apelando a Ti, ó Deus meu Mestre! Contemplo-Te materializado perante mim num corpo físico; abençoa-me para que Te possa perceber afinal sob Teu aspecto infinito!

"Láhiri Mahásaya estendeu a mão num gesto benigno: - Agora você pode ir e meditar. Intercedi por você junto a Brahma[27].

"Em estado de elevação incomensurável, regressei à minha casa. Ao meditar, naquela mesma noite, alcancei o ardente ideal de minha vida. Agora desfruto incessantemente da pensão espiritual. Nunca, desde aquele dia, o Criador Beatífico permaneceu oculto a meus olhos, por trás do véu da Ilusão ".

A face de Pranabananda estava irradiante de luz divina. A paz de um outro mundo penetrou em meu coração; todo o medo voara para longe. O santo fez ainda outra confidência:

- Alguns meses depois voltei a visitar Láhiri Mahásaya e tentei lhe agradecer por me haver concedido a dádiva infinita. Na mesma ocasião, mencionei outro problema.

"- Guru divino, não posso mais trabalhar no escritório. Por favor, liberte-me. Brahma tem-me constantemente inebriado.

Peça sua aposentadoria à estrada de ferro.

Que razão invocarei, contando poucos anos de serviço? Diga o que sente.

"No dia seguinte, fiz o requerimento. O médico procurou conhecer que fundamento havia para a solicitação prematura.

"- Durante meu trabalho, experimento uma sensação avassalante que sobe pela espinha dorsal.[28], penetra meu corpo inteiro e me incapacita para o cumprimento de meus deveres[29].

---

[26] A ciência física está, por seus próprios métodos, confirmando a validade de leis descobertas pelos iogues através da ciência mental. Por exemplo, na Real Universidade de Roma, em 26 de novembro de 1934, obtiveram-se provas de que o homem possui poderes de televisão. 0 dr. Giuseppe Calligaris, professor de neuropsicologia, comprimiu certas partes do corpo de um indivíduo e este fez minuciosa descrição de pessoas e objetos situados atrás de uma parede. Disse o dr. Calligaris a outros professores que, ao serem estimuladas certas áreas da pele, o indivíduo recebe impressões supersensoriais e torna-se capaz de ver objetos que, de outra maneira, não poderia perceber. Para fazer o indivíduo discernir objetos situados atrás de uma parede, o dr. Calligaris comprimiu um lugar no lado direito do tórax durante quinze minutos. Afirmou o dr. Calligaris que, estimulados certos pontos do corpo, os indivíduos podem ver objetos a qualquer distância, mesmo no caso de nunca antes os terem visto.

[27] Deus em Seu aspecto de Criador, da raiz sânscrita **brih**, expandir. Quando o poema "Brahma", de Emerson, foi publicado no **Atlantic Montly** em 1857, a maioria dos leitores escandalizou-se. Emerson riu ironicamente: "- Digam Jeová em lugar de Brahma e não sentirão perplexidade alguma".

"Sem mais perguntas, o médico recomendou-me calorosamente pana a aposentadoria. Recebi-a sem demora. Sei que a vontade divina de Láhiri Mahásaya operou através do médico e dos chefes da estrada de ferro, seu pai inclusive. Eles obedeceram automaticamente à direção espiritual do grande guru e me deixaram livre para uma vida de ininterrupta comunhão com o Bem-Amado".

Depois desta extraordinária revelação, Swâmi Pranabananda mergulhou em um de seus longos silêncios. Despedi-me, tocando-lhe os pés com reverência, e ele me deu sua bênção.

- Sua vida pertence à senda de renúncia e de ioga. Ainda o verei outra vez, junto a seu pai, futuramente. - Os anos trouxeram a confirmação destas duas predições[30].

Kedar Nath Babu caminhava a meu lado na escuridão crescente. Entreguei-lhe a carta de meu pai e meu companheiro a leu sob um lampião da rua.

- Seu pai me sugere que aceite um emprego no escritório da estrada de ferro, em Calcutá. Que agradável, olhar para o futuro aguardando pelo menos uma das aposentadorias de que goza Swâmi Pranabananda! Mas é impossível; não posso deixar Benares. Infelizmente, ainda não tenho dois corpos!

---

[28] Em meditação profunda, a primeira experiência do Espírito é percebida no altar da espinha, e depois, no cérebro. Beatitude torrencial avassala o iogue, mas ele aprende a controlar suas manifestações exteriores.

[29] Na época de nosso encontro, Pranabananda era, de fato, um mestre completamente iluminado. Mas os últimos anos de sua vida profissional haviam ocorrido muito antes, quando ainda não se estabelecera irrevogavelmente em **nirbikálpa samádhi** (ver capítulos 26 e 43). Nesse perfeito e imutável estado de consciência, um iogue não encontra dificuldade em desempenhar seus deveres mundanos.
Depois de sua aposentadoria, Pranabananda escreveu Pranab Gíta, profundo comentário ao Bhágavad Gíta, publicado em hindi e bengali.
O poder de aparecer em mais de um corpo é um siddhi (poder iogue) mencionado nos Yoga Surras de Patânjali (cap. 24). É o fenômeno da bilocação, registrado na vida de muitos santos, através dos séculos. A. P. Schimberg, em "A História de Tereza Neumann" (Bruce Public Co.), descreve diversas ocasiões em que a grande santa católica contemporânea apareceu a pessoas distantes que necessitavam de sua ajuda, e com elas conversou.

[30] Ver capítulo 27.

Capítulo 4 - Minha fuga interrompida rumo ao Himalaia.

Abandone a sala de aula arranjando algum pretexto fútil e alugue um coche. Pare na travessa lateral onde ninguém de minha casa o possa ver.

Estas foram minhas instruções finais a Amar Mitter, um colega de escola secundária que planejara me acompanhar ao Himalaia. Havíamos escolhido o dia seguinte para empreender a fuga. Era necessário tomar precauções, pois meu irmão Ananta exercia vigilância rigorosa. Ele decidira frustrar os planos de fuga que suspeitava predominarem em minha mente. O amuleto, como um fermento espiritual, trabalhava silenciosamente em meu interior. Eu esperava encontrar, em meio às neves do Himalaia, o mestre cuja face muitas vezes me aparecia em visões.

Minha família estava morando em Calcutá, para onde papai fora definitivamente transferido. Em obediência ao costume patriarcal hindu, Ananta trouxera sua noiva para viver em nossa casa, agora em Gurpar Road n.4. Ali, num quartinho do sótão, eu me entregava a meditações diárias, preparando minha mente para a busca divina.

A memorável manhã chegou com uma chuva pouco auspiciosa. Ouvindo as rodas do coche de Amar, na rua, embrulhei precipitadamente um cobertor, um par de sandálias, duas tangas, um rosário, a fotografia de Láhiri Mahásaya e um exemplar do **Bhágavad Gíta.** Atirei este embrulho pela janela de meu quarto no segundo andar. Desci as escadas correndo e passei por meu tio que comprava peixe na porta.

- Que excitação é essa? - Seu olhar me examinou cheio de suspeita.

Eu lhe sorri com ar inocente e avancei para a viela. Apanhando meu embrulho, reuni-me a Amar com a cautela de um conspirador. Dirigimo-nos para Chandni Chank, zona comercial da cidade. Durante meses, havíamos economizado o dinheiro de nosso lanche para comprar roupas inglesas. Sabendo que meu esperto irmão desempenharia facilmente o papel de detetive, pensamos iludi-lo, disfarçados em trajes europeus.

Em nosso caminho para a estação, detivemo-nos a fim de que a nós se reunisse meu primo, Jotin Ghosh, a quem eu chamava de Jatinda. Era um novo convertido, suspirando por um guru no Himalaia. Preparamos sua nova roupa e ele a vestiu. ótima camuflagem, pensávamos esperançosos. Uma grande euforia dominava nossos corações.

- Agora só nos faltam sapatos de lona. - Conduzi meus companheiros a uma loja onde estavam expostos calçados com sola de borracha. - Artigos de couro, obtido pela matança de animais, não devem sr usados nesta sagrada viagem. - Detive-me na rua para remover a capa de couro de meu **Bhágavad Gíta** e as correias de couro de meu **sola topee** (capacete) de manufatura inglesa.

Na estação, compramos passagens para Burdwan, donde planejávamos baldear para Hardwar, no sopé do Himalaia. Assim que o trem, como nós, se pôs em fuga, dei rédea solta a algumas de minhas gloriosas previsões, antegozando-as.

- Imagine só! - exclamei. - Seremos iniciados pelos mestres e experimentaremos o transe da consciência cósmica. Nossos corpos se

carregarão de tal magnetismo que os animais ferozes do Himalaia, ao se aproximarem de nós, ficarão instantaneamente domados. Os tigres não passarão de dóceis gatos caseiros, à espera de nossas carícias!

Este comentário que delineava perspectivas fascinadoras – tanto metafórica quanto literalmente - produziu um sorriso entusiástico em Amar. Jatinda, porém, desviou os olhos e, pela janela, dirigiu-os para a paisagem que fugia.

- Vamos dividir o dinheiro em três partes. - Jatinda quebrou um longo silêncio com esta sugestão. - Cada um de nós deverá comprar sua própria passagem em Burdwan. Assim, ninguém na estação desconfiará de que estamos fugindo juntos.

Sem de nada suspeitar, concordei. Ao anoitecer, nosso trem parou em Burdwan. Jatinda foi ao guichê de passagens; Amar e eu sentamos na plataforma. Esperamos quinze minutos; depois, infrutiferamente, inquirimos sobre seu paradeiro. Procurando em todas as direções, gritávamos o nome de Jatinda com a insistência do terror. Mas ele se esfurnara nos desconhecidos e obscuros arredores da pequena estação.

Fiquei completamente abatido, num estado de choque próximo do torpor. Não acreditava que Deus pudesse abençoar um incidente tão depressivo! Minha romântica fuga em direção a Ele, a primeira que recebera cuidadoso planejamento, redundara num cruel estrago.

- Amar, devemos voltar para casa. - Eu chorava feito criança, O adeus empedernido de Jatinda é um mau presságio. Esta viagem se destina ao fracasso.

- É esse o seu amor a Deus? Você não tem forças para suportar o pequeno teste da traição de um companheiro?

Graças à idéia sugerida por Amar, de que se tratava de uma provação enviada por Deus, meu coração se acalmou. Logo nos refizemos com os famosos doces de Burdwan, **sitabhog** (manjar para a deusa) e **motichur** (pepitas de pérola doce). Horas depois, tomamos o trem para Hardwar, via Bareilly. Fazendo a baldeação no dia imediato em Moghul Serai, discutimos um assunto vital enquanto esperávamos na plataforma.

- Amar, poderemos em breve ser interrogados pelos funcionários da estrada de ferro. Não estou subestimando a argúcia de meu irmão! Aconteça o que acontecer, não direi uma só mentira.

- Só lhe peço, Mukunda, que não fale. Não ria e não faça um gesto enquanto eu falar.

Neste momento, um funcionário europeu da estação se aproximou de mim. Ele agitava um telegrama, cujo conteúdo adivinhei imediatamente.

- Estão fugindo de casa, inconformados?

- Não! - Fiquei satisfeito por ele haver escolhido palavras que me permitiram dar-lhe esta resposta enfática. Não era a inconformidade mas a “divina melancolia”a responsável por meu comportamento nada convencional.

O funcionário voltou-se, então, para Amar. O duelo de inteligente subtileza que sustentaram dificilmente me permitiu manter a estóica gravidade aconselhada.

- Onde está o terceiro jovem? - O homem pôs toda autoridade possível em sua voz. - Vamos, diga a verdade.

- Senhor, noto que está usando óculos. Não pode ver que somos apenas dois? - Amar sorriu descaradamente. - Não sou um mágico, não posso tirar da cartola um terceiro rapaz.

O funcionário, visivelmente desconcertado com esta impertinência, procurou atacar outro campo vulnerável.

- Qual é o seu nome?

- Chamam-me de Thomas. Sou filho de mãe inglesa e pai hindu convertido ao cristianismo.

- Qual é o nome de seu amigo?

- Eu o chamo de Thompson.

Nesta altura, minha hilaridade interior atingiu o zênite; sem cerimônia, caminhei para o trem que, providencialmente**,** dava o apito de partida**.** Amar veio atrás, acompanhado pelo funcionário, que se tornara crédulo e obsequioso a ponto de nos alojar em um compartimento reservado a europeus. Evidentemente lhe doía ver dois jovens de sangue semi-inglês viajarem numa seção destinada aos nativos. Quando se despediu cortesmente, reclinei-me para trás, no assento, em gargalhadas incontroláveis. O semblante de Amar expressava incontida satisfação por haver logrado um funcionário europeu veterano.

Na plataforma, eu dera um jeito de ler o telegrama. Era de meu irmão Ananta e dizia: “Três jovens bengalis, vestidos à inglesa, fogem de casa, direção Hardwar, via Moghul Serai. Favor detê-los até minha chegada. Ampla recompensa por seus serviços.”

- Amar, eu o preveni que não deixasse em sua casa itinerários com horas assinaladas. - Eu o reprovava. - Meu irmão deve ter encontrado algum, lá.

Meu amigo reconheceu sua falta, como um cordeiro. Paramos brevemente em Bareilly, onde Dwarka Prasad[31] esperava por nós.

com um telegrama de Ananta. Dwarka tentou valentemente nos deter. Convenci-o de que nossa fuga não fora empreendida por motivos fúteis. Como já o fizera em ocasião anterior, Dwarka recusou meu convite de partir para o Himalaia.

[31] Mencionado no capítulo 2.

Enquanto, à noite, nosso trem se detinha em certa estação e eu dormitava, Amar foi acordado por outro funcionário inquiridor. Também este foi vítima do híbrido sortilégio de “Thomas e Thompson”. O trem nos levou a uma chegada triunfal em Hardwar, ao despontar a aurora. As majestosas montanhas assomavam convidativas à distância. Como um raio, atravessamos a estação e nos misturamos à multidão citadina, respirando nossa liberdade. Nosso primeiro ato foi mudar de roupa, envergando trajes indianos, pois Ananta, de algum modo, descobrira nosso disfarce europeu. Uma premonição de captura me obcecava.

Reconhecendo que seria prudente partir de Hardwar, sem demora, compramos passagens para prosseguir em direção ao norte, até Rishikesh, terra santificada pelos pés de muitos mestres, desde épocas remotas. Eu ia subir ao trem, enquanto Amar se atrasava na plataforma. Acabou detido abruptamente pelo grito de um policial. Este indesejado vigilante escoltou-nos até a delegacia de polícia e confiscou nosso dinheiro. Cortesmente explicou que era seu dever reter-nos até a chegada de meu irmão mais velho.

Ao saber que nosso destino de fugitivos era o Himalaia, o oficial relatou uma estranha história.

- Vejo que são alucinados por santos! Nunca, porém, encontrarão maior homem de Deus do que um santo com quem estive ainda ontem. Um irmão de armas e eu o vimos pela primeira vez há cinco dias atrás. Patrulhávamos o Ganges, em caçada feroz a um assassino. Tínhamos ordem de capturá-lo, vivo ou morto. Sabia-se que usava disfarce de **sádhu** para roubar os peregrinos. A pouca distância de nós, descobrimos uma figura cujos sinais coincidiam com a descrição do criminoso. Ele não tomou conhecimento de nossa ordem de “alto!”; corremos para subjugá-lo. Ao chegar por trás dele, brandi minha machadinha com tremenda força; o braço direito do homem foi quase completamente decepado.

“Sem proferir um grito, ou olhar sequer a horrorosa ferida, o desconhecido continuou, para assombro nosso, em seu passo veloz, Quando saltamos à sua frente, ele disse em voz mansa:

“- Não sou o assassino que procuram.

“Fiquei profundamente mortificado ao ver que havia ferido um sábio de olhar divino. Prostrei-me a seus pés, implorei seu perdão, ofereci-lhe meu turbante para estancar o sangue que jorrava em abundância.

“- Filho, foi um engano compreensível de sua parte. - O santo olhou-me com bondade. - Siga seu caminho e não se reprove. A Mãe Divina toma conta de mim. - Ele agarrou o braço pendente, apertou-o em seu lugar junto ao ombro e - 6 maravilha! - o braço aderiu e o sangue parou de jorrar.

“- Volte dentro de três dias e me verá completamente curado, ali,. sob aquela árvore. Assim não sentirá mais remorso.

“Ontem, meu companheiro e eu fomos ansiosamente ao lugar designado. O **sádhu** achava-se ali e permitiu-nos examinar seu braço. Nenhuma cicatriz era visível nem qualquer vestígio de ferimento!

“- Vou para as solidões himalaicas, via Rishikesh. - **O sádhu** nos abençoou e partiu com pressa. Sinto que minha vida ganhou elevação espiritual, graças à sua santidade.”

. O policial concluiu seu relato com piedosa jaculatória; aquela experiência, sem dúvida nenhuma, o havia comovido e transportado a profundezas além das suas habituais. Com expressivo gesto, ele me estendeu um recorte de jornal sobre o milagre. No estilo sensacionalista de certos periódicos (que infelizmente não faltam, mesmo na índia!), a versão do repórter aparecia bastante exagerada; informava que o **sádhu** quase fora decapitado!

Amar e eu lamentamos não conhecer o grande iogue que perdoara seu perseguidor à maneira de Cristo. A Índia, materialmente pobre durante os dois últimos séculos, possui, entretanto, um lastro inesgotável de riqueza divina; “arranha-céus”espirituais podem ser encontrados, às vezes, à beira do caminho, até mesmo por homens mundanos como este policial.

Agradecemos o oficial por ter aliviado nosso tédio com sua história maravilhosa. Ele provavelmente tentava insinuar ser mais afortunado que nós; sem qualquer esforço, encontrara um santo iluminado; nossa veemente busca terminara, não aos pés de um mestre, mas em mísera delegacia de polícia.

Tão perto do Himalaia e, contudo, em nosso cativeiro, tão longe, confessei a Amar que eu sentia redobrar-se meu impulso de buscar a liberdade.

- Vamos escapar assim que a oportunidade se ofereça. Podemos ir a pé à sagrada Rishikesh. - Sorri para lhe dar coragem.

Meu companheiro, porém, tornara-se pessimista assim que a firme escora de nosso dinheiro nos foi arrancada.

- Se nos embrenharmos a pé na perigosa jângal, terminaremos, não na cidade dos santos, mas no estômago dos tigres!

Três dias depois, Ananta e o irmão de Amar chegaram. Amar saudou o irmão com afetuoso alívio. Eu, permaneci. inconciliável; Ananta só obteve de mim severa repreensão.

- Compreendo como se sente - disse meu irmão com brandura.

Tudo quanto lhe peço é que me acompanhe a Benares para conhecer certo sábio e depois a Calcutá para visitar por alguns dias nosso aflito pai. Então, poderá reencetar sua busca de um mestre neste lugar.

Amar interveio neste ponto da conversação para declarar que não tinha qualquer intenção de volver a Hardwar comigo. Ele estava gozando o calor da família. Eu, porém, tinha certeza de que jamais abandonaria minha busca até chegar ao guru.

Nosso grupo viajou de trem para Benares. Ali tive resposta singular e instantânea a uma prece minha,

Um plano habilidoso fora arquitetado, previamente, por Ananta. Antes de ir ao meu encontro em Hardwar, ele se detivera em Benares para pedir a uma autoridade em matéria de Escrituras sagradas, a concessão de uma entrevista, mais tarde, quando voltasse comigo. O erudito e seu filho prometeram a Ananta que tentariam dissuadir-me de vir a ser um **sannyási**[32]**.**

Ananta levou-me a essa casa. O filho, um jovem de maneiras exageradas, cumprimentou-me no pátio. A seguir, empenhou-se em longo discurso filosófico. Pretendendo conhecer por clarividência o meu futuro, queria lançar ao descrédito minha idéia de seguir a vida monástica.

Você terá dissabores constantes e nunca achará Deus, se insistir em desertar de suas responsabilidades ordinárias. Não pode queimar seu passaporte do **karma**[33] fugindo às experiências no mundo.

Palavras imortais do **Bhágavad Gíta**[34] subiram a meus lábios em resposta: “Até mesmo alguém com o pior dos **karmas,** se em Mim medita sem pausa, queima os efeitos de suas más ações. Transforma-se

en um ser de alma excelsa e atinge em breve a imorredoura paz. Tem certeza disto: o devoto que confia em Mim, jamais perece! “

Os prognósticos forçados do jovem não abalaram minha confiança. Com todo o fervor de meu coração, orei a Deus silenciosamente:

Por favor, tira-me deste embaraço e responde-me, aqui mesmo, se Tu desejas que eu leve uma vida de renúncia ou a de um homem mundano!

Notei um **sádhu** de nobre aparência, além dos limites da propriedade do erudito. Evidentemente ouvira algo da animada conversação entre mim e o pretenso clarividente, pois o desconhecido me chamou a seu lado. Um imenso poder fluía de seus olhos tranqüilos.

- Filho, não dê atenção a esse ignorante. Em resposta à sua prece, o Senhor me encarrega de lhe assegurar que seu caminho nesta vida é unicamente o da renúncia.

Com espanto e gratidão, sorri feliz ao receber esta mensagem decisiva.

- Afaste-se desse homem! - O ignorante chamava por mim, do pátio. Meu santo guia levantou a mão para me abençoar e afastou-se lentamente.

- Este **sádhu** é, como você, um doído varrido. - Era o encanecido erudito quem fazia esta encantadora observação, Ele e o filho me olhavam com ar lúgubre. - Ouvi dizer que também ele abandonou seu lar por uma vaga procura de Deus.

Voltei-lhe as costas. Disse a Ananta que eu não estava disposto a sustentar mais discussões com os donos da casa. Meu irmão, desencorajado, concordou em partir imediatamente; embarcamos de trem para Calcutá.

---

[32] Literalmente, “renunciado; da raiz do verbo, sânscrito “pôr de lado”, “rejeitar”.
[33] Efeitos de ações passadas, nesta vida ou em existências anteriores; do sânscrito kri, “fazer”.
[34] IX, 30-31.

- Senhor detetive, como descobriu que eu fugira com dois companheiros? - Dei curso à minha viva curiosidade interrogando Ananta em nossa viagem para casa, Ele sorriu maliciosamente.

- Em sua escola, descobri que Amar deixara a sala de aula sem regressar. Na manhã seguinte, fui à casa dele e achei um itinerário de trens com horários assinalados. O pai de Amar estava de saída e dizia ao cocheiro: "Meu filho não irá à escola comigo esta manhã; ele desapareceu."' Respondia o empregado: "Ouvi um cocheiro, meu colega, dizer que seu filho e dois companheiros, vestidos com trajes europeus, tomaram o trem na estação de Howrah e presentearam com sapatos de couro o condutor dos cavalos."Assim obtive três pistas: o horário, o trio de rapazes e a roupa inglesa.

Eu ouvia as revelações de Ananta com um misto de bom humor e de vergonha. Que mal endereçada fora nossa generosidade para com o cocheiro!

Naturalmente, corri ao telégrafo para enviar mensagens aos chefes de estação em todas as cidades que Amar assinalara no horário de trens. Ele havia sublinhado Bareilly; telegrafei a seu amigo Dwarka, lá residente. Procedendo a um inquérito em nossa vizinhança em Calcutá, soube que o primo Jatinda estivera ausente uma noite mas voltara para casa na manhã seguinte, vestido à européia. Convidei-o para sair e jantar comigo. Aceitou, desarmado por minha atitude amigável. No caminho, levei-o, sem que suspeitasse, à delegacia de polícia. Jatinda foi cercado por diversos policiais que eu previamente escolhera por seu aspecto feroz. Sob aqueles olhares ameaçadores, nosso primo concordou em explicar sua misteriosa conduta:

"- Parti para o Himalaia, mentalmente boiando num mar de alegria. Vibrava, inspirado, diante da perspectiva de encontrar os mestres. Mas, quando Mukunda disse: 'durante nossos êxtases nas cavernas do Himalaia, os tigres ficarão fascinados e sentarão à nossa volta como gatinhos mansos', minha efervescência gelou; gotículas de suor brotaram em minha testa. 'E se não for assim?' pensei. 'Se a natureza carnívora dos tigres não se modificar pelo poder de nosso transe espiritual, seremos tratados com a delicadeza dos gatos domésticos?' Em minha imaginação, já me via hóspede compulsório do estômago de algum tigre - lá não entrando de uma vez, de corpo inteiro, mas a prestações, em diversas postas!"

Minha raiva contra o desaparecido Jatinda evaporou-se em riso. A hilariante explicação, dada no trem, valia por toda a angústia que ele me causara. Devo confessar que senti leve satisfação: Jatinda, também ele, não escapara de um encontro com a polícia!

- Ananta[35], você nasceu um cão policial autêntico! - Em meu divertimento havia algo de exasperação. - Direi a jatinha que estou contente por sua conduta se dever, não a disposições traiçoeiras como parecia, mas apenas ao prudente instinto de conservação!

Em nosso lar em Calcutá, papai enternecidamente comovido, suplicou-me conter meus pés errantes, pelo menos até completar os estudos secundários. Durante minha ausência, ele carinhosamente amadurecera um plano, contratando um santo versado nas Escrituras, Swâmi Kebalananda[36], para vir com regularidade à nossa casa.

- Este sábio será seu instrutor de sânscrito - anunciou meu pai, cheio de confiança.

Papai nutria a esperança de satisfazer meus anseios espirituais com instruções de um filósofo erudito. Mas, num baralho sutil, as cartas logo mostraram outro jogo: meu novo mestre, longe de oferecer conhecimentos cheios de aridez intelectual, converteu-se em um abanador para avivar, entre as cinzas, as brasas de minha aspiração por Deus. Meu pai ignorava que Swâmi Kebalananda era discípulo de Láhiri Mabásaya, e um dos de mais elevada espiritualidade. O incomparável guru tivera milhares de discípulos, silenciosamente atraídos pelo poder irresistível de seu divino magnetismo. Eu soube, mais tarde, que Láhiri Mabásaya muitas vezes definira Kebalananda como um **ríshi** ou sábio iluminado.

O rosto formoso de meu instrutor tinha, por moldura, barba e cabeleira abundantemente encaracoladas. Seus negros olhos abriam-se sinceros, com a transparência de um olhar de criança. Todos os movimentos de seu corpo delgado revelavam a deliberação em repouso. Sempre cortês e pleno de bondade, estabelecera-se firmemente na consciência do infinito. Muitas de nossas horas mais felizes foram passadas, juntos, em profunda meditação de **Kriya.**

---

[35] Sempre o chamei de Anantada. Da é sufixo de respeito, acrescentado ao nome do irmão mais velho por todos os seus outros irmãos e irmãs.

[36] Na época de nosso encontro, Kebalananda ainda não havia ingressado na Ordem dos Swamis e seu nome mais conhecido era Shastri Mehásaya. Para evitar confusão com o nome de Láhiri Mahásaya e do Mestre Mahásaya (capítulo 9), quando me refiro a meu professor particular de sânscrito, uso seu último nome, o monástico, de Swâmi Kebalananda. Sua biografia foi recentemente publicada em bengali. Nascido no distrito de Khulna, em Bengala, em 1863, Kebalananda abandonou o corpo em Benares com 68 anos. Seu nome de família foi Ashutosh Chatterji.

Kebalananda era notável autoridade nos antigos **shastras** ou livros sagrados; conquistara, por sua erudição, o título de Shastri Mahásaya, de uso comum ao cumprimentá-lo. Meu progresso, entretanto, na disciplina do sânscrito, era quase nulo. Eu aproveitava toda oportunidade para desertar da gramática prosaica e conversar sobre ioga e Láhiri Mahásaya. Um dia, tive a honra de ouvir meu professor falar de seu convívio pessoal com o mestre.

- Tive a rara felicidade de permanecer ao lado do mestre durante dez anos. Seu lar em Benares constituía a meta de minha peregrinação todas as noites. O guru encontrava-se sempre em sua pequena sala de recepção no andar térreo. Ao sentar-se em posição de lótus num banco de madeira sem espaldar, seus discípulos formavam uma semiguirlanda a seus pés. Seus olhos cintilavam e bailavam com alegria divina[37]. Conservava-os semicerrados, contemplando, através do olho telescópico interior, a esfera de beatitude perene. Raras vezes se alongava ao falar. Ocasionalmente seu olhar focalizava um estudante precisando de ajuda; então, palavras impregnadas de vibrações curativas e consoladoras fluíam numa avalanche de luz.

"Paz indescritível florescia dentro de mim ao simples olhar do mestre. Sua fragrância saturava-me como se viesse de um lótus do infinito. Estar com ele, mesmo sem trocar uma palavra durante muitos dias, era uma experiência que alterava todo o meu ser. Se alguma barreira invisível se interpunha no caminho de minha concentração, eu ia meditar aos pés do guru. Ali atingia facilmente estados de consciência sutilíssimos. Tais percepções me escapavam em presença de instrutores menores. O mestre era um templo vivente de Deus, cujas portas secretas se abriam para todos os discípulos através da devoção.

"Láhiri Maliásaya não era um intérprete livresco das Escrituras. Sem esforço algum, ele mergulhava na "Biblioteca Divina". Da fonte de sua onisciência, manavam os pensamentos como repuxos orvalhantes, e as palavras, como espumas. Possuía a chave maravilhosa que descerrava a profunda ciência filosófica, escondida nos **Vedas**[38] há milênios atrás. Se lhe pediam que explicasse os diferentes planos de consciência mencionados nos textos arcaicos, acedia sorrindo.

"- Atingirei esses estados e simultaneamente lhes direi o que estou percebendo. - Era, assim, diametralmente oposto aos professores que aprendem as Escrituras de memória e depois explicam abstrações das quais não têm experiência.

"- Por favor, explique os versículos sagrados à medida que o significado deles lhe ocorrer. - O taciturno guru costumava dar esta ordem a um discípulo próximo. - Guidarei seus pensamentos para que faça a interpretação correta. - Desta maneira, muitas das percepções de Láhiri Mahásaya vieram a ser registradas, acrescidas de volumosos comentários feitos por vários estudantes.

"O mestre jamais ensinou a acreditar servilmente. 'Palavras são apenas conchas', dizia ele. 'Adquira convicção da presença de Deus através de seu próprio contato com a beatitude, ao meditar.'

"Fosse qual fosse o problema do discípulo, o guru aconselhava **Kriya Yoga** como solução.

"- A chave de ioga não perderá sua eficiência quando eu não mais estiver presente no corpo para guiar meus discípulos. É uma técnica que não pode ser encadernada, arquivada e esquecida, à maneira das inspirações teóricas. Continuem sem pausas na senda de libertação através de **Kriya,** cujos poderes residem em sua prática.

"Eu próprio considero **Kriya** o mais eficiente recurso de salvação, pois o homem aplica seu esforço pessoal na busca do Infinito. - E Kebalananda gravemente concluiu seu testemunho: - Por meio de seu uso, o Deus Onipotente, oculto em todos os homens, tornou-se uma encarnação visível em Láhiri Mahásaya e em certo número de seus discípulos. "

Um milagre crístico, realizado por Láhiri Mahásaya, ocorreu em presença de Kebalananda. Meu santo tutor, um dia, repetiu a história, afastando os olhos dos livros de sânscrito abertos sobre a mesa.

---

[37] Porque a verdadeira natureza de Deus é Beatitude, o devoto, sintonizado com Ele, experimenta uma inata e ilimitada alegria. "A primeira das paixões da alma e da vontade é a alegria"- S. João da Cruz, autor de Subida ao Monte Carmelo. Um de seus místicos aforismas: "Para chegar Àquilo que não se tem, é preciso tomar o caminho que não se tem; para atingir Aquilo que não se é, necessário se faz tomar o caminho onde não se é; para obter o Tudo, é preciso abandonar tudo."0 corpo do grande santo cristão, morto em 1591, exumado em 1859, achava-se em estado de incorruptibilidade.

[38] Dos quatro antigos Vedas subsistem cerca de 100 livros canônicos. Emerson em seu Diário, rendeu este tributo ao pensamento védico: "Ele é sublime como o calor e a noite, e um oceano sem pulsação. Contém todos os sentimentos religiosos, todas as grandes éticas que gozam da intimidade de cada espírito poético e nobre, alternativamente... Inútil é pôr de lado este livro; se me confio aos bosques ou a um barco no lago, a Natureza me converte logo num Brilunim: pobreza eterna, equilíbrio perpétuo, poder insondável, silêncio imperturbável. Este é o credo da Natureza. - Paz - ela me diz - e pureza, e abandono absoluto: estas panacéias expiam todo o pecado e o conduzem à beatitude dos Oito Deuses"

- Um discípulo cego, Ramu, despertou minha compaixão ativa. Por que não teria luz em seus olhos, quando servia com tanta fidelidade nosso mestre, em quem a Divindade resplandecia plenamente? Certa manhã, tratei de falar com Ramu, mas ele se sentava pacientemente, durante horas, refrescando o ar em torno de seu guru com um **punkha,** abanador feito à mão, de folhas de palmeira. Quando afinal o devoto deixou a habitação, eu o segui.

Ramu, há quanto tempo você é cego?

Desde o nascimento, senhor! Nunca meus olhos foram abençoados com um vislumbre do sol.

"- Nosso guru onipotente pode ajudá-lo. Suplique-lhe, por favor!

"No dia seguinte, Ramu. aproximou-se timidamente de Láhiri Mahásaya. O discípulo sentia quase vergonha de pedir que uma riqueza física fosse acrescentada à sua superabundância espiritual.

"- Suplico a meu mestre, dentro de quem está Aquele que ilumina o cosmos: conduza a Sua luz aos meus olhos para que eu possa perceber o tênue resplendor do sol.

"- Ramu, alguém o induziu a colocar-me em posição difícil. Eu não tenho o poder de curar.

Senhor, o Infinito dentro do guru pode realmente curar.

Isso é bem diferente, Ramu. Para Deus não há limites! Ele, que acende as estrelas e as células da carne com misteriosa refulgência de vida, pode trazer-lhe, seguramente, o brilho da visão aos olhos.

-- O mestre tocou a testa de Ramu no ponto médio entre as sobrancelhas[39].

"- Conserve sua mente concentrada aí e cante com freqüência o nome do profeta Rama[40] durante sete dias. O esplendor do sol terá uma aurora especial para você.

"E, de fato, ao findar a semana, aconteceu! Pela primeira vez em sua vida, Ramu contemplou a bela face da natureza. Deus Onisciente havia, sem erro, induzido o discípulo a repetir com fé o nome de Rama, por ele adorado acima de todos os santos. A fé de Ramu era o solo devocional já arado, onde germinou a poderosa semente da cura perrnanente, lançada por seu guru."- Kebalananda guardou silêncio por um momento e depois prestou novo tributo a seu guru.

- Era evidente, em todos os milagres realizados por Láhiri Mahásaya, que ele jamais consentia ao "ego[41] considerar-se a força causal. Por sua perfeita submissão ao Supremo Poder de Curar, o mestre permitia que este fluísse livremente através de si. Os numerosos corpos, que foram espetacularmente curados através de Láhiri Mahásaya, tiveram, um dia, de alimentar as fogueiras de cremação. Mas o silencioso despertar de espíritos que ele operou, os discípulos crísticos por ele formados, são seus milagres imperecíveis.

Nunca cheguei a ser um erudito em sânscrito; Kebalananda me ensinou uma sintaxe mais divina.

---

[39] Sede do "olho espiritual". Ao morrer, a consciência do homem é atraída para este ponto sagrado, como o demonstram os olhos, erguidos para cima, dos mortos.

[40] Principal figura sagrada de Ramayâna, a epopéia sânscrita.

[41] O princípio do "ego", ahânkara (literalmente, "eu faço") é a raiz do dualismo ou da aparente separação entre o homem e seu Criador. Ahânkara coloca os seres humanos sob o domínio de máya (ilusão cósmica); o que é subjetivo (ego) apresenta-se falsamente como objetivo; as criaturas supõem que são as criadoras (ver capítulos 5 e 30)
"Nada do que faço sou eu quem faz!"
Assim pensará quem se atém à verdade das verdades...
Sempre seguro de que "este é o mundo dos sentidos que brincam com as sensações" (V, 8-9).
"Realmente vê quem percebe que os trabalhos são praxe no mundo da Natureza para exercício da Alma;
quem, apesar de agir, não é o agente." (XIII, 29). "Embora Eu seja sem nascimento e sem morte, indestrutível,
o Senhor de todas as coisas vivas, nem por isso deixo -pelo poder de Máya, pela magia que imprimo às flutuantes formas da Natureza, a vastidão primeva - de nascer, e morrer, e tornar a nascer." (IV, 6)
"Difícil é ultrapassar o véu divino das várias aparências que Me escondem; contudo, os que Me adoram o traspassam para chegar além." (VII, 14)
Bhágavad Gíta

Capítulo 5 - Um "Santo dos Perfumes"exibe seus prodígios

"Tudo tem sua época e há um tempo determinado para todo objetivo sob o céu"[42].

Eu não possuía esta sabedoria de Salomão para me consolar; meus olhos procuravam, insistentemente, em qualquer excursão longe de casa, divisar a face do guru ao qual estava destinado. Meu caminho, entretanto, não se cruzou com o dele antes do término de meus estudos secundários.

Dois anos transcorreram entre minha fuga ao Himalaia, com Amar, e o dia extraordinário em que Sri Yutéswar apareceu em minha vida. Nesse lapso de tempo, conheci vários sábios - o Santo dos Perfumes, o Swâmi Tigre, Nagendra Nath Bháduri, o mestre Mahásaya e o famoso cientista bengali Jâgadís Chandra Bose.

Meu encontro com o Santo dos Perfumes teve dois preâmbulos, um harmonioso e outro humorístico.

- Deus é simples. Tudo o mais é complexo. Não procure valores absolutos no mundo relativo da natureza.

Estas verdades últimas da filosofia chegaram com suavidade aos meus ouvidos, quando eu permanecia silencioso num templo, perante a imagem de Káli[43]. Virando-me, deparei com um homem alto, cujo traje, ou antes, cuja ausência deste, denunciava o **sádhu** errante.

- O senhor penetrou realmente na perplexidade do meus pensamentos. - Eu lhe sorri agradecido. - Cabeças mais sábias que a minha têm ficado embaraçadas ante o enigma da natureza, onde se confundem aspectos benignos e terríveis, simbolizados por Káli!

- Poucos desvendaram o mistério dela! O bem e o mal são enigmas desafiadores que a vida coloca perante cada inteligência, à maneira da esfinge. Sem atingir uma solução, a maioria dos homens paga a multa com sua vida, a pena máxima, hoje, como nos dias de Tebas; só aqui e ali uma altaneira figura solitária nunca se dá por vencida. Ela arranca da ilusão da dualidade (máya)[44], a verdade indivisível da unidade.

- Fala pleno de convicção, senhor.

- Por longo tempo me exercitei numa introspecção honesta, aproximando-me da sabedoria por um caminho invulgarmente doloroso. O auto-exame, a implacável observação dos próprios pensamentos, é uma experiência árdua e devastadora. Pulveriza o ego mais renitente. A verdadeira auto-análise opera matematicamente para produzir videntes. Ao contrário, quem envereda pela extrospecção, pelas auto-aprovações, torna-se egoísta, fiado em seu direito à interpretação particular de Deus e do universo.

- Sem dúvida alguma, a verdade retira-se humildemente ante essa arrogante originalidade - atalhei, encantado com o debate de idéias.

- O homem não pode compreender nenhuma verdade eterna, enquanto ele mesmo não se liberta de suas pretensões. A mente humana, obstruída por lodo multissecular, fervilha de vida repulsiva, animada por incontáveis ilusões mundanas. Esforços denodados nos campos de batalha empalidecem e reduzem-se à insignificância quando o homem, pela primeira vez, tem de lutar contra inimigos dentro de si! Não são adversários mortais, estes, conquistáveis pelo poder aniquilante das armas bélicas. Onipresentes, incansáveis, perseguindo o homem mesmo durante o sono, sutilmente equipados com armas de emanações mefiticas, estes soldados, ignorantes apetites sensuais, procuram nos assassinar a todos. Insensato é o homem que enterra seus ideais e rende-se a um destino vulgaríssimo. Que poderá ele parecer, senão uma criatura impotente, desastrada, abjeta?

- Respeitável senhor, não lhe despertam simpatia as multidões desorientadas?

O sábio permaneceu silencioso por um momento, depois respondeu indiretamente:

---

[42] Eclesiastes, 3: 1.

[43] Káli representa o Princípio Eterno imanente na natureza, É corporificada, tradicionalmente, numa figura feminina de quatro braços, alçando-se sobre a forma deitada e inativa do Deus Shiva ou o Infinito, porque as atividades da natureza ou do mundo dos fenômenos nascem do Espírito latente. Os quatro braços simbolizam os atributos primordiais - dois benéficos e dois destrutivos - indicando a dualidade essencial da matéria ou criação.

[44] Ilusão cósmica; literalmente, "o medidor". Máya, poder mágico na criação, faz que aparentemente se apresentem limitações e divisões no Ilimitável e Indivisível. Emerson escreveu o poema seguinte, sobre Máya (que ele grafava Mais): A ilusão faz trabalho impenetrável, tecelã de tramas inumeráveis; suas vistosas tintas nunca se descoram, uma à outra instando, véu ap6s véu; uma sedutora, acreditada pelo homem com sede de ser enganado.

- Amar a ambos, ao Deus Invisível, repositório de todas as virtudes, e ao homem visível, aparentemente destituído de qualquer virtude, é muitas vezes, desconcertante. Mas a inteligência do homem está à altura do problema. A pesquisa interior não tarda em mostrar uma unidade em todas as mentes humanas: o forte parentesco dos motivos egoístas. Pelo menos nesse sentido, revela-se a fraternidade dos homens. Uma assombrosa humildade segue-se a este descobrimento nivelador. E amadurece em compaixão por nossos companheiros de jornada, cegos às potências curadoras da alma que esperam por exploração.

- Os santos de todas as épocas, senhor, sentiram essa mesma piedade pelas dores do mundo.

- Somente o homem superficial perde a receptividade às aflições do próximo, à medida que submerge em seu próprio e estreito sofrimento. - A face austera do **sádhu** suavizara-se notavelmente. - Quem toma o escalpelo e pratica o dissecar de si mesmo, experimenta uma expansão de' piedade universal. É aliviado das demandas ensurdecedoras de seu ego. O amor a Deus floresce em semelhante solo. A criatura volta-se finalmente para seu Criador, senão por outro motivo, ao menos para perguntar com angústia: “Por que, Senhor, por quê?.”Através das ignóbeis chicotadas da dor, o homem é conduzido afinal à Presença Infinita, cuja beleza deveria ser a única e fasciná-lo.

' O sábio e eu nos encontrávamos no Templo de Kálighát em Calcutá, aonde eu fora para conhecer sua famosa magnificência. Com um gesto que varria os arredores, meu companheiro ocasional declarou dispensável aquela respeitabilidade artística.

- Tijolos e argamassa não nos cantam audível melodia; o coração abre-se apenas ao cântico do ser humano.

Vagávamos à entrada do templo, à luz convidativa do sol; uma multidão de devotos entrava e saía.

- Você é jovem. - O sábio examinou-me pensativamente. - A índia também é jovem. Os antigos **ríshis**[45] estabeleceram padrões indestrutíveis de vida espiritual. Seus encanecidos aforismos bastam aos nossos dias e à nossa terra. Preceitos disciplinares ainda modelam a índia, sem jamais terem sido afetados pela moda e sem necessidade de adulteração para enfrentar os ardis do materialismo. Durante milênios -- mais numerosos do que os especialistas embaraçados se dão ao trabalho de calcular! - o Tempo cético revalidou o mérito dos **Vedas.** Faça deles a sua herança!

Ao me despedir respeitosamente do eloqüente **sádbu,** ele me revelou algo do que sua clarividência percebera:

- Hoje, depois de sair daqui, você terá uma experiência invulgar.

Abandonei o recinto do templo e segui perambulando, sem objetivo. Ao virar uma esquina, deparei com um velho conhecido - um desses tipos cujos poderes de elocução ignoram o tempo e abraçam a eternidade.

- Permitirei -que vá embora logo - foi a sua promessa, depois de me contar tudo o que aconteceu durante os anos de nossa separação.

- Que paradoxo! Preciso deixá-lo agora.

Todavia, segurando-me pelo braço, ele arrancava de mim retalhos de informação. Parecia-se a um lobo faminto, pensei, divertindo-me; quanto mais extensamente me fazia falar, com mais sofreguidão fare-java outras notícias. Em meu íntimo, supliquei à Deusa Káli que inventasse um meio de eu escapar sem ser indelicado.

De súbito, meu companheiro me deixou. Suspirei aliviado e redobrei as passadas, temendo uma recaída em sua febre gárrula. Ouvindo passos apressados atrás de mim, aumentei a velocidade. Não ousava olhar para trás. Mas de um salto, o jovem me alcançou, segurando-me jovialmente pelo ombro.

- Esqueci-me de lhe falar sobre Gandha Baba (o Santo dos Perfumes). Aquela casa tem a honra de hospedá-lo. - E apontou para uma moradia próxima. - Não deixe de ir vê-lo; é interessante. Terá uma experiência ítivulgar. Adeus. - E, desta vez, ele realmente me deixou.

A predição do **sádhu,** expressa com as mesmas palavras, no templo de Kálighát, fulgurou em minha mente. Intrigado, entrei na casa e fui introduzido numa espaçosa sala de recepção. Uma multidão de gente estava sentada, à maneira oriental, aqui e ali, sobre o espesso tapete alaranjado. Um murmúrio de temor respeitoso chegou aos meus ouvidos.

---

45 Os ríshis, literalmente “videntes”, foram os autores dos Vedas em antigüidade indeterminável.

- Eis aqui Gandlia Baba, sobre a pele de leopardo. Ele pode dar o perfume natural de qualquer flor e pétalas que não tenham aroma, revivificar uma corola murcha, ou fazer a pele de uma pessoa exsudar uma fragrância deliciosa.

Observei diretamente o santo; seu rápido olhar pousou no meu. Homem gordo, ele tinha barba, pele escura e grandes olhos brilhantes.

- Vê-lo, filho, me dá prazer. Diga o que deseja. Gostaria de algum perfume?

- Para quê? - Sua pergunta me pareceu um tanto infantil.

- Para experimentar perfumes obtidos de maneira miraculosa.

- Competindo com Deus em fazer perfumes?

- Que tem isso? Deus fabrica perfumes, com ou sem competidores.

- Sim, mas Ele modela frascos de pétalas fragílimas para uso temporário. Pode o senhor materializar flores?

- Sim. Eu, porém, costumo produzir perfumes, amiguinho.

- As fábricas de perfume irão à falência.

- Permitirei a elas que mantenham seu comércio! Meu único propósito é demonstrar o poder de Deus.

- Senhor, é necessário provar Deus? Não está Ele realizando milagres em todas as coisas e em todo lugar?

- Sim, mas nós também deveríamos manifestar algo de Sua infinita variedade criadora.

- Quanto tempo lhe custou para dominar sua arte?

- Doze anos.

- Para fabricar aromas por meios astrais! Parece-me, honrado sinto, que o senhor andou desperdiçando uma dúzia de anos, atrás de fragrâncias que poderia obter por algumas rúpias em qualquer floricultura.

- os perfumes desaparecem com as flores!

- Os perfumes desaparecem com a morte. Por que deveria eu desejar aquilo que satisfaz apenas o corpo?

- Senhor filósofo, sua inteligência me satisfaz. Agora estenda sua mão direita. - Ele fez um gesto de bênção.

Eu me encontrava a alguns passos de distância de Gandha Baba e nenhuma outra pessoa se achava suficientemente próxima para alcançar meu corpo. Estendi a mão que o iogue nem sequer tocou.

- Que aroma você deseja?

- Rosa.

- Assim seja.

Para grande surpresa minha, o encantador perfume de rosa brotou, intenso, da palma de minha mão. Sorridente, retirei uma grande flor branca inodora, de um vaso próximo.

- Estas pétalas sem fragrância podem ser impregnadas com jasmim?

- Assim seja.

O aroma do jasmim evolou-se instantaneamente da flor. Agradeci ao autor dos prodígios e sentei-me junto a um de seus discípulos. Este me informou que Gandha Baba, cujo nome próprio era Vishudhananda aprendera muitos espantosos segredos iogues de um mestre no Tibete. Asseguraram-me que o iogue tibetano atingira idade superior a mil anos.

- Seu discípulo Gandha Baba nem sempre opera demonstrações aromáticas empregando a simples forma verbal, conforme você agora assistiu. - O estudante referia-se a seu mestre com óbvia admiração. -- Sua conduta difere amplamente, segundo a diversidade de temperamentos das testemunhas. Ele é maravilhoso! Entre seus adeptos contam-se muitos membros das altas esferas intelectuais de Calcutá.

Intimamente resolvi não me agregar ao número deles. Um guru tão literalmente “maravilhoso”não correspondia ao meu gosto. Agradecendo cortesmente a Gandha Baba, parti. Enquanto caminhava ociosamente de regresso a meu lar, refleti nos três diversos encontros daquele mesmo dia.

Minha irmã Uma saudou-me à entrada de nossa casa em Gurpar Road:

- Que requinte o seu, usando perfumes agora!

Sem dizer palavra, ofereci minha mão ao seu olfato.

- Que atraente fragrância de rosa! É inusitadamente forte.

Pensei comigo que era, antes, “fortemente inusitada”; a seguir, em silêncio, coloquei a flor astralmente perfumada sob as narinas de Uma.

_ Oh, eu adoro jasmim! - Ela pegou a flor. Seu rosto exprimia confusão burlesca enquanto repetidamente aspirava o aroma de jasmim, de um tipo de flor que ela sabia muito bem ser inodora. Sua reação desfez minhas suspeitas de que Gandlia Baba me houvesse induzido a um estado de auto-sugestão, no qual somente eu pudesse perceber os perfumes.

Mais tarde, ouvi de um amigo, Alakananda, que o Santo dos Perfumes tinha um poder que eu desejaria fosse possuído pelas multidões famintas do mundo.

- Eu estava presente, com uma centena de outros convidados na casa de Gandha Baba, em Burdwan - contou-me Alakananda. - Era uma ocasião de gala. Como o iogue tinha fama de poder extrair objetos do ar, pedi-lhe, rindo, que materializasse algumas tangerinas, frutas que não se colhiam naquela estação do ano. Imediatamente, estufaram-se os pãezinhos achatados, **luchis**[46], visíveis em todas as folhas de banana que serviam de pratos. Cada um dos envelopes feitos de pão escondia uma tangerina descascada. Provei a minha com certo receio, mas achei-a deliciosa.

Anos mais tarde, mediante a realização interna, compreendi como Gandha Baba efetuava suas materializações. Infortunadamente, o método está fora do alcance das hordas famintas do mundo.

Os diferentes estímulos sensoriais a que o homem reage - táctil, visual, gustativo, auditivo e olfativo - são produzidos por variações vibratórias nos elétrons e prótons. As vibrações, por sua vez, são reguladas por **prana,** “vitátrons”, forças vitais ultra-refinadas ou energias ainda mais sutis que as atômicas; os “vitátrons”, por seu turno, são inteligentemente animados pelas cinco idéias que constituem a substância mental matriz dos sentidos.

Gandha Baba, sintonizando com a força prânica por meio de certas práticas de ioga, capacitava-se a dirigir os “vitátrons”de modo a recombinar sua estrutura vibratória e assim objetivar o resultado pretendido. Seus perfumes, frutas e outros milagres eram materializações autênticas no mundo vibratório exterior e não sensações internas hipnoticamente produzidas.

A prática de milagres, tais como os efetuados pelo Santo dos Perfumes, é espetacular, mas inútil do ponto de vista da espiritualidade. Não tendo outro objetivo além do simples entretenimento, são digressões numa séria investigação de Deus.

O hipnotismo tem sido usado por médicos em operações de menor importância, como espécie de clorofôrmio psíquico para pessoas que poderiam ser prejudicadas por um anestésico. O estado hipnótico, porém, é nocivo às pessoas a ele submetidas com freqüência; ao seu efeito psicológico negativo sucede, com o tempo, a degeneração das células cerebrais. Hipnotizar é violar o território da consciência alheia[47].

Os fenômenos temporários do hipnotismo nada têm de comum com os milagres produzidos por homens unificados com a Divindade. Despertos em Deus, os verdadeiros santos efetuam alterações neste mundo de sonho, por meio de uma vontade em harmonia com o Sonhador da Criação Cósmica[48].

---

46 Pão indiano, redondo e achatado.

47 Estudando a consciência, os psicólogos ocidentais limitam-se a investigar o subconsciente e as doenças mentais tratadas pela psiquiatria e pela psicanálise. Quase nula é a pesquisa sobre a origem e a formação básica dos estados normais da mente e de suas expressões emocionais e volitivas - um assunto verdadeiramente fundamental, não descurado pela filosofia da fridia. Nos sistemas de Sânkhya e de Yoga, encontram-se classificações exatas dos vários vínculos entre as modificações normais da mente, e das funções características de budilhi (intelecto discriminativo), ahânkara (princípio egoístico) e minas (mente ou consciência dos sentidos).

48 “0 universo está representado em cada uma de suas partículas. Tudo é feito de uma única substância oculta. 0 mundo se globaliza a si mesmo numa gota de orvalho... A verdadeira doutrina da onipresença é a de que Deus se apresenta com todos os Seus componentes em cada musgo e teia de aranha.” (Emerson, em **Compensação)**

Os mestres desprezam a exibição de poderes incomuns. Certa vez, o místico persa Abu Said riu-se de alguns faquires, praticantes do ascetismo muçulmano, que se orgulhavam de seus poderes miraculosos sobre a água, o ar e o espaço.

- Também uma rã se sente em casa dentro da água! - observou Abu Said, com delicada ironia. - O corvo e o abutre cruzam facilmente os ares; o diabo está presente, ao mesmo tempo, no Oriente e no Ocidente. Um homem verdadeiro é o que vive com retidão entre seus companheiros, o que compra e vende e, todavia, nem por um instante esquece Deus![49] - Em outra ocasião, o grande instrutor persa expressou sua opinião sobre a vida religiosa: é abandonar o que tiver na cabeça (desejos e ambições egoístas); é dar liberalmente o que tiver na mão; e nunca recuar, ante os golpes da adversidade!

Nem o sábio imparcial do Templo de Kálighát, nem o iogue treinado no Tibete aplacaram meu anseio fremente de um guru. Meu coração não necessitava de um tutor para suas certezas; podia, sozinho, gritar um espontâneo "bravo!", tanto mais ressoante quanto menos freqüentemente era arrancado de seu silêncio. Quando afinal encontrei meu mestre, ele me ensinou, pela sublimidade do exemplo apenas, a magnitude de um verdadeiro homem.

[49] "Comprar e vender", sem jamais esquecer Deus! 0 ideal é que mão e coração trabalhem juntos harmoniosamente. Certos escritores do Ocidente proclamam que o objetivo hindu é o de tímida "fuga", de inatividade, e de retraimento anti-social. 0 quadruplo, plano védico para a vida humana é, contudo, bem equilibrado para as massas, reservando metade do tempo ao estudo e aos deveres domésticos; a outra metade, à contemplação e às práticas de meditação (ver capítulo 27).
A solidão é necessária para estabelecer-se no Ser mas, depois, os mestres voltam ao mundo para servi-lo. Mesmo os santos não empenhados em trabalho exterior prodigalizam, através de seus pensamentos e santas vibrações, benefícios mais preciosos para o mundo que os conferidos pelas mais estrênues atividades humanitárias de homens não iluminados. Grandes mestres, cada um a seu modo e com freqüência arrastando oposições amargas, esforçam-se altruisticamente para inspirar e elevar o próximo. Nenhum ideal religioso ou social hindu é meramente negativo. **Ahímsa,** "não-violéncía", denominada "virtude integral" **(sakalo dhárma) no Mahábhárata,** é um preceito positivo, devido à sua concepção de que quem não está ajudando os outros está, de algum modo, injuriando-os.
0 **Bhágavad Gíta** (111, 4:8) salienta que a atividade é inerente à verdadeira natureza do homem. A preguiça é simplesmente "atividade errada".
Nenhum homem escapará de agir ao omitir-se; não, e ninguém chegará à perfeição pela mera renúncia. Não, e nenhum insignificante mortal, em qualquer tempo, permanece inativo; a lei de sua natureza o compele, mesmo contra a sua vontade, a agir (pois o pensamento é ato em ficção).
... Quem, de corpo vigoroso servindo à mente, aplica seus poderes mortais ao trabalho digno sem buscar o lucro, Arjuna, esse merece honra. Faz a tarefa que te foi reservada!" (Da tradução inglesa de Arnold)

Capítulo 6 - O Swâmi Tigre

- Descobri o endereço do Swâmi Tigre. Vamos visitá-lo amanhã. Esta sugestão, bem acolhida, vinha de Chandi, um de meus colegas de escola secundária. Eu estava ansioso por conhecer o santo que, em sua vida pré-monástica fizera a captura de tigres e com eles lutara, valendo-se de suas mãos nuas. Em mim, existia, vigoroso, um entusiasmo de menino por façanhas tão notáveis.

O amanhecer do dia seguinte envolveu-nos em frio invernal, mas Chandí e eu partimos alegremente. Depois de buscas inúteis em Bhowanipur, fora de Calcutá, chegamos à casa almejada. Pendiam da porta duas argolas de ferro que fiz soar ruidosamente. Inabalável ao estrondo, um criado se aproximou em passo vagaroso. Deixava subentendido, pelo sorriso irônico, que visitantes barulhentos eram impotentes para perturbar a tranqüilidade da casa de um santo.

Sensíveis à muda repreensão, meu companheiro e eu agradecemos o convite para entrar na sala. Nossa longa espera ali nos encheu de apreensões. Na índia, a lei não escrita para os que buscam a verdade, é a paciência; um mestre pode, de propósito, submeter à prova a veemência de quem anseia encontrá-lo. Este ardil psicológico é liberalmente empregado no Ocidente, por médicos e dentistas!

Conduzidos afinal pelo criado, Chandi e eu entramos no quarto de dormir. O famoso Swâmi Sohong[50] estava sentado sobre o leito. Seu corpo descomunal causou-nos estranheza. Estacamos emudecidos, de olhos arregalados. Nunca antes havíamos contemplado um tórax daquela amplitude, nem bíceps do tamanho de bolas de futebol. Sobre o imenso pescoço, o rosto feroz, mas calmo, do **swâmi,** apresentava flutuantes cabelos encaracolados, barba e bigode. Transluziam, em seus olhos escuros, qualidades de pombo e de tigre. Não vestia roupas, exceto uma pele de tigre ao redor da cintura musculosa.

Recuperando a fala, meu amigo e eu cumprimentamos o monge, expressando nossa admiração por suas proezas na invulgar arena de felinos.

- Seria possível, por gentileza, nos dizer como subjugar com meros punhos o mais feroz dos animais da jângal, o tigre-real de Bengala?

- Meus filhos, lutar com tigres é uma ninharia para mim. Poderia fazê-lo agora, se necessário. - Ele deu uma risada de menino. --- Para vocês, um tigre é um tigre; para mim, é um filhote de gato.

- Swâmijí, penso que eu poderia impressionar meu subconsciente com a idéia de que os tigres são filhotes de gato; mas poderia eu convencer os tigres de que são gatinhos?

- Evidentemente a força também é necessária! De um bebê, que confunde o tigre com um gato doméstico, não se deve esperar a vitória! Minhas mãos poderosas são armas suficientes.

Pediu-nos para acompanhá-lo ao pátio, onde esmurrou a borda de um muro; um tijolo, ao cair, espatifou-se no chão: pela fenda, comparável ao espaço de um dente perdido pelo muro, o céu mirou atrevidamente. Sentia-me aturdido de espanto; pensei: quem pode remover de um só golpe um tijolo cimentado em sólida parede, deve poder, com certeza, arrancar os dentes de um tigre!

- Homens existem com força física igual à minha; falta-lhes, entretanto, a fria confiança. Os que têm corpos robustos, mas débil a mente, podem desmaiar à simples visão de um animal selvagem saltando com liberdade na floresta. O tigre, em sua ferocidade e ambiente nativo, é muito diferente do animal de circo alimentado de ópio! Muitos homens, porém, de força hercúlea, têm se visto aterrorizados e em abjeto desamparo, ante a investida de um tigre de Bengala. Assim, o tigre converteu o homem, mentalmente, em gato medroso. É possível a um homem, possuidor de corpo vigoroso e imensa determinação, inverter a situação e forçar o tigre a convencer-se de que é um gatinho indefeso. Quantas vezes o consegui!

Eu estava bastante disposto a acreditar que o titã à minha frente era capaz de realizar a metamorfose do tigre em gato. Ele parecia estar com a veia didática; Chandi e eu o escutávamos com todo o respeito.

[50] Sohong era seu nome monástico, popularmente tinha o apelido de Swâmi Tigre.

- É a mente que maneja os músculos. A força de uma martelada depende da energia que nela se aplica; o poder expresso pelo corpo, o instrumento físico do homem, depende de sua agressiva vontade e de sua coragem. O corpo é literalmente construído e sustentado pela mente. Sob a pressão de instintos de vidas anteriores, fraquezas e forças infiltram-se gradualmente na consciência humana e expressam-se como hábitos que, por sua vez, constróem um corpo desejável ou indesejável. A fragilidade física tem origem mental; em círculo vicioso, o corpo enfraquecido pelos hábitos constrange a mente, Se o amo permite ao servo que lhe dê ordens, este se torna autocrático; assim também, a mente vem a ser escrava quando se submete aos ditames do corpo.

A nosso pedido, o impressionante **swâmi** condescendeu em historiar algo de sua vida.

- Minha primeira ambição foi lutar com tigres. Minha vontade era poderosa, mas meu corpo, débil.

Uma exclamação de surpresa escapou de meus lábios. Parecia incrível que este homem, agora com “onibros de Atlas, feitos para sustentar”, pudesse ter conhecido a fragilidade,

- Foi por indomável persistência em pensamentos de saúde e força que venci minha desvantajosa situação. Tenho todo o direito de exaltar o soberano poder mental que considero o verdadeiro dominador clos tigres de Bengala,

- Acredita, Reverendo Swâmi, que eu poderia lutar com tigres? - Esta foi a primeira vez - e a última - que tão bizarra ambição me passou pela cabeça!

- Sim. - Ele sorriu. - Mas há muitas espécies de tigres; alguns vagam pelas selvas dos desejos humanos. Nenhum benefício espiritual advém de golpear as feras até deixá-las inconscientes. Preferível é ser vitorioso em proezas internas.

- Podemos saber, senhor, como se converteu, de domador de tigres selvagens, em domador de paixões selvagens?

O Swâmi Tigre silenciou. Seus olhos assumiram uma expressão longínqua, evocando visões de anos pretéritos. Distingui sua breve luta mental para decidir se iria responder a meu pedido. Finalmente, sorriu em aquiescência.

- Quando minha fama atingiu o auge, inebriei-me de orgulho. Resolvi não só lutar contra os tigres mas exibir-me em domá-los com artimanhas. Comecei minhas exibições públicas com sucesso satisfatório. Uma noite, meu pai entrou em meu quarto com ar pensativo:

“- Filho, trago-lhe palavras de advertência; gostaria de salvá-lo de males vindouros, produzidos pelas mós triturantes de causa e efeito.

“- É fatalista, meu pai? Devo permitir que a superstição amorteça as águas impetuosas de minhas atividades?

“- Não sou fatalista, filho. Mas acredito na justa lei de retribuição, como ensinam as Santas Escrituras. Há ressentimento contra você na família da selva; e algum dia operará à sua custa.

“- Surpreende-me que assim pense, pai, pois conhece muito bem o que são os tigres - belos mas impiedosos! Quem sabe? Meu sangue talvez injete um pouco de consideração e de juízo em suas torpes cabeças. Mestre sou, na escola de aperfeiçoamento da floresta, para lhes ensinar boas maneiras! Por favor, pai, pense em mim como domador de tigres e jamais como matador deles. Como poderiam minhas boas ações prejudicar-me? Peço-lhe, não me imponha uma ordem que altere meu modo de vida. “

Chandi e eu ouvíamos com atenção, compreendendo o dilema de seu passado. Na índia, um filho não desobedece levianamente aos desejos dos pais. O Swâmi Tigre continuou:

- Em estóico silêncio, papai considerou os motivos expostos e depois, com palavras graves, me fez esta revelação**:**

“- Filho, você me obriga a relatar uma predição de mau agouro, feita por lábios de santo. Ele se aproximou de mim ontem, quando; sentado no pórtico, eu fazia minha meditação diária: '- Querido amigo, trago uma mensagem para seu belicoso filho. Terminem com suas atividades selvagens. Se não o fizer, de seu próximo encontro com um tigre resultarão ferimentos gravíssimos e durante seis meses estará enfermo, às portas da morte. Então, abandonará suas práticas anteriores e tornar-se-á monge.'

“Esta narrativa não me impressionou. Considerei que papai fora vítima crédula de algum fanático alucinado.”

O Swâmi Tigre fez esta confissão com um gesto de impaciência, como se reconhecesse a sua própria tolice. Em áspero silêncio, por longo tempo, parecia esquecido de nossa presença. Quando retomou o fio da narrativa, fê-lo subitamente, com voz oprimida:

- Pouco depois do aviso de meu pai, visitei a capital de Cooch Beliar. O pitoresco território era novo para mim e eu esperava desfrutar um período de sossego. Como sucedia em toda parte, uma multidão curiosa acompanhava-me pelas ruas. Eu ouvia fragmentos de comentários em voz sussurrada:

Este é o homem que luta com tigres selvagens!

São pernas ou troncos de árvore o que ele tem?

Olha a cara dele! Deve ser a encarnação do próprio rei dos tigres!

"Vocês bem sabem, a garotada das aldeias funciona como a última edição de um jornal! Com que rapidez, os boletins orais, sempre atualizados, do mulherio, circulam de casa em casa! Dentro de poucas horas, a cidade inteira fervilhava de excitação, devido à minha presença.

"Eu me havia entregue a uma relaxação tranqüila, certa noite, quando ouvi o ruído de cascos de cavalo a galope. Estancaram em frente à minha morada. Um grupo de policiais altos, usando turbantes, entrou.

"Recuei, surpreso. 'Tudo é possível desta gente da lei', pensei, `1'alvez queiram me levar para impor-me um trabalho fora de minha alçada.' Os oficiais, porém, curvaram-se em respeitosa cortesia.

"- Honrado senhor, fomos enviados para lhe dar boas-vindas em nome do Príncipe de Cooch Behar. Ele tem o prazer de convidá-lo para uma visita a seu palácio, amanhã cedo.

"Considerei brevemente essa perspectiva. Por alguma razão obscura, senti agudo pesar ante aquela interrupção de minha viagem tranqüila. Mas a atitude suplicante dos policiais me comoveu e aceitei o convite.

"Imprevistamente para mim, no dia seguinte, havia guardas à espera para me escoltarem com extrema cortesia, de meu alojamento a uma carruagem magnífica, puxada por quatro corcéis. Um servidor segurava um guarda-sol ornamentado a fim de me proteger dos escaldantes raios solares. Fruí o agradável passeio através da cidade e dos bosques situados em seus arredores. O descendente real, em pessoa, estava à porta do palácio para me receber. Ofereceu-me seu próprio assento de brocado a ouro e ocupou sorridente uma cadeira mais simples.

Todas estas cortesias vão me custar caro! - pensei com assombro crescente. As intenções do príncipe despontaram depois de algumas frases banais,

"- Corre em minha cidade o rumor de suas lutas com tigres da selva, nas quais se empenhou de mãos nuas. É fato?

É a pura verdade.

Mal posso acreditar! Você é um berigali de Calcutá, alimentado com o arroz sem cutícula do povo das cidades. Por favor, seja franco: lutou com tigres narcotizados pelo ópio ou bambos pela desnutrição? - Sua voz era baixa e sarcástica; seu discurso coloria-se de acentos provincianos.

"Não me dignei responder ao insulto de sua pergunta.

"- Eu o desafio a lutar com Raja-Begum[51], meu tigre recém-capturado. Se tiver êxito em resistir a ele, se puder amarrá-lo, com uma corrente e sair da jaula em estado consciente, será dono desse tigre real de Bengala! Milhares de rúpias e outras numerosas dádivas lhe serão generosamente entregues. Se recusar enfrentá-lo, em combate, divulgarei seu nome, em todo o principado, como o de um impostor.

"Suas palavras insolentes me feriram como uma chuva de balas. Devolvi-lhe, como único tiro, minha anuência indignada. O príncipe, cuja excitação o mantivera semi-erguido em sua cadeira, caiu sobre o assento, inclinando-se para trás, com um sorriso sádico. Recordei os imperadores romanos que se regozijavam ao enviar os cristãos à arena das feras. Ele disse:

"- A luta será marcada para daqui a uma semana. Lamento não poder permitir que veja o tigre antes do embate.

"Ignoro se o príncipe temia que eu hipnotizasse a fera ou lhe desse ópio secretamente.

"Saí do palácio, notando, divertido, que o régio guarda-sol e a carruagem com emblemas heráldicos primavam pela ausência.

[51] "Príncipe-Princesa"- assim chamado para indicar que este animal possuía a ferocidade combinada de tigre e tigresa.

“Durante a semana seguinte, preparei metodicamente o espírito e o corpo para o ordálio, em perspectiva. Por intermédio de meu criado, eu soube de histórias fantásticas. A terrível predição do santo, feita a meu pai, de algum modo fora exportada para outras terras, avolumando-se à medida que viajava. Muitos aldeões humildes acreditavam que um espírito maligno, amaldiçoado pelos deuses, havia reencarnado sob a forma de um tigre, o qual, à noite, assumia várias configurações demoníacas mas, durante o dia, apresentava-se como animal de pêlo listrado. Dizia-me que este tigre-demônio fora enviado, de propósito, para me humilhar.

“Outra versão fantasiosa dizia que as preces dos felinos ao Céu dos Tigres obtiveram resposta sob a forma de Raja-Begum. Seria ele o instrumento que me haveria de punir, a mim, o audacioso bípede, que tanto insultara a raça inteira dos tigres! Um homem que, em vez de pêlo animal, tinha a pele nua, uma criatura destituída de compridos dentes caninos, que ousava desafiar um tigre de patas formidáveis, armadas de poderosas garras! O vigor do veneno concentrado de todos os tigres atingidos pela humilhação - declaravam os camponeses - ganhara ímpeto suficiente para pôr em movimento leis ocultas que provocariam a queda do orgulhoso domador de tigres.

“Posteriormente, meu criado me informou que o príncipe estava em seu elemento como empresário da luta entre o homem e a fera. Ele superintendera a construção de um pavilhão à prova de chuva, destinado a acomodar milhares de espectadores. No centro, enorme jaula de ferro, circundada por um compartimento externo de segurança, abrigava Raja-Begum. O tigre cativo rugia sem cessar, sedento de sangue coagulado. Davam-lhe escassa alimentação para que nele se mantivesse aceso um apetite enraivecido. O príncipe esperava, talvez, que eu fosse o banquete de recompensa para aquela fome ávida.

“Multidões residentes na cidade ou vindas dos subúrbios, compravam entradas apressadamente, em resposta ao rufo dos tambores anunciando a contenda singular. No dia do combate, centenas de pessoas tiveram de regressar a seus lares, porque a lotação se esgotara. Muitos homens se introduziram pelas aberturas da tenda, ou preencheram todos os espaços vazios sob as galerias.”

À medida que a história do Swâmi Tigre se aproximava do clímax, minha excitação crescia; Chandi também se mantinha em mudo arrebatamento.

- Entre os rugidos penetrantes de Raia-Begum e o ensurdecedor ruído da multidão aterrorizada, fiz, serenamente, minha aparição. Apenas com uma tanga em volta da cintura, meu corpo surgia desprotegido, sem roupas. Abri o ferrolho do compartimento de segurança e fechei-o, calmamente atrás de mim. O tigre farejou sangue. Saltando com estrondo contra as grades, ele me endereçou uma feroz saudação. A assistência emudeceu de medo piedoso; eu parecia um manso cordeiro diante da fera enraivecida.

“Com três passos, achei-me dentro da jaula; no mesmo instante em que bati a porta, Raja-Begum se precipitou sobre mim. Minha mão direita foi furiosamente rasgada. Sangue humano, a maior delícia que um tigre pode saborear, jorrou em medonhas golfadas. A profecia do santo parecia prestes a cumprir-se.

“Refiz-me instantaneamente do choque produzido pelo primeiro ferimento sério que recebi em toda a minha vida. Ocultando os dedos sangrentos sob a tanga, lancei meu braço esquerdo num murro de quebrar ossos. A fera cambaleou e retrocedeu, rodopiando no fundo da jaula, e de novo saltou convulsivamente em minha direção. Castiguei-lhe a cabeça, repetidas vezes, com o famoso golpe de meu punho.

“Mas Raja-Begum provara o sangue; este agia como o primeiro sorvo de vinho que enlouquece o alcoólatra, abstêmio há muito tempo. Pontuados por seus rugidos ensurdecedores, os assaltos da fera cresciam em fúria. Minha defesa inadequada, por contar com um braço apenas, fazia-me vulnerável a garras e colmilhos. Oferecia-lhe, porém, estonteante retribuição. Mutuamente ensangüentados, lutávamos contra a morte. A jaula era um pandemônio, com sangue salpicado em todas as direções; resfôlegos de dor e apetite letal escapavam das goelas do tigre.

Dêem um tiro no homem! Matem a fera!

“Gritos desencontrados vinham da multidão. Homem e fera moviam-se tão rápidos que o tiro de um guarda se perdeu noutro rumo. Concentrei toda a minha força de vontade, dei um ronco selvagem e lancei meu derradeiro e decisivo murro. O tigre desmaiou. Enfim, jazia quieto. “

- Como um gatinho! - exclamei.

O **swâmi** riu, apreciando meu comentário, e continuou sua absorvente narração:

- Raja-Begum fora vencido. Seu régio orgulho se viu ainda mais humilhado: com minhas mãos laceradas, audaciosamente forcei suas mandíbulas a se abrirem. Durante um dramático momento, conservei minha cabeça dentro daquela bocejante armadilha de morte. Procurei uma corrente; no chão havia uma pilha delas. Retirando uma, amarrei o tigre pelo pescoço às barras da jaula. Em triunfo, avancei para a porta.

“Todavia, aquele demônio encarnado, Raja-Begum, possuía um vigor digno de sua suposta origem diabólica. Com incrível bote, despedaçou a corrente e saltou sobre minhas costas. Com meu ombro profundamente dentro de suas mandíbulas, caí violentamente. Mas, num abrir e fechar de olhos, eu o tinha preso debaixo de mim. Sob golpes ímpiedosos, o traiçoeiro animal mergulhou em semiconsciência. Desta vez, acorrentei-o com mais cuidado. Devagar abandonei a jaula.

“Encontrei-me envolto em novo rugido, desta vez, deleitoso. O alarido da multidão que alegremente me aclamava parecia partir de uma única e gigantesca garganta. Apesar de desastrosamente golpeado, eu cumprira as três condições da luta: atordoar o tigre, acorrentá-lo e abandonar a jaula sem pedir auxílio. Em acréscimo, tão drasticamente ferira e aterrorizara a agressiva fera que ela achara melhor desprezar o oportuno prêmio de minha cabeça em sua boca!

“Após o tratamento de minhas feridas, fui homenageado; guirlandas envolveram meu pescoço; muitas moedas de ouro me foram atiradas aos pés. A cidade inteira viveu um período de festa e regozijo. Intermináveis comentários ouviram-se em toda a parte a respeito de minha vitória sobre o maior e o mais selvagem dos tigres conhecidos. Raja Beguni me foi presenteado conforme a promessa, mas não senti orgulho. Uma mudança espiritual ocorria em meu coração: parecia-me que, ao sair finalmente da jaula, eu fechara a porta a todas as minhas ambições mundanas.

“Seguiu-se um período infeliz. Durante seis meses estive entre a vida e a morte, com o sangue envenenado. Logo que melhorei, o bastante para deixar Cooch Beliar, regressei à minha cidade natal.

“- Sei que meu instrutor é o santo que fez a sábia advertência

confessei humildemente a meu pai. - Oh, se ao menos eu o pudesse encontrar! - Meu anseio era sincero, pois, um dia, o santo, sem qualquer aviso, apareceu.

“- Chega de domar tigres! - disse-me com tranqüila firmeza. Venha comigo. Ensinar-lhe-ei a subjugar as feras da ignorância que vagam nas selvas da mente humana. Você está acostumado à audiência: seja esta doravante uma galáxia de anjos, entretida com seu domínio emocionante da ioga!

“Fui iniciado na senda espiritual por meu santo guru. Ele abriu as portas de minha alma, cobertas de ferrugem e emperradas pelo desuso. De mão dadas, em breve partíamos para meu treinamento no Himalaia”.

Chandi e eu nos curvamos aos pés do **swâmi,** agradecidos pelo esboço que nos traçara de sua vida ciclônica. Meu amigo e eu nos sentimos amplamente recompensados pela longa espera probatória na glacial ante-sala!

Capítulo 7 - O Santo que se levita

Vi um iogue manter-se no ar, a certa distância do chão, perante um grupo de pessoas, ontem à noite - contava meu amigo Upendra Mohun Chowdhury, muito impressionado.

Respondi-lhe com um sorriso de entusiasmo: - Talvez eu possa advínhar o nome dele. Não era Bhádurí Mahásaya, residente em Upper Circular Road?

Upendra acenou com a cabeça afirmativamente, um pouco desapontado por não ser o portador de notícias de primeira mão. Minha curiosidade pelos santos era bem conhecida entre meus amigos; eles ficavam encantados quando me podiam conduzir a uma nova pista.

O iogue vive tão perto de minha casa que o visito com frequencia. - O rosto de Upendra expressou agudo interesse e então lhe fiz outra confidência:

- Ele me permitiu assistir a feitos notáveis. Bháduri Mahásaya é perito nos vários **pranayâmas**[52] da antiga óctupla ioga ensinada por Patânjalí[53]. Certa vez, realizou o **Bliastríka Pranayâma** diante de mim com força tão assombrosa que parecia uma autêntica tempestade a se desencadear no quarto! A seguir, extinguiu aquela respiração, que mais parecia uma série de trovões, e permaneceu imóvel em elevado estado de superconsciência[54]. A aura de paz depois da tormenta foi tão vívida que jamais a esqueci.

- Ouvi dizer que o santo nunca sai de casa. - O tom de voz de Upendra exprimia certa incredulidade.

- Realmente, é verdade! Durante os últimos vinte anos, ele sempre viveu encerrado em casa. Só abranda a regra que impôs a si mesmo nas épocas de nossos festivais sagrados, quando se desloca até a calçada, diante de sua própria porta! Os mendigos aglomeram-se ali porque Bháduri Mahásaya é conhecido por seu terno coração.

- Como pode permanecer no ar, desafiando a lei da gravidade?

- O corpo de um iogue perde sua densidade depois de praticar certos **pranayâmas.** Então, pode levitar-se ou pular daqui para ali, à maneira de uma rã que saltita. Até mesmo santos não praticantes de qualquer ioga formal foram vistos em levitação durante um estado de intenso fervor a Deus.

- Gostaria de conhecer melhor este sábio. Você costuma comparecer às suas reuniões noturnas? - Os olhos de Upendra cintilavam de curiosidade.

- Sim, vou com freqüência. Divirto-me imensamente, ele é muito espirituoso em sua sabedoria. Às vezes, meu riso prolongado estraga a solenidade de suas reuniões. O santo não se desgosta mas seus discípulos me comem com os olhos, furiosos.

Naquela mesma tarde, ao voltar da escola para casa, passei pelo claustro de Bháduri Mahásaya e decidi fazer-lhe uma visita. Para o grande público, o iogue mantinha-se inacessível. Um discípulo solitário, residente no andar térreo, defendia o retiro de seu mestre. O estudante era uma espécie de burocrata, estrito em sua rotina; perguntou-me, formalizado, se eu tinha “entrevista marcada”. Seu guru apareceu no momento exato para me salvar de uma expulsão sumária.

- Deixe Mukunda passar quando ele quiser. - E o sábio piscou um olho para mim. - Minha regra de isolamento não existe para meu próprio conforto, mas para o dos outros. Gente mundana não aprecia a franqueza que lhe destrói as ilusões. Os santos não são apenas raros, mas desconcertantes. Até nas Escrituras se pode, freqüentemente, encontrá-los embaraçantes!

---

[52] Métodos de controlar a força vital (prana) por meio da respiração regulada, **0 prana~a Bhastrika** (foles, pulmões) estabiliza a mente.

[53] O mais notável dos antigos expoentes de ioga.

[54] O professor Jules-Bois, da Sorborme, afirmou, em 1928, que psicólogos franceses haviam investigado e reconhecido a superconsciência, a qual, em sua dignidade, “é exatamente o oposto da subconsciência tal como esta foi concebida por Freud; compreende as faculdades que fazem do homem um verdadeiro homem e não apenas um superanimal”. O sábio francês explicou que o despertar da consciência superior “não deve ser confundida com a prática do sistema de Coué nem com o hipnotismo. A existência da mente superconsciente foi, há muito tempo, reconhecida pela filosofia, sendo, na realidade, a Superalma mencionada por Emerson; mas só recentemente a ciência a reconheceu” (ver capítulo 12). Em “A Superalma”, Emerson escreveu -“Um homem é a fachada de um templo onde habitam toda a sabedoria e todo o bem. 0 que chamamos vulgarmente homem - o que come, bebe, planta e calcula - não representa, tal como o conhecemos, o verdadeiro ser humano; ao contrário, deturpa-cí. Não respeitamos este homem pois não passa de um órgão da alma; mas se ele permitisse à sua alma manifesttr-se em suas ações, elas nos faria dobrar os joelhos... Permanecemos abertos de um lado para as profundezas da natureza espiritual, para todos os atributos de Deus”.

Segui Bháduri Mahásaya a seus aposentos austeros no andar superior, donde raras vezes saía. Os mestres geralmente ignoram o panorama do bulício do mundo e permanecem fora de foco, enquanto ocupam o centro dos milênios. Os contemporâneos de um sábio -não são apenas os de seu estreito presente.

- Maáríshi[55], entre os iogues que eu conheço, o senhor é o único que vive sempre dentro de casa.

- Às vezes, Deus planta seus santos em solos inesperados para não pensarmos que O podemos reduzir a uma regra!

O santo isolou seu vibrante corpo na posição de lótus. Septuagenário, não demonstrava sinais de decrepitude ou de vida sedentária. C de vigor e aprumo, tinha um porte ideal. Sua face, segundo descrições de livros antigos, era a de um **ríshi.** De cabeça nobre, e abundante barba, sentava-se invariavelmente ereto e firme, com os olhos imóveis focalizados na Onípresença.

O santo e eu entramos em meditação. Uma hora depois, sua voz suave alcançou meus ouvidos.

- Você entra em silêncio freqüentemente, mas já desenvolveu **anubháva?**[56] - Em outras palavras, ele me recordava que eu devia amar a Deus mais do que à meditação. - Não confunda a técnica com a meta.

Ofereceu-me várias mangas. Com a inteligência espirituosa que eu achava encantadora em sua natureza grave, ele comentou: - Geralmente as pessoas apreciam mais **Jala Yoga** (união com o alimento) do que **Dhyâna Yoga** (união com Deus).

Seu trocadilho afetou-me sonoramente.

- Que gargalhada você tem! - Uma cintilação afetuosa apareceu em seus olhos. Trazia o rosto sempre sério, mas nele se distinguia a marca sutil de um extático sorriso. Seus grandes olhos de lótus escondiam um riso divino.

- Aquelas cartas vêm da longínqua América. - O sábio indicou diversos envelopes volumosos sobre a mesa. - Mantenho correspondência com algumas sociedades cujos membros se interessam por ioga. Estão descobrindo a índia outra vez, com um senso de orientação mais apurado que o de Colombo! Sinto-me feliz em ajudá-los. O conhecimento da ioga, como a luz do dia, é livre para todos que o desejam receber. O que os **ríshis** perceberam como essencial à salvação humana não precisa ser diluído para uso do Ocidente. Semelhantes em alma, embora diferentes em experiência externa, nem o Ocidente nem o Oriente florescerão se alguma forma disciplinar de ioga não for praticada.

O santo demorou em mim seus olhos serenos e não percebi que seu discurso era uma velada profecia. Somente agora, ao escrever estas palavras, compreendo o pleno significado das insinuações casuais, muitas vezes feitas por ele, de que, no futuro, eu levaria à América os ensinamentos da índia.

- Maháríshi, por que não escreve um livro sobre ioga para benefício do mundo?

- Estou treinando discípulos. Eles e seu séquito de estudantes servirão como volumes vivos, provas concretas contra a natural desintegração do tempo e as artificiais interpretações dos críticos.

Permaneci sozinho com o iogue até seus discípulos chegarem à noite. Bháduri Mahásaya começou um de seus inimitáveis discursos, Como inundação pacífica, ele impeliu para longe os detritos mentais de seus ouvintes, levando-os a flutuar em direção a Deus. Suas parábolas admiráveis eram expressas em fluente bengali.

Nessa noite, Bháduri explanou várias questões filosóficas relacionadas com a vida de Mirábaí, princesa medieval de Rajput, que abandonou a corte para buscar a companhia dos santos. Um grande **sannyási,** Sanatana Goswâmi, recusou-se a recebê-la por ser mulher; a resposta dela trouxe-o humildemente a seus pés.

- Diga ao Mestre - respondera ela - que eu ignorava existir outro Ser Masculino no universo além de Deus; perante Ele, não somos todos seres femininos? (uma concepção, encontrada nas Escrituras, que O têm como único Princípio Criador Positivo, cuja criação nada mais é que **máya** passiva).

Mirábaí compôs muitas canções de êxtase, que são, ainda hoje, um dos tesouros da índia; aqui traduzo uma delas:

---

[55] "Grande sábio"
[56] Percepção real de Deus.

“Se, pelo banho diário, Deus pudesse ser conhecido, eu depressa me tornaria uma baleia no oceano profundo; se comendo raízes e frutos, Ele pudesse ser apreendido,

alegremente eu escolheria a forma de uma cabra;

se o desfiar de rosários O descobrisse,

em gigantescas contas diria minhas preces; se curvar-me ante imagens de pedra O revelasse, humildemente adoraria uma montanha de sílica; se bebendo leite, o Senhor pudesse ser ingerido, muitos bezerros e crianças O conheceriam;

se abandonando a esposa, alguém pudesse intimar Deus a visitá-lo, não haveria milhares de eunucos?

Mirábaí sabe que para encontrar o Deus Único é indispensável somente o Arnor.”

Diversos estudantes colocaram rúpias nos chinelos de Bháduri, postos de lado, quando ele sentou na posição iogue. Esta respeitosa oferenda é um costume na índia e indica que o discípulo depõe seus bens materiais aos pés do guru. Os amigos agradecidos são o próprio Deus disfarçado que vela pelo que é Seu.

- Mestre, o senhor é maravilhoso! - Um estudante, ao se despedir, mirou ardentemente o sábio patriarcal. - Renunciou às riquezas e ao conforto para buscar Deus e nos ensinar a sabedoria! - Era do conhecimento de todos que Bháduri Mahásaya renunciara a uma opulenta herança em sua meninice quando, com a mente unificada, entrou ila senda da ioga.

- Você está invertendo as coisas! - A face do santo expressava meiga repreensão. - Deixei algumas rúpias desprezíveis, alguns prazeres mesquinhos, por um império cósmico de interminável beatitude. Como dizem, então, que neguei tudo a mim mesmo? Conheço a alegria de partilhar o tesouro. Chamam a isto sacrifício? As multidões míopes do mundo são as verdadeiras renunciantes! Renegaram a posse de um bem divino sem paralelo, por um mísero punhado de brinquedos terrenos!

Ri-me disfarçadamente deste paradoxo sobre a renúncia que reveste com o manto de Creso qualquer santo mendicante, enquanto transforma todos os milionários orgulhosos em mártires inconscientes.

- A ordem divina toma providência sobre nosso futuro mais sabiamente que qualquer companhia de seguros. - As palavras concludentes do mestre eram o credo comprovado de sua fé. - O mundo está cheio de crentes preocupados com a segurança externa. Seus pensamentos amargos são como cicatrizes em suas testas. Mas Quem nos deu ar e leite, desde o primeiro sopro de vida, sabe como prover Seus devotos' dia após dia.

Continuei minhas peregrinações à casa do santo, depois das aulas. Com silencioso fervor, ele me ajudou a alcançar anubbáva. Um dia, mudou-se para Ram Mohan Roy Road, a grande distância de minha casa. Seus amorosos discípulos lhe haviam construído um novo eremitério, conhecido como “Nagendra Math”[57].

Embora avance muitos anos em minha história, registrarei aqui as últimas palavras que ouvi de Bháduri Mahásaya. Pouco antes de embarcar para o Ocidente, procurei-o e ajoelhei-me com humildade para receber sua bênção de despedida:

- Filho, vá à América. Tome a dignidade da veneranda índia como seu escudo. A vitória está escrita em sua fronte; o nobre e distante povo o receberá bem.

---

[57] Seu nome completo era Nagêndranáth Bháduri. Um **math** é, rigorosamente falando, um mosteiro, mas o termo costuma ser aplicado a um **áshram** ou eremitério. Entre os santos que se levitam, no mundo cristão, conta-se São José do Cupertino, do século 17. Seus feitos foram amplamente atestados por testemunhas oculares. São José exibia um alheiamento do mundo que era realmente o recolhimento em Deus. Os monges, seus irmãos, não lhe permitiam servir à mesa do refeitório, com receio de que ele subisse ao teto com a louça. 0 Santo, é verdade, estava singularmente desqualificado para as tarefas terrenas, por sua inabilidade em permanecer durante longo tempo na terra! Muitas vezes, a vista de uma estátua sagrada era suficiente para elevar São José em vôo vertical; viam-se os dois santos, um de pedra e o outro de carne, circulando juntos, no ar.
Santa Teresa de Ávila, habituada à grande elevação de alma, achava muito desconcertante a elevação do corpo. Arcando com pesadas responsabilidades administrativas, ela tentou inutilmente evitar suas experiências “ascensionais”. “Mas as menores precauções de nada servem”, escreveu ela, “quando o Senhor quer o contrário.”
O corpo de Santa Teresa, que jaz numa igreja de Alba na Espanha, há quatro séculos, manifesta incorruptibilidade, exalando perfume de flores. 0 lugar tem sido testemunha de inúmeros milagres.

Capítulo 8 - Jâgadis Chandra Bose, Grande Cientista da Índia

A invenção do telégrafo sem fio, por Jâgadís Chandra Bose, antecedeu de vários anos a descoberta de Marconi.

Ouvindo esta provocante afirmação, acerquei-me, numa calçada de um grupo de professores empenhados em discussão científica. Se o motivo que me levou a aproximar-me deles foi o orgulho racial ' lamento-o. Não posso negar meu agudo interesse em tornar evidente o papel de liderança que a índia pode desempenhar na Física, e não apenas na Metafísica.

- Senhor, que pretende dizer com isso? - perguntei.

O professor respondeu cortesmente:

- Bose foi o primeiro a inventar um detector, independente de fios, para as ondas de radiodifusão, e um instrumento para indicar a refração das ondas elétricas. Mas o inventor hindu não explorou comercialmente suas descobertas. Sua atenção logo se desviou do mundo inorgânico para o orgânico. Seus descobrimentos revolucionários em Fisiologia vegetal estão ultrapassando até mesmo suas radicais realizações como físico.

Manifestei meus agradecimentos ao professor. Ele acrescentou:

O grande cientista leciona na Faculdade da Presidência, onde é um dos meus colegas.

No dia seguinte, fiz uma visita ao sábio em sua casa, próxima da minha em Gurpar Road. Há muito tempo que eu o admirava a respeitosa distância. O grave botânico, quase um recluso, cumprimentou-me delicadamente. Era homem robusto, de uns cinqüenta anos, de belas feições, cabelo grosso, testa larga e os olhos abstraídos de um sonhador. A exatidão que punha em suas palavras denotava os hábitos de uma longa vida consagrada à ciência.

- Regressei recentemente de uma visita a sociedades científicas do Ocidente. Seus membros manifestaram extraordinário interesse por delicados instrumentos de minha invenção que mostram a unidade indivisível da vida[58]. O crescógrafo Bose permite uma ampliação de dez milhões de vezes. O microscópio aumenta alguns milhares de vezes e, apesar disso, deu impulso vital à ciência biológica. O crescógrafo desvenda incalculáveis horizontes.

- O senhor contribuiu muito para apressar o amplexo de Oriente e Ocidente com os braços impessoais da ciência.

- Fui educado em Cambridge. Admirável é o método ocidental ele submeter toda teoria à escrupulosa verificação da experiência. Tenho aliado sempre este procedimento espírico ao dom de introspeção que é minha herança oriental. juntos, estes dois processos de conhecimento me permitiram sondar os silêncios de reinos da natureza, incomunicáveis há longo tempo. Os gráficos registrados por meu crescógrafo[59] são provas, aos olhos mais cépticos, de que as plantas possuem um sisteina nervoso sensitivo e uma vida emocional variada. Amor, ódio, alegria, medo, prazer, dor, excitabilidade, estupor e inúmeras outras respostas a estímulos são tão universais nas plantas como nos animais.

- O palpitar da vida, um só para toda a criação, poderia parecer tinia imagem poética, professor, antes de sua descoberta! Conheci um s,,into que jamais arrancava uma flor. “A roseira ostenta orgulhosa a sua beleza; devo roubar-lhe o botão entreaberto, afrontar sua dignidade com meu rude gesto de desvesti-la?”As palavras de compassiva irmartação daquele santo foram literalmente comprovadas, professor, por suas descobertas científicas.

- O poeta é íntimo da verdade, enquanto o cientista se aproxima dela canhestramente. Venha ao meu laboratório, algum dia, e assista a uma demonstração inequívoca de meu crescógrafo.

Agradecido, aceitei seu convite e me despedi. Soube mais tarde que o botânico deixara a Faculdade da Presidência e planejava fundar um centro de pesquisas em Calcutá.

---

[58] “Toda ciência é transcendental ou deixa de existir. A Botânica está agora formulando sua teoria correta - os avatares de Brahma serão em breve os livros de texto da História NaturaV' (Emerson).

[59] Da raiz latina **crescere,** aumentar. Por sua invenção do crescógrato e de outros instrumentos, conferiu-se a Bose o grau honorífico de cavaleiro em 1917.

Quando o Instituto Bose foi inaugurado, compareci ao culto de consagração. Centenas de visitantes entusiastas vagavam pela propriedade. Encantava-me o simbolismo artístico e espiritual do novo lar da ciência. Seu portão de entrada é uma relíquia centenária trazída de um santuário distante. Tendo à frente um tanque de lótus[60], urna escultura feminina com uma tocha simboliza o respeito hindu pela mulher como a imortal portadora de luz. Um pequeno templo num jardim é consagrado ao Númeno, existente por trás e além de todos os fenômenos. A ausência de qualquer imagem no tiltar sugere a idéia da Divindade incorpórea.

O discurso de Bose nesta festividade poderia ter sido proferido pelos lábios inspirados de um dos antigos ríshis:

"Consagro hoje este Instituto, não simplesmente como um laboratório, mas como um templo!"- A reverente solenidade de suas palavras estendeu-se como um pálio invisível sobre a multidão que lotava o auditório. - "Na seqüência de minhas pesquisas, fui inconscientemente levado às fronteiras da Física e da Fisiologia. Para meu assombro, descobri que as linhas limítrofes se desvaneciam e pontos de contato emergiam entre os reinos do vivo e do não vivo. A matéria inorgânica era percebida como algo não inerte; vibrava intensamente sob a ação de forças numerosas.

"Uma reação universal parecia colocar o metal, a planta e o animal sob a mesma lei. Todos exibiam essencialmente os mesmos fenômenos de fadiga e depressão, com possibilidades de recuperação e de exaltação, bem como a permanente falta de resposta que se associa à morte. Cheio de temor reverente diante desta generalização estupenda, foi com grandes esperanças que anunciei minhas descobertas ante a Royal Society - descobertas comprovadas por experimentos. Os fisiologistas presentes, porém, me aconselharam a limitar minhas pesquisas ao campo da Física, onde reconheciam meu sucesso, em vez de invadir os seus reinos em conserva. Eu me extraviara inadvertidamente num sistema de castas dos menos conhecidos e ofendera sua etiqueta.

"Um inconsciente preconceito teológico apresentou-se também: o que confunde ignorância com fé. Freqüentemente se olvida que Deus, se nos cercou deste perene mistério evolutivo da criação, implantou em nós também o desejo de perguntar e de entender. Incompreendido pelos outros durante muitos anos, vim a saber que a vida de um devoto & ciência está inevitavelmente repleta de esforços intermináveis. Cabe a ele fazer o lance de sua vida como ardente oferenda - encarando perda e ganho, sucesso e fracassei, como um só evento.

"Com o tempo, as mais adiantadas sociedades científicas do mundo aceitaram minhas teorias e descobertas, e reconheceram a importância da contribuição da índia à ciência[61]. Pode alguma coisa pequenina ou circunscrita satisfazer para sempre a mente da índia? Unindo sua tradição perenemente viva a um poder vital de rejuvenescimento, nosso país se readaptou a si mesmo, através de incontáveis transformações. Hindus sempre surgiram que, desprezando o imediato e absorvente prémio da hora que passa, buscaram a realização dos mais altos ideais da vida - não através da renúncia passiva, mas pelo esforço ativo. Os débeis, que recusaram o combate, nada adquirirani, porque a nada renunciaram. Só quem lutou e venceu pode enriquecer o mundo, oferecendo generosamente os frutos de sua experiência vitoriosa.

"O trabalho já realizado pelo Laboratório Bose sobre a sensibilidade mineral e as revelações inesperadas da vida vegetal desvendaram vastos setores de pesquisa em Física, Fisiologia, Medicina, Agricultura ,_ até mesmo em Psicologia. Problemas até aqui encarados como insolúveis são agora trazidos à esfera da investigação experimental.

"Mas o grande triunfo não se obtém sem rigorosa exatidão. Daí, o extenso conjunto de instrumentos hipersensíveis e aparelhos projetados por mim, que exponho em seus estojos e caixas, no saguão do Instituto. Eles falam de esforços prolongados para ir além das aparências enganadoras e penetrar na realidade que permanece invisível; do contínuo trabalho, cansaço, persistência e recursos invocados para transcender as limitações humanas. Todos os cientistas criadores sabem que o verdadeiro laboratório é a mente onde, por trás das ilusões, eles descobrem as leis da verdade.

---

[60] A floi de lótLI', é um símbolo divino, de grande antigüidade na índia; suas pétalas ao desabrochar sugerem a expansão da alma; 'o crescimento de sua beleza pura, emergindo (ia lama tem raiz, insinua uma graciosa promessa de espiritualidade.

[61] "Acreditamos que nenhum departamento de estudo, particularmente o de humanidades, em qualquer universidade importante, pode estar completamente equipado, sem um especialista conhecedor dos aspectos índices de sua disciplina. Acreditamos também que toda Faculdade, objetivando preparar seus bacharéis para um trabalho inteligente no mundo em que deverão viver, deve ter entre seus catedráticos um erudito competente em Civilização da índia," (Trechos de um artigo do prol. Norman Brown, da Universidade de Perinsylvania, publicado em maio de 1939 no Boletim da "American Cotincil of Learned Societies", Washington, D.C.) As Universidades de Kentucky e Washington, e as Faculdades de Cornell e Colgate, acrescentaram recentemente aos seus currículos tini curso de estudo sobre a índia.

“As conferências feitas aqui não serão meras repetições de conhecimentos já vulgarizados. Anunciarão novas descobertas, demonstradas pela primeira vez nestas salas. Através da publicação regular dos trabalhos do Instituto, estas contribuições indianas alcançarão o mundo inteiro. Tornar-se-ão propriedade pública. Nenhuma patente será jamais requerida por nós. O espírito da cultura hindu exige que nos conservemos para sempre livres da profanação de utilizar o conhecimento apenas em benefício pessoal,

“Além disso, desejo que as oportunidades oferecidas por este Instituto sejam postas ao alcance, tanto quanto possível, de pesquisadores de todos os países. Quanto a isto, esforço-me para levar avante as tradições de meu país. Há vinte e cinco séculos atrás, a índia acolhia, em suas antigas universidades de Nalanda e Taxila[62], estudiosos de todas as partes do mundo.

“Embora a ciência não seja nem do Oriente, nem do Ocidente, mas internacional em sua universalidade, a índia está especialmente capacitada para fazer grandes contribuições[63].A ardente imaginação hindu que pode, de um conjunto de fatos aparentemente contraditórios, extrair uma nova ordem, sujeita-se a freio e exame, pelo hábito da concentração. Mas esta restrição confere à mente o poder de manter-se na busca da verdade com infinita paciência.”

Lágrimas marejavam de meus olhos às últimas palavras do cientista. Não é a “Paciência”, decerto, um sinônimo da índia, confundindo igualmente o Tempo e os historiadores?

Visitei o Centro de Pesquisas, outra vez, logo após o dia da inauguração. O grande botânico, fiel à sua promessa, recebeu-me em seu tranqüilo laboratório.

Ligarei o crescógrafo a esta avenca; a ampliação é tremenda. Se o rastejar de um caracol fosse ampliado na mesma proporção, o animalzinho pareceria estar viajando com a velocidade de um trem expresso.

---

[62] A cidade universitária de Taxila era o centro predileto de especialização procurado pelos estudiosos gregos da antiguidade. Muitos gregos passaram a morar na índia e adotaram o hinduísmo ou o budismo, A doutrina da reencarnação de Pitágoras ten), indubitavelmente, origem hindu. Diz-se que Piatão, grande admirador da escola pitagórica, em viagem aos países asiáticos, visitou a Pérsia e demorou-se na índia; seu pensamento reflete a filosofia Âbânkya; sua tese A República reafirma idéias hindus; sua divisão da sociedade em corporações nada mais é do que o sisteina de castas hindu. Max Muller sustentou a surpreendente semelhança entre a linguagem de Piarão e a dos Upanisbáds. Plotino revela grande influência cio pensamento Shânkya e da concepção budista cio nirvaria. As fábulas de Esopo são a versão grega das estórias do Panchatantra, a mais velha coleção de fábulas e contos folclóricos da índia, levada a terras distantes por marinheiros e mercadores. As Mil e uma Noites e Sinbad, o marujo são versões árahes das estórias maravilhosas hindus.

No ano de 60 da era cristã, estudiosos chineses iam aprender na famosa Universidade de Nalanda, em Bengala, além de medicina, ciência farmacêutica e astronomia, também pintura, música e artesanato. Templos do antigo México estão construídos segundo modelos hindus. A mais antiga poesia do Peru traz em cada página o sinete do Ramayâna. (Asha Dhar, M. A,, em Indian Revicw, Madras, citado em Self-Realization Magazine, setembro de 1953.)

[63] A estrutura atômica da matéria era bem conhecida dos antigos indianos, Um dos seis sistemas da filosofia hinciu é o Vaisesíka, da raiz sânscrita visesas, “individualidade atômica”. Um dos mais importantes expositores do Vaisesíka foi Aulukya, também chamado Kánada, o “comedor de átomos”, nascido há 2.800 anos atrás.
Em artigo da revista East-West, de abril de 1934, foi apresentado este sumário dos conhecimentos científicos do Vaisesíka:
“Embora a 'teoria atômica, moderna seja em geral considerada um novo avanço da ciência, ela foi brilhantemente exposta, faz muitíssimos anos, por Içáriada, o 'comedor de átomos'. O termo sânscrito anus traduz-se adequadamente por 'átomo', na posterior acepção literal grega de 'não-cortado' ou indivisível. Outras exposições científicas dos tratados Vaisesíka da era anterior a Cristo incluem:
1) o movimento das agulhas em direção aos imãs;
2) a circulação da água nas plantas;
3) akash ou éter, inerte e sem estrutura, como base transmissora de forças sutis;
4) o calor solar como causa de todas as outras formas de calor;
5) o calor como causa da alteração molecular;
6) a lei da gravidade, em virtude da propriedade, inerente aos átomos terrestres, de serem atraídos para o centro da Terra, causa da quela dos corpos;
7) a natureza cinética de toda energia; toda causa implica sempre um dispêndio de energia ou uma redistribuição do movimento;
8) dissolução universal através da desintegração atômica; 9) radiação do calor e dos raios luminosos, partículas infinitamente pequenas dardejando em todas as direções com inconcebível velocidade (a teoria moderna dos 'raios cósmicos');
10) a relatividade do tempo e do espaço.
“Vaisesíka atribuía a origem do mundo aos átomos, eternos em sua natureza, isto é, em suas peculiaridades últimas. Considerava estes átomos possuidores de incessante movimento vibratório ... A descoberta recente de que tirri átomo é uma miniatura do sistema solar não seria novidade para os velhos filósofos do Vaisesíka, que também reduziram o tempo a seu derradeiro conceito matemático, descrevendo a menor unídade de tempo (kala) como o pe ríodo gasto por um átomo para percorrer sua própria unidade de espaço

Meu olhar fixou-se avidamente na tela que refletia a sombra ampliada da avenca. Diminutos movimentos de vida eram agora claramente perceptíveis; a planta estava crescendo muito devagar ante meus olhos fascinados. O cientista tocou a extremidade da avenca com uma vareta de metal. A pantomina que se desenvolvia culminou numa parada brusca, reencetando seus eloqüentes ritmos quando a vareta foi retirada.

- Você viu como uma leve interferência exterior é prejudicial a 2stes tecidos sensíveis - comentou Bose. - Observe: agora administrarei clorofórmio e, a seguir, um antídoto.

O clorofórmio deteve o crescimento; o antídoto o fez reviver, Os movimentos evolutivos presenciados na tela me arrebatavam mais do que o enredo de um filme. Meu companheiro (aqui, no papel de vilão) introduziu um instrumento aguçado numa parte da avenca; a dor manifestou-se por agitações espasmódicas. Quando ele passou uma navalha transversalmente pela haste, a sombra agitou-se com violência e, em seguida, se aquietou - ponto final da morte.

- Cloroformizando antecipadamente uma árvore gigantesca, consegui uma transplantação de grande sucesso. Normalmente, esses monarcas da floresta morrem muito depressa depois de seu transplante. Jagadís sorria, feliz, ao narrar a operação para salvar uma vida. - Os gráficos de meus delicados aparelhos provaram que as **árvores** têm um sistema circulatório; os movimentos da seiva correspondem à pressão do sangue no corpo dos animais. A ascensão da seiva não é explicável pelas teorias mecânicas mais avançadas, como, por exemplo, a da atracão capilar. O problema foi solucionado pelo crescógrafo que revelou a atividade das células vivas. Ondas peristúlticas irradiam-se de um tubo cilíndrico que se estende ao longo da árvore e serve de verdadeiro coração! Quanto mais nosso conhecimento se aprofunda, mais admirável é a prova de que um plano uniforme liga uma forma a todas as outras tia natureza multiforme.

O grande cientista indicou outro instrumento de sua invenção.

Mostrar-lhe-ei experimentos com um pedaço de estanho. A força vital nos metais responde adversa ou favoravelmente aos estímulos. Marcas de tinta registrarão as várias reações.

Profundamente absorvido, observei o gráfico que registrava as ondas características da estrutura atômica. Quando o professor aplicou o clorofórmio ao metal, a escrita vibratória no gráfico parou. Recomeçou à medida que o estanho voltava lentamente a seu estado normal. Meu companheiro ministrou-lhe um veneno químico. Simultaneamente com o último tremor do estanho, a agulha, de maneira dramática, escreveu no gráfico a notícia da morte.

- Os instrumentos Bose demonstraram que os metais como, por exemplo, o aço usado em tesouras e maquinário, estão sujeitos à fadiga e recuperam eficiência com repousos periódicos. A pulsação da vida nos metais sofre lesões sérias, ou então é extinta, quando são eles sujeitos a correntes elétricas ou a forte compressão.

Circunvaguei o olhar pelas numerosas invenções, testemunhos eloqüentes de uma engenhosidade infatigável.

- Senhor, é lamentável que o desenvolvimento da agricultura em grande escala não seja acelerado pelo uso mais amplo de seus maravilhosos aparelhos. Não seria possível empregar alguns deles em rápidos experimentos de laboratório para indicar a influência de vários tipos de fertilizantes no crescimento dos vegetais?

- Perfeitamente. Inúmeras aplicações terão os instrumentos **Bose** quando usados pelas gerações futuras. Raras vezes o cientista conhece a gratidão de seus contemporâneos; basta-lhe possuir a alegria cla serviço criador.

Expressando-lhe meu ilimitado reconhecimento, despedi-me do sábio incansável. Pensei: “Pode a fertilidade assombrosa de um gênio esgotar-se algum dia?”

Nenhum esgotamento lhe veio com os anos. Inventando um complicado instrumento, o “Cardiógrafo Ressoante”, Bose continuou fazendo amplas pesquisas com incontáveis plantas da Índia. Enorme e insuspeitada farmacopéia de drogas úteis foi descoberta. O cardiógrafo, construído com precisão infalível, permitindo indicar, num gráfico, um centésimo de segundo, mede pulsações infinitesimais na estrutura de plantas, animais e homens. O grande botânico predisse que o uso de seu cardiógrafo levará à vivissecção em plantas em vez de animais.

- Ministrado simultaneamente a uma planta e a um animal, um remédio apresenta, segundo demonstram os registros paralelos, uma espantosa unanimidade de efeitos - assinalou ele. - Tudo o que existe no homem foi prefigurado na planta. Experimentos com os vegetais contribuirão para diminuir o sofrimento de animais e de homens.

Anos mais tarde, as descobertas botânicas de Bose foram referendadas por outros cientistas. O **New York Times** assim noticiou um trabalho realizado em 1938 na Universidade de Colúmbia:

"Comprovou-se, durante os últimos anos, que se produzem minúsculos impulsos elétricos quando os nervos transmitem mensagens entre o cérebro e outras partes do corpo. Estes impulsos foram medidos por delicados galvanômetros e aumentados milhões de vezes por modernos aparelhos amplificadores. Até agora, não se encontrou qualquer processo satisfatório para estudar sua passagem pelas fibras nervosas dos animais ou do homem, devido à grande velocidade com que estes impulsos viajam.

"Agora os drs. K. S. Cole e H. J. Curtis descobriram que as células, longas e simples, da nitela, planta de água doce usada com freqüência em aquários de peixes vermelhos ou dourados, são virtualmente idênticas às das fibras nervosas simples. E ainda mais, descobriram que fibras da nitela, ao serem excitadas, propagam ondas elétricas similares em tudo, exceto em velocidade, às ondas das fibras nervosas dos animais e do homem. Verificou-se que OS impulsos nervosos elétricos nas plantas são muito mais lentos que nos animais. Os pesquisadores de Colúmbia, por isso, aproveitaram esta descoberta para filmar em câmara lenta a passagem dos impulsos elétricos nos nervos.

"A planta nitela, assim, pode vir a ser uma espécie de Pedra de Rosetta para decifrar os segredos hermeticamente guardados na zona limítrofe entre a mente e a matéria".

O poeta Rabindranath Tagore teve sólida amizade a este cientista hindu pleno de idealismo. O doce cantor de Bengala dedicou a Bose estes versos[64]:

"Tu, ó Eremita, com as autênticas palavras daquele antigo hino intitulado Sarna: "Levanta-te! Desperta!", chama o homem que se vangloria de sua erudição **shástrica** para que deixe as discussões vãs, pedantes e estéreis; chama aquele pretencioso sábio para que saia e enfrente a face da natureza, esta ampla terra; envia este chamado a teus cenáculos de cientistas; juntos, em torno ao sacrifício do fogo, que todos se aglomerem. Assim também nossa índia, nossa antiquíssima terra, ao íntimo de si mesma volte, outra vez regresse ao trabalho persistente, ao dever e à devoção, a seu transe de séria meditação; que ela ocupe, de novo imperturbável, sem avareza, indiscutível, pura, mais uma vez, seu assento e pedestal excelsos, mestra de todos os povos[65].

Capítulo 9 - O devoto bem-aventurado e seu romance cósmico

Senhorzinho, sente-se, por favor. Estou falando com minha Mãe Divina.

Silenciosamente e com grande temor, eu entrara no quarto. A aparência angélica de Mestre Mahásaya deslumbrou-me. De barba alva e sedosa, e de grandes olhos luzidios, parecia a encarnação da pureza.

---

[64] Traduzido para o inglês por Manmohan Ghosh, do original bengali de Rabin dranáth Tagore, no **Visvabhárati Quarterly**, Sântinikêtan, Índia.

[65] 0 "hino intitulado Sama"que se menciona no poema de Tagore é um dos quatro **Vedas**. Os outros três são o **Rig**, o **Yajúr** e o **Atharva**. Os textos sagrados expõem a natureza de Brahma, Deus o Criador, cuja expressão em cada homem denomina-se átma, alma, A raiz verbal de Brahma é brih, "expandir", que encerra o conceito védico do divino poder de crescimento espontâneo ou da irrupção em atividade criadora. 0 cosmos, como a teia de aranha, diz-se que evolve (vikurute) para fora do Ser Divino. Tudo o que importa aos Vedas é a fusão consciente de **átma** com Brahma, da alma com o Espírito.

A **Vedanta**, sumário dos Vedas, inspirou muitos dos grandes pensadores do Ocidente. O historiador francês Victor Cousin disse: "Quando lemos com atenção os monumentos filosóficos do Oriente - sobretudo os da índia - descobrimos neles muitas verdades tão profundas ... que somos obrigados a dobrar o joelho ante a filosofia do Oriente e a ver neste berço da raça humana a terra nativa da mais alta filosofia." Schlegel observou: "Mesmo a mais elevada filosofia européia, o idealismo de razão proclamado pelos filósofos gregos, parece - em comparação com a vida abundante e o vigor do idealismo oriental uma débil centelha de Prometeu perante um dilúvio de luz solar."

Na imensa literatura da índia, os Vedas (raiz Vid, conhecer) são os únicos textos aos quais não se atribui autor. 0 Rig Veda (X, 90:9) assinala uma origem divina para os hinos e nos informa (111, 59:2) que eles são a herança de "antiquíssimos tempos" revestida de linguagem nova. Diz-se que os Vedas, revelações divinas feitas aos ríshis ou "videntes", através das eras, possuem nityátva, "finalidade intemporal".

Os Vedas, revelados por meio do som, foram "diretamente ouvidos" (shrúti) pelos ríshis. São, essencialmente, literatura de canto e recitação. Por isso, durante milênios, as 100.000 estrofes dos Vedas não foram escritas, mas transmitidas oralmente pelos sacerdotes brâmanes. Tanto o papel como a pedra estão sujeitos aos efeitos obliterantes do tempo. Os Vedas persistiram através das idades porque os ríshis compreenderam a superioridade da mente sobre a matéria como meio apropriado de transmissão. O que pode exceder "as lousas do coração"?

Observando a ordem especial (anupúrvi) em que as palavras védicas ocorrem, e auxiliados pelas regras fonéticas de combinação de sons (sandhí) e de relação de letras (sanátana), e ainda, provando por certos processos matemáticos a exatidão dos textos memorizados, os brâmanes preservaram de maneira incomparável, desde obscura antigüidade, a pureza original dos Vedas. Cada sílaba (ákshara) de uma palavra védica é dotada de significação e de eficácia. (Ver capítulo 35).

Seu queixo erguido e suas mãos entrelaçadas fizeram-me compreender que minha primeira visita o perturbara em meio às suas devoções.

Suas singelas palavras ao saudar-me produziram-me o mais violento efeito até então experimentado. Eu julgara que a amargura da separação, profundamente sentida ao morrer minha mãe, fosse a medida de todas as angústias. Agora, uma nova consciência, a de estar separado de minha Mãe Divina, constituía indescritível tortura de espírito. Caí ao chão, em soluços.

- Senhorzinho, acalme-se! - O santo demonstrava, com pesar, que me entendia.

Abandonado num oceano de desolação, agarrei-me a seus pés como um náufrago à única tábua salvadora.

- Santíssimo senhor, interceda por mim! Pergunte à Mãe Divina se tenho algum merecimento aos olhos Dela!

A sagrada promessa de interceder por outrem não se concede com magnanimidade fácil; o mestre foi constrangido ao silêncio.

Sem a menor sombra de dúvida, eu estava convencido de que Mestre Mahásaya tratava intimamente com a Mãe do Universo. Era profundamente humilhante constatar que meus olhos estavam cegos para Aquela que, no mesmo momento, era perceptível ao olhar imaculado do santo. Apertando-lhe os pés sem pudor e surdo aos seus delicados

protestos, implorei repetidamente a graça de sua intervenção.

- Levarei sua súplica à Bem-Amada. - A capitulação do mestre veio, enfim, com sorriso lento e compassivo.

Que poder havia naquelas poucas palavras para que meu ser sentisse alívio em seu tempestuoso exílio?

- Senhor, recorde-se de sua promessa! Voltarei em breve, à procura da mensagem. - Esperança e júbilo soavam em minha voz que, há um momento atrás, se afogava em soluços de aflição.

Desci a longa escadaria, oprimido por recordações. Esta casa em Amherst Street 50, atual residência de Mestre Mahásaya, fora certa vez o lar de minha família e cenário da morte de minha mãe. Aqui meu coração humano se despedaçara pela mãe desaparecida; e aqui, hoje, meu espírito se sentia crucificado pela ausência da Mãe Divina. Santas paredes! testemunhas silenciosas de meus opressivos sofrimentos e, por fim, de minha cura.

Com passos ansiosos, regressei ao lar em Gurpar Road. Buscando o isolamento de meu pequeno quarto no sótão, ali permaneci em meditação até dez horas. A escuridão da quente noite hindu foi de súbito iluminada por uma visão maravilhosa.

Num balo de esplendor, a Mãe Divina estava diante de mim. Sorrindo ternamente, sua face era beleza pura.

- Sempre o amei! Sempre o amarei!

A música celestial ainda ressoava no ar quando Ela desapareceu.

O sol da manhã seguinte mal havia despontado e eu já fazia minha segunda visita ao Mestre Mahásaya. Subindo as escadas daquela moradia de lembranças tão pungentes, cheguei a seu aposento no terceiro andar. A maçaneta da porta fechada fora envolvida num pano: insinuação, pensei, de que o santo queria estar só. Eu permanecia irresoluto no patamar quando a porta se abriu pela mão acolhedora do mestre. Ajoelhei-me a seus pés sagrados. Disposto a divertír-me, assumi um ar de solenidade, ocultando o júbilo divino.

- Senhor, muito cedo, reconheço, vim em busca de sua mensagem. A Mãe Bem-Amada disse algo a meu respeito?

- Senhorzinho travesso!

Ele não acrescentaria outro comentário. Evidentemente minha pretensa gravidade não o impressionara.

- Por que tão misterioso, tão evasivo? Será que os santos nunca falam abertamente? -- Talvez minha atitude fosse provocadora.

- Você veio tirar a prova? - Seus olhos revelavam plena compreensão. - Posso acrescentar nesta manhã uma só palavra à garantia que você recebeu ontem, às dez horas da noite, da própria Mãe Formosíssima?

Mestre Mahásaya possuía completo governo sobre as comportas de minha alma transbordante: de novo caí prostrado a seus pés. Desta vez, porém, minhas lágrimas brotavam de beatitude e não de sofrimentos anteriores,

- Você pensa que sua devoção não comoveu a Misericórdia Infinita? A Maternidade de Deus que você venerou sob ambas as formas, a humana e a divina, nunca poderia deixar sem resposta seu pranto desamparado.

Quem era este santo singelo, cuja mínima demanda ao Espírito Universal obtinha tão doce consentimento? Seu papel neste mundo era molesto, como convinha ao homem de maior humildade que até hoje conheci. Nesta casa de Amherst Street, Mestre Mahásaya[66] dirigia uma pequena escola secundária de freqüência masculina. Nunca uma palavra de repreensão saiu de seus lábios; nenhuma régua ou palmatória mantinha a disciplina. Matemática superior era realmente ensinada naquelas modestas salas de aula e uma química de amor ausente dos compêndios. Ele irradiava sua sabedoria mais pelo contágio espiritual que pelo preceito inacessível. Consumido de autêntica paixão pela Mãe Divina, o santo, semelhante a uma criança, não exigia respeito exterior.

- Não sou seu guru; ele virá um pouco mais tarde - disse-me. -Guiado por ele, sua experiência do Divino em termos de amor e devoção, traduzir-se-á em termos de sabedoria insondável.

Todos os dias, ao cair da tarde, eu me dirigia a Amberst Street. Procurava o divino cálice de Mestre Mahásaya, tão cheio que, diariamente, suas gotas se derramavam em meu ser. Nunca antes eu me curvara em reverência absoluta; agora, pisar o mesmo terreno santificado

pelas pegadas de Mestre Mahásaya constituía para mim um imenso privilégio.

- Por favor, use esta guirlanda de flores de **champak** que confeccionei especialmente para o senhor. - Cheguei, certa noite, segurando um colar florido. Mas o santo afastou-se timidamente, recusando repetidas vezes a homenagem. Ao perceber minha mágoa, consentiu afinal, sorrindo.

- já que ambos somos devotos da Mãe, você pode colocar a guirlanda neste templo de carne, como oferenda a Ela, que nele habita. -Em sua vasta natureza faltava espaço onde alojar a mais insignificante consideração egoísta.

- Vamos amanhã o Dakshinéswar, ao Templo de Káli, perpetuamente santificado por meu guru. - O santo era discípulo de um mestre semelhante a Cristo, Sri Paramahansa Ramakrishna.

Fizemos, na manhã seguinte, a viagem de seis quilômetros e meio,

de barco, pelo Ganges. Entramos no Templo de Káli, de nove cúpulas, onde as figuras da Mãe Divina e de Shiva descansavam sobre um lótus.

de prata polida, com suas mil pétalas meticulosamente cinzeladas. Em seu encantamento, Mestre Mahásaya resplandecia. Entregava-se a seu inexaurível romance com a Bem-Amada. Enquanto ele cantava o nome

Dela, meu coração arrebatado parecia despedaçar-se, como o lótus, em mil fragmentos.

Caminhamos depois pelo sagrado recinto, detendo-nos em um bosque de tamargueiras. A resina característica exsudada por esta árvore era um símbolo do manjar celeste que Mestre Mahásaya ali me concedia. Suas invocações a Deus continuavam. Sentei-me rigidamente imóvel na grama entre as flores rosadas e plumosas das tamargueiras. Temporariamente ausente do corpo, voei a grande altitude, em paragens sublimes.

Esta foi a primeira de muitas peregrinações a Dakshinéswar com o sagrado mestre. Com ele aprendi a doçura de Deus sob o aspecto de Mãe ou Divina Misericórdia. O santo, à semelhança de um menino, sentia pouca atração pelo aspecto de Pai, ou justiça Divina. O julgamento severo, exato, matemático, era alheio à suavidade de sua natureza.

"Ele pode servir, na terra, de protótipo aos anjos do céu! ", pensei afetuosamente, observando-o em suas orações, Sem um suspiro de censura ou de crítica, ele media o mundo com seus olhos há longo tempo familiarizados com a Prístina Pureza. Corpo, mente, linguagem e ações harmonizavam-se sem esforço com a simplicidade de sua alma.

[66] Título de respeito com que habitualmente o tratavam. Seu nome era Mahendra Nath Gupta; ele assinava seus trabalhos literários simplesmente com letra "M".

“Meu Mestre assim me disse”. Fugindo à afirmação pessoal, o santo costumava terminar seus sábios conselhos com este tributo. Tão profundo era o seu sentimento de identidade com Sri Ramakrishna que Mestre Mahásaya já não se considera o autor de seus próprios pensamentos.

De mãos dadas, o santo e eu caminhávamos, uma noite, ao longo cio quarteirão de sua escola. Minha alegria turvou-se ao chegar certo conhecido nosso, indivíduo pretensioso, que nos molestava com seus longos discursos.

- Vejo que este homem não lhe agrada. - O sussurro do santo não foi ouvido pelo egotista, fascinado por seu próprio monólogo.

- já falei com a Mãe Divina, a respeito. Ela compreende nossa triste situação. Logo que chegarmos àquela casa vermelha, Ela nos promete recordar a este homem assuntos mais urgentes.

Meus olhos colaram-se ao local de salvação. Ao chegar ao portão vermelho, o homem deu meia volta e partiu sem explicações, sem mesmo acabar a sentença ou se despedir. A paz voltou à atmosfera violentada.

Em outra ocasião, sozinho, eu caminhava próximo à estação ferroviária de Howrah. Detive-me por um instante junto a um templo, criticando em silêncio um pequeno grupo de homens que, acompanhados por tambor e címbalos, entoavam furiosamente um hino religioso.

“Com que falta de devoção usam o divino nome do Senhor, repetindo-o mecanicamente”, refleti. A repentina aparição de Mestre Mahásaya, aproximando-se de mim em passos rápidos, espantou-me.

- Senhor, como veio aqui?

Sem tomar conhecimento de minha pergunta, o santo respondeu a meu pensamento:

- Não é verdade, senhorzinho, que o nome do Amado soa docemente em todos os lábios, de ignorantes ou de sábios? - Ele passou o braço em torno de mim, afetuosamente; senti-me transportado neste tapete mágico à Presença Misericordiosa.

- Você gostaria de ver alguns bioscópios? - Desconcertou-me esta pergunta, vinda, uma tarde, de um recluso, como Mestre Mahásaya; o termo “bioscópio”usava-se na índia, naquele tempo, para designar filmes cinematográficos. Assenti, contente de estar em sua companhia em quaisquer circunstâncias. Rápida caminhada nos trouxe ao jardim fronteiro à Universidade de Calcutá. Meu companheiro indicou-me um banco próximo ao **goldíghi** ou lago.

- Sentemos aqui por alguns minutos. Meu Mestre aconselhou-me a meditar sempre que eu visse uma extensão de água. Sua placidez nos recorda a serenidade vastíssima de Deus. Todas as coisas podem se refletir na água; também, o universo espelha-se no lago da Mente Cósmica. Isto dizia meu Gurudeva, freqüentemente.

Pouco depois entramos num dos salões da Universidade onde se realizava uma conferência. Resultou-nos aborrecidíssima, embora variasse de vez em quando pela projeção de diapositivos, igualmente sem interesse.

“Então, era esta a espécie de filme que o Mestre queria mostrar-me”, pensava eu, impaciente, apesar de não me atrever a magoar o santo, manifestando-lhe meu aborrecimento. Mas ele se inclinou para o meu lado, numa confidência:

- Vejo, senhorzinho, que não lhe agrada este bioscópio. Comuniquei-o à Mãe Divina. Ela concorda conosco. Diz Ela que as luzes elétricas vão se apagar agora e não voltarão a acender-se enquanto não tivermos saído desta sala.

Ele acabava de me segredar estas palavras quando a sala mergulhou na escuridão. O professor, cuja voz estridente emudeceu de espanto por um momento, observou: - A instalação elétrica deste salão parece estar com defeito. - Durante o intervalo, já o Mestre Mahásaya e eu cruzávamos o umbral. Do corredor, olhando para trás, vi que o salão se achava outra vez iluminado.

- Senhorzinho, este bioscópio o desapontou, mas penso que gostará de um outro diferente. - O santo e eu estávamos parados na calçada em frente ao edifício da Universidade. Delicadamente, ele me golpeou o peito, sobre o coração.

Um silêncio transformou tudo. Assim como os filmes falados se tornam inaudíveis, quando o aparelho de som está com defeito, igualmente, a Mãe Divina, por algum estranho milagre, extinguiu o tumulto terrestre. Transeuntes, carruagens puxadas a cavalos, automóveis, carretas de bois, troles providos de rodas de ferro, prosseguiam todos em seu tráfego insonoro. Como se possuísse um olho onipresente, eu observava as cenas atrás de mim e de ambos os lados, com tanta facilidade como a paisagem à minha frente, Todo o espetáculo da atividade naquela pequena zona de Calcutá deslizava diante de mim sem o menor ruído. Semelhante ao brilho mortiço de brasas sob fina camada de cinzas, uma luminescência suave permeava a visão panorâmica.

Meu próprio corpo nada mais parecia que uma sombra entre numerosas outras, embora estivesse imóvel, enquanto as demais esvoaçavam, em silêncio, de cá para lá. Muitos jovenzinhos, meus amigos, aproximavam-se e afastavam-se; apesar de haverem olhado diretamente para mim, não deram mostras de reconhecer-me.

A singular pantomina produziu-me um êxtase inexprimível, Eu bebia nas profundezas de alguma fonte de beatitude. Subitamente, meu peito recebeu outro leve golpe de Mestre Mahásaya. O pandmônio do mundo explodiu em meus ouvidos contrariados. Eu cambaleava como se fosse despertado com brutalidade de um sonho que tivesse a delicadeza de uma teia de aranha. O vinho transcendente foi posto fora de meu alcance.

- Senhorzinho, vejo que este segundo bioscópio[67] lhe agradou. O santo sorria. Eu ia me ajoelhar a seus pés. - Você não o pode fazer agora! Sabe que Deus também reside no templo de seu corpo! Você não permitirá que a Mãe Divina toque meus pés com essas mãos!

Se alguém observasse o despretensioso Mestre e eu, ao nos afastarmos do local pavimentado onde havia mais gente, suspeitaria, com certeza, da embriaguez de ambos. Eu sentia que as sombras descendentes do crepúsculo estavam, em harmonia conosco, também embriagadas com Deus.

Tentando com palavras pobres fazer justiça à brandura de Mestre Mahásaya, pergunto a mim mesmo se ele e outros santos cujos caminhos cruzaram com o meu, sabiam que, anos mais tarde, num país do Ocidente, eu estaria escrevendo sobre suas vidas de devotos divinos. Sua presciência não surpreenderia a mim, nem mesmo, espero, aos leitores que até aqui me acompanharam.

Santos de todas as religiões alcançaram a percepção de Deus através do singelo conceito da Bem-Amada Cósmica. O Absoluto é **nirguna**, "sem qualidade", e **acyntia**, "inconcebível"; por isso, o pensamento e o anseio humanos sempre O personalizaram, sob a forma de Mãe Universal. A combinação de teísmo pessoal e de filosofia do Absoluto é uma antiquíssima conquista do pensamento hindu, exposto nos **Vedas** e no **Bhágavad Gíta**. Esta "reconciliação dos opostos"satisfaz o coração e a cabeça; **bhákti** (devoção) e **jnâna** (sabedoria) são, em essência, o mesmo. **Prapátti**, "refugiar-se em Deus"e **sarângati** "entregar-se à Compaixão Divina", são realmente os caminhos do mais alto conhecimento.

A humildade de Mestre Mahásaya e de todos os outros santos brota do reconhecimento de sua total dependência (**seshátva**) do Senhor, como única Vida e único juiz. O homem, sintonizado com Deus, experimenta alegria genuína e ilimitada porque a Beatitude é a Sua verdadeira natureza. "A primeira das paixões da alma e da vontade é a alegria"[68].

Em todas as épocas, acercando-se da Mãe com espírito de infância, Seus devotos atestam que sempre a encontram disposta a participar do jogo com eles. Na vida de Mestre Mahásaya, as manifestações do jogo divino ocorreram em ocasiões importantes e não-importantes. Aos olhos de Deus nada é grande ou pequeno. Se Ele não houvesse construído o pequenino átomo com exatidão e beleza perfeita, poderiam os céus ostentar a orgulhosa estrutura de Vega ou de Arcturo? As distinções entre "importante"e "não-importante"são, seguramente, desconhecidas para o Senhor a fim de evitar que, por falta de um alfinete, o cosmo se desmorone!.

---

[67] 0 Novo Dicionário Internacional de Webster (1934) dá, como rara, esta definição de bioscópio: "uma visão da vida, o que oferece tal visão". A escolha da palavra por Mestre Mahásaya era, então, peculiarmente justificada.

[68] S. João da Cruz. Encontrou-se o corpo deste amoroso santo cristão, morto em 1591 e exumado em 18591 em estado incorrupto. Sir Francis Younghusband (Aflantic Mondy, dezembro de 1936) referiu-se à sua própria experiência de alegria cósmica: "Sobrevei-me algo que era mais do que elação ou regozijo; eu estava fora de mim, gozando de intensíssimo júbilo, e com esta indescritível e quase insuportável alegria, veio a revelação da bondade essencial do mundo. Tive a convicção, superior a quaisquer refutações, de que os homens em seu íntimo são bons, de que a maldade neles é superficial."

Capítulo 10 - Encontro meu Mestre, Sri Yuktéswar

"A fé em Deus pode produzir qualquer milagre, menos um -passar em exames sem haver estudado". Com desagrado fechei o livro "inspirador" que escolhera para ler num momento de ócio.

"A exceção mencionada pelo autor revela sua completa falta de fé", pensei. "Pobre sujeito, que grande respeito demonstra pela lâmpada do estudante acesa pela noite adentro!"

Minha promessa a papai fora a de que eu terminaria meus estudos secundários. Não pretendo passar por aluno aplicado. Transcorriam os meses e me encontrava com maior freqüência, não na sala de aula, mas em lugares de retiro, ao longo dos **ghats** de banho em Calcutá. O iogue sente grande atração pelos terrenos vizinhos, usados para a incineração de cadáveres e especialmente repulsivos à noite. Quem busca a Essência Imortal não pode desmaiar à vista de alguns crânios descarnados. A insuficiência humana torna-se manifesta ante o melancólico espetáculo de um ossário. Eram, pois, de natureza diferente as vigílias dos estudiosos acadêmicos e as minhas, à meia-noite.

A semana de exames finais na Escola Secundária Hindu aproximava-se com rapidez. Este período de interrogatórios, como assombrações sepulcrais, inspira um terror bem conhecido. Minha mente, porém, continuava em paz. Desafiando os espectros, eu tratava de exumar uma ciência que não se encontra nos salões de conferências. Faltava-me, contudo, a arte de Swâmi Pranabananda que facilmente aparecia em dois lugares ao mesmo tempo. Meu raciocínio (embora a muitos pareça ilógico) era o de que a Inteligência Divina perceberia meu dilema e me livraria de complicações. A irracionalidade do devoto brota de milhares de demonstrações inexplicáveis do auxílio de Deus, quando em dificuldade.

- Olá, Mukunda! Mal o consigo ver nestes dias! - Um colega abordou-me, uma tarde, em Gurpar Road.

- Olá, Nantu! Minha invisibilidade na escola perece ter me colocado numa situação decididamente difícil. - Eu desabafei, sob seu olhar amigo.

Nantu, aluno brilhante, riu-se cordialmente; minha afirmação não deixava de ter seu aspecto cômico.

- Você está completamente despreparado para os exames disse ele. - Suponho que me cabe ajudá-lo.

Estas simples palavras transmitiram uma divina promessa aos meus ouvidos; com vivacidade, visitei o lar de meu amigo. Bondosamente Nantu esboçou a solução para vários problemas que, supunha ele, seriam apresentados pelos professores.

- Estas questões constituem a isca que prenderá na armadilha dos exames muitos alunos confiantes. Lembre-se das respostas e escapará airosamente.

A noite havia avançado muito, quando parti. Estalando de erudição imatura, rezei fervorosamente para que ela permanecesse comigo durante a crise dos próximos dias. Nantu me preparara em várias matérias mas esquecera, sob a pressão do tempo, meu estudo de sânscrito. Ardorosamente lembrei a Deus este descuido.

Saí para uma caminhada na manhã seguinte, repassando meus novos conhecimentos ao ritmo dançante de meus passos. Ao tomar um atalho, entre as ervas de um quarteirão não construído, meu olhar caiu sobre algumas folhas soltas e impressas. Agarrei-as, triunfante: em minha mão estavam versos sânscritos! Procurei um erudito para ajudar este inseguro intérprete. Sua esplêndida voz encheu o ar com a beleza melíflua do antiquíssimo idioma[69].

- É pouco provável que estes versículos excepcionais o ajudem na prova de sânscrito. - O erudito rejeitou-os com ceticismo.

Mas a familiaridade com aquele poema específico habilitou-me no dia seguinte a passar no exame de sânscrito. Graças ao lúcido auxílio de Nantu, obtive também, em todas as matérias, grau mínimo para aprovação.

---

[69] Sânskrita, "polida, completa". O sânscrito é a irmã mais velha de todas as línguas indo-européias. Seu alfabeto chama-se Devanágari, literalmente, "morada divina", "Quem conhece a minha gramática, conhece Deus!"Paniní, grande fi16logo da antiga India, prestou este tributo à perfeição matemática e psicológica do sânscrito. Quem puder retraçar a pista da linguagem até suas origens deve, em verdade, terminar oniscente.

Papai teve a alegria de ver-me cumprir minha palavra, pois concluí o curso secundário. Meu reconhecimento alçou-se velozmente a Deus, cuja orientação única percebi naquela visita à casa de Nantia e naquele trajeto inusitado pelo terreno baldio coberto de detritos. Deus, em dupla travessura, dera expressão a Seu plano oportuno para salvar-me.

Folheei então o livro posto de lado anteriormente, cujo autor negara a Deus a primazia nas salas de exame. Não pude evitar o riso após meu próprio e silencioso comentário:

"Eu apenas aumentaria mais a confusão deste indivíduo se lhe contasse que a meditação em Deus, entre cadáveres, é um caminho curto para o diploma de escola secundária! "

Em minha nova dignidade, planejei abertamente deixar o lar paterno. Em companhia de um jovem amigo, Jitendra Mazumdar[70], decidi ingressar num eremitério Mahamandal, em Benares, de Sri Bharat Dharma Mahamandal, para receber sua disciplina espiritual.

A desolação apoderou-se de mim, certo dia, ao pensar que me separava de minha família, Desde a morte de mamãe, crescera em mim uma grande ternura por meus dois irmãos menores, Sananda e Bishnu, e por minha irmã mais nova, Thamu. Corri para meu retiro, o pequeno sótão que testemunhara tantas cenas de meu turbulento sádhana[71]. Depois de quase duas horas de pranto, senti-me singularmente transformado, como se tivesse feito uso de um detergente alquímico. Todo apego[72] desaparecera; minha resolução de procurar Deus, o Amigo dos Amigos, tornou-se inflexível como o diamante.

- Faço um último apelo. - Meu pai mostrava-se consternado quando me apresentei a ele para receber sua bênção. - Não me abandone, nem a seus aflitos irmãos e irmãs.

- Pai venerado, como posso exprimir-lhe todo o meu amor? Maior, porém, é meu amor pelo Pai Celestial, que me fez presente de um pai perfeito na terra. Permita-me ir, para voltar, um dia, com mais compreensão divina.

Com o relutante consentimento paterno, saí para me encontrar com Jitendra, já em Benares, no eremitério. À minha chegada, o jovem chefe, Swâmi Dayananda, cumprimentou-me cordialmente. Alto e magro, de aspecto pensativo, ele me impressionou de modo favorável. Sua bela face tinha a serenidade de um Buda.

Foi agradável encontrar, em minha nova residência, um sótão onde eu dava um jeito de passar as madrugadas e as manhãs. Os membros do **áshram**, conhecendo pouco de práticas meditativas, pensavam que eu deveria empregar meu tempo inteiro em tarefas de organização. Elogiaram-me por meu trabalho, às tardes, no escritório.

- Não procure capturar Deus tão depressa! - Esta zombaria de um residente do eremitério, acompanhou uma de minhas partidas matinais para o sótão. Dirigi-me a Dayananda, ocupado em seu pequeno santuário com vista para o Ganges.

- Swâmijí[73], não entendo o que se exige de mim, aqui. Busco a percepção direta de Deus. Sem Ele, não me posso satisfazer com filiação a um grupo ou execução de boas obras.

O eclesiástico de túnica alaranjada deu-me uma palmadinha afetuosa. Arremedando uma censura, repreendeu alguns discípulos que estavam próximos: Não aborreçam Mukunda. Ele aprenderá nossos costumes.

Cortesmente, ocultei minhas dúvidas, Os estudantes deixaram a sala, sem se mostrarem visivelmente humilhados pela reprimenda. Dayananda tinha ainda outras palavras para mim:

_ Mukunda, vejo que seu pai lhe envia dinheiro regularmente. Devolva-o, por favor; você não necessita dele aqui. Uma segunda regra para sua disciplina refere-se à comida. Mesmo que sinta fome, não o diga.

Se a privação de alimentos cintilava em meus olhos, não o sei. Que eu estava com fome, sei-o perfeitamente. A primeira refeição no eremitério ocorria invariavelmente ao meio-dia. Em minha casa, eu fora acostumado a tomar um substancioso lanche às nove da manhã.

---

[70] Não era Jatinda (Jotin Ghosh), que será lembrado por sua oportuna aversão aos tigres.
[71] Senda preliminar para Deus.
[72] As Escrituras hindus ensinam que o apego à família constitui uma ilusão se impede o devoto de procurar Aquele que nos concede todos os dons, inclusive o dom de amar os parentes, para não mencionar o da própria vida. Jesus também ensinou: "Quem ama pai ou mãe mais do que a mim, não é digno de mim." (Mateus, 10:37)
[73] ji é sufixo habitual de respeito, usado especialmente em contatos pessoais: assim, swâmijí, gurují, Sri Yuktéswarjí.

As três horas de intervalo tornavam-se diariamente mais intermináveis. Passado era o tempo em que, em Calcutá, eu podia repreender a cozinheira por um atraso de dez minutos. Agora eu tentava controlar meu apetite; completei um jejum de vinte e quatro horas. Com deleite redobrado, aguardei o meio-dia seguinte.

- O trem de Dayanândají está atrasado; não comeremos antes de sua chegada. - Jitendra trouxe-me estas notícias desoladoras. Num gesto de amável acolhida ao swâmi, cuja ausência se prolongara por duas semanas, prepararam-se muitas iguarias. No ar se difundia um aroma apetitoso; só este me sendo oferecido, que outra coisa poderia eu engolir senão meu orgulho pelo jejum de ontem?

- Deus Senhor, apressa o trem! - O Provedor Divino, pensei, dificilmente poderia ser incluído na proibição com que Dayananda me silenciara. A atenção de Deus concentrava-se, entretanto, em algum outro lugar; o relógio, em andar penoso, cobria as horas. A escuridão descia quando nosso dirigente entrou pela porta. Cumprimentei-o com transparente alegria.

- Dayanândají tomará banho e meditará antes de podermos servir a refeição. - Jitendra aproximou-se de mim outra vez como pássaro de mau agouro.

Eu estava à beira de um colapso. Meu jovem estômago, desabituado à privação, protestava com vigor corrosivo. Imagens que eu vira, de vítimas da fome, repassavam diante de mim como almas penadas.

"O próximo falecimento por inanição em Benares é previsto para este eremitério, e agora mesmo", pensei. A ameaça condenatória foi sustada às vinte e uma horas. Enfim, soava a convocação para a ambrosia! Em minha memória, permanece nítida aquela refeição noturna, como uma das horas perfeitas de minha vida.

A absorção intensa não me impediu de observar que Dayananda comia, com o espírito ausente. Ele estava, evidentemente, acima de meus prazeres grosseiros.

- Swâmijí, o senhor não tinha fome? - Venturosamente saciado, eu me encontrava a sós com o dirigente em sua sala de estudos.

- 01), sim - respondeu ele. - Passei os últimos quatro dias sem comer nem beber. Nunca me alimento nos trens, saturados, como estão, de vibrações heterogêneas de gente mundana. Observo rigorosamente as regras shástricas[74] dos monges de minha Ordem. Certos problemas nossos, de organização de nosso trabalho, permanecem em minha mente. Esta noite, negligenciei meu jantar. Por que a pressa? Amanhã tratarei de fazer uma refeição mais completa.

Minha vergonha era tanta que me sufocou. Mas o dia de tortura que eu passara não fora tão facilmente esquecido; arrisquei outro comentário:

- Swâmijí, sinto-me embaraçado em seguir suas instruções. Supondo que eu nunca peça e que ninguém me dê comida, morrerei de inanição.

- Pois então morra! - Este conselho alarmante explodiu no ar. - Morra se for preciso, Mukunda! jamais acredite que você vive pelo poder do alimento e não pelo poder de Deus! Ele, o criador de toda espécie de nutrição, Ele, que conferiu o apetite, providenciará os víveres para Seu devoto. Não pense que é o arroz que o sustenta, nem que o dinheiro ou os homens garantem sua subsistência. Poderiam eles ajudá-lo se Deus lhe retirasse o sopro da vida? Eles são apenas instrumentos divinos. É por alguma habilidade sua que a comida digere em seu estômago? Use a espada de seu discernimento, Mukunda! Corte os elos dos agentes intermediários, e perceba a Causa única!

Senti estas incisivas palavras me penetrarem até a medula dos ossos. Desvanecia-se uma secular ilusão de que os imperativos do corpo suplantam os da alma. Naquela hora e lugar, saboreei a integral suficiência do Espírito. Em quantas cidades estrangeiras, em minha vida posterior de viagens incessantes, tive ocasião de pôr à prova a serventia desta lição, aprendida num eremitério de Benares!

[74] Pertencente aos shastras, literalmente, "livros sagrados", compreendendo quatro classes de escrituras: "shrútí, smáti, purâna e tântra. Estes tratados abrangem todos os aspectos da vida religiosa e social, os campos do direito, medicina, arquitetura, arte, etc. Os shrútis são os Vedas, escrituras "diretamente ouvidas" ou "reveladas". Smátis ou lendas "rememoradas"vieram a ser escritas num passado remoto, sob a forma do mais longo dos poemas épicos, o Mnhábhárata e o Ramayâna. Os dezoito Purânas são, ao pé da letra, "alegorias antigas"; tântras literalmente significam "ritos"ou "rituais": estes tratados transmitem verdades profundas sob o véu de um minucioso simbolismo.

O único tesouro que me acompanhou desde Calcutá foi o talismã de prata do **sádhu**, legado a mim por mamãe. Guardando-o durante anos, eu o tinha agora cuidadosamente escondido em meu quarto do ásbram. Para renovar minha alegria com o testemunho do amuleto, abri, certa manhã, a caixa fechada. A cobertura estava intacta, mas o talismã havia desaparecido. Com pesar, rasguei seu invólucro e certifiquei-me, inequivocamente. De acordo com a predição, desvanecera-se no éter donde o **sádhu** o fizera vir.

Minhas relações com os discípulos de Dayananda pioraram constantemente. Os residentes se indispunham comigo, feridos com meu decidido isolamento. Aderindo rigorosamente à meditação no verdadeiro Ideal - e por este eu deixara meu lar e todas as ambições mundanas - eu atraía críticas superficiais de todos os lados.

Dilacerado de angústia espiritual, entrei certa madrugada no sótão, resolvido a orar até que uma resposta me fosse concedida.

- Misericordiosa Mãe do Universo, ensina-me Tu mesma através de visões ou através de um guru enviado por Ti!

Horas decorreram sem que minhas súplicas, pontilhadas de soluços, tivessem resposta. De súbito, senti-me como se fosse erguido corporalmente a uma esfera ilimitada.

"Teu Mestre vem hoje! "- Uma celeste voz feminina veio de todas as partes e de parte nenhuma.

A sublime experiência foi interrompida por um grito proveniente de lugar definido. Um jovem clérigo, com o apelido de Habu, chamava-me da cozinha ao rés do chão.

- Mukunda, chega de meditação! Precisam de você para uma incumbência.

Em outro dia, eu teria, provavelmente, respondido com impaciência; agora, enxuguei minha face entumecida pelas lágrimas e mansamente obedeci à intimação. juntos, Habu e eu símos para um distante mercado, na seção bengali de Benares. O sol inclemente da índia ainda não chegara ao zênite, enquanto fazíamos nossas compras nos bazares. Abríamos caminho através da colorida miscelânea de donas de casa, guias, sacerdotes, viúvas trajadas com simplicidade, brâmanes com ar de dignidade e ubíquos touros sagrados. Enquanto Habu e eu prosseguíamos, voltei minha cabeça para examinar uma viela estreita, imperceptível.

Um homem de aspecto crístico, em suas roupas ocres de swâmi, permanecia imóvel no fim da viela. Pareceu-me instantaneamente, e há muito tempo, familiar; por um momento, meu olhar ávido demorou-se nele. Em seguida, a dúvida me assaltou.

"Você está confundindo este monge errante com alguém conhecido", pensei. "Sonhador, continue seu caminho."

Dez minutos depois, senti em meus pés uma dormência pesada. Como se tivessem virado pedra, eram incapazes de me levar adiante. Laboriosamente dei meia volta; meus pés reconquistaram a normalidade. Voltei-me na direção oposta; de novo, o curioso peso me reteve.

"O santo está me atraindo magneticamente!" Com este pensamento, empilhei meus pacotes nos braços de Habu. Ele estivera observando com assombro minhas caminhadas erráticas e agora estourava de riso.

- Que tem você? Ficou louco?

Um tumulto de emoções impedia-me qualquer réplica; em corrida veloz, afastei-me silenciosamente.

Voltando atrás em meus passos como se estivesse calçado com asas, atingi a estreita viela. Meu rápido olhar descobriu a tranqüila figura que olhava firmemente em minha direção. Alguns passos ansiosos e eu estava a seus pés.

- Gurudeva![75] - Sua face divina era a mesma que eu vira em milhares de visões. Estes olhos de alcíone, numa cabeça leonina com barba em ponta e mechas de cabelo flutuante, haviam freqüentemente assomado na escuridão de meus devaneios noturnos, penhor de uma promessa que eu não compreendera inteiramente.

[75] "Mestre divino", termo sânscrito que designa, especificamente, o preceptor espiritual do devoto. Em inglês, traduzi-o simplesmente por "Master", "Mestre".

- Você que é meu, você veio a mim! - Meu guru pronunciou estas palavras repetidas vezes, em bengali, com a voz trêmula de júbilo. Há quantos anos esperei por você!

E nós nos sumimos em silenciosa unificação; as palavras nos pareciam da mais grosseira superfluidade, A eloqüência fluía em cântico insonoro do coração do mestre ao do discípulo. Com uma antena de incontestável percepção interior, senti que meu guru conhecia Deus e me levaria até Ele. A obscuridade de minha presente vida desvaneceu-se numa frágil madrugada de memórias pré-natais. O tempo é um drama cujos três atos, passado, presente e futuro, são cíclicos. recorrentes. Este não era o primeiro sol que me surpreenderia prostrado ante aqueles santos pés.

Com minha mão na sua, meu guru conduziu-me à sua residência temporária, na seção Rana Mahal da cidade. Sua figura atlética se movia com passo firme, Alto, ereto, naquela época com 55 anos, era ativo e vigoroso como um jovem. Seus olhos escuros eram grandes, belos, de sabedoria insondável. O cabelo levemente ondulado suavizava uma face de absoluto poderio. A força mesclava-se sutilmente com a gentileza.

Enquanto nos aproximávamos do terraço de pedra de uma casa sobranceira ao Ganges, ele me disse afetuosamente:

- Eu lhe darei meu eremitério e tudo quanto possuo.

- Senhor, vim para obter sabedoria e percepção de Deus. Estes são, de seus tesouros, os que busco!

O rápido crepúsculo da índia tingiu-se de meias-tintas, antes que meu mestre falasse outra vez. Seus olhos concentravam insondável ternura.

- Dou-lhe meu amor incondicional.

Palavras preciosas! Um quarto de século decorreu antes que eu tivesse outra prova verbal de seu amor. Seus lábios eram estranhos à veemência; o silêncio condizia com seu coração oceânico.

- Você me dará o mesmo incondicional amor? - Ele demorou em mim os olhos cheios de infantil confiança.

- Amá-lo-ei eternamente, Gurudeva!

- O amor comum é egoísta, obscuramente enraizado em desejos e satisfações. O amor divino é incondicional, ilimitado, imutável. As volubilidades, do coração humano desaparecem para sempre ao toque extasiante do puro amor. - Ele acrescentou humildemente: - Se algum dia você assistir à minha queda do estado de percepção de Deus, por favor, prometa-me colocar minha cabeça em seu colo e ajudar-me a voltar ao Amado Cósmico que ambos adoramos.

Ergueu-se, então, na sombra que se adensava, e guiou-me a uma das peças no interior da casa. Enquanto comíamos mangas e doces de amêndoas, foi discretamente entremeando, em sua conversação, um conhecimento íntimo de minha natureza. Eu me sentia maravilhado com a grandeza de sua sabedoria e seu delicado matiz de inata humildade.

- Não se aflija por seu amuleto. Ele serviu a seu propósito.

Como um espelho divino, meu guru captara claramente o reflexo de minha vida inteira,

A realidade palpitante de sua presença, Mestre, é uma alegria ,que transcende qualquer símbolo.

- É tempo de mudança, visto que se acha descontente em seu eremitério.

Eu não fizera quaisquer referências à minha vida- elas, agora. pareciam supérfluas! Entendi, por seu comportamento natural, destituído de ênfase, que ele não queria manifestações de assombro por sua clarividência.

- Você deveria voltar a Calcutá. Por que excluir os parentes de seu amor à humanidade?

Sua sugestão me consternou. Minha família andava predizendo meu regresso, apesar de eu não ter respondido a numerosas súplicas feitas por carta. “Deixem o filhote de pássaro voar nos céus metafísicos”, comentara Ananta. “Suas asas se fatigarão na atmosfera densa Ainda o veremos, em vôo descendente em direção ao lar, fechar o leque das asas e humildemente pousar no ninho da família.”Com esta desalentadora imagem bem viva em minha mente, eu estava resolvido a não executar qualquer “parafuso”em Calcutá.

- Senhor, não voltarei ao lar. Seguí-lo-ei, porém, a qualquer parte. Por favor, dê-me seu nome e endereço.

- Swâmi Sri Yuktéswar Gíri. Meu eremitério principal está em Serampore, na rua de Rai Ghat. Estou aqui, apenas durante alguns dias, em visita à minha mãe.

Maravilhei-me do intrincado jogo de Deus com Seus devotos. Serampore dista somente vinte quilômetros de Calcutá e, naquelas regiões, entretanto, eu nunca percebera um vislumbre de meu guru. Para que nosso encontro se desse, tivéramos de viajar à antiga cidade de Kasi (Benares), santificadas pelas recordações de Láhiri Mahásaya. Também os pés de Buda, Shânkarachárya[76] e muitos outros Cristos iogues haviam abençoado aquele solo.

Guardei obstinado silêncio. Rápido, meu guru percebeu minha dificuldade.

- Pensa que seus parentes se rirão de você? - Não voltarei.

- Voltará dentro de trinta dias. - Nunca.

Sem aliviar a tensão desta controvérsia, inclinei-me reverentemente a seus pés e parti. Caminhando na escuridão da meia-noite, de volta ao eremitério, admirei-me de que o encontro miraculoso houvesse terminado com uma nota desarmônica. Os dois pratos da balança de **máya** que equilibram toda alegria com uma dor! Meu jovem coração não era ainda maleável sob os dedos transformadores de meu guru. Na manhã seguinte, notei hostilidade crescente na atitude dos membros do eremitério. Cravavam de pregos os meus dias com invariável rudeza. Três semanas decorreram; Dayananda, então, partiu do **áshram** para assistir a uma conferência em Bombaim. O inferno desabou sobre minha desventurada cabeça.

- Mukunda é um parasita, aceitando a hospitalidade do eremitério sem retribuir adequadamente. - Ouvindo este comentário, lamentei pela primeira vez haver obedecido à solicitação de devolver meu dinheiro a papai. Com o coração oprimido, procurei meu amigo Jitendra.

- Vou-me embora. Por favor, transmita minha excusas respeitosas e Dayanândají, quando ele voltar.

- Partirei também! Minhas tentativas para meditar aqui não foram mais felizes que as suas. - Jitendra expressou-se com determinação.

- Encontrei um sábio semelhante a Cristo. Vamos visitá-lo em Serampore.

E assim o “pássaro” preparou-se para a “descida vertiginosa” perigosamente perto de Calcutá!

---

[76] Shânkarachárya (Shânkara), o maior filósofo da índia, foi discípulo de Govinda Játi e do guru deste último, Gandápada. Shânkara escreveu um famoso comentário ao tratado Mandúkya Kárika, de autoria de Gandípada. Usando de lógica irretorquível e num estilo de graça e encanto, Shânkara interpretou os Vedas com espírito rigorosamente adváita (não-dualista, monista). O grande monista também compôs poemas de amor devocional.
Sua Prece à Mãe Divina para o Perdão dos Pecados leva o estribilho: “Apesar de os maus filhos serem muitos, nunca houve uma só mãe que fosse má.
Sanândana, discípulo de Shânkara, escreveu um comentário sobre os Brahma Sutras (filosofia Vedanta). O manuscrito foi destruído pelo fogo, mas Shânkara (que o percorrera com olhar rápido, uma única vez) repetiu-o, palavra por palavra, para seu discípulo. O texto, conhecido como Pânchapadíka, é estudado por eruditos até hoje.
O discípulo Sandândana recebeu um novo nome, depois de lindo incidente. Sentado, certo dia, à margem de um rio, ouviu que Shânkara o chamava da margem oposta. No mesmo instante, Sanândana entrou na água. Sua fé e seus pés foram simultaneamente amparados quando Shânkara materializou, no rio em torvelindo, uma série de flores de lótus. Desde então, o discípulo tornou-se conhecido como Pádmapáda, “pés de lótus”.
No Pânchapadíka, Pádmapáda oferece muitos tributos de amor a seu guru. O próprio Shânkara escreveu as seguintes linhas de beleza: “Nenhuma comparação existe, nos três mundos, adequada a um verdadeiro guru. Se a pedra filosofal pudesse verdadeiramente ser o que se pretendeu, apenas poderia transformar o ferro em ouro, nunca se transformar em outra pedra filosofal. O mestre venerado, ao contrário, faz, do discípulo que se refugia a seus pés, um outro mestre. O guru é, pois, incomparável, isto é, transcendental.” (Cerinária de Versos, 1).
Shânkara foi uma rara combinação de santo, erudito e homem de ação. Apesar de ter vivido apenas 32 anos, muito de seu tempo foi despendido em viagens árduas a todos os recantos da índia, propagando sua doutrina adváita. Milhares de pessoas reuniam-se ansiosas de ouvir o confortador fluxo de sabedoria dos lábios do jovem monge descalço.
O zelo reformador de Shânkara incluiu a reorganização da veneranda Ordern Monástica dos Swâmis (ver capítulo 24). Também fundou maffis (centros educacionais monásticos) em quatro localidades - Mysore ao sul, Puri a leste, Dwaraka a oeste e Badrinath ao norte himalaico.
Os quatro maffis do grande monista, recebendo doações liberais de príncipes e gente do povo, davam instrução gratuita em gramática sânscrita, lógica e filosofia Vedanta. O objetivo de Shânkara, ao localizar seus maffis nos quatro cantos da índia, foi a promoção da unidade religiosa e nacional cio vasto país. Hoje, como no passado, o hindu piedoso encontra quarto e mesa, de graça, em choultríes e sattrarns (pousadas ao longo das estradas de peregrinação), mantidas por benfeitores públicos.

Capítulo 11 - Dois jovens sem dinheiro em Brindában

Você mereceria que papai o deserdasse, Mukunda! Que tonto é, desperdiçando a vida! - Um sermão de irmão mais velho me agredia os ouvidos.

Jítendra e eu, recém-saídos do trem e cobertos de poeira, tínhamos chegado ao lar de Ananta, recentemente transferido de Calcutá para a velha cidade de Agra. Meu irmão era auditor no Departamento de Obras Públicas do Governo.

- Você bem sabe, Ananta, que procuro minha herança do Pai Celeste.

- Em primeiro lugar, o dinheiro; Deus pode vir depois! Quem sabe? A vida pode ser muito longa.

- Deus, em primeiro lugar; o dinheiro é Seu escravo! Quem sabe? A vida pode ser muito curta.

Minha réplica fora provocada pelas circunstâncias, e não a apoiava nenhum pressentimento (ai de mim, a vida de Ananta, de fato, terminaria em breve![77]

- Sabedoria adquirida no eremitério, suponho! Mas vejo que abandonou Benares. - Os olhos de Ananta tinham lampejos de satisfação; ele ainda esperava fechar o leque de minhas asas no ninho da família.

- Minha permanência em Benares não foi infrutífera! Ali encontrei tudo o que meu coração ansioso buscava! Pode estar certo de que não eram seu erudito e mais o filho!

Ananta acompanhou-me numa gargalhada de reminiscência; ele tivera de admitir que o "clarividente" de Benares, seu escolhido, dera provas de ser míope.

- Quais são seus planos, meu errante irmão?

- Jitendra persuadiu-me a vir até Agra. Contemplaremos aqui as belezas do Taj Mahal[78] - expliquei. - Depois iremos ver meu guru, a quem recentemente encontrei, e cujo eremitério se localiza em Serarripore.

Ananta hospitaleiramente cuidou de nos alojar com todo conforto. Diversas vezes, durante a, noite, percebi seus olhos fixos em mim pensativamente.

"Conheço esse olhar' ", pensei. "Está tramando uma cilada!"

A trama urdida chegou a seu desfecho durante nossa primeira refeição na manhã seguinte.

- Você, então, se sente muito independente da riqueza de papai.

O olhar de Ananta expressava inocência enquanto ele voltava às farpas da conversação do dia anterior.

- Estou consciente de minha dependência de Deus.

- Falar é fácil! A vida lhe serviu de escudo até agora! Mas que situação de apuro se você fosse obrigado a recorrer à Mão Invisível para seu alimento e abrigo! Logo estaria mendigando nas ruas!

- Nunca! Não depositaria minha fé nos transeuntes em vez de colocá-la em Deus! Ele pode conceber para Seu devoto milhares de recursos, além da escudela de mendigo!

- Mais retórica! Suponhamos que eu sugira seja a bazófia de sua filosofia posta à prova neste mundo tangível ...

- Eu concordaria! Você confina Deus a um mundo especulativo?

- Veremos. Hoje, você terá oportunidade, ou de ampliar, ou de confirmar meu próprio ponto de vista! - Ananta fez uma pausa durante um dramático momento; em seguida, falou devagar e seriamente:

- Proponho enviá-lo, com seu condiscípulo Jitendra, esta manhã, para a vizinha cidade de Brindáhan. Você não deve levar uma só rúpia; não devo mendigar nem alimento nem dinheiro; não deve revelar sua situação a ninguém; não deve passar sem refeições; não deve encalhar em Brindáhan; se voltar aqui, à minha casa, antes da meia noite, sem haver violado uma só regra do teste, serei o homem mais espantado de Agra!

---

[77] Ver capítulo 25.
[78] Mausoléu mundialmente famoso.

Aceito o desafio! - Nenhuma hesitação havia em minhas palavras ou em meu coração. Gratas lembranças da Beneficência Instantânea reverberavam em minha memória: minha cura de cólera mortal através do apelo à fotografia de Láhiri Mahásaya; o jocoso presente dos dois papagaios no terraço de Lahore; o amuleto oportuno durante o desânimo em Bareilly; a mensagem decisiva por intermédio do sádhu que se aproximou do pátio do erudito em Benares; a visão da Mãe Divina e Suas sublimes palavras de amor; Sua rápida atenção, através de Mestre Mahásaya, a meus pequeninos aborrecimentos; a orientação de última hora, que materializou meu diploma de escola secundária; e a derradeira bênção, meu Mestre vivente, emergido da bruma dos sonhos de toda a minha vida. Nunca eu admitiria a insuficiência de minha "filosofia", em qualquer embate, no áspero campo de provas do mundo!

- Sua disposição é crédito a seu favor. Vou escoltá-lo até o trem imediatamente - disse Ananta. E voltando-se para o boquiaberto.

Jitendra: - Você deve ir junto: como testemunha e, provavelmente, co-vítima!

Meia hora depois, Jitendra e eu estávamos de posse das passagens de ida, para a viagem. Submetemo-nos, num canto retirado da estação, ao exame de nossas pessoas. Ananta prontamente se satisfez porque não carregávamos valores ocultos; nossos simples **dhótis**[79] não escondiam mais do que o necessário.

Como a fé se imiscuía no inundo sério das finanças, meu amigo protestou: - Ananta, dê-me uma ou duas rúpias como medida de cautela, Então, poderei telegrafar-lhe em caso de infortúnio.

- Jitendra! - Minha exclamação foi de aguda censura. - Não continuarei com o teste, se você levar dinheiro para nos garantir em último caso.

-- Algo de tranqüilizador existe no tilintar das moedas. - Jitendra nada mais acrescentou porque o encarei severamente.

- Mukunda, não sou destituído de coração. - Um toque de humildade insinuara-se na voz de Ananta. É possível que sua consciência o afligisse; talvez por enviar dois jovens sem dinheiro a uma cidade desconhecida; talvez devido a seu próprio ceticismo religioso. - Se, por qualquer acaso ou graça, você passar com sucesso pelo ordálio de Brindában, pedir-lhe-ei que me aceite como seu discípulo.

Em consonância com a situação não-convencional, esta promessa continha certa irregularidade. O irmão mais velho numa família hindu raramente se inclina ante os mais novos; recebe respeito e obediência, em segundo lugar, logo depois do pai. Não restava tempo, entretanto, para meu comentário; nosso trem ia partir.

Jitendra manteve um silêncio lúgubre, enquanto o trem cobria a distância. Finalmente, meu amigo se moveu; inclinando-se, beliscou-me dolorosamente em lugar sensível.

- Não vejo sinal algum de que Deus nos vai fornecer nossa próxima refeição!

- Aquiete-se, incrédulo Tomás; o Senhor está trabalhando a nosso favor.

- Você não pode fazer que Ele se apresse? já estou esfomeado, só ao considerar as perspectivas diante de nós. Deixei Benares para ver o mausoléu do Taj, não para entrar no meu próprio!

- Anime-se, Jitendra! Não estamos prestes a ter nosso primeiro vislumbre das sagradas maravilhas de Brindában?[80] Sinto profunda alegria ao pensamento de pisar o solo santificado pelos pés do divino Krishna.

A porta de nosso compartimento abriu-se; dois homem tomaram assento. A próxima parada do trem seria a última,

- Jovens, vocês têm amigos em Brindában? - O desconhecido, defronte a mim, revelava um interesse surpreendente.

- Não é de sua conta! - desviei rudemente o olhar.

- Estão provavelmente fugindo de suas famílias sob a magia do Ladrão de Corações[81]. Eu próprio sou um temperamento devocional. Constitui, positivamente, meu dever, velar para que recebam alimento e abrigo neste calor fortíssimo.

---

[79] Dbáti, peça de roupa amarrada em torno da cintura, cobrindo as pernas.
[80] Bríndában, às margens do rio Junna, é a Jerusalém dos indianos Ali o avatar Sri Krisbria manifestou todo a sua glória em benefício da humanidade.
[81] Hári: um nome afetuoso, atribuído ao Senhor Krishna por seus devotos.

- Não, deixe-nos sozinhos. O senhor é muito amável, mas se engana se nos julga vadios fugindo de casa.

Isto encerrou a conversação. O trem parou. Quando Jitendra e eu descemos à plataforma, nossos companheiros ocasionais nos tomaram pelo braço e chamaram um veículo de tração animal.

Apeamos em frente a um eremitério majestoso, situado entre árvores, sempre verdejantes, de canteiros bem conservados. Percebia-se que nossos benfeitores eram conhecidos ali; um sorridente jovem nos guiou sem comentário a uma sala de recepção. Logo se reuniu a nós uma senhora idosa, de nobre porte.

- Gaurí Ma, os príncipes não puderam vir. - Um dos homens dírigiu-se à hospedeira do áshram. - No último instante, seus planos foram alterados; eles enviam sentidas desculpas; mas trouxemos outros dois hóspedes. Assim que nos encontramos no trem, senti atração, por eles, devotos do divino Krishna.

- Adeus, jovens amigos, - Nossos dois conhecidos caminharam em direção à porta. - Se Deus quiser, nos encontraremos outra vez.

- Sejam benvindos aqui. - Gaurí Ma sorriu maternalmente.

Não poderiam ter chegado em melhor dia. Eu esperava dois benfeitores de sangue real, patronos deste eremitério. Que lástima se os alimentos que cozinhei não achassem ninguém para apreciá-los!

Estas amáveis palavras tiveram efeito surpreendente sobre Jitendra: ele desatou em lágrimas. As “perspectivas” que meu amigo temera encontrar em Brindában estavam se convertendo em entretenimento de reis; o repentino ajustamento mental era demasiado forte para ele. Nossa anfitriã mirou-o com curiosidade, mas sem comentário; talvez estivesse familiarizada com caprichos de adolescentes.

O almoço foi anunciado; Gaurí Ma nos precedeu em caminho para um pátio, saturado de aromas apetitosos, onde a refeição seria servida. Ela desapareceu numa cozinha próxima.

Eu premeditara este momento. Escolhendo o local apropriado no corpo de Jitendra, dei-lhe um beliscão tão doloroso como o que ele me dera no trem.

- Incrédulo Tomás, o Senhor Deus trabalha - e depressa também!

A anfitriã reentrou com um púnkha (leque). Ela firmemente nos abanou à moda oriental, enquanto cruzávamos as pernas em assentos de mantas com ornamentos. Discípulos do ásbram iam e vinham, servindo cerca de trinta pratos. Em vez de “refeição”, eu deveria descrevê-la como “suntuoso banquete”. Desde que chegamos a este planeta, Jitendra e eu nunca antes provamos tais iguarias.

- Realmente, pratos dignos de príncipes, Honrada Mãe! Não posso imaginar que atividade seus régios benfeitores encontraram mais urgente que comparecer a este banquete! A senhora nos proporcionou uma recordação para o resto da vida!

Obrigados ao silêncio pelas condições impostas por Ananta, não podíamos explicar à bondosa senhora que nossos agradecimentos tinham duplo significado. Nossa sinceridade, pelo menos, era patente. Partimos com sua bênção e um convite atraente para revisitar o eremitério.

Fora, o calor era impiedoso. Meu amigo e eu procuramos o abrigo de majestosa árvore de cadamba, na porta do ásbram. Seguiu-se um diálogo acerbo. Jitendra, de novo, achava-se perturbado por apreensões.

- Em que bela embrulhada você me meteu! Nosso almoço foi apenas um incidente de boa sorte! Como poderemos ver os aspectos interessantes desta cidade sem termos conosco uma única moeda? E como vai me levar de volta à casa de Ananta?

- Você esquece Deus rapidamente, agora que seu estômago está cheio. - Minhas palavras, sem serem amargas, eram acusatórias. Como é curta a memória humana para os favores divinos! Nenhum homem vivo deixou de ver respondidas algumas de suas preces.

- Não me disponho a esquecer minha loucura ao me aventurar em viagem com um doido como você!

- Cale-se, Jitendra! O mesmo divino Senhor que nos alimentou nos mostrará Brindában e nos devolverá a Agra.

Um jovem delgado, de agradável aparência, aproximou-se a passos rápidos. Parando sob nossa árvore, curvou-se diante de mim.

- Querido amigo, o senhor e seu companheiro devem ser estranhos aqui. Permita-me que seja seu anfitrião e guia.

É quase impossível a um hindu empalidecer, mas a face de Jitendra mostrou, de súbito, uma cor desmaiada. Recusei cortesmente o oferecimento.

- Não, não pode ser que me dispense. - O alarme do desconhecido teria sido cômico em outras circunstâncias.

- Por que não?

- O senhor é meu guru. - Seus olhos buscaram os meus confiantemente. - Durante minhas devoções do meio dia, o bendito Senhor Krishna apareceu-me em visão. Mostrou-me duas figuras desamparadas sob esta mesma árvore. Uma face era a sua, meu mestre! Eu a vi freqüentemente em meditação! Que alegria se aceitasse meus humildes serviços!

- Eu também me alegro de que me haja encontrado. Nem Deus nem o homem nos desamparam! - Embora eu estivesse imóvel, sorrindo para o rosto ansioso diante de mim, uma obediência interna prostrou-me ante os Pés Divinos.

- Queridos amigos, não me darão a honra de se hospedarem em minha casa?

- Você é amável; mas o plano é inexequível. já somos hóspedes de meu irmão em Agra.

- Pelo menos, me deixarão a lembrança de haver percorrido Brindában em sua companhia.

Consenti com alegria. O jovem, cujo nome era Pratap Chatterji, chamou uma carruagem. Visitamos o Templo Madananchana e outros santuários de Krishna. A noite desceu antes de terminarmos nossas devoções no templo.

- Com licença, vou ver se consigo sandesh[82]. - Pratap entrou em uma loja na estação ferroviária. Jitendra e eu vagamos ao longo da ampla rua, agora repleta de gente na relativa amenidade da noite. Nosso amigo ausentou-se por algum tempo, mas retornou com presentes de doces e guloseimas.

_ Por favor, permita que eu ganhe este mérito religioso. -Pratap sorriu suplicante enquanto estendia um maço de rúpías em notas e duas passagens, recém-compradas, para Agra.

Aceitando-os, minha reverência dirigiu-se à Mão Invisível que, escarnecida por Ananta, excedera-se em generosidade.

Procuramos um lugar solitário perto da estação.

- Pratap, ínstruí-lo-ei na Kriya de Láhíri Mahásaya, o maior iogue dos tempos modernos. A técnica dele será seu guru.

A iniciação terminou em meia hora. - Kriya é seu chíntárnani[83] disse eu ao novo discípulo. - A técnica, que é simples como vê, incorpora a arte de apressar a evolução espiritual do homem. As Escrituras hindus ensinam que o ego reencarnante requer um milhão de anos para obter a liberação de máya. Este período natural é grandemente encurtado por Kriya Yoga. Assim como o crescimento das plantas pode ser acelerado muito além de seu ritmo normal, como Jâgadís Chandra Bose demonstrou, também o desenvolvimento psicológico do homem pode ser apressado por meios científicos. Seja assíduo em suas práticas; alcançará o Guru de todos os gurus.

- Sinto arrebatamento ao encontrar esta chave de ioga, procurada há longo tempo! - disse Pratap pensativamente. - Seu efeito desobstrutivo sobre as limitações sensoriais me deixará livre para ingressar em esferas superiores. A visão do Senhor Krishna, hoje, só poderia significar o meu maior bem.

Sentamos por um instante em silenciosa compreensão; depois, caminhamos lentamente para a estação. A alegria me inundava ao tomar o trem, mas este foi um dia de lágrimas para Jitendra. Meu afetuoso adeus a Pratap foi pontuado por soluços abafados de meus dois companheiros. A viagem novamente encontrou Jítendra a revolver-se em descontentamento - desta vez, contra si mesmo.

- Superficial é a minha confiança; meu coração tem sido de pécra! Nunca, no futuro, duvidarei da proteção de Deus.

Aproximava-se a meia noite. As duas “Cinderelas”, enviadas sem dinheiro, entraram no quarto de Ananta. Tal como ele irrefletidamente predissera, suas feições eram um estudo sobre o espanto. Em silêncio, espalhei sobre a mesa as rúpías em notas.

---

[82] Um doce hindu.
[83] Pedra preciosa mitológica com poder de realizar os desejos; é, também, um dos nomes de Deus.

- Jitendra, a verdade! - O tom de Ananta era de gracejo. Este jovem não esteve participando de um assalto?

À medida, porém, que a narrativa prosseguia, meu irmão tornou-se sério e, por fim, solene,

- A lei de oferta e procura atinge reinos mais sutis do que julguei.

Ananta falou com um entusiasmo espiritual que eu nunca antes observara nele. - Compreendo pela primeira vez sua indiferença aos cofres-fortes e às vul,,ares acumulações do mundo.

Apesar de tarde, meu irmão insistiu em receber díksha[84] em Kriya Yoga. O "guru"Mukunda teve, na mesma noite, de arcar com a responsabilidade de dois "discípulos"não-procurados.

Nossa primeira refeição, na manhã seguinte, decorreu tiuma harrrionia que estivera ausente da anterior.

Sorri para Jitendra. - Você não será logrado em seu desejo de visitar o Taj. Vamos contemplá-lo antes de partir para Serampore.

Despedindo-nos de Ananta, meu amigo e eu logo nos achamos diante da glória de Agra, o Taj Malial. Em mármore branco, ofuscante sob o sol, ergue-se como visão de pura simetria. Há um cenário perfeito de ciprestes escuros, gramados lustrosos e lagoa tranqüila. O interior é primoroso, esculpido à semelhança de rendas e incrustado de pedras semipreciosas. Delicadas grinaldas e volutas emergem intrincadamente de mármores em cores marrom e violeta. A iluminação vem da cúpula e tomba sobre o cenotáfio do Imperador Shah-jehan e sobre * de Muntaz-i-Mahal, rainha de seu império e coração.

De turismo, era o bastante. Eu ansiava por meu guru. Jitendra * eu cedo viajamos de trem para o sul, em direção a Bengala.

- Mukunda, não vejo minha família há meses. Mudei de idéia; talvez eu visite seu guru, posteriormente, em Serampore.

Meu amigo, a quem se podia benevolamente descrever como de temperamento vacilante, separou-se de mim em Calcutá. Tomando um trem, em breve atingi Serampore, cerca de vinte quilômetros ao norte.

Estremeci de maravilhamento ao dar-me conta de que vinte e oito dias haviam transcorrido desde o encontro com meu guru em Benares. "Você virá a mim dentro de quatro semanas! "E aqui estava eu, o coração palpitante, de pé, dentro de um pátio, na tranqüila rua de Rai Ghat. Entrei pela primeira vez no eremitério onde passaria a melhor porte dos dez anos seguintes, com o Jnânavatár ("encarnação da sabedoria") da Índia.

[84] Iniciação espiritual; da raiz do verbo sânscrito diksh, consagrar-se.

Capítulo 12 - Anos no eremitério de meu Mestre

Você veio. - Srí Yuktéswar cumprimentou-me, da pele de tigre onde estava sentado, no chão de uma sala de estar que se abria em sacada. Sua voz era fria, seu comportamento sem emoção.

- Sim, querido Mestre, aqui estou para segui-lo. – Ajoelhando-me, toquei-lhe os pés.

- Seguir-me, como? Você não toma conhecimento de meus desejos.

- Não doravante, gúrují! Seu desejo será minha lei.

- Assim é melhor. Posso agora assumir responsabilidade por sua vida.

- De boa vontade lhe transfiro este peso, Mestre.

- Meu primeiro pedido, então, é que volte ao lar, à sua família Quero que ingresse na faculdade em Calcutá. Sua educação devera continuar.

- Muito bem, senhor. - Escondi minha consternação. Livros importunos continuariam a perseguir-me durante anos? Primeiro papai, agora Sri Yuktéswar!

- Algum dia, você irá ao Ocidente. Seu povo será mais receptivo à antiga sabedoria da índia, se o desconhecido instrutor hindu tiver um grau universitário.

- O senhor sabe o que é melhor, gúrují. - Minha tristeza evaporou-se. A referência ao Ocidente pareceu-me enigmática e remota; mas a oportunidade de agradar a meu Mestre pela obediência era imediata e vital.

- Você estará perto, em Calcutá; venha aqui sempre que achar tempo.

- Todos os dias, se possível, Mestre' Aceito, agradecido, sua autoridade em todos os detalhes de minha vida - com uma condição.

- Qual?

- Quero sua promessa de que me revelará Deus.

Seguiu-se uma hora de serena discussão. A palavra de um Mestre não pode ser falsificada; não é dada levianamente. As implicações à garantia que eu suplicava abriam vastas perspectivas metafísicas. Um guru deve encontrar-se realmente em termos íntimos com o Criador antes de poder obrigá-lo a aparecer! Percebi a unidade de Sri Yuktéswar com Deus e estava resolvido, como discípulo seu, a aproveitar minha vantagem.

- Você tem a disposição exata! - Então, o consentimento do Mestre compassivo soou afinal:

- Seja seu desejo o meu desejo.

Uma sombra que perdurara a vida inteira sumiu de meu coração. A vaga procura, de cá para lá, tinha chegado ao fim. Eu encontrara abrigo eterno em um verdadeiro guru.

- Venha, mostrar-lhe-ei o eremitério. - O Mestre levantou-se de seu tapete de pele de tigre. Olhando ao redor, notei, numa parede, um retrato enfeitado com um raminho de jasmim,

Láhiri Mahásaya! - disse eu, atônito.

Sim, meu divino guru. - O tom de voz de Sri Yuktéswar vibrava de reverência. - Ele foi, como homem e como iogue, maior do que qualquer outro mestre cuja vida entrou em meu campo de

investigação.

Silenciosamente me curvei ante o retrato familiar. As homenagens de minha alma alçaram-se, velozes, para o Mestre incomparável que, abençoando minha infância, tinha guiado meus passos até aquele instante.

Conduzido por meu guru, caminhei pela casa e por seus arredores. Grande, antigo e bem construído, o eremitério era circundado por um pátio e este por um muro de pilares maciços. As paredes externos estavam cobertas de musgo; pombas adejavam sobre o telhado horizontal e cinzento, compartilhando, sem cerimônias, do áshram. Atrás, um horto aprazível apresenta árvores frutíferas, mangueiras e bananeiras.

Os quartos superiores tinham balcões com balaustrada e abriam-se para o pátio, em três das faces do edifício, que possuía andar térreo e superior. Um espaçoso salão térreo, de teto alto sustentado por colunas, era usado, informou-me o Mestre, principalmente durante as festividades anuais de Durgapuja[85]. Uma escada estreita levava à sala de estar de Sri Yuktéswar, cuja pequena sacada abria para a rua. O áshram estava mobiliado com o necessário; tudo era simples, limpo e útil; viam-se diversas cadeiras, bancos e mesas em estilo ocidental.

O Mestre convidou-me para passar a noite ali. Um jantar de legumes temperado com caril nos foi servido por dois jovens discípulos que recebiam treinamento espiritual.

_ Gúrují, conte-me, por obséquio, algo de sua vida. - Eu cruzara as pernas numa esteira de palha junto de sua pele de tigre. As estrelas amistosas pareciam muito próximas, pouco além da sacada.

- Meu nome de família foi Pryia Nath Karada Nasci[86] aqui em Serampore, onde meu pai era um próspero homem de negócios. Legou-me esta mansão ancestral, atualmente meu eremitério. Meus estudos formais em escola foram curtos; achei-os lentos e superficiais. Na juventude, assumi as responsabilidades de chefe de família e tive uma filha, agora casada. Na maturidade, fui abençoado pela orientação de Láhiri Mahásaya. Após a morte de minha esposa, ingressei na Ordem dos Swâmis e recebi o novo nome de Sri Yuktéswar Gíri[87]. Tais são os meus simples dados biográficos.

O Mestre sorriu da ansiedade que via em meu rosto. Como todos os esboços biográficos, suas palavras deram os fatos exteriores sem revelar o homem interno.

- Gúrují, eu gostaria de ouvir algumas histórias de sua meninice.

- Algumas lhe contarei: cada uma com sua moralidade! - Os olhos de Sri Yuktéswar cintilavam em advertência. - Minha mãe, certa vez, tentou assustar-me com a medonha estória de um fantasma num quarto escuro. Fui lá imediatamente e exprimi meu desapontamento por não haver encontrado o fantasma. Mamãe nunca voltou a me contar estórias de horror. Moralidade: Encare o medo de frente e ele deixará de perturbá-lo.

"Outra lembrança infantil evoca meu desejo de possuir um cachorro feio que pertencia a um vizinho. Mantive todos em casa num torvelinho, durante semanas, para obter aquele bicho. Meus ouvidos ficaram surdos às ofertas de outros animaizinhos de aparência mais agradável. Moralidade: O apego cega; empresta um halo imaginário de atração ao objeto desejado.

"Uma terceira história refere-se à plasticidade da mente jovem.

Certa vez, ouvi mamãe comentar: 'Um homem que aceita trabalho sob as ordens de alguém é um escravo.' Esta impressão se me gravou tão

indelevelmente que, mesmo após meu casamento, recusei todas as posições. Enfrentei os gastos investindo a herança de minha família em terras. Moralidade: Boas e positivas sugestões deveriam instruir os ouvidos sensitivos das crianças. Suas primeiras idéias perduram como gravuras a água-forte."

O Mestre entregou-se a um silencio imóvel. Por volta de meia-noite, conduziu-me a uma estreita cama de lona. O sono foi profundo e doce naquela primeira noite sob o teto de meu guru.

Sri Yuktéswar escolheu a manhã seguinte para conceder-me sua iniciação em Kriya Yoga. Anteriormente, eu recebera a mesma técnica de dois discípulos de Láhiri Mahásaya: papai e meu instrutor particular de sânscrito, Swâmi Kebalananda. O Mestre, porém, possuía um poder transformante; ao seu toque, uma grande luz abriu caminho em meu ser, como a glória de incontáveis sóis fulgindo juntos. Um dilúvio de beatitude inefável inundou-me o coração até suas mais íntimas profundezas.

Avançara muito a tarde do dia seguinte quando consegui resolver-me a deixar o eremitério.

Ao atravessar a porta de meu lar em Calcutá, realizava-se a profecia de meu Mestre: "Você voltará dentro de trinta dias." Nenhum de meus parentes fez comentários ferinos. Eu temera alusões ao reaparecimento do "pássaro planando em alturas sublimes".

---

[85] "Culto a Durga". Este é o mais importante festival do ano em Bengala e dura nove dias, nos fins de setembro. Imediatamente a seguir, celebra-se durante dez dias o festival de Dashafiara ("Aquele que remove dez pecados"- três do corpo, três da mente e quatro da linguagem). Estes dois cultos ou Pujas são consagrados a Durga, literalmente "A Inacessível", um aspecto da Mãe Divina, Shaktí, personificação da força criadora feminina.

[86] Sri Yuktéswar nasceu em 10 de maio de 1855.

[87] Yuktéswar significa "unido a Ishwara" (um nome de Deus). Gíri é a classificação diferenciatória de um dos dez ramos da antiga ordem dos Svâmis. Sri, para homens e mulheres, significa "sagrado"; não é nome, mas título de respeito.

Subi a meu quartinho no sótão e prodigalizei-lhe olhares afetuosos, como a um ser vivente: - Você foi a testemunha das meditações, lágrimas e tempestades de meus sádhana. Agora atingi o porto de meu divino Mestre.

- Filho, estou contente por nós dois. - Papai e eu sentamos juntos na quietude da noite. - Você achou seu guru, da mesma miraculosa forma em que no passado achei o meu. A sagrada mãe de Láhiri Mahásaya protege nossas vidas. Seu mestre demonstrou ser, não um santo inacessível do Himalaia, mas um homem divino e próximo. Minhas preces tiveram resposta: em sua busca de Deus, você não foi permanentemente afastado de minha vista.

Papai também estava contente por meus estudos formais serem reiniciados; tomou as providências necessárias. Fui matriculado, no dia seguinte, na vizinha Faculdade da Igreja Escocesa, em Calcutá.

Felizes meses transcorreram. Meus leitores, sem dúvida, chegaram à suposição perspicaz de que fui pouco assíduo aos cursos universitários: o eremitério de Serampore era de um fascínio demasiado irresistível. O Mestre aceitou minha constante presença sem comentários.. Para meu alívio, poucas vezes se referia às salas de aula. Embora fosse claro para todos que eu não estava talhado para erudito, arranjava-me, de tempos em tempos, para obter as notas mínimas de aprovação.

A vida quotidiana do áshram fluía suavemente, com variações ocasionais. Meu guru despertava antes da madrugada. Deitado ou, às vezes, sentado no leito, ele entrava em estado de samádhi[88]. Era muito simples descobrir quando o Mestre havia acordado: suspensão brusca de estupendos roncos[89]. Um ou dois suspiros; talvez um movimento do corpo. Em seguida, um estado insonoro, de ausência de respiração: ele se abismara na profunda bem-aventurança do iogue.

Nenhuma refeição de manhã; primeiramente vinha um longo passeio pelas margens do Ganges. Aquelas caminhadas matutinas com meu guru - como são reais e vividas ainda! Na fácil ressurreição da memória, freqüentemente me encontro a seu lado. O sol matinal aquece o rio; a voz de meu guru vibra, em sua riqueza de autêntica sabedoria.

Um banho, e depois a refeição do meio-dia. Seu preparo, de acordo com as instruções diárias de meu Mestre, constituía tarefa cuidadosa de jovens discípulos. Meu guru era vegetariano. Antes de abraçar a vida monástica, entretanto, ele se alimentara de ovos e peixes. Aconselhava os estudantes a seguirem qualquer dieta simples que provsse ser adequada à constituição de cada um.

O Mestre comia pouco; geralmente arroz colorido com açafrão, acompanhado de suco de acelga ou de espinafre, e levemente polvilhado de ghee de búfala (manteiga derretida). No dia seguinte, podia ordenar dhal de lentilhas ou caril de chariná[90] com vegetais. Para sobremesa, mangas ou laranjas com pudim de arroz, ou então, suco de frutas.

Os visitantes apareciam à tarde. Do mundo para o tranqüilo eremitério, filtrava-se uma corrente contínua. Meu guru tratava todos os hóspedes com bondade e cortesia. Um mestre - aquele que se conhece a si mesmo como alma onípresente, e não como ego ou corpo - percebe, em todos os homens, uma similitude espantosa.

A imparcialidade dos santos tem sua raiz na sabedoria. Eles já não se deixam influenciar pelas faces alternativas de máya, nem estão sujeitos às preferências e aversões que confundem o julgamento dos homens não-iluminados. Sri Yuktéswar não mostrava consideração especial pelos poderosos, ricos ou bem-sucedidos, nem desprezava outros por sua pobreza ou incultura. Ele prestaria atenção respeitosa às palavras de verdade oriundas de uma criança; e, em outra ocasião, demonstraria abertamente não tomar conhecimento de um conceituado erudito em Santas Escrituras.

Às oito da noite era o jantar e, às vezes, alcançavam-no visitantes tardios. Meu guru não pedia licença para ir comer sozinho; ninguém deixava o áshratn com fome ou insatisfeito. Sri Yuktéswar nunca se via perdido com a inesperada aparição de visitantes; segundo as instruções ricas de expediente que dava aos discípulos, de escasso alimento podia emergir um banquete. Apesar disso, era econômico; seu modesto capital ia longe. “Fique nos limites de sua carteira”, dizia ele freqüentemente, “a prodigalidade lhe trará dissabores.” Fosse em detalhes de atendimento às visitas ou em trabalhos de construção e conserto do eremitério, ou ainda em outros assuntos práticos, o Mestre manifestava a originalidade de seu espírito criador.

---

[88] Literalmente, “dirigir juntos”. SamádM é um estado superconsciente beatífico, no qual o iogue experimenta a identificação da alma individualizada com o Espírito Cósmico.

[89] Roncar, segundo os fisiologistas, é indício de relaxação perfeita.

[90] Dhal é uma sopa espessa, feita de ervilhas ou outros grãos leguminosos, moídos. Charmá é um queijo de leite fresco coalhado; comumente é dividido em cubinhos e misturado ao molho de caril com batatas.

As quietas horas da noite traziam, amiúde, dissertações de meu guru: tesouros que desafiam o tempo. Cada um de suas palavras era cinzelada pela sabedoria. Sublime autoconfiança assinalava seu estilo expressivo, que era único. Sempre falou como ninguém, segundo a minha experiência, jamais o fez. Seus pensamentos pareciam pesados na delicada balança do discernimento ' antes de permitir-lhes o traje exterior da linguagem. A essência da verdade, que o impregnava todo, a ponto mesmo de assumir função fisiológica, brotava dele como exsudação perfumada de sua alma. Eu tinha invariavelmente consciência de me achar em presença de uma manifestação palpitante de Deus, O peso de sua divindade fazia-me automaticamente inclinar a cabeça diante dele.

Se os hóspedes percebiam que Sri Yuktéswar se embebia estaticamente do Infinito, ele, rápido, reatava a conversação. Era incapaz de ostentar uma pose, ou de pavonear-se de sua interiorizarão sublime. Sempre unificado com Deus, não precisava reservar um tempo especial para essa comunhão. Um mestre com experiência da Divindade já deixou para trás os degraus da meditação. “A flor tomba quando o fruto aparece.” Mas os santos freqüentemente aderem a praxes espirituais, com o fito de propor um exemplo para os discípulos,

Ao aproximar-se a meia-noite, meu guru caía em sonolência com a naturalidade de uma criança. Nenhum espalhafato quanto a colchões e roupa de cama. Costumava deitar-se, mesmo sem travesseiros, num divã estreito que servia de espaldar para seu habitual assento de couro de tigre.

Uma discussão filosófica de toda uma noite não era rara; qualquer discípulo podia provocá-la pela intensidade de seu interesse. Eu não sentia, então, qualquer cansaço, nem desejo de dormir; de meu Mestre, bastavam-me as palavras cheias de vida. “Oh, é madrugada! Vamos caminhar ao longo do Ganges! “Assim terminavam muitos de meus períodos de edificação noturna.

Meus primeiros meses em companhia de Sri Yuktéswar culminaram com uma lição útil: “Como enganar um mosquito”. Em casa, minha família sempre usou mosquiteiros à noite. Aterrorizei-me ao descobrir que se violava este prudente costume no eremitério de Serampore. Os mosquitos tinham ali uma residência perfeita; fui mordido da cabeça aos pés. Meu guru apiedou-se de mim.

- Compre um cortinado para você e outro para mim. - Ele riu e acrescentou: - Se você comprar apenas o seu, todos os mosquitos se concentrarão em mim!

Fiquei mais do que agradecido em comprazê-lo. Todas as noites que eu passava em Serampore, meu guru me pedia para instalar os cortinados antes de dormir.

Certa noite, quando uma nuvem de mosquitos nos sitiava, o Mestre não deu as instruções usuais. Eu ouvia nervosamente o zumbir de antegozo dos insetos. Entrando na cama, lancei uma prece conjuratória em direção a todos eles. Meia hora depois, tossi propositalmente para atrair a atenção de meu guru. Pensei que ia enlouquecer com as mordidas e especialmente com as revoadas cantantes, enquanto os mosquitos celebravam seus ritos, sedentos de sangue.

Nenhum movimento do Mestre, em resposta; aproximei-me dele cautelosamente. Não respirava. Esta foi a primeira vez que o observei de perto em transe iogue e me encheu de terror.

- Seu coração deve ter parado! - Coloquei um espelho sob seu nariz; nenhum vapor de respiração apareceu. Para certificar-me pela segunda vez, fechei durante alguns minutos sua boca e narinas com meus dedos. Seu corpo estava frio e imóvel. Confusamente, corri para a porta a fim de gritar por socorro.

- Então! Um aprendiz de pesquisador! Meu pobre nariz! - A voz de meu guru estremecia de riso. - Por que não vai para a cama? Irá o mundo inteiro modificar-se para satisfazê-lo? Modifique-se a si mesmo: livre-se da consciência de que os mosquitos existem.

Humildemente retornei à minha cama. Nenhum inseto se aventurou perto. Compreendi que meu guru admitira previamente os cortinados apenas para me agradar. Nenhum medo ele tivera aos mosquitos. Recorrendo a seus poderes de iogue, podia impedi-los de mordê-lo; ou, se o preferisse, poderia escapar para uma invulnerabilidade interior.

"Ele estava me proporcionando uma demonstração", pensei. "AqueLe é o estado de ioga que devo me esforçar por atingir". Um verdadeiro iogue é capaz de entrar no estado de superconsciência, e de mantê-lo, independente das múltiplas distrações nunca ausentes desta Terra - o zumbido dos insetos! o penetrante brilho da luz do dia! No primeiro estado de samádhi (sabikâlpa), o devoto fecha-se a todo testemunho sensorial do mundo exterior. É recompensado então por sons e cenas de reinos internos mais belos do que o prístino Éden[91].

Os instrutivos mosquitos serviram para outra lição em meus primeiros tempos no éáram. Era a suave hora do crepúsculo. Meu guru interpretava, de forma incomparável, os textos antigos. A seus pés, eu experimentava perfeita paz. Um mosquito descortês penetrou no idílio e desviou minha atenção. Ao injetar sua venenosa "agulha hipodérmica" em minha coxa, automaticamente levantei a mão vingadora. Mas suspendi a execução da sentença de morte! Viera-me a oportuna lembrança de um aforismo de Ptânjali sobre ahímsa (inofensividade)[92].

- Por que não termina a tarefa?

- Mestre! O senhor defende o eliminar a vida?

- Não, mas em sua mente, você já desfechou o golpe mortal.

- Não compreendo.

- Por ahímsa, Patânjali quis significar a remoção do desejo de matar - Sri Yuktéswar havia lido meus processos mentais como num livro aberto. - Este mundo está inconvenientemente organizado para a prática literal de hímsa. O homem pode ser compelido a eliminar criaturas nocivas. Não se encontra, porém, sob compulsão idêntica para sentir raiva ou hostilidade. Todas as formas de vida têm igual direito ao a, de máya. O santo que desvenda o segredo da criação estará em harmonia com as inúmeras e desconcertantes expressões da natureza. Todos os homens poderão compreender esta verdade ao vencerem a paixão de destruir.

- Gurují, deveria o homem oferecer-se em sacrifício em vez de matar um animal selvagem?

- Não, o corpo do homem é precioso. Tem o mais alto valor evolutivo em virtude de possuir centros na espinha e um cérebro que são únicos. Estes permitem ao devoto adiantado abarcar e expressar plenamente os mais excelsos aspectos da divindade. Nenhum organismo inferior está assim equipado. É verdade que o homem incorre em dívida, por um pecado menor, se é forçado a matar um animal ou qualquer outro ser vivo. Mas os shastras sagrados ensinam que a destruição intencional de um corpo humano é transgressão séria contra a lei cármica.

Suspirei com alívio; o reforço, pelas Escrituras, do instinto de sobrevivência nem sempre está à mão.

Tanto quanto sei, meu guru nunca esteve em confronto direto com um leopardo ou um tigre. Mas uma cobra mortífera, certa vez, o enfrentou, apenas para ser conquistada por seu amor. O encontro teve lugar em Puri, onde meu mestre possuía um eremitério à beira-mar. Isto se deu na velhice de Sri Yuktéswar, quando o jovenzinho Prafulla, seu discípulo, o acompanhava.

- Estávamos sentados ao ar livre do ásbratn - contou-me Prafulla.

Uma cobra apareceu nas proximidades; representava mais de um metro de comprimento de puro terror. Estendia a cabeça raivosamente para a frente, enquanto rastejava em nossa direção. O Mestre recebeu-a amavelmente, com um som onomatopaico de chamado, como se ela fosse uma criancinha. Enchi-me de consternação ao ver Sri Yuktéswar iniciar um rítmico bater de palmas[93]. Ele estava entretendo o pavoroso visitante! Permaneci em quietude completa, internamente balbuciando preces fervorosas. A serpente, muito próxima do Mestre, achavase agora imóvel, aparentemente magnetizada por sua atitude caricíosa. A temível cabeça contraiu-se gradualmente; a víbora deslizou entre os pés de Sri Yuktéswar e desapareceu nos arbustos. Por que o Mestre movia as mãos e por que a serpente não se atirou contra elas, era-me, no momento, inexplicável. - concluiu Prafulla. - Desde então, compreendi que nosso divino guru situa-se além do medo de ser ferido por qualquer criatura.

---

[91] Os poderes onipresentes de um iogue, pelos quais vê, saboreia, cheira, toca e escuta sem o uso dos órgãos sensoriais exteriores, foram descritos da seguinte maneira no Taitiriya Arânyaka: "0 cego furou o pérola; o sem dedos atravessou-a com um fio; o sem pescoço a usou; e o sem língua lhe fez o louvor".

[92] "Nenhuma criatura, seja ela qual for, manifesta hostilidade em presença de um homem aperfeiçoado em ahímsa (não-violência). Yoga Sutras, 2:35

[93] A cobra ataca rapidamente qualquer objeto móvel a seu alcance. Em muitos casos, a imobilidade completa é a única esperança de salvação. A serpente, muito temida na índia, causa anualmente cerca de cinco mil mortes.

Uma tarde, durante meus primeiros meses no áshram, encontrei os olhos de Sri Yuktéswar fixos em mim, penetrantemente.

- Você está muito magro, Mukunda.

Seu comentário feriu um ponto sensível; meus olhos encovados e minha aparência emaciada não me agradavam. Uma dispepsia crônica me afligia desde a infância. Muitos vidros de remédio se enfileiravam numa prateleira em meu quarto em Gurpar Road n.o 4; nenhum me curara. Ocasionalmente, eu perguntava a mim mesmo, entristecido, se valeria a pena continuar vivendo com um físico tão pouco sadio.

- Os medicamentos têm suas limitações; a divina força vital criadora não as tem. Acredite: você será forte e sadio.

As palavras do Mestre convenceram-se instantaneamente de que ele poderia aplicar sua verdade à minha própria vida. Nenhum outro poder terapêutico (e eu experimentara muitos) fora capaz de despertar em mim tão profunda fé.

Dia após dia, eu crescia em saúde e força. Pela oculta bênção de Sri Yuktéswar, em duas semanas ganhei o peso que inutilmente havia procurado em tempos pretéritos. Meus sofrimentos de estômago desapareceram permanentemente.

Em ocasiões posteriores, tive o privilégio de testemunhar, realizadas por meu guru, curas divinas de pessoas que sofriam de diabetes epilepsia, paralisia ou tuberculose.

- Há anos atrás, eu também ansiava por ganhar peso – contou-me ele, algum tempo depois de me haver curado. - Após grave enfermidade, durante minha convalescença, visitei Láhiri Mahásaya em Benares.

Senhor - disse-lhe eu - estive doente e perdi muitos quilos.

Vejo, Yuktéswar[94], que você mesmo se fez doente e agora acredita que está magro.

"Esta resposta estava longe de ser a que eu esperava; meu guru, entretanto, acrescentou em tom de encorajamento:

"- Estou seguro de que amanhã você há de sentir-se melhor.

"Receptiva, minha mente aceitou estas palavras como insinuação de que ele estava secretamente me curando! Na manhã seguinte, procurei-o e exclamei, exultante: - Senhor, sinto-me hoje muito melhor.

Certamente! Hoje você deu vigor a si mesmo.

Não, mestre! - protestei. - O auxílio me veio do senhor; é a primeira vez em muitas semanas que sinto alguma energia.

"- Oh, sim! Sua enfermidade foi bem séria. Seu corpo ainda está fraco; quem poderá dizer como se encontrará amanhã?

"A idéia de um possível retorno de minha fraqueza trouxe-me um arrepio de medo gélido. Na manhã seguinte, arrastei-me com dificuldade à casa de Lábiri Mahásaya: - Senhor, estou doente outra vez.

"Divertido era o olhar de meu guru: - Então! Novamente você se pôs enfermo!

"Minha paciência esgotou-se. Gurudeva - disse-lhe eu - percebo agora que, em dias sucessivos, o senhor esteve me ridicularizando. Não compreendo por que me desacredita quando lhe digo a verdade.

"- Na realidade, foram seus pensamentos que o fizeram sentir-se alternativamente fraco e forte. - Meu guru encarou-me com afeto. -Você viu como sua saúde acompanhou com exatidão suas expectativas subconscientes. O pensamento é uma força como a eletricidade ou a gravitação. E a mente humana, uma centelha da consciência onipotente de Deus. Posso mostrar-lhe que acontece imediatamente tudo quanto a sua poderosa mente acredita com muita intensidade.

"Sabendo que Láhiri Mahásaya nunca falava em vão, dirigi-me a ele com grande reverência e agradecimento: - Mestre, se penso que estou bom e que reconquistei meu peso anterior, isto acontece?

---

[94] Láhiri Mahásaya, na verdade, disse "Priya" (nome de batismo de meu Mestre) e não "Yuktéswar" (nome monástico não adotado por meu guru durante a vida de Láhiri Mahásaya). "Yuktéswar"é usado aqui, e em algumas outras passagens deste livro, para evitar que o leitor se confunda com a atribuição de dois nomes ao mesmo Mestre.

"- Perfeitamente, e neste mesmo instante. Meu guru expressou-se com gravidade, seu olhar concentrado no meu.

"Senti imediatamente um aumento não só de força mas de peso. Láhiri Mahásaya recolheu-se ao silêncio. Depois de algumas horas a seus pés, voltei à casa de minha mãe, onde eu residia durante minhas visitas a Benares.

- "Meu filho! Que sucede? Está inchando, com hidropisia?

Mamãe mal podia acreditar em seus olhos. Meu corpo apresentava-se musculoso e robusto, como fora antes de minha enfermidade.

"Pesei-me e descobri que ganhara, num dia, cerca de vinte e dois quilos; foi uma aquisição permanente. Amigos e conhecidos que tinham visto minha figura delgada ficaram maravilhados. Dentre eles, alguns modificaram seu modo de vida e tornaram-se discípulos de Láhiri Mahásaya, em conseqüência do milagre.

"Meu guru, desperto em Deus, sabia que este mundo não é mais que o sonho objetivado do Criador. Tendo plena consciência de sua unidade com o Divino Sonhador, Láhiri Mahásaya podia materializar e desmaterializar, ou efetuar qualquer mudança que desejasse nos átomos-de-sonho do mundo dos fenômenos[95].

"A criação inteira é governada por leis - concluiu Sri Yuktéswar. - Os princípios que operam no inundo exterior, passíveis de descobrimento pelos cientistas, denominam-se leis naturais. Existem, porém, leis mais sutis que regem os planos espirituais ocultos e o reino interno da consciência; estes princípios podem ser conhecidos através da ciência da ioga. Quem compreende a verdadeira natureza da matéria não é o especialista em Física, mas o mestre unificado com Deus. Por meio desse conhecimento, o Cristo foi capaz de restaurar a orelha do servo, depois de ter sido cortada por um de Seus discípulos[96]."

Meu guru era intérprete incomparável das Escrituras. Cingem-se aos seus discursos muitas de minhas lembranças mais felizes. Mas as jóias de seus pensamentos não eram atiradas às cinzas da desatenção ou da imbecilidade. Bastaria um movimento inquieto de meu corpo ou uma ligeira distração para colocar uma pausa na exposição do Mestre.

- Você não está aqui, - Uma tarde, Sri Yuktéswar interrompeu-se, fazendo-me esta observação. Como de hábito, ele vigiava implacavelmente os rumos de minha atenção,

- Gurují! - Meu tom era de protesto. - Eu não me movi; minhas pálpebras nem piscaram; posso repetir cada palavra que o senhor pronunciou.

- Apesar disso, você não estava integralmente comigo. Sua objeção me obriga a declarar que, nas profundezas de sua mente, você criava três instituições. Uma era um retiro em meio aos bosques de uma planície, outra no cimo de um monte, e a terceira junto ao oceano.

Aqueles pensamentos vagamente formulados haviam se apresentado, de fato, quase subconscientemente. Olhei-o com ar de desculpa.

- Que posso fazer com um Mestre que assim penetra minhas preocupações fortuitas?

- Você me deu o direito. As verdades sutis que estou expondo não podem ser compreendidas sem concentração integral. A menos que seja necessário, eu não invado o recesso das mentes alheias. O homem tem o privilégio natural de vagar secretamente entre seus pensamentos. O próprio Senhor, se não é convidado, não entra ali; nem eu me arrisco a ser um intruso.

- O senhor é sempre bem-vindo, Mestre!

- Seus sonhos arquiteturais se materializarão mais tarde. Agora é tempo de estudar!

---

[95] "Tudo o que desejardes, orando, crede que o recebereis e havereis de tê-lo"Marcos, 11:24. Mestres unidos a Deus são inteiramente capazes de transferir suas realizações divinas a discípulos adiantados, como Lábiri Mahásava fez a Sri Yuktéswar nesta ocasião.

[96] "E um deles feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. E respondendo Jesus, disse: "Basta de sofrer"-- E tocou-lhe a orelha e o curou". Lucas, 22:50-51.

Assim, incidentalmente, em seu estilo simples, meu Mestre revelou conhecer o advento de três importantes acontecimentos em minha vida. Desde o alvorecer de minha juventude, eu tivera vislumbres enigmáticos de três edifícios, cada um em paisagem diferente. Na seqüência exata em que Sri Yuktéswar os mencionou, estas visões acabaram por se concretizar. Em primeiro lugar, veio a fundação de minha escola de ioga para meninos numa planície em Ranchi; depois, a sede americana no cimo de um monte em Los Angeles; e afinal, o retiro de Encinitas, na Califórnia, defronte ao vasto Pacífico,

O Mestre nunca disse com arrogância: Profetizo que este e aquele acontecimento ocorrerão. "Ele preferia insinuar: - "Não pensa que pode acontecer?" Mas sua linguagem simples escondia um poder de vaticínio. Não havia retratação; nunca suas predições levemente veladas resultaram falsas.

Sri Yuktéswar era reservado e objetivo em seu comportamento. Nada havia nele de vago ou louco visionário. Seus pés assentavam firmes no chão, sua cabeça no porto dos céus. A gente prática despertava sua admiração. "A santidade não é tontice! As percepções divinas não são incapacitadoras"- costumava dizer - "Virtude, expressa em atividade, promove a mais aguda inteligência".

Meu guru relutava em discutir os reinos superfísicos. Sua única aura "prodigiosa" era a da simplicidade perfeita. Na conversação, evitara fazer referências surpreendentes; na ação, era expressivo e livre. Muitos instrutores falavam de milagres mas não podiam realizar um só; Sri Yuktéswar mencionava raramente as leis sutis, mas operava com elas à vontade e em segredo.

_ Um homem de realização divina não executa um milagre sem receber autorização interna - explicava o Mestre. - Deus não deseja que os segredos de Sua criação sejam divulgados promiscuamente[97]. Assim também, todo indivíduo no mundo tem direito inalienável a seu livre arbítrio. Um santo não usurpará essa independência.

O silêncio habitual de Sri Yuktéswar era causado por suas profundas percepções do Infinito. Não lhe sobrava tempo para as inúmeras "revelações" que ocupam os dias dos instrutores sem percepção interna e externa de Deus. Dizem as Escrituras hindus: "Nos homens superficiais, o peixe dos pequeninos pensamentos provoca imenso tumulto. Nas mentes oceânicas, as baleias da inspiração mal encrespam a superfície ".

Devido à aparência nada espetacular de meu guia, apenas alguns de seus contemporâneos o reconheceram como um super-homem. O provérbio "Quem não pode esconder sua sabedoria é um imbecil" nunca poderia ser aplicado a meu Mestre, profundo e quieto.

Embora nascido mortal como todos os outros, Sri Yuktéswar alcançou identidade com o Governador do tempo e do espaço. Meu Mestre jamais encontrou obstáculo insuperável à amálgama do humano com o divino. Cheguei a compreender que tais barreiras não existem, salvo para o homem que não empreende a aventura espiritual.

Sempre estremeci de emoção ao tocar os pés sagrados de Sri Yuktéswar. Um discípulo magnetiza-se espiritualmente pelo respeitoso contato com o mestre; gera-se uma corrente sutil. Os mecanismos de hábitos indesejáveis, no cérebro do devoto, são muitas vezes cauterizados; as cissuras de suas tendências mundanas são beneficamente alteradas. Momentaneamente, pelo menos, ele pode surpreender o levantamento dos véus secretos de máya e ter um vislumbre da verdadeira beatitude. Meu corpo inteiro respondia com um arrebatamento de liberação sempre que me ajoelhava, no estilo indiano, diante de meu Mestre.

- Até quando Láhiri Mahásaya silenciava - disse-me ele - ou quando conversava sobre tópicos não rigorosamente religiosos, eu descobria que ele tinha, não obstante, me transmitido um inefável conhecimento.

Sri Yuktéswar exercia sobre mim influência salutar, Se eu entrava no eremitério com uma disposição mental de indiferença ou de aborrecimento, minha atitude imperceptivelmente se alterava. Uma serenidade que era um bálsamo descia sobre mim à simples visão de meu guru, Cada um de meus dias com ele constituía nova experiência de alegria, paz e sabedoria. Nunca o encontrei iludido ou emocionalmente intoxicado por ambição, raiva e apego humano.

- A obscuridade de máya aproxima-se silenciosamente. Voltemos depressa a nosso lar interior. - Com estas prudentes palavras, o Mestre constantemente recordava aos discípulos a necessidade de praticarem Kriya Yoga. De vez em quando, um novo estudante expressava dúvidas quanto ao seu próprio mérito para dedicar-se à prática de ioga.

---

[97] "Não deis o que é santo aos cães, nem arrojeis vossas pérolas aos porcos, para que não as calquem aos pés e se voltem e vos despedacem". Mateus, 7:6.

Esqueça o passado - Sri Yuktéswar o consolaria. - As vidas anteriores de todos os homens se acham obscurecidas por muitas ações vergonhosas. A conduta humana é sempre falível enquanto não está ancorada no Divino. Tudo melhorará no futuro se na atualidade você fizer um esforço espiritual[98].

O Mestre sempre tinha jovens chelas (discípulos) em seu áshram.

A educação intelectual e espiritual destes era seu interesse permanente. Até mesmo alguns anos antes de sua morte, aceitou, como residentes no eremitério, dois meninos de seis anos e um jovem de dezesseis. Todos os que se achavam sob sua responsabilidade, ele os treinava com extremo cuidado; há relação etimológica e prática entre "discípulo" e "disciplina".

Os residentes do áshram amavam e reverenciavam seu guru; um ligeiro bater de palmas bastava para trazê-los, ansiosos, a seu lado. Quando sua disposição era reservada e silente, ninguém se atrevia a falar-lhe; quando seu riso jovial ressoava, os meninos o consideravam uma outra criança.

Sri Yuktéswar raras vezes pedia aos outros que lhe prestassem um serviço pessoal, nem aceitava o auxílio de um discípulo, a menos que lhe fosse oferecido alegremente. O próprio Mestre lavava suas roupas se os discípulos esqueciam essa tarefa privilegiada.

Seu traje costumeiro era o hábito tradicional dos swâmis, de tonalidade ocre. No interior da casa, calçava sapatos sem cordões de amarrar, feitos de couro de tigre ou de veado, de acordo com o uso entre os iogues.

Sri Yuktéswar falava fluentemente inglês, francês, berigalí e híridi;

seu sânscrito era satisfatório. Instruía com paciência seus jovens discípulos em certos atalhos que engenhosamente descobrira para abreviar o estudo do inglês e do sânscrito.

Meu guru não se apegava, solícito, a seu corpo, mas lhe concedia prudentes cuidados. O Divino, salientava ele, manifesta-se adequadamente através de mente sã e corpo são. Desaprovava todos os extremos. Referia-se, rindo, a um discípulo que pretendia jejuar durante longo período: "Por que não se atira um osso ao cão?[99]"

A saúde de Sri Yuktéswar era excelente; nunca o vi enfermo[100]. A fim de mostrar seu respeito por um costume mundano, ele permitia a seus estudantes, se o quisessem, consultar médicos. Afirmava que "deveriam os médicos proceder à sua missão de curar, aplicando à matéria as leis de Deus". Mas exaltava a superioridade da terapia mental e repetia com freqüência: "A sabedoria é o maior depurativo". Aos discípulos, ensinava:

- O corpo é um amigo traiçoeiro. Dê-lhe o que é devido; nada mais. Dor e prazer são transitórios; suporte todas as dualidades com calma, tentando, ao mesmo tempo, colocar-se acima do poder de ambas. A imaginação é a porta pela qual penetram tanto a enfermidade quanto a cura. Não acredite na realidade da doença, mesmo quando estiver doente; um visitante inadmitido baterá em retirada!

O Mestre contava com muitos médicos entre seus discípulos. Dizia-lhes: - Os que estudaram fisiologia deveriam ir além e investigar a ciência da alma. Um sutil mecanismo se oculta atrás da estrutura física[101].

---

[98] "Condenação eterna é impossível. Um homem de carma extremamente mau pode mergulhar na ilusão durante muitas encarnações, mas não para sempre, porque é parte eterna de Deus. Para uma alma é impossível tornar-se eternamente má por ser eternamente boa. Estudantes da Bíblia cometem injustiça aos seus ensinamentos quando acreditam que uma alma possa ser condenada permanentemente ao inferno. Um juiz terreno atribui uma sentença condenatória a um transgressor apenas de acordo com a gravidade de seu delito. Deus, mais justo que qualquer juiz terreno, nunca poderia punir um homem, por uma ou muitas encarnações de péssima conduta, com uma sentença desproporcionalmente eterna de exílio no erro, Causas finitas não podem produzir efeitos infinitos". (Paramahansa Yogananda, Self-Realization Magazine, setembro 1952, páginas 21 e 22).

[99] Meu guru aprovara o jejum como método depurativo natural e ideal; o mencionado discípulo, porém, preocupava-se excessivamente com seu corpo.

[100] Esteve doente, uma vez, em Cachemira, quando me achava longe dele. (Ver capítulo 21).

[101] Um corajoso médico, Charles Robert Richet, Prêmio Nobel de fisiologia, escreveu o seguinte: "A Metapsíquica (Parapsicologia) ainda não é uma ciência oficialmente reconhecida. Mas o será... Em Edimburgo, perante cem fisiologistas, tive a oportunidade de afirmar que os cinco sentidos não são os nossos únicos meios de conhecimento e que um fragmento da realidade, às vezes, atinge a inteligência por outras vias... A raridade de um fenômeno não é razão para se negar sua existência. E a dificuldade que um estudo apresenta será motivo para não se compreendê-lo?... Os que levantam uma barreira contra a Metapsíquica como ciência culta sentirão tanta vergonha de si mesmos como aqueles que se opuseram à Química apoiados na declaração de que a busca da pedra filosofal era ilusória... Em matéria de princípios, temos somente os de Lavoisier, Claude Bernard e Pasteur, que se resumem num só, o experimental, sempre e em toda parte. Benvinda seja, pois, a nova ciência que vem modificar a orientação do pensamento humano".

Sri Yuktéswar aconselhava seus discípulos a serem elos vivos das virtudes do Oriente e do Ocidente. Ele próprio, executivo como um ocidental em seus hábitos exteriores, era interiormente um oriental em espiritualidade. Elogiava o progresso, os recursos e os processos higiênicos do Ocidente, e os ideais religiosos que dão ao Oriente sua auréola de séculos.

A disciplina não me era desconhecida; em casa, papai fora restrito e Ananta freqüentemente severo. Mas o treinamento de Sri Yuktéswar só poderia ser descrito como drástico. Perfeccionista, meu guru era hipercrítico de seus estudantes, fosse em questões imprevistas ou fosse nas mínimas sutilezas da conduta estabelecida.

- Boas maneiras destituídas de sinceridade se parecem a uma mulher linda porém morta - comentava ele em ocasião oportuna. - Franqueza sem cortesia é como o bisturi do cirurgião, eficiente mas desagradável. Franqueza aliada à polidez é útil e admirável.

O Mestre estava satisfeito, evidentemente, com meu progresso espiritual, pois raras vezes se referia a ele; em outros assuntos, entretanto, meus ouvidos não desconheciam a reprovação. Meus principais defeitos eram distração, incidência complacente em acessos de melancolia, inobservância de certas regras de etiqueta, e atuações ocasionais isentas de método.

- Observe quanta organização e equilíbrio apresentam as atividades de seu pai Bhágabati - assinalava ele. Os dois discípulos de Láhiri Mahásaya tiveram um encontro logo após minha primeira visita ao eremitério de Serampore. Papai e o Mestre sentiam profunda admiração um pelo outro. Ambos haviam construído uma formosa vida interior com alicerces de granito espiritual, indissolúveis ao tempo.

De um transitório instrutor de minha vida pregressa, eu absorvera algumas lições erradas. Um chela, ensinara-me ele, não necessitava preocupar-se ativamente com deveres mundanos; ao negligenciar ou realizar descuidadamente minhas tarefas, eu não fora punido. A natureza humana assimila facilmente tal instrução. Sob a implacável fértila do Mestre, contudo, logo me recobrei dessas agradáveis ilusões de irresponsabilidade.

- Os que são demasiado bons para este mundo, estão adornando algum outro - comentou Sri Yuktéswar, certo dia. - Enquanto você respirar o ar livre da Terra, estará obrigado a prestar serviço agradecido. Só quem dominou completamente o estado sem respiração[102] libertou-se de imperativos cósmicos. - E acrescentou secamente: - Não o deixarei sem o devido comunicado quando você tiver atingido a perfeição final.

Meu guru não podia ser subornado, nem mesmo por amor. Não mostrava qualquer indulgência com quem, como eu, voluntariamente se oferecera para ser seu discípulo. Estivéssemos o Mestre e eu cercados por discípulos ou por estranhos, ou estivéssemos os dois a sós, sua linguagem era sempre clara, categórica, contundente. Nenhum lapso trivial de superficialidade ou incoerência escapava à sua repulsa. Este tratamento aplainador do ego era duro de suportar, mas eu adotara a decisão irrevogável de permitir que Srí Yuktéswar passasse a ferro todas as minhas rugas psicológicas. Enquanto ele trabalhava nesta transformação titânica, muitas vezes estremeci sob o peso de seu martelo disciplinador.

- Se não lhe agradam as minhas palavras, você tem liberdade de partir a qualquer momento - assegurou-me o Mestre. - Nada quero de você, a não ser seu próprio aperfeiçoamento. Continue aqui, apenas se isto lhe traz algum benefício.

Sou-lhe imensamente agradecido pelos golpes humilhantes que desferiu em minha vaidade. Às vezes, eu sentia, metaforicamente, que ele estava descobrindo e extraindo pela raiz cada dente infeccionado em meu maxilar. A não ser com rudeza, é difícil desalojar do duro coração o egotismo. Expulso este, o Divino encontra, enfim, um canal desobstruído, Em vão, procura Ele infiltrar-Se nos empedernidos corações do egoísmo.

A intuição de Sri Yuktéswar era penetrante; descurando as formulações ouvidas, ele comumente respondia aos pensamentos inexpressos de alguém. As palavras que um indivíduo emprega, e os verdadeiros pensamentos por trás delas, podem ser pólos distantes. “Usando de calma”, dizia meu guru, “tente sentir os pensamentos por trás da confusa verborragia humana”.

O que a instantânea percepção divina revela é, muitas vezes, doloroso aos ouvidos mundanos; o Mestre não era popular entre estudantes superficiais; os sábios, sempre poucos em número, reverenciavam-no profundamente.

[102] Samádhi: superconsciência.

Atrevo-me a dizer que Sri Yuktéswar teria sido o mais procurado guru da índia se sua linguagem não tivesse sido tão franca e tão severa.

- Sou muito duro para os que buscam meu treinamento - admitia ele ao conversar comigo. - Esta é a minha maneira. Aceitem-na ou não; eu nunca transijo. Mas você será muito mais brando com seus discípulos; essa é a sua maneira de ser. Eu busco purificar apenas com o fogo da severidade: - um cauterizante que ultrapassa a tolerância média. A delicadeza do amor também é transfigurante. Os métodos inflexíveis e os benévolos são igualmente eficientes se aplicados com sabedoria. - Acrescentou ele: - Você irá a países estrangeiros onde os bruscos assaltos ao ego não são apreciados. Um mestre não poderia divulgar a mensagem da índia, no Ocidente, sem um amplo cabedal de paciência acomodatícia e de indulgência. (Recuso-me a dizer quantas vezes, na América, eu me lembrei das palavras do Mestre!)

Embora a linguagem franca de meu guru lhe evitasse um numeroso discipulado durante sua permanência na Terra, não obstante, seu espírito vive no mundo atual, através de um número sempre crescente de sinceros estudantes e seus ensinamentos. Guerreiros como Alexandre, o Grande, buscaram reinar sobre terras; mestres como Sri Yuktéswar conquistaram um domínio mais duradouro - nas almas dos homens.

Era costume do Mestre salientar as faltas singelas, olvidáveis, de seus discípulos com ar de portentosa gravidade. Um dia, meu pai visitou Serampore para apresentar seus cumprimentos a Sri Yuktéswar e . esperava, muito provavelmente, ouvir algumas palavras de louvor a meu respeito. Consternado ficou ao lhe ser feito um longo relato de minhas imperfeições. Correu a ver-me.

- Pelos comentários de seu guru, creio que você é um completo fracasso! - Meu progenitor oscilava entre as lágrimas e o riso.

Só havia um motivo para o desagrado de Sri Yuktéswar naquela ocasião: eu estivera tentando, contra sua delicada sugestão, converter certo homem à senda espiritual,

Com presteza indignada, procurei meu guru. Recebeu-me de olhos baixos, como se estivesse consciente de sua culpa. Foi a única vez que vi o divino leão humilde ante mim. O momento ímpar foi saboreado integralmente.

- Senhor, por que me julgou tão impiedosamente ante meu aturdido pai? Isso foi justo?

- Não o farei outra vez. - O tom do Mestre era de quem se desculpa.

No mesmo instante, fiquei desarmado, Com que rapidez o grande homem admitia uma falta! Embora nunca mais tivesse perturbado a paz de espírito de papai, o Mestre continuou implacavelmente a dissecar-me onde e quando ele queria.

Os novos discípulos, com freqüência, uniam-se a Sri Yuktéswar em críticas exaustivas aos outros. Sábios como o guru! Modelos de discernimento sem nenhuma brecha! Mas quem toma a ofensiva não deve apresentar-se indefeso. Os próprios estudantes-censores fugiam precipitadamente assim que o Mestre, em público, disparava em direção a eles algumas flechas de sua aljava analítica.

- Sensitivas fraquezas íntimas, que se revoltam aos menores toques da censura, são como partes enfermas do corpo, recuando ao mais delicado contato. - Eis o comentário divertido de Sri Yuktéswar sobre os fugitivos.

Muitos discípulos julgam as - palavras e os atos de um guru através da imagem preconcebida que dele formaram. Tais pessoas se queixavam, amiúde, de que não entendiam Sri Yuktéswar.

- Nem vocês compreendem Deus! - repliquei em certa ocasião. Se um santo lhes fosse inteligível, vocês seriam santos!

Em meio a trilhões de mistérios, pode alguém, respirando em cada segundo o ar inexplicável, aventurar-se a exigir que a natureza insondável de um mestre seja entendida instantaneamente?

Estudantes vinham, e geralmente se iam. Os que ansiavam por um caminho fácil - o da benevolência imediata e o do reconhecimento confortador de seus próprios méritos - não o encontravam no eremitério. O Mestre oferecia a seus discípulos abrigo e orientação, como um pastor de rebanhos, para a eternidade, mas muitos estudantes, miseravelmente, demandavam também o bálsamo para seu ego. Eles partiam, preferindo, em vez de humildade, as humilhações incontáveis da vida. Os raios ardentes de Sri Yuktéswar, a penetrante luz solar de sua sabedoria, eram excessivamente poderosos para a enfermidade espiritual destes peregrinos. Cedo procuravam algum instrutor menor que lhes permitisse, sob o cobertor da adulação, o obstinado sono da ignorância.

Durante meus primeiros meses com o Mestre, experimentei suscetibilidade e medo de suas reprimendas. Logo percebi que suas vivissecções verbais eram realizadas apenas em pessoas que, como eu, lhe tivessem solicitado esse tratamento disciplinador. Se, entre as convulsões resultantes, algum discípulo protestava, Sri Yuktéswar, sem se ofender, volvia ao silêncio. Suas palavras nunca mostravam cólera, mas eram impessoais em sua sabedoria.

As repreensões do Mestre não se destinavam a visitantes casuais; raramente fazia observações a propósito dos defeitos alheios, mesmo que fossem bastante manifestos. Mas em relação aos estudantes que buscavam seu conselho, Sri Yuktéswar sentia séria responsabilidade. Valente é, em verdade, o guru que empreende transformar o minério bruto da humanidade, saturada de ego! A coragem de um santo tem raiz em sua compaixão pelos seres que máya desnorteia, os cegos tropeçantes do mundo,

Depois que abandonei o ressentimento subjacente, houve marcante decréscimo em meus castigos, De modo sutilíssímo, o Mestre derretia-se em relativa clemência. Com o tempo, demoli todo muro de racionalização e de subconsciente reserva[103], por trás do qual a personalidade humana geralmente se escuda. Harmonia com meu guru, sem qualquer esforço, foi a recompensa. Descobri que ele era digno de confiança, cheio de consideração pelos outros e silenciosamente amoroso. Não sendo demonstrativo, contudo, ele não pronunciava uma só palavra de afeto.

Meu próprio temperamento é essencialmente devocional, Foi desconcertante, de início, descobrir que meu guru, saturado de jnâna mas, na aparência, seco de bháktí[104], expressava-se principalmente em termos de fria matemática espiritual. À medida, porém, que sintonizei com sua natureza, não diminuiu, ao contrário aumentou, a devoção com que me acercava de Deus. Um mestre que alcançou a experiência direta e pessoal de Deus é inteiramente capaz de guiar seus vários discípulos pelos rumos mais adequados à tendência essencial de cada um.

Verbalmente, minhas relações com Sri Yuktéswar eram algo inarticuladas; entretanto, possuíam eloqüência oculta. Freqüentemente encontrei sua assinatura silenciosa em meus pensamentos, tornando inútil a linguagem oral. De pernas cruzadas a seu lado, em quietude, eu sentia sua bondade generosa infiltrando-se pacificamente em meu ser.

De sua justiça imparcial, o Mestre deu notável prova durante as férias de verão de meu primeiro ano universitário. Aguardados com bastante antecipação, seriam aqueles os primeiros meses ininterruptos com meu guru Serampore.

_ Você poderá tomar conta do eremitério - Sri Yuktéswar experimentou prazer com minha chegada entusiástica. - Seus deveres serão a recepção aos hóspedes e a supervisão do trabalho dos outros discípulos.

Kurnar, um jovem oriundo de uma aldeia de Bengala oriental, foi aceito, uma quinzena mais tarde, para receber treinamento no áshram. De inteligência incomum, rapidamente conquistou a afeição do Mestre. Por alguma razão insondável, Sri Yuktéswar não adotou atitude de crítica em relação ao novo residente.

- Mukunda, deixe que seus deveres sejam agora os de Kurnar. Empregue seu próprio tempo em varrer e cozinhar. - O Mestre deu estas instruções um mês após a permanência do jovem conosco.

Elevado à liderança, Kumar exerceu mesquinha tirania doméstica. Em silenciosa rebelião, os outros discípulos continuaram a me procurar para o aconselhamento diário. Esta situação persistiu durante três semanas; então, ouvi por acaso uma conversa entre o Mestre e Kurnar.

- Mukunda é insuportável! - dizia o jovem. - O senhor me fez supervisor e, apesar disso, os outros se dirigem a ele e lhe obedecem.

- Por isso, designei Mukunda para a cozinha e você para a sala de recepção: assim você viria a compreender que um líder digno desse nome possui o desejo de servir, não o de dominar. - O tom seco na voz de Sri Yuktéswar era novo para Kumar. - Você quis a posição de Mukunda, mas não a pôde manter com mérito. Regresse agora à sua ocupação anterior de ajudante de cozinheiro.

---

[103] Assinalou o rabi Israel H. Levinthal em uma conferência em Nova York: "Nosso ser consciente e subconsciente é coroado pela superconsciência. Há muitos anos atrás, o psicólogo inglês F. W. H. Myers sugeriu que "oculto nas profundezas de nosso ser há um monte de lixo e também uma arca de tesouros". Em contraste com a psicologia que centraliza todas as suas pesquisas no subconsciente da natureza humana, a nova psicologia da super consciência focaliza sua atenção onde se encontra o tesouro: a única região que pode explicar as grandes, altruístas e heróicas ações do homem".

[104] Jnina, sabedoria; e bhákti, devoção: duas das principais sendas para Deus.

Após este humilhante incidente, o Mestre adotou de novo em relação a Kumar sua primeira atitude, de indulgência inusitada. Quem pode decifrar o mistério da atração? Em Kurnar, nosso guru descobriu uma fonte encantadora - fonte, entretanto, que não fluía para os condiscípulos. Apesar de o novo estudante ser obviamente o favorito de Sri Yuktéswar, não senti tristeza. Idiossincrasias pessoais, que até os mestres possuem, emprestaram uma rica complexidade ao esquema da vida. Minha natureza raramente é governada por minúcias; eu estava buscando em Sri Yuktéswar um benefício mais alto do que o elogio exterior.

Certo dia, Kumar teve para mim, sem motivo, uma expressão venenosa: fiquei profundamente ferido.

- Você tem a cabeça cheia de arrogância a ponto de estourar!

Acrescentei um aviso cuja verdade sentia intuitivamente: A não ser que você se corrija, algum dia será solicitado a abandonar o áshram.

Com uma risada sarcástica, Kumar repetiu meu comentário a nosso guru que acabava de entrar na sala. Esperando uma repreensão na íntegra, retirei-me humildemente para um canto.

- Talvez Mukunda tenha razão. - A resposta do Mestre ao jovem brotou com inusitada frieza.

Um ano mais tarde, Kumar afastou-se para uma visita ao lar de sua infância. Fizera caso omisso da silenciosa desaprovação de Sri Yuktéswar que jamais controlara autoritariamente os passos de seus discípulos. Quando o jovem regressou a Serampore, alguns meses depois, notava-se nele uma mudança desagradável. Desapareceu o orgulhoso Kumar com sua face serenamente brilhante. À nossa frente estava apenas um camponês vulgar que adquirira, durante sua ausência, múltiplos vícios.

O Mestre me chamou e, de coração sangrando, considerou o fato de estar o jovem, agora, inqualificado para a vida monástica no eremitério.

- Mukunda, deixarei a seu cargo dar instruções a Kumar para que abandone o eremitério amanhã; eu não o posso fazer! - Lágrimas assomavam aos olhos de Sri Yuktéswar, mas ele rapidamente se dominou. - Este jovem nunca teria descido tanto se me tivesse escutado, em vez de sair daqui para misturar-se a companhias indesejáveis. Ele rejeitou minha proteção; o mundo, com suas calosidades, deve ser ainda o seu guru.

A partida de Kumar nenhuma alegria me trouxe; melancolicamente me admirava de que alguém, com o poder de conquistar o amor de um mestre, se dispusesse a responder tão depressa às seduções mundanas. Os prazeres do vinho e do sexo estão enraizados no homem natural: o apreciá-los nenhuma delicadeza de percepção requer, As atrações dos sentidos são comparáveis ao oleandro sempre verde, perfumado por flores de matizes rosados: cada porção da planta é venenosa[105]. O país da cura está em nosso interior, irradiando essa felicidade que é procurada cegamente em milhares de direções externas.

_ A inteligência aguda tem duas lâminas - observou o Mestre, certa vez, referindo-se à mente brilhante de Kumar. - Pode ser usada construtiva ou destrutivamente, à semelhança de uma faca, ou para lancetar o tumor da ignorância ou para decapitar o próprio indivíduo. Este segue a direção intelectual correta só depois que reconheceu a impossibilidade de escapar às leis espirituais.

Meu guru convivia sem constrangimento com discípulos masculinos e femininos, tratando todos como crianças. Percebendo a igualdade de suas almas, nenhuma distinção fazia entre eles e nenhuma parcialidade demonstrava.

- Ao dormir, vocês não sabem se são homens ou mulheres - dizia. - Assim como um homem, ao representar um personagem feminino, não se torna mulher, também a alma, personificando os dois sexos, permanece superior às qualificações. A alma é a imagem imutável de Deus e, portanto, está acima de qualificativos.

Sri Yuktéswar nunca evitou as mulheres nem as culpou de serem causa da “queda do homem”. Salientava que também as mulheres têm de se defrontar com a tentação do sexo oposto. Certa vez, perguntei ao Mestre por que um grande santo da antigüidade chamara à mulher “a porta do inferno”,

- Uma jovem deve lhe haver transtornado a paz de espírito, quando moço. - Meu guru. respondeu causticamente. - Do contrário, teria acusado, não a mulher, mas algum defeito em seu próprio autodomínio.

---

[105] “O homem, em seu estado de vigília, entrega-se a inúmeros esforços para fruir os prazeres sensuais; quando todo o conjunto dos órgãos dos sentidos se cansa, o homem esquece até mesmo do prazer que tem à mão e entrega-se ao sono para gozar de descanso em sua alma, sua verdadeira natureza”escreveu Shânkara, o grande Vedantísta. “A beatitude ultra-sensual é assim extremamente fácil de alcançar, sendo muito superior aos deleites dos sentidos que sempre terminam em desgosto”.

Se um visitante se atrevia a contar, no eremitério, uma história maliciosa, o Mestre mantinha silêncio irreplicável. - Não permita a si mesmo ser fustigado pelo látego provocante de um belo rosto - dizia aos discípulos. - Como podem os escravos dos sentidos apreciar o mundo? Sabores e aromas sutis lhes escapam enquanto rastejam no lodo primitivo. Todo discernimento correto está perdido para o homem afeite à luxúria.

Estudantes procurando fugir à ilusão do sexo, induzida por máya, recebiam de Sri Yuktéswar conselho paciente e compreensivo.

- Assim como a fome, e não a gula, tem um propósito legítimo, também o instinto sexual foi criado pela Natureza, unicamente para a propagação das espécies, e não para manter acesos, apetites insaciáveis - dizia ele. - Destruam os maus desejos, agora; do contrário, permanecerão com vocês após o corpo astral se ter separado de seu invólucro físico. Mesmo quando a carne é fraca, a mente deveria resistir sem pausa.

Se a tentação os assaltar com força cruel, vençam-na por meio da análise impessoal e da vontade indomável. Toda paixão natural pode ser dominada. Conservem seus poderes. Sejam como o oceano em sua vasta capacidade, absorvendo todos os rios tributários dos sentidos. Ânsias sensuais, renovadas diariamente, solapam sua paz íntima; são como fendas num reservatório, que permitem às águas vitais se perderem no solo deserto do materialismo. O impulso dos maus desejos, potente e ativador, é o maior inimigo da felicidade humana. Passeiem como um leão do autodomínio. Não consintam que as fraquezas dos sentidos saltem a seu redor como sapos.

Um verdadeiro devoto termina por se libertar de todas as compulsões instintivas, Ele transmuda sua necessidade de afeto humano em aspiração a Deus apenas - amor solitário, por ser onipresente.

A mãe de Sri Yuktéswar morava no distrito de Rana Mahal, em Benares, onde fiz a primeira visita a meu guru. Cheia de graça e bondade era, entretanto, mulher de opiniões bem definidas. Um dia, estando de pé no terraço de sua casa, observei mãe e filho conversando juntos, O Mestre, à sua maneira serena e sensata, tentava convencê-la de algo. Evidentemente não teve êxito pois ela abanou a cabeça com grande vigor.

- Não, não, meu filho, vá-se embora, já1 Suas sábias palavras não são para mim! Não sou sua discípula!.

Sri Yuktéswar afastou-se sem mais argumentos, semelhante a uma criança repreendida. Comoveu-me seu grande respeito pela mãe, mesmo quando esta adotava atitudes contrárias à razão. Ela o via apenas como o seu filho menino, não como um sábio. Havia um encanto no banal incidente; iluminava um perfil, a natureza invulgar de meu guru, internamente humilde e externamente indobrável.

As regras monásticas proíbem ao swâmi conservar-se atado a laços mundanos depois de pronunciar votos solenes. Ele não pode realizar os ritos fúnebres que são obrigatórios para os chefes de família. Entretanto, Shânkara reorganizador da veneranda Ordem dos Swâmis, desobedeceu às prescrições. Após a morte da mãe muito amada, efetuou-lhe a cremação do corpo com fogo celeste que fez surgir erguendo a própria mão.

Também Sri Yuktéswar não tomou conhecimento das restrições -de maneira menos espetacular. Ao morrer-lhe a mãe, providenciou os ritos de cremação, junto ao Ganges sagrado, em Benares, e alimentou muitos brâmanes, de acordo com as tradições da família hindu.

As proibições shástricas destinavam-se a ajudar os swâmis, a transcender identificações estreitas. Shânkara e Sri Yuktéswar haviam submergido seus seres integralmente no Espírito Impessoal; não precisavam salvar-se por meio de regras. Às vezes, também, um mestre finge ignorar, de propósito, um cânone, a fim de sustentar a essência como superior à forma e independente desta. Assim, Jesus arrancou espigas de trigo em dia de descanso. Aos críticos inevitáveis, ele disse: “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”[106].

[106] Marcos, 2:27

Excetuando as Escrituras, Sri Yuktéswar lia pouco. E contudo, estava invariavelmente a par das últimas descobertas científicas e de outros progressos do conhecimento[107]. Conversador brilhante, apreciava trocar idéias sobre inúmeros tópicos com seus hóspedes. A inteligência sagaz e o riso travesso de meu guru animavam qualquer discussão. Freqüentemente grave, o Mestre nunca se achava sombrio. Costumava dizer, citando a Bíblia[108]: "Para buscar Deus, os homens não necessitam desfigurar as faces. Recordem que o encontro com Deus há de ser o funeral de todos os pesares".

Dentre filósofos, professores, advogados e cientistas que vinham ao eremitério, alguns, em sua primeira visita, chegavam pensando encontrar um religioso ortodoxo. Às vezes, um sorriso desdenhoso, ou um olhar de tolerância divertida, denunciava os novos visitantes que não esperavam ouvir mais que uns poucos e piedosos lugares comuns. Após conversarem com Sri Yuktéswar e descobrirem que ele penetrava com intuição exata em seus setores de estudos especializados, era com relutância que se despediam.

Meu guru, comumente, era gentil e afável com seus hóspedes; expressava suas boas-vindas com encantadora cordialidade. Entretanto, os ególatras inveterados sofriam, amiúde, um choque revigorante. No Mestre, deparavam ou com frígida indiferença ou com oposição formidável; gelo ou ferro!

Certa ocasião, um químico de renome cruzou lanças com Sri Yuktéswar. O visitante não admitia a existência de Deus, já que a ciência não concebera meio algum de torná-Lo perceptível.

- O senhor, pois, fracassou inexplicavelmente em suas tentativas de isolar o Poder Supremo em tubos de ensaio! - O olhar do Mestre exprimia severidade. - Recomendo-lhe uma nova experiência: examine seus pensamentos, sem interrupção, durante vinte e quatro horas. Depois não se admire mais da ausência de Deus.

Um famoso erudito recebeu sacudida similar. Aconteceu em sua primeira visita ao áshram. As vigas do teto faziam eco ao visitante em sua declamação de passagens do Mahábhárata, Upanisbáds[109], e bhásyas (comentários) de Shânkara.

- Estou esperando ouvi-lo. - O tom de Sri Yuktéswar era interrogativo, como se houvesse reinado silêncio absoluto. O erudito ficou perplexo.

- Citações houve superabundantes. - As palavras do Mestre provocavam-me convulsões de riso, enquanto eu sentava de pernas cruzadas em meu canto, a respeitosa distância do visitante. - Mas que comentário original pode o senhor fornecer, proveniente da singularidade de sua própria vida? Que texto sagrado o senhor assimilou e fez seu? De que forma estas verdades perenes renovaram sua natureza? Agrada-lhe ser uma vitrola vazia, repetindo mecanicamente as palavras de outros homens?

- Dou-me por vencido! - O desgosto do erudito era cômico.

Não possuo realização interna.

Pela primeira vez, quiçá, ele compreendeu que, discernir sobre a colocação de uma vírgula não resgata ninguém do estado de coma espiritual[110].

- Estes pendentes sem sangue cheiram a querosene de lampião[111], injustificadamente - comentou meu guru após a partida do homem castigado. - Consideram a filosofia como um brando exercício de ginástica intelectual. Seus excelsos pensamentos permanecem cuidadosamente desvinculados tanto da crueza de sua ação exterior, como de qualquer flagelante disciplina interna!

O Mestre salientava, em outras ocasiões, a futilidade da mera leitura de livros.

---

[107] Quando assim o queria, o Mestre podia instantaneamente sintonizar sua mente com a de qualquer homem (um poder iogue mencionado nos Yoga Sútras, 3:19, de Patânjali). Seus poderes como rádio humano, e a natureza dos pensamentos, são explicados no capítulo 15.

[108] Mateus, 6:16

[109] Os Upanisháds ou Vedanta (literalmente, "parte final dos Vedas") aparecem a certos intervalos nos quatro Vedas e são sumários essenciais que formam a base doutrinária da religião híridu, Schopenhauer exaltou-lhe "os pensamentos profundos, originais e sublimes", acrescentando: "O acesso aos Vedas (em traduções ocidentais dos Upanishds) é, aos meus olhos, o maior privilégio que este século pode reivindicar em relação a todos os séculos anteriores."

[110] Um jogo de palavras homófonas (a grafia inglesa de "vírgula"é "comma") inevitavelmente perdido na tradução. Autobiografia de um logue, traduzida para 14 idiomas, já se tornou uma obra clássica em espiritualidade. Professores de filosofia em renomadas universidades norte-americanas estão incluindo este livro na bibliografia exigída ou recomendada para seus programas em curso. Paramahansa Yogananda escreveu também Meditações Metafisicas, Sussurros de Eternidade, Cantos Cósmicos, A Ciência da Religião, A Mãe Cósmica, Afirmações Científicas de Cura, e Condições de Êxito. Muitos de seus comentários aos versículos da Escritura cristã e da Escritura hindu foram incluídos numa série de Lições destinadas a estudantes de ioga em seus lares.

[111] Alusão ao estudo à luz de querosene entre 1907 a 1917, época deste episódio.

- Não confunda a compreensão com um vasto vocabulário comentava ele. - Os escritos sagrados são benéficos para estimular o desejo de realização interna, se um versículo de cada vez for vagarosamente assimilado. Do contrário, o estudo intelectual contínuo pode resultar em vaidade, satisfação falsa e conhecimento indigesto.

Sri Yuktéswar relatou algo de sua própria experiência ao receber instruções nas Escrituras. A cena foi um eremitério na floresta, em Bengala oriental, onde observou o procedimento de um instrutor renomado, Dabru Ballav. Seu método, simultaneamente simples e difícil, era comum na índia antiga,

Dabru Ballav reunira os discípulos ao seu redor na solidão das selvas. O sagrado Bhágavad Gíta foi aberto diante deles. Imperturbavelmente miraram uma passagem durante meia hora, depois fecharam os olhos. Outra meia hora decorreu. O mestre fez um breve comentário. Imóveis, meditaram outra vez, mais uma hora. Por fim o guru falou:

- Compreendem agora o versículo?

- Sim, senhor - alguém do grupo aventurou-se a fazer esta afirmação.

- Não, não completamente. Procure a vitalidade espiritual que deu a estas palavras o poder de rejuvenescer a índia, século após século. - Passou-se outra hora em silêncio. O mestre despediu os discípulos e voltou-se para Sri Yuktéswar.

- Conhece o Bhágavad Gíta?

- Não, senhor; realmente não, apesar de meus olhos e minha mente terem percorrido suas páginas muitas vezes.

- Centenas de pessoas responderam-me diferentemente! - O grande sábio sorriu a meu Mestre, abençoando-o. - Se alguém se ocupa com a exibição exterior da riqueza das Escrituras, que tempo lhe resta para o silencioso mergulho interno em busca das pérolas de valor incalculável?

Srí Yuktéswar dirigia o estudo de seus próprios discípulos pelo mesmo método intensivo de concentrar a mente num assunto de cada vez. - A sabedoria não é assimilada com os olhos, mas com os átomos - dizia ele. - Quando sua convicção de uma verdade não estiver apenas em seu cérebro, mas em todo o seu ser, você poderá modestamente dar testemunho de seu significado. - Ele desencorajava qualquer tendência que o estudante pudesse ter, de considerar o conhecimento de obras literárias como degrau necessário à realização espiritual. - Numa única sentença, os ríshis escreveram profundezas tais que os comentadores eruditos se ocupam delas, geração após geração - disse ele. -Interminável controvérsia literária é para mentes vagarosas. Que pensamento liberador mais rápido que “Deus é” ou, simplesmente, “Deus”?

O homem, porém, não regressa facilmente à simplicidade. Raras vezes é “Deus” o que importa ao intelectual, e sim, o que possa ostentar ter aprendido acerca Dele. Seu ego se satisfaz em alcançar tal erudição.

Homens orgulhosamente conscientes de sua riqueza ou posição mundana viam-se propensos, na presença do Mestre, a acrescentar humildade às suas outras posses. Certa ocasião, um magistrado local solicitou uma entrevista no eremitério à beira-mar, em Puri. O homem tinha reputação de ser cruel e também o poder de nos expropriar do ásbram. Mencionei este fato a meu guru. Mas ele sentou-se, com ar de quem não se dobra, e nem sequer se ergueu para cumprimentar o visitante.

Ligeiramente nervoso, sentei-me de pernas cruzadas junto à porta. Sri Yuktéswar não me deu ordem de buscar uma cadeira para o magistrado, o qual teve de contentar-se com um caixote. Não se concretizaram as óbvias expectativas do visitante de que sua importância seria cerimoniosamente reconhecida.

Seguiu-se uma discussão metafísica. O hóspede emaranhou-se em interpretações errôneas das Escrituras. À medida que sua certeza imergia, sua raiva emergia.

- Sabe que fui classificado em primeiro lugar na defesa de tese para o doutoramento? - A razão o havia abandonado; restava-lhe gritar.

- Magistrado, o senhor esquece que esta sala não é a de seu tribunal - replicou o Mestre, sereno. - Desses comentários infantis é possível inferir-se ter sido medíocre a sua carreira na Faculdade. Em todo o caso, um diploma universitário nada tem a ver com a realização védica. Não se produzem santos às fornadas, cada ano, como se produzem contadores.

Depois de um silêncio atordoante, o hóspede riu cordialmente.

- Este é o meu primeiro encontro com um magistrado celestial disse ele. Mais tarde, fez uma solicitação formal, vasada em termos legais, que evidentemente eram parte de sua natureza, para ser aceito como discípulo “em estágio probatório”.

Em diversas ocasiões, Sri Yuktéswar, a exemplo da Láhiri Mahásaya, desencorajou estudantes imaturos que pretendiam ingressar na Ordem dos Swâmis. “Usar a túnica ocre, quando não se tem a realização de Deus, é iludir a sociedade - disseram ambos os mestres. - Esqueça os símbolos exteriores de renúncia que o podem prejudicar, induzindo a um falso orgulho. Nada disso tem importância, exceto o seu constante, diário, avanço espiritual; para obtê-lo, pratique Kriya Yoga”.

Ao medir o valor de um homem, um santo emprega um critério invariável, muito diferente dos cambiantes padrões do mundo. A humanidade - que se vê a si mesma tão variegada! - é vista, por um Mestre, dividida apenas em duas classes: homens ignorantes que não estão procurando Deus e homens sábios que estão à procura Dele,

Meu guru cuidava pessoalmente dos detalhes relativos à administração de sua propriedade. Pessoas inescrupulosas, em várias ocasiões, tentaram apossar-se de sua terra ancestral. Com determinação e até intentando ações judiciais, Sri Yuktéswar venceu todos os seus oponentes. Sujeitou-se a estas experiências penosas, movido pelo desejo de jamais ser um guru mendicante, ou uma carga para seus discípulos,

Sua independência financeira era um dos motivos que desproviam meu Mestre, alarmantemente franco, das astúcias da diplomacia. Ao contrário dos instrutores que têm de lisonjear aqueles que os sustentam, meu guru era impermeável às influências, abertas ou sutis, da riqueza alheia. Nunca o vi pedir dinheiro ou sugerir que lho dessem, para qualquer finalidade. Em seu eremitério, ministrava educação gratuita a todos os discípulos.

Um oficial de justiça chegou, certo dia, ao áshram de Serampore para uma intimação legal. Um discípulo, de nome Kariai, e eu, o conduzimos à presença do Mestre.

A atitude do oficial de justiça para com Sri Yuktéswar foi ofensiva: - Far-lhe-á bem deixar as obscuridades de seu eremitério e respirar o honesto ar do Tribunal - disse ele com desprezo. Não me pude conter: - Outra palavra sua de insolência e o atirarei ao chão!

Avancei ameaçadoramente.

Kariai também gritava: - Ó infeliz! Como se atreve a trazer suas blasfêmias para dentro deste santo ásbram5

O Mestre, porém, colocou-se em atitude protetora à frente de quem o insultara: - Não fiquem excitados por nada. Este homem está apenas cumprindo seu dever.

O oficial, confuso com esta recepção cheia de contrastes, apresentou suas desculpas e retirou-se apressadamente.

Era assombroso descobrir que um mestre, dotado de vontade ígnea, fosse tão calmo internamente. Ele enquadrava-se na definição védica de um homem de Deus: “Mais suave que a flor quando se trata de bondade; mais forte que o trovão quando os princípios estão em jogo.

Existem sempre, neste mundo, aqueles que, segundo Browning, “Não toleram a luz, sendo, eles próprios, obscuros”. Às vezes, um desconhecido, exaltado por alguma ofensa imaginária, censurava severamente Sri Yuktéswar. Meu imperturbável guru ouvia atenta e cortesmente, analisando-se a si mesmo para ver se havia algum traço de verdade na acusação. Estas cenas traziam à minha mente urna das observações inimitáveis de meu Mestre: “Algumas pessoas tentam ser altas cortando a cabeça, das demais!”

A compostura infalível de um santo impressiona mais que qualquer sermão. “Quem tarda a se encolerizar, é superior ao poderoso; e quem governa sua própria mente é maior que o conquistador de uma cidade.”[112]

Com freqüência refleti que meu soberano Mestre poderia ter sido, facilmente, um imperador ou um guerreiro que teria feito tremer o mundo, se houvesse concentrado sua mente na fama ou nas conquistas terrenas. Em vez disso, ele escolhera investir contra as cidadelas da raiva e do egotismo cuja queda eqüivale à ascensão do homem.

[112] Provérbios, 16:32.

Capítulo 13 - O santo que não dorme

Por favor, dê-me sua permissão para ir ao Himalaia. Espero, em solidão imperturbável, atingir ininterrupta comunhão divina.

Certa vez, é verdade, dirigi estas ingratas palavras a meu Mestre. Acometido por uma dessas ilusões imprevisíveis que ocasionalmente assaltam o discípulo, eu sentia crescente impaciência com os deveres do eremitério e os estudos da faculdade. Circunstância fracamente atenuante é que apresentei esta moção após seis meses apenas de convivência com Sri Yuktéswar. Eu ainda não avaliara sua incomensurável estatura espiritual.

- Muitos montanheses vivem no Himalaia e, contudo, não possuem a percepção de Deus. - A resposta de meu guru veio com lentidão e simplicidade. - Procura-se melhor a sabedoria através de um homem de consciência divina que através de uma cordilheira inerte.

Fingindo ignorar a clara insinuação do Mestre de que ele, e não a montanha, era meu instrutor, repeti minha súplica. Sri Yuktéswar não se dignou mais responder. Tomei seu silêncio como consentimento -- uma interpretação precária mas conveniente.

Em minha residência em Calcutá, naquela noite, ocupei-me com os preparativos da viagem. Ao amarrar alguns objetos dentro de um cobertor, lembrei-me de um embrulho similar, sub-repticiamente atirado da janela de meu sótão, alguns anos antes. Perguntei-me se esta seria outra fuga sob má estrela, rumo ao Himalaia. Na primeira vez, minha alegria espiritual fora exaltada; esta noite, minha consciência me afligia ao pensamento de abandonar meu guru.

Na manhã seguinte, procurei Behari Pundit, meu professor de sânscrito na Faculdade de Igreja Escocesa.

- Senhor, lembrei-me de que se referiu à sua amizade por um grande discípulo de Láhiri Mahásaya. Por favor, dê-me seu endereço.

- Trata-se de Ram Gopal Muzumdar. Eu o chamo de “santo que não dorme”. Ele sempre está acordado, em consciência extática. Sua casa situa-se em Rammajpur, perto de Tarakéswar.

Agradeci ao erudito e imediatamente tomei o trem para Tarakéswar. Esperava silenciar minhas apreensões obtendo licença do “santo que não dorme” para entregar-me à meditação solitária no Himalaia. Behari Pundit dissera-me que Ram Gopal havia recebido a iluminação, após muitos anos de prática de Kriya Yoga, em isoladas cavernas de Bengala.

Em Tarakéswar, tomei o caminho de um santuário famoso. Os hindus lhe têm veneração, a mesma que os católicos sentem pelo santuário de Lurdes, na França. Inúmeras curas milagrosas ocorreram em Tarakéswar, inclusive uma, de um membro de minha família.

- Sentei-me ali no templo durante uma semana - contara-me, certa vez, minha tia mais velha. - Observando completo jejum, rezei pelo restabelecimento de seu tio Sarada, que padecia de moléstia crônica. No sétimo dia, uma erva materializou-se em minha mão! Fiz das folhas um chá e dei-o a seu tio. Sua doença desapareceu imediatamente e nunca mais voltou.

Penetrei no sagrado templo de Tarakéswar; o altar nada mais ostenta além de uma pedra redonda. Sua circunferência, sem começo nem fim, é uma representação significativa do Infinito. Na índia, as abstrações cósmicas são entendidas até pelo camponês iletrado; efetivamente, os ocidentais, às vezes, o têm acusado de viver de abstrações!

Minha própria disposição interior naquele momento era tão austera que não me senti inclinado a reverenciar o símbolo de pedra. Deus deveria ser procurado, refleti, unicamente dentro da alma.

Abandonei o templo sem dobrar o joelho e caminhei animadamente em direção ao vilarejo de Ranbajpur, fora dos limites de Tarakéswar. Eu não tinha certeza do rumo. Meu pedido a um transeunte, para que me informasse, mergulhou-o, em demorada cogitação.

- Ao chegar a uma encruzilhada, vire à direita e continue andando - sentenciou ele, afinal, em tom de oráculo.

Obedecendo às instruções, vaguei ao longo das margens de um canal. Escureceu; os arredores daquela aldeia da selva 'criaram vida com piscantes vaga-lumes e aulidos de chacais próximos. O luar era demasiado tênue para me servir de ajuda. Durante duas horas continuei tropeçando.

Abençoado tilintar da sineta de uma vaca! Meus gritos repetidos afinal aproximaram de mim um campônio.

- Procuro Ram, Gopal Babú.

- Ninguém com esse nome vive em nossa aldeia. - O tom de voz do homem - era áspero. - Você é certamente um detetive mentiroso.

Esperando ver diminuídas as suspeitas de sua mente preocupada por motivos políticos, expliquei-lhe, tocantemente, a situação de apuro em que me achava. Ele me levou à sua casa e ofereceu-me hospitaleira acolhida.

- Rambajpur é distante daqui - assinalou ele. - Na encruzilhada, você deveria ter virado à esquerda e não à direita.

Meu primeiro informante, pensei com tristeza, era uma ameaça definitiva para os viajantes.

Após uma saborosa refeição de arroz com cutícula, dhal de lentilhas e caril de batatas com bananas cruas, retirei-me para uma pequena choça junto ao pátio, À distância, os habitantes do vilarejo cantavam, acompanhados de ruidosos mridangas[113] e címbalos, O sono foi insignificante naquela noite; rezei fervorosamente para ser guiado ao recluso iogue, Ram Gopal.

Logo que as primeiras estrias de luz da madrugada penetraram pelas fendas de minha choupana, parti para Ranbajpur. Cruzei acidentados campos de arroz, caminhando penosamente sobre tocos de planta espinhosa cortados à foice e contornando montículos de argila seca. De vez em quando, ao encontrar um transeunte, ele invariavelmente me dizia que minha meta final distava “apenas uma krosha”(cerca de três quilômetros). Em seis horas, o sol viajara triunfalmente do horizonte ao zênite, mas comecei a sentir que sempre estaria longe de Ranbajpur por “apenas uma krôsha”.

Às três horas da tarde, meu mundo continuava a ser um campo de arroz interminável. O calor que tombava do céu inclemente punha-me na iminência de um inevitável colapso. Vi um homem aproximar-se de mim em passo vagaroso. Dificilmente me atreveria a fazer-lhe a pergunta usual, com medo de provocar a monótona “apenas uma krôsha “.

O desconhecido parou ao meu lado. Magro e de estatura baixa, ele fisicamente não causava impressão, a não ser por um extraordinário par de escuros olhos penetrantes.

- Eu estava planejando deixar Ranbajpur, mas sua intenção era boa, de modo que o esperei. - Sacudiu o indicador junto a meu rosto assombrado. - Não tem inteligência para raciocinar que, sem aviso, suas garras não se cravariam em mim? Aquele professor Bebari não tinha nenhum direito de lhe dar meu endereço.

Considerando que proceder à minha própria apresentação seria mera verbosidade em presença deste mestre, permaneci calado, um tanto ressentido por sua acolhida. A seguir, ele propôs bruscamente uma questão.

- Diga-me, onde pensa que Deus está?

- Ora, Ele está dentro de mim e de tudo. - Eu parecia, sem dúvida, tão aturdido quanto intimamente me sentia.

- Onipenetrante, heim? - O santo esboçou um riso. - Então, por que, jovem senhor, não fez reverência ao Infinito no símbolo de pedra, ontem, no templo de Tarakéswar?[114] Seu orgulho motivou o castigo de ser posto em rumo falso por um viandante que não se preocupava com refinadas distinções entre direita e esquerda, Hoje, também, você teve um dia perfeitamente desagradável!

Concordei, de todo coração, maravilhado de que um olho onipresente estivesse oculto no interior daquele corpo insignificante diante de mim. Uma força curativa emanava do iogue; senti-me instantaneamente refrescado e revigorado naquele campo abrasador.

- Todo devoto tende a pensar que sua rota para Deus é a única disse ele. - A ioga, que permite achar a divindade no interior do homem, é indubitavelmente a senda mais elevada, como Láhiri Mahásaya afirmou. Mas, ao descobrir o Senhor dentro de nós, logo O percebemos fora de nós. Santuários de Tarakéswar e de outros lugares, são, com justiça, venerados como centros nucleares de poder espiritual.

A atitude de censura do santo desapareceu; seus olhos tornaram-se suaves, compassivos. Deu uma palmadinha em meu ombro.

---

[113] Tambores percutidos a mão, usados apenas para música devocional.

[114] “Um homem que não se inclina perante coisa alguma, não pode jamais suportar a carga de si mesmo.”- Dostoievsky, em “Os Possessos”.

- Jovem iogue, percebo que está fugindo de seu mestre. Ele tem tudo o que você precisa; deveria regressar a ele. - E acrescentou: - As montanhas não podem ser seu guru. - O mesmo pensamento que Sri Yuktéswar expressara dois dias antes.

Os mestres não estão colocados sob uma compulsão cósmica que os restrinja a viver nas montanhas apenas. - Meu companheiro examinou-me com olhos zombeteiros. - O Himalaia, na índia e no Tibete, não têm o monopólio de santos. O que alguém não se dá ao trabalho de procurar dentro de si, não será descoberto transportando o corpo de cá para lá. Mas assim que o devoto voluntariamente se dispõe a ir ao fim do mundo para obter a iluminação espiritual, seu guru lhe aparece, bem próximo.

Silenciosamente concordei, relembrando minha prece no eremitério de Benares, seguida pelo encontro com Sri Yuktéswar, em rua repleta de gente.

- Você dispõe de um quarto pequeno onde possa fechar a porta e estar sozinho?

- Sim. - Refleti em como este santo descia do geral ao particular com velocidade desconcertante.

- Essa é a sua caverna. - O iogue lançou-me um olhar de iluminação que jamais esqueci. - Essa é a sua montanha sagrada. Ali é que achará o reino de Deus.

Suas singelas palavras baniram instantaneamente minha longa obsessão pelo Himalaia. Num tórrido campo de plantações de arroz, despertei de meu sonho de montanhas e neves eternas.

Jovem senhor, sua sede divina é louvável. Sinto grande afeição por você. - Ram Gopal tomou ainda minha mão e conduziu-me a uma aldeia singular, dentro de uma clareira na floresta. As casas de adobe estavam cobertas com folhas de coqueiros e apresentavam, sobre a porta de entrada, rústicos adornos de flores tropicais recém-cortadas.

O santo me fez sentar na umbrosa plataforma de bambu de sua pequena cabana. Após me servir de suco de lima adoçado e uma pedra de açúcar cândi, dirigimo-nos ao pátio e assumimos a posição de lótus. Quatro horas de meditação decorreram. Al-)ri os olhos e vi que a figura enluarada do iogue continuava imóvel. Enquanto eu recordava austeramente a meu estômago que nem só de pão vive o homem, Ram Gopal levantou-se.

- Vejo que você tem fome - disse-me. - A comida logo estará pronta.

Ele acendeu o fogo sob um forno de barro no pátio. Em pouco tempo, estávamos comendo arroz e dbal, servidos em grandes folhas de bananeira. Meu anfitrião cortesmente recusara meu auxílio nos trabalhos domésticos da cozinha. Um provérbio hindu, “O hóspede é Deus”, tem merecido respeitosa observância na índia, desde tempos imemoriais. Em minhas viagens posteriores pelo mundo, fiquei encantado ao ver idêntico respeito pelos visitantes manifestar-se nas zonas rurais de muitos países. O habitante das cidades tem o senso da hospitalidade embotado pela superabundância de rostos estranhos.

Os grandes centros comerciais pareciam incrivelmente remotos ao sentar-me de pernas cruzadas junto ao iogue, no isolamento da pequenina aldeia da selva. O quarto da choupana achava-se misteriosamente iluminado por suave brilho. Ram Gopal arrumou alguns cobertores rasgados sobre o solo, para servir-me de leito, e sentou-se numa esteira de palha. Subjugado por seu magnetismo espiritual, arrisquei um pedido:

- Senhor, por que não me concede o samádhi?

- Meu querido, eu teria prazer em transmitir-lhe o contato divino, mas não me cabe fazê-lo. - O santo contemplou-me com olhos semicerrados. - Seu mestre conceder-lhe-á essa experiência em breve. Seu corpo ainda não está suficientemente afinado. Assim como uma pequena lâmpada seria queimada por excessiva voltagem, seus nervos, igualmente, não estão preparados para a corrente cósmica. Se eu lhe proporcionasse o êxtase infinito agora, você arderia como se cada célula sua se convertesse em chama.

- Você me pede a iluminação continuou o iogue pensativamente - enquanto eu próprio cismo insignificante como sou, e com a pouca meditação que fiz se consegui agradar a Deus, e que merecimento poderei encontrar a Seus olhos no cômputo final.

- Senhor, não procurou Deus, com toda sinceridade, durante longo tempo?

- Não fiz outra coisa. Behari deve lhe haver dito algo de minha vida. Durante vinte anos, ocupei uma gruta secreta, meditando dezoito horas diariamente. Em seguida, mudei-me para uma caverna mais inacessível e ali permaneci por vinte e cinco anos, mantendo-me em êxtase durante vinte e quatro horas todos os dias. Não precisava dormir, pois estava sempre com Deus, Meu corpo conhecia mais descanso, pela calma absoluta da superconsciência, do que poderia obter pela imperfeita paz do estado subconsciente ordinário. Os músculos se relaxam durante o sono; mas o coração, os pulmões e o sistema circulatório continuam a trabalhar incessantemente; não conhecem repouso. Em superconsciência, todos os órgãos internos permanecem em estado de animação suspensa, eletrificados pela energia cósmica. Por este meio, para mim, vem sendo desnecessário dormir durante anos. - E acrescentou: - Tempo vir em que você, também, dispensará o sono.

- Céus, o senhor meditou tanto tempo e ainda não tem certeza do favor de Deus? - observei com assombro. - Então, que esperar para nós, pobres mortais?

- Bem, não vê, querido jovem, que Deus é a própria Eternidade? Pretender conhecê-lo em Sua plenitude, com quarenta e cinco anos de meditação, é expectativa bastante absurda. Bábají nos assegura, entretanto, que até uma pequena meditação nos salva do terrível temor à morte e aos estados pós-morte. Não fixe seu ideal de espiritualidade em pequenas montanhas, mas engaste-o na estrela da integral realização do Divino. Se praticar com firmeza e constância, atingi-lo-á.

Cativado por esta perspectiva, pedi-lhe mais palavras esclarecedoras. Narrou-me a história maravilhosa de seu primeiro encontro com o guru de Lábiri Mabásaya, Bábají[115]. Cerca de meia-noite, Ram Gopal silenciou e deitei-me sobre os cobertores. Fechando os olhos, vi lampejos parecidos a relâmpagos; meu vasto espaço interior era uma câmara de luz difusa. Abri os olhos e observei a mesma radiação deslumbrante. O quarto tornou-se parte da abóbada infinita que eu contemplava com a visão interna.

O iogue perguntou : - Por que não dorme?

- Senhor, como posso dormir quando relâmpagos fulguram ao meu redor, estejam meus olhos fechados ou abertos?

Você é abençoado ao obter esta experiência. As radiações espirituais não são vistas facilmente, - O santo acrescentou algumas palavras de afeto.

Ao raiar a madrugada, Ram Gopal deu-me torrões de açúcar cândi e adiantou que eu devia me despedir. Senti tal relutância em dizer-lhe adeus, que as lágrimas deslizaram por meu rosto.

- Não o deixarei partir de mãos vazias. - O iogue expressou-se com ternura. - Farei algo por você.

Sorriu e, fixamente, me olhou; eu me tornei imóvel, como se tivesse raízes no chão; vibrações de paz, emanadas do santo, inundaram meu ser. Fui instantaneamente curado de uma dor nas costas, que me atormentara com intermitência, durante anos.

Renovado, imerso em um oceano de alegria luminosa, não mais chorei. Depois de tocar os pés de Ram Gopal, penetrei na selva. Abri caminho, através de seu emaranhado tropical, e de muitos campos de arroz, até chegar a Tarakéswar.

Ali fiz uma segunda peregrinação ao santuário famoso e prostrei-me de corpo e alma diante do altar. A pedra circular alargou-se ante minha visão interna, até converter-se nas esferas cósmicas: órbita dentro de órbita, zona após zona, todas saturadas de divindade.

Feliz, tomei o trem, uma hora depois, para Calcutá. Minhas viagens terminaram, não nas montanhas imponentes, mas na himalaica presença de meu Mestre.

[115] Ver capítulo 33.

Capítulo 14 - Uma experiência em consciência cósmica

- Aqui estou, gurují. - Meu semblante envergonhado falava mais eloqüentemente do que eu.

- Vamos à cozinha buscar algo para comer. - A atitude de Sri Yuktéswar era tão natural como se apenas horas, e não dias, nos tivessem separado.

- Mestre, devo ter-lhe desapontado com minha brusca partida, abandonando meus deveres aqui; pensei que estaria zangado comigo.

- Não, é claro que não! A cólera nasce unicamente de desejos contrariados. Eu nada espero dos outros; logo, suas ações não se podem opor aos meus desejos. Não o usaria para meus próprios fins; somente me faz feliz a sua verdadeira felicidade.

- Senhor, ouve-se falar de amor divino em forma vaga, mas hoje estou recebendo um exemplo concreto dele através de seu angélico espírito! No mundo, até mesmo um pai não perdoa facilmente a seu filho, se este abandona os negócios paternos sem aviso prévio. O senhor, porém, não demonstra o mais leve aborrecimento, apesar de minha partida lhe haver causado grandes inconvenientes pelas muitas tarefas inacabadas que deixei atrás de mim.

Nossos olhares, onde lágrimas cintilavam, engolfaram-se um no outro. Uma onda de beatitude me inundou; eu tinha consciência de que o Senhor, sob a forma de meu guru, expandia os pequenos ardores de meu coração até alcançar as vastidões do amor cósmico.

Poucas semanas haviam decorrido quando entrei na sala-de-estar do Mestre, vazia então. Eu planejara meditar, mas este louvável propósito não foi compartilhado por meus pensamentos desobedientes. Eles se dispersavam como pássaros diante do caçador.

- Mukunda! - A voz de Sri Yuktéswar soou, proveniente de um lugar distante.

Senti-me tão rebelde quanto meus pensamentos. - O Mestre está sempre me incitando a meditar - murmurei para mim mesmo. - Ele não deveria me perturbar quando sabe o motivo de minha vinda a esta sala.

Novamente me chamou; permaneci em obstinado silêncio. Na terceira vez, seu tom era ríspido.

Senhor, estou meditando - gritei, em protesto.

- Sei como está meditando - disse meu guru, em voz alta,

- Com sua mente dispersa como folhas numa tempestade! Venha cá. Contrariado e desmascarado, encaminhei-me tristemente para ele,

- Pobre rapaz, as montanhas não lhe podem dar o que deseja.

- O Mestre falou de maneira cariciosa, confortadora. Seu olhar tranqüilo era insondável. - O desejo de seu coração se realizará.

Raras vezes Srí Yuktéswar expressava-se por enigmas; eu estava surpreendido. Ele golpeou meu peito levemente, acima do coração.

Meu corpo tornou-se imóvel como se tivesse raízes; o alento saiu de meus pulmões corno se um imã enorme o extraísse. Instantaneamente o espírito e a mente romperam com sua escravidão ao físico e jorraram de cada um de meus poros como luz perfurante e fluida. ,A carne parecia morta e, contudo, em minha intensa lucidez, eu percebia que nunca antes estivera tão plenamente vivo. Meu senso de identidade já não se achava confinado à estreiteza de um corpo, mas abarcava os átomos circundantes. Pessoas em ruas distantes pareciam mover-se suavemente em minha própria e remota periferia. Raízes de plantas e árvores eram percebidas através de uma tênue transparência do solo; e eu distinguia a interna circulação da seiva.

A vizinhança inteira surgia desnuda diante de mim. Minha visão frontal comum havia se transformado em vasto olhar esférico que percebia tudo simultaneamente. Através de minha nuca. vi homens caminhando além da distante viela de Rai Ghat e também notei uma vaca branca aproximando-se preguiçosamente. Quando ela chegou à porta aberta do áshram, observei-a como se o fizesse com meus dois olhos físicos. Depois que passou para trás do muro de tijolos do pátio, continuei a vê-la, claramente.

Todos os objetos dentro de meu olhar panorâmico tremiam e vibravam como rápidos filmes cinematográficos. Meu corpo, o corpo de meu Mestre, o pátio com suas colunas, a mobília, o assoalho, as árvores e a luz do sol, tornavam-se, de vez em quanto, violentamente agitados até que tudo se fundia num mar luminescente, assim como os cristais de açúcar, mergulhados num copo de água, diluem-se depois de serem sacudidos. A luz unificadora alternava-se com materializações de forma e as metamorfoses revelavam a lei de causa e efeito na criação.

Uma alegria oceânica rebentava nas praias serenamente intermináveis de minha alma. Atingi a realização de que o Espírito de Deus é Beatitude inesgotável; Seu corpo compreende incontáveis tecidos de luz. Um sentimento de glória crescente dentro de mim começou a envolver cidades, continentes, o planeta, os sistemas solares e as constelações, as tênues nebulosas e os universos flutuantes. O cosmo inteiro, suavemente luminoso, semelhante a uma cidade vista de alguma distância à noite, cintilava dentro da infinidade de meu ser, Para além de seus contornos definidos, a luz ofuscante empalidecia ligeiramente nos confins mais longínquos; ali eu via uma radiação branda, nunca diminuía. Era indescritivelmente sutil; as figuras dos planetas constituíam-se de uma luz mais densa[116].

Os raios luminosos dispersavam-se oriundos de uma Fonte Perpétua, resplandecendo em galáxias, transfiguradas com auras inefáveis, Vi, repetidas vezes, os fachos criadores condensarem-se em constelações e depois dissolverem-se em lençóis de transparente chama. Por reversão rítmica, sextilhões de mundos transformavam-se em brilho diáfano e, em seguida, o fogo se convertia em firmamento.

Conheci o centro do empíreo como um ponto de percepção intuitiva em meu coração. Esplendor irradiante partia de meu núcleo para cada parte da estrutura universal. O beatífico amrita, néctar da imortalidade, corria através de mim, com fluidez de mercúrio. Ouvi ressoar a voz criadora de Deus, AUM[117], a vibração do Motor Cósmico.

De súbito, a respiração voltou aos seus pulmões. Com desapontamento quase insuportável, constatei que havia perdido minha infinita vastidão. Mais uma vez me limitava à jaula humilhante do corpo, tão desconfortável para o Espírito. Como filho pródigo, eu fugira de meu lar macrocósmico e me encarcerara em um estreito microcosmo.

Meu guru continuava de pé, imóvel diante de mim; inclinei-me, no intento de me prostrar a seus santos pés em gratidão por me haver concedido a experiência da Consciência Cósmica que tão apaixonadamente eu buscara. Mas ele me impediu e, retendo-me de pé, disse com tranqüilidade:

Você não deve se embriagar com o êxtase. Muito trabalho ainda resta para você fazer no mundo. Venha, vamos varrer o chão da sacada; depois caminharemos ao longo do Ganges.

Fui buscar a vassoura; o Mestre, eu sabia, estava me ensinando o segredo da vida equilibrada. A alma deve alargar-se sobre os abismos cosmogônicos, enquanto o corpo executa seus deveres diários.

Quando Sri Yuktéswar e eu saímos ' mais tarde, para uma caminhada, eu ainda me encontrava enlevado em menarrável arrebatamento. Eu via nossos corpos como duas figuras astrais, movendo-se sobre um caminho ao longo do rio cuja essência era de puríssima luz.

- O Espírito de Deus é o que ativamente sustenta cada forma e força no universo; não obstante, Ele é transcendental e paira a sós no vácuo beatífico e incriado, além dos mundos dos fenômenos vibratórios[118] - explicou o Mestre. - Os que alcançam na Terra a realização de seu Divino Eu vivem, à semelhança de Deus, uma dupla existência. Conscientemente executam sua tarefa no mundo e, todavia, permanecem imersos em beatitude interior. Do ilimitado júbilo de Seu próprio ser, o Senhor criou todos os homens. Embora estejam dolorosamente grampeados ao corpo, Deus contudo espera que os homens feitos à Sua imagem coloquem-se acima de todas as identificações com os sentidos e reatem sua união com Ele.

---

[116] A luz, como essência da criação, é explicada no Capítulo 30.

[117] "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"- João, 1: 1.

[118] "Pois o Pai a ninguém julga, mas confiou todo o julgamento ao Filho" (João, 5:22). "Nenhum homem jamais viu Deus; o Filho unigênito, que está no seio do Pai, nos revelou esse mesmo Pai" (João, 1:18). "Deus ... criou todas as coisas por Jesus Cristo" (Efésios, 3:9). "Quem acredita em Mim, fará as obras que eu faço; e obras ainda maiores que estas fará; porque eu vou a meu Pai (João, 14:12). "O Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e trará todas as coisas à vossa memória, tudo quanto eu vos disse" (João, 14:26).
Estas palavras bíblicas referem-se à natureza tríplice de Deus como Pai, Filhc e Espírito Santo (Sat, Tat, Aum nas Escrituras hindus). Deus, o Pai, é o Absoluto Imanifestado, existindo além da criação vibratória. Deus, o Filho, é a Consciência de Cristo (Brahma ou Kutástha Chaitânya) existindo dentro da criação vibratória; esta Consciência de Cristo é o "Unigênito" ou único reflexo do Infinito Incriado. A manifestação exterior da onipresente Consciência de Cristo é a "testemunha" (Apocalipse, 3:14), é Aum, o Verbo, ju Espírito Santo: divino poder invisível, único autor, única força causal e ativante que sustenta o universo inteiro através de vibração. Aum é o Consolador beatífico, ouvido em meditação, e revela ao devoto a Verdade última, trazendo "tudo ... à memória".

A visão cósmica me rendeu muitas lições indeléveis. Aquietando diariamente meus pensamentos, pude libertar-me da ilusória convicção de que meu corpo era uma massa de carne e ossos, a transitar pelo duro solo da matéria. A respiração e a mente inquietas, segundo constatei, são como tempestades que fustigam o oceano de luz, provocando ondas de formas materiais - terra, céu, seres humanos, animais, pássaros, plantas. Não se pode obter nenhuma percepção do Infinito como luz Onica, exceto acalmando essas tempestades.

Sempre que eu tranqüilizava os dois tumultos naturais, podia contemplar as numerosas ondas de criação dissolverem-se num mar reluzente, assim como os vagalhões do oceano, quando um temporal cessa, serenamente se liqüefazem em unidade.

Um mestre concede a divina experiência da Consciência Cósmica quando seu discípulo, pela meditação, fortaleceu sua mente a tal grau que as imensas perspectivas não o esmagam. Mera vontade intelectual ou compreensão não bastam. Somente a adequada ampliação da consciência pela prática da ioga e da bhákti devocional podem preparar alguém para amortecer o choque liberador da onipresença.

A divina experiência chega com inevitabilidade natural ao devoto sincero. Seu intenso anelo começa a atrair Deus com força irresistível. O Senhor, como Visão Cósmica, é atraído por esse ardor magnético para o âmbito de consciência de quem O busca.

Escrevi, nos últimos anos, o poema seguinte, Samádhi, tentando transmitir um vislumbre da glória que se experimenta no êxtase:

Esgarçados os véus de luz e sombra,

evaporada toda a bruma de tristeza,

e tendo, como veleiro, singrado para longe

todo o amanhecer de alegria transitória,

desvaneceu-se a turva miragem dos sentidos.

Amor, ódio, saúde, enfermidade, vida, morte:

extinguiram-se estas sombras falsas na tela-de-projeção da dualidade.

A tempestade de máya serenou tangida

pela varinha de condão da intuição profunda.

Presente, passado, futuro já não existem para mim,

mas somente o hoje eterno, Eu onifluente, Eu onipresente.

Planetas, estrelas, poeira de constelações, globo terrestre,

erupções vulcânicas de cataclismos do juízo final,

o forno modelador da criação,

geleiras de silenciosos raios X, dilúvios de eléctrons ardentes,

pensamentos de todos os homens, pretéritos, atuais, vindouros,

toda folhinha de erva, eu mesmo, a humanidade,

cada partícula da poeira universal,

raiva, ambição, bem, mal, salvação, luxúria,

tudo assimilei, tudo transmutei

no vasto oceano do sangue de meu próprio Ser indiviso.

Júbilo comburente, multi-ampliado pela meditação,

cegando meus olhos marejados,

explodiu em labaredas imortais de bem-aventurança,

consumiu minhas lágrimas, meus limites, meu todo.

Eu sou Tu, Tu és Eu,

o Cognoscente, o Conhecedor, o Conhecido, unificados!

Palpitação tranqüila, ininterrupta, paz sempre nova, eternamente viva.

Deleite transcendente a todas as expectativas da imaginação, beatítude do samádhi!
Nem estado inconsciente,
nem clorofórmio mental sem regresso voluntário,
samádhí estende meu reino consciente
para além dos limites de minha compleição mortal
até a mais longínqua fronteira da eternidade
onde Eu, o Oceano Cósmico,
observo o pequeno ego flutuando em Mim.
Ouvem-se, dos átomos, murmúrios movediços;
a terra escura, montanhas, vales, são líquidos em fusão!
Mares fluindo convertem-se em vapores de nebulosas!
Aum sopra sobre os vapores, descortinando prodígios mais além,
oceanos desdobram-se revelados, eléctrons cintilantes,
até que, ao último som do tambor cósmico[119]*,*
transfundem-se os fulgores mais grosseiros em raios perenes
de beatitude que em tudo se ínfiltre.
Da alegria eu vim, da alegria eu vivo,
em sagrada alegria liqüefaço-me.
Oceano da mente, bebo todas as ondas da criação.
Os quatro véus do sólido, líquido, gasoso, e luminoso,
um após outro, suspensos, transpassados.
Eu, em tudo, penetro no imenso Eu.
Extintas para sempre as vacilantes, tremeluzentes sombras da memória perecível;
imaculado é meu céu mental - abaixo, acima e excelsamente;
Eternidade e Eu, um facho de união.
Pequenina bolha de riso, eu
me converti no próprio Oceano da Alegria.

Sri Yuktéswar ensinou-me como repetir essa bendita experiência à vontade, e também como transmiti-la a outros[120] quando seus canais de intuição se encontrarem desenvolvidos.

Durante meses, depois da primeira vez, entrei em estado de união extática, compreendendo diariamente por que os Upanisháds dizem que Deus é rasa, "a suprema delícia". Certa manhã, porém, apresentei um problema ao Mestre.

- Quero saber, senhor, quando encontrarei Deus?

- Você já o encontrou.

- Oh, não, senhor, penso que não!

[119] Aum, vibração criadora que exterioriza toda a criação.
[120] Transmiti a Visão Cósmica a certo número de Kriya Yogis no Oriente e no Ocidente. Vê-se um deles, o sr. James J. Lynn, em satnádhi na fotografia fronteira à pg. . . .

Meu guru sorria. - Estou certo de que você não está esperando um personagem venerável, adornando um tronco em algum cantinho anti-séptico do cosmo! Percebo, entretanto, que você imagina ser a posse de poderes miraculosos a prova de que alguém encontrou Deus. Não! Pode-se adquirir o poder de controlar o universo inteiro e, não obstante, descobrir que Deus se esquiva. O avanço espiritual não se mede pela exibição de poderes externos, mas apenas pelo profundeza da beatitude alcançada em meditação. Deus é sempre renovada alegria. Ele é inesgotável; à medida que você prosseguir em suas meditações, durante anos, Ele o fascinará com infinita capacidade inventiva. Devotos como você, que encontraram a senda para Deus, nunca sonham trocá-lo por nenhuma outra felicidade; Ele é o sedutor para Quem é impossível conceber rival. Com que rapidez nos enfastiamos dos prazeres terrenos! O desejo por coisas materiais é infindo; o homem nunca está completamente satisfeito e persegue um objetivo após outro. Aquele “algo mais” que ele procura é Deus, o único que pode conceder alegria imperecível. Anseios exteriores nos expulsam do Éden interior; oferecem prazeres falsos que apenas arremedam a ventura da alma. Reconquista-se o paraíso perdido, rapidamente, através da meditação divina. Sendo Deus a “Eterna Novidade Imprevista”, nunca nos fatigamos Dele. Podemos nos enfastiar da beatitude, se ela é deliciosamente renovada durante toda a eternidade?

- Compreendo agora, senhor, por que os santos chamam de insondável a Deus. Até mesmo a vida eterna não é suficiente para apreciá-lo.

- É verdade; mas Ele também nos é próximo, e querido. Depois que a mente foi purificada de obstáculos sensoriais por Kriys Yoga, a meditação fornece um duplo comprovante de Deus. A sempre-renovada alegria é prova de Sua existência, convincente para os próprios átomos de nosso corpo. Além disso, ao meditar, encontramos Sua orientação instantânea. Sua resposta adequada a cada dificuldade.

- Compreendo, gurují; o senhor resolveu meu problema. - Sorri, agradecido. - Agora tenho consciência de que já encontrei Deus, pois sempre que o júbilo da meditação retorna subconscientemente durante minhas horas de atividade, sou levado com sutileza a adotar o procedimento correto em tudo, até nos menores detalhes.

- A vida humana estará sobrecarregada de tristeza até aprendermos a sintonizar com a Vontade Divina, cujo “Procedimento correto” resulta freqüentemente desnorteante para a inteligência egoísta - disse o Mestre. - Somente Deus dá conselho sem erro; quem, senão Ele, carrega o peso do cosmo?

Capítulo 15 - O roubo da couve-flor

-Mestre, um presente para o senhor! Estas seis enormes couves-flores foram plantadas por minhas mãos; cuidei de seu crescimento com ternura de mãe que aleita e cria seu filho. - Apresentei a cesta de vegetais com um gesto floreado e cerimonioso.

- Obrigado! - O sorriso de Srí Yuktéswar era de calorosa apreciação. - Por favor, guarde-as em seu quarto; precisarei delas amanhã para um jantar especial.

-Eu acabava de chegar a Puri[121] para gozar minhas férias de verão em companhia de meu guru, em seu eremitério à beira-mar. Construído pelo Mestre e seus discípulos, o alegre e pequenino retiro, com um andar superior, dá frente para a baía de Bengala.

Acordei cedo na manhã seguinte, reanimado pela salgada brisa marinha e o encanto quieto do áshram. A voz melodiosa de meu guru estava chamando; dei uma vista de olhos às minhas estimadas couves-flores e acondicionei-as com esmero sob meu leito.

- Venham, vamos à praia. - O Mestre seguia em frente, mostrando o caminho; diversos discípulos jovens e eu o seguíamos, em grupo esparso. Nosso guru nos examinava com brando espírito crítico.

- Quando nossos irmãos ocidentais caminham, timbram comumente em “acertar o passo”. Agora, por favor, marchem em duas fileiras; conservem todos o mesmo passo, ritmicamente. - Srí Yuktéswar observava se obedecíamos; começou a cantar: “Meninos marcham, ida e volta, em garbosa fileira”. Era-me impossível não admirar a facilidade com que o Mestre acompanhava o passo rápido de seus jovens estudantes.

- Alto! - Os olhos de meu guru procuravam os meus. - Você se lembrou de fechar a porta traseira do eremitério?

- Penso que sim, senhor.

Sri Yuktéswar permaneceu silencioso durante alguns minutos, com um sorriso meio reprimido em seus lábios. - Não, você se esqueceu - disse ele, afinal. - A contemplação divina não se deve tornar uma desculpa para o descuido material. Você descurou seu dever de salvaguardar o áshram; deve ser punido.

Julguei que ele estivesse obscuramente gracejando quando acrescentou: - Suas seis couves-flores, em breve, serão apenas cinco.

Demos meia volta, obedientes às ordens do Mestre, e represamos até as proximidades do eremitério.

- Descansem um pouco, todos. Mukunda, olhe à esquerda, por entre o casario; observe a estrada além. Ali, certo homem aparecerá logo, e será o instrumento de seu castigo.

Escondi meu vexame ao receber estas indicações incompreensíveis. Um camponês logo apareceu na estrada; dançava grotescamente e movia os braços em torno, gesticulando sem sentido. Quase paralisado de curiosidade, não despreguei os olhos do hilariante espetáculo. Quando o homem atingiu um ponto da estrada, de onde desaparecia de nossa vista, Sri Yuktéswar disse: - Agora, ele dará mais volta.

O camponês imediatamente mudou de direção e dirigiu-se para o lado traseiro do eremitério. Atravessando um trecho arenoso, penetrou na moradia pela porta dos fundos. Eu não a fechara à chave, conforme dissera meu guru. O homem saiu pouco depois, segurando uma das minhas preciosas couves-flores. Agora ele caminhava em atitude respeitosa, investido da dignidade de possuir.

A farsa que se desenvolvia, na qual meu papel parecia ser o de vítima assombrada, não era desconcertante a ponto de me impedir a perseguição indignada ao ladrão. Eu tinha corrido metade do caminho quando meu Mestre me chamou de volta; sacudia-se de riso, da cabeça aos pés.

- Aquele pobre louco ansiava por uma couve-flor - explicou-me entre acessos de hilaridade. - julguei que seria boa idéia se ele obtivesse uma das suas, tão mal guardadas!

[121] Puri, cerca de quinhentos quilômetros ao sul de Calcutá, é uma famosa cidade de peregrinação para os devotos de Krishna; seu culto celebra-se ali, todos os anos, com (4ois enormes festivais, Snanavátra e Rathayátra.

Corri para meu quarto onde descobri que o ladrão, evidentemente padecendo de uma fixação em vegetais, deixara intocados meus anéis de ouro, o relógio e o dinheiro, tudo exposto sobre o cobertor. Ele preferira engatinhar sob a cama, onde o cesto de couves-flores, completamente oculto ao olha casual, fora o alvo dócil de seu sincero apetite.

Pedi a Sri Yuktéswar, naquela noite, que me explicasse o incidente (por apresentar, a meu ver, certos aspectos perturbadores).

Meu guru assentiu com a cabeça, lentamente. - Você compreenderá, algum dia. A ciência em breve descobrirá algumas destas leis ocultas.

Quando, alguns anos mais tarde, noticiou-se a maravilhosa descoberta do rádio ao mundo atônito, recordei-me da predição do Mestre. Antiquíssimos conceitos de espaço e tempo foram aniquilados; nenhuma casa era tão humilde e estreita que Londres ou Calcutá, nela, não pudessem entrar! A mais obtusa inteligência se ampliava ante a prova indiscutível de um aspecto da onipresença do homem.

O “enredo” da comédia da couve-flor pode ser entendido melhor por analogia com o rádio[122]. Meu guru era um perfeito rádio humano.

Os pensamentos nada mais são que vibrações autilíssimas movendo-se no éter. Exatamente como um rádio sintonizado capta o número musical que se deseja, em meio a milhares de outros programas, irradiados cie todas as direções, Sri Yuktéswar fora um receptor sensível a determinado pensamento (o daquele homem simplório, ansiando ardentemente por uma couve-flor), em meio aos inúmeros pensamentos das mentes humanas emissoras em todo o mundo. Durante a marcha rumo à praia, tão logo captou o singelo ensejo do campônio, o Mestre desejou satisfazê-lo. O olho divino de Sri Yuktérwar descobrira o homem, dançando ao longo da estrada, antes de tornar-se visível aos discípulos. Meu esquecimento de trancar a porta do áshram dera ao Mestre uma desculpa conveniente para me privar de um de meus valiosos legumes. Depois de assim funcionar como instrumento receptor, Sri Yuktéswar então operou, através de sua poderosa mente, como estação emissora ou radiodifusora[123]. Neste desempenho, ele pudera dirigir com êxito a inversão de rumo do camponês e seu encaminhamento para meu quarto, até uma única das flores comestíveis.

A intuição, que é o guia da alma, surge com naturalidade no homem, nos instantes em que a mente se acha calma. Quase todos já tiveram a experiência de um pressentimento inexplicavelmente correto, ou transferiram seus pensamentos com exatidão a outra pessoa.

A mente humana, quando liberta das perturbações ou da “estática” da inquietude, tem o poder de realizar todas as funções dos complicados aparelhos de rádio - enviando e recebendo pensamentos ou deixando de sintonizar os indesejáveis. Assim como a potência de uma estação radiodifusora é regulada pela quantidade de energia elétrica que pode utilizar, a eficiência de um rádio humano depende do grau de força de vontade de cada pessoa.

Todos os pensamentos vibram eternamente no cosmos. Por meio da concentração profunda, um mestre pode descobrir os pensamentos de qualquer pessoa, viva ou morta. Os pensamentos têm raízes de universalidade e não de individualidade; uma verdade não pode ser criada, mas apenas percebida. Todo pensamento errôneo de um homem resulta de uma imperfeição, pequena ou grande, em seu discernimento. O objetivo da ciência da ioga é acalmar a mente, de modo que, sem distorções, esta possa ouvir o conselho infalível da Voz Interior.

---

[122] Um rádio-microscópio, inventado em 1929, revelou um novo mundo de raios até então desconhecidos. “0 próprio homem e todas as espécies de matéria supostamente inerte, emitem sem cessar os raies que este instrumento “vê” - informou a Associated Press. - “Aqueles que acreditam em telepatia e clarividência encontram nesta notícia a primeira prova científica da existência de raios invisiveis que realmente viajam de uma pessoa para outra. Este rádio-invento é, na realidade, um espetroscópio de rádio-freqüência. Sua função relativa à matéria fria e opaca é a mesma do espetroscópic, ao revelar as espécies de átomos que compõem as estrelas ... A existência de tais raios provindos do homem e de todas as coisas vivas havia sido suspeitada pelos cientistas há muitos anos. Hoje temos a primeira prova experimental de sua existência. Tal descoberta mostra que todo átomo e toda molécula na natureza é uma contínua estação radioemissora... Assim, até mesmo após a morte, a substância que constitui um homem prossegue emitindo esses raios delicados. 0 comprimento de onda destes raios varia, desde o de ondas mais curtas do que as já usadas pelo rádio, até as mais longas. 0 exame destas ondas é quase inconcebível. Existem milhões delas. Uma só molécula grande pode emitir um milhão de diferentes comprimentos de onda ao mesmo tempo. As ondas mais longas desta espécie viajam com a facilidade e a rapidez das ondas de rádio. Existe uma assombrosa diferença entre estes novos raios de rádio e os raios familiares como os da luz: é o tempo prolongado, ascendendo a milhares de anos, em que estas ondas de rádio continuarão sendo emitidas da matéria imperturbada.”

[123] Ver capítulo 28.

O rádio e a televisão trouxeram a voz e a visão instantâneas de pessoas remotas, ao convívio de milhares de ouvintes e de espectadores: as primeiras débeis insinuações científicas de que o homem é espírito onipenetrante. Embora o ego, nas mais bárbaras formas, conspire para escravizá-lo, o homem não é um corpo confinado a um ponto no espaço, mas e, em essência, alma onipresente.

"Fenômenos muito estranhos, prodigiosos e aparentemente improváveis, ainda poderão ocorrer, e uma vez constatados, não nos surpreenderão mais do que nos surpreende hoje tudo o que a ciência nos ensinou no último século - declarou Charles Robert Richet[124], Prêmio Nobel de fisiologia. Supõe-se que fenômenos, agora aceitos por nós sem surpresa, não provocam nosso espanto porque são compreendidos. Mas a verdade é outra. Se eles deixaram de nos surpreender, não é porque sejam compreendidos, mas porque nos são familiares; pois se aquilo que não compreendemos devesse nos surpreender, então deveríamos nos surpreender com tudo: - a queda de uma pedra arrojada ao ar, a semente que se converte em carvalho, o mercúrio que se dilata ao ser aquecido, o ferro atraído pelo ímã.

"A ciência de hoje é conhecimento insignificante... As verdades assombrosas que serão descobertas por nossos descendentes encontram-se agora mesmo a nosso redor, de olhos arregalados postos em nós, digamos assim; e apesar disso, nós não as vemos, Mas não basta dizer que não as vemos; nós não as queremos ver - pois logo que se apresenta um fato imprevisto, com o qual não estamos familiarizados, tratamos de situá-lo no esquema de lugares-comuns do conhecimento adquirido, e nos indignamos se alguém ousa proceder a experimentos mais avançados."

Aconteceu um fato humorístico alguns dias mais tarde, depois de me ter sido roubada, tão ingloriamente, a couve-flor. Não se podia encontrar certo lampião de querosene. Tendo eu comprovado, tardiamente, a visão onisciente de meu guru, pensei que localizar o lampião seria um brinquedo de criança para ele, e aguardei a demonstração.

O Mestre percebeu minha expectativa. Com gravidade exagerada, interrogou todos os residentes do áshram. Um jovem discípulo confessou ter usado o lampião, para ir ao poço, no pátio de trás.

Sri Yuktéswar deu este conselho solene: - Procure o lampião perto do poço.

Corri ao poço; mas do lampião, nada! De crista caída, regressei a meu guru. Agora ele se ria gostosamente, sem remorsos de me haver causado decepção.

- Que lástima que eu não pudesse guiá-lo até a lâmpada desaparecida; não sou adivinho. - Piscando um olho, acrescentou: - Nem mesmo sou um Sherlock Holmes satisfatório!

Compreendi que o Mestre jamais exibiria seus poderes, quando desafiado, nem recorreria a eles para qualquer trivialidade.

Semanas prazenteiras decorreram. Srí Yuktéswar planejava uma procissão religiosa. Pediu-me que guiasse os discípulos através da cidade e pela praia de Puri. O dia festivo (solstício de verão) amanheceu com intenso calor.

- Gúruji, como posso conduzir os estudantes descalços sobre as areias ardentes?

- Vou contar-lhe um segredo - respondeu o Mestre. - O Senhor enviará um guarda-sol de nuvens; e todos caminharão sem desconforto.

Organizei alegremente a procissão; nosso grupo partiu do áshram com uma bandeira Sat-Sanga[125]. Desenhada por Sri Yuktéswar, ostentava o símbolo do olho único[126], o olho telescópico da intuição.

Assim que deixamos o eremitério, o céu toldou-se de nuvens como se fosse por mágica. Um chuvisco, provocando exclamações espantadas de todos os lados, veio refrescar as ruas da cidade e a praia escaldante.

Os pingos suavizantes tombaram durante as duas horas de desfile. No momento exato em que nosso grupo reentrava no áshram, nuvens e chuva desapareceram sem deixar traço.

---

[124] Autor de Nosso Sexto Sentido,

[125] Sat significa literalmente "ser"; daí, "essência, verdade, realidade"; sanga significa "associação". Sri Yuktéswar chamou de Satsanga, "associação com a verdade", à organização de seu eremitério.

[126] "Se, portanto, o teu olho for único, todo o teu corpo será luminoso" (Mateus, 6:22). Durante a meditação profunda, o olho ánico ou espiritual torna-se visível dentro da porção central da testa. Este olho onisciente é mencionado de vários modos nas Escrituras, como o terceiro olho, a estrela do Oriente, o olho interno, a pomba descendo do céu, o olho de Shiva, o olho da intuição, etc.

- Vê como Deus se apercebe de nós - replicou o Mestre depois que lhe expressei meu agradecimento. - O Senhor responde a todos e trabalha por todos. Ele mandou a chuva a meu pedido, e assim também realiza qualquer desejo sincero do devoto. Raramente os homens percebem com que freqüência Ele presta atenção às suas preces. Deus não é parcial em favor de uma minoria, mas atende a cada um que Dele se aproxime em confiança. Seus filhos deveriam sempre ter fé implícita na amorosa bondade de seu Pai Onipresente[127].

Sri Yuktéswar patrocinava quatro festivais por ano, nos equinócios e solstícios, para o qual chegavam discípulos de longe e de perto. A celebração do solstício de inverno efetuava-se em Serampore; o primeiro a que compareci deixou-me uma bênção permanente.

As festividades principiaram de manhã com uma procissão descalça pelas ruas. Vozes de uma centena de estudantes entoavam suaves cânticos religiosos; alguns músicos tocavam flauta e khol kartál (tambores e címbalos). O povo da cidade, entusiasticamente, juncou de flores o caminho, no regozijo de ser desviado de seus afazeres prosaicos por nosso ressoante louvor ao bendito nome de Deus, O longo itínerário findou no pátio do eremitério. Ali fizemos um círculo em redor de nosso gurti, enquanto outros discípulos espargiam dos balcões superiores, sobre nós, flores de calêndula recém-abertas.

Muitos hóspedes subiram as escadas para receber um pudim de channá e laranjas. Dirigi-me a um grupo de condiscípulos que, naquele dia, serviam de cozinheiros. A comida nara esses grandes cenáculos tinha de ser cozinhada fora, em enormes caldeirões. Improvisados fornos de tijolos, onde se queimava lenha, produziam fumaça, provocando lágrimas; nós, porém, ríamos de gozo ao fazer nosso trabalho. Os festivais religiosos na índia nunca são considerados um aborrecimento; cada um dos devotos faz sua parte com satisfação, fornecendo dinheiro, ou arroz e vegetais, ou seus próprios serviços.

O Mestre logo esteve entre nós, supervisando os detalhes da festa. Ocupado a todo momento, ele mantinha-se no ritmo do mais jovem e ativo de seus estudantes.

Um sankírtan (canto em grupo), com acompanhamento de harmônio e tambores percutidos à mão, continuava no andar superior, Sri Yuktéswar escutava com disposição apreciativa; seu ouvido musical era de uma afinação perfeita.

- Estão fora de tom! - O Mestre afastou-se dos cozinheiros e reuniu-se aos músicos. A melodia fez-se ouvir de novo, mas desta vez corretamente apresentada.

O Sama Veda contém os mais antigos escritos do mundo sobre ciência musical. Na índia, consideram-se música, pintura e drama como artes divinas. Brahma, Víshnu e Shíva, a Trindade Eterna, foram os primeiros músicos. Shiva, em seu aspecto de Natarája, o Bailarino Cósmico, é representado nas Escrituras como aquele que deu origem às infinitas variações de ritmo nos processos de criação, preservação e destruição universais, enquanto Brahma e Visbriu marcavam o compasso: Brahma ao tinir de seus címbalos e Vishnu ao fazer soar o sagrado mridânga ou tambor.

Saráswatí, a deusa da sabedoria, é simbolizada dedilhando a vína, mãe de todos os instrumentos de corda. Krisbria, uma encarnação de Visbriu, mostra-se na arte hindu sempre com uma flauta, na qual toca a arrebatadora canção que chama de volta a seu verdadeiro lar a alma humana errante no mundo de máya ou ilusão.

As pedras fundamentais da música hindu são as rágas ou modos, escalas melódicas fixas. As seis rágas básicas ramificam-se em cento e vinte e seis derivadas ráginis (esposas) e putras (filhos). Cada rága tem um mínimo de cinco notas: uma nota principal (vádi ou rei), uma secundária (samavádi ou primeiro ministro), as auxiliares (anuvádi ou servidores) e uma dissonante (vivádi, o inimigo).

Cada uma das seis rágas básicas tem correspondência natural com determinada hora do dia, estação do ano e uma divindade que, presidindo-a, lhe concede certo poder particular. Assim, a primeira, Hindôle Rága, é ouvida somente de madrugada, na primavera, para evocar no verão, o amor universal; a segunda, Deêpaka Rága, é tocada à tarde, o dia para despertar a piedade; a terceira, Mégha Rága, ouve-se ao meio-dia estação das chuvas, a fim de criar coragem; a quarta, Bháirava Rága, toca-se nas manhãs de agosto, setembro e outubro, para alcançar tranqüilidade; a quinta, Sri Rága é reservada aos crepúsculos de outono, para atingir amor puro; a sexta, Malkúnsa Rága, vibrando à meia-noite, no inverno, faz o ouvinte valoroso.

[127] "Aquele que implantou o ouvido, não ouvirá? Aquele que formou o olho, não verá? ... aquele que proporciona conhecimento ao homem, não saberá?"Salmos, 94: 9-10.

Os ríshis da antigüidade descobriram estas leis de aliança sonora entre a natureza e o homem. Sendo a natureza uma objetivação de Aum (do Som Primordial ou Verbo Vibratório), o homem pode obter controle sobre todas as manifestações naturais através do uso de certos mantras ou cantos[128]. Documentos históricos narram os poderes espantosos possuídos por Miyan Tan Sen, músico da corte de Akbar, o Grande, no século 16. Recebendo ordem do imperador para cantar uma rága noturna, enquanto o sol dardejava sobre suas cabeças, Tan Sen entoou um mantra que instantaneamente mergulhou em trevas todos os recintos do palácio.

A música hindu divide a oitava em vinte e dois srútis ou quartos de tom. Estes intervalos microtonais permitem requintados matizes de expressão musical inatingíveis pela escala cromática do Ocidente, de doze semitons. Cada uma das sete notas fundamentais da oitava está associada na mitologia hindu com uma cor e o grito natural de um pássaro ou animal: Dó, com o verde e o pavão; Ré, com o vermelho e a cotovia (sabiá); Mi, com a cor-de-ouro e a cabra; Fa, com o branco amarelado e a garça; Sol, com o negro e o rouxinol; Lá, com o amarelo e o cavalo; Si, com a combinação de todas as cores e o elefante.

A música hindu registra setenta e duas thatas ou escalas. O músico tem liberdade criadora para infinitas improvisações em torno da melodia tradicional fixa ou rága. Concentra-se no sentimento ou característica psíquica marcante do tema estrutural e borda-o então até os limites de sua própria originalidade. O músico hindu não lê notas estabelecidas; cada vez que toca, reveste de novo o esqueleto nu da rága, limitando-se freqüentemente a uma única seqüência melódica, acentuando pela repetição todas as suas sutis variações microtonais e rítmicas. Bach, entre os compositores ocidentais, compreendeu o encanto e o poder do som repetitivo, ligeiramente diferenciado em uma centena de variações complexas.

A literatura sânscrita descreve cento e vinte talas ou medidas de tempo. Diz-se que o fundador tradicional da música hindu, Bhárata, isolou trinta e duas espécies de tala no canto de uma cotovia. A origem de tala ou ritmo tem sua raiz nos movimentos humanos - os dois tempos do caminhar, os três tempos da respiração durante o sono, quando o inalar tem duas vezes a duração do exalar.

A índia sempre reconheceu na voz humana o mais perfeito instrumento de som. A música hindu, por isso, restringe-se quase toda ao registro vocal de três oitavas. Pelo mesmo motivo, ali mais se realça a melodia (relação de notas sucessivas) que a harmonia (relação de notas simultâneas).

A música hindu é uma arte subjetiva, espiritual, individualista, cujo fim não é o brilho sinfônico mas a harmonia pessoal com a Alma Cósmica. Todos os cantos famosos da índia foram compostos por devotos da Divindade. A palavra sânscrita para músico é bhágavatár, “aquele que a Deus canta louvores”.

Os sankírtans, ou reuniões musicais, são uma forma efetiva de ioga ou disciplina espiritual, necessitando concentração intensa - absorção no âmago do pensamento e do som. Sendo o próprio homem uma expressão do Verbo Criador, o som exerce sobre ele efeito potente e imediato. A grande música religiosa do Oriente e do Ocidente confere alegria ao homem porque causa um temporário despertar vibratório de seus centros ocultos na espinha[129]. Nestes beatíficos momentos, reacende-se uma apagada memória de sua origem divina.

---

[128] O folclore de todos os países contém referências a encantamentos com poder sobre a natureza. Os índios americanos são bem conhecidos por terem desenvolvido rituais sonoros para a chuva e o vento. Tan Sen, o grande músico hindu, era capaz de apagar o fogo pelo poder de sua canção. Em 1926,
Charles Kellog, naturalista da Califórnia, demonstrou o efeito da vibração tonal sobre o fogo, perante um grupo de bombeiros de Nova York. “Passando rapidamente um arco, igual a um arco aumentado de violino, sobre um diapasão de alumínio, ele produziu um chiado semelhante à intensa estática de rádio. Instantaneamente, a chama amarela do gás, com sessenta centímetros de altura, que se movia no interior de um tubo de vidro vazio, decresceu para uma altura de quinze centímetros e tornou-se uma labareda azul crepitante. Outra tentativa com o arco, e outro chiado vibratório, extinguiu-a.”

[129] O despertar dos centros cerebrospinais ocultos (cbákras, lótus astrais) é o objetivo sagrado do jogue. Os exegetas ocidentais não compreenderam que o capítulo do Novo Testamento, o “Apocalipse”, contém a exposição simbólica da ciência da ioga, ensinada por João e outros discípulos íntimos do Senhor Jesus. João mencionou (Apocafipse, 1:20) o “mistério das sete estrelas” e das “sete igrejas”; estes símbolos se referem aos sete lótus de luz, descritos nos tratados de ioga como as “sete portas da armadilha” no eixo cerebrospinal. Através destas “saídas” divinamente planejadas, o jogue, pela meditação científica, escapa da prisão do corpo e reassume sua verdadeira identidade como Espírito (Ver capítulo 26).
O sétimo centro, o “lótus de mil pétalas” no cérebro, é o trono da Consciência Infinita. No estado de iluminação divina, diz-se que o jogue percebe Brahma ou Deus Criador como Pádmaja, “O nascido do lótus”.
A “posição de lótus” é assim chamada porque, nessa pose tradicional, o iogue vê os lótus (pádmas), de várias cores, dos centros cerebrospinais. Cada lótus possui um diferente número de pétalas ou raios compostos de prâna (força vital). Os pádrnas são também conhecidos como chákras ou rodas.
A posição de lótus (padmiÍsana) mantém ereta a espinha e constitui um fecho de segurança para o corpo contra o perigo de tombar para a frente ou para trás, durante o estado de transe (sabMIpa samádhi); é, pois, a posição favorita do jogue em meditação. Contudo, padmásana pode apresentar certas dificuldades para o principiante, e não deveria ser tentada sem a orientação de um especialista em Hatha Yoga.
(A fotografia de Sri Sanyal é um bom exemplo, neste livro, da posição de 16tus - ver o índice de ilustrações).

No dia do festival, o sankírtan, ressoando desde a sala de reuniões de Sri Yuktéswar, no andar superior, inspirava os cozinheiros entre as panelas fumegantes. Meus condiscípulos e eu cantávamos alegremente os estribilhos e marcávamos o compasso, batendo palmas.

Ao pôr do sol, havíamos servido centenas de nossos visitantes com khíchurí (arroz e lentilhas), caril de vegetais e pudim de arroz. Estendemos cobertores de algodão no pátio; em breve, a assistência sentava de pernas cruzadas sob a abóboda de estrelas, em quietude, atenta à sabedoria que fluía dos lábios de Sri Yuktéswar. Seus discursos públicos davam ênfase ao valor de Kriya Yoga, e a uma vida de auto-respeito, calma, determinação, dieta simples e exercício regular.

Um grupo de discípulos muito jovens cantou alguns hinos sagrados; a reunião terminou com um fervoroso sankírtan. Das dez horas à meia-noite, os residentes do áshram lavaram panelas e caçarolas, e limparam o pátio. Meu guru chamou-me a seu lado.

- Estou satisfeito com seus serviços, prestados alegremente, hoje e durante os preparativos da semana que passou. Quero que fique comigo; esta noite, pode dormir em minha cama.

Este era um privilégio que nunca pensei desfrutar. Sentamos um pouco, em divina tranqüilidade. Dez minutos depois de havermos deitado para dormir, meu Mestre levantou-se e começou a se vestir.

- Que sucede, senhor? - A alegria de dormir ao lado de meu guru tingiu-se repentinamente de irrealidade.

- Penso que alguns estudantes, havendo perdido os trens de baldeação, logo chegarão aqui. Vamos preparar alguma comida.

- Gurují, ninguém virá a uma hora da madrugada!

- Fique no leito; você trabalhou arduamente. Mas eu vou cozinhar.

Em virtude do tom resoluto de Sri Yuktéswar, saltei da cama e o segui à pequena cozinha adjacente à sacada interna do andar superior, de uso diário. Arroz e dhal logo estavam fervendo.

Meu guru sorriu afetuosamente - Esta noite você venceu a fadiga e o medo ao trabalho duro; nunca mais o incomodarão no futuro.

Enquanto ele pronunciava estas palavras de bênção para a minha vida inteira, ouviram-se passos no pátio. Corri escadas abaixo e dei entrada a um grupo de estudantes.

- Querido irmão - disse um homem - com que relutância viemos perturbar o Mestre a esta hora! Cometemos um erro quanto aos horários de trens, mas sentíamos que não era possível voltar para casa sem haver contemplado nosso guru.

- Ele está à sua espera e até lhes prepara, neste momento, urina refeição.

Ouviu-se a voz de Sri Yuktéswar: - Sejam bem-vindos! - Conduzí os espantados visitantes à cozinha. O Mestre voltou-se para mim, piscando um olho:

- Agora que você obteve as necessárias comprovações, sem dúvida está satisfeito de que nossos hóspedes tenham perdido o trem!

Meia hora mais tarde, eu o acompanhei a seu dormitório, antegozando, a ventura e a honra de dormir ao lado de um guru semelhante a Deus.

Capítulo 16 - Mais esperto que os Astros

- Mukunda, por que você não arranja um bracelete astrológico?

- Deveria usá-lo, Mestre? Não creio em astrologia.

- Não é questão de crença; a atitude científica que se deve adotar em qualquer assunto é a de saber se é verdade. A lei da gravidade funcionou tão eficientemente antes de Newton como depois dele. O cosmos seria positivamente um caos se suas leis só pudessem funcionar mediante a aprovação da crença humana. Os charlatães trouxeram a antiquíssima ciência estelar a seu descrédito atual. Tanto matemática[130] como filosoficamente, a astrologia é muito vasta para ser abarcada corretamente, salvo por homens de profundo entendimento. Se os ignorantes lêem erradamente o céu, e ali enxergam rabiscos em vez de uma escrita, isto é de se esperar neste mundo imperfeito, Não se deve prescindir da sabedoria ao dispensar os pretensos sábios.

E meu guru continuou: - Todas as partes do mundo criado estão ligadas entre si e permutam suas influências. O ritmo equilibrado do universo tem sua raiz na reciprocidade. O homem, em seu aspecto mortal, tem de combater dois grupos de forças - primeiro, os tumultos internos do ser, causados pela mistura de terra, água, fogo, ar e elementos etéreos; segundo, os poderes externos e desintegradores da natureza. Enquanto o homem luta com sua mortalidade, ele é afetado por miríades de mutações do céu e da terra.

- Astrologia é o estudo das reações do homem aos estímulos planetários. Os astros não têm qualquer benevolência ou aversão consciente; eles meramente enviam radiações positivas ou negativas. Por si só, não ajudam nem prejudicam a humanidade, mas oferecem um canal lícito para que se manifeste o equilíbrio de causas e efeitos que, no passado, cada homem pôs em movimento.

Uma criança nasce no dia e hora exatos em que os raios celestes estão em harmonia matemática com seu carma individual. Seu horóscopo é um retrato desafiante, revelando seu passado inalterável e os resultados prováveis em seu futuro. Corretamente, porém, o mapa natalício só pode ser interpretado por homens de sabedoria intuitiva: estes são poucos.

"A mensagem audaz e heraldicamente proclamada através dos céus, no momento do nascimento, não tem a intenção de dar ênfase ao destino - o resultado do bem e do mal pretéritos - mas o de despertar a vontade humana de escapar de seu cativeiro universal. O que o homem fez, ele pode desfazer. Ninguém, além dele mesmo, foi o instigador das causas cujos efeitos agora prevalecem em sua vida. Ele pode transcender qualquer limitação, em primeiro lugar, porque a criou com suas próprias ações e, em segundo lugar, porque possui recursos espirituais que não estão sujeitos à pressão planetária.

"O medo supersticioso à astrologia produz autômatos, dependentes, como escravos, de guia mecânica. O homem sábio derrota seus planetas - isto é, seu passado - transferindo sua fidelidade, da criação ao Criador. Quanto mais efetua sua unidade com o Espírito, menos pode ser dominado pela matéria. A alma é sempre livre; é imortal porque não tem nascimento. Não pode ser regida pelos astros.

"O homem é uma alma e tem um corpo. Quando situa apropriadamente o seu senso de identidade, deixa para trás todos os padrões compulsórios. Enquanto permanecer confuso em seu estado ordinário de amnésia espiritual, experimentará os grilhões insidiosos da lei do ambiente.

---

[130] Referências astronômicas na literatura hindu da antigüidade permitiram aos eruditos fixar com segurança as épocas em que seus autores escreveram. 0 conhecimento científico dos ríshis era muito grande: o Kaushítaki Brâhmana consigna fenômenos astronômicos exatos, indicando que, em 3100 antes de Cristo, os hindus estavam muito adiantados em astronomia, a qual tinha o valor prático de determinar os tempos favoráveis às cerimônias astrológicas. Um artigo na revista East-West, de fevereiro de 1934, assim se referiu ao Jyotish ou conjunto dos tratados védicos de astronomia: "Contém a tradição científica que manteve a índia na vanguarda de todas as nações da antigüidade e dela fez a meca dos buscadores de conhecimento. Brama Gupta, um dos livros do Jyotish, é um tratado astronômico que estuda fenômenos como o movimento heliocêntrico dos planetas em nosso sistema solar, a obliqüidade da eclíptica, a forma esférica da Terra, a luz refletida da Lua, o movimento diário de rotação da Terra em redor de seu eixo, a presença de estrelas fixas na Via Láctea, a lei da gravitação, e outros fatos científicos que só vieram à luz, para o mundo ocidental, no tempo de Copérnico e de Newton."
Os chamados "algarismos arábicos", de valor incalculável para o desenvolvimento da matemática no Ocidente, chegaram à Europa no século 9, trazidos pelos árabes, mas originários da índia, onde aquele sistema de notação fora formulado na antigüidade.
Maiores esclarecimentos sobre a vasta herança científica da índia podem ser encontrados em "História da Química Hindu", de sir P. C. Roy; em "Ciências Positivas dos Antigos Hindus", de B. N. Seal; em "Conquistas Hindus em Ciências Exatas"e "Fundamentos Positivos da Sociologia Hindu", de B. K. Sarkar; e em "Matéria Médica dos Hindus", de U. C. Dutt.

Deus é Harmonia: o devoto que com Ele sintoniza nunca realizará uma ação errônea. Suas atividades concordarão com o cronômetro natural e exato da lei astrológica. Após a meditação e a prece profundas, ele está em contato com sua consciência divina; não há poder maior que esta proteção interior."

Então, querido Mestre, por que deseja que eu use uma pulseira astrológica? - Arrisquei esta pergunta depois de um longo silêncio; eu tentara assimilar a nobre exposição de Sri Yuktéswar, a qual continha idéias muito novas para mim.

- Só quando um viajante atingiu sua meta é que se justifica o abandono de seus mapas. Durante a jornada, ele se aproveita de qualquer atalho conveniente. Os ríshis antigos descobriram muitos meios de encurtar o período de exílio do homem no mundo ilusório. Existem certas engrenagens na lei do carma que podem ser habilmente ajustadas pelos dedos da sabedoria.

"Todos os males humanos se originam de alguma transgressão da lei universal. As Escrituras salientam que o homem deve satisfazer as !eis da natureza, sem descrever, simultaneamente, da onipotência divina. Ele deveria dizer: 'Senhor, confio em Ti, e sei que Tu me podes ajudar, mas envidarei todos os esforços para reparar qualquer mal que tenha cometido.' Por uma série de meios - pela prece, pelo poder da vontade, pela meditação legue, pela consulta aos santos, pelo uso de braceletes astrológicos - os efeitos adversos do passado podem ser diminuídos ou anulados.

"Semelhante a uma casa que pode ser equipada com um pára-raios de cobre para absorver a descarga do relâmpago, o templo do corpo se beneficia com certas proteções.

"Radiações elétricas e magnéticas circulam incessantemente no universo; afetam o corpo humano, favorável ou desfavoravelmente. Há milênios atrás, nossos ríshis estudaram o problema de combater os efeitos adversos das influências cósmicas sutis, Os sábios descobriram que os metais puros emitem uma luz astral, poderoso neutralizante dos influxos negativos dos planetas. Certas combinações de plantas também ajudam. Mais eficiente que tudo são pedras preciosas sem jaça e não menores que dois quilates.

"O emprego preventivo da astrologia raras vezes foi objeto de estudos sérios fora da índia. Um fato pouco conhecido é que jóias, nactais e misturas de plantas, embora sejam da espécie recomendada, só têm valor se apresentarem o peso requerido e se o agente terapêutico for usado em contato com a pele.

- Senhor, seguirei seu conselho, sem dúvida, e comprarei um bracelete. Estou intrigado com a idéia de burlar um planeta!

- Para propósitos gerais, aconselho o uso de um bracelete feito de ouro, prata e cobre. Mas, para um propósito específico, quero que mande fazer um de prata e chumbo. - Sri Yuktéswar acrescentou cuidadosamente outras instruções.

- Gurují, que "propósito específico" é esse?

- Os astros estão prestes a manifestar um interesse "inamistoso" por você, Mukunda. Não tenha medo; você estará protegido. Dentro de um mês, seu fígado lhe causará muitos sofrimentos. A duração da doença está fixada em seis meses, mas o uso de seu bracelete astrológico encurtará o período para vinte e quatro dias.

Procurei meu joalheiro no dia seguinte e logo passei a usar o bracelete. Minha saúde era ótima; a predição do Mestre esvaiu-se de minha mente. Ele deixou Serampore para visitar Benares. Trinta dias após nossa conversação, senti uma dor repentina na região do fígado. As semanas seguintes foram um pesadelo de torturas e martírios. Relutando em perturbar meu guru, pensei que suportaria valentemente minha prova sozinho.

Vinte e três dias de suplício, porém, debilitaram minha resolução; tomei o trem para Benares. Ali, Sri Yuktéswar cumprimentou-me com inusitado calor, mas não me deu oportunidade de lhe contar meus infortúnios em particular. Muitos devotos visitaram o Mestre nesse dia, unicamente pelo dárshan[131]. Enfermo e negligenciado, sentei-me num canto. Só depois da refeição da noite é que os hóspedes todos partiram. Meu guru chamou-me à sacada octogonal da casa.

- Você deve ter vindo por causa de sua doença do fígado. - Sri Yuktéswar desviava de mim os seus olhos; ele caminhava de um lado para o outro, às vezes interceptando o luar. - Deixe-me ver, você está doente há vinte e quatro dias, não é assim?

- Sim, senhor.

- Faça o exercício de estômago que lhe ensinei.

[131] A bênção que flui para o discípulo, à simples contemplação do guru.

- Se soubesse a imensidão de meu sofrimento, Mestre, não exigiria exercícios de mim. - Não obstante, fiz uma débil tentativa para obedecê-lo.

- Você diz que sente dor; afirmo que você não tem nenhuma. Como existir esta contradição? - Meu guru fixou em mim seus olhos interrogativos.

Fiquei deslumbrado e, a seguir, inteiramente possuído de alívio e de júbilo. Não mais sentia o tormento contínuo que me conservara quase sem dormir durante semanas; às palavras de Sri Yuktéswar, a agonia desapareceu como se nunca tivesse existido.

Fiz menção de ajoelhar-me a seus pés, em agradecimento, mas ele rapidamente me impediu.

- Não seja infantil; levante-se e admire a beleza da luz sobre o Ganges. - Os olhos do Mestre, porém, cintilavam felizes, enquanto em silêncio eu me mantinha de pé a seu lado. Compreendi, por sua atitude, que ele desejava que eu sentisse não ter sido ele, mas Deus, Quem me curara.

Até hoje uso o pesado bracelete de prata e chumbo, um momento daquele dia - de um tempo distante e sempre evocado com carinho -quando mais uma vez descobri estar vivendo com um personagem verdadeiramente sobre-humano. Em ocasiões posteriores, ao trazer meus amigos a Sri Yuktéswar para que os curasse, ele invariavelmente recomendava jóias ou o bracelete[132], enaltecendo seu uso como um ato de sabedoria astrológica.

Eu tinha preconceitos contra a astrologia, desde a infância, em parte porque observara que muitas pessoas se prendem a ela servilmente, e em parte devido a uma predição feita pelo astrólogo de minha família: “Três vezes casará, ficando viúvo duas vezes.” Preocupado com o assunto, demorei-me a pensar sobre ele, sentindo-me igual a uma cabra à espera do sacrifício diante do altar de um tríplice matrimônio.

- Você terá de se resignar ao seu destino - comentou meu irmão Ananta. - Seu horóscopo escrito predisse corretamente que você fugiria de casa para o Himalaia na meninice, mas que o forçariam a voltar. A previsão de seus casamentos tende também a resultar certa.

Tive, certa noite, a clara intuição de que a profecia era inteiramente falsa. Ateei fogo ao pergaminho do horóscopo, colocando as cinzas num invólucro de papel onde escrevi: “Sementes do carma passado não podem germinar quando torradas no fogo da sabedoria divina.” Coloquei-o em lugar visível. Ananta imediatamente leu meu comentário desafiador.

- Você não pode destruir a verdade tão facilmente como queimou esse rolo de pergaminho. - Meu irmão teve uma risada desdenhosa.

O fato é que, em três ocasiões antes de atingir a puberdade, minha família tentou contratar meu noivado. Em todas as ocasiões recusei assentir a seus planos[133], sabendo que meu amor a Deus era mais irresistível que qualquer sugestão astrológica do passado.

- Quanto mais profunda é a experiência direta que um homem tem de Deus, mais ele exerce influência sobre o universo inteiro por suas vibrações espirituais sutis, e menos o afeta o fluxo dos fenômenos. - Estas inspiradoras palavras do Mestre retornavam com freqüência à minha mente.

Em algumas ocasiões, eu disse aos astrólogos que selecionassem os meus piores períodos, de acordo com as indicações planetárias, pois, ainda assim, levaria a termo qualquer tarefa que me impusesse a mim mesmo. E verdade que meu sucesso em tais épocas foi precedido por dificuldades extraordinárias, Minha convicção, entretanto, sempre foi justificada: a fé na proteção divina e o uso correto da vontade conferida por Deus ao homem são forças mais poderosas que as influências provindas do firmamento.

Vim a compreender que a inscrição dos astros, à hora do nascimento, não significa que o homem seja um fantoche de seu passado. A mensagem deles é, antes, um acicate ao orgulho; o próprio céu procura despertar o propósito humano de ser livre de toda limitação. Deus criou cada homem como alma, dotado de individualidade e, portanto, essencial à estrutura do universo, seja no papel temporário de coluna ou, de parasita. Sua liberdade é final e imediata, se assim o quiser; não depende de vitórias externas, mas internas.

Sri Yuktéswar descobriu a aplicação matemática, à nossa era atual, de um ciclo equinocial de 2400 anos[134]. O ciclo divide-se em um Arco Ascendente e outro Descendente, cada um com 12.000 anos. Cada Arco abrange quatro Yúgas ou Idades, chamadas Káfi, Dwapára, Tréta e Sátya.

---

[132] Ver capítulo 25.

[133] Uma das jovens escolhidas por minha família, como possível noiva para mim, casou-se mais tarde com meu primo, Prabhas Chandra Ghose, vicepresidente de Yogôda Sat-Sanga Society of India (filiada a SRF de Los Angeles).

Meu guru determinou, por vários cálculos, que o último Káli Yúga, 500 anos depois de Cristo. A Idade de Ferro, com a duração de 1.200 anos, foi um período de materialismo; terminou cerca de 1.700 anos anos, foi um período de materialismo; terminou cerca de 1700 anos depois de Cristo. Esse ano deu início a Dwapára Yúga, uma etapa de 2.400 anos de desenvolvimento elétrico e atômico: a época do telégiafo, rádio, aviões e outros anuladores do espaço. Trêm Yuga, Idade de Prata, de 3.600 anos, começará em 4.100 de nossa era; este período se caracterizará pelo conhecimento generalizado das comunicações telepáticas e de outros aniquiladores do tempo. Durante os 4.800 anos de Sátya Yúga, última época no Arco Ascendente, a inteligência do homem, estando supremamente desenvolvida, trabalhará em harmonia com o plano divino. Um Arco Descendente de 1.200 anos (a iniciar-se com uma Idade de Ouro Descendente de 4.800 anos) principiará então para o mundo (em 12.500 A.D.); o homem gradualmente mergulhará na ignorância. Estes ciclos são as rondas eternas de máva, os contrastes e relatividades de, mundo dos fenômenos[135]. Os homens, um por um, escapam à prisão da dualidade do universo criado, à medida que despertam para a consciência de sua divina unidade, a de criaturas, inseparáveis do Criador.

O Mestre ampliou minha compreensão, não só da astrologia, mas também das Escrituras do mundo. Colocando os textos sagrados na mesa imaculada de sua mente, ele era capaz de dissecá-los com o escalpelo de seu raciocínio intuitivo e distinguir entre os erros e interpolações dos eruditos e as verdades tais como os profetas as expuseram pela primeira vez.

"Fixa os olhos na ponta do nariz." Esta interpretação inexata do Bhágavad Gíta[136], amplamente aceita por eruditos orientais e tradutores ocidentais, costumava suscitar divertida crítica do Mestre.

- A senda do iogue já é bastante singular - comentava ele. Por que aconselhá-lo também a fazer-se vesgo? O verdadeiro significado de nasíkagrâm é "começo do nariz" e não "término do nariz". Este tem origem no ponto entre as sobrancelhas, sede da visão espiritual[137].

Um aforismo Sânkhya[138] afirma: **Íswar ashidha**[139] ("O Senhor da Criação não pode ser deduzido" ou "Deus não se prova"). Baseados principalmente nesta sentença, muitos eruditos chamam de ateística toda a filosofia Sânkhya.

- Este verso não é ateístico - explicou Sri Yuktéswar. - Significa simplesmente que o homem não-iluminado, dependente de seus sentidos para todos os julgamentos finais, não pode, por meio deles, provar Deus, que continua, por isso, desconhecido e não-existente. Os verdadeiros adeptos de Sânkhya, com imperturbável percepção interior, nascida da meditação, compreendem que o Senhor é existente e cognoscível.

O Mestre explicava a Bíblia cristã com admirável clareza. Foi de meu guru indiano, desconhecido para a Cristandade, que aprendi a perceber a essência imortal da Bíblia e a compreender a verdade na afirmação de Cristo - certamente a mais emocionante e intransigente que já se pronunciou "Passarão o céu e a terra, mas minhas palavras não passarão"[140]

---

[134] Estes ciclos são explicados na primeira parte do livro de Sri Yuktéswar, "A Ciência Sagrada", edição de SRF, Los Angeles.

[135] As Escrituras hindus situam a época atual de mundo dentro do Káli Yúga de um ciclo universal incomparavelmente mais longo que o simples ciclo equinocial de 24.000 anos, a que Sri Yuktéswar se refere. 0 ciclo universal das Escrituras tem a extensão de 4.300.560.000 anos, e equivale a um Dia da Criação ou o tempo de vida atribuído ao nosso sistema planetário em sua forma presente. Esta vasta cifra calculada pelos ríshis baseia-se na relação entre a duração do ano solar e um múltiplo de Pi (3,14159: relação entre a circunferência e o diâmetro do círculo).
A duração de vida para todo um universo, segundo os antigos videntes, é de 314.159.000.000.000 anos solares, ou "Uma Idade de Bralima".
As Escrituras hindus declaram que um planeta como o nosso é dissolvido por uma destas duas razões: os habitantes em conjunto ou se tornam completamente bons ou completamente maus. A mente do planeta gera, desse modo, um poder que liberta os átomos cativos cuja permanência juntos formava um corpo no firmamento.
Publicam-se horrendos prognósticos, em certas ocasiões, sobre um iminente "fim do mundo". Os ciclos planetários, entretanto, sucedem-se em ordem, de acordo com um plano divino. Nenhuma desintegração da Terra ocorrerá de imediato; nosso planeta ainda tem pela frente, em sua forma atual, numerosos ciclos equinociais ascendentes e descendentes.

[136] Capítulo 6:13.

[137] "A candeia do corpo é o olho; logo, se teu olho for único, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, for mau, também o teu corpo será tenebroso. Cuida, pois, de que a luz que está em ti não seja trevas." (Lucas, 11:34-35) (Nota do Autor)
Na Bíblia, em inglês, lê-se "single eye" e "evil eye". Versões latinas e neolatinas da Bíblia habituaram o leitor a uma interpretação moral deste versículo, traduzindo "olho único" por "olho simples", inocente, moral; e "olho mau" ganhou o sentido de tenebroso, perverso, imoral. Entretanto, "olho único" refere-se ao olho ímpar na testa, único que permite ver o corpo luminoso ou astral do homem, corpo a que se refere, aliás, o resto da frase do evangelista. "Olho mau" é o que pouco vê, ou nada vê, menção aos dois olhos físicos sob a testa, improfícuos por só enxergarem o mundo físico de três dimensões cegos para mais refinadas freqüências vibratórias.

[138] Um dos seis sistemas de filosofia hindu. Sinkhya ensina a emancipação final através do conhecimento de vinte e cinco princípios, começando com prakíti ou natureza, e terminando com purúsha ou alma.

[139] Aforismos de Sânkhya, 1:92.

[140] Mateus, 24:35.

Os grandes mestres da índia modelam suas vidas pelos mesmos ideais divinos que animaram Jesus; estes homens pertencem à sua proclamada família: “Quem fizer a vontade de meu Pai, que está no céu, é meu irmão, minha irmã, minha mãe”[141]. “Se perseverardes em minha palavra”, salientou o Cristo, “então sereis meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”[142]. Livres, todos senhores de si mesmos, os Crístos-iogues da índia são membros da confraria imortal: a dos que obtêm o conhecimento libertador do Pai único.

- A história de Adão e Eva é incompreensível para mim! -observei com vivacidade, certa vez, em minhas primeiras lutas com a alegoria. - Por que Deus castigou, não só o casal culpado, mas todas as gerações inocentes ainda por nascer?

O Mestre divertia-se, mais com minha veemência que com minha ignorância. - O Gênese é profundamente simbólico e não se pode compreendê-lo pela interpretação literal - explicou ele. - A “árvore da vida”é o corpo humano; a coluna vertebral assemelha-se a uma árvore invertida, tendo como raízes os cabelos do homem, e como galhos, os nervos sensoriais e motores. A árvore do sistema nervoso ostenta muitos frutos apetitosos: as sensações da vista, do som, do olfato, do gosto e do tato. Estes, o homem tem permissão de desfrutar; mas lhe foi proibida a experiência do sexo, a “maçã” no centro do corpo (“no meio do jardim”)[143].

“A serpente representa a energia enrolada na base da espinha, a que estimula os nervos sexuais. Adão é a razão, Eva é o sentimento. Quando o impulso sexual subjuga a emoção ou consciência-de-Eva em qualquer ser humano, sua razão ou Adão também sucumbe[144].

Deus criou a espécie humana materializando os corpos do homem e da mulher pela potência de Sua vontade; Ele dotou a nova espécie com o poder de criar filhos de idêntica maneira imaculada ou divina[145]. Até ali, ao manifestar-se como alma individualizada, Deus se limitara aos animais, regidos pelo instinto e desprovidos das potencialidades da razão plena; então, fez os primeiros corpos humanos, simbolicamente chamados Adão e Eva. Para estes corpos, a fim de prosseguirem vantajosamente na evolução ascensional, Ele transferiu as almas ou essência divina de dois animais[146]. Em Adão ou homem a razão predominou; em Eva ou mulher, o sentimento prevaleceu. Assim se manifestou a dualidade ou polaridade subjacente ao mundo dos fenômenos. Razão e sentimento permanecem no paraíso da alegria co3perativa, enquanto a mente humana não é iludida pela energia serpentina das propensões animais[147].

“O corpo humano, portanto, não resultou da evolução dos corpos animais; Deus o produziu por um ato especial de criação. As formas animais eram muito rudes para expressar a divindade em plenitude; semente ao homem e à mulher, desde a sua origem foram conferidos centros ocultos na espinha e o lótus de mil pétalas, potencialmente onisciente, no cérebro.

“Deus, ou a Consciência Divina presente no interior do primeiro casal criado, aconselhou-os a fruir de todas as formas de sensibilidade, com uma exceção: as sensações sexuais. Estas foram proibidas, a fim de que a humanidade não se enredasse no método animal, inferior, de procriação. A advertência para que não reavivassem memórias bestiais arquivadas no subconsciente passou despercebida. Voltando atrás, à forma de reprodução dos seres brutos, Adão e Eva conheceram a queda do estado de alegria celeste que era próprio do homem, perfeito em sua origem.

“Ao 'perceberem que estavam nus' perderam sua consciência de imortalidade, conforme a advertência de Deus; colocaram-se sob a lei física, segundo a qual ao nascimento físico deve seguir-se a morte física.

---

[141] Mateus, 12:50.
[142] João, 8:31-32. São João deu testemunho: “Mas a quantos o receberam, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem em seu nome (aos que se estabeleceram na onipresente Consciência Crística)”. João, 1: 12.
[143] “Podemos comer os frutos das árvores do jardim; mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Não comereis dele, nem o tocareis, senão morrereis”. Gênese, 3:2-3.
[144] “A mulher que me deste por companheira, deu-me da árvore e eu comi. A mulher disse: A serpente me enganou e eu comi.”Gênese, 3:12-13.
[145] “Assim, Deus criou o homem à Sua própria imagem; à imagem de Deus o criou; criou-os homem 'e mulher. E Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e povoai a terra, e dominai-a.” Gênese, 1:27-28.
[146] “E o Senhor Deus formou o homem do barro da terra e soprou-lhe nas narinas o hálito da vida; e o homem tornou-se uma alma vivente”, Gênese, 2:7.
[147] “Mas a serpente (força sexual) era mais sutil que qualquer animal do campo (qualquer outro sentido do corpo).”Gênese, 3:1.

“O conhecimento do 'bem e do mal' prometido a Eva pela 'serpente' refere-se às experiências dualísticas e opostas que todos os mortais sob o domínio de máya devem gozar e sofrer. Sujeitando-se à ilusão, pelo uso incorreto de sua razão e sentimento, ou consciência-de-Adão-e-Eva, o homem renuncia a seu direito de entrar no jardim paradisíaco da divina auto-suficiência[148]. A cada ser humano cabe a responsabilidade de restituir seus pais ou natureza dual à harmonia unificada ou Éden.”

Ao terminar Sri Yuktéswar o seu discurso, olhei com novo respeito as páginas do Gênese.

- Querido Mestre - disse eu - pela primeira vez sinto obrigação filial para com Adão e Eva![149].

[148] “E o Senhor Deus plantou um jardim a leste no Éden; e ali colocou o homem que havia criado.” Gênese, 18. “Por isso o Senhor Deus o expulsou do jardim do Éden para cultivar o solo do qual saíra.” Gênese, 3:23. 0 primeiro homem, criado por Deus, tinha sua consciência centralizada no olho ânico onipotente, na testa ('a leste'). Os poderes onicriadores ele sua vontade, focalizados nesse ponto, perderam-se quando o homem começou a 'cultivar o solo' de sua natureza física.

[149] A versão hindu da história de “Adão e Eva”é contada no venerável purâna, Srímad Bhagávata. 0 primeiro casal, homem e mulher (seres em forma física), chamavam-se Swayambhuva Manu (“homem nascido do Criador”) e sua esposa Satarupa (“verdadeira imagem”). Seus cinco filhos casaram-se com os Prajapatis (seres perfeitos que podiam assumir forma corporal); destas primeiras famílias divinas nasceu a raça humana.

Nunca, no Oriente ou no Ocidente, ouvi alguém explicar as Escrituras cristãs com tão profunda percepção interna como Sri Yuktéswar. “Os teólogos interpretaram mal as palavras de Cristo - disse o Mestre - em tais passagens como 'Eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém vem ao Pai senão por mim,' (João, 14:6). Jesus jamais disse que ele era o único Filho de Deus, e sim, que nenhum homem pode atingir o Absoluto-acima-de-Qualificações, o Pai transcendente além da criação, antes de manifestar o Filho ou Consciência Crística atuante dentro da criação. Jesus, que atingira completa unificação com a Consciência-de-Cristo, identificava-se com esta visão que seu próprio ego há muito tempo fora dissolvido.”

Quando Paulo escreveu: “Deus ... criou todas as coisas por Jesus Cristo” (Efésios, 3:9) e quando Jesus disse: “Antes que Abraão fosse, eu sou” (João, 8:58), a transparente essência destas palavras é: impessoalidade,

Uma forma de covardia espiritual leva muita gente mundana a acreditar comodamente que apenas um homem foi o Filho de Deus. “Cristo foi singularmente criado - raciocinam - então como posso eu, um simples mortal, imitá-Lo?” Todos os homens, porém, foram divinamente criados e deverão, algum dia, obedecer ao mandamento de Cristo: “Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai Celestial” (Mateus, 5:48). “Vede, com que grande amor o Pai nos favorece, a ponto de sermos chamados os Filhos de Deus” (1 João, 3:1).

O entendimento da lei do carma e de seu corolário, a reencarnação (ver nota no capítulo 43), é evidente em numerosas passagens da Bíblia; por exemplo, “Quem derrama o sangue do homem, pelo homem terá seu sangue derramado” (Gênese, 9:6), Se todo assassino deve, por sua vez, ser morto “pelo homem”, o processo reversivo exige, obviamente, em muitos casos, mais de uma vida. As leis contemporâneas, decididamente, não são bastante rápidas!

A Igreja Cristã primitiva aceitou a doutrina da reencarnação, exposta pelos Gnósticos e por numerosos Padres, inclusive S. Clemente de Alexandría, o famoso Orígenes (ambos do século 3) e S. Jerônimo (século 5). A doutrina foi declarada heresia, pela primeira vez, no ano 553 depois de Cristo, pelo segundo Concílio de Constantinopla. Naquele tempo, muitos cristãos julgaram que a doutrina da reencarnação oferecia ao homem um palco, no espaço e no tempo, amplo demais para encorajá-lo a lutar pela salvaçao imediata. Mas as verdades suprimidas conduzem desnorteantemente a uma hoste de erros. Milhões de pessoas não utilizaram sua “única vida”para buscar a Deus, e sim, para desfrutar este mundo - tão singularmente ganho e de tão breve duraçío para ser perdido para sempre! A verdade é que o homem se reencarna na Terra até reconquistar conscientemente seu status como Filho de Deus,

Capítulo 17 - Sasi e as três safiras

- Você e meu filho têm Sri Yuktés\varjí em tão alta consideração que irei dar-lhe uma olhadela. - O tom de voz do dr. Narayan Chunder Roy deixava subentendido que ele cedia à extravagância de dois idiotas. Escondi minha indignação, segundo as melhores tradições de prosélito.

Meu companheiro, cirurgião-veterinário, era um declarado agnóstico. Seu jovem filho Santosh me suplicara que tomasse algum interesse por seu pai. Até então, minha inestimável ajuda se limitara a ser invisível.

O dr. Roy acompanhou-me no dia seguinte ao eremitério de Serampore. Depois que o Mestre lhe concedeu breve entrevista, assinalada quase toda por estóico silêncio de ambas as partes, o visitante partiu bruscamente.

- Por que você traz um morto ao eremitério? - Sri Yuktéswar olhou-me interrogativamente, assim que a porta se fechou nas costas do cético de Calcutá.

- Senhor! O veterinário está bem vivo!

- Mas em breve estará morto.

Tive um choque. - Senhor, isto será um golpe terrível para seu filho. Santosh ainda espera que o tempo mude as idéias materialistas de seu pai. Suplico-lhe, Mestre, auxilie este homem.

- Muito bem: porque é você quem implora. - A face de meu Guru permanecia impassível. - Esse orgulhoso cirurgião de cavalos está com diabetes em estado avançado, mas não o sabe. Dentro de quinze dias, cairá de cama. Os médicos desistirão de tratá-lo, como um caso perdido - ele tem o prazo natural de seis meses para abandonar a Terra. Todavia, graças ao interesse que você demonstra, naquela data ele será curado. Com uma condição, porém: você terá de conseguir que ele use um bracelete astrológico. Ele, sem dúvida, porá objeções, com a violência de um de seus cavalos antes de uma operação. - O Mestre riu-se.

Após um silêncio, durante o qual refleti na melhor maneira de Santosh e eu empregarmos a arte de persuadir com adulações o doutor, o Mestre fez outras revelações.

- Assim que o homem sarar, aconselhe-o a não comer carne Ele, entretanto, não atenderá à advertência; seis meses mais tarde, exatamente quando estiver sentindo a melhor disposição, cairá morto.

Meu guru acrescentou: - A prolongação da vida deste indivíduo por seis meses lhe é concedida unicamente porque você a suplicou.

No dia seguinte, sugeri a Santosh que encomendasse um bracelete rio joalheiro. Dentro de uma semana estava pronto, mas o dr. Roy recusou-se a usá-lo.

- Minha saúde é perfeita. Você nunca me impressionará com superstições astrológicas. - O doutor olhou-me belicosamente.

Lembrei-me, divertido, de que o Mestre o havia comparado, com toda razão, a um cavalo teimoso. Outros sete dias passaram; de súbito, -) doutor adoeceu e humildemente consentiu em usar o bracelete. Duas semanas mais tarde, o médico que o atendia me disse que seu paciente era um caso perdido. Forneceu pormenores horripilantes sobre os espasmos causado pelo diabetes.

Sacudi a cabeça, negativamente: - Meu guru afirmou que o dr. Roy, após estar enfermo durante um mês, ver-se-á curado.

O médico arregalou os olhos, incrédulo. Uma quinzena mais tarde, procurou-me com jeito de quem se desculpa:

- O dr. Rov recuperou-se por completo! - exclamou. o caso mais espantoso de minha experiência. Nunca antes vi um agonizante voltar atrás tão inexplicavelmente. Seu guru deve ser, em verdade, um profeta com o dom-de curar!

Depois de um encontro com o dr. Roy, em que lhe repeti o conselho de Sri Yuktéswar sobre a eliminação da carne de sua dieta, não voltei a ver o homem durante seis meses. Certa noite, ele se deteve para uma conversa comigo, ao me encontrar sentado no pórtico da casa de minha família em Gurpar Road.

- Diga a seu instrutor que, graças à alimentação de carne todos os dias, recuperei integralmente minhas forças. Suas idéias nada científicas sobre dieta não tiveram qualquer influência sobre mim. - Realmente, o dr. Roy parecia a própria imagem da saúde.

No dia seguinte, de sua casa situada no quarteirão vizinho, Santosh veio correndo até mim: - Esta manhã, papai caiu morto!

Este caso constituiu uma de minhas mais estranhas experiências com o Mestre. Ele curou o rebelde veterinário, apesar da descrença deste, e prolongou por seis meses o prazo natural de vida daquele homem na Terra, unicamente por causa de minha fervorosa súplica. Sri Yuktéswar demonstrava bondade sem limites ao responder à prece urgente de um devoto.

Meu mais orgulhoso privilégio era trazer colegas de escola para conhecerem meu guru. Muitos deles punham de lado - no ástiram, pelo menos! - sua capa acadêmica de ceticismo religioso, em moda.

Um de meus amigos, Sasí, passou vários e venturosos fins de semana em Serampore. O Mestre afeiçoou-se imensamente ao rapaz e lamentava que este levasse uma vida particular tão bárbara e desregrada.

- Sasi, se você não se reformar, dentro de um ano estará peri0osamente enfermo. - Sri Yuktéswar olhou para meu amigo com afetuosa exasperação. - Mukunda é testemunha; não diga mais tarde que não o avisei.

Sasi riu-se. - Senhor, deixarei a seu cargo conseguir que a suave caridade do cosmos se interesse pelo meu triste caso! Meu espírito quer, mas minha vontade é fraca. O Mestre é meu único salvador na Terra; não acredito em mais nada e em mais ninguém.

- Pelo menos, você devia usar uma safira azul de dois quilates. Isso o ajudaria.

- Não tenho dinheiro bastante para comprar uma. Seja como for, querido gúrují, se dificuldades surgirem, acredito plenamente que o senhor me protegerá.

- Daqui a um ano, você me trará três safiras - respondeu Sri Yuktéswar. - Elas serão inúteis, então.

Variações desta conversa ocorriam com regularidade. - Não posso me reformar! - dizia Sasi com desespero cômico. - E minha confiança no senhor, Mestre, é mais preciosa para mim que qualquer pedra!

Um ano transcorreu. Certo dia, eu visitava meu guru em casa de seu discípulo Naren Babú, em Calcutá. Aproximadamente às dez horas da manhã, quando Srí Yuktéswar e eu estávamos sentados na sala de recepção do andar superior, ouvi abrir-se a porta de entrada da casa. O Mestre endireitou-me, rígido.

- É aquele Sasi - observou gravemente. - Um ano se foi; seus dois pulmões também se foram. Ele desdenhou meu conselho; diga-lhe que não o quero ver.

Meio atordoado pela severidade de Sri Yuktéswar, desci a escada correndo. Sasi subia.

- Oh, Mukunda! Espero que o Mestre esteja aqui; tive o pressentimento de que estaria.

- Sim, mas ele não deseja ser perturbado.

Sasi rompeu em lágrimas e, esbarrando em mim, subiu correndo. Arrojou-se aos pés de Sri Yuktéswar, ali depondo três formosas safiras.

- Guru onisciente ' os médicos dizem que tenho tuberculose pulmonar. Dão-me apenas três meses de vida! Humildemente imploro sua ajuda; sei que me pode salvar!

- Não é demasiado tarde agora para se preocupar com sua vida? Várse embora com suas jóias; já se foi o tempo em que poderiam ser úteis. - O Mestre, então, sentou-se como esfinge, em silêncio inexorável, pontuado pelos soluços do jovem que rogava misericórdia.

Tive a convicção intuitiva de que Sri Yuktéswar estava simplesmente experimentando a profundidade da fé de Sasi em seu divino poder de curar. Não fiquei surpreendido quando, uma hora depois, o Mestre voltou o olhar compassivo para meu prostrado amigo.

- Levante-se, Sasi, que alvoroço você faz em casa alheia! Devolva as safiras ao joalheiro; elas constituem agora um gasto desnecessário. Mas arranje um bracelete astrológico e use-o. Não tema; em poucas semanas estará curado.

O sorriso de Sasi iluminou sua face desfigurada pelas lágrimas, como sol repentino sobre uma paisagem úmida. - Bem-amado Guru, devo tomar os remédios prescritos pelos médicos?

- Como quiser: tome ou jogue fora, pouco importa. É tão ímpossível você morrer de tuberculose como seria a lua trocar de lugar com o sol. - Sri Yuktéswar acrescentou bruscamente: - Vá-se embora, já, antes que eu mude de idéia!

Com uma reverência emocionada, meu amigo partiu depressa. Visitei-o repetidamente, durante as semanas seguintes, e me consternava encontrá-lo em condições cada vez piores.

- Sasi não durará mais que esta noite. - Estas palavras de seu médico e o espetáculo de meu amigo, então reduzido quase a um esqueleto, fizeram-me partir a toda velocidade para Serampore, Meu guru dedicou fria atenção ao relato soluçante que lhe fiz.

- Por que vem aqui me aborrecer? Você já me ouviu garantir que Sasi se curará.

Curvei-me diante dele com grande temor e retirei-me em direção à porta. Sri Yuktéswar não pronunciou qualquer palavra de despedida; mergulhou, porém, em silêncio; com os olhos sem pestanejar, entreabertos, sua visão viajou a outro mundo.

Regressei imediatamente à casa de Sasi, em Calcutá. Com espanto, achei meu amigo sentado no leito, bebendo leite.

- Ob, Mukunda! Que milagre! Há quatro horas atrás, senti a presença do Mestre no quarto; meus sintomas terríveis desapareceram instantaneamente. Sinto que, graças a ele, estou restabelecido por completo.

Em poucas semanas, Sasi apresentava-se mais corpulento e com melhor saúde do que nunca[150]. Sua reação à cura, porém, tingiu-se de ingratidão: ele raramente visitava Srí Yuktéswar! Meu amigo disse-me ' um dia, que se arrependia tão profundamente de sua maneira de viver anterior que lhe dava vergonha encarar o Mestre.

Apenas pude concluir que a enfermidade de Sasi tivera o efeito de fortalecer sua vontade e, por contraste, o debilitar sua cortesia.

Os primeiros dois anos de meu curso na Faculdade da Igreja Escocesa chegavam ao fim. Minha freqüência às aulas havia sido muito esporádica; estudara o mínimo necessário para me conservar em paz com minha família. Regularmente, dois professores particulares vinham à minha casa; regularmente, eu me achava ausente; distingo pelo menos esta única regularidade em minha carreira acadêmica!

Na índia, a aprovação após dois anos de escola superior dá um diploma intermediário (Intermediate Arts); o estudante tem mais dois anos em perspectiva para obter o grau universitário Bachelor of Arts).

Os últimos exames para obtenção do diploma intermediário assomavam à minha frente, como maus presságios. Corri a Puri, onde meu guru passava algumas semanas. Com a vaga esperança de que ele me autorizaria a não comparecer às provas finais, falei-lhe de minha falta de preparo.

Sri Yuktéswar sorriu consoladoramente. - Você desempenhou seus deveres espirituais de todo o coração e não podia evitar que seus trabalhos escolares fossem negligenciados. Aplique-se diligentemente a seus livros na próxima semana; você esgotará sua provação, sem fracasso.

Voltei a Calcutá, suprimindo firmemente todas as razoáveis dúvidas que, às vezes, me assaltavam. Examinando a montanha de livros sobre minha mesa, sentia-me como um viajante perdido na selva.

Um longo período de meditação me trouxe a inspiradora idéia de economizar esforços. Abrindo cada livro ao acaso, eu estudava somente as páginas postas diante de minha vista. Depois de seguir este procedimento dezoito horas por dia, durante uma semana, considerei-me um perito na arte de preparar-me para exames à última hora.

Os dias seguintes trouxeram, nas salas de exame, a justificação daquele método, segundo todas as aparências, de puro acaso. Passei em todas as provas, embora com nota mínima. As felicitações de minha família e de amigos misturavam-se comicamente a exclamações que traíam o pasmo.

Em seu regresso de Puri, Srí Yuktéswar tinha para mim uma agradável surpresa.

Seus estudos em Calcutá acabaram - disse ele, - Providenciarei para que você siga os dois últimos anos de estudo universitário aqui mesmo em Serampore.

Isto me pôs confuso. - Senhor, não há curso universitário completo -nesta cidade. - A única escola superior de Serampore oferecia apenas o curso de dois anos e o correspondente diploma intermediário.

O Mestre teve um sorriso de travessura. - Sou demasiado velho para sair por aí, a recolher donativos a fim de estabelecer uma Faculdade para você. Suponho que terei de arranjar este negócio através de alguma outra pessoa.

---

[150] Em 1936, uni arnigo informou-me de que Sasi ainda gozáva de excelente saúde.

Dois meses mais tarde, o professor Howells, diretor da Faculdade de Serampore, anunciou ao público que tivera êxito em levantar os fundos necessários para oferecer um curso de quatro anos. A Faculdade de Serampore tornou-se uma seção da Universidade de Calcutá. Fui um primeiros estudantes ali matriculados, como candidato ao título universitário.

- Gúruj'í, quanta bondade, a sua, comigo! Meu ardente desejo era deixar Calcutá e poder estar consigo todos os dias em Serampore. O professor Howells nem imagina quanto deve à sua ajuda silenciosa.

Sri Yuktéswar contemplou-me com fingida severidade. – Agora você não terá de perder tantas horas nos trens; quanto tempo livre para seus estudos! Talvez você venha a ser um estudante a menos que se prepara à última hora, e um estudioso sistemático a mais.

Seu tom, porém, carecia de convicção[151].

[151] Sri Yuktéswar, como tantos outros sábios, preocupava-se com a tendência materialista da educação moderna. Poucas escolas expõem as leis espirituais para obter a felicidade ou ensinam que a sabedoria consiste em dirigir a própria vida no “temor de Deus”, isto é, na reverência ao seu próprio Criador.
Os jovens, ouvindo hoje em dia, nas escolas secundárias e faculdades, que o homem é um mero “animal superior”, tornam-se, com freqüência, ateus. Não tentam qualquer exploração da alma nem se consideram a si mesmos, em sua natureza essencial, “imagens de Deus”. Emerson observou: - “Só o que temos dentro de nós é o que podemos ver fora. Se não encontramos deuses é porque não abrigamos nenhum”. Quem imagina que sua natureza animal é a única realidade, está morto para as aspirações divinas.
Um sistema educacional que não apresenta o Espírito como o Fato central da existência do homem, está oferecendo avídya, conhecimento falso. “Tu dizes: sou rico, e minhas posses aumentam, e de nada preciso; e ignoras que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu”. (Apocalipse, 3:17).
Ideal era a educação da juventude, na Índia da antigüidade. Aos nove anos, o aluno era recebido “como filho” numa gurukúla (o lar de um gurci e de sua família, como local de aprendizagem). “O jovem moderno emprega anualmente um oitavo de seu tempo na escola; o hindu ali passava todo o seu tempo”, escreve o professor S. V. Venkátéswara em Cultura hindu através dos séculos (vol. 1.`, Lorigmans, Green e Co.). '11avia um sentimento sadio de solidariedade e responsabilidade, e ampla oportunidade para o exercício de autoconfiança e individualidade. Havia um alto padrão de cultura, de disciplina auto-imposta, e severa consideração pelo dever, pela ação altruísta e pelo sacrifício, combinados com o respeito a si mesmo e a reverência aos outros; um alto padrão de dignidade acadêmica e tini senso ... da nobreza e dos grandes objetivos da vida humana”,

Capítulo 18 - Um maometano, autor de prodígios

Há anos atrás, exatamente neste mesmo quarto, agora ocupado por você, um maometano, capaz de maravilhas, realizou quatro prodígios diante de mim!

Sri Yuktéswar fez esta afirmação durante sua primeira visita a meus novos alojamentos. Imediatamente após a matrícula na Faculdade de Serampore, eu alugara um quarto numa pensão vizinha, chamada Panthi. Era uma antiquada mansão de tijolos, de frente para o Ganges.

- Mestre, que coincidência! Estas paredes, de pintura recente, estão, na realidade, impregnadas de velhas recordações? - Com redobrado interesse, circunvaguei o olhar pelo quarto, mobiliado com simplicidade.

- E uma longa história. - Meu guru sorriu às svas reminiscências. - O nomeado faquir[152] era Afzal Khan. Adquirira seus extraordinários poderes em virtude de um encontro casual com um iogue hindu.

"- Filho, tenho sede: traga-me um pouco de água. - Um **sannyásin** coberto de pó fez, certa vez, este pedido a Afzal, então adolescente, numa pequena aldeia de Bengala oriental.

"- Mestre, sou maometano. Como pode o senhor, um hindu, aceitar beber de minhas mãos?

I,- Sua sinceridade me agrada, meu filho. Não obedeço às regras de ostracismo ditadas por sectários sem Deus. Vá, traga-me água, depressa.

"A respeitosa obediência de Afzal foi recompensada por um olhar afetuoso do iogue.

"- Você possui bom carma por suas vidas anteriores - comentou ele solenemente. - Vou lhe ensinar certo método de ioga que lhe dará domínio sobre um dos reinos invisíveis. Os grandes poderes que obtiver deverão ser empregados unicamente em fins dignos; jamais por egoísmo! Percebo - infelizmente! - que você trouxe do passado algumas sementes de tendências destrutivas. Não permita que germinem, regando-as com novas ações más. A complexidade de seu carma anterior é tal que você deve utilizar esta vida para reconciliar suas conquistas de ioga com os mais altos objetivos humanitários.

"Depois de instruir o surpreendido jovem numa técnica complicada, o mestre desapareceu.

"Afzal praticou fielmente os exercícios de ioga durante vinte anos. Seus feitos miraculosos começaram a atrair a atenção de áreas cada vez maiores. Parece que ele tinha sempre a companhia de um espírito sem corpo, chamado "Hazrat". Esta entidade invisível era capaz de satisfazer o mais leve desejo do faquir.

"Desprezando a advertência de seu mestre, Afzal começou a fazer mau uso de seus poderes. Qualquer objeto que ele pegasse e\repusesse no lugar, logo sumia sem deixar vestígios. Esta desconcertante circunstância fazia do maometano, geralmente, um convidado indesejável!

"Ele visitava grandes joalherias de Calcutá, de tempos em tempos, apresentando-se como possível comprador. Qualquer jóia que suas mãos tocassem, desaparecia logo após sua saída da loja.

Seguiam-no, amiúde, centenas de estudantes, atraídos pela esperança de aprender seus segredos. O faquir convídava-os, de vez em quando, a viajar com ele. Na estação ferroviária, dava um jeito de tocar um bloco de passagens que, a seguir, devolvia ao funcionário, dizendo: "- Mudei de idéia, não as compro agora. - Mas ao embarcar no trem, com sua comitiva, Afzal estava de posse das passagens necessárias[153].

"Estas proezas causavam um tumulto indignado; os joalheiros e os vendedores de passagem, em Bengala, estavam sucumbindo a crises de nervos! Os policiais que buscavam prender Afial sentiam-se desamparados; o faquir removia qualquer indício incríminatório, dizendo simplesmente: "Hazrat, leva isto daqui".

Sri Yuktéswar levantou-se de seu assento e caminhou até a sacada de meu quarto, sobranceira ao Ganges. Eu o segui, ansioso por ouvir algo mais sobre o desnorteante Raffles maometano.

---

[152] Um iogue muçulmano; do árabe faquir, pobre; originalmente aplicado a da e roeses qui - fizerem voto de pobreza.

[153] Mais tarde, meu pai contou que a Estrada de Ferro Bengala-Nagpur, onde trabalhava, fora uma das companhias lesadas por Afzal Khan.

"- Esta pensão Panthi pertenceu anteriormente a um amigo meu. Ele conheceu Afzal e convidou-o a vir aqui. Meu amigo também convidou cerca de vinte vizinhos, eu inclusive. Muito jovem, naquela época, eu sentia viva curiosidade pelo notório faquir. - O Mestre riu. - Tomei a precaução de não usar objetos de valor! Afzal examinou-me com interesse e a seguir comentou: - "Mãos fortes, as suas. Desça as escadas até o jardim; apanhe uma pedra lisa e nela escreva o seu nome com giz; depois, atire-a no Ganges, o mais longe que puder.

"Obedeci. Assim que a pedra sumiu sob as ondas distantes, o maometano, de novo, dirigiu-se a mim.

"- Encha uma vasilha com água do Ganges, perto da entrada desta casa.

"Quando voltei com uma jarra de água, o faquir gritou: Hazrat, coloque a pedra na jarta".

"A pedra apareceu imediatamente. Retirei-a da jarra e achei minha assinatura tão legível como no instante em que a escrevi.

"Babú[154], um de meus amigos, presente no quarto, usava um antigo e pesado relógio de ouro, com a respectiva corrente. O faquir examinou-os com admiração: um mau agouro. Em breve, eles tinham , -j do!

Afzal, por favor, devolva meu relógio de estimação, herança de família! - Babú implorava quase em lágrimas.

"O maometano continuou em estóico silêncio por alguns instantes e então disse: - Você tem quinhentas rúpias num cofre de aço, Traga-as para mim e lhe direi onde localizar o relógio.

"O aturdido Babú partiu imediatamente para sua casa. Pouco depois voltou e entregou a Afzal a quantia exigida.

"- Vá à pontezinha próxima de sua casa. - O faquir deu estas instruções a Babú. - Ordene a Hazrat que lhe dê o relógio e a corrente.

"Babú saiu correndo. Ao regressar, ostentava um sorriso de alívio, mas nenhuma jóia.

"- Quando dei ordem a Hazrat, conforme as instruções - declarou - meu relógio veio pelos ares até cair em minha mão direita! Estejam certos de que tranquei minha herança familiar no cofre, antes de me reunir ao grupo, aqui!

"Os amigos de Babú, testemunhas do tragicômico resgate de um relógio, olhavam com ressentimento para Afzal. Então ele falou, apaziguante:

"- Por favor, digam o nome da bebida que desejam. Hazrat se incumbira de produzí-la.

"Alguns pediram leite; outros, suco de frutas. Não me espantei quando o enervado Babú exigiu uísque! O maometano deu uma ordem; o obediente Hazrat enviou vasilhames selados que vieram voando pelos ares e desceram ao chão com um baque surdo. Cada homem encontrou a bebida desejada.

"A promessa de uma quarta proeza espetacular naquele dia foi, sem dúvida, satisfatória para nosso anfitrião: Afzal ofereceu-se para providenciar uma refeição instantânea!

"- Vamos encomendar os pratos mais caros - sugeriu Babú tristemente. - Quero uma refeição caprichada em troca de minhas quinhentas rúpías! Tudo será servido em pratos de ouro!

"Assim que todos os homens manifestaram suas preferências, o faquir dirigiu-se ao incansável Hazrat. Seguiu-se grande estrépito; travessas de ouro cheias de molho de caril, complicadamente preparado, lúchis (pães) quentes, e muitas frutas fora de estação aterrissaram aos nossos pés, vindos de parte nenhuma. Toda a comida era deliciosa. Depois de nos banquetearmos durante uma hora, começamos a deixar o quarto. Um barulho tremendo, como se os pratos estivessem sendo empilhados, nos fez dar meia volta. Assombro! Não havia sinal de pratos resplandecentes nem dos restos de comida".

- Gurují - interrompi - se Afzal podia facilmente obter coisas tais como pratos de ouro, por que cobiçava a propriedade alheia?

[154] Não recordo o nome do amigo de Sri Yuktéswar e devo referir-me a ele simplesmente como "Bqbú" (senhor).

- O faquir não estava superiormente desenvolvido em espiritualidade - explicou Srí Yuktéswar - Seu domínio de certa técnica de ioga lhe deu acesso a um plano astral onde qualquer desejo imediatamente se materializa. Tendo como intermediário um ser astral chamado Hazrat, o maometano podia extrair da energia etérica os átomos de qualquer objeto, por um ato de poderosa vontade. Objetos astralmente produzidos, entretanto, têm estrutura evanescente; não podem ser retidos por longo tempo[155]. Afzal ainda cobiçava os bens terrenos, cuja aquisição, se exige trabalho mais duro, tem durabilidade mais garantida,

Dei uma risada. - Às vezes, esses também somem inexplicavelmente!

- Afzal não era um homem com realização de Deus - continuou o Mestre. - Os verdadeiros santos realizam milagres de natureza benéfica e permanente porque estão sintonizados com o Criador onipotente. Afzal era um homem comum, dotado do extraordinário poder de penetrar num reino sutil, onde os mortais não costumam entrar antes da morte.

- Agora compreendo, gurují. O mundo pós-morte parece ter alguns aspectos encantadores.

O Mestre concordou. - Nunca vi Afzal depois daquele dia, porém, alguns anos mais tarde, Babú veio à minha casa para mostrar-me, transcrita num jornal, a confissão pública do maometano. Esta me permitiu conhecer os fatos que acabei de lhe contar sobre a iniciação de Afzal, quando adolescente, por um guru da india.

Os parágrafos finais do documento publicado, segundo a memória de Sri Yuktéswar, eram, em essência, os seguintes: “Eu, Afzal Khan, escrevo estas palavras como ato de penitência e aviso aos que buscam a posse de poderes miraculosos. Durante anos, fiz mau uso das prodigiosas habilidades a mim concedidas pela graça de Deus e de meu mestre. Embriaguei-me de egotismo, considerando-me acima das leis comuns da moral. Chegou, por fim, o dia do ajuste de contas.

“Encontrei recentemente um ancião numa estrada, nas imediações de Calcutá. Ele caminhava penosamente, coxeando, e carregava um objeto brilhante que parecia ouro. Dirigi-me a ele, a cobiça em meu coração.

Sou Afzal Khan, o grande faquir. Que tem você aí?

Esta esfera de ouro é minha única riqueza material; para um faquir, não tem o menor interesse. Suplico-lhe, senhor, cure minha perna manca,

“Toquei a esfera e afastei-me sem resposta. Atrás de mim, seguia o velho, capengando. De repente, lançou um grito: - Meu ouro sumiu!

Ante o meu desinteresse, ele falou, de súbito, com uma voz estentórea que partia esquisitamente de seu corpo frágil: - Você não me reconhece? - Estaquei, emudecido, consternado ao descobrir, com atraso, que este velho insignificante e aleijado não era outro senão o grande santo que, há muito, muito tempo atrás, me iniciara em ioga. Ele endireitou-se; seu corpo instantaneamente se tornou vigoroso e jovem.

“- Então! - O olhar de meu guru era ígneo. - Vejo com meus próprios olhos que você usa seus poderes, não para ajudar a humanidade sofredora, mas para assaltá-la como um ladrão vulgar! Retiro seus poderes ocultos; Hazrat doravante está livre. Você não será mais um terror em Bengala!

“Chamei Hazrat com acentos angustiados; pela primeira vez, ele não apareceu ao meu olhar interno. Mas, de chofre, um véu escuro se levantou: distingui claramente a blasfêmia de minha vida.

“- Mestre, agradeço-lhe por ter vindo desfazer minha prolongada ilusão, - Eu soluçava a seus pés. - Prometo abandonar minhas ambições mundanas. Farei um retiro nas montanhas para, solitário, meditar em Deus, na esperança de obter o perdão por meu passado de maldades.

“Meu guru me encarou com silenciosa compaixão. - Aprecio sua sinceridade - disse ele, finalmente. - Em virtude de seus primeiros anos de estrita obediência, e por este arrependimento atual, conceder-lhe-ei um benefício. Seus demais poderes estão perdidos, mas sempre que necessitar alimento e roupa, poderá com êxito chamar Hazrat para que os forneça. De todo coração devote-se ao entendimento de Deus na solitude das montanhas.

“Meu mestre então desapareceu; fiquei sozinho com minhas lágrimas e reflexões. Adeus, mundo! Vou buscar o perdão do Bem-Amado Cósmico “.

---

[155] Exatamente como meu amuleto de prata, um objeto astralmente produzido, que afinal desapareceu da Terra (o mundo astral é descrito no capítulo -4~).

Capítulo 19 - Meu Mestre, em Calcutá, aparece em Serampore

Dúvidas artísticas me assaltam, amiúde. Apesar disto, uma torturante suspeita, às vezes, me persegue como assombração: não existirão na alma indesvendadas possibilidades? O homem não se extravia de seu verdadeiro destino se deixa de pesquisá-las?

Estas observações de Dijen Babú, meu colega de quarto na pensão Panthi, nasceram do convite que lhe fiz para conhecer meu guru.

- Sri Yuktéswarjí o iniciará em Kriya Yoga - respondi. - O tumulto dualístico será acalmado por uma divina certeza interna.

Naquela noite, Dijen me acompanhou ao eremitério. Em presença do Mestre, meu amigo recebeu tamanha paz espiritual que logo se tornou visitante assíduo.

As preocupações triviais da vida quotidiana não satisfazem nossas necessidades mais profundas; também de sabedoria o homem tem fome inata. As palavras de Sri Yuktéswar inspiraram Dijen a tentar descobrir dentro de si um ser mais real que o ego superficial de uma encarnação transitória.

Como Dijen e eu estávamos seguindo o curso universitário na Faculdade de Serampore, habituamo-nos a caminhar juntos para o áshram assim que as aulas terminavam. Víamos freqüentemente Sri Yuktéswar de pé, na sacada do andar superior, com um sorriso de boas-vindas à nossa aproximação.

Uma tarde, Kanaí, um jovem residente no eremitério, encontrou-se com Dijen e comigo, na porta, desapontando-nos com suas notícias.

- O Mestre não está aqui; foi chamado a Calcutá por um bilhete urgente.

No dia seguinte, recebi um cartão postal de meu guru. “Partirei de Calcutá na manhã de quarta-feira - escreveu ele. - Você e Dijen esperarão o trem das nove da manhã, na estação de Serampore”.

Aproximadamente às oito e meia, na quarta-feira de manhã, uma mensagem telepática de Sri Yuktéswar brilhou como relâmpago em minha mente: “Estou atrasado; não espere o trem das nove horas”.

Comuniquei as últimas instruções a Dijen que já estava pronto para sair.

Você e sua intuição! - A voz de meu amigo tinha o corte afiado do desprezo. - Prefiro confiar na palavra escrita do Mestre.

Sacudi os ombros e sentei-me, decidido e quieto. Resmungando zangado, Dijen abriu a porta e bateu-a violentamente atrás de si.

Como a sala estivesse um tanto escura, acerquei-me da janela que dava para a rua. De súbito, a escassa luz solar aumentou até uma intensidade resplandecente, onde a janela com sua grade de ferro desapareceu por completo. Contra este fundo deslumbrante, apareceu a figura de Sri Yuktéswar, claramente materializada!

Desnorteado pelo choque, levantei-me da cadeira e ajoelhei-me diante dele. Ao fazer o gesto habitual de respeitosa saudação aos pés de meu guru, toquei seus sapatos. Estes me eram bem familiares, de lona tingida de alaranjado, com sola de corda. Sua túnica ocre de swâmi roçou por mim; distingui não só a contextura de seu traje, mas também a áspera superfície dos sapatos e os dedos apertados dentro deles. Excessivamente assombrado para pronunciar uma palavra, ergui-me e encarei-o com olhos interrogativos.

- Quanto me alegra que tenha recebido minha mensagem telepática! - A voz do Mestre era tranqüila, inteiramente normal. - Terminei agora meus negócios em Calcutá e chegarei a Serampore pelo trem das dez horas.

Como eu ainda o mirasse, com olhos arregalados e sem voz, Sri Yuktéswar continuou: - Esta não é uma aparição, mas meu corpo em carne e osso. Foi-me divinamente ordenado que lhe proporcionasse esta experiência, raras vezes conhecida na Terra. Encontre-me na estação; você e Dijen verão que me aproximo, vestido como estou agora. Serei precedido por um companheiro de viagem - um menino carregando uma jarra de prata.

Meu guru colocou as duas mãos em minha cabeça, murmurando uma bênção. Ao concluí-la com as palavras "Taba así"[156], ouvi um som peculiar, semelhante a um trovão distante[157]. Seu corpo começou a diluir-se gradualmente na imensa luz. Em primeiro lugar se desvaneceram seus pés e pernas, depois seu torso e cabeça, como um pergaminho que se fosse enrolando. Até o último instante, senti seus dedos pousados levemente em meus cabelos. O resplendor apagou-se; nada permaneceu diante de mim, a não ser a janela gradeada e uma pálida faixa de luz solar.

Permaneci em estado de semi-estupor, perguntando-me se não fora vítima de uma alucinação. Dijen, cabisbaixo, entrou logo depois na sala.

- O Mestre não estava no trem das nove e meia. - Meti amigo trouxe suas notícias com ar de quem debilmente se desculpa.

- Venha, sei que ele chegará às dez horas. - Tomei a mão de Dijen e forcei-o a correr comigo, sem fazer caso de seus protestos. Em dez minutos chegamos à estação, onde a locomotiva já resfolegava junto à plataforma.

- Todo o trem está saturado com a luz da aura do Mestre! Ali está ele! - exclamei com alegria.

Você está sonhando! - Dijen teve um riso de zombaria.

Esperemos aqui. - Antecipei, a meu amigo, detalhes sobre o modo como nosso gurti se aproximaria de nós. Acabada minha descrição, divisamos Sri Yuktéswar, usando as mesmas roupas que eu vira Pouco antes. Caminhava devagar, atrás de um jovenzinho que carregava uma jarra de prata.

Por um momento, um gélido arrepio de medo me percorreu de cima abaixo, ao considerar a inacreditável estranheza de minha experiência. Senti o mundo materialista do século vinte escorregando para longe de mim. Estaria eu regressando a tempos longínquos, quando Jesus apareceu diante de Pedro, sobre o mar?

Quando Sri Yuktéswar, um moderno Cristo-iogue, acercou-se do lugar onde Dijen e eu permanecíamos mudos e cravados ao solo, o Mestre sorriu para meu amigo e comentou:

- Enviei-lhe uma mensagem também, mas você foi incapaz de captá-la.

Dijen manteve-se calado, mas lançou-me um olhar de suspeita. Depois de acompanharmos nosso guru até seu eremitério, meu amigo e eu prosseguimos para a Faculdade de Serampore. Díjen estacou na rua, a indignação transpirando de cada um de seus poros,

- Então! O Mestre enviou-me uma mensagem! Você, porém, a escondeu! Exijo uma explicação!

Que posso fazer se seu espelho mental oscila com tanta inquietude que não pode refletir as instruções de nosso guru? - retorqui.

A cólera desapareceu da face de Dijen. - Compreendo o que quer dizer - afirmou ele tristemente. - Mas, por favor, explique-me como você veio a saber do menino com a jarra.

Ao terminar a história da aparição extraordinária do Mestre em nossa pensão, naquela manhã, meu amigo e eu chegávamos à Faculdade.

- O relato que acabo de ouvir sobre os poderes de nosso guru disse - faz-me pensar que a melhor Universidade do mundo é apenas um jardim de infância[158].

---

[156] "Até logo"em bengali; literalmente, é um paradoxo cheio de esperança: "venho, então".
[157] Som característico da desmaterialização dos átomos corporais.
[158] "Coisas tais me foram reveladas que, tudo quanto escrevi, surge aos meus olhos, agora, como não tendo mais valor que palha". Assim falou S. Tomás de Aquino, o "Príncipe da Escolástica", em resposta à ansiedade e urgência com que seu secretário demandava que a Summa Theologiae fosse completada. Um dia, em 1273, durante a missa numa igreja de Nápoles, S. Tomás exper . entou profunda percepção mística. A glória do conhecimento divino a Gonto o inundou que, daí em diante, se desinteressou de realizações intelectuais.
Palavras de Sócrates (no Fedro, de Platão): "- Quanto a mim, tudo o que sei é que nada sei".

Capítulo 20 - Não visitamos Cachemira

Papai, desejo convidar o Mestre e quatro amigos para me acompanharem aos contrafortes do Himalaia durante minhas férias de verão. Posso conseguir seis passes para Cachemira, por estrada de ferro, e dinheiro suficiente para cobrir nossas despesas de viagem?

Conforme eu esperava, Papai riu cordialmente. - Esta é a terceira vez que você me vem com esse conto da carochinha. Não me fez o mesmo pedido no verão passado e há dois anos atrás? No último instante, Sri Yuktéswarjí recusa-se a ir.

- É verdade, Papai; não sei por que meu guru não me dá sua decisão definitiva sobre Cachemíra[159]. Mas se eu disser a ele que o senhor já me garantiu os passes, penso que, desta vez, consentirá em fazer a viagem.

No momento, Papai não se mostrou convencido. No dia seguinte, porém, depois de alguma zombaria, bem-humorado, entregou-me seis passes e um maço de notas de dez rúpias.

- Duvido que sua viagem teórica precise destas coisas práticas. observou ele - mas aqui estão.

Naquela tarde, exibi o produto de meu saque a Sri Yuktéswar. Embora ele sorrisse ante o meu entusiasmo, suas palavras não o comprometiam: - Eu gostaria de ir; veremos. - Não fez qualquer comentário quando pedi a seu jovem discípulo no eremitério, Kanai, que nos acompanhasse. Também convidei outros três amigos: Rajendra Nath Mitra, Jotin Auddy e outro jovem. Marcamos a data de nossa partida para a segunda-feira seguinte.

No sábado e no domingo permaneci em Calcutá para assistir às cerimônias do casamento de um primo, celebradas em casa de minha família. Cheguei a Serampore com minha bagagem, na manhã de segunda-feira, bem cedo. Rajendra me recebeu na porta do eremitério.

- O Mestre está fora, dando uma caminhada. Recusou-se a ir.

Senti-me, simultaneamente, ofendido e obstinado. Não darei a Papai a terceira oportunidade de ridicularizar meus quiméricos planos sobre Cachemíra. Os demais devem ir, Rajendra concordou; deixei o eremitério para conseguir um criado. Eu sabia que Kanai não faria a viagem sem o Mestre, e era necessário alguém para cuidar da bagagem. Pensei em Behari, um criado que servira anteriormente em minha casa, agora empregado de um professor em Serampore. Caminhando rapidamente, encontrei meu guru em frente à Igreja Cristã, próxima ao Fórum.

Aonde vai você? - O semblante de Srí Yuktéswar nada tinha de sorridente.

- Eu soube que o senhor e Kariai não farão a viagem que planejamos. Estou procurando Bebarí. No ano passado, ele desejava tanto conhecer Cachemira que até se ofereceu para prestar serviços sem qualquer pagamento. Lembra-se?

- Lembro-me. Contudo, não penso que Bebari deseje partir.

Exasperei-me. - Ele está ansioso, justamente à espera desta oportunidade!

Meu guru, em silêncio, continuou seu passeio; em breve cheguei à casa do professor. Behari, no pátio, saudou-me com amistoso calor, que desapareceu abruptamente quando lhe mencionei Cachemira. Sussurrando uma palavra de escusa, o criado deixou-me e entrou em casa de seu patrão. Aguardei meia hora, garantindo nervosamente a mim mesmo que a demora de Bel-iari se devia aos preparativos para a viagem. Afinal bati à porta de entrada.

- Behari saiu pela escada do fundo há cerca de trinta minutos informou-me um homem. Um leve sorriso lhe flutuava nos lábios.

Entristecido, parti, perguntando-me se meu convite fora demasiado coercitivo ou se a influência invisível do Mestre teria entrado em ação. Ao passar pela Igreja Cristã, vi outra vez meu guru caminhando lentamente em minha direção. Sem esperar por meu relatório, ele exclamou:

- Então, Bebari não irá! Agora, quais são os seus planos?

Senti-me como criança recalcitrante, decidida a desafiar seu despótico pai. - Senhor, vou pedir a meu tio que me empreste seu criado, Lal Dhari.

---

[159] Embora o Mestre evitasse dar qualquer explicação, sua relutância em visitar Cachemira, durante aqueles dois verões, talvez se devesse ao seu conhecimento prévio de que não chegara a hora de ali padecer a enfermidade. (Ver capítulo 21)

- Procure seu tio, se quiser - respondeu Sri Yuktéswar, esboçando um riso. - Duvido, porém, que você venha a gostar dessa visita.

Apreensivo mas rebelde, deixando meu guru, penetrei no Fórum de Serampore. Meu tio paterno, Sarada Ghosh, um advogado do governo, recebeu-me afetuosamente.

- Parto hoje com alguns amigos para Casemira - disse-lhe eu. Durante anos desejei ardentemente fazer esta viagem.

- Alegro-me, Mukunda. Posso fazer algo para tornar sua viagem mais confortável?

Suas bondosas palavras me encorajaram. - Querido tio – disse eu - poderia emprestar-me seu criado, Lal Dhari?

Este simples pedido teve o efeito de um terremoto. Meu tio saltou tão violentamente que sua cadeira virou, os papéis da mesa voaram em todas as direções, e seu cachimbo, comprido e fumegante, feito de tronco de palmeira, caiu ao chão com grande estrépito.

Seu jovem egoísta - gritou ele, trêmulo de raiva - que idéia absurda! Quem olhará por mim se você leva meu criado para uma de suas prazenteiras excursões?

Ocultei minha surpresa, ponderando que a súbita mudança de atitude em meu amável tio era apenas mais um enigma inteiramente dedicado ao incompreensível. Minha saída da sala de trabalho do Fórum foi mais vivaz que digna.

Regressei ao eremitério, onde meus amigos, em sua expectativa, se achavam reunidos. Cresceu em mim a convicção de que algum motivo razoável, apesar de excessivamente recôndito, se escondia por trás da conduta do Mestre. O remorso me assaltou por haver tentado contrariar a vontade de meu guru.

- Mukunda, não gostaria de permanecer um pouco mais comigo? Perguntou Sri Yuktéswar. - Rajendra e os outros podem partir na frente e esperá-lo em Calcutá. Restará ainda muito tempo para apanhar o último noturno, que sai de Calcutá para Cachemira.

- Senhor, sem sua companhia, não me interessa ir - disse eu, com tristeza.

Meus amigos não prestaram a menor atenção ao meu comentário. Chamaram um veículo de tração animal e partiram com toda a bagagem. Kanai e eu sentamos, quietos, aos pés de nosso guru. Meia hora depois, o Mestre ergueu-se e caminhou até o pátio de refeições do andar superior.

- Kanai, por favor, sirva a comida a Mukunda. O trem, em que ele irá, parte logo.

Levantando-me do cobertor onde cruzara as pernas, cambaleei repentinamente, com náuseas e pavorosas cólicas de estômago. Era tão perfurante e intensa a dor que me senti bruscamente arremessado a um violento inferno. Tateando, às cegas, em direção a meu guru, desmoronei a seus pés, exibindo todos os sintomas do temível cólera asiático. Sri Yuktéswar e Kanai carregaram-me para a sala-de-estar.

Gritei em agonia: - Mestre, entrego-lhe a minha vida - porque acreditei que ela realmente se afastava, como veloz maré vazante, das praias de meu corpo.

Sri Yuktéswar pôs minha cabeça em seu regaço, acariciando-me a testa com angélica ternura.

- Vê agora o que teria acontecido se você estivesse na estação com seus amigos - disse ele. - Tive de velar por você, desta maneira estranha, porque preferiu duvidar de meu julgamento sobre a realização da viagem justamente nesta época.

Por fim compreendi. Como os grandes mestres raras vezes acham próprio exibir seus poderes abertamente, um observador casual dos acontecimentos daquele dia os teria considerado perfeitamente naturais. A intervenção de meu guru fora muito sutil para ser percebida. Ele fizera sua vontade agir imperceptivelmente através de Behari, de meu tio, de Rajendra e dos outros. Provavelmente todos, menos eu, haviam achado lógicas e normais aquelas situações.

Como Sri Yuktéswar nunca descurava de seus deveres sociais, instruiu Kanai para chamar um médico e avisar meu tio.

_ Mestre - protestei - somente o senhor pode me curar. Estou muito mal para qualquer outro médico.

- Filho, você está protegido pela Misericórdia Divina. Não se preocupe com o médico; ele não o achará nesse estado. Você já está curado.

A estas palavras de meu guru, a dor excruciante me abandonou. Sentei-me, débil ainda. Logo mais chegou um médico e examinou-me cuidadosamente.

Parece que você superou o pior - disse ele. - Levarei comigo algumas amostras para os testes de laboratório.

Na manhã seguinte, o médico chegou apressadamente. Eu, sentado no leito, me achava de bom-humor.

_ Pois aqui está você, sorrindo e conversando como se a morte não o tivesse chamado para um encontro face a face. - Deu-me um tapinha na mão, gentilmente. - Não esperava achá-lo vivo, após descobrir, pelas amostras analisadas, que sua doença era o cólera asiático. Você tem sorte, rapaz, de possuir um guru com divinos poderes de cura! Estou convencido disto!

De todo coração, concordei. Quando o médico se preparava para sair, Rajendra e Auddy assomaram à porta. O ressentimento em suas faces transformou-se em simpatia ao depararem com o médico e minha. aparência um tanto lívida.

- Ficamos furiosos quando você não apareceu, conforme o combinado, para tomar o trem de Calcutá. Esteve doente?

- Sim. - Não pude evitar o riso quando meus amigos colocaram a bagagem no mesmo canto que ela ocupara no dia anterior. Parafraseei: - Havia um barco que navegava para a Espanha; antes de chegar, já vinha de volta!

O Mestre penetrou no quarto. Eu me permiti uma liberdade de convalescente e agarrei sua mão com amor.

- Gurují - disse-lhe eu - depois dos meus doze anos, fiz muitas tentativas infrutíferas para chegar ao Himalaia. Finalmente me convenci de que, sem suas bênçãos, a Deusa Párvati[160] nunca me receberá.

---

[160] Literalmente, “das montanhas”. Na mitologia, Párvati é representada como filha do Rei Himalaia (literalmente, “domicílio das neves”), cujo lar é certo pico na fronteira do Tibete. Viajantes atônitos, passando ao sopé do pico inacessível, enxergam, na distância, vasta estrutura de neve, semelhante a um palácio, com torres e cúpulas de gelo.
Párvati, Káli, Durga, Uma e outras deusas são aspectos de Jagânmátri, “Divina Mãe do Cosmos”; seus diversos nomes destinam-se a salientar funções especiais. Deus ou Shiva (ver capítulo 32) em seu aspecto para ou transcendente, é inativo na criação; Seu shaktí (energia, força ativante) é relegado a Suas “consortes”, os poderes femininos criadores que possibilitam os infinitos desdobramentos do cosmos.
Histórias mitológicas nos Purânas dão o Himalaia como domicílio de Shiva. A deusa Ganga desce do céu para ser a divindade que preside ao rio cuja nascente se situa no Himalaia; por isso, diz-se poeticamente que o Ganges -flui do céu para a terra através dos cabelos de Shiva, “Rei dos logues”e o Aspecto Destruidor-Renovador da Trindade. Kalidara, o “Shakespeare da índia”descreveu o Himalaia como o “riso maciço de Shiva”. “O leitor pode imaginar aquela cadeia de grandes dentes brancos - escreve F. W. Thomas em A Herança da fndia (Oxford) - mas a imagem integral lhe pode escapar a não ser que perceba a figura do majestoso Asceta, eternamente entronizado na mais elevada montanha do mundo; ali, ao descer do céu, o Ganges passa entre mechas emaranhadas r], cabelo de Shiva, tendo a Lua como jóia de sua crista montanhosa.
Na arte indiana, Shiva apresenta-se comumente usando uma pele de antílope, de negrume veludoso, simbolizando a escuridão e o mistério da Noite - único traje Daquele que é digâmbara, “vestido de céu”. Certos sectários de Shiva não usam roupa, em honra ao Senhor que nada possui -e possui tudo.
Um dos santos patronos de Cachemira, do século 14, Lallá Yogíswari (11 suprema Senhora da loga”) era, “vestida de céu”, uma devota de Shiva. Um contemporâneo escandalizado perguntou à santa por que ela adotava a nudez. “Por que não?”, Lallá respondeu com mordacidade. “Não veio nenhum homem por aqui”. Segundo o modo de pensar, um tanto drástico, de Lallá, quem não possui a realização de Deus não merece o nome de “homem”. A santa praticava uma técnica, de estreito parentesco com Kriya Yoga, cuja eficiência ela cantou em numerosos quartetos. Traduzo aqui um deles:

“Que ácido de tristeza eu não bebi? Inúmeros (foram) minhas rondas de nascimento e morte. Vejam! nada, a não ser néctar em minha taça, (existe agora) ingerido pela arte de respirar”.

Não sujeita à morte comum, a santa desmaterializou-se em fogo. Mais tarde, apareceu ante o povo magoado de sua cidade: uma forma viva envolta em trajes de ouro - por fim, inteiramente vestida!

Capítulo 21 - Visitamos Cachemira

Agora você está suficientemente forte para viajar. Eu o acompanharei a Cachemira - declarou Sri Yuktéswar, dois dias depois de minha milagrosa cura do cólera asiático.

Naquela noite, nosso grupo de seis embarcou de trem para o norte. Nossa primeira longa parada foi em Simla, cidade que se assenta como rainha no trono de contrafortes do Himalaia, Demos uma volta pelas ruas íngremes, admirando paisagens magníficas.

- Morangos ingleses para vender - gritava uma velha, sentada de pernas cruzadas num pitoresco mercado ao ar livre.

O Mestre mostrou certa curiosidade pelas estranhas frutinhas vermelhas. Comprou uma grande cesta delas e ofereceu-as a Kanai e a mim, que estávamos a seu lado, Provei um morango, mas cuspi-o apressadamente no chão.

- Senhor, que fruta ácida! jamais gostarei de morangos!

Meu guru deu uma risada. – Oh, você os apreciará na América! Lá, num jantar, sua anfitriã lhe servirá morangos com açúcar e creme. Ela os amassará com um garfo e você os provará, dizendo: “Que morangos deliciosos! “Lembrar-se-á, então, deste dia em Simla.

A profecia de Sri Yuktéswar esvaiu-se de minha mente, para ressurgir muitos anos mais tarde, logo após minha chegada à América. Convidaram-me para jantar em casa da senhora Alice T. Hasey (Irmã Yogmata) em West Sommerville, Massachusetts. Ao servir uma sobremesa de morangos, minha anfitriã apanhou o garfo e os amassou, acrescentando-lhes creme e açúcar. - A fruta é um tanto ácida; penso que o senhor a apreciará preparada deste modo - observou ela.

Provei uma colherada. - Que morangos deliciosos! _ exclamei. Imediatamente, a predição de meu guru em Simla emergiu da caverna insondável da memória. Com reverência constatei que, há muitos anos atrás, a mente de Sri Yuktéswar, sintonizando Deus, captara o programa de eventos cármicos vagando no éter de meu futuro.

Nossa comitiva logo partiu de Simla, tomando o trem para Rawalpindi. Ali alugamos um grande coche fechado, puxado por dois cavalos, para uma viagem de sete dias a Srinagar, capital de Cachemira. O segundo dia de nossa jornada, em direção ao norte, permitiu-nos descortinar a verdadeira imensidão do Himalaia. Enquanto as rodas de ferro de nossa carruagem rangiam ao longo das estradas quentes e pedregosas, nos deixamos arrebatar pelos cambiantes panoramas da grandeza da Cordilheira.

- Senhor - disse Auddy ao Mestre - estou apreciando imensamente estas paisagens gloriosas em sua santa companhia.

Vibrei de contentamento ao ouvir o comentário apreciativo de Auddy, pois eu fazia o papel de anfitrião nesta viagem. Sri Yuktéswar captou meu pensamento; voltou-se para mim e sussurrou:

- Não se envaideça; Auddy não está tão enlevado com a paisagem quanto com a perspectiva de se afastar de nós por alguns minutos, para fumar um cigarro[161].

Fiquei chocado. - Senhor - respondi, à meia voz - não quebre nossa harmonia com suspeitas. Custa-me crer que Auddy deseje, com tanta ansiedade, fumar. - Apreensivo, olhei para meu guru, geralmente indomável.

- Muito bem, nada direi a Auddy. - O Mestre riu. - Logo, porém, quando o coche fizer alto, você o verá aproveitar rapidamente a oportunidade.

A carruagem chegou a uma pequena hospedaria. Enquanto nossos cavalos eram guiados a um bebedouro, Auddy perguntou: - Senhor, posso ter sua permissão para viajar um trecho, ao lado do cocheiro? Gostaria de tomar um pouco de ar fresco.

Sri Yuktéswar permitiu, mas comentou para mim: - Ar fresco? Ele quer é cigarro fresco.

[161] Na índia, fumar em presença dos mais velhos e superiores é sinal de desrespeito.

O coche prosseguiu seu avanço barulhento pelas estradas cobertas de pó. O Mestre piscou um olho ao instruir-me: - Estique sua cabeça para fora da carruagem e veja o que Auddy está fazendo com o ar. -Obedeci e fiquei estupefato ao observar Auddy exalando anéis de fumaça de um cigarro. Olhei para Sri Yuktéswar com ar de desculpa. - Tem razão, como sempre, senhor. Auddy está gozando umas baforadas junto com o panorama. - Supus que o cocheiro tivesse presenteado o meu amigo; eu sabia que Auddy não trouxera cigarros de Calcutá.

Continuamos pelo labirinto de nossa rota, deleitando-nos com vistas de rios, vales, penhascos íngremes e 111'Últiplas fileiras de montanhas. Todas as noites nos detínhamos numa rústica estalagem e cozinhávamos nossa comida. Sri Yuktéswar tomou cuidados especiais com minha dieta, insistindo para que eu bebesse suco de lima em todas as refeições. Eu ainda estava enfraquecido, mas melhorava de dia para dia, embora a trepidante carruagem tivesse sido rigorosamente planejada para garantir o desconforto.

Júbilo antecipado enchia nossos corações ao nos aproximarmos do centro de Cachemira - terra paradisíaca com lagos de lótus, jardins flutuantes, casas montadas sobre barcos de coberturas vistosas, o rio Jhelum com suas numerosas pontes, e prados matizados de flores, tudo emoldurado pelo Himalaia.

Chegamos a Srinagar por uma avenida de árvores altas e acolhedorãs. Numa hospedaria, de dois pavimentos, alugamos quartos com vista para as nobres montanhas. Não havia água corrente; para nosso uso, servíamo-nos de um poço vizinho. Tínhamos um verão ideal: dias quentes e noites amenas.

Fizemos uma peregrinação a um templo antigo de Srinagar, dedicado a Swâmi Shânkara. Ao contemplar o eremitério no pico da montanha, nítido contra o céu, caí num transe extático. Tive a visão de uma grande residência no alto de uma colina, num país distante; o elevado templo de Shânkara em Srinagar transformou-se no edifício onde, anos depois, estabeleci a sede de Self-Realization Fellowship, nos Estados Unidos da América. Quando visitei Los Angeles pela primeira vez e vi o grande edifício no cume do Monte Washington, reconheci-o imediatamente, em virtude das minhas visões de outrora em Cachemira e alhures.

Alguns dias em Srinagar; depois, em Gulmarg (“veredas floridas nas montanhas”), aproximadamente a 2.600 metros de altitude. Ali fiz minha primeira cavalgada num animal de grande porte. Rajendra montou um cavalinho trotador, cujo coração se inflamava ansioso de velocidade. Aventuramo-nos pelas íngremes encostas do Kbilarimarg; o caminho atravessava uma densa floresta, abundante em cogumelos sob as árvores, onde os atalhos encobertos pela neblina eram freqüentemente inseguros. Mas o pequeno animal de Rajendra nunca permitiu a meu enorme e desenvolto cavalo de batalha um momento de descanso, mesmo nas mais perigosas curvas. Avante, avante, seguia, infatigável, o cavalo de Rajendra, esquecido de tudo, menos da alegria de competir.

Nossa ardorosa corrida foi recompensada por um panorama de suspender a respiração. Pela primeira vez em minha vida, contemplei em todas as direções o sublime Himalaia, coberto de neve, erguendo-se, fila após fila, como silhuetas de gigantescos ursos polares. Meus olhos exultavam festivamente com a visão de cadeias intermináveis de montanhas de gelo contra o céu azul e ensolarado.

Com meus jovens companheiros, todos usando sobretudos, rolei alegremente pelas encostas de neve deslumbrante. Em nosso deslize pela montanha abaixo, vimos ao longe um imenso tapete de flores amarelas, transfigurando completamente as ermas colinas.

A seguir, outra excursão nossa foi aos famosos “jardins de delícias” do imperador jehangit, em Shalimar e Nishat Bags. Antigo, o palácio de Nisbat Bagh está construído diretamente sobre uma catarata natural. Precipitando-se pelas montanhas abaixo, a torrente foi regulada por engenhosos artifícios para deslizar sobre terraços coloridos a fluir como fontes entre esplêndidos canteiros de flores. A corrente também penetra em vários aposentos do palácio e, por fim, tomba, como por arte de fadas, no lago que se encontra mais em baixo. Os amplos jardins são de uma policromia desmedida: rosas, jasmins, lírios, bocas-de-leão, amores-perfeitos, alfazemas, papoulas. Filas simétricas de chinárs[162], ciprestes, cerejeiras compõem uma cercadura de esmeralda; por trás dela, eleva-se a cândida austeridade dos Himaláias.

Em Calcutá, consíderam-se as uvas de Cachemira uma delicadíssima iguaria. Rajendra, que tanto falara do banquete de uvas que nos aguardava em Cachemira, ficou desapontado ao não encontrar, ali, grandes vinhedos. De vez em quando, eu caçoava dele, por suas expectat~vas sem fundamento.

[162] Plátano oriental

- Ob, tão empanturrado estou que não posso andar! - eu costumava dizer. - Uvas nunca vistas fermentam dentro de mim! - Mais tarde soubemos que as doces uvas crescem com abundância em Kabul, no oeste de Cachemira. Consolamo-nos com sorvete feito de rabrí (leite condensado espesso) contendo, como especiarias, nozes de pistácia, inteiras.

Efetuamos diversos passeios nos shláras ou pequenos barcos, sombreados por toldos vermelhos bordados, navegando ao longo dos intrincados braços do Lago Dal, uma rede de canais semelhante a uma teia de aranha aquática. Aqui, os numerosos jardins flutuantes, rusticamente improvisados com terra e troncos de madeira, causavam imprevista admiração, tão incongruente é o espetáculo de vegetais e melões crescendo em meio ao estendal das águas. Ocasionalmente, vê-se um camponês, desdenhando "criar raízes no solo", a rebocar seu lote de "terra"para uma nova localização no lago de inúmeros meandros.

Neste famoso vale encontramos uma síntese de todas as belezas da Terra. A Divina Senhora de Cachemíra usa a coroa das montanhas, as guirlandas dos lagos e as sandálias das flores. Ultimamente, depois de viajar por muitos países, compreendi por que se costuma dizer que Cachemira é o recanto mais pitoresco do mundo. Possui alguns dos encantos dos Alpes Suíços, e do Lago Lomond na Escócia, e dos primorosos lagos ingleses. Um viajante norte-americano em Cachemira encontra motivos para evocar a áspera grandeza do Alasca e do cume Pikes perto de Denver.

Inscrevendo-os num concurso de belezas panorâmicas, eu proporia para o primeiro prêmio, ou a deslumbradora vista do lago Xochimilco no México, onde os céus, as montanhas e os álamos se refletem entre peixes travessos, em miríades de alamedas líquidas; ou os lagos de Cachemira, guardados como donzelas formosas pela severa vigilância do Hintalaia. Estes dois locais sobressaem em minha memória como os mais belos da Terra.

E contudo, fiquei assombrado também, ao contemplar as maravilhas do Parque Nacional de Yellowstone e do Grand Canvon do Colorado, além das gargantas rochosas do Alasca. Yellowstone é talvez a única região do mundo onde se podem ver numerosos gêiseres em erupção, elevando-se do solo para a atmosfera quase com a regularidade de um relógio. Nesta área vulcânica, a Natureza deixou uma amostra da criação em suas primeiras eras: fontes sulfurosas quentes, pântanos cor de opala e de safira, gêiseres violentos e, vagando livremente, ursos, lobos, bisões e outros animais selvagens. Viajando de automóvel pelas estradas de Wyoming até a "Lata de Tinta do Diabo", de lama borbulhante em elevada temperatura, observando as fontes gorgolejantes, os jatos dos gêiseres e os repuxos vaporosos, achei que Yellowstone merece um prêmio especial por sua singularidade.

No Parque Yosemite na Califórnia, sequóias veneradas e majestosas, como enormes colunas estiradas para o firmamento, são verdes catedrais da natureza, projeto e perícia de arquiteto divino. Embora haja maravilhosas cataratas no Oriente, nenhuma se equipara à beleza torrencial de Niágara em Nova York, junto à fronteira canadense. A Cova Mammoth em Kentucky e as Cavernas Carlsbad em Novo México são estranhos reinos de fadas. Longas estalactites, suspensas do teto das cavernas e espelhadas em águas subterrâneas, apresentam, conforme a fantasia do observador, um vislumbre de outros mundos.

Em Cachemira, um grande número de seus habitantes, mundialmente famosos por sua beleza, são tão brancos como os europeus, e similares a estes nas feições e estrutura óssea; muitos têm olhos azuis e cabelos louros. Quando usam vestuário ocidental, parecem-se aos norte-americanos. O frio do Himalaia poupa os nativos de Cachemira do sol inclemente e conserva-lhes a pele clara. À medida que se viaja para o sul, em direção a latitudes tropicais da índia, encontra-se uma população gradualmente mais escura.

Depois de passar semanas felizes em Cachemira, fui obrigado a fazer os preparativos de regresso a Bengala para o período de outono na Faculdade de Serampore. Sri Yuktéswar, Kanai e Auddy permaneceriam em Srinagar por tempo mais longo. Pouco antes de minha partida, o Mestre insinuou que seu corpo estaria sujeito a sofrimentos em Cachemira.

- O senhor parece o retrato da saúde - protestei.

- Existe até a possibilidade de eu abandonar este mundo.

- Gurují! - Caí a seus pés, num gesto de súplica, - Por favor, prometa-me que não deixará o corpo agora. Estou absolutamente despreparado para prosseguir sem o senhor.

Sri Yuktéswar continuou silencioso, mas sorriu para mim com tal compaixão que me senti confiante. Deixei-o, com relutância.

"Mestre perigosamente enfermo", Recebi este telegrama de Auddy pouco depois de meu regresso a Serampore.

Telegrafei a meu guru, freneticamente: "Senhor, supliquei sua promessa de não me abandonar. Por favor, conserve seu corpo; do contrário, também morrerei."

"Seja como você quer." Foi esta a resposta do Mestre, enviada de Cachemira.

Uma carta de Auddy chegou dentro de alguns dias, informando-me de que o Mestre convalescia. Quando este regressou a Serampore na quinzena seguinte, fiquei consternado ao ver o corpo de meu guru reduzido à metade de seu peso normal.

Sri Yuktéswar queimou muitos dos pecados de seus discípulos no fogo de sua febre alta em Cachemira - afortunadamente para eles. Iogues de profundo adiantamento conhecem o método metafísico para a transferência física das enfermidades. Um homem forte pode ajudar um fraco no transporte de uma carga pesada; um super-homem espiritual, é capaz de minorar as dificuldades físicas e mentais de seus discípulos, carregando uma parte de suas cruzes cármicas. Assim como um homem rico renuncia a certo dinheiro quando paga uma dívida ponderável. de seu filho pródigo, salvando-o das conseqüências medonhas de seus desatinos, um mestre voluntariamente sacrifica uma parcela de sua riqueza física para aliviar a miséria de seus discípulos[163].

Por um método secreto de ioga, o santo une sua mente e seu veículo astral aos do indivíduo que está sofrendo; a doença se transfere, inteira ou em parte, à forma carnal do iogue. Como um segador que efetua a colheita de Deus no campo físico, um mestre já não se preocupa com seu corpo. Embora ele possa permitir a esse mesmo corpo que adoeça a fim de aliviar outras pessoas, sua mente, impoluta, não é afetada. Considera-se feliz ao poder prestar essa ajuda. Para quem alcança a salvação final no Senhor, o corpo, em verdade, preencheu seus objetivos; um mestre o usa, então, da maneira que lhe parece mais conveniente.

A obra de um guru no mundo é aliviar as tristezas da humanidade, seja por meios espirituais seja por conselho intelectual, pelo poder da vontade ou ainda pela transferência física das doenças. Escapando para a superconsciência sempre que o deseja, um mestre pode olvidar sua enfermidade física; às vezes, para oferecer um exemplo a seus discípulos, escolhe suportar a dor corporal com estoicismo. Impondo a si mesmo os males alheios, um iogue pode satisfazer, em benefício de outros seres, a lei cármica de causa e efeito. Esta lei funciona automática e matematicamente; suas operações podem ser cientificamente manipuladas por homens de sabedoria divina.

A lei espiritual não exige que um mestre se torne doente cada vez que ele cura alguém. Geralmente um santo restitui a saúde a um sofredor pondo em prática o conhecimento que tem de vários métodos de cura instantânea que não resultam em danos para o taumaturgo espiritual. Em ocasiões raras, entretanto, um mestre, desejoso de acelerar bastante a evolução de seus discípulos, consome voluntariamente, em seu próprio corpo, uma boa parte do carma indesejável deste.

Jesus ofereceu-se como resgate pelos pecados de muitos. Com seus divinos poderes[164], Cristo nunca se sujeitaria à morte pela crucificação se não quisesse cooperar com a lei sutil de causa e efeito. Assim, transferiu para si as conseqüências do carma de outros, especialmente o de seus discípulos, Foram estes sumamente purificados, tornando-se aptos a receber a consciência onipresente ou Espírito Santo que mais tarde desceu sobre eles[165].

Só um mestre com a realização de Deus pode transferir sua força vital para outros corpos ou deslocar para o seu as doenças alheias. Um indivíduo comum não pode usar este método iogue de cura; nem é desejável que o faça, porque um instrumento físico doentio é um obstáculo à meditação profunda. As Escrituras hindus ensinam que o dever imperioso do homem é conservar seu corpo em boas condições; do contrário, sua mente é incapaz de permanecer fixa em concentração devocional.

Mentes muito fortes, contudo, podem transcender todas as dificuldades físicas, e alcançar, experimentalmente, a percepção de Deus. Numerosos santos não tomaram conhecimento da enfermidade e obtiveram sucesso em sua busca divina. São Francisco de Assis, severamente atormentado por doenças, curou outros homens e até ressuscitou mortos.

---

[163] Muitos santos cristãos, inclusive Tereza Ncumann (ver capítulo 39) são versados em transferência metafísica de doenças.
[164] Cristo disse, pouco antes de ser conduzido ao Calvário: "Pensas que não posso orar a meu Pai e que Ele não me dará, agora mesmo, mais de doze legiões de anjos? Mas, então, como se cumpriam as Escrituras que afirmam que assim convém acontecer?" Mateus, 26:53-54
[165] Atos, 1: 8 e 2: 1 a 4

Conheci, certa vez, um santo hindu; metade de seu corpo estivera, na juventude, coberto de chagas; seus sofrimentos diabéticos eram tão agudos que encontrava dificuldades em sentar-se quieto durante mais de quinze minutos. Era, porém, indissuadível em suas aspirações espirituais. “Senhor - rezava ele - virás Tu a meu templo arruinado?” Com ininterrupto exercício da vontade, o santo tornou-se gradualmente capaz de sentar-se na posição de lótus durante dezoito horas por dia, absorto em transe extático. E, segundo me contou: “Ao fim de três anos, encontrei a Luz Infinita, resplandecente dentro de mim. Regozijando-me em Seu esplendor, esqueci o corpo. Mais tarde percebi que este corpo fora curado através da Misericórdia Divina.”

É um fato histórico a cura relacionada com o rei Baber (14831530), fundador do império mongol. na índia. Seu filho Humayun caiu gravemente enfermo. O pai rezou com angustiada determinação para que ele próprio recebesse a moléstia e seu filho fosse poupado. Humayun sarou; Baber imediatamente se sentiu mal e morreu da mesma doença que afligira seu filho[166].

Muita gente acredita que um grande mestre deveria ter a saúde e a força de um Sandow[167]. A suposição é infundada. Um corpo doente não indica que faltam divinos poderes a um guru, nem a saúde permanente indica necessariamente a iluminação interna. As qualificações que distinguem um mestre não são físicas, mas espirituais.

No Ocidente, numerosos indivíduos desnorteados que buscam a Deus pensam erroneamente que basta alguém tratar de assuntos metafísicos, em livros ou eloqüentes discursos, para ser um mestre. Só há Lima prova de que alguém é um mestre: ser capaz de entrar, à vontade, no estado destituído de respiração (sabikâlpa saimádhi) e alcançar a beatitude imutável (nirbikâlpa samádhi)[168]. Os ríshis salientaram que somente por estas conquistas pode um ser humano demonstrar que ele dominou máya, a ilusão cósmica dualística. Só ele pode afirmar, das profundezas da realização: “Ekam sat”(“apenas existe UM”) .

“Quando há dualidade devido à ignorância, o indivíduo vê todas as coisas como distintas do Ser - escreveu o grande monista Shânkara - Quando tudo é conhecido como o Ser, nem mesmo um átomo é visto como diferente do Ser ... Obtido o conhecimento da Realidade, já não se experimentam os efeitos de ações passadas, em virtude da irrealidade do corpo, exatamente como não pode haver sonho depois do acordar.”

Unicamente os grandes gurus são capazes de assumir o carma dos discípulos. Sri Yuktéswar não teria sofrido em Srinagar se não tivesse recebido autorização do Espírito interno para ajudar seus discípulos, de maneira invulgar. Poucos santos, em qualquer época, foram tão sensitivamente equipados de sabedoria para cumprir os mandatos divinos quanto meu Mestre sintonizado. com Deus e convidou para sua corte diversos padres jesuítas de Roma. Akbar, inexata mas amorosamente, atribuiu a Cristo a seguinte afirmação (inscrita no Arco do Triunfo, em Fathpur Sikri, a nova cidade edificada por Akbar): “Jesus, filho de Maria (paz em seu nome), disse: O mundo é uma ponte; atravessa-a, mas não construas casa sobre ela.

Quando arrisquei algumas palavras de simpatia a respeito de sua figura emaciada, meu guru disse alegremente:

- Tem suas vantagens; agora posso introduzir-me em pequenas ganjis (camisetas) que não uso há muitos anos!

Ouvindo o riso jovial do Mestre, recordei as palavras de São Francisco de Sales: “Um santo triste é um triste santo!”

[166] Humayun veio a ser o pai de Akbar, o Grande. Com zelo islâmico, Akbar perseguiu, a princípio, os hindus. “Ao adquirir mais conhecimentos, a vergonha me dominou - disse ele mais tarde - milagres ocorrem nos templos de todos os credos”, Ele providenciou uma tradução persa do Bhágavad Gíta

[167] Atleta alemão, falecido em 1925, conhecido como “o homem mais forte do mundo”.

[168] Ver capítulo 26.

Capítulo 22 - O coração de uma imagem de pedra

Como leal esposa hindu, não quero fazer queixas de meu ,marido. Mas desejo que mude suas opiniões materialistas. Ele se deleita em ridicularizar os retratos de santos e minha saleta de meditação. Querido irmão, acredito com fé intensa que você pode ajudá-lo. Fará isso?

Implorante, minha irmã mais velha, Roma, olhava para mim. Eu fazia uma breve visita a seu lar em Calcutá, situado na travessa de Girish Vidyaratna. Sua súplica me comoveu porque, em minha infância, Roma exercera profunda influência sobre mim e amorosamente tentara preencher o vazio deixado no círculo familiar com a morte de Mamãe.

- Bem-amada irmã, certamente farei tudo o que puder. - Sorri, ansioso por afastar a tristeza visível em sua face, em contraste com sua expressão habitualmente calma e alegre.

Roma e eu nos sentamos, por alguns momentos, em prece silenciosa, em busca de orientação. Há um ano atrás, minha irmã havia pedido que a iniciasse em Kriya Yoga, na qual estava fazendo progressos notáveis.

Uma inspiração se apoderou de mim. - Amanhã - disse eu vou ao templo de Káli em Dakshínéswar. Por favor, venha comigo e convença seu esposo a nos acompanhar. Sinto que nas vibrações daquele santo lugar, a Divina Mãe lhe tocará o coração. Mas não lhe diga por que motivo queremos que ele vá conosco.

Minha irmã concordou, cheia de esperança. Muito cedo, na manhã seguinte, tive a satisfação de encontrar Roma e seu marido prontos para a viagem. Enquanto nossa carruagem rangia ao longo do caminho circular que leva a Dakshinéswar, meu cunhado, Satish Chandra Bose, divertia-se escarnecendo do valor dos gurus. Notei que Roma chorava silenciosamente.

- Coragem, irmã! - murmurei. - Não dê a seu marido a satisfação de acreditar que levamos a sério as suas zombarias.

- Mukunda, como pode admirar impostores desprezíveis? dizia Satish. - A própria aparência de um sádhu é repugnante; ou ele é magro como um esqueleto, ou tão profanamente gordo como um elefante!

Estremeci de riso - uma reação que aborreceu Satish. Ele se fechou em silêncio, mal-humorado. Entrava a nossa carruagem nos terrenos do templo de Dakshinéswar quando ele se arreganhou num sorriso sarcástico.

- Esta excursão, suponho, é um plano para me converter?

Como eu já lhe desse as costas, sem responder, ele segurou meu braço. - jovem Senhor Monge - disse-me - não se esqueça de fazer os devidos ajustes com as autoridades do templo para nos fornecerem comida ao meio-dia. - Satish desejava esquivar-se a qualquer conversa com sacerdotes.

- Agora vou meditar. Não se preocupe com seu almoço - repliquei asperamente. - A Mãe Divina cuidará dele.

- Não confio na Mãe Divina para me fazer a menor coisa. Mas o faço responsável por minha alimentação. - O tom de Satish era ameaçador.

Adiantei-me sozinho para o pórtico fronteiro ao grande templo de Káli (Deus sob o aspecto de Mãe Natureza). Escolhendo um lugar na sombra junto a uma das colunas, sentei-me na posição de Iótus. Embora fossem apenas sete horas da manhã, o sol em breve seria insuportável.

O mundo foi-se distanciando à medida que eu me absorvia em devoção. Minha mente concentrou-se na Deusa Káli. Sua estátua neste templo de Dakshinéswar fora objeto de especial adoração por parte do grande mestre, Sri Ramakrishna Pararnabansa. Em resposta a seus angustiosos apelos, a imagem de pedra freqüentemente assumia forma vivente e conversava com ele.

- Silenciosa Mãe de pedra - rezei - Tu te impregnaste de vida ante a súplica de Teu amado devoto Ramakríshna; por que não atendes também aos lamentos e ânsias deste filho Teu?

Meu fervor, mesclado de veemência, cresceu sem limites e envolveu-me em divina paz. Apesar disso, decorridas cinco horas, sem que a Deusa que eu interiormente visualizava me desse resposta, senti-me um tanto desanimado. Às vezes, o retardamento em atender às preces é uma prova a que Deus nos submete. Mas Ele afinal se apresenta, assumindo a forma adorada pelo devoto persistente. Um cristão devoto contempla Jesus; um hindu vê Krishna ou a deusa Káli; ou então, uma Luz que se expande, se a adoração assume forma impessoal.

Abri com relutância os olhos e vi que as portas do templo estavam sendo fechadas por um sacerdote, de acordo com o costume, ao meio-dia. Ergui-me de meu assento no pórtico onde me isolara e dei uns passos pelo pátio. A superfície de pedra era um braseiro ao sol a pino; meus pés nus foram dolorosamente queimados.

- Mãe Divina - protestei silenciosamente -- Tu não vieste a mim em visão e agora estás escondida no templo, por trás de portas fechadas. Eu queria oferecer-Te uma oração especial, hoje, em nome de meu cunhado.

Minha petição interna foi instantaneamente deferida. Primeiramente, uma onda de frescura deliciosa desceu ao longo de minhas costas, até debaixo dos pés, eliminando todo desconforto. Então, para surpresa minha, o templo ampliou-se prodigiosamente. Sua grande porta abriu-se devagar, revelando a figura de pedra de deusa Káli. Pouco a pouco, a estátua transformou-se numa forma palpitante, acenando-me sorridente em saudação, envolvendo-me, emocionado, em júbilo indescritível. A respiração foi retirada de meus pulmões, como se extraída por uma seringa mística; meu corpo tornou-se muito quieto, embora não inerte.

Em êxtase, minha consciência se expandiu. Eu podia ver claramente até uma distância de vários quilômetros para além do rio Ganges, à minha esquerda, e distinguia por trás do templo os arredores completos de Dakshinéswar. As paredes de todos os edifícios bruxuleavam, transparentes; através deles, em áreas distantes, observei pessoas indo e vindo.

Embora eu não respirasse e meu corpo se mantivesse em estado de estranha quietude, podia mover mãos e pés livremente. Durante vários minutos experimentei fechar e abrir os olhos; em qualquer caso, via distintamente o panorama inteiro de Dakshinéswar.

A visão espiritual penetra, como o raio-X, em toda a matéria; o olho divino tem o centro em toda parte, e sua circunferência em parte nenhuma. De pé ali, no pátio ensolarado, mais uma vez tive a experiência de que, ao cessar o homem de ser um filho pródigo de Deus, de absorver-se num mundo físico de sonho, inconsistente como bolha de sabão, ele herda novamente seu reino eterno. Se escapar à realidade desagradável é necessário ao homem, grampeado à sua estreita personalidade, pode qualquer outra fuga comparar-se a esta, para a onipresença?

Em minha sagrada experiência em Dakshinéswar, os únicos objetos extraordinariamente aumentados eram o templo e a forma da Deusa. Tudo o mais apareceu em suas dimensões normais, embora cada objeto estivesse inscrito num halo de tênue luz - branca, azul e matizes-pastel do arco-íris. Meu corpo parecia de substância etérea, pronto para se levitar. Tendo consciência perfeita de meu ambiente material, eu mirava ao redor enquanto dava alguns passos sem perturbar a continuidade da beatífica visão.

Subitamente vislumbrei, atrás do templo, meu cunhado que se assentara sob os galhos espinhosos de uma árvore sagrada de bel[169]. Sem nenhum esforço, eu podia discernir o curso de seus pensamentos. Sua mente, algo soerguida pela santa influência de Dakshinéswar, ainda se entregava a reflexões pouco amáveis sobre mim. Voltei-me diretamente para a benigna figura da Deusa.

Mãe Divina - supliquei - não modificarás espiritualmente o esposo de minha irmã?

A formosa imagem, até ali muda, falou por fim: - Teu desejo é atendido!

Olhei, feliz, para Satish. Apesar de instintivamente cônscio de (que algum poder espiritual estava em operação, ele se ergueu, ressentido, de seu lugar no solo. Eu o vi correr por trás do templo; aproximou-se de mim, sacudindo o punho em ameaça.

A visão esférica desapareceu. Não pude mais distinguir a gloriosa Deusa; o templo perdeu sua transparência e retomou as dimensões comuns. De novo meu corpo suava sob os raios violentos do sol. Saltei para o abrigo do pórtico, onde Satish, furioso, me perseguiu. Consultei meu relógio. Eram treze horas; a visão divina durara sessenta minutos.

Seu tonto - disse meu cunhado irrefletidamente - sentou-se aí, ele pernas cruzadas e de olhos vesgos, durante horas. Caminhei de um lado para outro, observando-o. Onde está nossa comida? Agora o templo se acha fechado; você deixou de notificar as autoridades sobre nossa presença; é tarde demais para providenciar nosso almoço!

[169] Bel, do sânscrito bilva, marmelo. Árvore espinhosa de Bengala, de tintas semelhantes à laranja, aromáticas, comestíveis e medicinais; particularmente associada ao culto do Senhor Shiva.

A exaltação espiritual que eu sentira em presença da Deusa prolongava-se. Exclamei: - A Mãe Divina nos alimentará!

- De uma vez por todas - gritou Satish - gostaria de ver sua Mãe Divina nos dar comida neste lugar, sem acordo prévio!

Mal acabou de pronunciar estas palavras e um sacerdote do templo atravessou o pátio para reunir-se a nós.

- Filho - disse-me ele - estive observando seu rosto serenamente abrasado durante horas de meditação. Vi a chegada de seu grupo, pela manhã, e senti o desejo de separar bastante comida para seu almoço. É contra as regras do templo dar de comer àqueles que não fizeram um pedido antecipado, mas abri uma exceção para você.

Agradeci e olhei diretamente nos olhos de Satish. Ele corou de emoção, abaixando as pálpebras em arrependimento mudo. Quando nos serviram uma lauta refeição, que incluía mangas fora de época, reparei que o apetite de meu cunhado era escasso. Muito perturbado, ele mergulhava nas regiões abissaís do pensamento.

Na viagem de volta a Calcutá, Satish, com expressão suavizada, às vezes me dirigia um olhar súplice. A partir do momento em que o sacerdote surgiu e nos convidou para o almoço, como se fosse uma resposta a seu desafio, Satish não disse uma só palavra.

Na tarde seguinte, visitei minha irmã em sua residência. Ela me saudou muito afetuosamente.

- Querido irmão - exclamou - que milagre! Na noite de ontem, meu esposo chorou abertamente diante de mim.

"- Bem-amada ávi[170] - disse ele - sinto-me inenarravelmente feliz porque, do plano reformador de seu irmão, resultou a minha conversão. Vou desfazer todo o mal que fiz a você. A partir desta noite, usaremos nosso grande dormitório unicamente como lugar de adoração; sua saleta de meditação será nosso quarto de dormir. Lamento sinceramente ter ridicularizado seu irmão. Pela vergonhosa maneira como eu vinha agindo, castigar-me-ei, não falando com Mukunda até haver progredido no caminho espiritual. Doravante, buscarei COM profundo fervor a Mãe Divina- algum dia, sem dúvida, hei de encontrá-la!

Anos mais tarde (1936), visitei Satish em Délhi. Regozijei-me sobremaneira ao perceber que se desenvolvera muito em realização de Deus e fora abençoado por Urna visão da Mãe Divina. Durante minha permanência em sua casa, Satish passava secretamente a maior parte de cada noite em profunda meditação, embora sofresse de grave moléstia e trabalhasse durante o dia em seu escritório.

Veio-me o pensamento de que a vida de meu cunhado não seria longa. Roma deve ter lido meu pensamento.

- Querido irmão - disse ela - estou com saúde e meu marido está doente. Contudo, desejo que você saiba: como dedicada esposa hindu, serei a primeira a morrer[171]. Não tarda muito e partirei.

Surpreendido por suas palavras de mau agouro, senti, entretanto, seu ferrão de verdade. Encontrava-me na América quando minha irmã faleceu, cerca de dezoito meses depois de sua predição. Meu irmão mais jovem, Bishnu, deu-me posteriormente os detalhes.

"- Roma e Satish achavam-se em Calcutá, no dia da morte de nossa irmã - contou-me Bishnu. - Naquela manhã, ela vestiu seus trajes nupciais.

Por que esta vestimenta especial? - perguntou Satish.

Este é meu último dia de serviço para você na terra - respondeu Roma. Pouco depois, teve um ataque cardíaco. Como seu filho corresse para buscar auxílio, ela disse:

"- Filho, não me deixe. Não adianta ir; terei partido antes de chegar o médico. - Dez minutos mais tarde, segurando os pés de seu esposo, em reverência, Roma abandonou conscientemente o corpo, feliz e sem sofrimento.

",_ Satish tornou-se muito retraído depois da morte de sua esposa - continuou Bishnu. - Um dia, ele e eu olhávamos uma fotografia sorridente de Roma.

---

[170] Deusa; literalmente, "a que brilha", da raiz do verbo sânscrito div, brilhar.

[171] Uma esposa indiana acredita ser indício de desenvolvimento espiritual se morre antes de seu marido, como prova dos leais serviços a ele prestados, ou seja, "morrer (em batalha) dentro da armadura", morrer servindo.

“- Por que sorri? - Satish exclamou repentinamente, como se sua esposa estivesse presente. - Pensa que foi esperta ao arranjar tudo para ir antes? Provarei que você não pode permanecer muito tempo longe de mim; em breve, me reunirei a você.

“-- Naquela época, apesar de Satish ter se restabelecido inteiramente de sua enfermidade e estar em gozo de excelente saúde, morreu sem causa aparente, pouco depois de seu estranho comentário diante da fotografia.”

Assim profeticamente, ambos se foram, minha amada irmã Roma e seu esposo Satish, transformado, em Dakshinéswar, de um homem mundano como tantos outros, num santo silencioso.

Capítulo 23 - Recebo meu diploma universitário

Você ignora os textos que lhe designei nos compêndios de filosofia. Sem dúvida, está confiando numa "intuição" pouco laboriosa para ser aprovado nos exames. A menos, porém, que se aplique decididamente aos estudos, eu me encarregarei de sua reprovação nesta disciplina.

O professor D, C. Ghoshal, da Faculdade de Serampore, dirigia-se a mim com severidade. Se eu fracassasse no último teste escrito, por ele aplicado à classe, não seria admitido aos exames finais, formulados pelos docentes da Universidade de Calcutá, da qual a Faculdade de Serampore é um ramo equiparado. Nas universidades indianas, um estudante reprovado numa única matéria, nas provas finais para diplomar-se, tem de submeter-se a novo exame em todas as matérias no ano seguinte.

Meus professores na Faculdade de Serampore costumavam tratar-me com bondade, não isenta de divertida tolerância - Mukunda está totalmente embriagado de religião. - Com este sumário de minha pessoa, eles, diplomaticamente, me poupavam ao embaraço de tentar responder às perguntas em classe; confiavam nos últimos testes escritos para eliminar-me da lista de candidatos ao diploma universitário, O juízo que de mim faziam os colegas estava expresso no apelido que me deram: "monge alucinado".

Tomei engenhosa medida para anular a ameaça do professor Ghoshal, de reprovar-me em filosofia. Quando os resultados dos últimos testes estavam na iminência de ser anunciados publicamente, pedi a um colega que me acompanhasse à sala de trabalho do professor.

- Venha comigo. Quero uma testemunha - disse eu a meu companheiro. - Ficarei muitíssimo desapontado se perder esta oportunidade de ser mais esperto que o professor.

O professor Ghoshal abanou negativamente a cabeça quando lhe perguntei que nota ele dera à minha prova.

- Você não está entre os que passaram - disse ele, triunfante. E pôs-se a procurá-la numa grande pilha de folhas de papel sobre sua mesa de trabalho. - Sua prova nem mesmo se acha aqui; de qualquer modo, você fracassou por não ter comparecido ao exame.

Ri abertamente. - Senhor, estive presente. Posso eu mesmo procurar neste amontoado de papéis?

Confuso, o professor permitiu; depressa achei minha prova, da qual, cuidadosamente, eu omitira qualquer sinal de identificação, exceto meu número de chamada. Não sendo advertido pelo "sinal vermelho" de meu nome, o professor dera uma alta classificação às minhas respostas, apesar de não estarem embelezadas por citações textuais[172].

Percebendo meu estratagema, ele então vociferou: - Sorte dos diabos! - E acrescentou, esperançoso: - Você será reprovado, sem dúvida, nos exames finais.

Para os testes em outras disciplinas, recebi alguma ajuda de repetidores de aulas, particularmente de meu querido primo e amigo Prabhas Chandra Ghosh, filho de meu tio Sarada. Foi penosamente, titubeando, que me submeti a todos eles; passei, entretanto, com notas mínimas.

Agora, depois de quatro anos de escola superior, eu tinha direito a prestar os exames finais. Todavia, nem sonhava em aproveitar este privilégio. Os últimos testes da Faculdade de Serampore eram brinquedos de criança, comparados ao rigoroso exame que seria proposto pela Universidade de Calcutá. Minhas visitas quase diárias a Sri Yuktéswar deixaram-me pouco tempo para freqüentar as salas de aula. Nestas, minha presença, mais do que a ausência, provocava exclamações de surpresa entre os colegas.

A rotina de quase todos os meus dias tinha começo ao sair de bicicleta, às nove e meia da manhã. Numa das mãos, eu levava uma oferenda para meu guru - algumas flores do jardim da pensão Panthi onde residia. Saudando-me afavelmente, o Mestre convidava-me a ficar para o almoço. Eu aceitava invariavelmente, com vivacidade, contente de poder banir, para o resto do dia, o pensamento de comparecer à Faculdade. Após conviver com Sri Yuktéswar durante horas, prestando serviços no asbram ou atento ao incomparável fluxo de sua sabedoria, era com relutância que eu partia para a Parithi, aproximadamente à meia-noite. As vezes, demorava-me toda a noite com meu guru, tão venturosamente absorto em sua conversação que mal notava quando a tieva se convertia em aurora.

[172] Devo fazer justiça ao professor Ghoshal, admitindo que as tensas relações entre nós não se deviam a qualquer falha sua, mas apenas às minhas ausências às aulas. 0 professor Ghoslial é notável orador, de vastos conhecimentos filosóficos. Em anos posteriores chegamos a um entendimento cordial.

Certa noite, cerca das vinte e três horas, enquanto eu calçava os sapatos[173], preparando-me para a corrida de bicicleta até a pensão, o Mestre interrogou-me gravemente:

- Quando se iniciam seus exames para obtenção do cliplorria?

- Daqui a cinco dias, senhor.

- Espero que você esteja preparado para eles.

Imobilizado de alarme, segurei no ar um dos sapatos. - Mestre protestei - sabe muito bem que tenho consagrado meus dias mais ,ao senhor que aos meus professores. Corno posso sujeitar-me a representar urna farsa, comparecendo àqueles exames difíceis?

Os olhos de Sri Yuktéswar transpassavam, os meus. - Você deve comparecer. - Seu tom era friamente peremptório. - Não daremos motivo para que seu pai e outros parentes critiquem sua preferência pela vida do áshram. Prometa-me apenas que estará presente aos exames; responda o melhor que puder.

Lágrimas incontroláveis desciam por meu rosto. Senti que a ordem cio Mestre não era razoável e que seu interesse era, para dizer o mínimo, tardio.

Comparecerei se é seu desejo - disse eu, num soluço. - Mas Já não me sobra tempo para uma preparação adequada. - E para mim mesmo, murmurei: - Em resposta às perguntas, encherei as folhas de papel com seus ensinamentos!

Ao entrar no eremitério no dia seguinte, à hora costumeira, ofereci meu ramalhete a Sri Yuktéswar, com ar de pêsames. Sri Yuktéswar riu-se de minha acabrunhada aparência.

- Mukunda, alguma vez o Senhor falhou em ajudá-lo, em algum exame ou em outra dificuldade?

- Não, senhor - respondi, animado. Grata maré de revivescências me inundou.

- Não foi preguiça mas ardente zelo por Deus que o impediu de buscar honras acadêmicas - disse meu guru bondosamente. Depois de um silêncio, ele citou: “Busca primeiro o reino de Deus e Sua justiça, e todas estas coisas te serão acrescentadas”[174].

Pela milésima vez, senti que o peso de minha carga era aliviado em presença do Mestre. Ao terminarmos, cedo, o nosso almoço, ele sugeriu que eu regressasse a Panthi.

- Seu amigo, Romesh Chandra Dutt, ainda vive na pensão?

- Sim, senhor.

- Entra em contato com ele; Deus inspirará Romesh para que o ajude nos exames.

- Muito bem, senhor; mas Romesh está excessivamente ocupado. Ele é o melhor aluno de minha classe e arca com mais trabalho que os outros.

O Mestre pôs de lado minhas objeções. - Romesh achará tempo para você. Agora, vá.

Voltei de bicicleta a Panthi. A primeira pessoa que encontrei no recinto da pensão foi o estudioso Romesli. Como se tivesse seus dias perfeitamente livres, concordou de bom grado com minha tímida solicitação.

- Certamente! Estou às suas ordens, - Durante muitas horas naquele dia, e em cada um dos seguintes, ele me repetiu as aulas e me preparou para os exames nas várias matérias.

- Creio que no exame de Literatura Inglesa haverá muitas perguntas sobre o percurso feito por “Childe Harold”- disse-me ele. - Devemos conseguir um atlas, imediatamente.

Corri à residência de meu tio Sarada e pedi emprestado um atlas. Romesh marcou no mapa da Europa os lugares visitados pelo romântico viajante de Byron.

Alguns colegas se agruparam a nosso redor para escutar as lições.

Romesh o aconselha mal - comentou um deles, no fim' de uma das sessões. - Geralmente, cinqüenta por cento das questões se referem às obras dos autores; a outra metade, às suas biografias.

---

[173] Um discípulo sempre descalça os sapatos num eremitério hindu.
[174] Mateus, 6:33.

Quando me sentei para o exame de Literatura Inglesa, meu primeiro olhar às questões provocou-me lágrimas de gratidão que desciam por minhas faces e molhavam o papel. O monitor da classe acercou-se de minha mesa e, condoído, indagou o que se passava.

- Meu grande guru predisse que Romesh me ajudaria - expliquei. - Veja, as mesmas perguntas que Romesh sugeriu estão aqui, na folha de exame! - Acrescentei: - Felizmente para mim, neste ano, há poucas indagações sobre autores ingleses, cujas vidas, tanto quanto sei, estão envoltas em profundo mistério!

Meu pensionato era um tumulto quando regressei. Os moços que me haviam ridicularizado por minha fé nas lições de Romesh, quase me deixaram surdo com suas felicitações. Durante a semana de exames, continuei a passar o maior tempo possível com Romesh, que formulava as questões a serem propostas, segundo ele, pelos professores. Dia após dia, as perguntas de Romesh apareciam quase com as mesmas palavras rios formulários de exame.

Notícias circularam amplamente, na Faculdade, de que algo parecido a um milagre estava ocorrendo e havia probabilidade de êxito para o distraído “monge alucinado”. Não fiz qualquer tentativa de esconder os pormenores do caso. Os professores de Serampore não tinham poder para alterar as questões, elaboradas pelos docentes da Universidade de Calcutá.

Refletindo sobre o exame de Literatura Inglesa percebi, certa manhã, que cometera um grave erro. Determinadas questões exigiam duas respostas: A (ou B) e C (ou D). Em vez de escolher uma de cada par, eu respondera a arribas do primeiro par. Omitira, por falta de atenção, todas as alternativas C ou D, toda a segunda parte. A melhor nota que poderia alcançar naquele exame seria 33 - 3 pontos menos do que a nota mínima de aprovação, 36.

Corri para o Mestre e extravasei minhas dificuldades. - Senhor, cometi uma tolice imperdoável. Não mereço as bênçãos divinas por intermédio de Romesh, sou indigno delas.

- Anime-se, Mukunda. - O tom de Sri Yuktéswar era leve e despreocupado. Ele apontou para a abóbada azul do céu. - É mais provável que a lua troque de lugar com o sol, no céu, do que você ser reprovado!

Deixei o eremitério de ânimo mais tranqüilo, embora parecesse matematicamente inconcebível a minha aprovação. Olhei uma ou duas vezes, apreensivamente, para o firmamento; o Soberano do Dia parecia firme em sua órbita costumeira.

Ao chegar a Panthi, ouvi casualmente o comentário de um colega:

Acabei de saber que este ano, pela primeira vez, a nota mínima exigida para a aprovação em Literatura Inglesa foi baixada para 33 pontos.

Invadi o quarto do jovem com tal velocidade que ele ergueu os olhos, alarmado. Interroguei-o ansiosamente.

- Monge de cabelo comprido - disse ele, rindo - por que este repentino interesse em assuntos escolares? Por que gritar na undécima hora? É verdade que a nota de aprovação acabou de baixar para 33 pontos.

Alguns pulos de contentamento me levaram a meu quarto, 1 onde caí de joelhos e louvei a perfeição matemática de meu Pai Divino.

Todos os dias eu estremecia ao ter consciência de que uma Presença Espiritual claramente me guiava através de Romesh. Aconteceu um incidente significativo por ocasião de meu exame em Língua Bengali. Romesh, que não me preparara naquela disciplina, chamou-me quando eu deixava a pensão para ir ao local de exame, de manhã.

- Ali está Romesh, gritando por você - disse-me um colega, impacientemente. - Não volte, chegaremos atrasados à sala.

Sem fazer caso do conselho, regressei, correndo, para casa. - Nossos jovens bengalis, em geral, passam facilmente no exame de bengali - disse Romesb. - Mas acabei de ter um pressentimento de que, neste ano, os professores planejaram “massacrar” os estudantes, propondo-lhes perguntas sobre os livros de leitura obrigatória. - Narrou-me, então, dois episódios da vida de Vídyáságar, renomado filantropo de Bengala, do século dezenove.

Agradeci a Romesh e dirigi-me de bicicleta, velozmente, para a Faculdade. Na sala de exames fiquei sabendo, pelo formulário, que os temas em bengali eram dois. A primeira instrução dizia: “Dê dois exemplos da caridade de Vídyáságar”[175]. Enquanto eu transferia para o papel conhecimentos tão recentemente adquiridos, murmurei uma pequena ação de graças por haver atendido ao chamado de Romesh, à última hora. Se eu ignorasse os benefícios de Vidyáságar (aos quais, agora, se acrescentava mais um, prestado a mim), não poderia ter passado no exame de berigali. Dizia a segunda instrução na folha de exame:

“Escreva um ensaio em berigali sobre a vida do homem que mais o inspirou. “

Querido leitor, será preciso dizer quem escolhi para meu tema? A medida que cobria uma seqüência de páginas corri louvores a meu guru, eu sorria ao ter consciência de que minha predição sussurrada estava se realizando: “Preencherei as folhas com seus ensinamentos! “

Não me senti inclinado a interrogar Romesh sobre meu curso de filosofia. Confiando em meu longo treinamento sob a direção de Sri Yuktéswar, desprezei sem perigo as explicações dos compêndios. A mais alta nota de todos os meus exames foi obtida em filosofia. Minhas qualificações em Outras matérias colocavam-se meramente dentro do nível mínimo.

E um prazer registrar que meu generoso amigo Romesh recebeu seu grau universitário **cum laude**.

Papal prodigalizava sorrisos no dia da formatura. - Custava-me crer que você seria aprovado, Mukunda - confessou ele. - Você passava tanto tempo com seu guru. - Meu Mestre captara com exatidão a crítica silenciosa de meu pai.

Durante anos eu tivera dúvidas de que, algum dia, poderia juntar a meti nome as iniciais correspondentes a meu grau universitário, A.B., Bacharel em Humanidades. Raramente uso esse título sem pensar que foi uma dádiva divina, a mim conferida por motivos um tanto obscuros. Às vezes, escuto homens formados em universidades comentarem que muito pouco do conhecimento adquirido às pressas permaneceu com eles depois da formatura. Esta confissão consola-me um pouquinho de minhas indubitáveis deficiências acadêmicas.

Em junho de 1914, no dia em que colei grau pela Universidade de Calcutá, ajoelhei-me aos pés de meu guru e agradeci-lhe por todas as bênçãos que fluíram de sua vida[176] para a minha.

- De pé, Mukunda - disse ele com indulgência. - O Senhor simplesmente achou mais conveniência em sua formatura do que no intercâmbio de posições do sol e da lua!

---

[175] Esqueci as paiavras exatas do quest7onário, mas lembro-me de que se referiam às histórias que Romesh aca' ara de me contar sobre Vidyáságar. Devido à su,? erudiç~ , o sr. Is%,àa. CL.indra tornou-se amplamente conhecido em Bengala e o Âmples títalo de Vidyáságar rOceano de Conhecimento”)

[176] O poder de influir sobre a mente alheia e o curso cios acontecimentos ` uiu vibhuti (poder iogue) mencionado nos Yoga Sutras (HI, 24) de Patárijali, que o explica como sendo o resultado de “compaixão universal”. (Dois livros de estudos sobre os Sutras são Filosofia da loga, por Dasgupta (Trubner, Londres) e Sistema de loga de Patânjali (vol. 17, Oriental Series, Univ. de Harvard). Todas as Escrituras proclamam que o Senhor criou o homem à Sua onipotente imagem. 0 domínio sobre o universo parece sobrenatural, mas, em verdade, este poder é natural e inerente a todos os seres humanos que alcançam a lembrança justa” de sua origem divina. Homens que obtiveram a realização de Deus, como Sri Yuktéswar, estão livres do princípio do ego (ahânkara) e dos desejos pessoais dele oriundos; as ações dos verdadeiros mestres estão, sem esforço, em conformidade com ritá, retidão natural. Dizendo-o com as palavras de Emerson, todas as grandes almas tornam-se 11 não virtuosas, mas a própria Virtude; então, a finalidade da criatura é cumprida e Deus se mostra satisfeito”.
Qualquer homem de realização divina pode executar milagres porque, à semelhança de Cristo, ele compreende as leis sutis da criação; mas nem todos os mestres escolhem o exercício de poderes ferrorriênicos. Cada santo, à sua maneira, é um reflexo de Deus; a'expressão da individualidade é básica num mundo onde dois grãos de areia não são exatamente iguais, Regras invariáveis não podem ser formuladas sobre os santos iluminados por Deus; alguns efetuam milagres, e outros não; alguns são inativos, enquanto outros (como o rei Jânaka, da antiguidade, e Santa Teresa de Avila) relacionam-se com grandes empreendimentos ~ alguns ensinam, viajam e aceitam discípulos, enquanto outros passam suas vidas tãc silenciosa e discretamente como sombras. Nenhum crítico mundano pode ler o secreto pergaminho do carma (ações passadas) que, ao se desenrolar, mos tra a cada santo rim roteiro diferente

Capítulo 24 - Eu me torno monge da Ordem dos Swãmis

Mestre, meu pai anda ansioso para que eu aceite um cargo executivo na Estrada de Ferro Bengala-Nagpur. Mas eu o venho recusando, categoricamente. - Acrescentei, com esperança: - Senhor, não me pode fazer monge da Ordem dos Swâmis? - Olhei, suplicante, para meu guru. Durante os anos precedentes, a fim de pôr à prova a profundeza de minha determinação, ele me recusa idênticos pedidos. Hoje, entretanto, sorria com benevolência.

- Muito bem, amanhã será iniciado na Ordem dos Swâmis.

Ele continuou, serenamente: - Estou feliz porque persistiu em seu desejo de ser monge. Láhiri Mahásaya dizia freqüentemente: "Se você não convida Deus para ser seu hóspede no verão, Ele não virá no inverno de sua vida."

- Eu jamais poderia renunciar a meu desejo ardente de pertencer à mesma Ordem dos Swâmis à qual pertence o querido Mestre a quem reverencio. - Sorri para ele com afeto imensurável.

"O solteira cuida das coisas que pertencem ao Senhor e de como agradá-lo; mas o casado cuida das coisas do mundo, e de como há de agradar à sua mulher."[177]. Eu analisara a vida de muitos amigos meus que vieram a casar-se depois de um período de treinamento espiritual. Lançados ao oceano das responsabilidades mundanas, esqueceram suas resoluções de meditar profundamente.

Relegar o Senhor a um lugar secundário[178] em minha vida era, para mim, inconcebível. Tudo o que existe no cosmos a Ele pertence e sobre o homem Ele esparze silenciosamente dons sobre dons, vida após vida. Só existe uma dádiva que o homem pode oferecer em troca o seu amor - e o homem tem o poder de retê-lo ou de entregá-lo.

Ao desenvolver infinitos esforços para ocultar em mistério a Sua presença nos átomos da criação, o Criador só poderia ter tido um mo,ivo e uma delicadeza: que o homem o procurasse apenas de livre vontade. Com que luva de veludo de absoluta humildade, Ele cobriu a mão de ferro da onipotência!

O dia seguinte foi um dos mais memoráveis de minha vida. Era uma ensolarada quinta-feira, lembro-me bem, em julho de 1914, algumas semanas depois de minha formatura na Faculdade. No terraço interior de seu eremitério em Serampore, o Mestre submergiu um corte novo de seda branca numa tintura ocre, cor tradicional da Ordem dos Swâmis. Depois que o tecido secou, meu guru o modelou em pregas sobre meu corpo, como túnica de renunciante.

- Algum dia você irá ao Ocidente onde se prefere a seda -- disse ele. - Simbolicamente, escolhi a seda para seu hábito, em vez do algodão que costumávamos usar.

Na índia, onde os monges abraçam o ideal de pobreza, um swâmi vestido de seda é uma aparição incomum. Muitos iogues, porém, usam roupa interior de seda porque esta retém, melhor que o algodão, certas correntes sutis do corpo.

_ Sou avesso a cerimônias - observou Srí Yuktéswar. - Eu o ordenarei swâmi na forma bídwat (não-cerimoniosa).

BíbJidísa ou iniciação solene no grau' de swâmi incluí uma cerimônia do fogo, durante a qual se realizam ritos funerários simbólicos. O corpo físico do discípulo faz o papel de morto, cremado nas labaredas da sabedoria. Ao recém-ordenado swâmi então se dá um verso para cantar, "Esta átma é Brahma"[179], ou "Tu és Isso" ou "Eu sou Ele". Sri Yuktéswar, contudo; em seu amor à simplicidade, dispensou todos os ritos formais e apenas me pediu que escolhesse um novo nome.

- Dar-lhe-eí o privilégio de escolhê-lo - disse-me, sorrindo.

- Yogananda[180] - respondi após um momento de reflexão. O nome significa "beatitude (ananda) através da união divina (yoga)".

- Assim seja, Renunciando a seu nome de família, Mukunda Lal Ghosh, você doravante será chamado Yogananda do ramo Gírí da Ordem dos Swâmís.

---

[177] 1 Corínfios, 7: 32-33.
[178] "Quem oferece a Deus um lugar secundário, nenhum lugar oferece"- Ruskin.
[179] Literalmente, "Esta alma é Espírito". 0 Supremo Espírito, o Incriado, é ínteiramente incondicionado (neti, neti, não isto, não aquilo), mas na Vedanta é com freqüência mencionado como Sat-Chit-Ananda, isto é, Ser-Inteligência-Beatitude.
[180] Yogananda é um nome bastante comum entre swimis.

Ao me ajoelhar diante de Sri Yuktéswar e ao ouvi-lo pronunciar pela primeira vez meu novo nome, meu coração transbordava de agradecimento. Com que amor ele trabalhara, infatigavelmente, para que o menino Mukunda se transformasse um dia no monge Yogananda! Entoei com alegria alguns versos em sânscrito, do longo cântico do Senhor Shânkarachárya[181].

"Nem mente, nem intelecto, nem ego, nem sentimento; nem céu, nem terra, nem metais eu sou. Eu sou Ele, eu sou Ele, Espírito de Beatitude, eu sou Ele! Nem nascimento, nem morte, nem casta eu tenho; pai, mãe, não os tenho. Eu sou Ele, eu sou Ele, Espírito Beatífico, eu sou Ele! Transcendente aos vôos da fantasia, sem forma eu sou, impregnando os membros da vida total. Escravidão não temo, sou livre, sempre livre, Eu sou Ele, eu sou Ele, Espírito Beatífico, eu sou Ele!"

Todo swâmi pertence à Ordem monástica que é reverenciada na índia desde tempos imemoriais. Reorganizada em seus moldes atuais, há séculos atrás, por Shânkarachárya, desde então ela vem sendo chefiada, em linha íninterrupta, por mestres venerandos (cada um, sucessivamente, herdando o título de Jagadguru Sri Shânkarachárya)[182] . Muitos monges, talvez um milhão, constituem a Ordem dos Swâmis; para nela entrar, preenchem a exigência de receber iniciação de homens que são, eles próprios, swâmis. Assim, todos os monges da Ordem dos Swâmis traçam sua linhagem espiritual a partir de um só guru, Adi ("o primeiro") Shânkarachárya. Professam votos de pobreza (desapego a posses), castidade e obediência ao chefe ou autoridade espiritual. Sob muitos aspectos, as ordens monásticas do Cristianismo católico assemelham-se à Ordem dos Swâmis, cuja antigüidade é maior.

Ao seu novo nome, um swâmi acresce uma palavra que indica seu vínculo formal com uma das dez subdivisões da Ordem dos Swâmis. Estes dasanarnis, ou designações junto a um nome, incluem o de Gíri (montanha), ao qual Swâmi Sri Yuktéswar Gírí e, portanto, eu próprio, pertencemos. Entre os outros ramos encontram-se Ságar (mar), Bhárati (terra), Púri (área), Saráswatí (sabedoria da natureza), Tirth (lugar de peregrinação) e Arânya (floresta).

O nome monástico de um swâmi, geralmente terminado em ananda (beatitude suprema), representa seu anseio de atingir a emancipação através de uma senda particular, de uma disposição de ânimo ou de uma qualidade divina - amor, sabedoria, discernimento, devoção, serviço, ioga.

O ideal de prestar serviço altruísta a toda a humanidade e de renunciar aos laços e ambições pessoais leva a maioria dos swâmis a empenhar-se ativamente em trabalho humanitário e educacional, na índia ou, às vezes, em outras regiões do mundo. Pondo de lado, de propósito, todos os preconceitos de casta, credo, classe, cor, sexo ou raça, um swâmi segue os mandamentos da fraternidade humana. Sua meta é a união absoluta com o Espírito. Em estado de sono e de vigília, inculcando em sua consciência o pensamento de que "Eu sou Ele", este monge vaga contente pelo mundo, sem ser do mundo. Apenas desse modo ele pode justificar seu título de swâmi: aquele que procura alcançar a união com o Swa ou Ser.

Sri Yuktéswar era ambas as coisas, swâmi e iogue. Um swâmi, formalmente um monge em virtude de sua vinculação à venerável Ordem, nem sempre é um iogue. Quem pratica uma técnica científica, para obter experiência direta e pessoal de Deus, é um iogue. Pode ser casado ou solteiro, homem de responsabilidades mundanas ou de laços religiosos formais.

Concebe-se que um swâmi siga unicamente a senda do raciocínio árido ou da fria renúncia; mas um iogue se empenha num procedimento definido, passo a passo, que disciplina o corpo e a mente, e libera gradualmente a alma. Não aceitando razões emocionais nem crenças como critérios do que é certo, ele pratica uma série de exercícios de eficácia rigorosamente comprovada, que foram delineados pela primeira vez pelos ríshis da antiguidade. Em todas as épocas na índia, a ioga produziu homens que se tornaram realmente livres, verdadeiros Cristosiogues.

Como qualquer outra ciência, na ioga é aplicável a povos de todos os climas e épocas. A teoria propalada por certos escritores ignorantes, de que a ioga é "perigosa" e "imprópria" para os ocidentais, é inteiramente falsa, e lamentavelmente dissuadiu muitos estudantes sinceros de procurarem suas múltiplas bênçãos.

---

[181] Shânkara é geralmente conhecido como SUnkarachérya; achárya significa "instrutor espiritual". Datas referentes a Shânk.ara são matéria de discussão entre eruditos. Alguns anais indicam que o incomparável monista viveu no século 6.' antes de Cristo; o sábio Anandagíri apresenta a data de 44-12 A.C.; historiadores ocidentais atribuem a Shânkara o século 8 depois de Cristo. (Nota de SRF)

[182] O falecido Jagadguru Sri Shânkarachárya do antigo eremitério Gowardhan em Puri, Sua Santidade Bhárati Krishna Tirth, visitou os Estados Unidos durante três meses em 1958. Foi a primeira vez que um Shânkarachárya veio ao Ocidente, Sua histórica viagem realizou-se sob o patrocínio de Self-Realizafion Fellowship. Ele fez conferências nas principais universidades norte-americanas e participou de um debate sobre a paz mundial com o eminente historiador, dr. Arnold Toynbee.
Em 1959, Sri Shânkarachárya de Puri aceitou o convite de Sri Daya Mata, presidente de SRF-YSS, para agir como representante dos Gurus de SRF-YSS e dar a iniciação na Ordem dos Swâmis a dois monges de Yogoda Satsanga. Ele dirígiu a cerimônia no templo de Sri Yuktéswar em YSS em Puri. (Nota de SRF)

Ioga é um método para restringir a turbulência natural dos pensamentos. Estes, se não forem dominados, impedem todos os homens, imparcialmente, em todas as terras, de vislumbrarem sua verdadeira natureza, que é Espírito. Semelhante à luz curativa do sol, a ioga é benéfica tanto para os homens do Oriente como do Ocidente. Os pensamentos da maioria das pessoas são inquietos e caprichosos; é patente a necessidade da ioga: a ciência do controle da mente.

O antigo ríshi Patâniali[183] define ioga como "neutralização das ondas que se alternam na consciência"[184]. Seu livro, Y09a Sútras, curto e magistral, forma um dos seis sistemas de filosofia hindu. Em contraste com as filosofias do Ocidente, todos os seis sistemas hindus compreendem, não apenas ensinamentos teóricos, mas também práticos. Depois de proceder a todas as investigações ontológicas concebíveis, os sistemas hindus formulam seis códigos disciplinares bem definidos, com o objetivo de eliminar permanentemente o sofrimento e atingir a beatitude intemporal.

Os Upanisháds, de posterior redação, consideram os Yoga Sútras, entre os seis sistemas[185], como a obra que contém os métodos mais eficazes para atingir a percepção direta da verdade. Aperfeiçoando-se em técnicas práticas de ioga, o homem deixa atrás de si, para sempre, os reinos infecundos da especulação e conhece, por experiência própria, a verdadeira Essência.

O sistema de ioga de Patânjali é conhecido como Senda óctupla[186]. Os primeiros passos. 1. yâma, conduta moral, e 2. niyâma, observâncias religiosas. Yâma compreende: evitar ofender ou prejudicar os outros, falar a verdade, não roubar, conservar a castidade e não ambicionar o que é alheio. As prescrições de niyâma são: pureza de corpo e de mente, contentamento em todas as circunstâncias, autodisciplina, estudo de si mesmo (contemplação) e devoção a Deus e ao guru.

Os passos seguintes são: 3. ásana (posição correta); a coluna vertebral deve manter-se ereta, e o corpo firme, em posição confortável para a meditação - 4. pranayâma (controle de Prana, correntes vitais sutis); e 5. pratyahára (retirar dos objetos exteriores os cinco sentidos; abstração).

Os últimos passos são formas de ioga propriamente dita: 6. dhárana (concentração), manter a mente numa só idéia; 7. dhyâna (meditação) e 8. samádhi (experiência superconsciente). Esta Senda óctupla de Ioga leva à meta final de Kaiválya (O Absoluto), em que o iogue experimenta a Verdade, acima e além de toda compreensão intelectual.

- Quem é maior - pode perguntar alguém - um swâmi ou um iogue? - Quando se atinge a unidade com Deus, desaparecem as distinções entre os vários caminhos. O Mágavad Gíta, entretanto, salienta que os métodos de ioga abrangem todas as sendas. Suas técnicas não se destinam apenas a certos tipos de temperamento, à minoria disposta a ingressar na vida monástica; exige fidelidade, mas não a formalística. A ciência da ioga satisfaz uma necessidade universal e por isso exerce atração natural sobre todos os indivíduos.

Um verdadeiro iogue pode permanecer no mundo, cumprindo seus deveres; no mundo ele se encontra, semelhante à manteiga na água, nata batida e separada, e não como o leite facilmente diluível da humanidade indisciplinada. O cumprimento das responsabilidades mundanas não separa o homem, necessariamente, de Deus, desde que sua mente se mantenha desapegada de desejos egoístas e desempenhe o seu papel na vida como um instrumento voluntário da Divindade.

---

[183] Desconhece-se em que época viveu Patânjali, embora muitos estudiosos o situem no século 2 antes de Cristo, Os ríshis escreveram tratados, sobre uma vastidão de assuntos, com tão penetrante visão, que os séculos têm sido impotentes para colocá-los fora de moda. Contudo, para consternação subseqüente dos historiadores, esses sábios nenhum esforço fizeram para estampar em suas obras literárias o selo de suas personalidades e as datas em que as escreveram. Sabiam que suas curtas vidas eram apenas temporariamente importantes como lampejos da grande Vida infinita; e que a verdade é intemporal - sendo impossível gravar-lhe marcas regístradas, é propriedade particular de ninguém.

[184] "Chítta vrítti nirôdha" (Yoga Sútras, L2), que também se pode traduzir como "cessação de todas as modificações da substância mental". Chítta é um termo amplo, englobante, para designar a capacidade de pensar; compreende as forças vitais pránicas, mânas (mente ou consciência dos sentidos), ahinkara (princípio do ego) e búddhi (inteligência intuitiva). Vrítti (literalmente "remoínho") refere-se às ondas de pensamento e de emoção que incessantemente aparecem e desaparecem na consciência do homem. Nirôdha significa neutralização, cessação, controle.

[185] Os seis sistemas ortodoxos (com base nos Vedas) são Shânkya, Yoga, Vedanta, Miminsa, Nyáya e Vaisesíka. Os leitores com tendência ao estudo acurado se deliciarão com as sutilezas e o amplo alcance destas antigas formulações, resumidas em inglês, em Uma História da Filosofia Hindu, vol. 1, pelo professor Surendranath Dasgupta (Cambridge University Press).

[186] Não deve ser confundido com o "Nobre Caminho óctuplo"do Budismo, um guia para a conduta do homem e que abrange: 1. ideais corretos; 2. motivo correto; 3. linguagem correta; 4. ação correta; 5. meios de vida corretos; 6. esforço correto; 7. recordação correta (do Ser) e 8. realização correta (samâdhi).

Existe grande número de homens, vivendo hoje na América e na Europa, ou em outros corpos não-indianos que, embora nunca tenham ouvido falar nos termos iogue e swâmi, são, todavia, verdadeiros exemplos de ambos. Seu serviço desinteressado à humanidade, seu domínio de paixões e pensamentos, seu sincero amor a Deus, ou ainda, seus grandes poderes de concentração, fazem deles, em certo sentido, iogues; determinaram para si mesmos a meta da ioga: autodomínio. Estes homens poderiam ascender a altitudes ainda maiores se lhes fosse ensinada a ciência definida da ioga, que possibilita o governo ainda mais consciente da mente e da vida do indivíduo.

Certos escritores ocidentais compreenderam a ioga apenas superficialmente mas aqueles que a criticaram nunca chegaram a praticá-la. Entre muitos tributos à ioga, baseados em reflexão, pode-se mencionar o dr. Carl Gustav Jung, famoso psicólogo suíço[187]. Escreveu ele:

"Quando um método religioso se anuncia como "científico", pode ter certeza de obter público no Ocidente. A Ioga preenche esta expectativa. À parte o encanto da novidade e a fascinação por tudo o que é pouco compreendido, a Ioga tem bons motivos para conseguir muitos adeptos. Oferece possibilidades de experiência controlável e assim satisfaz a necessidade científica de "fatos". Além disso, em virtude de sua amplitude e profundeza, de sua idade venerável, de sua doutrina e método que abrangem todos os aspectos da vida, ela promete possibilidades nunca sonhadas.

"Toda prática religiosa ou filosófica pressupõe uma disciplina psicológica, isto é, um método de higiene mental. Os múltiplos processos puramente corporais da Ioga[188] compreendem também uma higiene fisiológica superior aos exercícios de ginástica e respiração comuns, desde que não é apenas mecanicista e científica, mas é também filosófica. Ao treinar as partes do corpo, unifica-as com a totalidade do espírito, como se torna bem claro, por exemplo, nos exercícios de pranayâma, onde prana tanto é o alento como a dinâmica do cosmo ...

"A prática da Ioga ... será ineficiente sem os conceitos nos quais se fundamenta. Ela combina o físico e o espiritual de maneira extraordinariamente completa.

"No Oriente, onde estas idéias e práticas se desenvolveram, e onde, durante milhares de anos, uma tradição ininterrupta criou as necessárias bases espirituais, a Ioga é, em minha opinião, o método apropriado e perfeito para fundir corpo e mente, de modo a formarem uma unidade inquestionável. Esta unidade cria uma disposição psicológica que possibilita intuições transcendentes à consciência ".

Aproxima-se para o Ocidente o dia em que se considerará a ciência interna do autodomínio tão necessária quanto a conquista externa da Natureza. A Idade Atômica verá a mente do homem tornar-se sóbria e ampliada pela verdade, agora cientificamente indiscutível, de que a matéria é, de fato, energia concentrada. A mente humana pode e deve liberar em seu interior energias maiores do que as ocultas em pedras e metais, a fim de que o gigante atômico, recentemente liberto de suas algemas, não se volte contra o mundo em ínsaria destruição. Benefício indireto pode surgir da preocupação da humanidade com as bombas atômicas: um crescente interesse prático pela ciência da ioga[189], em verdade, "um abrigo à prova de bombas".

---

[187] O dr. Jung assistiu ao Congresso Hindu de Ciências, em 1937, e recebeu um grau honorífico da Universidade de Calcutá.

[188] O dr. Jung refere-se aqui a Haffia Yoga, um ramo especializado em posições corporais e técnicas para promover a saúde e a longevidade. Hatha é útil e produz resultados físicos espetaculares, mas este ramo de ioga é pouco utilizado pelos iogues que buscam a libertação espiritual.

[189] Muitas pessoas mal informadas usam o termo ioga ou no sentido de Hatha Yoga, ou de "magia", ritos obscuros e misteriosos para alcançar poderes espetaculares. Quando os eruditos, porém, falam de ioga, referem-se ao sistema exposto nos Yoga Sútras (também conhecidos como Aforismos ou Raia (régia) Yoga de Patânjali). Este tratado abrange conceitos filosóficos de tal grandeza que inspirou comentários a alguns dos maiores pensadores da India, inclusive o iluminado mestre Sadúsivendra. Como os outros cinco sistemas filosóficos ortodoxos (baseados nos Vedas), os Yoga Sútras consideram que a "magia"da pureza moral (os dez mandamentos de yâma e niyâtna) é a preliminar indispensável à investigação filosófica idônea. Esta exigência pessoal, sobre a qual não se insiste no Ocidente, tem conferido duradoura vitalidade às seis disciplinas hindus. A ordem cósmica (ritá) que sustenta o universo não é diferente da ordem moral que governa o destino do homem. Quem não se dispõe a observar os preceitos éticos universais não está seriamente decidido a investigar a verdade. A secção III dos Yoga Sútras menciona vários poderes iogues miraculosos (vibbúfis e sídMis). 0 verdadeiro conhecimento é sempre poder. A via da ioga divide-se em quatro etapas, cada uma com sua expressão de vMúti. Alcançando certo poder, o iogue sabe que passou com êxito os testes de uma das quatro etapas. A aparição de poderes característicos evidencia a estrutura científica do sistema iogue, no qual se eliminam ilusões e fantasias do praticante sobre seus próprios "progressos espirituais": exige-se a prova! Patâniali previne o devoto de que a unidade com o Espírito deve ser o único objetivo, e não a posse de vibhútis - meras flores incidentais ao longo da via sagrada. Procure-se o Eterno Doador e não Seus dons fenomênicos! Deus não se revela a quem, ao procurá-lo, se satisfaz com objetivos menores. 0 iogue que se empenha, cuida por isso de não exercitar seus poderes fenomênicos, para que não originem falso orgulho nem o distraiam de penetrar no estado último de Kaiválya.
Quando o iogue atingiu seu Objetivo Infinito, faz uso de víbbiátis ou não, à vontade. Todas as ações, miraculosas e comuns, efetuam-se, então, sem motivar novos laços cármicos. A limalha de ferro do carma é atraída apenas onde um imã de ego pessoal ainda existe.

Capítulo 25 - Meu irmão Ananta e minha irmã Nalini

Ananta não pode viver; as areias de seu carma nesta vida deslizaram todas, ampulheta abaixo.

Estas palavras inexoráveis alcançaram minha consciência interiorizada, certa manhã, enquanto eu, sentado, entregava-me à profunda meditação. Pouco depois de ingressar na Ordem dos Swâmis, fiz uma visita a Gorakpur, cidade onde nasci, sendo hóspede de meu irmão mais velho, Ananta. Uma doença repentina obrigou-o a permanecer de cama; eu cuidava dele com todo amor.

O solene pronunciamento interno encheu-me de tristeza aflita. Senti que não podia suportar uma permanência mais longa em Gorakpur, apenas para ver meu irmão removido diante de meu olhar inútil. Em meio a críticas incompreensivas de meus parentes, deixei a índia no primeiro navio onde achei lugar. Fiz um cruzeiro, ao longo de Burma e do Mar da China, até o Japão. Desembarquei em Kobe, onde passei apenas alguns dias. Meu coração estava excessivamente acabrunhado para visitar lugares de interesse turístico.

Em minha viagem de regresso à índia, o navio tocou em Changai. Ali, o dr. Misra, médico de bordo, guiou-me a diversas lojas de objetos típicos, onde escolhi presentes para Sri Yuktéswar, minha família e amigos. Para Ananta, comprei uma peça grande de bambu entalhado. Quando o vendedor chinês me entregava a lembrança de bambu, minhas mãos a deixaram cair ao solo; exclamei: - Adquiri isto para meu querido irmão que está morto!

Apoderou-se de mim uma clara intuição de que a alma de Ananta se desprendia, naquele exato momento, e penetrava no Infinito. O presente adquirido, lancinante e simbolicamente, rachou-se na queda; entre soluços, escrevi na superfície do bambu: “Para meu amado Ananta, agora que se foi”.

Meu companheiro, o médico, estivera me observando com um sorriso sardônico:

- Economize suas lágrimas - comentou ele. - Por que derramá-las antes de ter certeza de que ele está morto?

Quando nosso navio chegou a Calcutá, o dr, Misra novamente me acompanhou. Meu irmão mais novo, Bishnu, esperava-me nas docas para os cumprimentos,

- Sei que Ananta partiu deste mundo - disse eu a Bishnu, antes que ele tivesse tempo de falar. - Diga, por favor, ao doutor aqui presente e a mim, em que dia Ananta morreu.

Bishnu citou a data; correspondia exatamente àquela em que comprei os presentes em Changai.

- Cuidado! - exclamou o dr. Misra. - Que isto não se divulgue! Os professores acrescentarão um ano de estudo de telepatia ao curso de medicina que já é bastante longo!

Papai abraçou-me calidamente quando entrei em nosso lar de Gurpar Road. - Você chegou - disse ele com ternura. Duas grandes lágrimas deslizaram de seus olhos. Não sendo, em geral, demonstratívo, ele nunca antes revelara, por mim, estes sinais de afeição. Por fora, era um pai austero, e internamente possuía um coração comovido de mãe. Em todas as relações familiares, ele representava esse duplo papel de pai e mãe.

Logo após o falecimento de Ananta, minha irmã mais nova, Nalini, regressou do limiar da morte graças a uma cura divina. Antes de relatar a história, farei referências a algumas fases de nossa vida anterior.

As relações entre eu e Nalini, na infância, não foram das mais cordiais. Eu era muito magro; ela, ainda mais. Por um motivo inconsciente, que os psicólogos não acharão dificuldade em identificar, eu, amiúde, arreliava minha irmã, quanto à sua aparência. Suas respostas mordazes vinham igualmente imbuídas da dura franqueza da extrema juventude. Às vezes, Mamãe intervinha, terminando provisoriamente nossas discussões infantis com um delicado tapa em meu ouvido (por ser o mais velho).

Após o término de seus estudos, Nalini foi prometida em noivado ao dr. Pancharion Bose, jovem e amável médico de Calcutá. No devido tempo, e com todo esmero, celebraram-se os ritos matrimoniais. Na noite de núpcias, reuni-me ao grande e jovial grupo de parentes, na sala de visitas de nossa casa em Calcutá. O noivo recostava-se numa enorme almofada revestida de brocado de ouro, com Nalini a seu lado. Um suntuoso sarí[190] de seda, cor de púrpura, não podia, infelizmente, esconder por completo suas formas angulosas. Abriguei-me por trás da almofada de meu novo cunhado e lhe fiz uma careta amigável. Ele nunca vira Nalini até o dia da cerimônia nupcial, quando veio a saber~o que ganhara na loteria do casamento.

Sentindo minha simpatia por ele, o dr. Bose apontou discretamente para Nalini e murmurou ao meu ouvido: - Diga-me, o que é isso?

- Pois, doutor - respondi - é um esqueleto para seu estudo!

Com a passagem dos anos, o dr. Bose tornou-se muito querido em nossa família, sendo consultado sempre que uma doença ocorria. Ele e eu nos tornamos amigos íntimos, gracejando juntos com freqüência, e habitualmente tendo Nalini como alvo e vítima.

- Ela é uma curiosidade médica - disse-me, um dia, meu cunhado. - Tentei tudo contra a magreza de sua irmã: óleo de fígado de bacalhau, manteiga, malte, mel, peixe, carne, ovos, tônicos. E todavia ela não engorda nem um miligrama.

Alguns dias mais tarde, passei por sua casa. Minha missão ali durou apenas alguns minutos; despedi-me, pensando que Nalini não percebera minha presença. Ao chegar à porta da rua, ouvi sua voz, cordial mas imperiosa.

- Irmão, venha cá. Desta vez, não vai me dar o fora. Quero falar com você.

Subi as escadas até seu quarto. Para minha surpresa, ela estava em lágrimas.

- Querido irmão - disse ela - vamos fazer as pazes, Vejo que seus pés trilham agora firmemente o caminho espiritual. Quero me parecer com você, em todos os aspectos. - E acrescentou, esperançosa: - Agora sua aparência é robusta; você me ajudará? Meu marido não se aproxima de mim e eu o amo com imenso carinho. Mas meu maior desejo é progredir na percepção de Deus, mesmo que eu deva permanecer magra[191] e sem atrativos.

Meu coração se comoveu profundamente com sua súplica. Nossa nova amizade progrediu com firmeza; um dia, ela me pediu que a admitísse como discípula.

- Treine-me como você quiser. Ponho minha confiança em Deus e não em remédios. - Reuniu uma braçada de tônicos e despejou-os por uma calha, fora de sua janela.

Como prova de sua fé, pedi-lhe que omitisse de sua dieta, inteiramente, peixe, carne e ovos.

Durante vários meses, Nalini seguiu rigorosamente as diversas regras que lhe tracei e aderiu ao regime vegetariano, a despeito de numerosas dificuldades, Fiz-lhe, então, uma visita.

- Irmã, você tem observado conscienciosamente as instruções espirituais; sua recompensa está próxima. - Sorri, com ar de travessura.

Que tipo de gorda você quer ser? Como nossa tia que, há muitos anos, não enxerga os próprios pés?

- Não! Mas desejo ardentemente ser tão robusta como você.

Respondi solenemente: - Pela graça de Deus, como eu sempre falei a verdade, o que agora digo é verdadeiro[192]. Através das bênçãos divinas, seu corpo mudará de hoje em diante; dentro de um mês, você terá o mesmo peso que eu.

---

190 Vestido das mulheres indianas: um corte inteiriço de fazenda graciosamente disposto em pregas sobre o corpo.

191 Considera-se desejável certa gordura, visto que a maioria das pessoas na índia é magra.

192 Declaram as Escrituras hindus: “Aqueles que habitualmente falam a verdade, desenvolvem o poder de materializar suas palavras. 0 que eles ordenam com todo o coração vem a realizar-se”. (Yoga Sútra, 11-36)
Porque os mundos estão construidos sobre o alicerce da verdade, todas as Escrituras a enaltecern como uma virtude através da qual qualquer homem pode sintonizar sua vida com o Infinito. Mahátma Gandhi freqüentemente dizia: “A Verdade é Deus”; seus esforços, durante toda a sua vida, tiveram por objetivo a verdade em pensamentos, palavras e atos. Ao longo dos séculos, o ideal de sátyá (verdade) tem impregnado a sociedade hindu. Marco Polo conta-nos que os brâmanes “não pronunciariam uma mentira por nada deste mundo”. Um juiz inglês na índia, William Sleeman, afirma em sua jornada através de Oudh em 1849-50: “Tive diante de mim centenas de casos em que a propriedade de um homem, sua liberdade e sua vida dependiam de uma mentira que ele dissesse; e ele recusou-se a dizê-la”.

Cumpriram-se estas palavras, brotadas do fundo de meu coração. Em trinta dias, o peso de Nalini igualou o meu. A nova gordura lhe deu beleza; seu marido apaixonou-se profundamente por ela. O casamento, iniciado de modo tão desfavorável, tornou-se idealmente feliz.

Ao regressar do Japão, eu soube que, durante minha ausência, Nalini fora atacada pela febre tífóide. Precipitei-me para sua casa, e fiquei consternado ao encontrá-la extremamente emagrecida. Ela entrara em coma.

Meu cunhado contou-me: - Antes que a doença lhe provocasse confusão mental, ela costumava dizer: “Se meu irmão Mukunda estivesse aqui, eu não estaria sofrendo assim”. - Ele acrescentou em lágrimas: - Os outros médicos e eu não divisamos um raio de esperança. Após a longa contenda de Nalini com a tifóide, declarou-se agora a disenteria, com perda de sangue.

Tentei mover céus e terras com minhas preces. Contratei uma enfermeira anglo-hindu, que me dava integral cooperação, e apliquei em minha irmã diversos métodos de cura jogue. A disenteria e as perdas de sangue desapareceram.

- É porque ela simplesmente não tem mais sangue a perder - o dr. Bose abanou a cabeça, com tristeza.

- Ela se curará - repliquei, resoluto. - Dentro de sete dias a febre tifóide desaparecerá.

Uma semana mais tarde, emocionei-me ao ver Nalini abrir os olhos e me contemplar com amoroso reconhecimento, A partir daquele dia, sua convalescença foi rápida. Apesar de haver recuperado seu peso anterior, ela arrastava uma triste seqüela de sua enfermidade quase fatal: suas pernas ficaram paralíticas. Especialistas indianos e ingleses declararam-na uma aleijada sem esperanças.

A luta sem tréguas em que eu sacudira aquela irmã para chamá-la à vida, pela oração, me esgotara. Fui a Serampore a fim de pedir o auxílio de Sri Yuktéswar. Seus olhos expressaram profunda simpatia ao contar-lhe as dolorosas condições em que se via o casamento de Nalini.

- As pernas de sua irmã voltarão ao normal no fim de um mês.

Ele acrescentou: - Ela deve usar, junto à pele, uma faixa com uma pérola não-perfurada, de dois quilates, segura no lugar por um alfinete de fecho.

Prostrei-me a seus pés, com jubiloso alívio. - O senhor é um mestre; basta-me a sua palavra de que ela se curará. Mas já que insiste, adquirirei a pérola para minha irmã, imediatamente.

Meu guru assentiu com a cabeça: - Sim, compre-a. - E ele prosseguiu descrevendo corretamente as características físicas e mentais de Nalini, a quem nunca vira.

- Mestre - perguntei – trata-se de uma análise astrológica? O senhor desconhece em que dia e hora ela nasceu.

Sri Yuktéswar sorriu. - Existe uma astrologia mais profunda que não depende do testemunho de calendários e relógios. Cada homem é uma parcela do Criador, ou um Homem Cósmico; possui um corpo celeste, bem como um terrestre. O olho humano vê a forma física, mas o olho interno penetra mais profundamente, até o modelo universal do qual cada homem é uma parte individual e íntegra.

Voltei a Calcutá e comprei uma pérola[193] para Nalini. Um mês depois, suas pernas paralíticas estavam completamente curadas.

Minha irmã me suplicou que transmitisse seus agradecimentos, do mais profundo de seu coração, a meu guru. Ele ouviu a mensagem, em silêncio. Mas quando eu ia partir, fez um comentário prenhe:

- Os médicos disseram à sua irmã que ela nunca poderá ter filhos. Assegure-lhe que, dentro de poucos anos, ela dará nascimento a duas meninas.

---

193 Pérolas e outras jóias, bem como plantas e metais, aplicados diretamente à pele, exercem uma influência eletromagnética sobre as células físicas. O corpo do homem contém carbono e vários elementos metálicos que também se acham presentes em plantas, metais e jóias. As descobertas dos ríshis nestes campos receberão indubitavelmente, algum dia, a confirmação dos fisiologistas. O corpo sensitivo do homem, com suas correntes vitais elétricas, é centro de numerosos mistérios ainda inexplorados. Embora as jóias e braceletes metálicos possuam valor terapêutico para o corpo, Sri Yuktéswar tinha outra razão para recomendá-los. Os Mestres nunca desejam aparecer como grandes taumaturgos: somente Deus cura. Os santos, por isso, costumam encobrir com vários disfarces os poderes que humildemente receberam do Senhor. 0 homem costuma colocar sua confiança em coisas tangíveis; quando as pessoas procuravam meu guru para serem curadas, ele as aconselhava a usar um bracelete ou uma jóia, a fim de suscitar a fé dos doentes e também para desviar de si mesmo a atenção. Esses braceletes e jóias possuíam, além de suas potências curativas, eletromagnéticas e intrínsecas, a bênção espiritual, oculta, do Mestre.

Alguns anos mais tarde, para alegria de Nalini, ela deu à luz uma filha; e poucos anos depois, outra menina.

Capítulo 26 - A Ciência de Kriya Yoga

A ciência de Kriya Yoga, mencionada tantas vezes nestas páginas, tornou-se amplamente conhecida na índia moderna, por intermédio de Láhiri MaLásaya, guru de meu guru. A raiz sânscrita de Kriya é kri, fazer, agir, reagir; a mesma raiz se encontra na palavra karma, o princípio natural de causa e efeito. Assim, Kriya Yoga é "união (yoga) com o Infinito por meio de certa ação ou rito (Kriya)". Um iogue, praticando com toda fidelidade esta técnica, liberta-se gradualmente do carma ou do justo encadeamento em que se equilibram as causas e os efeitos.

Em virtude de antigas proibições iogues, não me é possível dar uma explicação completa de Kriya Yoga em livro destinado ao público em geral. A verdadeira técnica deve ser aprendida de um Kriyában (Kriya Yogi), autorizado por Self-Realizafion Fellowship - Yogôda Sat-Sanga Society. Aqui me limitarei a certas referências.

Kriya Yoga é um método simples, psicofisiológico, pelo qual o sangue humano se descarboniza e volta a oxigenar-se. Os átomos deste extra-oxigênio transmutam-se em corrente vital para rejuvenescer o cérebro e os centros da espinha. Sustando a acumulação de sangue venoso, o iogue pode diminuir ou evitar a degeneração dos tecidos. O iogue adiantado transmuta suas células em energia. Elias, Jesus, Kabir e outros profetas foram, no passado, mestres no uso de Kriya ou de uma técnica similar, pela qual eles materializavam ou desmaterializavam seus corpos à vontade.

Kriya é uma ciência antiquíssima. Láhiri Mahásaya recebeu-a de seu grande guru, Bábají, que redescobriu e purificou esta técnica depois da Idade Média, época em que esteve perdida. Bábají batizou-a de novo, simplesmente, de Kriya Yoga.

- A Kriya Yoga que estou oferecendo ao mundo, por seu intermédio, neste século 19 - disse Bábají a Láhiri Mahásaya - é um renascimento da mesma ciência que Krisbria deu a Árjuna, há milênios; e a que foi posteriormente conhecida por Patânjali e Cristo, e por São João, São Paulo e outros discípulos.

Duas vezes, o Senhor Krishna, o maior profeta da índia, refere-se a Kriya Yoga no Bhágavad Gíta. Um dos versículos diz: "Oferecendo o alento que inala naquele que exala e oferecendo o alento que exala naquele que inala, o iogue neutraliza inalação e exalação; assim ele libera prana, do coração, e coloca a força vital sob seu controle"[194], A interpretação é a seguinte: "O iogue impede o envelhecimento do corpo, assegurando-se um suprimento adicional de prana (força vital) ao aquietar a ação dos Pulmões e do coração; ele também detém as mutações do crescimento físico, pelo controle de apana (corrente eliminadora). Deste modo, neutralizando o crescimento e a degenerescência, o iogue aprende a controlar a força vital".

Eis outro versículo do Gíta: "Ao buscar a Meta Suprema, o perito em meditação (múni) torna-se eternamente livre quando é capaz de abstrair-se dos fenômenos externos, fixando o olhar entre as sobrancelhas e neutralizando as correntes de prana e apana (que fluem) dentro das narinas e pulmões; quando é capaz, ainda, de controlar sua mente sensoríal e seu intelecto; e de banir o desejo, o medo e a cólera"[195].

Krishna também relata[196] que foi ele, numa encarnação anterior, quem transmitiu a ioga indestrutível a um antigo iluminado, Vivasvat, o qual a deu a Manu, o grande legislador[197]. Este, por sua vez, instruiu Ikshwaku, fundador da dinastia solar da India, a dos reis-guerreiros. Assim, passando de um a outro, a ioga dos reis foi guardada pelos ríshis até o advento da era materialista[198]. Depois, devido ao segredo sacerdotal e à indiferença dos homens, a sagrada tradição tornouse gradualmente inacessível.

194 Bhágavad-Gíta IV-29.
195 Bhágavad Gíta, V: 27-28. Ver capítulo 49 para outras explicações sobre a ciência da respiração,
196 Bhágavad Gíta, IV:1-2.
197 Anterior ao período histérico, autor do Manava Dhárma Shastras ou Leis de Manu. Estas instituições da lei comum canonizada vigoram na índia até hoje.
198 0 início da era materialista, segundo cálculos das Escrituras hindus, foi em 3012 antes de Cristo. Esse ano assinalou o começo da última Dwapára Yúga descendente, do Ciclo Equinocial, e também o princípio da Káli Yúga do Ciclo Universal. Muitos antrop61ogos, acreditando que, há 10000 anos atrás, a humanidade vivia na barbárie da Idade da Pedra, rejeitam, de modo sumário, como sendo "mitos", as tradições amplamente difundidas das antiquíssimas civilizações da Leinúria, Atlântida, índia, China, Japão, Egito, México e muitas outras terras.

Kriya Yoga é duas vezes mencionada pelo antigo sábio Patânjali, o mais notável expoente de ioga, o qual escreveu: "Kriya Yoga consíste em disciplina física, controle mental e meditação em Aum"[199]. Patânjali refere-se a Deus como o verdadeiro Som Cósmico ou Aurn, ouvido em meditação[200]. Aum é o Verbo Criador, o zumbido do Motor Cósmico, a testemunha[201] da Presença Divina. Até mesmo o principiante em ioga pode ouvir em seu interior o maravilhoso som de Aum. Recebendo este beatífico encorajamento espiritual, torna-se convicto de estar em comunhão com os reinos sobrenaturais.

Patânjali assim se refere pela segunda vez à técnica de Kriya Yoga ou controle da força vital: "A liberação pode ser atingida por aquele pranayama que se efetua dissociando o curso da inspiração e da expiração"[202].

São Paulo conheceu Kriya Yoga ou uma técnica semelhante, pela qual podia ligar e desligar dos sentidos as correntes vitais. Por isso, ele pôde dizer: "Declaro, por nosso regozijo em Cristo, que eu morro diariamente"[203]. Empregando um método de centralizar internamente toda a força vital do corpo (via de regra, dirigida apenas para fora, para o mundo sensorial, emprestando-lhe assim aparente validade), São Paulo experimentava todos os dias a verdadeira união iogue, o "regozijo"(beatitude) da Consciência Crística. Nesse venturoso estado, tinha consciência de estar "morto" para as ilusões sensoriais, livre do mundo de máya.

Nos estados iniciais de comunhão com Deus (sabikâpa samádhi), a consciência do devoto imerge no Espírito Cósmico; sua força vital se retira do corpo, que então parece "morto", ou imóvel e rígido. O iogue possui plena consciência de seu estado físico de animação suspensa. Todavia, à medida que progride para estados espirituais superiores (nirbikâlpa samâdhi), comunga com Deus sem a imobilidade física; e o faz, em sua consciência normal de vigília, até em meio a exigentes deveres mundanos[204].

- Kriya Yoga é um instrumento que pode acelerar a evolução humana - explica Sri Yuktéswar a seus estudantes. - Os antigos iogues descobriram que o segredo da consciência cósmica se liga intimamente ao domínio da respiração. Esta é a contribuição sem par, e imortal, da índia, ao tesouro de conhecimento do mundo. A força vital, que comumente se emprega para manter a pulsação cardíaca, deve tornar-se livre para atividades superiores por meio de um método que acalme e deteriba as demandas incessantes da respiração.

O Kriya Yogi dirige mentalmente sua energia vital para cima e para baixo, a fim de fazê-la girar em torno dos seis centros espinhais (plexos medular, cervical, dorsal, lombar, sacro e coccígeo), correspondentes aos doze signos astrais do Zodíaco, o Homem Cósmico simbólico. Meio minuto de revolução da energia ao redor do sensitivo cordão da espinha, efetua progressos sutis na evolução do homem; esse meio minuto de Kriya eqüivale a um ano de desenvolvimento comum.

O sistema astral de um ser humano, com seis constelações internas (doze, por polaridade) girando em torno do sol do olho espiritual onisciente, relaciona-se com o sol físico e com os doze signos do Zodíaco. Todos os homens são assim afetados por um universo interno e outro externo. Os antigos ríshis descobriram que o ambiente terreno e celeste do homem, numa série de ciclos de doze anos, o impele para a frente em sua senda natural. As Escrituras asseveram que o homem requer um milhão de anos de evolução normal, sem doenças, para aperfeiçoar o seu cérebro e atingir consciência cósmica.

Mil Kriyas, praticadas em oito horas e meia, dão ao iogue, em um dia, o equivalente a mil anos de evolução natural: 365.000 anos de evolução em um ano. Em três anos, o Kriya Yogi pode assim alcançar, por meio de um esforço inteligente, o mesmo resultado que a Natureza apresenta em um milhão de anos. Sem dúvida, o caminho mais curto de Kriya só pode ser trilhado por iogues profundamente desenvolvidos. Com a orientação de um guru, tais iogues preparam cuidadosamente seu corpo e cérebro para resistir ao poder gerado pela prática intensiva.

---

199 Yoga Sútras, 11:1. Ao usar as palavras Kriya Yoga, Patânjali refería-se ou a uma técnica posteriormente ensinada por Bábají ou a outra muito semelhante. Que Patânjali mencionava uma técnica definida de domínio da força vital, prova-o o aforismo dos Yoga Sútras 11:49 (citado mais adiante, no parágrafo seguinte).

200 Yoga Sútras, 1:27.

201 "Estas coisas diz o Amén, a testemunha fiel e verdadeira, o começo da criação de Deus". (Apocalipse, 3:14) "No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas por Ele (o Verbo ou Aum); e sem Ele nada foi feito" (João, 1:1-3). Aum dos Vedas veio a ser a palavra sagrada Hum dos tibetanos, Amin dos muçulmanos e Amén dos egípcios, gregos, romanos, judeus e cristãos. Em bebraico, seu significado é "seguro, fiel".

202 Yoga Sútras, 11:49.

203 Coríntios, 15:31. "Nosso regozijo" é a tradução correta; não, como geralmente se traduz, "vosso regozijo". São Paulo se referia à universalidade da Consciência Crística.

204 A palavra sânscrita bikâlpa significa "diferença, não-identidade". Sabikâlpa é o estado de samádhi " com diferença", nirbikálpa é o estado "sem diferença". Isto é, em sabikâlpa samádhi o devoto ainda retém ligeira sensação de estar separado de Deus; em nibikâlpa samádhi tem experiência integral de sua identidade como Espírito.

O principiante em Kriya efetua estes exercícios iogues apenas de catorze a vinte e quatro vezes, em duas ocasiões por dia. Alguns iogues obtêm a emancipação em seis, doze, vinte e quatro, ou quarenta e oito anos. Um iogue, que morre antes de atingir a realização completa, leva consigo o bom carma de seu esforço anterior de Kriya; em sua vida seguinte é naturalmente impelido à Meta do Infinito.

O corpo do homem assemelha-se a uma lâmpada de cinqüenta watits, que não pode suportar o bilhão de watits de energia, gerados por uma prática excessiva de Kriya. Através do aumento gradual dos exercícios simples e perfeitamente seguros de Kriya, o corpo humano transforma-se astralmente, dia a dia, e por fim se capacita a expressar aquelas potencialidades infinitas de energia cósmica que constituem a primeira expressão materialmente ativa do Espírito.

Kriya Yoga nada tem de comum com exercícios respiratórios anticientíficos ensinados por certos fanáticos extraviados. Tentativas de reter a respiração nos pulmões, até o exagero, são artificiais e decididamente desagradáveis, A prática de Kriya, ao contrário, é acompanhada, desde o início, por sentimentos de paz e sensações suavizantes, de efeito regenerador na espinha.

Esta antiga técnica iogue converte a respiração em substância mental. O adiantamento espiritual permite ao devoto conhecer a respiração como um conceito, um ato da mente: ela é, pois, uma respiração de sonho.

Muitos exemplos poderiam ser dados da relação matemática entre a freqüência respiratória do homem e seus vários estados de consciência. Quem se absorve em estado de atenção completa, seja ao acompanhar um intrincado argumento intelectual, seja ao tentar a execução de alguma proeza física delicada ou difícil, automaticamente respira muito devagar. Fixidez de atenção depende de respiração lenta; respiração rápida ou irregular acompanha inevitavelmente estados emotivos prejudiciais: medo, luxúria, raiva. O inquieto macaco respira em média 32 vezes por minuto, em contraste com a média humana de 18 vezes. O elefante, a tartaruga, a serpente e outros animais notáveis por sua longevidade tem freqüência respiratória inferior à do homem. A tartaruga gigante, por exemplo, que pode atingir a idade de 300 anos, respira somente 4 vezes por minuto.

Os efeitos regeneradores do sono devem-se à perda temporária, no homem, da consciência de seu corpo e de sua respiração. Quem dorme torna-se um iogue; todas as noites executa inconscientemente o rito iogue de libertar-se da identificação com o corpo e de fundir sua força vital às correntes curativas no encéfalo e nos seis subdíriamos de seus centros espinhais. Sem o saber, o homem recebe, ao dormir, novo suprimento de energia cósmica, sustentáculo de toda a vida.

Fazendo uso de sua vontade, o iogue executa um processo simples e natural, conscientemente - não com a inconsciência de quem dorme - mas com a mesma lentidão. O Kriya Yogi usa a técnica para saturar e nutrir todas as suas células físicas com luz imperecível e desse modo conservá-las espiritualmente magnetizadas. Torna a respiração cientificamente supérflua, sem cair, durante suas horas de prática, nos estados negativos de sono, inconsciência ou morte.

Nos homens sujeitos à lei natural ou ináya, a força vital fluí em direção ao mundo exterior; as correntes são desperdiçadas e usadas de modo abusivo nos sentidos. A prática de Kriya inverte o fluxo; a força vital é mentalmente guiada para o cosmos interior e volta a se unir às energias sutis da espinha. Por meio de tal reforço da energia de vida, o corpo do iogue e suas células cerebrais são renovadas por um elixir espiritual.

Com alimentação apropriada, luz solar e pensamento harmoniosos, homens que se deixam guiar apenas pela Natureza e seu divino plano, alcançarão a experiência de Deus em um milhão de anos. Necessitam-se doze anos de vida normal saudável para que se efetue o mais leve refinamento na estrutura do cérebro; um milhão de anos solares são precisos até purificar o alojamento cerebral o suficiente para que manifeste a consciência cósmica. Um Kriya Yogi, entretanto, pelo exercício desta ciência espiritual, livra-se da necessidade de um longo período de cuidadosa observância das leis naturais.

Desatando a corda da respiração que liga a alma ao corpo, Kriya serve para prolongar a vida e alargar a consciência ao infinito. A técnica iogue supera a indecisa batalha entre a mente e os sentidos emaranhados na matéria, e liberta o devoto para que herde outra vez seu reino eterno. Ele sabe, então, que seu ser real não está limitado, nem pelo invólucro físico nem pela respiração - símbolo da escravidão mortal do homem ao ar, às compulsões elementares da Natureza.

Mestre de seu corpo e de sua mente, o Kriya Yogí atinge, enfim, a vitória sobre o "último inimigo"[205], a Morte.

Assim te alimentarás da Morte que se alimenta dos homens; e morta a Morte, então, não haverá mais morrer[206].

A introspeção ou "sentar em silêncio" é um processo anticientífico de tentar, à força, separar a mente e os sentidos, estes atados àquela pela energia vital. A mente contemplativa, em sua tentativa de retorno à divindade, é constantemente arrastada de volta, em direção aos sentidos, pelas correntes de vida. Kriya, controlando a mente de modo direto, através da força vital, é a via preferencial mais fácil, mais eficiente e mais científica de acesso ao Infinito. Em contraste com o lento e incerto carro de bois que é a via teológica para Deus, Kriya Yoga pode, com justiça, intitular-se "a rota do avião".

A ciência iogue fundamenta-se no exame empírico de todos os tipos de exercícios de concentração e de meditação. A loga habilita o devoto a desligar, e a voltar a ligar, voluntariamente, a corrente vital aos cinco telefones sensoriais: visão, audição, olfato, paladar e tato. Alcançando este poder de desligar os sentidos, é simples para o iogue unir sua mente com os reinos divinos ou com o mundo da matéria, à vontade. Não mais é trazido pela força vital, contra sua vontade, à esfera mundana de sensações desordenadas e de inquietos pensamentos.

A vida de um Kriya Yogi adiantado depende, não de efeitos de ações anteriores, mas apenas das diretrizes de sua alma. O devoto evita assim os monitores lentos e evolutivos das ações egoístas, boas ou más, da vida comum - lerdos e enfadonhos como lesmas para os corações de águia.

Pelo método superior de viver em sua alma, o iogue se alforria; emergindo da prisão do ego, ele respira o ar profundo da onipresença. A escravatura da vida natural, ao contrário, move-se a passo de humilhação. Se o homem conforma sua própria vida à mera ordem evolutiva, não pode exigir da Natureza uma pressa privilegiada. Embora vivendo sem cometer atentados contra as leis que lhe governam o corpo e a mente, ainda necessite as máscaras de um milhão de anos de encarnações para atingir a emancipação final.

Os métodos telescópicos do iogue, desembaraçando-o de identificações físicas e mentais, a favor da individualidade da alma, recomendam-se, pois, àqueles que se revoltam ante a perspectiva de um milhão de anos. Esta periferia numérica alarga-se para o homem comum, que não vive em harmonia com a natureza e muito menos com a própria alma - ao contrário, se atém a complicações artificiais e ultraja em seu corpo e em seu pensamento a sensatez da Natureza. Duas vezes um milhão de anos dificilmente bastarão para libertá-lo.

O homem vulgar raramente ou nunca compreende que seu corpo é um reino governado, desde o trono do crânio, pela Imperatriz Alma, com regentes subsidiários nos seis centros espinhais ou esferas de consciência. Esta teocracia dirige uma multidão de súditos obedientes -vinte e sete trilhões de células (dotadas de inteligência segura, apesar de aparentemente automática, que as habilita a executar todas as funções corporais, de crescimento, transformação e decomposição) e cinqüenta milhões de pensamentos e emoções essenciais, além de suas variantes, próprias de fases alternativas na consciência do homem, durante uma vida de sessenta anos, em média,

Qualquer insurreição manifesta do corpo humano ou da mente contra a Imperatriz Alma, traduzida como doença ou irracionalidade, não se deve a deslealdade alguma dos humildes súditos, mas brota do abuso, presente ou passado, que o homem fez de sua individualidade ou livre arbítrio - a ele conferido simultaneamente com uma alma, e nunca revogável.

---

205 "0 último inimigo a ser destruído é a morte" (I Coríntios, 15:26). Pela incorruptibilidade de seu corpo após a morte. Paramahansa Yogananda prova ser um Kriya Yogi que se fez perfeito. Nem todos os grandes mestres, porém, manifestam a inalterabilidade física pós morte (ver capítulo 33) Milagres desta espécie ocorrem, dizem-nos as Escrituras hindus, apenas com um propósito especial. No caso de Paramahânsají, o "propósito especial" foi, sem dúvida, convencer o Ocidente do valor da ioga. Bábají e Sri Yuktéswar ordenaram a Yoganândají que servisse o Ocidente; Paramahânsají cumpriu essa missão de confianÇa, tanto em sua vida como em sua morte. (Nota de SRF, editora norte-americana).

206 Shakespeare, Soneto 146.

Identificando-se com um ego superficial, acredita o homem que é ele quem pensa, quer, sente, digere alimentos e conserva-se vivo; jamais admite pela reflexão (apenas um pouco bastaria) que, em sua vida ordinária, ele não passa de um boneco de ações passadas (karma) e da Natureza ou ambiente. Reações intelectuais, sentimentos, disposições e hábitos de cada homem são meros efeitos de causas pretéritas, sejam desta vida ou de outras anteriores. Sublime, acima destas influências, paira sua alma régia. Rejeitando verdades e liberdades transitórias, o Kriya Yogi ultrapassa velozmente toda ilusão e penetra em seu Livre Ser. As Escrituras do mundo inteiro declaram que o homem não é um corpo corruptível, mas uma alma vivente; em Kriya Yoga ele encontra o método para comprovar a afirmação bíblica.

"O ritual exterior não pode destruir a ignorância porque não se contradizem mutuamente", escreveu Shânkara em sua famosa Centúria de Versos. "Apenas o conhecimento experimental destrói a ignorância ... O conhecimento só pode surgir por meio da investigação. - Quem sou eu? Como nasceu este universo? Quem o fez? Qual é sua causa material? - Este tipo de investigação a que me refiro". - O intelecto não tem qualquer resposta para estas perguntas; daí que os ríshis tenham desenvolvido a ioga como técnica de pesquisa espiritual.

O verdadeiro iogue, impedindo seus pensamentos, sua vontade e seus sentimentos de se identificarem falsamente com os desejos do corpo, e unindo sua mente a forças subconscientes nos santuários da espinha, vive no mundo conforme os desígnios de Deus; ele nem é impelido por impulsos do passado, nem por recentes motivações de insensatez humana. Ao alcançar a satisfação de Seu Supremo Desejo, atraca, fora de perigo, no porto final do inesgotável Espírito beatífico.

Referindo-se à eficiência metódica e segura da ioga, Krishna louva o iogue tecnológico com as seguintes palavras: "O iogue é maior que os ascetas disciplinadores do físico, ainda maior que os adeptos da senda da sabedoria (jnâna Yoga) ou da senda da ação (Karma Yoga); sê tu, 6 discípulo Ãrjuna, um iogue!"[207].

Kriya Yoga é o verdadeiro "rito do fogo", muitas vezes enaltecido no Gíta. O iogue arroja seus anseios humanos numa fogueira monoteísta consagrada ao Deus incomparável. Nesta autêntica cerimônia do fogo, todos os desejos passados e presentes são o combustível consumido pelo amor divino. A Flama Última recebe em holocausto a derradeira loucura humana e o homem se vê livre de escórias. Seus ossos metafóricos despojados de toda carne sensual, seu esqueleto cármico branqueado pelos sóis anti-sépticos da sabedoria, sem ofensas ao homem e ao Criador, ele se encontra - finalmente - limpo.

---

207 Bhágavad Gíta, V1:46
A ciência moderna está começando a descobrir os efeitos curativos e rejuvenecedores verdadeiramente extraordinários, sobre o corpo e sobre a mente, da ausência de respiração. O dr. Alvan L. Barach, da Faculdade de Medicina e Cirurgia de Nova York, deu início a uma terapia local de descanso dos pulmões, que está restaurando a saúde de muitos pacientes com tuberculose. O uso de uma câmara de pressão estabílizadora permite ao enfermo cessar o processo respiratório. O New York Times de 1 de fevereiro de 1947 reproduziu a seguinte citação do dr. Barach: "O efeito da cessação dos fenômenos respiratórios sobre o sistema nervoso é de considerável interesse. O impulso a movimentar os músculos voluntários nas extremidades do corpo diminui notavelmente. O paciente pode deitar na câmara durante horas, sem mover as mãos ou mudar de posição. O desejo de fumar desaparece quando a respiração voluntária cessa, até mesmo em doentes acostumados a fumar dois maços de cigarro por dia. Em muitos casos, a relaxação é de tal natureza que o paciente dispensa divertimentos". Em 1951, o dr. Barach confirmou publicamente o valor do tratamento, o qual, disse ele, "não apenas descansa os pulmões, mas também o corpo inteiro, e parece que até a mente. O coração, por exemplo, tem seu trabalho reduzido a um terço. Nossos pacientes param de se preocupar. Nenhum se sente abortecido".
A partir destes fatos, começa-se a compreender como é possível aos iogues sentarem-se imóveis por longos períodos, sem impulso mental ou físico para a atividade inquieta. Somente através dessa quietude a alma pode encontrar seu caminho de regresso a Deus. Embora os homens comuns devam permanecer em câmara de pressão estabilizadora para obter certos benefícios da ausência de respiração, o iogue de nada mais necessita, além da técnica de Kriya Yoga, para receber recompensas físicas e mentais, e para vir a ser cônscio de sua alma.

Capítulo 27 - Fundação de uma escola de Ioga em Ranchi

Por que você se opõe ao trabalho de organização? - A pergunta do Mestre me assustou um pouco. É verdade que minha convicção íntima naquela época era a de que as organizações são “casas de marimbondos “.

- É uma tarefa ingrata, senhor - respondi. - Não importa o que o chefe faça ou deixe de fazer, ele é criticado.

- Você quer reservar para si toda a divina **channá** (coalhada)?

A réplica de meu guru veio acompanhada de um olhar severo. -Poderia você, ou alguém, atingir a comunhão com Deus através da ioga, se uma linhagem de mestres de coração generoso não tivesse condescendido em transmitir seu conhecimento aos outros? - E acrescentou: - Deus é o Mel, as organizações são as colmeias; ambos são necessários. Qualquer forma é inútil, naturalmente, sem o espírito, mas por que você não dá início a colmeias operosas, repletas de néctar espiritual?

Seu conselho comoveu-me profundamente. Embora não lhe desse resposta, em meu peito nasceu uma resolução inflexível como o diamante: compartilharia com meus companheiros, tanto quanto me fosse possível, as verdades libertárias que aprendera aos pés de meu guru. “Senhor - rezei - possa Teu amor bilhar para sempre no santuário de minha devoção e possa eu despertar o amor a Ti em todos os corações”.

Em ocasião anterior, antes de meu ingresso na Ordem monástica, Sri Yuktéswar fizera uma observação inesperado

- Quanto você lamentará a falta de uma esposa em sua velhice! -- dissera ele. - Não concorda que o chefe de família, empenhado em trabalho útil para manter sua mulher e filhos, representa um papel digno de recompensa aos olhos de Deus?

- Senhor - protestei alarmado - sabe que só desejo nesta vido o Bem-amado Cósmico.

O Mestre se rira com tanta jovialidade que compreendi terem sido suas palavras pronunciadas simplesmente para me experimentar.

- Lembre-se - dissera ele devagar - quem rejeita os deveres mundanos só se pode justificar assumindo alguma responsabilidade por uma família muito mais vasta.

Educação adequada para a juventude era um ideal que eu sempre acalentara em meu coração. Via claramente os áridos resultados da instrução comum que visa apenas ao desenvolvimento do corpo e do intelecto. Os valores morais e espirituais, sem cujo apreço nenhum homem pode encontrar a felicidade, ainda estavam ausentes dos programas acadêmicos. Decidi fundar uma escola onde os meninos pudessem se desenvolver até sua plena estatura de homens. Nesse sentido, dei meu primeiro passo, tendo comigo sete crianças em Dihika, pequena localidade rural de Bengala.

Um ano depois, em 1918, graças à generosidade de Sir Manindra Chandra Nundy, marajá de Kasimbazar, pude transferir meu grupo, que crescia rapidamente em número, para Ranchi. Esta cidade em Biliar, a trezentos e vinte quilômetros de Calcutá, é abençoada por um dos mais saudáveis climas da índia. O palácio Kasimbazar em Ranchi veio a ser o edifício principal da nova escola, que denominei Yogôda Sat-Sanga Brahmachárya Vidyáláya[208].

Organizei os programas para os cursos primário e secundário. Incluíam matérias agrícolas, industriais, comerciais e clássicas. Adotando os ideais educativos dos ríshis (cujos ásbrams na floresta foram as antigas cátedras de cultura, tanto secular como religiosa, para a juventude da índia), providenciei para que a maior parte das aulas fosse dada ao ar livre.

Aos estudantes de Ranchi ensina-se, além da meditação iogue, um sistema sem paralelos para o desenvolvimento da saúde e do corpo, Yogôda, cujos princípios descobri em 1916.

---

208 Vídyaláya, escola. Brahmachárya refere-se aqui, a um dos quatro estágios do plano védico para a vida humana, que compreende: 1. o do estudante celibatário (brahmachári); 2. o chefe de família com responsabilidades mundanas (gribástha); 3. o eremita (vanaprástha); 4. o residente na floresta ou o viajor, livre de todas as preocupações terrenas (sannyasi). Este esquema ideal de vida, apesar de não ser amplamente seguido na índia moderna, ainda tem muitos partidários devotos. Os quatro estágios são religiosamente levados a cabo sob a direção permanente de um guru. Outras informações sobre a escola de Ranchi podem ser encontradas no capítulo 40.

Compreendendo que o corpo humano é semelhante a uma bateria elétrica, raciocinei que poderia reabastecê-lo de energia por intervenção direta da vontade. Como nenhuma ação é possível sem o querer, o homem pode aproveitar-se do motor primordial, a vontade, para renovar sua força sem complicados aparelhos ou exercícios mecânicos. Com as simples técnicas Yogôda, qualquer um pode, consciente e instantaneamente, retirar do ilimitado suprimento de energia cósmica, nova provisão de força vital (centralizada na medula oblonga ou bulbo raquiano)

Os jovens de Ranchi corresponderam amplamente ao tratamento Yogôda, desenvolvendo extraordinária habilidade para transferir a energia vital de uma parte do corpo à outra, e para sentar em pose perfeita nas mais difíceis ásanas (posições)[209]. Realizavam proezas de força e resistência que muitos adultos vigorosos não conseguiam igualar.

Meu irmão mais jovem, Bishnu Charan Ghosh, entrou para a escola de Ranchi; veio a ser, posteriormente, notável professor de educação física. Ele e um de seus alunos viajaram em 1938-9 para o Ocidente, dando exibições de força e de controle da musculatura. Professores da Universidade de Colúmbía, de Nova York, e de muitas outras universidades da América e da,Europa, ficaram assombrados com as demonstrações de poder da mente sobre o corpo[210].

Ao término do primeiro ano letivo em Ranchi, o número de candidatos à admissão ascendia a dois mil. Mas a escola, que naquele tempo era só um internato, podia abrigar apenas cem. Iniciou-se pouco depois o ensino para alunos externos.

Na Vídyáláya eu tinha de desempenhar o papel de pai-e-mãe para as crianças menores e de enfrentar muitas dificuldades referentes à organização. Com freqüência recordava as palavras de Cristo: “Em verdade vos digo, não existe homem que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou esposa, ou filhos, ou terras, por amor a mim e aos evangelhos, que não receba agora cem vezes mais casas, e irmãos, e irmãs, e pai, e mãe, e filhos, e terras, com perseguições; e no mundo vindouro, a vida eterna”[211].

Sri Yuktéswar interpretara estas palavras assim: “O devoto que renuncia as experiências comuns da vida matrimonial e da educação dos filhos, a fim de assumir maiores responsabilidades - em relação à sociedade em geral (“cem vezes mais agora, em casas e irmãos”) - executa um trabalho freqüentemente acompanhado pela perseguição de um mundo que não o compreende. Mas estas identificações com grupos maiores ajudam o devoto a superar o egoísmo e lhe trazem uma recompensa divina”.

Um dia, meu pai chegou a Ranchi para me conceder a bênção paternal, há muito tempo negada, porque eu o magoara, ao recusar seu oferecimento de um cargo elevado na Estrada de Ferro Bengala-Nagpur.

- Filho - disse ele - agora me reconciliei com a escolha que você fez na vida. Sinto alegria ao contemplá-lo em meio a estes jovens felizes e vivazes; você pertence a isto, mais do que aos números sem vida dos horários de trens. - Ele acenou para um grupo de doze criancinhas, coladas aos meus calcanhares. - Tive somente oito filhos - observou, piscando um olho - mas sei como você se sente!

Com 100,00 m 2 de terra fértil à nossa disposição, estudantes, professores e eu nos deliciávamos com períodos diários de jardinagem e de trabalho ao ar livre. Tínhamos diversos animais de estimação, inclusive um veadinho, ternamente idolatrado pelas crianças. Eu também amava o pequeno cervo a ponto de permitir que ele dormisse em meu quarto. Ao raiar a madrugada, a criaturinha aproximava-se, tropeçante, de minha cama, para uma carícia matutina.

Um dia, quando certo negócio exigia minha atenção na cidade de Ranchi, alimentei o animalzínho mais cedo do que de costume. Disse aos meninos que não lhe dessem comida até o meu regresso. Um deles, desobediente, lhe deu uma grande quantidade de leite. Ao voltar, à tarde, tristes novas me esperavam: - O filhote de corça está quase morto, devido à superalimentação.

Em lágrimas, coloquei o bichinho inanimado em meu colo. Orei piedosamente a Deus para que a vida lhe fosse poupada. Horas depois, a pequena criatura abriu os olhos, ficou de pé e caminhou, muito fraca. A escola inteira gritou de alegria.

Naquela noite, porém, aprendi uma lição profunda, que jamais poderei olvidar. Eu permanecera velando o animalzinho até duas horas da madrugada, quando adormeci. O veadinho apareceu-me em sonho e me disse:

---

209 Em virtude do crescente interesse no Ocidente pelas ásanas (posições iogues para a saúde) têm sido impressos numerosos livros ilustrados sobre elas.

210 Bishnu Charan Ghosh faleceu em 9 de julho de 1970 em Calcutá. (Nota de SRF)

211 Marcos, 10:29-30,

- O senhor está me segurando. Por favor, deíxe-me ir; deixe-me ir!

- Muito bem - respondi em sonho.

Acordei imediatamente e gritei: - Meninos, o veadinho está morrendo! - As crianças correram para junto de mim.

Precipitei-me para o canto do quarto onde colocara o animalzinho querido. Ele fez em último esforço pata levantar-se, cambaleou em minha direção e em seguida tombou a meus pés, morto.

De acordo com o carma de um grupo que guia e regula os destinos dos animais, o prazo de vida do veadinho chegara ao fim, e ele estava pronto para progredir a uma forma mais elevada. Entretanto, com meu profundo apego, que mais tarde reconheci ser egoísta, e com minhas preces fervorosas, eu conseguira reter aquela vida nas limitações da forma animal enquanto sua alma lutava por se desembaraçar. A alma do veadinho fez sua súplica em sonho porque, sem minha amorosa permissão, ele não podia ou não queria partir. Assim que concordei, ele se foi.

Toda tristeza me abandonou; compreendi mais uma vez que Deus quer que Seus filhos amem a cada coisa como uma parte Dele, e não sintam ilusoriamente que a morte é o fim de tudo. O homem ignorante vê apenas o muro intransponível da morte, ocultando para sempre os amigos queridos. Mas o homem sem apego, o que ama os outros como expressões do Senhor, compreende que na morte os seres amados apenas regressaram para um hausto de alegria em Deus.

A escola de Ranchi cresceu, de pequenos e simples alicerces, até Lima instituição hoje perfeitamente conhecida em Bihar e em Bengala. Muitos de seus departamentos são sustentados por contribuição voluntária de pessoas que se regozijam em perpetuar os ideais educativos dos ríshis. Ramos florescentes da escola estabeleceram-se em Midnapore e Lakshmanpur.

A sede de Ranchi mantém um Departamento Médico que fornece gratuitamente consultas, remédios e outros serviços profissionais aos pobres da localidade. O número de pessoas tratadas sobe, em média, a mais de 18.000 por ano. A Vidyáláya salientou-se também nas competições esportivas; e quanto ao campo dos estudos clássicos e científicos, muitos díplomados por Ranchi distinguiram-se posteriormente na carreira universitária,

Nas três últimas décadas, a escola de Ranchi teve a honra de receber a visita de muitos homens e mulheres eminentes dos dois hemisférios do mundo. Swâmi Pranabananda, o “santo de dois corpos”, de Benares, esteve em Ranchi, pelo espaço de alguns dias em 1918. Ao ver as pitorescas aulas sob as árvores e, à noite, os meninos sentados imóveis durante horas em meditação iogue, o grande mestre comoveu-se profundamente.

- A alegria me inunda o coração - disse ele - ao ver os ideais de Lábiri Mahásaya, relativos ao treino adequado da juventude, serem postos em prática nesta instituição. As bênçãos de meu guru estejam aqui.

Um jovenzinho, sentado junto de mim, arriscou-se a fazer uma pergunta ao grande iogue.

- Senhor - disse ele - serei monge? Minha vida destina-se unicamente a Deus?

Apesar de sorrir amavelmente, os olhos de Swâmi Pranabananda perscrutavam o futuro.

- Filho - respondeu ele quando você crescer, haverá uma bonita noiva à sua espera. (O jovem realmente se casou, depois de haver planejado, durante anos, ingressar na Ordem dos Swâmis).

Algum tempo depois da visita de Swâmi Pranabananda a Ranchí, acompanhei meu pai, em Calcutá, à casa onde o iogue temporariamente se hospedava. A predição de Pranabananda, feita muitos anos antes, voltou de súbito à minha mente: “Vê-lo-ei, com seu pai, mais tarde”.

Quando Papai entrou no quarto de swâmi, o grande jogue levantou-se e abraçou-o com afetuoso respeito.

- Bhágabati - disse ele - que está fazendo por seu progresso espiritual? Não vê que seu filho dispara em direção ao Infinito? - Corei ao ouvir este elogio em presença de meu pai. O swâmi continuou: -Recorde-se com que freqüência nosso abençoado guru costumava dizer: “Banat, banat, ban jai”[212]. Pois então continue incessantemente com Kriya Yoga e atinja depressa os portais divinos.

212 Um dos comentários favoritos de Láhiri Mahásaya, com o qual ele encorajava seus discípulos a perseverarem em meditação. Literalmente, significa: “Fazendo, fazendo, algum dia, feito”. Pode-se traduzir livremente este pensamento assim: “Um esforço hoje; outro, amanhã; e um dia, você atinge a Meta Divina”.

O corpo de Pranabananda, que me parecera tão saudável e forte durante minha primeira e assombrada visita a ele em Benares, mostrava, agora sinais inequívocos da idade, embora sua posição fosse ainda admiravelmente erecta.

- Swâmijí - perguntei, encarando-o diretamente nos olhos por obséquio, diga-me: não está sentindo o avanço da idade? À medida que o corpo enfraquece, as percepções de Deus sofrem alguma diminuição?

Ele sorriu angelicamente. - O Bem-amado está comigo, agora mais do que nunca. - Sua absoluta convicção arrebatou, de modo irresistível, minha mente e minha alma. Ele continuou:

- Ainda estou gozando de duas pensões: uma de Bhágabati, aqui presente, e outra de cima. - Apontando o dedo para o céu, por um breve período, o santo paralisou-se em êxtase, sua face iluminada por ardência divina. Uma resposta mais do que suficiente à minha pergunta!

Notando que no quarto de Pranabananda havia muitas plantas e pacotes de sementes, indaguei qual a finalidade daquilo.

- Deixei Benares definitivamente - disse ele - e estou a caminho do Himalaia. Ali abrirei um áshram para meus discípulos. Estas sementes produzirão espinafre e alguns outros vegetais. Meus queridos estudantes viverão com simplicidade, dedicando seu tempo à beatífica união com Deus. Nada mais é necessário.

Papai perguntou a seu condiscípulo espiritual quando ele voltaria a Calcutá.

- Nunca mais - respondeu o santo. - Este é o ano em que Láhiri Mahásaya me disse que eu deixaria minha amada Benares para sempre e iria aos Himalaias para ali abandonar meus despojos mortais.

Meus olhos encheram-se de lágrimas a estas palavras, mas o swâmi sorriu tranqüilamente. Ele me recordava sua criancinha celestial, sentada nos joelhos da Mãe Divina, em segurança. O peso dos anos absolutamente não prejudicou a posse absoluta dos supremos poderes espirituais de um grande iogue. Ele é capaz de renovar seu corpo à vontade; às vezes, entretanto, não se preocupa em retardar o processo de envelhecimento, mas permite que seu carma se esgote no plano físico, dispondo de seu corpo atual como de um estratagema para economizar tempo e excluir a necessidade de eliminar, numa nova encarnação, quaísquer vestígios remanescentes de carma.

Meses depois, encontrei um velho amigo, Sanândam, um dos discípulos íntimos de Pranabananda.

- Meu adorável guru já se foi - disse-me entre soluços. - Ele estabeleceu um eremitério perto de Rishikesb e nos deu afetuoso treinamento. Quando estávamos bem instalados e fazíamos rápido progresso espiritual em sua companhia, propôs, um dia, alimentar uma enorme multidão de Rishikesh. Perguntei por que motivo ele queria um número tão grande.

- Esta é a minha última cerimônia festiva - disse ele. - Não entendi todas as implicações de suas palavras. Pranabanândají ajudou a cozinhar grande quantidade de comida. Alimentamos cerca de dois mil convidados. Depois do festim, sentou-se numa plataforma alta e fez um inspirado sermão sobre o infinito. Ao finalizar, à vista de milhares de pessoas, voltou-se para mim, que me sentara atrás dele no estrado e, contra o seu costume, falou-me em tom enérgico:

"- Sanândam, prepare-se: vou dar um pontapé na carcaça[213].

"Após um silêncio atordoante, gritei, desesperadamente: - Mestre, não o faça! Por favor, não por favor! - A multidão permaneceu em silêncio, curiosa pelo que se dizia. Pranabanândají sorriu para mim, mas seus olhos já avistavam a Eternidade.

"- Não seja egoísta - disse ele - e não chore por mim. Durante muito tempo servi alegremente a todos; agora rejubile-se e deseje-me a velocidade divina. Vou me encontrar com o Bem-amado Cósmico. -Num sussurro, Pranabanândají acrescentou: - Renascerei em breve. Depois de gozar, por um curto período, da Bem-aventuraça Divina, voltarei à Terra para me reunir a Bábají[214]. Você saberá, logo mais, quando e onde minha alma voará para a gaiola de um novo corpo.

213 Isto é, abandonar o corpo,
214 Guru, ainda vivo, de Láhiri Mahásaya (capítulo 33).

“Mais uma vez ele gritou: - Sanândam, aqui dou um pontapé na carcaça, por meio da segunda Kriya Yoga[215].

“- Ele contemplou o mar de faces diante de nós e teve um gesto d bênção. Dirigindo sua visão internamente para o olho espiritual, meu guru imobilizou-se. Enquanto a multidão espantada supunha que o santo meditasse em êxtase, já ele abandonara o tabernáculo da carne e abismara sua alma na vastidão cósmica. Os discípulos tocaram-lhe o corpo, assentado na posição de lótus, mas já não acharam o calor da vida. Só restava uma estrutura rígida; o inquilino procurara refúgio nas praias da imortalidade “.

Quando Sanândam terminou sua narrativa, pensei: - O abençoado “santo de dois corpos” foi dramático na morte como o fora em vida!

Perguntei onde Pranabananda renasceria.

- Considero essa informação uma confidência sagrada - respondeu Sanândam. - Eu não a revelarei a ninguém. Talvez você venha a descobrir por outras vias.

Mais tarde descobri, por meio de Swâmi Kesbabananda (9) que Pranabananda, poucos anos após seu nascimento em um novo corpo, dirigira-se a Badrinarayan, nos Himalaias, e ali se reunira ao grupo de santos que circundam o grande Bábají.

215 A segunda Kriya, ensinada por Láhiri Mahásaya, permite ao devoto que a dominou, sair do corpo e a ele regressar, conscientemente, em qualquer momento. logues adiantados usam a segunda técnica de KAya durante a última saída, a da morte - um momento que eles, invariavelmente, conhecem de antemão. Os grandes iogues “entram” e “saem” do olho espiritual, estrela de prana e “porta” da salvação. Cristo disse: “Eu sou a porta; através de mim, qualquer homem que entre, será salvo, e entrará e sairá, e achará pasto. O ladrão (Máya ou ilusão) só vem para roubar, matar e destruir; Eu (a Consciência Crística) vim para que eles tenham vida e para que a tenham abundante”. João, 10:910.
S) Descrevo meu encontro com Keshabananda no capítulo 42,

Capítulo 28 - Renascimento e descoberta de Káshi

Por favor, ninguém entrará na água. Vamos nos banhar, retirando água com os recipientes que temos.

Dirigia-me aos jovens estudantes de Ranchi que me acompanhavam a pé numa excursão de cerca de treze quilômetros a uma colina próxima. A lagoa à nossa frente parecia convidativa mas senti, intuitivamente, aversão por ela. Muitos dos meninos começaram a imergir seus recipientes; porém, alguns rapazes sucumbiram à tentação das águas refrescantes. Mal haviam mergulhado quando longas serpentes aquáticas ondularam ao seu redor. Quantos gritos e quanta água espirrada! Que espontaneidade cômica em fugir da lagoa!

Deliciamo-nos com um almoço ao ar livre, depois de atingir nosso destino. Sentei-me, rodeado de meninos, sob uma árvore. Ao me verem inspirado, assediaram-me com perguntas.

- Por obséquio, diga-me, senhor - suplicou um jovem - se eu sempre permanecerei consigo na senda da renúncia.

- Ah, não! - respondi - você será levado de volta à sua casa, à força, e mais tarde, se casará.

Incrédulo, ele protestou com veemência: - Somente morto poderei ser carregado daqui. (Dentro de poucos meses, entretanto, seus pais chegaram para levá-lo embora, a despeito de sua resistência e de suas lágrimas. Alguns anos mais tarde, ele, de fato, se casou.)

Respondera eu a muitas questões quando se dirigiu a mim um jovenzinho chamado Káshi. Tinha uns doze anos de idade; era um aluno de grande inteligência e muito estimado por todos.

- Senhor - disse-me ele - qual será minha sorte?

- Você morrerá em breve. - Um poder irresistível havia forçado as palavras a saírem de meus lábios.

A revelação me chocou e me entristeceu, assim como a todos os demais. Reprovando-me silenciosamente por haver feito o papel de enfant terrible, recusei dar respostas a outras perguntas.

Quando regressamos à escola, Káshi veio a meu quarto.

- Se eu morrer, o senhor me descobrirá após o meu renascimento e me reconduzirá à senda espiritual? - perguntou-me, entre soluços.

Senti-me obrigado a recusar esta difícil responsabilidade oculta. Mas durante as semanas seguintes, Káshi me pressionava obstinadamente. Vendo-o na iminência de uma crise nervosa, finalmente o consolei.

- Sim - prometi. - Se o Pai Celestial me der Sua ajuda, farei tudo para encontrá-lo.

Durante as férias de verão, saí para uma curta viagem. Lamentando não poder levar Káshi comigo, chamei-o a meu quarto, antes de partir, e o instruí cuidadosamente para que permanecesse, opondo-se a todas as sugestões, dentro das vibrações espirituais da escola. De algum modo pressenti que, se ele não voltasse para sua casa, poderia evitar a calamidade iminente.

Nem bem eu havia partido, o pai de Káshi chegou a Ranchi. Durante quinze dias tentou dobrar a vontade do filho, explicando que, se Káshi fosse a Calcutá apenas por quatro dias para ver a mãe, poderia regressar em seguida. Káshi persistentemente recusou. Por fim, o pai disse que levaria o filho com ajuda da polícia. A ameaça perturbou Káshi que não desejava ser causa de publicidade desfavorável para a escola. Não teve outra alternativa senão ir.

Voltei a Ranchi, alguns dias depois. Ao saber em que circunstâncias Káshi fora levado, tomei imediatamente o trem para Calcutá. Ali, aluguei um veículo de tração animal. Surpreendeneemente quando o coche ultrapassou a ponte da estação de Howrah, sobre o Ganges, as primeiras pessoas que vi foram o pai de Káshi e outros parentes, vestidos de luto. Gritando ao meu cocheiro para que se detivesse, saltei do veículo e, com chispas nos olhos, encarei o desventurado pai.

- Assassino - gritei absurdamente - o senhor matou o meu menino.

O pai já compreendera o mal que fizera ao trazer Káshi, à força, a Calcutá. Durante os poucos dias em que o menino ali estivera, ele comera alimento contaminado, contraíra o cólera asiático e morrera.

Meu amor por Káshi e a promessa de achá-lo após a morte, noite e dia me acompanhavam como assombrações. Não importa aonde eu fosse, sua face assomava diante de mim. Iniciei uma busca memorável, semelhante à que realizara, há muito tempo atrás, ao perder minha mãe.

Senti que, na medida em que Deus me concedera a faculdade de raciocinar, deveria utilizá-la e exigir dela o máximo para descobrir as leis sutis que me permitiriam conhecer o paradeiro astral de Káshi. Era ele uma alma vibrando com desejos irrealizados, um núcleo de luz flutuando em algum lugar entre milhões de almas luminosas na região astral.Como sintonizar com ele, em meio a tantas luzes vibratórias de outras almas?

Fazendo uso de uma técnica iogue secreta, irradiei meu amor à alma de Káshi, através do "microfone" do olho espiritual, o ponto médio entre as sobrancelhas[216]. Intuitivamente senti que Káshi cedo voltaria à Terra e se eu continuasse, sem interrupção, a irradiar meu chamado, sua alma responderia. Eu sabia que a mais leve estimulação enviada por Káshi seria sentida nos nervos de meus dedos, braços e coluna vertebral.

Freqüentemente, usando meus braços erguidos, como antenas, girava como um pião sobre mim mesmo, tentando descobrir em que direção estava a casa onde, conforme eu acreditava, ele já renascera sob a forma de embrião. Esperava receber sua resposta no "rádio" de meu coração, sempre sintonizado.

Com zelo nunca diminuído, pratiquei o método Jogue, constantemente, durante os seis meses seguintes à morte de Káshi. Caminhando com alguns amigos, certa manhã, entre a multidão da zona Bowbazar de Calcutá, ergui minhas mãos na forma costumeira. Pela primeira vez, houve resposta. Emocionei-me ao constatar que estímulos elétricos deslizavam por meus dedos e palmas. Estas correntes se traduziram num pensamento poderoso nos recessos profundos de minha consciência: - "Eu sou Káshi, eu sou Káshi; venha a mim! "

Concentrando-me no rádio de meu coração, o pensamento tornou-se quase audível. No característico murmúrio, um tanto rouco, de Káshi[217], ouvi seus chamados, repetidas vezes. Agarrei o braço de um de meus companheiros, Prokash Das, e sorri para ele, extravasando alegria:

- Parece que localizei Káshi!

Comecei a dar voltas sobre mim mesmo, para indisfarçável divertimento de meus amigos e da multidão de transeuntes. Os estímulos elétricos só formigavam através de meus dedos quando eu estava de frente para um atalho próximo, que tinha o nome significativo de "Via Serpentina". As correntes astrais desapareciam quando me voltava em outras direções.

- Ah! - exclamei - a alma de Káshi deve estar vivendo no ventre de certa mãe, cuja morada se encontra nesta transversal.

Meus companheiros e eu nos aproximamos da Via Serpentina; as vibrações em minhas mãos erguidas tornaram-se mais fortes, mais pronunciadas. Como se fosse atraído por um irmã, fui arrastado para o lado direito da rua. Ao atingir a entrada de certa residência, verifiquei, com pasmo, que meus pés se paralisavam. Bati à porta em estado de interisã excitação, com a respiração suspensa. Senti que minha busca, longa e invulgar, chegara, com êxito, ao fim.

A porta foi aberta por uma criada; esta me informou que seu patrão estava em casa. Ele desceu a escada, vindo do andar superior, e sorriu-me interrogativamente. Eu mal sabia como formular, minha pergunta, pertinente e impertinente ao mesmo tempo.

- Por favor, diga-me se o senhor e sua esposa esperam, há seis meses, o nascimento de um filho.

- Sim, de fato. - Vendo que eu era um swâmi, um homem de renúncia vestido com o hábito tradicional alaranjado, ele acrescentou, cortesmente: - Por obséquio, diga-me como soube deste assunto meu, particular.

Quando lhe contei a respeito de Káshi e minha promessa de encontrá-lo, o homem, assombrado, acreditou em minha história.

---

216 A vontade, projetada do ponto médio entre as sobrancelhas, é o "aparelho" que irradia o pensamento. O sentimento do homem ou seu poder emocional, concentrado calmamente no coração, capacita-o a atuar como um rádio mental que capta as mensagens de outras pessoas, próximas ou distantes. Em telepatia, as refinadas vibrações dos pensamentos do indivíduo transmissor propagam-se através de vibrações sutis do éter astral, e a seguir através do éter mais grosseiro da Terra, criando ondas elétricas que, por sua vez, se transformam em ondas de pensamento na mente do indivíduo receptor.

217 Toda alma, em seu estado puro, é onisciente. A alma de Káshi se recordava de todas as características do menino Káshi e por isso imitava sua voz rouca a fim de provocar em mim o seu reconhecimento. 249

- A criança que vai nascer será do sexo masculino, de pele clara disse-lhe eu. - Terá uma face ampla, com um topete em cima da testa. Suas tendências espirituais serão notáveis. - Eu tinha certeza de que o menino esperado apresentaria as feições e as caraterísticas de Káshi.

Tempos depois visitei a criança, cujos pais lhe haviam dado seu antigo nome de Káshí. Até mesmo na infância, ele era impressionantemente idêntico, em aparência, a meu querido estudante de Ranchi. O menino me demonstrou afeição instantânea; a atração do passado despertou com redobrada intensidade.

Anos mais tarde, já adolescente, ele me escreveu, durante minha permanência nos Estados Unidos. Expôs-me seu profundo desejo de seguir o caminho da renúncia. Enviei-o a um mestre, no Himalaia, que aceitou como discípulo o renascido Káshi[218].

218 Embora muitos homens, após a morte física, permaneçam no mundo astral, de quinhentos a mil anos, não há lei invariável sobre o decurso de tempo entre as encarnações (capítulo 43). O período em que um homem vive num invólucro astral ou físico é predeterminado carmicamente.
A morte e, naturalmente, o sono, “a pequena morte”, são uma necessidade fatal, livrando temporariamente das algemas dos sentidos o ser humano não iluminado. Como a natureza essencial do homem é Espírito, ele recebe no sono e na morte certos lembretes revivificantes de sua natureza incorpórea.
A lei equilibradora de carma, exposta nas Escrituras hindus, é a da ação e reação, causa e efeito, semeadura e colheita. No processo da justiça natural (ritá), cada homem, por seus pensamentos e ações, vem a ser o modelador de seu destino. Quaisquer energias que ele próprio, sábia ou insensatamente, tenha posto em movimento, voltam a ele, a seu ponto de partida, como um círculo completando-se inexoravelmente a si mesmo. “0 mundo se parece a uma equação matemática: por mais que se verifiquem transposições de termos, ela se equilibra a si mesma. Todo segredo é dito, todo crime é punido, toda virtude é recompensada, todo mal é reparado, em silêncio e certeza”. -Ernerson, em “Retribuição”. Entender o carma como lei de justiça, em que se fundamentam as desigualdades da vida, serve para libertar a mente humana do ressentimento contra Deus e contra o homem (ver nota final do capítulo 16).

Capítulo 29 - Rabindranáth Tagore e eu comparamos sistemas de educação

Rabíndranáth Tagore nos ensinou a cantar, para exprimir nossa alma, com naturalidade, sem esforço, como os pássaros.

Bhola Nath, de dezessete anos, inteligente jovem de minha escola de Ranchi, deu-me esta explicação depois que eu o cumprimentara, certo, manhã, por seus cânticos melodiosos e inesperados. Com ou sem aprovação, dele fluíam sons como de um regato musical. Ele freqüentara anteriormente a famosa escola de Tagore, "Shantinikêtan"(Porto de Paz), em Bolpur.

- As canções de Rabindranáth têm estado em meus lábios desde a minha infância - contei a meu companheiro. - Todos os bengalis, até mesmo os campônios analfabetos, deleitam-se com seus versos sublimes.

Bhola e eu cantamos juntos alguns estribilhos de Tagore, o qual pos em música milhares de poemas hindus: alguns de sua própria autoria e outros de origem antiga.

- Encontrei-me com Tagore depois que ele recebeu o Prêmio Nobel de Literatura - observei após o nosso canto. - Senti-me inclinado a visitá-lo porque admirei sua coragem, não-diplomática, quando tratou como bem entendeu os seus críticos literários.

Eu ri. Bhola, curioso, quis conhecer a história.

- Especialistas em literatura tosquiaram e esfolaram Tagore rudemente pela introdução de um novo estilo na poesia de Bengala -comecei. - Ele mesclava expressões clássicas e familiares, desprezando todas as limitações prescritas, queridas aos ouvidos dos eruditos. Seus cânticos exprimem profundas verdades filosóficas, em termos emocionais muito atraentes, sem fazer caso das formas literárias aceitas.

"Um crítico influente e malévolo referiu-se a Rabindranáth como um 'poeta-pombo que vendia seus arrulhos em folhas impressas, por Lima rúpia'. Mas a desforra de Tagore estava próxima; todo o mundo literário do Ocidente curvou-se a seus pés em homenagem, logo após a tradução para o inglês de seu Gitânjali (Oferendas Líricas). Para apresentar-lhe congratulações, nossos eruditos, inclusive seus antigos detratores, lotaram um trem que descarregou seu fardo em Shantinikêtan.

"Rabindranáth recebeu seus visitantes depois de obrigá-los a uma espera deliberadamente longa, e então ouviu seus louvores em estóico silêncio. Por fim, o poeta virou contra eles suas próprias armas habituais de crítica.

"- Cavalheiros - disse ele - as perfumadas homenagens com que incensam, aqui, se misturam incongruentemente aos pútridos odores de seu desprezo anterior. Será que existe alguma relação entre o Prêmio Nobel, a mim conferido, e suas faculdades de apreciação, repentinamente aguçadas? Ainda sou o mesmo poeta que desagradava aos senhores quando ofereci pela primeira vez minhas flores humildes no santuário de Bengala.

"Os jornais publicaram um relato do castigo audacioso que Tagoré ministrou. Admirei as palavras francas de um homem não hipnotizado pela adulação - continuei. - Fui apresentado a Rabindranáth em Calcutá por seu secretário, o sr. C. F. Andrews[219], que trajava simplesmente um Móti bengalês. Ao mencionar Tagore, este dizia, muito afetuosamente, gurudeva.

"Rabindranáth recebeu-me com gentileza. Dele emanava uma aura de encanto, de cultura e de cortesia. Respondendo à minha pergunta sobre as influências literárias que sofreu, Tagore informou-me que suas primeiras fontes de inspiração foram nossas epopéias religiosas e as obras de Vídyápáti, um poeta popular do século 14".

Inspirado por estas recordações, comecei a cantar a versão de Tagore de uma velha canção de Bengala, "Acende a lâmpada de Teu amor". Bhola e eu cantávamos alegremente, enquanto caminhávamos pelos terrenos da Vídyaláya.

[219] Escritor e publicista inglês, amigo íntimo do M. Gandhi. O sr. Andrews é respeitado na Índia pelos muitos serviços que prestou à sua pátria adotiva.

Aproximadamente dois anos após a fundação da escola de Ranchi, recebi um convite de Rabíndranáth para visitá-lo em Shantinikêtan, a fim de trocarmos idéias sobre nossos ideais em matéria de educação. Parti, contente. Estava o poeta sentado em sua sala de estudo, quando entrei; pensei, então, recordando nosso primeiro encontro, que era ele um modelo de soberba virilidade, tão impressionante como qualquer pintor o poderia desejar. Sua face belíssima cinzelada, de nobre patrício, tinha por moldura cabelos longos e barba flutuante. Olhos grandes, comovidos; um sorriso angélico; e uma voz com timbre de flauta que era, literalmente, encantadora, Corpulento, alto e grave, ele combinava uma quase ternura de mulher com a deliciosa espontaneidade de uma criança. Nenhuma concepção idealizada de um poeta poderia achar encarnação mais adequada do que este suave cantor.

Tagore e eu nos aprofundamos no estudo comparativo de nossas escolas, ambas fundadas fugindo às diretrizes ortodoxas. Descobrimos muitos aspectos idênticos - instrução ao ar livre, simplicidade, ampla liberdade para o desenvolvimento do espírito criador da criança. Rabindranáth, contudo, dava considerável ênfase ao estudo da literatura e da poesia, e a auto-expressão através da música e do canto, conforme eu já notara no caso de Bhola. As crianças de Shantinikêtan observavam períodos de silêncio, mas não recebiam treinamento sistemático em ioga.

Lisonjeira atenção concedeu o poeta à minha descrição dos exercícios Yogôda para o reabastecimento da energia, e das técnicas iogues de concentração, ensinados a todos os meus estudantes em Ranchi.

Tagore contou-me, desde o início, seus próprios esforços para educar-se. - Fugi da escola depois do quinto ano, - disse ele, rindo. Compreendi, imediatamente, quanto sua inata delicadeza poética sofrera a afronta de uma atmosfera de lúgubre disciplina escolar.

- Eis por que abri Shantinikêtan sob a sombra das árvores e as glórias do céu. - Ele acenou eloqüentemente para um pequeno grupo que estudava no belo jardim. - Uma criança se encontra em seu ambiente natural entre flores e pássaros cantores. Aí ela pode mais facilmente expressar a oculta riqueza de seus talentos individuais. A verdadeira educação não vem de fontes exteriores, inculcada por bomba de pressão, até se empanturrar o educando; ao contrário, ela ajuda a trazer à superfície a infinita reserva de sabedoria interior[220].

Concordei, acrescentando: - Nas escolas comuns, os instintos idealistas e a adoração aos heróis, próprios dos jovens, morrem de fome numa dieta exclusiva de estatísticas e eras cronológicas.

O poeta falou afetuosamente de seu pai, Devendranáth, que inspirara os princípios de Shantinikêtan.

- Papai presenteou-me com estas terras férteis, onde já construíra uma casa de hóspedes e um templo - disse-me Tagore. Comecei minha experiência educacional aqui, em 1901, apenas com dez meninos, As oito mil libras que vieram com o Prêmio Nobel foram todas aplicadas na manutenção da escola.

O pai de Tagore, Devendranáth, muito conhecido como “Mahárishi”, “grande sábio”, foi um homem notável, como se pode constatar em sua Autobiografia. Dois anos de sua idade adulta transcorreram em meditação no Himalaia. Seu avô, Dwarkanáth Tagore, fora célebre em Bengala por suas generosas obras de beneficência. Desta árvore ilustre, brotou uma família de gênios. Não apenas Rabindranáth; todos seus parentes distinguiram-se em expressões criadoras. Seus sobrinhos, Gogonendra e Abanindra, situam-se entre os principais artistas[221] da índia. Seu irmão, Dwijendra, foi um filósofo de profunda visão, amado até pelos pássaros e animaizinhos dos bosques.

Rabindranáth convidou-me para passar a noite na casa de hóspedes. Ao crepúsculo, encantei-me com o espetáculo do poeta junto a um grupo no pátio. O tempo voou para trás: a cena diante de mim assemelhava-se à de um eremitério antigo - o alegre cantor, circundado por seus devotos, e todos aureolados por divino amor. Tagore tecia cada laço de amizade com as cordas da harmonia. jamais agressivo, ele atraía e capturava os corações com irresistível magnetismo. Rara flor de poesia, desabrochada no jardim do Senhor, cativando os outros com um aroma sem artifícios!

---

[220] “Tendo a alma nascido muitas vezes ou, como dizem os hindus, 'viajado pe la estrada da existência, através de milhares de nascimento' ... nada existe de que ela não tenha obtido conhecimento; não admira que seja capaz de rememorar ... 0 que anteriormente conheceu ... Pois investigação e aprendizagem são reminiscência”, - **Emerson,** em “Homens Representativos “.

[221] Rabindranáth também, aos sessenta anos, dedicou-se com afinco ao estudo da pintura. Sua obra, influenciada pela vanguarda, foi exposta há alguns anos atrás, em várias capitais européias e em Nova York.

Com sua voz melodiosa ' Rabindranáth nos leu alguns de seus primorosos poemas, de criação recente, Muitas de suas canções e peças teatrais, escritas para o deleite de seus estudantes, foram compostas em Shantiníkêtan. A beleza de seus versos, para mim, reside na arte de referir-se a Deus em quase todas as estrofes, raramente mencionando, entretanto, o Nome sagrado. “Inebriado com a beatitude de cantar -escreveu ele - esqueço-me de mim e Te chamo amigo, a Ti que és o meu Senhor”.

No dia seguinte, depois do almoço, eu disse um relutante adeus ao poeta. Regozijo-me, hoje, de que sua pequena escola se tenha convertido numa universidade internacional, Visva-Bhárati[222], onde estudiosos do mundo inteiro encontram um ambiente ideal.

“Onde a mente é destemida e a cabeça se mantém erguida; onde o conhecimento é livre;

onde o mundo não foi dividido em fragmentos pelas estreitas paredes domésticas;

onde as palavras brotam das profundezas da verdade;

onde o esforço infatigável estende seus braços para a perfeição;

onde o límpido regato da razão não se embrenhou, perdido, nas sombrias areias desérticas da rotina estagnada;

onde o espírito, guiado por Ti, avança rumo ao pensamento e à ação sempre mais amplos; dentro desse firmamento de liberdade, meu Pai, permite que minha pátria desperte!”[223]

Rabindranáth Tagore.

[222] Embora o amado poeta tenha falecido em 1941, sua instituição Visva-Bhárati mantém-se florescente. Em janeiro de 1950, sessenta e cinco professores e estudantes de Shantinikêtan visitaram a escola de **Yogôda Sat-Sanga** em Ranchi, durante dez dias. Chefiava o grupo Sri N. S. Ghosal, reitor do departamento escolar de Visva-Bhárati. Representando o belo poema dramático de Rabindranáth, “Pujárini”, os hóspedes deram grande prazer aos estudantes de Ranchi.

[223] **Gitâniali** (Maemillan Co.) Encontra-se cuidadoso estudo sobre o poeta em **A filosofia de A. Tagore** (Macriaillan, 1911), de autoria do célebre erudito Sir S. Radhakrishnan,

Capítulo 30 - A Lei dos Milagres

O grande novelista Leon Tolstoy[224] escreveu um delicioso conto, Os Três Eremitas. Seu amigo Nicholas Roerich resumiu-o assim:

"Numa ilha viviam três velhos eremitas. Eram tão simples que usavam apenas esta oração: 'Nós somos três; Tu és três - tem piedade de nós". Grandes milagres ocorriam no decurso desta ingênua prece.

"O bispo da região[225] soube da existência dos três eremitas e da sua inadmissível reza, e decidiu visitá-los a fim de lhes ensinar as invocações canônicas. Chegou à ilha, disse aos eremitas que aquela súplica aos céus era indigna e instruiu-os em muitas orações usuais. A seguir, e, bispo retirou-se num barco. Viu, ao longe, deslizando na esteira do navio, uma luz esplendorosa. À medida que ela se aproximava, distinguiu os três eremitas, de mãos dadas, correndo sobre as ondas no esforço de alcançar o barco.

"- Esquecemos as preces que nos ensinou - gritaram eles, ao verem de perto o bispo - e nos apressamos a vir pedir a repetição delas. O bispo, assombrado, sacudiu a cabeça, negativamente.

"- Meus queridos - respondeu ele, humildemente continuem a viver com sua antiga oração!

Como foi que os três santos caminharam sobre a água?

Como foi que Cristo ressuscitou o seu corpo depois de crucificado?

Como foi que Láhiri Mahásaya e Sri Yuktéswar realizaram seus milagres?

A ciência moderna, por enquanto, não tem respostas, embora as perspectivas da mente mundial tenham se ampliado repentinamente com o advento da Era Atômica. A palavra "impossível" está se tornando menos preeminente no vocabulário do homem.

As Escrituras védicas declaram que o mundo físico está sujeito a uma lei fundamental, a de máya, ou princípio da relatividade e da dualidade. Deus, a Única Vida, é Unidade Absoluta; a fim de revelar-Se nas manifestações diversas e separadas de uma criação, Ele usa um véu irreal ou falso. Este véu dualístico e ilusório é máya[226]. Grandes descobertas científicas dos tempos modernos confirmaram este simples pronunciamento dos ríshis da antigüidade.

A Lei do Movimento, de Newton, é uma lei de máya: "Para cada ação existe sempre uma reação igual e contrária; as ações recíprocas de dois corpos quaisquer, sendo iguais, têm sempre direção oposta". Ação e reação são, pois, exatamente iguais. "Existir uma força ímpar é impossível. Deve haver, e sempre há, um par de forças iguais e contrárias".

Todas as atividades naturais básicas denunciam a sua origem: máya. A eletricidade, por exemplo, é um fenômeno de atração e de repulsão; seus elétrons e prótons são contrários elétricos, Outro exemplo: o átomo ou partícula derradeira da matéria é, como o nosso próprio planeta, um imã com pólos positivos e negativos. Todo o mundo dos fenômenos está sob o inexorável domínio da polaridade; nenhuma lei de física, química ou outra ciência pode jamais subtrair-se aos opostos inerentes ou princípios contrastantes.

A ciência física, portanto, não pode formular leis fora de máya: a verdadeira textura e estrutura da criação. A própria natureza é máya; as ciências naturais devem forçosamente haver-se com a inelutável essência da natureza, já que esta, em sua esfera de ação, é eterna e inexaurível; os cientistas do futuro nada mais poderão fazer senão demonstrar um aspecto após outro de sua variada infinidade. Sendo assim, a ciência continua em perpétuo fluxo, incapaz de atingir a Causa Primeira e 01tima; apta, é verdade, para descobrir as leis de um cosmo já existente e funcional, mas impotente para achar o Autor da Lei e o Único Operador. São bem conhecidas as grandiosas manifestações da gravitação e da eletricidade, mas o que são a gravitação e a eletricidade, nenhum mortal o sabe[227].

---

[224] Tolstoy sustentou muitos ideais comuns ao Mahátma Gandhi; eles trocaram cartas a respeito da não-violência. Tolstoy considerava que o principal ensinamento de Cristo era: "Não resistais ao mal (com o mal)" (**Mateus,** V:39); ao mal dever-se-ia "resistir" apenas com seu oposto logicamente eficaz, o bem ou o amor.

[225] Parece que o conto tem base histórica; uma nota editorial nos informa que o bispo encontrou os três eremitas, enquanto navegava de Archangel para o mosteiro de Slovetsky, na foz do rio Dvina.

[226] Ver última nota do capítulo 4 e segunda nota do capítulo 5.

[227] Marconi, o grande inventor, admitiu a inadequação teleológica da ciência ao dizer: "É absoluta a incapacidade da ciência para resolver o que é a vida. Este fato seria realmente aterrador se não houvesse a fé. O mistério da vida é decerto o mais persistente problema jamais proposto ao pensamento do homem".

Transcender máya foi a tarefa atribuída à raça humana pelos profetas milenários. Elevar-se sobre a dualidade da criação e perceber a unidade do Criador, eis o fim supremo do homem. Os que se apegam à ilusão cósmica devem aceitar sua lei essencial de polaridade: fluxo e refluxo, ascensão e queda, noite e dia, prazer e dor, bem e mal, nascimento e morte. Este padrão cíclico assume certa monotonia angustiosa, depois que o homem passou por alguns milhares de nascimentos; ele começa, então, a lançar um olhar de esperança para além das compulsões de máya.

Remover o véu de máya é pôr à mostra o segredo da criação. Quem assim desnuda o universo é o único monoteísta autêntico. Todos os demais estão adorando imagens pagãs. Enquanto o homem permanece sujeito às ilusões dualísticas da Natureza, sua deusa é Máya, a de dúplice rosto, como o bífronte Jano; ele não pode conhecer o Deus único e verdadeiro.

No homem, a ilusão do mundo, máya, manifesta-se como avídya, literalmente "não-conhecimento", ignorância, ilusão. Máya ou avídya não pode - nunca - ser destruída por convicção intelectual ou análise, mas somente alcançando-se o estado interno de nirbikâlpa samádhi. Quando falaram, os profetas do Velho Testamento e os videntes de todas as épocas e nações, encontravam-se nesse estado de consciência.

Ezequiel[228] disse: "Depois que ele me trouxe para a porta, a mesma porta que olha para o leste: e eis que a glória do Deus de Israel veio da direção do oriente: e sua voz era como o som de muitas águas: e a terra resplandeceu com sua glória". Através do olho divino na testa (leste), o iogue leva sua consciência a singrar na onipresença, ouvindo o Verbo ou Aurn, o som divino de muitas "águas": as vibrações de luz que constituem a única realidade da criação.

Em meio aos trilhões de mistérios do cosmo, o mais fenomenal é a luz. Ao contrário das ondas sonoras, cuja transmissão exige atmosfera gasosa ou algum outro meio material, as ondas de luz transpõem livremente o vácuo do espaço ínterestelar. Elas dispensam até mesmo o hipotético éter, considerado, na teoria ondulatória, o meio interplanetário da luz; se levarmos em conta a teoria de Einstein, as propriedades geométricas do espaço tornam desnecessárias a teoria do éter. Em qualquer destas hipóteses, a luz, de todas as manifestações da natureza, permanece como a mais sutil, a mais livre de dependência material.

Na gigantesca concepção de Einstein, a velocidade da luz - 300.000 quilômetros por segundo - domina inteiramente a Teoria da Relatividade. Ele prova matematicamente que a velocidade da luz, tanto quanto a mente finita do homem pode alcançar, é a única constante de um universo em fluxo. Deste "absoluto", a velocidade da luz, dependem todos os padrões humanos de tempo e de espaço. Não mais abstratamente eternos como eram concebidos, o tempo e o espaço são fatores relativos e finitos. Eles derivam sua validade, como medidas condicionais, unicamente do confronto com o metro-padrão da velocidade da luz.

Companheiro do espaço na relatividade dimensional, o tempo está agora reduzido à sua verdadeira natureza: uma simples essência de ambigüidade. Com alguns rabiscos equacionais de sua pena, Einstein baniu do universo toda relação fixa, exceto a da luz.

Em sua Teoria do Campo Unificado, desenvolvimento posterior da Teoria da Relatividade, o grande físico reuniu numa só fórmula as leis da gravitação e do eletromagnetismo. Reduzindo a estrutura cósmica às variações de uma única lei, Einstein regressou, através de milênios, aos ríshis que proclamaram a única textura da criação: a máya protéica.

Da memorável Teoria da Relatividade, nasceram as possibilidades matemáticas de explorar o átomo como derradeira unidade de matéria. Grandes cientistas estão agora afirmando corajosamente que não só o átomo é energia em vez de matéria, mas que a energia atômica é essencialmente substância mental.

"Reconhecer francamente que a ciência física estuda um mundo de sombras é um progresso dos mais significativos - escreveu S;r Arthur Stanley Eddington em "A Natureza do Mundo Físico"[229] - No mundo da física, observamos um jogo de aparências, que é o próprio drama da vida cotidiana. Meu cotovelo, uma sombra (aparência, irrealidade, alusão à essência), apóia-se sobre a mesa, outra sombra; a tinta, sombra, desliza sobre o papel, sombra. Tudo é simbólico, e o físico não vai além do símbolo. Então vem (o filósofo) a Mente, o alquimista que transmuta os símbolos ... Para concluir em termos crus, a substância do mundo é substância mental".

[228] Ezequiel, 43:1-2.
[229] Mactnifian Co.

Com a recente invenção de um microscópio eletrônico, veio a prova definitiva de que a luz é a essência dos átomos, e que a natureza é inevitavelmente dual. O New York Times deu a seguinte notícia, em 1937, sobre a apresentação de um microscópio eletrônico numa assembléia da Associação Americana para o Progresso da Ciências:

"A estrutura cristalina do tungstênio, até hoje conhecida apenas de modo indireto por meio dos raios X, delineou-se com nitidez numa tela fluorescente, mostrando nove átomos dispostos simetricamente em retículo cúbico, com um átomo em cada canto e um no centro. Os átomos do retículo cristalino do tungstênio apareciam na tela fluorescente como pontos de luz em disposição geométrica. As moléculas de ar, que bombardeavam esse cubo cristalino de luz, podiam ser observados como pontos dançantes de luz, lembrando reflexos de luz solar que tremeluzem em águas movediças ...

"O princípio do microscópio eletrônico foi descoberto pela primeira vez em 1927 pelos drs. Clinton J. Davísson e Lester H. Germer, dos Laboratórios da Bell Telephone Co., de Nova York, que demonstraram a dupla personalidade do elétron, pois este apresenta características tanto de partícula quanto de onda[230]. Em sua qualidade de onda, o elétron evidencia as características da luz; e iniciou-se uma pesquisa para inventar meios de obter a convergência de um feixe de elétrons, da mesma maneira que as lentes convergem a luz para um foco.

Por esta descoberta da qualidade jekyll-Hyde do eléctron ... demonstrativa de que o reino inteiro da natureza física possui uma dupla personalidade, o dr. Davisson recebeu o Prêmio Nobel de Física."

Escreveu Sir James Jeans em O Universo Misterioso[231]: "Os rumos do conhecimento científico apontam para urna realidade não-mecânica; o Universo começa a parecer-se mais a um grande pensamento que a uma grande máquina." A ciência do século 20 soa, assim, como uma página dos vetustos Vedas.

Da ciência, pois, se este há de ser o caminho, aprenda o homem a verdade filosófica de que não existe universo material; sua textura e urdidura é máya, ilusão. Submetidas à análise, dissolvem-se todas as miragens da realidade. À medida que se derrubam, uma a uma, as escoras tranqüilizantes do mundo físico, o homem percebe obscuramente sua confiança idólatra, sua transgressão do Mandamento Divino: "Não terás outros deuses diante de Mim"[232].

Em sua famosa equação resumindo a equivalência de massa e energia, Einstein provou que a energia em qualquer partícula de matéria é igual à massa ou peso multiplicado pelo quadrado da velocidade da lua. Obtém-se a liberação das energias atômicas pelo aniquilamento das partículas materiais. A "morte" da matéria deu nascimento à Era Atômica.

A velocidade da luz é uma constante ou um padrão matemático, não porque haja um valor absoluto nos 300.000 quilômetros por segundo, mas porque nenhum corpo material, cuja massa aumente com sua velocidade, pode jamais alcançar a velocidade da luz. Em outras palavras: só um corpo material, cuja massa fosse infinita, poderia igualar a velocidade da luz.

Esta concepção nos leva à lei dos milagres.

Mestres capazes de materializar e desmaterializar seus corpos e outros objetos, de mover-se com a velocidade da luz, e de utilizar os raios da luz criadora para produzir instantaneamente qualquer manifestação física, preencheram a condição da lei de Einstein: sua massa é infinita.

A consciência de um iogue perfeito identifica-se sem esforço, não com um corpo limitado, mas com a estrutura universal. A gravitação, seja a "força" de Newton ou a "manifestação da inércia" de Einstein, é impotente para obrigar um mestre a exibir a propriedade do peso: condição gravitacional inerente a todos os objetos materiais. Quem tem consciência de ser Espírito Onipresente não mais está sujeito à solidez do corpo no espaço e no tempo. Seus "cordões de segurança", rompidos, cederam ao dissolvente "Eu sou Ele".

---

[230] Isto é, tanto de matéria quanto de energia.
[231] Cambridge Univ. Press.
[232] Êxodo, 20:3.

"Faça-se a luz! E a luz se fez"[233]. Na criação do universo, o primeiro mandamento de Deus deu nascimento à essência da estrutura: a luz. Nos fulgores deste instrumento imaterial, ocorrem todas as manifestações divinas. Devotos de todas as épocas dão testemunho da aparição de Deus como flama e luz. "Seus olhos eram como chama de fogo "e "... seu rosto era como o sol quando em sua força resplandece", nos diz S. João[234].

Em iogue que, através da meditação perfeita, fundiu sua consciência com o Criador, percebe que a essência do cosmo é a luz (vibrações de energia vital); para ele, nenhuma diferença há entre os raios de luz que compõem a água e os raios de luz que compõem a terra. Livre da consciência da matéria, livre das três dimensões do espaço e da quarta dimensão do tempo, um mestre desloca seu corpo de luz com igual facilidade sobre ou através dos raios de luz da terra, da água, do fogo e do ar.

"Se, pois, teu olho for único, teu corpo inteiro será luminoso[235]. Concentração prolongada no olho espiritual libertador capacita o iogue a destruir todas as ilusões relativas à matéria e ao peso gravitacional; ele vê o universo como o Senhor o criou: em essência, uma indiferenciada massa de luz.

"As imagens óticas - conta-nos o dr. L. T. Troland, da Universidade de Harvard - forma-se segundo o mesmo princípio das gravuras comuns a meio-tom (autotipía); isto é, constituem-se de minúsculos pontos, ou grânulos demasiado pequenos, para ser percebidos pelo olho. . . A sensibilidade da retina é tão grande que a sensação visual pode ser produzida por relativamente poucos quanta de luz adequada."

A lei dos milagres pode ser posta em execução por qualquer homem que tenha a experiência superconsciente de que a essência da criação é luz. Um mestre emprega seu divino conhecimento dos fenômenos da luz para projetar instantaneamente, no plano das manifestações perceptíveis, os ubíquos átomos de luz. A forma efetiva dessa projeção (seja o que for: uma árvore, um remédio, um corpo humano) é determinada pelo desejo, e pelo poder de vontade e de visualização, do iogue.

À noite, durante o fenômeno psíquico do sonho, o homem escapa das falsas limitações egoístas que constituem sua moldura diária. Ao dormir, ele tem uma demonstração sempre renovável da onipotência de sua mente. Eis que no sonho aparecem seus amigos mortos há longo tempo, os continentes mais remotos, a ressurreição de cenas de sua infância.

A consciência livre e incondicional, de que todos os homens têm breve experiência em determinados sonhos, é o estado mental permanente de um mestre sintonizado com Deus. Liberto de todos os motivos pessoais e empregando a vontade criadora que lhe foi conferida pelo Criador, um iogue recombina os átomos de luz do universo para satisfazer qualquer prece sincera de um devoto.

"E Deus disse: - Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; e que ele tenha domínio sobre os peixes do mar, e as aves do ar, e sobre os rebanhos, e sobre a terra, e sobre tudo o que rasteja na terra"[236].

Com este objetivo foram feitos o homem e a criação: para que ele se promovesse a mestre de máya e exercesse seu domínio sobre o COSMO.

Em 1915, pouco depois de meu ingresso na Ordem dos Swâmis, presenciei uma estranha visão. Por intermédio dela vim a compreender a relatividade da consciência humana e percebi claramente a unidade da Luz Eterna por trás das dolorosas dualidades de máya. A visão me ocorreu quando estava sentado, certa manhã, em meu quartinho no sótão, em casa de Papai, em Gurpar Road. A Primeira Guerra Mundial assolava a Europa, há meses; eu vinha refletindo, com tristeza, na vasta cobrança que a morte fazia.

Ao fechar os olhos em meditação, minha consciência transferiu-se subitamente para o corpo de um capitão no comando de um navio de guerra. O estrondo da artilharia explodia no ar, as baterias do litoral e os canhões da belonave trocavam tiros. Uma pesada bomba atingiu o depósito de pólvora e despedaçou violentamente o meu navio. Atirei-me à água, junto com alguns marujos que sobreviveram à explosão.

Com o coração pulsando aceleradamente, alcancei a praia, a salvo. Mas, ai! uma bala perdida terminou seu rápido vôo em meu peito, Gemendo, caí ao chão. Meu corpo inteiro paralisou-se; entretanto, eu tinha consciência de possuí-lo, como se tem de uma perna que adormeceu.

"Enfim, o misterioso passo da morte me alcançou"- pensei. Exalando o último suspiro, ia mergulhar na inconsciência quando -viva! - achei-me sentado em posição de lótus em meu quarto de Gurpar Road.

---

[233] Gênese, 1:3.
[234] Apocalipse, 1:14-16.
[235] Mateus, 6:22.
[236] Gênese, 1:26.

Lágrimas histéricas brotavam de meus olhos enquanto eu dava pancadinhas e beliscava, cheio de alegria, minha propriedade reconquistada: um corpo livre de orifício de bala no peito. Balancei-me de um lado para o outro, respirando deliberadamente, para assegurar-me de que estava vivo. Em meio destas autocongratulações, novamente senti que minha consciência se transferia para o corpo morto do capitão, na praia ensangüentada. Absoluta confusão mental apoderou-se de mim.

"Senhor - rezei - estou morto ou vivo?"

Um ofuscante jogo de luz encheu todo o horizonte. Uma vibração suavemente rumorejante modulou-se em palavras: - Que tem a vida ou a morte a ver com a luz? À imagem de Minha luz Eu te fiz. As relatividades da vida e da morte pertencem ao sonho cósmico. Contempla teu ser, sem sonhos! Desperta, Meu filho, desperta!

O Senhor inspira os cientistas a descobrirem, na época e no lugar oportunos, como etapas no despertar do homem, os segredos de Sua criação. Muitos descobrimentos modernos ajudam a homem a compreender o cosmo como expressão múltipla de um único poder: a luz, guiada pela inteligência divina. As maravilhas do cinema, do rádio, dá televisão, do radar, da célula fotoelétrica - o extraordinário "olho elétrico"- as prodigiosas energias atômicas, tudo é baseado nos fenômenos eletromagnéticos da luz.

A arte cinematográfica pode retratar qualquer milagre. Do ponto de vista das impressões visuais, suas trucagens permitem todos os prodígios. Um homem pode ser visto como um transparente corpo astral desprendendo-se de sua grosseira forma física; pode caminhar sobre a água, ressuscitar os mortos, inverter a seqüência natural no desdobramento dos fenômenos, e brincar de anular o tempo e o espaço. Um perito pode juntar os fotogramas a seu bel-prazer, obtendo maravilhas áticas semelhantes àquelas que um verdadeiro mestre produz com autênticos raios de luz.

Os filmes de cinema, com suas imagens animadas, ilustram muitas verdades concernentes à criação. O Diretor Cósmico escreveu os argumentos de suas próprias películas e convocou enormes elencos para os cenários dos séculos. Da cabina escura da eternidade, Ele envia Seus raios de luz através de fitas de eras sucessivas e as cenas se projetam na tela do espaço.

Exatamente como as imagens cinematográficas parecem reais mas são apenas combinações de luz e sombra, assim também a variedade universal é uma aparência ilusória. Os planetas, com suas incontáveis formas de vida, nada mais são que imagens num filme cósmico. Temporariamente verdadeiras aos cinco sentidos do homem, as cenas transitórias são projetadas na tela da consciência humana pelo infinito raio criador.

Olhando para cima, numa sala de projeção, os espectadores podem observar que todas as imagens surgidas na tela derivam de um raio de luz sem imagens. Do mesmo modo, a branca e única luz da Fonte Cósmica emite o colorido drama universal, Com engenhosidade inconcebível, Deus procede à montagem de "superespetáculos" para diversão de Seus filhos, fazendo-os simultaneamente atores e espectadores de Seu cinema cósmico.

Certo dia, entrei num cinema para ver um documentário dos campos de batalha europeus. A Primeira Guerra Mundial ainda se travava no Ocidente; o jornal cinematográfico apresentava a carnificina com tanto realismo que deixei o cinema com o coração consternado.

"Senhor - rezei - por que Tu permites tal sofrimento?"

Com enorme surpresa, recebi Sua resposta instantânea, sob a forma de uma visão dos campos de batalha, os verdadeiros, da Europa. As cenas, repletas de mortos e agonizantes, ultrapassavam em crueldade qualquer representação do cine-jornal.

- Preste atenção ! - Uma voz suave dirigia-se à minha consciência interiorizada. - Você verá que estas cenas, agora ocorrendo na França, não são mais que fotogramas em branco e preto. Elas constituem o filme cósmico, tão real e tão irreal como o documentário que você acabou de ver - um filme dentro de outro filme.

Meu coração ainda não estava consolado. A Voz Divina continuou:

A criação é, ao mesmo tempo, luz e sombra; do contrário, nenhum filme seria possível. O bem e o mal de máya devem se alternar sempre. Se a alegria fosse ininterrupta aqui neste mundo, o homem viria a desejar um outro? Sem o sofrimento, ele dificilmente trata de recordar que abandonou seu lar eterno. A dor é um aguilhão da reminiscência. A via de escape implica sabedoria. A tragédia da morte é irreal; os que tremem diante dela assemelham-se a um ator ignorante que morre de medo no palco quando é disparado contra ele um cartucho de pôlvora seca. Minhas criaturas são filhos da luz; não dormirão para sempre na ilusão.

Embora eu tivesse lido descrições de máya nas Escrituras, não me deram a profunda percepção interna que obtive com as visões pessoais e com aquelas palavras simultâneas de consolo. Os valores de um indivíduo se modificam radicalmente quando ele afinal se convence de que a criação é apenas um vasto cinema; e que a própria realidade da criação reside, não nela, mas além dela.

Quando terminei de escrever este capítulo, sentei-me, em posição de lótus, sobre minha cama. Dois quebra-luzes iluminavam tenuemente o quarto[237]. Erguendo meu olhar, percebi que o teto estava pontilhado de luzinhas cor de mostarda, cintilantes e trêmulas como centelhas radioativas. Miríades de raios, como : riscos de lápis ou linhas de chuva, reuniam-se num feixe transparente e jorravam em silêncio sobre mim.

Imediatamente, meu corpo físico perdeu sua densidade e metamorfoseou-se em textura astral. Tive a sensação de flutuar, enquanto o corpo, sem peso, mal tocando o leito, movia-se ligeiramente, ora para a esquerda, ora para a direita. Olhei ao redor do quarto; móveis e paredes permaneciam os mesmos, mas a pequena massa de luz multiplicara-se tanto que o teto era invisível. Eu estava maravilhado.

- Este é o mecanismo do cinema cósmico. - Uma Voz falou como se viesse do interior da luz. - Projetando um feixe de raios na tela branca dos lençóis de sua cama, ele está produzindo o filme de seu corpo, Observe, esse corpo nada mais é que luz!

Olhei para meus braços, movi-os para trás e para diante e, todavia, não conseguir sentir-lhes o peso. Uma alegria extática me inundou. O talo cósmico de luz, florescendo como corpo meu, parecia uma divina reprodução dos raios luminosos que saem da cabina de projeção de um cinema e manifestam-se na tela como imagens.

Durante longo tempo assisti a este filme de meu corpo no cinema debilmente iluminado de meu próprio quarto. Embora eu tivesse tido muitas visões, nenhuma, até aquele instante, fora tão singular. A ilusão quanto à solidez de meu corpo se desfizera por completo e mais se aprofundava minha experiência de que a* essência de todos os objetos é luz; ergui os olhos para o fluxo palpitante de vitátrons e supliquei:

- Luz Divina, por favor, reabsorve esta humilde imagem corporal em Ti Mesma, à semelhança de Elias que subiu ao céu num carro de fogo[238].

Evidentemente esta prece causou alarme, pois o feixe de raios desapareceu. Meu corpo readquiriu seu peso normal e afundou na cama; o enxame de luzes ofuscantes bruxuleou e sumiu. Minha hora de abandonar este mundo ainda não chegara.

- Além disso - pensei filosoficamente - Elias bem poderia ter se desgostado com a minha presunção!

---

[237] No eremitério de Self-Reafization Fellowship, em Encinitas, Califórnia. (Nota de SRF)

[238] 11 Reis, 2:11.

Considera-se, geralmente, milagre um efeito ou um acontecimento sem lei ou acima da lei. Mas em nosso universo, sujeito a rigorosa regulagem, todos os acontecimentos ocorrem segundo leis e são explicáveis por leis. Os poderes, assim chamados milagrosos, de um grande mestre são o acompanhamento natural de sua exata compreensão das leis sutis que operam no cosmo interior da consciência.

Nada se pode denominar verdadeiramente "milagre", exceto no sentido profundo de que tudo é milagre. Que cada um de nós esteja encerrado num corpo de intrincada organização, e estabelecido num planeta girando através do espaço, entre as estrelas - existe maior lugar comum? ou algo mais milagroso?

Grandes profetas como Cristo e Láhiri Mahásaya costumam fazer muitos milagres. Mestres desse porte possuem uma enorme e difícil missão junto à humanidade; ajudar miraculosamente os que estão em desespero parece ser uma parte de sua missão. "Fiats" divinos fazem-se necessários para as doenças incuráveis e os problemas humanos insolúveis. Quando um nobre pediu a Cristo a cura de seu filho agonizante em Cafarmaum, Jesus respondeu com humor contrafeito: "Vós, se não virdes sinais e maravilhas, não acreditareis." Mas acrescentou: "Vai, teu filho vive" (**João, 4:46-54).**

Dei, neste capítulo, a explicação védica de **máya,** o mágico poder de ilusão subjacente aos mundos dos fenômenos. A ciência ocidental já descobriu que a "matéria" atômica se coloca num plano de irrealidade "mágica". Não só a natureza, mas também o homem (em seu aspecto mortal) está sujeito a máya, o princípio de relatividade, contraste, dualidade, inversão, estados contrários. Não se imagine que a verdade sobre máya só foi compreendida pelos **ríshis.** Os profetas do Velho Testamento referiam-se a **máya** quando falavam de Satã (literalmente, em hebraico, "o adversário"). No Testamento grego, **diabolus** ou demônio eqüivale a Satã. Máya ou Satã é o Mágico do Cosmo, que produz a multiplicidade de formas para esconder a Única Verdade sem Forma. No plano e jogo (fila) de Deus, a única função de Satã ou Máya é tentar o desvio do homem, do Espírito para a matéria, da Realidade para a irrealidade.

Cristo descreve máya pitorescamente, como um demônio, um assassino e um mentiroso. "0 demônio ... foi um homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade. Quando mente, fala do que lhe é próprio, porque é um mentiroso e o pai da mentira." (**João,** 8:44).

"0 diabo peca desde o princípio. 0 Filho de Deus manifestou-se com este propósito: destruir as obras do diabo." (**1 João,** 3:8). Isto é, a manifestação da Consciência Crística, dentro do próprio ser do homem, destrói sem esforço as ilusões ou "obras do diabo".

Capítulo 31 - Uma entrevista com a Mãe Sagrada

Reverenda Mãe, fui batizado na infância por seu esposo-profeta. Ele foi o guru. de meus pais e de meu próprio guru Sri Yuktéswarji. Pode conceder-me, por isso, o privilégio de ouvir alguns episódios de sua vida sagrada?

Dirigia-me a Srímati Káshi Moni, companheira de Láhiri Mahásaya. Encontrando-me em Benares por um curto período, realizava um antigo desejo, o de visitar a veneranda senhora.

Ela me recebeu encantadoramente na casa dos Láhiris, no distrito de Garudéswar Mohulla, em Benares. Apesar de idosa, florescia como um lótus ' emanando uma espiritual fragrância. Era de estatura média, pele clara, pescoço delgado e grandes olhos brilhantes.

- Benvindo seja, filho. Suba comigo.

Káshi Moni precedeu-me, até o pequenino quarto onde, por algum tempo, vivera com seu esposo. Senti-me honrado ao conhecer o santuário onde o incomparável mestre condescendera em representar o drama do matrimônio. A nobre senhora me indicou uma almofada a seu lado.

- Muitos anos decorreram antes que eu percebesse a estatura divina de meu esposo - começou ela. - Certa noite, exatamente neste quarto, tive um vívido sonho. Anjos gloriosos flutuavam como graça inimaginável acima de mim. Tão realista era a visão que despertei naquele instante; estranhamente, o quarto estava envolto em luz deslumbrante. Meu marido, na posição de lótus, levitava-se no centro do quarto, circundado por anjos. Em atitude de dignidade suplicante, com as palmas unidas, eles o adoravam.

"Desmedidamente surpresa, acreditei ainda estar sonhando.

"- Mulher - disse Láhiri Mahásaya - você não está sonhando. Renuncie a seu eterno sono. - Enquanto ele descia lentamente para o chão, eu me prostrava a seus pés,

"- Mestre - exclamei - curvo-me à sua frente, repetidas vezes! Pode perdoar-me tê-lo considerado meu esposo? Morro de vergonha ao compreender que permaneci adormecida em minha ignorância, ao lado de quem está divinamente desperto. Desta noite em diante, já não o considero meu esposo e, sim, meu guru. Aceita minha insignificante pessoa como sua discípula?[239]

"O mestre tocou-me com delicadeza. - Alma sagrada, levante-se. Está aceita. - Ele apontou para os anjos: - Reverencie, por favor, cada um destes grandes santos.

"Quando terminei minhas humildes genuflexões, as vozes angélicas soaram em uníssono, semelhantes ao coro de uma antiga escritura.

. "- Consorte da Divindade única, bendita és tu. Recebe a nossa saudação. - Eles se curvaram a meus pés e suas formas refulgentes, oh, desvaneceram-se. O quarto escureceu.

"Meu guru me perguntou se eu queria receber a iniciação em Kriya Yoga.

"- Certamente - respondi. - Lamento não ter recebido essa bênção mais cedo em minha vida.

"- Você não estava amadurecida. - Láhiri Mabásaya sorriu consoladoramente. - Ajudei-a, em silêncio, a esgotar muito de seu carma. Agora você tem vontade e está preparada.

"Ele me tocou a testa. Vertiginosas massas de luz apareceram; gradualmente a radiação se transformou no olho espiritual, azul opalino, circundado por um anel cor de ouro, e tendo ao centro uma estrela branca pentagonal.

"- Introduza sua consciência, através da estrela, no reino do Infinito. - A voz de meu guru. vibrava com timbre novo, com suavidade de música longínqua.

"Uma após outra, as visões se desfaziam como espumas oceânicas nas praias de minha alma. Por fim, as esferas panorâmicas fundiram-se num mar de beatitude. Perdi-me em bem-aventurança sempre renovada. Quando, horas depois, regressei à consciência deste mundo, o mestre ensinou-me a técnica de Kriya Yoga.

Máya existe ("desde o princípio", como Jesus e João assinalaram) porque é inerente, como estrutura, aos mundos dos fenômenos. Estes se encontram em fluxo transitório, sempre, como antítese à Imutabilidade Divina.

[239] "Ele, só para Deus; ela, para Deus liele."- Milton.

“Daquela noite em diante, Láhiri Mahásaya nunca mais dormiu em meu quarto. Permaneceu na sala da frente, no andar térreo, em companhia de seus discípulos, tanto de dia quanto de noite, sem jamais voltar a dormir.”

A ilustre senhora silenciou. Compreendendo a singularidade de sua relação com o sublime iogue, aventurei-me, finalmente, a pedir-lhe outras reminiscências.

“- Filho, você é insaciável. Todavia, vou lhe contar mais uma história. - Ela sorriu, timidamente. - Confessarei um pecado cometido contra meu guru-esposo. Alguns meses depois de minha iniciação, comecei a me sentir abandonada e esquecida. Certa manhã, Láhiri Mahásaya entrou neste quarto para buscar um objeto; rapidamente, eu o segui. Dominada pela ilusão, dirigi-lhe críticas severas: - Você gasta o tempo inteiro com seus discípulos. E que faz de sua responsabilidade para com mulher e filhos? Lamento que não se interesse em dar mais dinheiro à sua família,

“O mestre olhou-me por um momento e então - de súbito! -desapareceu. Surpresa e amedrontada, Ouvi uma voz ressoar, vinda de todos os cantos do quarto: - Não vê que tudo é nada? Como poderia um nada como eu produzir riquezas para você?

“- Gurují - exclamei - imploro mil vezes perdão! Meus olhos pecadores já não o podem ver; por favor, apareça em sua forma sagrada.

“- Estou aqui. - Esta resposta veio do espaço acima de mim. Olhei para o alto e vi o mestre materializar-se no ar, sua cabeça tocando o forro. Seus olhos assemelhavam-se a chamas ofuscantes. Fora de mim, aterrorizada, arrojei-me soluçante a seus pés depois que ele, sem ruído, desceu ao chão.

“- Mulher - disse-me - procure a riqueza divina, não o vil ouropel da Terra. Após adquirir o tesouro interior, você descobrirá que as provisões exteriores sempre aparecerão. - Acrescentou ele: Um de seus filhos espirituais cuidará de garanti-las para você.

“As palavras de meu guru naturalmente se cumpriram; um discípulo deixou, de fato, uma soma considerável para nossa família.”

Agradeci a Káshi Moni por haver partilhado comigo suas extraordinárias experiências[240]. No dia seguinte, voltei à sua casa e desfrutei várias horas de discussão filosófica com Tíncouri e Ducouri Láhiri. Estes dois santos filhos do grande iogue hindu seguiram-lhe de perto as pisadas ideais. Ambos eram altos, corpulentos, de pele clara, espessa barba, vozes suaves e um encanto de maneiras que parecia vir de tempos antigos.

Não foi sua mulher a única discípula de Láhiri Mabásaya; houve centenas de outras, inclusive minha mãe. Uma chela pediu uma fotografia, certa vez, ao guru. Entregando-lhe uma, ele comentou: - Se você a considerar uma proteção, assim há de ser; do contrário, será apenas um retrato. - Aconteceu que, alguns dias mais tarde, esta mulher e a nora de Láhiri Mabásaya estudavam o Bhágavad Gíta sobre uma mesa, acima da qual estava pendurada a fotografia do guru, quando uma tempestade elétrica se desencadeou com grande violência.

- Lábiri Mahásaya, protege-nos! - A mulher curvou-se diante da fotografia. O relâmpago caiu sobre o livro na mesa, mas as duas devotas ficaram ilesas.

- Senti, como se um lençol de gelo fosse enrolado em mim, para isolar-me do calor ardente - relatou a **chela**.

Lábiri Mahásaya realizou dois milagres para atender a uma discípula sua, Abhoya. Esta e o marido, um advogado de Calcutá, decidiram partir para Benares, certo dia, a fim de visitar o guru. A carruagem foi retardada pelo tráfego intenso; eles chegaram à estação principal de Howrah, em Calcutá, apenas para ouvir o apito de partida do trem para Benares.

Abhoya, perto do guichê de passagens, permanecia quieta,

“Láhiri Mahásaya, suplico-lhe, faça que o trem pare! - rezava ela, silenciosamente. - Não posso suportar o tormento da demora, a espera de mais um dia aqui, sem o ver! “

As rodas do trem resfolegante continuavam a girar e girar, sem que houvesse progresso sobre os trilhos. O maquinista e os passageiros desceram à plataforma para observar o fenômeno. Um guarda-linha, de nacionalidade inglesa, aproximou-se de Abhoya e de seu marido. Contrariando todos os precedentes, o guarda ofereceu seus serviços.

---

[240] A venerancla mãe faleceu em 1930 em Benares.

Babú - disse ele - dê-me o dinheiro. Comprarei suas passagens enquanto sobem. ao trem.

Assim que o casal se sentou e recebeu as passagens, o trem lentamènte se pôs em marcha. Em pânico, o maquinista e os passageiros embarcaram, de volta a seus lugares, sem saberem por que o trem se detivera antes, e como se pusera a caminho.

Chegando à casa de Láhiri Mahásaya, em Benares, Abhoya prostrou-se ante o mestre, silenciosamente, e tentou tocar-lhe os pés.

- Comporte-se, Abhoya - comentou ele. - Quanto você gosta de me aborrecer! Como se não pudesse vir aqui pelo trem seguinte!

Abhoya visitou Lábiri Mahásaya em outra ocasião memorável. Desta vez, ela queria a intercessão do guru, não para a viagem de trem, mas para a viagem da cegonha.

- Suplico sua bênção para que viva o meu nono filho - disse ela. - Oito crianças nasceram de mim; todas morreram logo após o nascimento.

O mestre sorriu, compadecido. - A criança que você espera viverá. Siga minhas instruções cuidadosamente. O bebê, uma menina, nascerá à noite. Vigie para que a lamparina se conserve queimando até a madrugada. Não adormeça, evite que a luz se extinga.

O bebê de Abhoya foi uma menina, nascida à noite, exatamente como o onisciente guru previra. A mãe instruiu a enfermeira para que conservasse a lamparina cheia de azeite. As duas mulheres mantiveram a indispensável vigília até as primeiras horas da madrugada, mas afinal adormeceram. A lamparina quase se esgotou; a chama bruxuleava debilmente. A porta do quarto se destrancou e se abriu com estrépito. As mulheres acordaram, assustadas. Seus olhos assombrados contemplaram a forma de Láhiri Mahásaya.

- Abhoya, veja, a luz quase se apaga! - Ele apontou para a lamparina, que a enfermeira se apressou a encher de azeite. Assim que a chama brilhou vivamente outra vez, o mestre desapareceu. A porta fechou-se; o ferrolho prendeu-a sem ajuda visível.

A nona filha de Abhoya sobreviveu; em 1935, quando inquiri acerca dela, soube que ainda vivia.

Um dos discípulos de Láhiri Mabásaya, o venerável Kali Kumar Roy, relatou-me muitos detalhes fascinantes de sua vida com o mestre.

- Fui hóspede freqüente de seu lar em Benares, às vezes durante semanas - disse-me Roy. - Observei que muitos santos, dandí swâmis[241] chegavam na quietude da noite para sentar aos pés do guru. Costumavam empenhar-se em discussões sobre temas de meditação e de filosofia. Despontando a aurora, os augustos visitantes partiam. Durante minhas visitas descobri que Láhiri Mahásaya nem uma vez se deitou para dormir.

"No começo de minha associação com o mestre, tive de enfrentar a oposição de meu empregador - continuou Roy, - Era um homem saturado de materialismo.

"- Não quero fanáticos religiosos entre meu pessoal - costumava dizer com desprezo. - Se, um dia, encontrar o charlatão que é seu guru, dir-lhe-ei umas verdades que ele não esquecerá.

"Esta ameaça não foi capaz de interromper meu programa regular; eu passava quase todas as noites junto a meu guru. Certa noite, meu patrão me seguiu e irrompeu bruscamente na sala. Sem dúvida, tinha a intenção de fazer os prometidos comentários. Mas assim que o homem se sentou, Láhiri Mahásaya dirigiu-se ao grupo de aproximadamente doze discípulos:

"- Gostariam de ver um filme?

"Quando acenamos afirmativamente, ele nos pediu que escurecêssemos a sala. - Sentem um atrás do outro, em círculo - disse ele - e coloquem as mãos sobre os olhos do homem à sua frente.

"Não me surpreendi ao observar que meu patrão também estava seguindo as instruções do mestre, embora a contragosto. Dentro de poucos minutos, Láhiri Mahásaya nos perguntou o que estávamos vendo,

"- Senhor - repliquei - vejo uma formosa mulher. Usa um sarí com barra vermelha e permanece de pé junto a uma planta chamada 'orelhas de elefante'. - Todos os outros discípulos fizeram a mesma descrição. O mestre voltou-se para meu chefe: - Você reconhece essa mulher?

---

[241] Membros de certa Ordem de monges que carregam ritualmente um **danda** (bastão de bambu) como símbolo de **Brahma-danda** (bastão de Brahma) que é, no homem, a coluna vertebral. 0 despertar dos sete centros cerebrospinais constitui a verdadeira senda para o Infinito.

"- Sim. - O homem lutava evidentemente com emoções novas para sua natureza. - Tenho sido um tolo, gastando dinheiro com ela, quando possuo uma boa esposa. Envergonho-me dos motivos que me trouxeram aqui. Pode perdoar-me e receber-me como seu discípulo?

"- Se levar uma vida moral durante seis meses, eu o aceitarei.

O mestre acrescentou: - Do contrário, não precisarei dar-lhe a iniciação.

"Durante três meses, meu chefe resistiu à tentação; a seguir, reatou sua antiga ligação com a mulher. Dois meses depois, morreu. Deste modo, vim a compreender a velada profecia de meu guru, sobre a improbabilidade de dar a iniciação àquele homem."

Láhiri Mahásaya tinha um amigo famoso, Swâmi Trailanga, a quem se atribuíam mais de trezentos anos de idade. Os dois iogues freqüentemente se sentavam juntos para meditar. A fama de Trailanga tão amplamente se difundiu que poucos indianos negariam autenticidade a qualquer relato de seus espantosos milagres. Se Cristo retornasse à terra e caminhasse pelas ruas de Nova York, exibindo seus poderes divinos, causaria entre o povo o mesmo medo reverente que Trailanga provocava, há décadas atrás, ao passar entre a multidão nas ruas de Benares. Ele foi um dos síddhas (seres que se fizeram perfeitos), os quais deram à índia alicerces de cimento contra as erosões do tempo.

Em muitas ocasiões viu-se o swâmi beber, sem efeitos nocivos, os venenos mais mortíferos. Milhares de pessoas, inclusive algumas que ainda vivem, puderam ver Traílanga flutuar no Ganges. Durante dias seguidos, ele costumava sentar-se em cima da água; ou, durante períodos muito longos, escondia-se sob as ondas. Um espetáculo comum no Ghat Maníkarnika era o corpo imóvel do swâmi sobre as lajes abrasadoras, inteiramente exposto ao sol impiedoso da índia.

Através destes feitos, Traílanga procurou ensinar a todos que a vida humana não depende de oxigênio nem de certas condições e precauções. Estivesse o corpo do grande mestre acima ou abaixo da água, desafiasse ou não seu corpo os inclementes raios solares, ele provava que vivia da consciência divina: a Morte não o podia tocar.

Este iogue não foi grande apenas espiritualmente; possuía também um físico avantajado. Seu peso ultrapassava as trezentas libras[242]: uma libra para cada ano de sua vida! Como raramente ele comia, o mistério aumentava. Um mestre, contudo, facilmente ignora todas as regras comuns de saúde, quando assim deseja proceder por alguma razão especial, muitas vezes só dele conhecida.

Grandes santos, que despertaram do sonho cósmico de máya e chegaram à realização de que este mundo é uma idéia na Mente Divina, podem fazer o que bem entenderem com o corpo, pois sabem que não passa de uma forma manipulável de energia condensada. Embora, hoje, os cientistas compreendam que a matéria nada mais é que energia congelada, há muito tempo os mestres iluminados passaram vitoriosamente da teoria à prática, no campo do domínio sobre a matéria.

Trailanga permanecia sempre completamente nu. A polícia de Benares, atormentada, passou a considerá-lo uma desconcertante criança-problema. O swâmi, natural como o primitivo Adão no jardim do Éden, era inconsciente de sua nudez. A polícia, ao contrário, tinha plena consciência daquela nudez; e o trancava na prisão, sem cerimônia. Seguia-se um enleio geral; o enorme corpo de Trailanga era logo visto, em toda sua ausência habitual de vestuário, sobre o telhado da cadeia. Sua cela, ainda seguramente trancada, nenhuma chave oferecia ao enigma de sua evasão.

Agentes da lei, desanimados, cumpriam novamente seu dever. Desta vez, colocavam um guarda em frente à cela do swâtni. De novo, a Força curvava-se ante o Direito: logo se podia avistar o grande mestre em seu despreocupado passeio sobre o telhado.

A Deusa da Justiça usa uma venda nos olhos; a polícia burlada decidiu seguir-lhe o exemplo, no caso de Trailanga.

O grande iogue tinha por hábito manter silêncio[243]. A despeito de um rosto gorducho e de um estômago do tamanho de um barril, Trailanga comia apenas ocasionalmente. Após semanas sem se alimentar, ele quebrava o jejum com caldeirões de leite coalhado que os devotos lhe ofereciam. Um céptico decidiu, certa vez, provar que Trailanga era um charlatão. Colocou, em frente ao swâmi, um grande balde com uma mistura de óxido de cálcio, usada para branquear paredes.

---

[242] Equivalentes a 136 quilos.

[243] Ele era um múni, um monge que observa **mauna,** silêncio espiritual. A palavra sânscrita múni tem parentesco com a **grega monos,** "sozinho, único", da qual derivam as palavras inglesas monk (monge) e **monism (monismo).**

- Mestre - disse o materialista, com uma reverência de caçoada - eu lhe trouxe um pouco de leite coalhado. Beba-o, por favor,

Sem hesitar, Trailanga sorveu, até a última gota, os litros de cal ardente. Em poucos minutos, o malfeitor caía ao solo, em agonia.

- Salve-me, swâmi, salve-me! - gritava ele. - Estou em fogo! Perdoe-me pela maldade com que o submeti à prova!

O grande iogue quebrou seu silêncio habitual. - Você zombava disse ele - e, ao me oferecer veneno, não tinha consciência de que minha vida é una com a sua. Se não fosse o meu conhecimento de que Deus está em meu estômago, assim como está em cada átomo da criação, a cal me teria matado. Agora que você conhece o significado divino do bumerangue, nunca mais use de trapaça com os outros.

Débil ainda, o pecador curado pelas palavras de Trailanga retirou-se furtivamente.

A reversão da dor não resultou da vontade do mestre e, sim, da operação de uma lei de justiça[244] que sustém até o mais longínquo corpo celeste em rotação no cosmo. Esta lei divina funciona instantaneamente para homens que alcançaram a realização de Deus, como Trailanga; eles aboliram para sempre todas as obstinadas contracorrentes do ego.

A fé nos ajustes automáticos da justiça (geralmente pagos em moeda inesperada, como no caso de Trailanga e de seu pretenso assassino) abranda nossa precipitada indignação contra a injustiça humana. “A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor”[245]. Que necessidade há dos míseros recursos do homem? O universo trama a retribuição, pontualmente.

As mentes obtusas não acreditam na possibilidade da justiça divina, do amor, da onisciência, da imortalidade. “Ridículas superstições das Escrituras! “Homens com esta insensibilidade, irreverentes ante o espetáculo cósmico, provocam em suas vidas uma discordante sucessão de acontecimentos que por fim os compelirá a buscar a sabedoria.

Referiu-se Jesus à onipotência da lei espiritual, por ocasião de sua entrada triunfal em Jerusalém. Enquanto os discípulos e a multidão clamavam de alegria e proclamavam: “Paz nos céus e glória nas alturas”, certos fariseus queixavam-se do indigno espetáculo: - Mestre protestaram eles - repreende os teus discípulos.

Jesus, porém, respondeu que, se os discípulos fossem emudecidos, “as pedras imediatamente clamariam”[246].

Nesta reprimenda aos fariseus, Cristo salientava que a justiça divina não é uma abstração figurativa e que o homem de paz, embora a língua lhe seja arrancada, ainda encontrará seu verbo e sua defesa nas pedras fundamentais da criação, nas próprias leis do universo.

“Pensais - dizia Jesus - silenciar os homens de paz? Pois esperais sufocar a voz de Deus, cuja glória e onipresença até as pedras cantam. Exigis que os homens não celebrem juntos sua ação de graças pela paz nos céus? Aconselhais que se reunam em multidões e expressem sua unidade somente em ocasiões de guerra sobre a superfície terrestre? Então, preparai-vos, 6 fariseus, para subverter os alicerces do mundo; pois os homens serenos, assim como as pedras e a argila, e a água e o fogo e o ar se levantarão contra vós, para dar testemunho da harmonia divina que, existe na criação.”

Trailangà, iogue semelhante a Cristo, concedeu, uma vez, a meu sajo mama (tio materno) uma graça espiritual. Certa manhã, meu tio deparou com o mestre em meio a uma multidão de devotos no ghat de Benares. Deu um jeito de cortar caminho e aproximar-se de Trailanga, a fim de tocar humildemente os pés do iogue. E ficou assombrado ao se ver instantaneamente livre de uma dolorosa enfermidade crônica[247].

---

[244] Comparar com 11 Reis, 2:19-24. Depois de Elisha ter realizado o milagre de “curar as águas”em jericó, um grupo de crianças o ridicularizou. “Então saíram do bosque duas ursas e despedaçaram quarenta e duas crianças.”

[245] Romanos, 12:19.

[246] Lucas, 19:37-40.

[247] As vidas de Trailanga e de outros grandes mestres nos recordam as palavras de Jesus: “E estes sinais acompanharão os que acreditarem: em meu nome (a Consciência Crística) eles expulsarão os demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e se beberem algo mortífero, não lhes fará dano algum; porão as mãos sobre os enfermos e estes ficarão curados” (Marcos, 16:17-18).

É mulher o único discípulo ainda vivo do grande iogue: Shânkari Mai Jiew. Filha de um dos discípulos de Trailanga, foi treinada pelo Swâmi, desde a primeira infância. Viveu durante quarenta anos numa série de cavernas solitárias no Himalaia, perto de Badrinath, Kedarnath, Amarnath e Pasupatinath, A bramachárini (asceta do sexo feminino), nascida em 1826, já ultrapassou bastante o seu próprio centenário. Entretanto, não aparenta velhice, conservando o cabelo negro, dentes brilhantes e uma energia admirável. Sai de sua reclusão periodicamente, para comparecer às melas ou concentrações religiosas.

Esta santa mulher visitava Láhiri Mahásaya, com freqüência; contou que, um dia, na zona de Barackpur, perto de Calcutá, enquanto estava sentada ao lado de Láhiri Mahásaya, o grande guru Bábají penetrou sem ruído na sala e conversou com ambos. - O mestre imortal usava uma tanga molhada - recorda ela - como se tivesse acabado de dar um mergulho no rio. Ele me abençoou com alguns conselhos espirituais.

Trailanga, em certa ocasião, em Benares, abandonou o silêncio costumeiro a fim de render pública homenagem a Láhiri Mahásaya. Um dos discípulos de Trailanga objetou:

- Por que um swâmi e um homem, como o senhor, mostra tanto respeito a um chefe de família?

- Meu filho - replicou Trailanga - Láhiri Mahásaya é como um gatinho divino que permanece onde quer que a Mãe Cósmica o coloque. Enquanto representa o papel e cumpre os deveres de um homem do mundo, ele atingiu aquela realização de Deus que eu busquei pela renúncia de tudo - até de minha tanga!

Capítulo 32 - Rama é ressuscitado

"Achava-se então, enfermo, um homem chamado Lázaro... Ouvindo isto, Jesus disse: - Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela"[248].

Sri Yuktéswar explicava as Escrituras cristãs, em certa manhã de sol, no terraço de seu eremitério de Serampore. Além de outros discípulos do Mestre, eu estava presente com um pequeno grupo de estudantes de Ranchí.

- Nesta passagem, Jesus chama-se a si mesmo o Filho de Deus. Embora ele estivesse verdadeiramente unido a Deus, esta afirmação sua tem profundo significado impessoal - explicou meu guru. O Filho de Deus é o Cristo ou Consciência Divina no homem. Nenhum mortal pode glorificar Deus. A única homenagem que o homem pode prestar a seu Criador é a de buscá-lo; o homem não pode glorificar uma Abstração que ele desconhece. A "glória" ou balo em torno da cabeça dos santos é um testemunho simbólico de sua capacidade de render homenagem a Deus.

Sri Yuktéswar continuou a ler a maravilhosa história da ressurreição de Lázaro. Ao concluir, o Mestre guardou longo silêncio, com o livro sagrado aberto sobre os joelhos.

- Também tive o privilégio de assistir a milagre idêntico. - Meu guru falou finalmente com solene unção. Láhiri Mahásaya ressuscitou dentre os mortos um de meus amigos.

Os pequenos estudantes a meu lado sorriram com agudo interesse. Em mim existia bastante meninice também, para apreciar não apenas a filosofia, mas, em particular, as prodigiosas experiências de Sri Yuktéswar com seu guru.

- Meu amigo Rama e eu éramos inseparáveis - começou o Mestre. - Sendo ele tímido e recluso, preferia visitar nosso guru, Lábiri Mahásaya, entre a meia-noite e a madrugada, quando se achava ausente a multidão de discípulos diurnos. Como eu fosse seu mais íntimo amigo, fazia-me confidência sobre muitas de suas mais profundas experiências espirituais. Eu encontrava inspiração em sua companhia ideal. - A face de meu guru suavizou-se com recordações.

- Rama foi repentinamente submetido a uma prova severa -continuou Sri Yuktéswar. - Ele contraiu o cólera asiático. Como nosso mestre nunca pusesse objeções aos serviços dos médicos em momentos de doença grave, dois especialistas foram chamados. Em meio à frenética afobação para atender ao enfermo, eu rezava fervorosamente a Láhiri Mahásaya, implorando ajuda. Corri à casa de Láhiri Mabásaya e, soluçando, contei-lhe a história.

"- Os doutores estão cuidando de Rama. Logo ele estará bom. Meu guru sorriu jovialmente.

"Regressei de coração leve para junto do leito de meu amigo, apenas para encontrá-lo moribundo.

"- Ele não pode durar mais de duas horas - disse-me um dos médicos com um gesto de desespero. Mais uma vez me apressei a ir ver Láhiri Mahásaya.

Os doutores são homens conscienciosos. Estou certo de que Rama ficará bom. - Alegremente, o mestre me despediu.

"Em casa de Rama descobri que os dois médicos haviam partido. Um deles me deixara um bilhete: "Fizemos tudo que foi possível, mas não há esperança para este caso."

"Meu amigo era, de fato, a imagem de um agonizante. Eu não admitia que as palavras de Láhiri Mahásaya pudessem falhar e, contudo, a vista de Rama, de sua vida a escoar rapidamente como maré vazante, continuava sugerindo à minha mente: '- Agora tudo se acabou.' Debatendo-me, assim, entre ondas alternativas de crença e descrença, continuei a atender meu amigo, fazendo por ele o que melhor podia. Rama ergueu-se para gritar:

Yuktéswar, corra ao mestre e diga-lhe que parti. Peça-lhe que abençoe meu corpo antes da cerimônia fúnebre. - Com estas palavras e um suspiro profundo, Rama entregou sua alma[249].

"Chorei durante uma hora, ao lado de sua cama. Ele, que sempre fora um amante da quietude, atingira então a imobilidade absoluta da morte. Outro discípulo entrou; pedi-lhe que ficasse na casa até o meu regresso. Semi-ofuscado, entorpecido, caminhei penosamente até meu guru.

---

[248] João, 11:1-4.
[249] A vítima do cólera permanece, muitas vezes, consciente e racional até o momento da morte.

Como está Rama agora? - O rosto de Láhiri Mahásaya sorria em meio a uma auréola.

"- Senhor, em breve verá como ele se acha - falei sem pensar, emocionado. - Em poucas horas verá seu corpo, antes de ser carregado à área de cremação. - Minha voz falhou e rompi em soluços, abertamente.

"- Yuktéswar, controle-se. Sente-se, acalme-se e medite. - Meu guru entrou em samádhi. A tarde e a noite decorreram em silêncio ininterrupto; esforcei-me inutilmente para reaver a tranqüilidade interior.

"Ao amanhecer, Láhiri Mahásaya olhou-me consoladoramente. -Vejo que você ainda está perturbado. Por que não me explicou ontem que esperava minha ajuda tangível a Rama, sob a forma de algum remédio? - O mestre apontou para uma lamparina, com formato de xícara, contendo óleo de rícino.

"- Encha uma garrafinha com óleo de lamparina; ponha sete gotas na boca de Rama.

"- Senhor - protestei - ele está morto desde ontem à tarde. Que utilidade tem o óleo agora?

"- Não importa, faça o que lhe digo. - A atitude alegre de Láhiri Mahásaya era incompreensível para mim; eu ainda não encontrara alívio para minha desolação.

"Depois de transferir a pequena porção de óleo para um frasco, parti para a casa de Rama.

"Encontrei rígido o corpo de meu amigo, no abraço da morte. Sem dar atenção ao aspecto cadavérico, abri seus lábios com o indicador da mão direita; com a mão esquerda e o auxílio da rolha, verti o óleo, gota a gota, entre seus dentes cerrados. Quando a sétima gota lhe tocou os lábios frios, Rama estremeceu violentamente. Seus músculos vibravam da cabeça aos pés, enquanto ele se sentava, espantado.

"- Vi Láhiri Mahásaya num esplendor de luz - gritou. - Ele fulgurava como o sol: 'Levante-se, abandone o sono', ordenou-me ele, 'Venha com Yuktéswar, venha me ver.'

"Eu mal podia acreditar em meus olhos quando Rama se vestiu e se mostrou forte bastante para caminhar até a casa de nosso guru, depois daquela moléstia fatal. Ali, ele se prostrou aos pés de Láhiri Mahásaya, com lágrimas de gratidão,

"O mestre transbordava de júbilo. Com ar travesso, piscou um olho para mim.

"- Yuktéswar - disse ele - doravante, certamente você não deixará de levar consigo uma garrafa de óleo de rícino. Sempre que vir um cadáver, é só administrar o óleo. Pois sete gotas de óleo de lamparina devem aniquilar, sem dúvida, o poder de Yama![250]

"- Gurují, em que ridículo o senhor me coloca! Não entendo; por favor, indique-me a natureza de meu erro.

"- Eu lhe disse duas vezes que Rama ficaria bom; entretanto, você não me acreditou inteiramente - explicou Láhiri Mahásaya. - Eu não quis dizer que os doutores seriam capazes de curá-lo; simplesmente disse que eles estavam cuidando dele; nenhuma relação de causa e efeito havia entre minhas afirmações. Não quis interferir no trabalho dos médicos; eles têm de viver, também. - Com voz vibrante de alegria, meu guru acrescentou: - Recorde sempre que o inesgotável Paramátman[251] pode curar qualquer um, com médico ou sem médico.

"- Vejo meu erro - reconheci com remorso. - Sei agora que sua simples palavra está vinculada a todo o cosmo."

Quando Sri Yuktéswar terminou a assombrosa história, um dos meninos de Ranchi arriscou uma pergunta que, partindo de uma criança, era duplamente compreensível.

- Senhor - disse ele - por que seu guru mandou óleo de rícino?

- Menino, o óleo não tinha significado especial. Percebendo que eu esperava algo de material, Láhiri Mahásaya escolheu o óleo porque estava à mão, como um símbolo objetivo para despertar maior fé em mim. O mestre permitiu que Rama morresse porque eu, parcialmente, duvidara. Mas o divino guru sabia que, tal como ele dissera, o discípulo ficaria bom, a cura deveria processar-se, mesmo que fosse preciso resgatar Rama da morte, doença geralmente irremediável!

Sri Yuktéswar despediu o pequeno grupo e convidou-me a sentar sobre um cobertor a seus pés.

---

[250] O deus da morte.
[251] Literalmente, "Alma Suprerna",

- Yogananda - disse ele com singular gravidade - desde o nascimento você foi cercado por discípulos diretos de Láhiri Mahásaya. O grande mestre viveu sua vida sublime, em reclusão parcial, e recusou-se categoricamente a permitir que seus adeptos formassem qualquer organização fundamentada em seus ensinamentos. Fez, entretanto, esta predição significativa:

"Aproximadamente cinqüenta anos após a minha morte, escrever-se-á um relato de minha vida, em virtude do grande interesse que, pela Ioga, há de nascer no Ocidente, A mensagem da Ioga circundará o globo. Ajudará a estabelecer a fraternidade e a unidade dos homens, com base na percepção direta que terão do Pai único."

- Meu filho Yogananda - continuou Sri Yuktéswar - você deve executar sua parte na difusão dessa mensagem e no relato escrito dessa vida sagrada.

Em 1945, cinqüenta anos após a partida de Láhiri Mahásaya, ocorrida em 1895, completou-se o presente livro. Não posso deixar de admirar a coincidência de que o ano de 1945 assinale também o início de uma nova era - a Idade das revolucionárias energias atômicas. Todas as mentes pensadoras se voltam, como jamais o fizeram antes, para os problemas urgentes da paz e da fraternidade, a menos que o uso bélico da energia nuclear faça desaparecer todos os homens junto com seus problemas.

Ainda que as obras da raça humana desapareçam sem deixar vestígios, pela ação do tempo ou das bombas, o sol não hesita em seu curso, as estrelas persistem em sua vigília invariável. A lei cósmica não pode ser suspensa ou alterada, e o homem faria bem pondo-se em harmonia com ela. Se o cosmo é contra a violência, se o sol não faz guerra nos céus, mas retira-se em tempo oportuno para permitir às estrelas seu pequeno deslocamento, que serventia há em nosso punho armado? Virá dele alguma paz? Não é a força bruta e cruel, mas a boa vontade que fortalece os tendões do universo; a humanidade em paz conhecerá os frutos da vitória sem termo, mais doces ao paladar que quaisquer outros nutridos em solo de sangue.

A Liga das Nações efetiva[252] será uma liga natural e anônima dos corações humanos. Amplo auxílio mútuo e discernimento intuitivo, necessários à cura dos infortúnios terrestres, não derivam do meto exame intelectual das diferenças humanas e, sim, do conhecimento da unidade profunda de todos os homens de seu parentesco com Deus. Para atingir o supremo ideal do mundo a paz através da fraternidade - possa a ioga, ciência da comunhão pessoal com a Divindade, difundir-se com o tempo, entre todos os homens, em todas as terras.

Embora a índia possua uma civilização mais antiga do que qualquer outra nação, poucos historiadores notaram que o prodígio de sua sobrevivência não é, de modo algum, um acidente, mas uma decorrência lógica do testemunho de devoção às verdades eternas que a índia tem oferecido, através de seus melhores filhos, no curso das gerações. Por essa absoluta continuidade de ser, pela intransitividade perante as eras históricas (poderão os empoeirados eruditos dizer-nos quantas?) a índia deu a mais valiosa resposta de qualquer povo ao desafio do tempo.

A narração bíblica da súplica de Abraão ao Senhor[253] para que a cidade de Sodoma fosse poupada se dez homens justos pudessem ali ser encontrados, e a resposta divina: "Não a destruirei por amor aos Dez"- ganha novo significado à luz da evasão da índia ao esquecimento. Extintos se acham os impérios de nações poderosas, hábeis nas artes da guerra e que foram, outrora, contemporâneas da índia, Egito, Babilônia, Grécia e Roma antigos.

A resposta do Senhor demonstra claramente que uma nação sobrevive, não por suas conquistas materiais e, sim, em virtude daqueles homens que são suas obras primas.

Sejam as palavras divinas novamente ouvidas, neste século 20, duas vezes tinto de sangue antes que lhe transcorresse a metade: "Nenhuma nação capaz de produzir dez homens, grandes aos olhos do Juiz Incorruptível, conhecerá a extinção."

Dócil a essa persuasão, a índia provou, a si mesma, não ser tola, frente a milhares de astúcias do Tempo. Mestres do supremo êxtase, em todos os séculos, santificaram seu solo. Sábios modernos semelhantes a Cristo, como Láhiri Mahásaya e Sri Yuktéswar, levantam-se para proclamar que o conhecimento da ioga, a ciência da unidade com Deus, é vital para a ventura do homem e a longevidade de uma nação.

---

[252] Diríamos hoje "A ONU efetiva". A Organização das Nações Unidas que substituiu a Liga, data de 26 de junho de 1945, ano em que o Autor terminou a redação de sua **Autobiografia.** Ele aqui se refere à futura existência de uma fraternidade de povos baseada conscientemente em filiação divina.

[253] Gênew, 18:23-32.

Sobre a vida de Láhiri Mahásaya e sua doutrina universal, apareceram impressas, até hoje, informações muito escassas[254]. Durante três décadas, na Índia, América e Europa, encontrei sincero e profundo interesse por sua mensagem de ioga libertária. No Ocidente, onde as vidas dos grandes iogues modernos são pouco conhecidas, faz-se necessária agora, conforme ele mesmo previu, uma biografia deste mestre.

Láhiri Mahásaya nasceu em 30 de setembro de 1828, numa piedosa família de brâmanes, de antiga linhagem. Sua terra natal foi o vilarejo de Ghurni, no distrito de Nadía, perto de Krishnanagar, em Bengala. Era filho único de Muktakáshi, segunda esposa de Gaur Mohan Láhiri, homem que gozava de reputação e estima. A primeira mulher, após o nascimento de três filhos, morrera durante uma peregrinação. A segunda, a mãe de Láhiri, faleceu quando este era menino. Pouca informação temos a respeito dela, exceto um fato revelador: era ardente devota do Senhor Shiva[255] designado, na Escrituras, "Rei dos Iogues".

O menino, cujo nome completo era Shyama Charan Láhiri, passou a primeira infância em seu lar ancestral de Ghurni. Com a idade de três ou quatro anos, sentava-se freqüentemente em posição iogue, debaixo das areias, seu corpo inteiramente oculto, menos a cabeça.

A propriedade da família foi destruída no inverno de 1833, quando o vizinho rio Jalangi mudou de curso e desapareceu nas profundezas do Ganges. Um dos templos a Shiva, fundado pelos Láhiris, desapareceu no rio, junto com a residência da família. Um devoto salvou a imagem de pedra de Senhor Shiva das águas turbilhonantes e colocou-a em novo templo, hoje muito conhecido como o Lugar de Shiva, em Ghurni.

Gaur Mohan Láhiri e sua família abandonaram Ghurni e passaram a residir em Benares, onde o pai imediatamente erigiu um templo a Shíva. Ele dirigia seu lar segundo a disciplina védica, observando regularmente cerimônias de culto, atos de caridade e estudo das Escrituras. Todavia, justo e de ampla compreensão, aproveitava, dentre as idéias modernas, as benéficas.

Em Benares, o menino Láhiri recebeu lições de hindi e urdu, com alguns companheiros. Freqüentou uma escola dirigida por Joy Narayan Ghosal, recebendo instrução em sânscrito, bengali, francês e inglês. Dedicando-se ao estudo rigoroso dos Vedas, o jovem iogue ouvia com avidez as discussões sobre as Escrituras, entre eruditos brâmanes, um dos quais, Nag-Bhatta, era um estudioso Mabratta. O adolescente Shyama Charan, por sua bondade, delicadeza e coragem, era querido de todos os seus companheiros. Com físico bem proporcionado, saudável e forte, sobressaiu em natação e em muitas outras proezas de habilidade manual.

Em 1846, Shyama Charan Láhiri casou-se com Srímati Káshi, filha de Sri Debnarayan Sanyal. Modelar esposa hindu, Káshi Moni executava seus deveres domésticos alegremente, e respeitava a tradicional obrigação de dona de casa, a de servir os hóspedes e os pobres. Dois filhos santos, Tincouri e Ducouri, e duas filhas abençoaram a união. Aos 23 anos, em 1851, Láhiri Mahásaya assumiu o posto de contador no Departamento de Engenharia Militar do governo inglês. Recebeu muitas promoções durante seu tempo de serviço. Assim, não foi apenas um mestre aos olhos de Deus, mas também um homem de sucesso neste mundo, no diminuto drama humano, onde desempenhou humilde papel como funcionário de repartição.

Em épocas diferentes, o Departamento de Engenharia transferiu Láhiri Mahásaya para pequenos escritórios em Gazipur, Mirjapur, Naini Tal, Danapur e Benares. Após a morte do pai, o jovem assumiu inteira responsabilidade por todos os membros de sua família. Comprou-lhes uma casa em subúrbio afastado de Benares, em Garadéswar Mohulla.

---

[254] Curta biografia em bengali, **Sri Sri Shyama Charan Lábiri Mabásaya,** escrita- por Swâmi Satyánanda, apareceu em 1941. De suas páginas, traduzi algumas passagens para este capítulo sobre Láhiri Mahásaya.

[255] Um dos aspectos da Trindade Divina - Brahma-Vishnu-Shiva - cuja obra no universo é, respectivamente, a de criação, preservação, e dissolução-restauração. - Pronuncia-se Chiva e, às vezes, Siva. Representado na mitologia como o Senhor dos Renunciantes, Shiva aparece em visões a seus devotos, sob vários aspectos, como Mahádeva, o Asceta de cabelos trançados, e Natarája, o Bailarino Cósmico. - Para muitas mentes, é difícil conceber Deus sob o aspecto de Shiva ou Destruidor. Puspadanta, devoto de Shiva e autor do hino **MaMmástava,** pergunta num queixume: "Porque Tu criaste os mundos, apenas para destruí-los?"Segue-se uma estrofe desse hino, traduzida para o inglês por Arthur Avalon:

"Pela vigorosa marcação rítmica de Teus pés, a segurança da Terra subitamente perigou, pelo movimento de Teus braços, fortes como barras de ferro, as estrelas no éter viram-se dispersas. Açoitados por Teus cabelos soltos, os céus se transtornaram. Em verdade, Tu dançaste bem! Mas perturbar o mundo a fim de salvá-lo - que mistério é este?"0 antigo poeta conclui, porém: "Grande é a diferença entre minha mente - capaz de entender pouco e sujeita a sofrimentos e Tua glória imorredoura que ultrapassa todos os atributos!"

Aos trinta e três anos, Láhiri Mahásaya[256] viu cumprir-se o designio para o qual se reencarnara na Terra. Encontrou seu grande guru, Bábají, perto de Ranikhet, no Himalaia, e foi por ele iniciado em Kriya Yoga.

Este acontecimento não foi apenas uma felicidade para Lábiri Mahásaya, mas um momento afortunado para toda a raça humana. Perdida, ou há longo tempo desaparecida, a mais elevada arte da loga foi, de novo, trazida à luz.

Segundo os lendários Purânas, o Ganges[257] baixa do céu à terra para oferecer um trago divino ao sedento devoto Bhagiratb; assim também, em 1861, o rio celestial de Kriya Yoga começou a fluir das das secretas fortalezas do Himalaia para as ressequidas moradas dos homens.

[256] O título religioso de Mahásaya, em sânscrito, significa “de mente vasta”.

[257] As águas de Mãe Ganga, rio sagrado dos hindus, têm sua nascente numa caverna de gelo no Himalaia, entre silêncios e neves eternos. No decurso dos séculos, milhares de santos preferiram permanecer junto ao Ganges e deixaram, ao longo de suas margens, uma aura de bênçãos. Um aspecto extraordinário, e talvez ímpar, do rio Ganges é sua natureza impoluível. Nenhuma bactéria vive em sua esterilidade inalterável. Milhões de indianos usam suas águas, sem perigo, para beber e tomar banho. Este fato desconcerta os cientistas modernos. Um deles, o dr. John Howard Northrop, co-laureado com o Prêmio Nobel, de Química em 1946, disse recentemente: “Sabemos que o Ganges está seriamente contaminado. Apesar disso, os indianos bebem suas águas, nadam nelas e evidentemente não sofrem nenhum dano.”E acrescentou, esperançoso: “Talvez o bacteri6fago (vírus que destrói as bactérias) esterilize o rio.”
Os Vedas inculcam reverência a todos os fenômenos naturais. 0 hindu devoto compreende bem o louvor de São Francisco de Assis: “Bendito sejas, meu Senhor, por nossa Irmã Água, tão útil e humilde, casta e preciosa. “

Capítulo 33 - Bábaji, O Cristo-Iogue da Índia Moderna

Os penhascos do Himalaia, ao norte, perto de Badrinarayan, ainda são abençoados pela presença viva de Bábají, guru de Láhírí Mabásaya. O recluso mestre conserva sua forma física há séculos, talvez milênios. O imortal Bábají, é um avatára. Esta palavra sânscrita significa "descida"; suas raízes são ava, "para baixo", e tri, "passar". Nas Escrituras hindus, avatára significa a descida da Divindade à carne.

- O estado espiritual de Bábají está além da compreensão humana - explicou-me Sri Yuktéswar. - A raquítica visão do homem não pode penetrar através de sua estrela transcendental. Procura-se em vão imaginar o alcance de um avatar. É inconcebível.

Os Upaníshád classificaram minuciosamente cada estágio de avanço espiritual. Um siddha ("ser que se fez perfeito") progrediu do estado de jivanmúkta ("liberto enquanto vive") para o de paramúkta ("supremamente livre - completo poder sobre a morte"); o último escapou inteiramente da escravidão de máya e de sua engrenagem cíclica de reencarnações. O paramúkta raramente volta ao corpo físico; se retorna, é um avatar, escolhido por Deus como instrumento de bênçãos sublimes para o mundo. Um avatar não está sujeito à economia universal; seu corpo puro, visível como imagem de luz, acha-se livre de qualquer dívida para com a Natureza.

O olhar casual talvez não veja nada de extraordinário na forma de um avatar, mas este não projeta sombra nem deixa qualquer pegada no chão. Estas são provas externas, simbólicas, de se haver liberado interiormente da treva e da escravidão à matéria. Somente tal homem Deus conhece a Verdade por trás das relatividades da vida e da morte. Ornar Khayyam, tão grosseiramente compreendido, cantou este homem liberto, na escritura imortal, o Rubayat:

"Ah, Lua de Meu Deleite que não conhece minguante,

a Lua do Céu se eleva mais uma vez;

quantas vezes, doravante, ao elevar-se, ela me procurará

neste mesmo jardim - em vão!"

A "Lua do Deleite que não conhece minguante" é Deus, eterna Estrela Polar, jamais anacrônica. A "Lua do Céu ... elevando-se mais uma vez" é o cosmo exterior, agrilhoado à lei da recorrência periódica.

Através da Auto-realização, o vidente persa libertara-se para sempre dos regressos compulsórios à Terra: o "jardim" da Natureza ou Máya. "Quantas vezes, doravante, ao elevar-se, ela me procurará ... em vão! 11[258] Um universo, repleto de maravilhas, em busca de uma omissão absoluta: que frustração!

Cristo expressou sua liberdade de outro modo: "E certo escriba aproximou-se e disse-lhe: - Mestre, seguix-vos-ei aonde quer que fordes. - E Jesus lhe respondeu: - As raposas têm covis e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça"[259].

Na vastidão da onipresença, corno se poderia seguir o Cristo, exceto em Espírito circurívidente?

Krishna, Rama, Buddha e Patânjali contam-se entre os antigos avatares. Considerável literatura poética em tamil desenvolveu-se acerca de Agastya, um avatar da índia meridional. Ele realizou muitos milagres durante os séculos anteriores e posteriores a Cristo e acredita-se que, até hoje, retém sua forma física.

A missão de Bábají na índia tem sido a de dar assistência aos profetas na execução das tarefas específicas que a vontade divina lhes atribui. Qualifica-se, assim, como aquele que as Escrituras chamam de Mahávatár (Grande Avatar). Ele afirmou ter dado a iniciação jogue a Shânkara[260], reorganizador da Ordem dos Swâmís, e a Kabir, famoso mestre medieval. Seu principal discípulo no século 19, como sabemos, foi Láhiri Mahásaya, que infundiu vida nova à perdida arte de Kriya.

---

[258] Tradução para o inglês de Edward Fitzgerald.
[259] Mateus, 8:19-20.
[260] Shânkara, cujo guru, historicamente conhecido, foi Govinda jati, recebeu a iniciação em Kriya Yoga de Bábají, em Benares. Bábají, ao contar a história a Láhiri Mahásaya e a Swmi Kebalananda, forneceu muitos detalhes fascinantes de seu encontro com o grande monista.

Bábaji vive sempre em comunhão com Cristo; juntos enviam vibrações redentoras e juntos planejaram a técnica espiritual de salvação para esta época. O trabalho destes dois mestres completamente iluminados - um, com corpo, e o outro, sem - é inspirar as nações a renunciarem às guerras, aos ódios de raça, ao sectarismo religioso e ao materialismo, cujos males atuam como bumerangues. Bábají está a par das tendências modernas e, em especial, da influência e das complexidades da civilização do Ocidente; ele conhece perfeitamente a necessidade de difundir a ioga em ambos os hemisférios para realizar a libertação do homem.

A falta de referências históricas a Bábají não nos deve surpreender. O grande guru jamais apareceu ostensivamente em qualquer século; o equívoco brilho da publicidade não tem lugar em seus planos milenares. Semelhante ao Criador, único mas silencioso Poder, Bábají opera em humilde anonimato.

Grandes profetas como Cristo e Krishna vêm ao mundo com um objetivo específico e espetacular; e partem, assim que o realizam Outros avatares, como Bábají, incumbem-se de obras relacionadas com o lento progresso evolutivo do homem através dos séculos, em vez de se ligarem a algum fato histórico excepcional. Tais mestres sempre se ocultam ao olhar grosseiro do público e têm o poder de se tornar invisíveis à vontade. Por estas razões, e porque geralmente instruem seus discípulos para que mantenham silêncio a respeito de si, algumas figuras espirituais do mais alto porte permanecem desconhecidas para o mundo. Nestas páginas sobre Bábají, faço simplesmente uma alusão à sua vida - só refiro alguns fatos que ele considera convenientes e úteis à divulgação pública.

Jamais se descobriram quaisquer dados delimitadores da família e do lugar de nascimento de Bábají - tão caros ao coração do cronista histórico. Este avatar usa geralmente o idioma hindu, mas conversa facilmente em qualquer língua. Adotou o singelo nome de Bábají (Reverendo Pai); outros títulos de respeito que lhe deram os discípulos' de Láhiri Mahásaya são Mahámuni Bábají Mahárâj (Supremo Mestre Extático), Mahá Yogi (O Grande logue) e Trambak Baba ou Shiva Baba (títulos de avatares de Shiva). Tem, acaso, importância que desconheçamos o patronímico de um mestre completamente liberto?

- Sempre que pronuncie com veneração o nome de Bábají - disse Láhiri Mahásaya - o devoto atrai uma bênção espiritual instantânea.

O imperecível guru não mostra sinais de idade em seu corpo; parece um jovem de vinte e cinco anos, não mais. De epiderme clara, constituição e estatura medianas, o belo e vigoroso corpo de Bábají irradia um brilho perceptível. Seus olhos são pretos, serenos e ternos; seu longo e lustroso cabelo é cor de cobre. Às vezes, a face de Bábají se parece muito à de Láhirí Mahásaya. Tão notável era a semelhança que Láhiri Mahásaya, em sua velhice, poderia ocasionalmente ter passado por pai de Bábají, cuja aparência é sempre a da juventude.

Swâmi Kebalananda, meu santo instrutor de sânscrito, passou algum tempo com Bábají[261] no Himalaia.

- O incomparável mestre move-se com seu grupo, de um lugar a outro nas montanhas - disse-me Kebalananda. - Seu pequeno séquito conta com dois discípulos americanos sumamente adiantados. Depois de permanecer em certa localidade por algum tempo, Bábají diz: “Dera danda uthao”(Levantemos nosso báculo e acampamento). àe carrega um danda (báculo de bambu). Suas palavras são o sinal para o grupo mover-se instantaneamente a outro lugar. Nem sempre ele emprega este método de viagem astral; às vezes, vai a pé, de cume a cume.

“Bábají pode ser visto ou reconhecido somente quando assim o deseja. Sabe-se que ele apareceu sob formas pouco diferentes, a vários devotos - às vezes, com barba e bigode e, às vezes, sem. Seu corpo incorruptível não requer alimento; o mestre, por isso, raramente come. Ao visitar os discípulos, num gesto de cortesia, aceita, ocasionalmente, frutas ou arroz cozido em leite e em manteiga.

“Conheço dois assombrosos incidentes da vida de Bábají - prosseguiu Kebalananda. - Estavam seus discípulos sentados, certa noite, em torno de uma enorme fogueira que ardia para uma cerimônia védica sagrada. O guru, de súbito, agarrou uma acha incandescente e golpeou de leve o ombro de um chela, próximo ao fogo,

“- Senhor, que crueldade! - Lábiri Mahásaya, ali presente, fez esta censura.

“- Você preferia vê-lo arder até ficar em cinzas, segundo o decreto de seu carma passado?

[261] Bábají (Pai Reverenciado) é um título comum. Diversos instrutores de relevo na índia recebem esse tratamento. Nenhum deles, porém, é Bábají, o guru de Láhiri Mahásaya. A existência do Mahávatár foi revelada ao público pela primeira vez em 1946, em Autobiografia de um logue.

"Corn estas palavras, Bábají colocou sua mão curadora sobre o ombro desfigurado do chela:- Livrei-o, esta noite, de uma dolorosa morte. A lei cármica cumpriu-se satisfatoriamente com seu leve sofrimento pelo fogo.

"Em outra ocasião, o santo grupo de Bábají foi perturbado pela chegada de um estranho. Com admirável habilidade, ele escalara os penhascos até a plataforma quase inacessível, próxima ao acampamento do guru.

"- O senhor deve ser o grande Bábají. - O rosto do homem iluminara-se com inexprimível veneração. - Estou à sua procura, sem desistir, durante meses, entre estes rochedos proibitivos. Suplico-lhe, aceite-me como seu discípulo.

"Como o grande guru não desse resposta, o homem apontou para o abismo revestido de rochas, abaixo da plataforma. - Se recusar, eu me atirarei desta montanha. A vida não terá mais valor para mim, se não puder obter sua direção espiritual em minha busca de Deus.

"- Então, salte - disse Bábají, sem emoção. - Não posso aceitá-lo, em seu atual estado de desenvolvimento.

"O homem arremessou-se do penhasco imediatamente. Bábají deu instruções aos discípulos surpresos para trazerem o corpo do desconhecido. Quando regressaram com a forma destroçada, o mestre colocou a mão sobre o morto. Milagre! ele abriu os olhos e prostrou-se com humildade ante o guru onipotente. - Agora você está pronto para o discipulado. - Bábají sorriu com efeito para o ressuscitado chela. - Você passou corajosamente a difícil prova[262]. A morte não voltará a tocá-lo; agora você é um dos imortais de nosso rebanho. – A seguir, pronunciou a costumeira ordem de partida; "Dera danda uthao"; o grupo inteiro sumiu da montanha."

Um avatar vive no Espírito onipresente; para ele não existe distância inversa ao quadrado. Portanto, só um motivo existe para que Bábají conserve sua forma física, de século para século: o desejo de dar à humanidade o exemplo concreto de suas próprias possibilidades. Se ao homem jamais fosse concedido vislumbrar a Divindade revestida de carne, ele permaneceria oprimido pela pesada ilusão (máya) de que não pode transcender sua condição mortal.

Desde o início, Jesus conhecia a seqüência de sua vida; percorreu cada etapa, não em proveito próprio, devido a qualquer compulsão cármica, mas unicamente para soerguer e alentar os seres dotados de reflexão. E para benefício das gerações futuras, os quatro evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João - registraram o inefável drama.

Também para Bábají não há passado, presente e futuro - categorias relativas - pois desde o princípio ele conhecia todas as fases de sua vida. Acomodando-se ao restrito entendimento dos homens, permitiu que muitos atos de sua vida divina se desenrolassem em presença de uma ou mais testemunhas. Assim, aconteceu que um discípulo de Láhiri Mahásaya estava presente quando Bábají considerou que era chegado o tempo de proclamar as possibilidades da imortalidade corporal. Ele proferiu esta promessa diante de Ram Copal Muzurndar, para que eventualmente se tornasse conhecida e inspirasse outros corações que buscam. Os grandes seres falam e participam do curso aparentemente natural dos acontecimentos, apenas em benefício da espécie humana, conforme Cristo disse: "Pai. . . eu sabia que Tu sempre me escutas; mas assim falei por causa do povo que está em redor, para que todos acreditem que Tu me enviaste"[263].

Durante minha estada em Ranbajpur, com Ram Gopal, "o santo que não dorme"[264], ele relatou-me a maravilhosa história de seu primeiro encontro com Bábají.

"- Às vezes, eu deixava minha solitária cova para sentar-me aos pés de Láhiri Mahásaya, em Benares - disse-me Ram Gopal. - Certa vez, à meia noite, ao meditar silenciosamente com um grupo de discípulos, o mestre me fez um pedido surpreendente.

"- Ram Gopal - disse ele - vai imediatamente ao ghat de banho de Dasasamedh.

[262] Era um teste de obediência. Quando o mestre iluminado ordenou: "Salte", o homem obedeceu. Se hesitasse, renegaria sua afirmação de que consíderava a vida destituída de valor sem a orientação de Bábají. Se hesitasse, revelaria falta de confiança total no guru. Por **isso,** apesar de drástico e invulgar, o teste foi perfeito naquelas circunstâncias.
[263] João, 11:41-42.
[264] O iogue onipresente que observou não ter eu me curvado ante a pedra circular no santuário de Tarakéswar (capítulo 13).

“Ern breve atingi aquele lugar retirado. Era noite clara, de luar, e as estrelas piscavam. Depois de me sentar um pouco em paciente silêncio, minha atenção foi despertada por uma enorme laje de pedra, próxima de meus pés. Ela se ergueu gradualmente, revelando uma gruta subterrânea. Quando a laje se deteve no ar, sustida por meios desconhecidos, a forma vestida de uma mulher jovem e insuperavelmente bela emergiu da cripta e levitou a certa altura no ar. Envolta em lialo suave, ela desceu lentamente diante de mim e parou imóvel, embebida em êxtase. Afinal se moveu e falou gentilmente.

“- Sou Mátají[265], irmã de Bábají. Pedi a ele e também a Láhiri Mahásaya que viessem à minha cova esta noite, a fim de discutirmos um assunto de grande importância.

“Uma luz nebulosa flutuava rapidamente sobre o Ganges; a estranha luminescência refletia-se nas águas opacas. Aproximou-se cada vez mais até que, num relâmpago cegador, apareceu ao lado de Mátají e condensou-se instantaneamente na forma humana de Láhiri Mahásaya. Ele se curvou, humilde, aos pés da santa mulher.

“Antes que eu me recobrasse do espanto, fiquei ainda mais maravilhado ao contemplar uma rodopiante massa de luz mística a viajar pelo céu. Descendo velozmente, o flamejante turbilhão acercou-se de nosso grupo e materializou-se no corpo de um formoso jovem. Compreendi imediatamente que era Bábají. Parecia-se a Láhiri Mahásaya, embora Bábají aparentasse ser mais jovem que seu discípulo e tivesse cabelos longos e brilhantes.

“Láhiri Mahásaya, Matáji e eu nos ajoelhamos aos pés do grande guru. Uma etérea sensação de glória beatífica fez vibrar cada fibra de meu ser ao tocar sua carne divina.

“- Abençoada irmã - disse Bábají - pretendo abandonar meu corpo e submergir na Correnteza Infinita.

“- Tive um vislumbre de seu plano, amado mestre. Quis discuti-lo consigo, esta noite. Por que abandonaria seu corpo? - Implorante, a gloriosa mulher o mirou.

“- Que diferença faz, usar uma onda visível ou invisível no oceano de meu Espírito?

“Mátají respondeu com uma rara chispa de gênio: - Guru imor tal, se nenhuma diferença faz, então, por favor, nunca abandone sua forma[266].

“- Assim seja - disse Bábají, solenemente, - Nunca deixarei minha forma física. Permanecerá sempre visível, pelo menos a um pequeno grupo de pessoas neste mundo. Através de seus lábios, Mátaji, o Senhor manifestou Seu próprio desejo.

“Como eu assistisse, aterrorizado, à conversação entre aqueles seres excelsos, o grande guru voltou-se para mic com um gesto benigno.

“- Não tenha medo, Ram Gopal - disse ele - é uma bênção para você ser testemunha, aqui, desta promessa imortal.

À medida que a melodiosa voz de Bábají se desvanecia, sua forma e a de -Lábiri Mabásaya lentamente levitaram; afastaram-se, regressando por cima do Ganges. Uma auréola de luz ofuscante nimbava seus corpos ao sumirem no firmamento noturno, A forma de Mátají flutuou em direção à caverna e desceu; a laje, baixando, fechou o subterrâneo, como se fosse movida por mãos invisíveis.

“Infinitamente inspirado, retornei à casa de Láhiri Mahásaya. Ao curvar-me diante dele, na ante-manhã, meu guru sorriu, compreensivamente.

“- Compartilho de sua alegria, Ram Gopal - disse ele. - Seu desejo, a mim tantas vezes manifesto, de encontrar Bábají e Mátají, foi, por fim, maravilhosamente satisfeito.

“Meus condiscípulos me informaram que Láhiri Mahásaya não se movera de seu estrado desde a minha partida à meia-noite. Disse-me um dos chelas:

“- Ele pronunciou um admirável discurso sobre a imortalidade, depois que você saiu para o ghat de Dasasamedh.

---

[265] “Mãe Sagrada”. Mátají, também, tem vivido através dos séculos; ela é quase tão adiantada espiritualmente quanto o irmão. Permanece em êxtase numa secreta caverna subterrânea, junto ao desembarcadouro de Dasasamedh.

[266] O incidente faz lembrar Tales. 0 grande filósofo grego ensinou que não havia diferença entre a vida e a morte. “Por que não morre, então?” perguntou-lhe um crítico. “Porque não faz diferença”- respondeu Tales.

"E eu, pela primeira vez, compreendi plenamente a verdade dos versículos das Escrituras, quando afirmam que um homem unificado com Deus, pode aparecer em diferentes lugares, em dois ou mais corpos, ao mesmo tempo.

"Láhiri Mahásaya explicou-me, posteriormente, muitos pontos metafísicos acerca do secreto plano divino para este planeta - concluiu Ram Copal. - Bábají foi escolhido por Deus para permanecer em seu corpo, enquanto durar este ciclo do mundo. As eras hão de vir e de findar. O mestre imortal[267], porém, contemplando o drama dos séculos, sempre estará presente no palco terrestre.

[267] "Se um homem guardar a minha palavra (permanecer ininterruptamente em Consciência Crística), ele jamais conhecerá a morte." (**João,** 8:51).
Nesta afirmação, Jesus não se referia à vida imortal no corpo físico - um confinamento monótono com que dificilmente se castigaria um pecador, e muito menos um santo! 0 homem iluminado de quem Jesus falava é aquele que despertou do transe mortal da ignorância para a Vida Eterna (capítulo 43).
A natureza essencial do homem é Espírito onipresente e sem forma. 0 invólucro carnal, compulsório ou cármico, é o resultado de **avídya,** ignorância. As Escrituras hindus ensinam que o nascimento e a morte são manifestações de **máya,** ilusão cósmica. Nascimento e morte só têm sentido no mundo da relatividade.
Bábají não está limitado a um corpo físico ou a este planeta, mas, por vontade de Deus, encontra-se desempenhando uma missão especial em favor da Terra.
Os grandes mestres como Sri Swâmi Pranabananda (cap. 27) que voltaram à Terra em novos corpos, fazem-no por motivos que eles conhecem melhor que ninguém. Sua encarnação neste planeta não está sujeita às rígidas restrições do carma. Estes regressos voluntários chamam-se **vyutihana** ou retorno à vida terrena depois que **máya deixou** de cegar.
Seja qual for sua morte física, comum ou extraordinária, um mestre que se unificou com Deus é capaz de ressuscitar seu corpo e nele aparecer aos olhos dos habitantes da Terra. Materializar os átomos de um corpo físico não exige grande esforço dos poderes de alguém que se uniu ao Senhor - a Ele. Cujos sistemas solares desafiam cálculo! "Dou a minha vida para tornar a tomá-la"- proclamou o Cristo. "Nenhum homem a tira de mim, mas eu mesmo a deponho. Tenho poder **para dá-la e poder** para tornar a tomá-la." (João, 10:17-18).

Capítulo 34 - Materialização de um Palácio no Himalaia

O primeiro encontro de Bábají com Láhiri Mahásaya é uma história cativante e uma das poucas que nos dão um vislumbre minucioso do imortal guru.

Estas palavras constituíram o preâmbulo de Swâmi Kebalananda a um relato extraordinário. A primeira vez que o ouvi foi, literalmente, fascinante. Em muitas outras ocasiões, persuadi meu amável instrutor de sânscrito a repetir a história, que Sri Yuktéswar posteriormente me contaria, quase com as mesmas palavras. Ambos, discípulos de Láhiri Mahásaya, ouviram a reverante narração dos lábios de seu guru.

"- Meu primeiro encontro com Bábají ocorreu quando eu tinha trinta e três anos - dissera Lábiri Mahásaya. - No outono de 1861, eu residia em Danapur, sendo contador do Departamento de Engenharia Militar do Governo. Certa manhã, o chefe do escritório mandou me chamar.

"- Láhiri - disse ele - acaba de chegar um telegrama de nossa matriz. Você será transferido para Raníkhet, onde estamos instalando uma base militar[268].

"Em companhia de um criado, parti para urna jornada de oitocentos quilômetros. Viajando de cavalo e de carroça, chegamos a Ranikhet[269] no Himalaia, trinta dias depois.

"Meu trabalho burocrático não era absorvente; eu podia passar muitas horas perambulando pelas magníficas montanhas. O povo dizia que grandes santos abençoavam a região com sua presença; senti forte desejo de vê-los. Durante um passeio a esmo, nas primeiras horas da tarde, fiquei assombrado ao ouvir uma voz longínqua chamar pelo meu nome. Continuei, com vivacidade e vigor, minha ascensão ao Monte Drongiri. Leve inquietude me assaltou à idéia de que talvez eu não pudesse regressar, antes de a escuridão descer sobre a selva.

"Cheguei, por fim, a uma pequena clareira, em cujos limites se abria uma pequena fileira de cavernas, Num dos bordos rochosos, encontrava-se de pé um jovem sorridente, com a mão estendida para cima, em gesto de boas-vindas. Notei com espanto que, excetuando seu cabelo cor de cobre, ele mostrava notável semelhança comigo.

"- Láhiri, você chegou! - O santo dirigia-se a mim afetuosamente em hindi. - Descanse aqui, nesta caverna. Fui eu quem o chamou.

"Entrei numa pequena gruta limpa, contendo diversas mantas de lã e alguns karnandulus (escudelas para água).

"- Láhiri, lembra-se deste assento? - O iogue apontou para um cobertor dobrado, num canto da gruta.

"- Não, senhor. - Algo confuso pela estranheza de minha aventura, acrescentei: - Devo ir-me agora, antes do crepúsculo. Tenho o que fazer, de manhã, no escritório.

"O misterioso santo respondeu em inglês: - O escritório foi trazido para você e não você para o escritório.

"Emudeci, aturdido por este asceta da floresta não só falar inglês mas também parafrasear as palavras de Cristo[270].

"- Vejo que meu telegrama surtiu efeito. - O comentário do iogue era incompreensível para mim; indaguei o que significava.

"- Refiro-me ao telegrama que o trouxe a estas regiões isoladas. Fui eu quem silenciosamente sugeriu à mente de seu chefe esta transferência para Ranikhet. Quando alguém sente a sua unidade com os homens, todas as mentes se convertem em estações transmissoras, através das quais é possível operar à vontade. - Ele acrescentou: Láhiri, esta caverna lhe parece familiar, não é?

"Enquanto eu permanecia em desnorteado silêncio, o santo aproximou-se e delicadamente golpeou minha testa. Sob esse toque mágico, uma corrente maravilhosa atravessou-me o cérebro, revivendo as doces recordações latentes de minha vida anterior.

---

[268] Mais tarde, um sanatório militar. Por volta de 1861, o Governo britânico já instalara na índia um serviço telegráfico.
[269] Ranikhet, no distrito de Almora, situa-se ao pé do Ninda Devi, um dos mais altos picos da cordilheira do Himalaia (7.821 m).
[270] "0 sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado" (Marcos, 2:27).

"- Recordo-me! - Minha voz quase se afogava em soluços de alegria. - O senhor é meu guru Bábají, que sempre me pertenceu! Cenas do passado ressurgem, vívidas, em minha mente; aqui, nesta caverna, passei muitos anos de minha última encarnação! - Enquanto inefáveis reminiscências me subjugavam, eu, em lágrimas, abraçava os pés de meu mestre.

"- Durante mais de três décadas esperei que você regressasse a mim! - A voz de Bábají vibrava de amor celestial. - Você deslizou para longe, desaparecendo nas ondas tumultuosas da vida pós-morte. Tocou-o a varinha mágica de seu carma e você se afastou! Embora você me perdesse de vista, eu nunca o perdi! Através do mar astral luminescente, onde singram anjos gloriosos, eu o persegui. Através da escuridão, tempestades, marés e luz, eu o segui, como ave materna escoltando o seu filhote. Quando, sob a forma de um menino, você chegou ao término de sua existência intra-uterina, e nasceu para este mundo, meu olhar o acompanhava ainda, sempre. Quando, em sua infância, você cobriu com as areias de Ghurni seu diminuto corpo em posição de lótus, eu estava invisível, mas presente. Mês após mês, ano após ano, cheio de paciência, zelei por você, aguardando este dia perfeito. Agora você está comigo! Aqui está sua caverna, amada de tempos idos; conservei-a sempre limpa e pronta para você. Aqui está sua manta santificada para as ásanas, onde todos os dias você se sentava para expandir seu coração com Deus. Eis aqui sua escudela, da qual freqüentemente você bebia o néctar preparado por mim. Veja, como conservei polida e brilhante a xícara de bronze para que, dela, algum dia, você pudesse beber outra vez. Você que me pertence, compreende agora?

"- Meu guru, que posso dizer? - murmurei, com voz entrecortada. - Onde alguém já soube de semelhante amor imperecível? - Extasiado, contemplei longamente meu perpétuo tesouro, meu guru na vida e na morte.

"- Láhiri, você necessita de purificação. Beba o óleo desta escudela e deite-se à margem do rio. - Pensei, com rápido sorriso de reminiscência, que a sabedoria prática de Bábají se adiantava sempre, como mastro de proa,

"Obedeci às instruções. Embora a fria noite do Himalaia viesse descendo, uma quentura, uma radiação confortadora, começou a pulsar dentro de mim. Maravilhei-me. Estaria o óleo desconhecido impregnado de um calor cósmico?

"Ventos fustigantes giravam à minha volta na escuridão, gritando-me agudamente ferozes desafios. As ondas gélidas do rio Gogash saltavam periodicamente sobre meu corpo, estendido na margem rochosa. Tigres rugiam nas vizinhanças, mas eu tinha o coração livre de medo; a energia irradiante, há pouco gerada em meu interior, comunicava-me a segurança de uma proteção inexpugnável. Muitas horas passaram rapidamente; memórias desvanecidas de uma existência anterior entrelaçavam-se ao atual e brilhante paradigma de reunião com meu divino guru.

"Minhas solitárias cismas foram interrompidas pelo som de pisadas que se aproximavam. Na treva, gentilmente, a mão de um homem me ajudou a levantar e deu-me alguma roupa seca.

"- Venha, irmão - disse meu companheiro. - O mestre o espera. - E seguiu à frente, através da floresta. Ao chegarmos a uma volta do caminho, a noite sombria foi repentinamente iluminada por um esplendor estável na distância.

Será o nascer do sol? - perguntei. - Uma noite inteira já se passou?

"- É meia-noite. - Meu guia riu suavemente. - Aquela luminosidade é a cintilação de um palácio de ouro, materializado aqui, esta noite, pelo incomparável Bábají. No obscuro passado, você uma vez expressou o desejo de desfrutar as belezas de um palácio. Nosso mestre está agora satisfazendo esse desejo seu e livrando-o assim do último laço de seu carma[271]. - E acrescentou: - O magnífico palácio será o cenário de sua iniciação, esta noite, em Kriya Yoga. Todos os seus irmãos, aqui, se reúnem num hino de júbilo pelo fim de seu exílio. Contemple-o!

"Erguia-se, diante de nós, um vasto palácio de ouro rutilante. Com adornos de incontáveis jóias, situado entre jardins paisagísticos, refletido em lagoas tranqüilas - um espetáculo de grandeza ímpar! Altas arcadas apresentavam complicadas incrustações de grandes diamantes, safiras e esmeraldas. Homens de semblante angélico postavam-se em portões rubros de resplendentes rubis,

[271] A lei cármica exige que cada desejo humano encontre satisfação final. Desejos não-espirituais formam, assim a corrente que amarra o homem à roda das reencarnações.

"Segui meu companheiro até um espaçoso vestíbulo de recepção. Aroma de incenso e rosas flutuava no ar; lâmpadas veladas esparziam um brilho multicolorido. Pequenos grupos de devotos, alguns de pele clara, outros de epiderme escura, cantavam ou sentavam em silêncio, na posição meditativa, imersos em íntima paz. Uma alegria vibrante impregnava a atmosfera.

"- Olhe e regale-se; desfrute os esplendores artísticos do palácio, pois foi criado exclusivamente em sua honra - comentou meu guia, sorrindo com simpatia às minhas exclamações de assombro.

"- Irmão - disse eu - a beleza desta estrutura ultrapassa os limites da imaginação humana. Por favor, explique-me o mistério de sua origem.

"- Com prazer. - Os negros olhos de meu companheiro brilhavam de sabedoria. - Nada existe de inexplicável acerca desta materialização. O cosmo inteiro é uma projeção do pensamento do Criador. Este pesado torrão de terra, flutuando no espaço, é um sonho de Deus. Ele extraiu de Sua mente todas as coisas, assim como o homem, durante o sonho, reproduz e infunde vida a um mundo povoado de criaturas.

"Primeiramente, o Senhor criou a Terra no plano da idéia. Insuflou-lhe vida; a energia atômica e depois a matéria passaram a existir. Ele coordenou os átomos da Terra de modo a formar uma esfera sólida. A vontade de Deus mantém a coesão de todas as moléculas. Quando Ele retirar Sua vontade, todos os átomos da Terra se transformarão em energia. A energia atômica regressará à sua fonte: a Consciência. A idéia "Terra" não mais terá existência objetiva.

,, A substância de um sonho se mantém materializada graças ao pensamento subconsciente do sonhador. Quando este pensamento coesivo se retira, porque o homem despertou, o sonho e seus elementos se dissolvem. Um homem dorme e erige uma criação-de-sonho que ele desmaterializa sem esforço ao despertar. Imita o exemplo arquetípico de Deus. Assim também, quando acorda para a Consciência Cósmica, ele desmaterializa sem esforço a ilusão que é o universo, sonho-cósmico.

"Sintonizado com a infinita Vontade onipotente, Bábají pode ordenar aos átomos elementares que se combinem e assumam qualquer forma. Este palácio de ouro, instantaneamente criado, é real - no mesmo sentido em que o nosso planeta é real. Bábají tirou de sua própria mente esta bela mansão e está mantendo unidos os átomos pelo poder de sua vontade, assim como o pensamento de Deus criou o nosso planeta e Sua vontade o mantém. - E meu companheiro acrescentou: -Quando esta estrutura tiver servido a seu objetivo, Bábají a desmaterializará.

"Como eu continuasse silencioso, em atemorizada reverência, meu guia fez com a mão um gesto amplo. - Este palácio cintilante, soberbamente embelezado com jóias, não foi construído pelo esforço humano; seu ouro e suas pedras preciosas não foram laboriosamente extraídos de minas. Ergue-se com toda solidez, um desafio monumental ao homem[272]. Quem quer que alcance a consciência e a experiência de filho de Deus, como Bábají, pode atingir qualquer objetivo com os infinitos poderes ocultos dentro de si. Uma pedra contém secretas e estupendas energias atômicas[273]; assim também o mais ínfimo dos mortais é uma central elétrica de divindade.

"O sábio apanhou, numa mesa vizinha, uma graciosa ânfora, cuja alça fulgurava de diamantes. - Nosso grande guru criou este palácio, solidificando miríades de raios cósmicos livres - continuou ele, - Apalpe este vaso e seus diamantes; eles suportam com êxito qualquer teste da experiência sensorial.

"Examinei o vaso; suas jóias eram dignas de coleção de um rei. Deslizei minha mão pelas paredes da sala, espessas de ouro reluzente. Grande satisfação mental empolgou-me. Um desejo, oculto em minha subconsciência desde vidas pretéritas, parecia, simultaneamente, saciar-se e extinguir-se.

"Meu imponente companheiro guiou-me, através de arcos e corredores ornamentados, até uma série de câmaras ricamente mobiliadas em estilo de palácio imperial. Penetramos num salão imenso. No centro achava-se um trono de ouro, incrustado de jóias que emitiam faiscante mistura de cores. Ali, em posição de lótus, sentava-se o supremo Bábají. Ajoelhei-me a seus pés, no soalho lustroso.

"- Láhiri, você ainda se regala com seu desejado palácio de ouro? - Os olhos de meu guru cintilavam como suas próprias safiras. – Acorde! Todos os seus anseios terrenos estão a ponto de extinguir-se para sempre! - Ele murmurou algumas palavras místicas de bênção. - Levante-se, meu filho. Receba sua iniciação no reino de Deus, por meio de Kriya Yoga.

"Bábají estendeu a mão; um fogo de homa (sacrifício) surgiu, cercado de flores e frutas. Recebi a libertária técnica de ioga em frente a este altar flamejante.

---

[272] "Que é um milagre? É uma censura, uma sátira implícita à humanidade". **Edward Young,** em "Pensamentos Noturnos".

[273] A teoria da estrutura atômica da matéria é exposta nos antigos tratados hindus **Vaisesíka** e Nyáya. "Existem vastos mundos nos espaços vazios de cada átomo, multifários como as partículas de poeira num feixe de raios de sol". Yoga vasisbthe.

“O ritual acabou ao despontar a aurora. Em meu estado de êxtase, não sentia necessidade de dormir. Vaguei pelas salas do palácio, repleto de tesouros e de requintados objetos de arte, e 'visitei os jardins. Notei, nas adjacências, as cavernas e as desoladas saliências da montanha, vistas no dia anterior, sem que, então, fossem vizinhas do grande edifício e de seus terraços floridos.

“Entrando de novo no palácio, fabulosamente fulgurante ao frio sol do Himalaia, busquei a presença de meu mestre. Ele ainda se achava no trono, rodeado de muitos discípulos quietos.

“- Láhiri, você está com fome. - Bábají acrescentou: - Feche os olhos.

“Quando os reabri, o palácio encantado e seus jardins haviam desaparecido. Os corpos de Bábají e de seus discípulos, e o meu próprio, encontravam-se agora todos sentados na terra nua, no lugar exato do palácio esvanecido, não muito longe das aberturas ensolaradas das grutas rochosas. Lembrei-me de ter meu guia dito que o palácio seria desmaterializado, que seus átomos cativos seriam liberados para voltarem às essências mentais de sua origem. Embora atordoado, fitei meu guru com toda a confiança. Eu não sabia o que esperar, a seguir, naquele dia de milagres.

“- O palácio já serviu ao propósito para o qual foi criado. - explicou Bábají. E ergueu do chão um recipiente de barro. - Ponha sua mão aqui e receberá o alimento que desejar.

“Toquei a ampla tigela; surgiram lúchis (pães) quentes fritos em manteiga, caril e frutas cristalizadas. Ao comê-los, notei que a tigela continuava sempre cheia. No fim da refeição, olhei em volta, procurando água. Meu guru apontou para a tigela diante de mim. O alimento sumira; em seu lugar havia água.

“- Poucos mortais sabem que o reino de Deus inclui o reino das satisfações mundanas - observou Bábají. - O reino divino estende-se ao terrestre; mas este, ilusório por natureza, não contém a essência da Realidade.

“- Bem-amado guru, ontem à noite, recebi a prova do vínculo de beleza entre o céu e a terra! - Sorri à recordação do palácio desaparecido; sem dúvida, nenhum despretencioso iogue jamais recebeu iniciação nos augustos mistérios do Espírito em ambiente de luxo tão impressionante! Serenamente fitei o atual cenário, em absoluto contraste com o anterior. O solo árido, o céu por teto, as cavernas oferecendo abrigo primitivo - tudo parecia formar uma graciosa paisagem natural para os santos seráficos que me rodeavam.

“À tarde, sentei em minha manta, santificada pelo acúmulo de realizações de existências anteriores. Meu divino guru aproximou-se e passou a mão sobre minha cabeça. Entrei no estado de nirbikâlpa samádhi, permanecendo ininterruptamente em beatitude durante sete dias. Cruzando os estratos sucessivos do autoconhecimento, penetrei nos reinos imortais da Realidade. Transcendidas todas as limitações ilusórias, minha alma estabeleceu-se inteiramente no altar do Espírito Cósmico.

“No oitavo dia caí aos pés de meu guru e supliquei-lhe que me conservasse sempre junto a si naquele ermo sagrado.

“- Meu filho - disse Bábají, abraçando-me - seu papel nesta encarnação deve ser representado aos olhos das multidões. Abençoado, desde antes de seu nascimento, por muitas vidas de meditação solitária, você deve misturar-se agora ao mundo dos homens.

“O fato de você só me ter encontrado, nesta encarnação, quando já era um homem casado, com família modesta e responsabilidades profissionais, tem um sentido profundo. Você deve pôr de lado essa idéia de reunir-se a nosso grupo secreto no Himalaia. Você viverá entre a multidão da cidade para servir de exemplo: símbolo do iogue que é também chefe de família.

“Os gritos de muitos homens e mulheres desnorteados neste mundo sensibilizaram os ouvidos das Grandes Almas - prosseguiu ele. -Você foi o escolhido para brindar consolo espiritual através de Kriya Yoga a numerosas criaturas que buscam Deus sinceramente. A milhões de seres sobrecarregados por laços familiares e pesados deveres mundanos, você inspirará nova coragem, quando virem em você um chefe de família como eles. Você deve levá-los a compreender que as mais elevadas conquistas iogues não estão proibidas ao homem de família. Mesmo levando vida mundana, o iogue que fielmente cumpre suas responsabilidades, sem apego ou motivação pessoal, trilha firmemente o caminho da iluminação.

“Nenhuma necessidade o obriga a abandonar o mundo, pois internamente você já desatou todos os laços cáminicos, Não sendo deste mundo, nele, entretanto, você deve permanecer. Muitos anos ainda decorrerão, em que haverá de cumprir conscienciosamente seus deveres domésticos, profissionais, cívicos e espirituais. Novo e doce alento de divina esperança penetrará nos áridos corações dos homens mundanos. Eles compreenderão, pelo exemplo de seu equilíbrio, que a liberação depende mais de renúncias internas do que externas”.

"Que remotos me pareciam minha família, o escritório, o mundo, enquanto eu ouvia meu guru nas altas solidões do Himalaia. Verdade diamantina, porém, ressoava em suas palavras; submisso, concordei em deixar aquele abençoado porto de paz. Bábají instruiu-me nas regras antigas e rígidas que governam a transmissão da arte da ioga, de guru a discípulo.

"- Conceda a chave de Kriya somente a chelas qualificados disse Bábají. - Quem promete sacrificar tudo na busca do Divino, está apto a desvelar os mistérios finais da vida através da ciência da meditação.

"- Guru angélico, o senhor, que já prestou um benefício à humanidade com a ressurreição da perdida arte de Kriya, não o aumentará, abrandando as severas exigências para a aceitação de discípulos? -Olhei, suplicante, para Bábaji. - Peço-lhe, permita-me instruir em Kriya a todos os que buscam a Deus com sinceridade, mesmo que, a princípio, não sejam capazes de devotar-se à completa renúncia interna. Homens e mulheres do mundo, torturados, perseguidos pelo tríplice sofrimento[274], precisam de encorajamento especial. Talvez nunca tentem caminhar para a liberdade se a iniciação em Kriya lhes for vedada.

"- Assim seja. A vontade divina se expressou por seus lábios. Dê Kriya livremente a todos os que humildemente solicitarem auxílio -- respondeu o misericordioso guru[275].

Após um silêncio, Bábají acrescentou: - Repita a cada um de seus discípulos esta soberana promessa do Bhágavad Gíta[276]: Swalpamapyasya Marmasya, trayate mahato bhayat. (Até uma pequena prática deste dhárma (rito religioso ou reta ação) o salvará de um grande temor (inaliato bhayat) - os colossais sofrimentos inerentes aos sucessivos ciclos de nascimento e morte.)

"Ao ajoelhar-me na manhã seguinte aos pés de meu guru para sua bênção de despedida, ele sentiu minha profunda relutância em deixá-lo.

"- Não há separação entre nós, filho bem-amado. - Ele me tocou afetuosamente o ombro. - Sempre que me chamar, esteja onde estiver, imediatamente me encontrará a seu lado.

"Consolado por esta maravilhosa promessa, e enriquecido com o ouro da sabedoria de Deus, recentemente achado, desci a montanha. No escritório, fui bem acolhido por meus colegas de trabalho que, durante dez dias, me acreditaram perdido nas selvas himalaicas. Em breve, uma carta chegou do departamento central.

"- Láhiri deve retornar ao posto de Danapur - dizia. - Sua transferência para Ranikhet resultou de um erro. Outro homem deveria ter sido enviado para exercer suas funções em Ranikhet.

"Sorri, refletindo na oculta contra-corrente que provocou o "erro" de me levar à mais remota localidade da índia.

"Antes de regressar a Danapur[277], passei alguns dias com uma família bengali em Moradabad. Um grupo de seis amigos veio me visitar. Quando encaminhei a conversação para assuntos espirituais, meu anfitrião observou sombriamente:

Oh, a índia, hoje em dia, não tem mais santos!

---

[274] Sofrimento físico, mental e espiritual, que se traduz, respectivamente, em doenças, em anomalias psíquicas ou "complexos", e em ignorância de sua divina alma.

[275] A princípio, Bábají deu permissão a Láhíri Mahásaya, a ele apenas, para ensinar **Kriya Yoga** a outros. A seguir, o Yogavatar pediu que alguns de seus discípulos também viessem a receber o poder de ensinar Kriya, Bábají consentiu e determinou que o poder de ensinar **Kriya** fosse limitado, no futuro, àqueles que tivessem avançado na senda de Kriya e recebido de Láhiri Mahásaya a autorização para ensiná-la, ou que a tivessem recebido desses discípulos autorizados. Bábají, compassivo, prometeu assumir responsabilidade, vida após vida, pelo bem-estar espiritual de todos os Kriya Yogis devotos e leais que fossem iniciados por instrutores em Kriya devidamente autorizados.
Aos que se vão iniciar em Kriya Yoga, filiados a SRF-YSS, requer-se a assinatura de um compromisso de que a técnica de Kriya não será revelada a outros. Assim, a técnica de Kriya, simples mas exata, fica ao resguardo de mudanças e distorções efetuadas por professores sem autorização, e permanece em sua forma original, incorrupta.
Embora as antigas restrições de ascetísmo e renúncias fossem eliminadas por Bábají para que as multidões pudessem conhecer os benefícios de Kriya Yoga, ele, não obstante, exigiu de Láhirí Mahásaya e de todos os seus descendentes em linhagem espiritual (isto é, dos sucessivos Gurus de SRF-YSS) que impusessem, a todos os que procurassem a iniciação, um período de treinamento espiritual prévio, como preparo à prática de Kriya Yoga. A prática de uma técnica tão avançada como **Kriya** é incompatível com uma vida espiritual irregular. **Kriya Yoga** é mais que uma técnica de meditação; é também um modo de vida, e exige a aceitação pelo iniciado de certas disciplinas e injunções. **Self-Realization Fellowship** e Yogoda Satsanga Society of India têm cumprido fielmente estas instruções herdadas de sua linhagem de Gurus. As técnicas de Hóng-S6 e de OM, ensinadas nas Lições de SRF-YSS e por represenantes autorizados de SRF-YSS, como preliminares a Kriya Yoga, são parte integral da senda de Kriya. Estas técnicas são de suprema eficiência para elevar a consciência até a Auto-realização e libertar a alma de seu cativeiro. (Nota de SRF)

[276] Capítulo 2:40.

[277] Cidade próxima de Benares.

Babil - protestei, com veemência - sem dúvida ainda existem grandes mestres em nossa terra!

"Nunia exaltação de fervor, senti-me impelido a narrar minhas extraordinárias experiências no Himalaia. A pequena platéia mostrou-se cortesmente incrédula.

"- Láhiri - disse um homem, com suavidade - sua mente sofreu uma grande tensão naqueles ares rarefeitos da cordilheira. O que você nos relata é algum sonho de olhos abertos.

"No ardoroso entusiasmo pela verdade, falei sem refletir devidamente: - Se eu chamar meu guru, ele aparecerá aqui mesmo, nesta casa.

"O interesse brilhou em todos os olhos; não era de admirar que o grupo estivesse ansioso por observar tal fenômeno. Meio relutante, pedi uma sala tranqüila e dois cobertores novos de lã.

"- O mestre virá do éter e se materializará - disse eu. - Conservem-se em silêncio do lado de fora; não tardarei em chamá-los.

"Mergulhei em meditação, humildemente invocando meu guru. O quarto escurecido encheu-se gradualmente de um brilho suave; a luminosa figura de Bábají surgiu.

"- Láhiri, você me chama por um motivo fútil? - O olhar do mestre era severo. - A verdade é para quem a procura sinceramente, não para quem tem apenas curiosidade ociosa. É fácil acreditar quando se vê: dispensa a busca e o esforço. Descobrem a verdade além dos sentidos os que a merecem por terem vencido seu natural ceticismo materialista. - Ele acrescentou gravemente: - Deixe-me ir!

"Caí a seus pés, suplicando: - Sagrado guru, compreendo meu grave erro; humildemente lhe peço perdão. Foi para despertar a fé nestas mentes espiritualmente cegas, que me arrisquei a chamá-lo. já que tão benevolamente surgiu em resposta à minha prece, por favor, não se retire sem conceder uma bênção aos meus amigos. Descrentes embora, eles se inclinam, pelo menos, a investigar a verdade de minhas estranhas afirmações.

"- Muito bem, ficarei um pouco mais. Não quero que sua palavra seja desacreditada diante de seus amigos! - A face de Bábají suavizara-se, mas ele acrescentou: - Doravante, meu filho, virei sempre que você precisar de mim e não sempre que me chamar[278].

"Um silêncio pleno de tensão reinava no pequeno grupo quando abri a porta, Como se não confiassem em seus sentidos, meus amigos fitaram de olhos arregalados a resplandecente figura de Bábají, sentado sobre o cobertor.

"- Isto é hipnotismo coletivo! - Um deles riu, espalhafatosamente. - Ninguém poderia entrar neste quarto sem que o víssemos!

"Bábají adiantou-se, sorridente, e fez sinal a cada um para que tocasse a carne sólida e tépida de seu corpo. Desfeitas as dúvidas, meus amigos prostraram-se ao chão, em arrependimento cheio de temor reverente.

"- Prepare-se **halua**[279]. - Bábají fez este pedido, eu sabia, para que o grupo melhor se convencesse da realidade física do mestre. Enquanto o mingau fervia, o divino guru conversava amavelmente. Grande foi a metamorfose destes incrédulos Tomases em devotos São Paulos. Terminada a refeição, Bábají abençoou cada um de nós individualmente. Houve um súbito relâmpago; assistimos a instantânea desintegração dos elementos eletrônicos do corpo de Bábají em luz vaporosa e expansiva. A força do mestre sintonizado com Deus relaxara o controle sobre os átomos de éter que lhe compunham o corpo; imediatamente, trilhões de diminutas centelhas vitatrônicas desapareceram no reservatório infinito.

"- Com meus próprios olhos vi o vencedor da morte - expressou-se, com reverência, um dos membros do grupo, Maitra[280]. Tinha o rosto transfigurado pela alegria de seu recente despertar. - O supremo guru. brincou com o tempo e o espaço, tal qual uma criança brinca com bolhas de sabão. Contemplei alguém que possui as chaves do céu e da terra.

"- Em breve, voltei a Danapur - concluiu Láhiri Mahásaya.

---

[278] Na senda do Infinito, até mesmo iluminados como Láhiri Mahásaya podem se entregar a um excesso de zelo e receber castigo. No Bhágavad Gíta lemos muitas passagens onde o divino guru. Krishna castiga o príncipe dos devotos, Árjuna.

[279] Mingau feito de fécula (similar ao trigo) frito em manteiga e cozido em leite.

[280] Este homem, mais tarde conhecido pelo nome de Maitra Mahásaya, registrou um grande avanço em realização espiritual. Encontrei Maitra Mahásaya logo após minha formatura na escola secundária; ele visitou o eremitério **Mahamandal** em Benares, enquanto eu residia ali. Contou-me, naquela oportunídade, a materialização de Bábají perante o grupo de Allahabad. Maitra Mahásaya explicou-me: "Em conseqüência do milagre, tornei-me discípulo de Láhiri Mahásaya para o resto da vida".

Firmemente ancorado no Espírito, de novo assumi as múltiplas obrigações domésticas e profissionais de um chefe de família".

Láhiri Mahásaya também relatou a Swâmi Kebalananda e a Sri Yuktéswar a história de outro encontro com Bábají, uma das muitas ocasiões em que o supremo guru cumpriu sua promessa: "Virei sempre que precisar de mim".

"- A cena foi uma Kumbha Mela, em Allahabad - disse Láhiri Mahásaya a seus discípulos. - Eu fora ali em gozo de umas curtas férias profissionais. Ao vagar entre a multidão de monges e sádhus, vindos de grandes distâncias para assistir ao festival, notei um asceta coberto de cinzas, que segurava uma escudela de mendigo. Em minha mente surgiu o pensamento de que o homem era hipócrita, por usar símbolos exteriores de renúncia, sem a graça interna correspondente.

"Assim que deixei o asceta para trás, meu olhar surpreendido caiu em Bábají. Ele se ajoelhava diante de um anacoreta de cabelos emaranhados.

"- Gúriji! - Aproximei-me dele, apressadamente. - Senhor, que faz aqui?

"- Estou lavando os pés deste homem de renúncia, e depois lavarei seus utensílios de cozinha. - Bábají teve um sorriso de criança; compreendi que ele me indicava sua vontade de que eu a ninguém criticasse, porém visse o Senhor residindo igualmente em todos os temploscorpos, fossem de homens superiores ou inferiores.

"E acrescentou Bábají, o grande guru: - Servindo a sádhus ignorantes e sábios, estou aprendendo a maior das virtudes, a que agrada a Deus acima de todas as outras - a humildade[281]".

[281] "Ele se humilha para contemplar as coisas que estão no céu e na terra" (Salmos, 113:6). "Quem se exaltar, será humilhado; e quem se humilhar, será exaltado" (**Mateus,** 23:12) Quem humilha o ego, ou o falso eu, descobre sua identidade eterna,

Capítulo 35 - A vida crística de Láhiri Mahásaya

"Assim nos convém cumprir toda a justiça"[282]. Ao dirigir estas palavras a João Batista e ao pedir-lhe o batismo, Jesus reconhecia os direitos divinos de seu guru.

Com base num estuco reverente da Bíblia, do ponto de vista de um oriental[283], e em minha própria percepção intuitiva, estou con-, vencido de que João Batista foi, em vidas anteriores, o guru de Cristo. Numerosas passagens na Bíblia deixam implícito que João e Jesus, em suas últimas encarnações, foram respectivamente Elijah e seu discípulo Elisha. (Tal é a grafia no Velho Testamento. Os tradutores gregos escreveram Elías e Eliseu, nomes que reaparecem, sob esta forma alterada, no Novo Testamento).

Em seus versículos finais, o Velho Testamento prediz a reencarnação de Elijah e Elisha: "Eis que vos envio Elijah, o profeta, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor"[284]. Assim, João (Elijah), enviado "antes da vinda... do Senhor", nasceu com pequena antecipação para servir de arauto a Cristo. Um anjo apareceu a Zacarias, o pai, para dar testemunho de que o filho esperado, João, não seria outro senão Elijah (Elias):

"Mas o anjo lhe disse: Não tema, Zacarias, pois tua prece foi ouvida; e tua mulher Isabel dará à luz um filho e lhe porás o nome de João ... E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. E irá diante dele[285] no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à sabedoria dos justos; a fim de preparar ao Senhor um povo disposto"[286].

Duas vezes, inequivocamente, Jesus identificou Elijah (Elias) como João: "Elias já veio, e eles não o conheceram ... Então, os discípulos compreenderam que ele lhes falara de João Batista"[287]. Em outra ocasião, Jesus disse: "Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E se quereis dar crédito, este é o Elías que havia de vir"[288] .

Quando João negou que fosse Elias (Elijah)[289], quis dizer que, no humilde traje de João, já não vinha com a elevada investidura exterior de Elijah, o grande guru. Em sua última encarnação, ele cedera o "manto" de sua glória e de sua riqueza espiritual a seu discípulo Elislia. "E disse Elisha: Peço-te, deixa que uma porção dupla de teu espírito seja sobre mim. - E respondeu Elijab: Coisa difícil pediste; entretanto, se me vires quando eu for arrebatado de ti, terás o que pediste ... E (Elisha) tomou o manto de Elijali que este deixara cair"[290].

Trocaram-se os papéis porque Elijah-João não mais era necessário como guru ostensivo de Elisha-Jesus que se fizera, então, divinamente perfeito.

Quando Cristo se transfigurou na montanha[291], foi seu guru Elias que ele viu, junto de Moisés. Em sua hora extrema na Cruz, Jesus exclamou: "Elí, Eli, lama sabachtâmi? Isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Alguns dos que permaneciam ali, ao ouvirem isto, disseram: Este homem chama por Elias ... Vejamos se Elias vem salvá-lo"[292].

O vínculo temporal entre guru e discípulo, unindo João e Jesus, existia também entre Bábají e Láhiri Maliásaya. Com terna solicitude, o imortal guru cruzou as águas do abismo que redernoinhavam entre as duas vidas de seu chela, e guiou os passos sucessivos da criança e depois do homem Láhiri Mahásaya. Somente quando o discípulo completou trinta e três anos, Bábají julgou chegado o momento de restabelecer abertamente o laço jamais cortado.

---

[282] Mateus, 3:15.
[283] Muitas passagens bíblicas revelam que a lei da reencarnação era compreendida e aceita. Os ciclos de reencarnação constituem uma explicação mais razoável para os diferentes estados de evolução nos quais a humanidade se encontra, do que a teoria ocidental comum; esta pretende que algo (consciência do ego) veio do nada, existiu em vários graus de vitalidade durante trinta ou noventa anos e depois retornou ao vazio original. A inconcebível natureza de tal vazio é problema para deleitar o coração de um escolástico medieval.
[284] Malaquias, 4:5.
[285] "Diante dele", isto é, "diante do Senhor".
[286] Lucas, 1: 13-17.
[287] Mateus, 17:12-13.
[288] Mateus, A 1: 13-14.
[289] João, 1:21.
[290] 11 Reis, 2:9-14.
[291] Mateus, 17:3.
[292] Mateus, 27:46-49.

Após o breve encontro próximo a Ranikhet, o abnegado guru não conservou o discípulo querido a seu lado, mas libertou-o para o desempenho de uma missão ostensiva no mundo. “Meu filho, virei sempre que precisar de mim”. Que amante mortal pode cumprir as infinitas implicações de semelhante promessa?

Sem que o mundo soubesse, um grande renascímento espiritual teve início em 1861, num remoto recanto de Benares. Assim como não se pode suprimir o aroma das flores, igualmente Láhiri Mahásaya, vivendo em quietude como chefe-de-família ideal, não podia esconder sua glória inata. Como abelhas, devotos de todas as partes da índia começaram a procurar o néctar divino do mestre liberto.

O chefe de seu departamento, um inglês, foi um dos primeiros a notar a estranha, transcendental mudança de seu funcionário, a quem afetuosamente apelidara de “Babú Extático”.

- O senhor parece triste. Que acontece? - Láhiri Mahásaya, compadecido, fez esta pergunta a seu chefe, certa manhã.

- Minha esposa na Inglaterra está gravemente enferma. A angústia me dilacera.

- Vou buscar para o senhor algumas palavras dela. - Láhiri Mahásaya deixou a sala e sentou-se por algum tempo em local isolado. Ao regressar, tinha um sorriso consolador.

- Ela está melhorando; sua esposa lhe escreve uma carta, neste momento. - O guru onisciente citou alguns trechos da missiva.

- Extático Babú, já sei que não é um homem comum. Entretanto, sou incapaz de acreditar que o senhor pode suprimir, à vontade, o tempo e o espaço!

A carta prometida chegou afinal. Para seu grande espanto, o chefe descobriu que ela continha não só as boas notícias da cura de sua esposa, mas também as mesmas frases pronunciadas pelo grande mestre, semanas antes.

Alguns meses depois, a esposa veio à índia. Ao encontrar Láhiri Mahásaya, ela o fitou com veneração.

- Senhor - disse ela - foi sua forma, nimbada de luz gloriosa, que contemplei, há meses atrás, ao lado de meu leito de enferma em Londres. Naquele instante, senti-me completamente curada! Pouco depois, encontrava-me em condições de empreender a longa viagem através do oceano.

Dia após dia, o sublime gurti iniciava um ou dois devotos em Kriya Yoga. Além destes deveres espirituais e de suas responsabilidades profissionais e domésticas, o grande mestre demonstrava, com entusiasmo, seu interesse pela educação. Organizou numerosos grupos de estudo e tomou parte ativa no desenvolvimento de uma grande escola secundária no distrito Bengalitola, em Benares. Nas reuniões semanais que vieram a ser conhecidas como “Assembléia do **Gíta**” o guru. explicava as Escrituras a muitos ávidos buscadores da verdade.

Com estas múltiplas atividades, Láhiri Mahásaya procurou responder ao desafio comum: “Depois de cumprir os deveres profissionais e sociais, onde está o tempo para a meditação devocional? “A vido. harmoniosamente equilibrada do grande guru-chefe-de-família tornou-se uma inspiração para milhares de homens e mulheres, Ganhando apenas um modesto salário e sendo econômico, despretencioso, acessível a todos, o mestre continuava, natural e venturosamente, na trilha da vida mundana disciplinada.

Embora escondido no trono da Suprema Divindade, Láhiri Mahásaya mostrava reverência a todos os homens, sem considerar-lhes os méritos. Quando seus devotos o saudavam, ele se inclinava, por sua vez, diante deles. Com humildade de criança, o mestre freqüentemente tocava os pés de outras pessoas, mas raras vezes permitia que lhe prestassem homenagem idêntica, apesar desta observância em relação a um guru ser antigo costume oriental.

Um aspecto significativo da vida de Láhíri Mahásaya foi conferir a iniciação em Kriya a devotos de todos os credos. Não apenas hindus, mas maometanos e cristãos contavam-se entre seus mais preeminentes discípulos. Monistas e dualistas, adeptos de várias seitas sem credo definido, eram imparcialmente recebidos e instruídos pelo guru universal. Um de seus chelas mais adiantados foi Abdul Gufoor Khan, maometano. Láhiri Mahásaya, pertencente à casta mais elevada, a dos brâmanes, esforçou-se em diluir, com muita coragem para sua época, o rígido fanatismo de castas. Caminhantes das mais diversas estradas da vida achavam abrigo sob as asas onipresentes do mestre. Como todos os outros profetas inspirados por Deus, Láhiri Mahásaya trouxe novas esperanças aos párias e aos oprimidos.

- Recorde-se que você a ninguém pertence e que ninguém lhe pertence. Reflita que algum dia terá subitamente de abandonar tudo neste mundo; estabeleça, pois, o contato com Deus, agora - dizia o grande guru a seus discípulos. - Prepare-se para a jornada astral da morte que se aproxima, viajando diariamente no aeróstato da percepção divina. Por obra da ilusão, você pensa que é um fardo de carne e ossos, o qual vem a ser, quando muito, um ninho de complicações[293]. Medite sem interrupção, e logo virá a contemplar-se como Essência Infinita, livre de todas as misérias. Deixe de ser um prisioneiro do corpo; usando a chave secreta de Kriya, aprenda a escapar para o Espírito.

O mestre encorajava seus vários discípulos a aderirem à boa disciplina tradicional de seus próprios credos. Dando ênfase a Kriya como técnica prática de libertação que, por sua natureza, serve a homens de todos os credos, Láhiri Mahásaya, em seguida, dava a seus chelas liberdade para expressarem suas vidas de acordo com o ambiente e a educação que haviam recebido.

- Um maometano deveria realizar seu culto natnaj[294] cinco vezes por dia - assinalava o mestre. - Várias vezes por dia deveria um hindu sentar-se em meditação. Um cristão deveria ajoelhar-se quatro vezes, diariamente, para rezar a Deus e, a seguir, ler a Bíblia.

Com sábio discernimento, o guru guiava seus adeptos nas sendas de Bhákti (devoção), Karma (ação), jnâna (sabedoria), ou Raia (real ou completa), Yoga, segundo as tendências naturais de cada homem. Lento em dar sua permissão a devotos desejosos de ingressar na senda formal do monacato, o mestre sempre os aconselhava a refletirem prévia e demoradamente nas austeridades da vida monástica.

O grande guru ensinou seus discípulos a evitarem discussões teóricas das Escrituras. Sábio é quem se devota a realizar, não só a ler, as antigas revelações disse ele. - Resolva todos os seus problemas através da meditação[295]. Especulações improfícuas, troque-as pela autêntica comunhão com Deus. Limpe sua mente do entulho teológico, repleto de dogmas, deixe que nela penetrem as águas frescas, curativas, da percepção direta. Harmonize-se com o ativo Guia interno; a Voz Divina tem resposta para todo dilema da vida. Embora a habilidade humana para meter-se em dificuldades pareça inesgotável, o Socorro Infinito não é menos inexaurível.

O mestre demonstrou sua onipresença, certo dia, a um grupo de discípulos que ouvia sua exposição do Bhágavad Gíta. Ao explicar o significado de Kutástha Chaitânya ou Consciência Crística em toda a criação vibratória, Láhiri Mahásaya, de súbito respirando ofegantemente, exclamou:

- Estou me afogando nos corpos de muitas almas, à pequena distância das costas do Japão!

Na manhã seguinte, os chelas leram um relato telegráfico da morte de muitas pessoas cujo navio fora a pique, no dia anterior, próximo ao Japão.

Numerosos discípulos distantes de Láhiri Mahásaya tinham consciência de sua elástica presença. - Estou sempre com os que praticam Kriya - dizia consoladoramente a cada chela que não podia permanecer perto dele. - Eu o conduzirei ao Lar Cósmico através de suas percepções espirituais ampliadas.

Sri Bhupendra Nath Sanyal, discípulo eminente do grande guru, afirmou que, em sua adolescência, em 1892, não podendo ir a Benares, rezara ao grande mestre para receber instrução espiritual. Láhiri Mabásaya apareceu-lhe em sonho e deu-lhe díksha (iniciação). Mais tarde, o adolescente foi a Benares e solicitou diksha ao guru. - já o iniciei, durante um sonho - respondeu Láhiri Mahásaya[296].

Se um discípulo descurava qualquer uma de suas obrigações mundanas, o mestre o corrigia e o disciplinava com gentileza. “As palavras de Láhiri Mahásaya eram brandas e curativas, mesmo quando devia referir-se abertamente às falhas de um chela - disse-me Sri Yuktéswar, certa vez, acrescentando em tom de lamento: - Nenhum discípulo jamais escapou às farpas do mestre. - Não pude conter o riso, mas garanti sinceramente a Sri Yuktéswar que, cortante ou não, cada uma de suas palavras era música ao meus ouvidos.

Láhiri Mahásaya cuidadosamente graduou Kriya em quatro iniciações progressivas[297]. Ele concedia as três mais elevadas técnicas somente depois que o discípulo manifestasse um progresso espiritual definido. Um dia, certo chela, convencido de que seu valor não estava sendo devidamente aquilatado, externou seu descontentamento.

---

[293] “Quantas espécies de morte há em nossos corpos! Nada existe aí que não seja morte.”- Martinho Lutero, em “Conversas à Mesa”.
[294] Oração principal dos muçulmanos, repetida cinco vezes diariamente.
[295] “Busque a verdade na meditação, não em livros bolorentos. Fite o céu para encontrar a lua, não a lagoa.”- Provérbio persa.
[296] Sri Sanyal morreu em 1962. (Nota de SRF).
[297] Kriya Yoga tem muitas ramificações. Láhiri Mahásaya discerniu os quatro graus essenciais - os que possuem o mais alto valor prático.

- Mestre - disse ele - já estou preparado, sem dúvida, para a segunda iniciação. - Nesse momento, a porta abriu-se para admitir um discípulo humilde, Brinda Bhagat, um carteiro de Benares.

- Brinda, sente-se aqui, perto de mim. - O grande guru sorriu-lhe afetuosamente. - Diga-me, está preparado para a segunda Kriya?

O pequeno carteiro juntou as mãos em gesto de súplica. - Gurudeva - disse ele, alarmado - por favor, não mais iniciações! Como posso assimilar ensinamentos ainda mais elevados? Vim hoje para pedir-lhe a bênção porque a primeira divina Kriya inebriou-me tanto que já não posso entregar as cartas!

- Brinda já nada no oceano do Espírito. - Ao ouvir estas palavras de Láhiri Mahásaya, o outro discípulo abaixou a cabeça.

- Mestre - disse ele - percebo que tenho sido um pobre operário, atribuindo defeitos aos meus instrumentos de trabalho.

O modesto carteiro, inculto como era, desenvolveu mais tarde sua intuição através de Kriya, a ponto de especialistas virem ocasionalmente procurar sua interpretação de passagens complicadas ou controversas das Escrituras. Desconhecendo simultaneamente o pecado e a sintaxe, o pequeno Brinda conquistou renome entre os eruditos.

Além dos numerosos discípulos de Láhiri Mahásaya em Benares, centenas de outros vinham de distantes regiões da índia. Ele próprio viajou a Bengala em diversas ocasiões, visitando os sogros de seus filhos. Assim, abençoada por sua presença, Bengala multiplicou-se em colmeias, em pequenos grupos de Kriya. Especialmente nos distritos de Krislinariagar e Bishriupur, onde há muitos devotos silenciosos, continua a fluir, até hoje, a invisível torrente de meditação espiritual.

Entre os muitos santos que de Láhiri Mahásaya receberam Kriya, podem ser mencionados o ilustre Swâmi Bliaskarananda Saráswatí, de Benares; e Balananda Bramachári, asceta de Deoghar, de grande adiantarrento. Durate algum tempo, Láhiri Mahásaya foi professor particular do filho do marajá íswari Narayan Sinha Bahadur, de Benares. Reconhecendo as elevadas conquistas espirituais do mestre, o marajá e seu filho buscaram a iniciação em Kríya, assim como o fizera o marajá Jotindra Mohan Thakur.

Vários discípulos de Láhiri Mahásaya, ocupando posições de influência no mundo, desejavam expandir o círculo de Kriya, por meio da publicidade. O guru recusou-lhes permissão. Um chela, médico da corte do Senhor de Benares, deu os primeiros passos para fundar uma organização que difundiu o nome do mestre como “Káshi Baba”(O Exaltado de Benares)[298]. O guru proibiu-o.

- Deixe que o aroma da flor de Kriya seja levada pelo vento, de modo natural - disse ele. - As sementes de Kriya lançarão raízes firmes no solo dos corações espiritualmente férteis.

Embora o grande mestre não adotasse os meios modernos de propaganda - os grupos organizados e a imprensa - ele sabia que o poder de sua mensagem se espraiaria como enchente irresistível, inundando com sua própria força as ribeiras das mentes humanas. Vidas transformadas, vidas purificadas, eram as únicas garantias da imortal vitalidade de Kriya.

Em 1886, vinte e cinco anos depois de sua iniciação em Ranikhet, Láhiri Mahásaya aposentou-se[299]. Tendo maior tempo disponível durante o dia, os discípulos o procuravam em número sempre crescente. O grande guru sentava-se agora em silêncio, durante a maior parte do tempo, em tranqüila posição de lótus. Raramente deixava sua pequena sala de recepção, nem para dar uma caminhada ou mesmo fazer uma visita a outros aposentos da casa. Um quieto fluxo de chelas passava, quase incessantemente, para o darshan (vislumbre sagrado) do guru.

Para temor reverente de todos os observadores, o estado fisiológico habitual de Láhiri Mahásaya exibia as características sobre-humanas de ausência de respiração, ausência de sonho, cessação do pulso e dos batimentos cardíacos, olhos calmos, sem pestanejar durante horas, e profunda aura de paz, Nenhum visitante part , ia sem experimentar elevação espiritual; todos sabiam que os acompanhava a bênção silenciosa de um autêntico homem de Deus.

[298] Outros títulos concedidos a Láhirí Mahásaya por seus discípulos foram **Yogibar** (O Maior dos Iogues), Yogiráj (Rei dos Iogues) e **Munibar** (O Maior dos Santos), aos quais acrescentei o de **Yogavatar** (Encarnação da Ioga).
[299] Ele totalizara trinta e cinco anos de serviço num departamento do governo.

O mestre permitiu, então, a um discípulo, Pancharion Bhattachárya, abrir em Calcutá um centro de ioga, o "Instituto Missão Ária". O centro distribuía certas ervas medicinais iogues[300] e publicava as primeiras módicas edições do Bhágavad Gíta, em Bengala. Leu-se o Gíta da Missão Ária, em hindi e bengali, em centenas de lares.

Seguindo um costume de eras antigas, o mestre dava, ao povo em geral, óleo de neem[301] para a cura de várias moléstias. Quando o guru pedia a um discípulo que destilasse o óleo, a tarefa cumpria-se facilmente. Se qualquer outro o tentasse, deparava com estranhas dificuldades; descobria, depois de submeter o óleo aos processos de destilação necessários, que o líquido, quase por completo, se havia evaporado. Segundo todas as evidências, a bênção do mestre era um ingrediente indispensável.

A letra e a assinatura de Láhiri Mahásaya, em língua bengali, aparecem acima. As frases são de uma carta a um chela; o grande mestre interpreta assim um verso sânscrito: "Quem atingiu o estado de calma no qual as pálpebras não pestanejam, alcançou sambhábi múdra[302] (assinado) Sri Slivama Charan Deva Sharman".

À semelhança de muitos outros grandes profetas, Láhíri Mahásaya não escreveu livros, mas instruiu vários discípulos na interpretação que deveriam dar às Escrituras. Meu querido amigo Sri Ananda Mohan Láhiri, falecido neto do mestre, escreveu o seguinte:

"O Mágavad Gíta e outros trechos do épico Mabábbárata possuem numerosos pontos-chaves (vyas-kutas). Não perguntemos o que significam esses pontos-chaves e restam-nos estórias mitológicas de tipo excêntrico e logo mal compreendidas. Deixemos sem explicação os pontos-chaves, e perdemos uma ciência que a índia preservou com paciência sobre-humana depois de uma pesquisa equivalente a milhares de anos de experimentos[303].

"Láhiri Mahásaya trouxe à luz, despida de alegorias, a ciência da religião que tão engenhosamente fora oculta em imagens enigmáticas das Escrituras. Antes ininteligíveis, uma prestidigitação de palavras, as fórmulas do culto védico - provou o mestre - são plenas de significado científico.

"Sabemos que o homem geralmente não tem forças para combater as paixões más; estas, porém, se reduzem à impotência, e o homem deixa de condescender com elas, quando nele alvorece a consciência da beatitude superior e duradoura, através de Kriya Yoga. Então o desistir, a renúncia, a negação da natureza inferior sincroniza com o insistir, a afirmação do superior, a experiência de bem-aventurança. Sem essa evolução, as máximas morais que consistem em meras proibições são inúteis para nós.

"Por trás de todas as manifestações fenomênicas, marulha o Infinito, o Oceano de Poder. A sede de atividade mundana mata em nós o senso de reverência espiritual. Deixamos de perceber a Grande Vida oculta por trás de todos os nomes e formas porque a ciência moderna nos diz como utilizar os poderes da Natureza. A familiaridade com a Natureza fez nascer o desprezo por seus segredos últimos; nossa relação com ela é de caráter prático. Nós a importunamos, digamos assim, para descobrir de que modo podemos forçá-la a servir nossos propósitos; tiramos proveito de suas energias, cuja Fonte ainda permanece desconhecida. Em ciência, nossa relação com a Natureza é semelhante à que existe entre um homem arrogante e sua criada; ou, em sentido filosófico, a Natureza é como um cativo no banco das testemunhas. Nós a interrogamos repetidas vezes, e a provocamos, e minuciosamente pesai-nos seu depoimento, em balanças humanas incapazes de medir seus valores ocultos.

"Por outro lado, quando a alma se acha em comunhão com um poder mais alto, a Natureza automaticamente obedece, sem esforço e sem tensões, à vontade do homem. Este domínio fácil sobre a Natureza é chamado "milagroso" pelo materialista que não o compreende.

---

[300] Os tratados de medicina hindus chamam-se **Ayurveda.** Os cirurgiões vêdicos usavam delicados instrumentos operatórios, empregavam cirurgia plástica, conheciam os métodos médicos para neutralizar os efeitos dos gases venenosos, realizavam cesarianas e operações cerebrais, eram peritos na dinamização dos medicamentos. Hipócrates, famoso médico do século 5.' antes de Cristo, tomou emprestado muito de sua bagagem médica a fontes hindus.

[301] Ver nota no capítulo 1.

[302] **mudrá** significa comumente gesto ritual com os dedos e as mãos. **Sambhábi múdra** afeta certos nervos e provoca um estado de profunda calma. Antigos tratados hindus classificam minuciosamente os nádis (72.000 condutos nervosos no corpo) e suas relações com a mente. As **múdras** empregadas no culto e nas práticas de ioga têm, assim, fundamento científico. Complexa linguagem de **múdras** se encontra também na iconografia e nas danças rituais da índia.

[303] "Certo número de sinetes encontrados recentemente em escavações arqueológicas do vale do rio Indo, datados do 3º milênio antes de Cristo, mostram figuras sentadas em posições meditativas, de uso atual no sistema iogue, e confirmam a inferência de que já naquela época se conheciam alguns dos rudimentos de ioga. Podemos concluir, não sem razão, que a introspecção sistemática com auxílio de métodos comprovados tem sido praticada na índia, desde há 5000 anos", - Professor **Norman Brown** em Boletim do "American Council for Learned Societies", maio de 1939, Washington, D. C. - As Escrituras hindus testemunham, contudo, que a ciência da Ioga era conhecida na índia desde incontáveis milênios.

"A vida de Láhiri Mahásaya estabeleceu um exemplo que modificou a errônea noção de que a ioga é uma ciência misteriosa. Apesar do caráter objetivo da ciência física, todo homem, graças a Kriya Yoga, pode encontrar um caminho para compreender sua correta relação com a Natureza e sentir reverência espiritual por todos os fenômenos[304], sejam de ordem mística ou prosaica. Deveríamos ter em mente que muitas coisas, inexplicáveis há mil anos atrás, já não o são, e os mistérios de hoje podem tornar-se perfeitamente inteligíveis daqui a alguns anos.

"A ciência de Kriya Yoga é eterna. É verdadeira como a matemática; como as simples regras de soma e subtração, a lei de Kriya nunca será destruída. Reduzam-se a cinzas todos os livros de matemática, a mente lógica sempre redescobrirá tais verdades. Suprimam-se todos os livros de matemática, a mente lógica sempre redescobrirá tais verdades. Suprimam-se todos os livros de ioga; seus princípios fundamentais serão revelados outra vez, sempre que aparecer um sábio com devoção pura e, consequentemente, conhecimento puro".

Assim como Bábají, entre os maiores avatares, é um Maliávatár, e como Srí Yuktéswar pode, com justiça, ser chamado um Jnânavatár ou Encarnação da Sabedoria, igualmente Láhiri Mahásaya é um Yoga-vatár ou Encarnação da Ioga[305].

Segundo os padrões do bem, tanto quantitativa quanto qualitativamente, o grande mestre elevou o nível espiritual da sociedade. Por seu poder de alçar seus discípulos íntimos à estatura do Cristo, e por sua ampla disseminação da verdade entre as massas, Láhiri Mahásaya figura entre os redentores da humanidade.

Sua singularidade como profeta reside em sua ênfase prática num método definido, o de Kriya, abrindo pela primeira vez a todos os homens as portas da liberdade pela ioga. À parte os milagres de sua própria vida, certamente o Yogavatár atingiu o zênite de todas as maravilhas ao reduzir as antigas complexidades da ioga a uma simplicidade efetiva, dentro dos limites da compreensão ordinária.

Com referência a milagres, Láhiri Mahásaya dizia freqüentemente: "A operação de leis sutis, desconhecidas do povo em geral, não deve ser publicamente discutida ou divulgada, sem o devido discernimento."

Se, nestas páginas, pode parecer que descurei suas palavras de cautela, foi porque ele me deu seu consentimento por via espiritual. Contudo, ao registrar as vidas de Bábají, Láhiri Mahásaya e Sri Yuktéswar, considerei conveniente omitir certas histórias milagrosas. Dificilmente eu poderia incluí-las sem escrever também um volume explicativo de abstrusa filosofia.

Como iogue-chefe-de-família, Láhiri Mahásaya trouxe uma mensagem prática adequada às necessidades do mundo moderno. As excelentes condições econômicas e religiosas da antiga índia não mais subsistem. O grande mestre por isso não econrajou o velho ideal do iogue como asceta errante carregando a sua escudela de mendigo. Ele preferiu salientar as vantagens que teria o iogue em ganhar o seu próprio sustento, não dependendo de uma sociedade competitiva para a sua sobrevivência, e praticar ioga no recesso de seu lar. A este conselho, Láhiri Mahásaya acrescentou a força alentadora de seu próprio exemplo. Ele foi o modelo do iogue moderno, "aerodinâmico". Seu modo de vida, planejado por Bábají, tinha o objetivo de servir de guia aos aspirantes à ioga em todas as regiões do mundo.

Nova esperança para novos homens! Proclamou o Yogavatar: A união divina é possível através do esforço reiterado, e independe de crenças teológicas ou da vontade arbitrária de um Ditador Cósmico.

Usando a chave de Kriya, as pessoas que não podem crer na divindade de homem algum, contemplarão, por fim, a plena divindade de si mesmas.

---

[304] "O homem incapaz de maravilhar-se, o que habitualmente não admira (nem adora), seja ele presidente de inúmeras sociedades científicas e carregue... o epítome de todos os seus laboratórios e observatórios, com os respectivos resultados, em sua cabeça, é só um par de óculos, atrás dos quais não existe olho". - **Carlyle,** em "Sartor Resartus".

[305] Sri Yuktéswar referiu-se a seu chela Paramahansa Yogananda como a uma encarnação do amor divino. Depois que Yoganândaji abandonou o corpo físico, seu principal discípulo Rájarsi Jânakananda (James J. Lynn) conferiu-lhe o título profundamente apropriado de **Prêrnavatár** ou Encarnação do Amor. (Nota de SRF, editora norte-americana).

Capítulo 36 - Interesse de Bábají pelo Ocidente

Mestre, o senhor encontrou Bábají alguma vez?

Era uma tranqüila noite de verão em Serampore; as grandes estrelas dos tópicos tremeluziam sobre nossas cabeças, enquanto eu permanecia sentado próximo de Sri Yuktéswar, no alpendre do andar superior do eremitério.

- Sim. - O Mestre sorriu à minha pergunta direta; seus olhos brilharam de veneração. - Três vezes fui abençoado pela aparição do imortal guru. Nosso primeiro encontro foi em Allahabad, numa Kumbha Mela.

As concentrações de religiosos que se verificam na índia, desde tempos imemoriais, são conhecidas como Kumbha Mela; elas mantêm os objetivos espirituais em constante evidência junto à multidão. Os devotos reúnem-se aos milhares, cada doze anos, para encontrar centenas Je sádhus, iogues, swâmis e ascetas de todos os tipos. Muitos são eremitas que jamais abandonam o isolamento de seus refúgios, exceto para estar presentes às melas e aí conceder bênçãos a homens e mulheres do mundo.

- Eu não era swâmi na época de meu encontro com Bábají continuou Sri Yuktéswar. - Todavia já recebera de Láhiri Mabásaya a iniciação em Kriya. Ele me estimulara a assistir à mela que ocorreria em janeiro de 1894 em Allahabad. Foi minha primeira experiência de uma khumba; senti-me ligeirame estonteado pelo clamor da multidão, pelas vagas de gente que iam e vinham. Arregalei os olhos, procurando ao redor, mas não vi o rosto iluminado do mestre.

"Cruzando uma ponte, à margem do Ganges, notei um conhecido, parado ali perto, com sua escudela de esmolas estendida.

"- Oh, esta concentração nada mais é que um caos de ruídos e mendigos - pensei, decepcionado. - Gostaria de saber se os cientistas ocidentais, que pacientemente alargam os campos do conhecimento para benefício prático da humanidade, não são mais agradáveis a Deus que esses preguiçosos, os quais professam a religião mas se concentram nas esmolas.

"Minhas causticantes reflexões sobre reformas sociais foram interrompidas pela voz de um sannyási alto que se deteve à minha frente. Senhor - disse ele - um santo quer vê-lo.

Quem é ele?

"- Venha e veja por si mesmo.

"Seguindo com hesitação seu lacônico conselho, logo me vi próximo de uma árvore cujos ramos abrigavam um guru com seu atraente grupo de discípulos. O mestre, figura invulgarmente luminosa, com olhos escuros resplandecentes, levantou-se à minha aproximação e abraçou-me.

Bem-vindo, Swâmijí - disse ele, afetuosamente.

Senhor - respondi com ênfase - eu não sou um swâmi.

Aqueles a quem eu concedo, por inspiração divina, o título de swâmi nunca o perdem. - O santo dirigiu-se a mim com singeleza, mas uma profunda convicção de verdade soava em sua voz; senti-me instantaneamente engolfado numa onda de bênção espiritual. Sorrindo ante minha súbita elevação à antiquíssima Ordem Monástica[306], curvei-me aos pés daquele angélico ser em forma humana, cuja grandeza era óbvia e que assim me honrara.

"Bábají, pois em verdade era ele, indicou-me um assento a seu lado, sob a árvore. jovem e vigoroso, parecia-se a Láhiri Mahásaya; a semelhança, entretanto, não me surpreendeu, apesar de eu ter ouvido, muitas vezes, referências à extraordinária similitude de aspecto entre os dois mestres. Bábají possui o poder de impedir que um pensamento específico surja na mente de alguém. Evidentemente, o grande mestre desejava que eu me comportasse em sua presença com toda a naturalidade, sem que o conhecimento de sua identidade me atemorizasse.

Que pensa da Kumbha Mela?

Desapontou-me bastante, senhor - disse eu, mas acrescentei apressadamente: - até o momento em que o encontrei. De qualquer maneira, santos e este tumulto são coisas que não parecem combinar,

[306] Sri Yuktéswar foi mais tarde iniciado formalmente na Ordem dos Swâmis pelo Mahant (chefe de mosteiro) de Buddh Gaya.

"-É Filho - disse o mestre, embora aparentemente eu tivesse o dobro de sua idade - pelos erros de muitos, não julgue o todo. Tudo o que existe no mundo tem caráter misto, semelhante a uma combinação de areia e açúcar. Seja como a sábia formiga que agarra somente o açúcar, deixando intacta a areia

Apesar de muitos destes sádhus ainda vogarem na ilusão, a mela todavia é abençoada por alguns homens de realização divina.

"Em virtude de meu próprio encontro com este excelso mestre, rapidamente concordei com ele.

"- Senhor - comentei - tenho pensado nos cientistas proeminentes do hemisfério ocidental tanto da Europa como da longínqua América, que excedem em inteligência a muita gente aqui congregada, embora professem diferentes credos e desconheçam os valores reais de melas como esta. São homens que muito se beneficiaram de um encontro com os mestres da índia. Apesar de seu adiantamento em conquistas intelectuais, muitos ocidentais estão apegados ao grosseiro materialismo. Outros, famosos em ciência e filosofia, não reconhecem a unidade essencial das religiões. Seus credos servem de barreiras intransponíveis que ameaçam nos separar deles para sempre.

"- Percebi que você está tão interessado no Ocidente quanto no Oriente. O rosto de Bábají reluzia de aprovação. - Senti as angústias de seu coração, amplo bastante para pulsar por todos os homens. Foi por isso que o chamei aqui.

"- Oriente e Ocidente devem marchar por uma mesma estrada de atividade e espiritualidade combinadas - continuou ele. - A índia tem muito a aprender do Ocidente quanto ao desenvolvimento material; em troca, a índia pode ensinar os métodos universais que possibilitarão ao Ocidente basear suas crenças religiosas nos alicerces inabaláveis da ciência da ioga.

"- Você, Swâmijí, tem um papel a desempenhar no intercâmbio harmonioso que se efetuará entre o Oriente e o Ocidente. Daqui a alguns anos, vou lhe enviar um discípulo que você treinará para a disseminação da ioga no Ocidente. As vibrações de muitas almas, sedentas de espiritualidade, chegam de lá até mim, como um dilúvio. Percebo santos potenciais na América e na Europa, esperando ser despertados".

Neste ponto de sua história, Sri Yuktéswar mergulhou seu olhar inteiramente no meu.

- Meu filho - disse ele, sorrindo sob o resplandecente luar - é você o discípulo que, há anos atrás, Bábají prometeu me enviar.

Feliz me senti ao saber que Bábají guiara meus passos a Sri Yuktéswar e, contudo, era difícil visualizar-me no remoto Ocidente, longe de meu bem-amado guru e da paz singela do eremitério.

- Bábají então falou do Bhágavad Gíta - continuou Sri Yuktêswar. - Para meu espanto, com algumas palavras de louvor, ele deu mostras de saber que eu escrevera minha interpretação de muitos capítulos do Gíta.

"- A meu pedido, Swâmiji, comece, por favor, outra tarefa disse o grande mestre. - Não poderá escrever um pequeno livro sobre a harmonia subjacente às Escrituras cristãs e hindus? Sua unidade básica é agora obscurecida pelas diferenças sectárias dos homens. Mostre, ror citações paralelas, que os inspirados Filhos de Deus disseram as mesmas verdades!

"- Mahárâj[307] - respondi, timidamente - que ordem! Serei capaz de cumpri-la?

"Bábají riu com suavidade. - Meu filho, por que duvida? - disse ele, confiantemente. - Em verdade, de Quem é todo este trabalho e Quem é o autor de todas as ações? Tudo o que o Senhor me faz dizer, está destinado a materializar-se como verdade.

"Acrediteí-me com poder, em virtude das bênçãos do santo, e concordei em escrever o livro. Sentindo que a hora da despedida chegara, ergui-me com relutância de meu assento de folhas.

"- Você conhece Láhiri?[308] - perguntou o mestre. - É uma grande alma, não é? Conte-lhe o nosso encontro. - Ele, então, me confiou uma mensagem para Láhiri Mahásaya.

"Depois de minha humilde reverência de despedida, o santo sorriu com bondade. - Quando seu livro estiver acabado, eu lhe farei uma visita - prometeu ele. - Por enquanto, até logo.

"Deixei Allahabad no dia seguinte, tomando o trem para Benares. Chegando à residência de meu guru, narrei-lhe a história do maravilhoso santo na Kumbha Mela.

---

[307] "Grande rei"- um título de respeito.
[308] Um guru costuma referir-se a seu discípulo simplesmente pelo nome, omitindo qualquer título.

"- E você não o reconheceu? - O riso dançava nos olhos de Láhiri Mahásaya. - Compreendo que você não pôde, pois ele o impediu. É meu incomparável guru, o celestial Bábají.

Bábají! - repeti, aterrorizado. - O Cristo-iogue Bábají! O visível-invisível salvador Bábají! Oh, se eu pudesse voltar ao passado e estar outra vez em sua presença, para depor minha devoção a seus pés de lótus!

"- Não tem importância - disse Láhiri Mahásaya, consolandome. - Ele prometeu vê-lo outra vez.

"- Gurudeva, o divino mestre me pediu que lhe transmitisse esta mensagem: - Diga a Láhiri que a energia armazenada para esta vida é agora escassa, está quase esgotada.

"Quando pronunciei estas enigmáticas palavras, a figura de Láhiri Mahásaya estremeceu como se tocada por uma corrente elétrica. No mesmo instante, tudo a seu ' redor entrou em silêncio. Sua face sorridente tornou-se incrivelmente austera. Semelhante a uma estátua de madeira, sombrio e imóvel em seu assento, seu corpo perdeu a cor. Fiquei alarmado e desnorteado. Nunca em minha vida eu vira aquela alma alegre manifestar tão assustadora gravidade. Os outros discípulos arregalaram os olhos, apreensivos.

"Três horas passaram em silêncio. Então, Láhiri Mahásaya reassumiu sua conduta natural e alegre, e falou afetuosamente a cada um dos chelas. Todos tiveram um suspiro de alívio.

"Compreendi, pela reação de meu mestre, que a mensagem de Bábají fora um aviso inequívoco através do qual Láhiri Mahásaya entendeu que seu corpo seria, em breve, desocupado. Seu pavoroso silêncio provou que meu guru controlara instantaneamente todo o seu ser, cortara o último laço de apego ao mundo material e voara para sua identidade, eternamente viva, no Espírito. Aquelas palavras de Bábají foram a sua maneira de dizer: "Estarei sempre consigo".

Embora Bábají e Láhiri Mahásaya fossem oniscientes, e não tivessem necessidade alguma de se comunicarem um com o outro por meu intermédio ou de qualquer outra pessoa, as grandes almas condescendem, com freqüência, em participar do drama humano. Às vezes eles transmitem suas profecias, por via normal, através de mensageiros, cuja manifestação de suas palavras mais tarde infunde grandíssima crença divina num amplo círculo de pessoas que vêm a ter conhecimento do acontecido.

"Vivi em Benares, e em Serampore dediquei-me a escrever o livro pedido por Bábají", continuou Sri Yuktéswar. "Nem bem iniciara minha tarefa e já me sentia inspirado a compor um poema dedicado ao falecido guru. As melodiosas linhas fluíam vigorosamente de minha pena, apesar de nunca antes me ter esforçado na poesia sânscrita.

"Na quietude da noite eu me ocupava na comparação da Bíblia com o Sanatan Marma[309]. Cotejando as palavras do abençoado Senhor Jesus, concluí que seus ensinamentos são, essencialmente, um só com as revelações dos Vedas. Graças ao meu paramguru[310] meu livro "A Ciência Sagrada"[311] esgotou rapidamente.

"Na manhã seguinte ao término de meus esforços literários", continuou o mestre, "fui ao ghat Raí banhar-me no Ganges. O ghat estava deserto; detive-me silencioso um instante gozando uma paz radiante. Depois de imersão nas águas cintilantes, voltei para casa. Naquele silêncio, o único ruído que ouvia era o da toalha ensopada das águas cie Ganges farfalhando a cada passo meu. Como passasse além das grandes banyans, próximas da margem, forte impulso forçou-me a olhar para trás. Ali, à sombra de uma banyan, cercado por alguns discípulos, estava o grande Bábají!

"- 'Saudações Swamijí!' A bela voz do mestre fez-se ouvir para assegurar-me que eu não estava sonhando. 'Vejo que você teve pleno sucesso com seu livro. Como havia prometido, aqui estou para agradecer-lhe'.

---

[309] Literalmente, "religião eterna", o nome dado ao corpo dos ensinamentos védicos. **Sanatan Dharma** veio a ser chamado Hinduísmo porque os gregos que invadiram o noroeste da índia sob Alexandre o Grande chamaram de **indus ou hindus** aos habitantes das margens do rio Indo. A palavra **hindu,** falando-se com propriedade, refere-se somente aos seguidores do **Sanatan Dharma** ou Hinduísmo. 0 termo **indiano** aplica-se, igualmente, a hindus e muçulmanos e outros habitantes do solo da índia (e também, pela confusão do erro geográfico de Colombo, aos aborígenes mongolóides da América). 0 antigo nome da índia é **Aryavarta,** literalmente "rnoracla dos arianos". A raiz sânscrita de arya é "digno, santo, nobre". 0 mais recente mau emprego de **ariano** a indicar características, não espirituais, mas físicas, deve-se ao grande orientalista Max Muller, raramente citado: "Para mim, um emólogo que fale de uma raça ariana, de sangue ariano, de olhos e cabelos arianos comete um tão grande erro como o do lingüista que falasse de um dicionário dolicocéfalo ou de uma gramática braquicéfala".

[310] A palavra **pararnguru** refere-se ao guru de um guru. Assim, Bábají, o guru de Láirhi Mahásaya, é o **pararnguru** de Sri Yuktéswar. Mahavatar Bábají é o supremo guru na linha indiana de Mestres que assumem a responsabilidade do bem-estar espiritual de todos os membros SRF-YSS que fielmente pratiquem **Kryia Yoga.**

[311] Agora publicado por Self-Realization Fellowship, Los Angeles, Califórnia.

Com o coração batendo descompassadamente, prostreí-me completamente aos seus pés. '- Paramgurují', disse eu súplice, 'não poderíeis vós e vossos chelas honrar minha miserável casa com vossa presença?'

“O supremo guru declinou amavelmente: '- Não filho', disse ele. '- Somos gente que aprecia o abrigo das árvores. Este lugar é bastante confortável.'

“- Peço-lhe, então, demore-se mais um pouco, mestre', supliquei-lhe contemplando-o. 'Volto num instante com deliciosas iguarias'[312].

“Quando após alguns minutos retornei com um prato de manjares, a nobre banyan não mais abrigava o grupo celestial. Procurei-os pelo ghat, mas em meu coração senti que o pequeno grupo já estava então escapando em vôos etéreos.

“Fiquei profundamente magoado. 'Não obstante nosso novo encontro, eu não poderia estar incomodando ao falar com Bábají', disse a mim mesmo. 'Ele foi grosseiro ao abandonar-me tão repentinamente.' Isto eram só arrufos de amor, naturalmente, e nada mais. Poucos meses depois, visitei Láhiri Mahásaya em Benares. Ao entrar na sala de visitas, meu guru. sorriu-me em saudação.

“- Benvindo Yuktéswar”, disse ele, “Você pode ver o virtuoso Bábají à soleira de meu quarto?”

“Não, por quê?”respondi surpreso.

'Venha cá.”Láhiri Mahásava tocou-me gentilmente a testa; desta vez contemplei junto à porta a figura de Bábají florescente como um perfeito lótus.

Lembrei-me de minha mágoa e não o saudei. Láhiri Mahásaya olhou-me com espanto.

“O divino guru estava me contemplando com olhos perscrutadodores. '- Você ficou aborrecido comigo?'

“- Senhor, por que não deveria ficar? “respondi. Do ar vieste com vosso grupo, e no rarefeito ar vos desvaneces tes

“- 'Falei-lhe que ia vê-lo, mas eu não disse que ficaria mais tempo'. Bábají riu afavelmente. 'Você estava muito excitado. Asseguro-lhe que eu já estava quase extinto no éter pelo pé-de-vento de seu ressentimento.'

“Fiquei instantaneamente satisfeito por esta explanação pouco lisonjeira. Ajoelhei-me aos seus pés; o supremo guru bateu-me afavelmente no ombro.

“- 'Filho, você deve meditar mais', disse ele. 'Sua contemplação não é perfeita. Você nem pôde ver-me sumindo através da luz do sol.' Com estas palavras em voz semelhante ao som de uma flauta celestial Bábají desapareceu dentro de um esplendor.

“Esta fora uma de minhas últimas visitas a Benares para ver meu .guru”, concluiu Sri Yuktéswar. “Como Bábají predissera na Kumbha Mela, a encarnação de chefe de família de Láhiri Mahásaya estava se encaminhando para o fim, Durante o verão de 1895, desenvolveu-se um pequeno tumor nas costas de seu robusto corpo. Quiseram lancetá-lo, ele protestou; saldava em sua própria carne o mau carma de alguns de seus discípulos. Afinal, dois ou três chelas tornaram-se muito insistentes; o mestre respondeu, enigmaticamente:

“- O corpo tem de encontrar uma causa para a morte; concordo, façam o que bem entenderem.

“Pouco tempo depois, o incomparável guru abandonou seu corpo em Benares. Não mais necessito procurá-lo em sua pequena sala de recepção; todos os dias de minha vida são abençoados por ele, meu guia onipresente. “

Anos mais tarde, dos lábios de Swâmi Keshabananda[313], um discípulo adiantado, ouvi muitos detalhes admiráveis sobre a partida de Láhiri Mabásaya.

“- Poucos dias antes de meu guru abandonar o corpo - contou-me Keshabananda - ele se materializou diante de mim, quando me encontrava sentado em meu eremitério de Hardwar.

“- Venha imediatamente a Benares. - Com estas palavras, Láhiri Mabásaya desapareceu.

[312] É considerado falta de respeito, na índia, não oferecer alimentos ao guru.
[313] Minha visita ao áshram de Keshabananda é descrita no capítulo 42.

"Tomei o trem imediatamente para Benares. Em casa de meu guru, encontrei muitos discípulos reunidos. Durante horas, naquele dia[314], o mestre explicou o Gíta; depois, com simplicidade, dirigiu-se a nós:

"- Volto para o meu lar.

"Nossos soluções de angústia prorromperam, irresistíveis.

"- Consolem-se; eu ressuscitarei. - Após esta afirmação, Láhiri Mahásaya levantou-se de seu assento, três vezes girou seu corpo em círculo, sentou-se em posição de lótus encarando o norte e gloriosamente entrou em mahásamádhi[315].

"O belo corpo de Láhiri Mahásaya, tão caro a seus devotos, foi cremado segundo os ritos solenes reservados aos chefes de família, em Manikarnika Chat, junto ao Ganges sagrado - continuou Kesbabananda. - No dia seguinte, às dez horas da manhã, enquanto ainda me encontrava em Benares, meu quarto inundou-se de uma grande luz. À minha frente apareceu, em carne e osso, de pé, Láhiri Mahásaya. Seu corpo parecia-se exatamente ao interior, embora mais jovem e mais radiante. Meu divino guru me disse:

"- Keshabananda, sou eu mesmo. Com os átomos que se desintegraram de meu corpo cremado, remodelei minha forma, ressuscitei. Minha tarefa como chefe de família no mundo terminou; mas não deixo a Terra inteiramente. Doravante, passarei uma temporada com Bábají no Himalaia e outra com Bábají no cosmo.

"Abençoando-me com algumas palavras, o transcendente mestre desapareceu. Uma inspiração maravilhosa saturou-me o coração; fui elevado em Espírito, à semelhança dos discípulos de Cristo e de Kabir[316], que contemplaram seus gurus redivivos após a morte física.

"Quando regressei a meu eremitério isolado, em Hardwar - prosseguiu Kesbabananda - levei comigo uma parcela das cinzas sagradas de meu guru. Sabia que ele escapara à prisão do espaço e do tempo; o pássaro da onipresença estava livre. Entretanto, era um consolo para meu coração guardar suas sagradas cinzas em meu santuário."

Outro discípulo abençoado com a visão do ressuscitado guru foi o santo Panchanon Bhattachárya[317]. Visitei-o em sua morada em Calcutá e ouvi com deleite a história de sua convivência de muitos anos com o mestre. Em remate, narrou-me o acontecimento mais maravilhoso de sua vida.

- Aqui em Calcutá - disse Pancharion - às dez horas da manhã seguinte é sua cremação, Láhiri Mahásaya apareceu diante de mim, gloriosamente vivo.

Swâmi Pranabananda, "o santo com dois corpos", também me fez confidências detalhadas de sua sublime experiência. Durante sua visita à minha escola de Ranchi, Pranabananda contou-me:

- Alguns dias antes de Lábiri Mahásaya abandonar o corpo, recebi dele uma carta solicitando minha ida imediata a Benares. Fui, porém, inevitavelmente retardado e não pude partir no mesmo instante, Exatamente quando me preparava para partir para Benares, cerca de dez horas da manhã, senti-me dominado por súbita alegria ao ver em meu quarto a figura resplandecente de meu guru.

"- Por que se apressa a ir em Benares? - disse Láhiri Mahásaya, sorrindo. - Não me encontrará mais ali.

---

[314] 26 de setembro de 1895 foi a data em que Láhiri Mahásaya abandonou o corpo. Alguns dias depois ele teria completado 67 anos.

[315] Dar três voltas sobre si mesmo e encarar o norte são partes de um rito védico usado pelos mestres que sabem antecipadamente a hora em que deverão abandonar o corpo físico. A última meditação, durante a qual o mestre funde-se com o Aum cósmico é chamada mahásamádhi ou "grande"

[316] Kabir foi um grande santo do século 16; entre seus numerosos discípulos, contavam-se hindus e muçulmanos. Por ocasião da morte de Kabir, os discípulos discutiram acaloradamente o ritual a seguir na cerimônia fúnebre. 0 mestre, exasperado, ergueu-se de seu sono de morte e deu instruções: "Metade de meus restos mortais deverá ser enterrada segundo os ritos muçulmanos. Deixem a outra metade ser ungida e cremada segundo ritual hindu." A seguir, ele desapareceu. Quando os discípulos removeram o sudário que lhe cobria o corpo, nada se encontrou a não ser um belo arranjo de flores. Metade destas flores foram enterradas, obedientemente, em, Maghat, pelos muçulmanos, que aí veneram até hoje um santuário dedicado a Kabir. A outra metade foi cremada em cerimônia hindu.
Em sua juventude, Kabir foi procurado por dois discípulos, desejosos de receberem minuciosa orientação intelectual ao longo da senda mística. 0 mestre respondeu simplesmente:
"A senda pressupõe distância; se Ele estiver perto, tu não necessitas senda alguma; em verdade, provoca-me um sorriso ouvir que um peixe na água tenha sede!"

[317] Ver capítulo 35. Panchanon erigiu um templo a Shiva num jardim de quase 70.000 M2, em Deogarli, Biliar, onde se conserva como relíquia uma pintura a óleo de Láhiri Mahásaya. (Nota de SFR)

“Quando compreendi o significado de suas palavras, chorei tristemente, acreditando que o contemplava apenas numa visão.

“O mestre aproximou-se de mim, confortadoramente: - Toque à minha carne - disse ele - estou vivo, como sempre. Não se lamente; não estou consigo por toda a eternidade?”

Dos lábios destes três, grandes discípulos emergiu uma história de maravilhosa verdade: um dia após a entrega às chamas do corpo de Lábiri Mabásaya, o mestre ressurrecto, em corpo real mas transfigurado, apareceu diante de três discípulos, em cidades diferentes, à mesma hora, dez da manhã.

“E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, a este corpo mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: - Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó sepulcro, a tua vitória? “[318]

[318] I **Corínflos,** 15:54-55 “Por que se julgaria uma coisa incrível entre vós, que Deus ressuscitasse os mortos?” (At~s, 26:8).

Capítulo 37 - Vou à América

América! Esta gente é mesmo americana! - Foi este o meu pensamento, quando meu olhar interior descortinou um panorama de restos ocidentais[319].

Imerso em meditação, encontrava-me sentado atrás de alguns caixotes cobertos de pó, na despensa da escola de Ranchi[320]. Era difícil achar um retiro privado durante aqueles anos trabalhosos junto às gerações mais jovens.

A visão persistiu; uma vasta multidão, encarando-me atentamente, deslizava como atores no palco de minha consciência.

A porta da despensa abriu-se; como de costume, um dos meninos descobrira o meu esconderijo.

- Venha cá, Bimal - gritei alegremente. - Tenho novidades para você: o Senhor está me chamando para a América!

- Para a América? - O menino fez eco às minhas palavras num tom que sugeria eu ter dito: “para a lua”.

- Sim! Parto para descobrir a América, à semelhança de Colombo. Ele pensou ter encontrado a índia; sem dúvida, existe um elo cármíco entre estas duas terras!

Bimal afastou-se correndo; em breve, a escola inteira fora informada pelo jornal de duas pernas.

Convoquei o desnorteado grupo de professores e entreguei-lhes a direção da escola.

- Sei que conservarão os ideais iogues de Láhiri Mahásaya, a educação como finalidade primeira e última - disse eu. - Freqüentemente lhes escreverei; se Deus quiser, voltarei algum dia.

As lágrimas assomaram-me aos olhos quando lancei o último olhar aos meninos e aos terrenos ensolarados de Ranchi. Sabia que uma época, definida de minha existência se encerrara então; doravante, residiria em terras longínquas. Tomei o trem para Calcutá, algumas horas depois de minha visão. No dia seguinte, recebi um convite para representar a índia no Congresso Internacional de Religiões Liberais, na América. Reunia-se naquele ano em Boston, sob os auspícios da Associação Unitária Americana.

Com a cabeça em remoinho, procurei Sri Yuktéswar em Serampore.

- Gúruji, acabo de ser convidado para participar de um congresso religioso nos Estados Unidos. Devo ir?

- Todas as portas estão abertas para você respondeu o Mestre com simplicidade. - É agora ou nunca.

- Mas, senhor - retruquei, desanimado que sei eu de oratória? Raramente fiz conferências e nunca em inglês.

- Em inglês ou não, suas palavras sobre ioga serão ouvidas no Ocidente.

Dei uma risada. - Bem, querido gúruji, penso que os norte-americanos dificilmente aprenderão berigali! Por favor, abençoe-me com um “empurrão” para que eu salte os obstáculos da língua inglesa.[321]..

Quando anunciei meus novos planos a Papai, ele se mostrou estupefato. A América, para ele, era uma terra incrivelmente distante; temia nunca mais me ver.

- Como poderá ir? - indagou severamente, - Quem financiará sua viagem? - Tendo arcado afetuosamente com as despesas de minha educação e de toda a minha vida, esperava ele, sem dúvida, que esta pergunta trouxesse uma embaraçante interrupção ao meu projeto.

- O Senhor me financiará, seguramente. - Ao formular esta resposta, recordei outra, idêntica, que há muito tempo atrás dera a meu irmão Ananta, em Agra. Sem demasiada malícia, acrescentei: - Talvez Deus sugira à sua mente, Papai, dar-me ajuda.

---

[319] No Ocidente, tenho visto muitos daqueles semblantes e os reconheço instantaneamente.

[320] Em 1959, Sri Daya Mata, presidente de SRF-YSS, consagrou um Dhyana Mandir (“Templo de Meditação”), construído no mesmo local da anterior despensa de Ranchi, onde ocorreu a visão de Paramàhânsaji. (Nota de SRF)

[321] Sri Yuktéswar e eu ordinariamente conversávamos em bengali. “Se no firmamento se visse, de repente, a explosão de mil sóis, inundando a Terra com radiação inacreditável, talvez, então, fosse imaginável o esplendor e a majestade do Santíssimo! (4) Mágavad Gíta, 11:12 (tradução inglesa de Arnold).

- Não, nunca! ~ Ele me olhou com piedade.

Fiquei assombrado, por isso, quando Papai me entregou, no dia seguinte, um cheque equivalente a uma grande soma.

- Dou-lhe este dinheiro - disse ele - não em minha condição de pai, mas de discípulo fiel de Láhiri Mahásaya. Vá, pois, a essa distante nação do Ocidente; difunda lá os ensinamentos não-sectários de Kriya Yoga.

Comoveu-me profundamente o espírito altruísta com que Papai fora capaz de renunciar de imediato a seus desejos pessoais. Na noite anterior, ele alcançara a justa compreensão de que o turismo estava fora de meus planos.

- Talvez nunca mais nos encontremos nesta vida. - Papai, com 67 anos naquela época, expressou-se tristemente.

Uma convicção intuitiva impeliu-me a responder: - Tenho a certeza de que o Senhor nos reunirá mais uma vez.

Ao prosseguir em meus preparativos para deixar o Mestre e minha terra natal, rumo às costas desconhecidas da América, experimentei certa inquietude. Ouvira numerosas histórias sobre o "Ocidente materialista": - uma terra muito diferente da Índia saturada pela aura secular dos santos.

"Para desafiar os ares ocidentais", pensei, "um instrutor oriental deve resistir a provas muito mais duras que o frio do Himalaia! "

Certa manhã, bem cedo, comecei a rezar, com a inflexível determinação de continuar rezando, até morrer de rezar, ou até ouvir a voz ele Deus. Queria Sua bênção e garantia de que eu não me perderia na bruma do utilitarismo moderno. Meu coração se dispunha a ir à América, mas, com força ainda maior, se propunha a ouvir a permissão divina, para seu consolo.

Rezei e rezei, abafando os soluços. Nenhuma resposta veio. Ao meio-dia, atingi o clímax; minha cabeça girava sob a pressão de agonia. Senti que se clamasse mais uma vez, aumentando a profundeza de minha paixão interior, meu cérebro explodiria.

Naquele momento, ouvi uma batida na porta de minha casa de Gurpar Road. Atendendo ao chamado, vi um jovem vestido com o traje escasso do homem de renúncia. Ele entrou.

"Deve ser Bábají!"- pensei, ofuscado, porque o homem diante de mim tinha o aspecto de um jovem Láhiri Mahásaya. Ele respondeu ao meu pensamento: - Sim, sou Bábají. - Falava melodiosamente em hindi. - Nosso Pai Celestial ouviu sua prece. Ele me ordena que lhe diga: "Obedeça a seu guru e vá à América. Nada receie: será protegido, "

Após uma pausa vibrante, Bábají dirigiu-se a mim novamente: -- Eu o escolhi para difundir a mensagem de Kriya Yoga no Ocidente. Há tempos atrás encontrei seu guru Yuktéswar numa Kumbha Mela e lhe disse que enviaria um discípulo ao seu áshram para receber treinamento com esse fim.

Emudecido, afogado em temor reverente por sua presença, senti profunda comoção ao ouvir, de seus próprios lábios, que ele me guiara a Sri Yuktéswar. Prosternei-me aos pés do imortal guru. Afavelmente, ele me ergueu. Depois de me dizer muitas coisas sobre minha vida, deu-me certas instruções pessoais e fez-me algumas profecias secretas.

- Kriya Yoga, a técnica científica para alcançar consciência de Deus - disse finalmente com solenidade - terminará por difundir-se em todas as terras e ajudará a harmonizar as nações através da percepção pessoal e transcendente que, do Pai Infinito, o homem alcançará.

Com um olhar de soberano poder, o mestre eletrizou-me com um vislumbre de sua consciência cósmica.

Pouco depois, Bábají moveu-se em direção à porta, observando: - Não tente seguir-me. Não o conseguirá.

- Por piedade, Bábají, não se afaste - gritei repetidamente. - Leve-me consigo! - Ele respondeu: - Agora não; em outra oportunidade.

Dominado pela emoção, não atendi à sua advertência. Tentando segui-lo, descobri que meus pés estavam firmemente cravados no chão. Da porta, Bábají lançou-me um último olhar afetuoso. Meus olhos se fixaram nele com anseio e nostalgia, enquanto sua mão se erguia num gesto de bênção e ele se afastava.

Alguns minutos depois, meus pés ficaram livres. Sentei-me e mergulhei em profunda meditação, incessantemente agradecendo a Deus, não apenas por Sua resposta à minha prece, mas por ter me proporcionado a bênção de um encontro com Bábají. Meu corpo inteiro parecia santificado pelo contato com o mestre antiquíssimo e sempre jovem. Longo fora o meu ardente desejo de contemplá-lo.

Até agora, jamais contara a alguém a história de meu encontro com Bábají. Considerando-a a mais sagrada de minhas experiências humanas, eu a mantinha oculta em meu coração. Ocorreu-me, porém, o pensamento de que os leitores desta autobiografia tenderiam mais a acreditar na realidade do recôndito Bábají e em seu interesse pelo mundo, se eu contasse que o vi com meus próprios olhos. Ajudei um artista a desenhar, para este livro, um fiel retrato do Cristo-iogue da Índia moderna.

Na véspera de minha partida para os Estados Unidos, encontrei-me na santa presença de Sri Yuktéswar. - Esqueça que nasceu entre indianos e não adote todos os costumes americanos. Escolha o melhor de ambos os povos - disse ele, em sua tranqüila sabedoria. - Seja o que você realmente é, um filho de Deus. Busque e incorpore a seu ser as melhores qualidades de todos os seus irmãos, disseminados pela Terra, em diferentes raças.

Ele, então, me abençoou: - Todos os que vierem até você com fé, à procura de Deus, serão ajudados. Quando você olhar para eles ' a corrente espiritual, que emana de seus olhos, penetrará nos cérebros e modificará os hábitos materiais alheios, fazendo-os mais conscientes de Deus. - Sorrindo, acrescentou: - Seu destino de atrair almas sinceras é muito bom. Aonde quer que vá, até no deserto ou na selva, encontrará amigos.

Ambas as bênçãos de Sri Yuktéswar tiveram ampla confirmação. Vim sozinho à América, onde não tinha um único amigo; mas aqui encontrei milhares, prontos a receber ensinamentos imperecíveis para a alma.

Parti da índia em agosto de 1920, a bordo do “Cidade de Esparta”, o primeiro navio de passageiros a sair para a América depois do término da Primeira Guerra Mundial. Só conseguira obter passagem após a remoção, de modo quase miraculoso, de muitas dificuldades burocráticas relativas à concessão de meu passaporte.

No decorrer da viagem de dois meses, um dos passageiros descobriu que eu era o delegado da índia ao Congresso de Boston,

- Swâmi Yogananda - disse ele, com a primeira das muitas pronúncias exóticas que eu ouviria posteriormente na América ao mencionarem o meu nome - dê-nos a honra de ouvir uma conferência sua na próxima quinta-feira à noite. Penso que seria muito útil a todos nós, passageiros, se falasse sobre “A Batalha da Vida e como empreendê-la “.

Ai de mim! Eu é que tinha de travar a batalha de minha própria vida, conforme descobri na quarta-feira. Tentando desesperadamente coordenar minhas idéias para uma palestra em inglês, acabei por abandonar todos os preparativos; meus pensamentos, como um potro selvagem experimentando a sela, recusaram qualquer cooperação com as regras da gramática inglesa. Todavia, confiando plenamente nas anteriores afirmações do Mestre, apresentei-me aos ouvintes, no salão do navio, na quinta-feira. A eloqüência não me afluiu aos lábios; permaneci de pé, sem articular palavra diante do auditório. Os ouvintes, depois de uma prova de paciência que durou dez minutos, compreenderam minha atribulação e começaram a rir.

Para mim, a situação não era nada engraçada naquele momento; indignado, dirigi ao Mestre uma prece silenciosa.

“Você pode! Fale! “- A voz dele ressoou instantaneamente no mais íntimo de minha consciência.

Meus pensamentos estabeleceram imediatamente relações amigáveis com a língua inglesa. Quarenta e cinco minutos depois, a assistência ainda se mantinha atenta. A palestra valeu-me uma série de convites para falar posteriormente a diversos grupos na América.

Nunca pude me lembrar, após a conferência, de uma só palavra dita por mim. Investigando discretamente, ouvi de vários passageiros: “O senhor pronunciou uma inspiradora palestra, em inglês correto e fluente.” Ao receber tão agradável notícia, agradeci humildemente a meu guru, por seu oportuno auxílio, compreendendo mais uma vez que ele estava sempre comigo, suprimindo todas as barreiras de espaço e tempo.

De vez em quando, durante o resto da viagem por mar, experimentava algumas pontadas de apreensão acerca da prova iminente, a próxima conferência em inglês, no Congresso de Boston.

- Senhor - rezei profundamente - permite que Tu sejas a minha única inspiração!

O “Cidade de Esparta” atracou perto de Boston, em fins de setembro. Em 6 de outubro de 1920, pronunciei para os congressistas o meu discurso de estréia na América. Foi bem recebido; respirei aliviado. O magnânimo secretário da Associação Unitária Americana escreveu o seguinte comentário para um relatório impresso[322] das atas do Congresso:

“Swâmi Yogananda, representante do Bramachárya Áshram, de Ranchi, trouxe ao Congresso os cumprimentos da Associação a que pertence. Em inglês fluente e dicção vigorosa, fez uma palestra de caráter filosófico sobre “A Ciência da Religião”, a qual foi impressa em folhetos para distribuição mais ampla. A religião, disse ele, é uma só e universal. Não podemos universalizar costumes e convenções particulares; mas o elemento comum nas religiões pode ser universalizado, e a todos podemos pedir que o sigam e cumpram”.

Graças ao cheque generoso de Papai, foi-me possível permanecer ros Estados Unidos depois de terminado o Congresso, Três anos felizes decorreram em humildes circunstâncias em Boston. Dei conferências públicas, ensinei às minhas classes de ioga e escrevi um livro de poemas, “Canções da Alma”, com prefácio do dr. Frederick B. Robinson, diretor da Escola Superior da Cidade de Nova York[323].

Começando em 1924 uma excursão transcontinental, falei a milhares de pessoas em muitas das cidades principais. Em Seattle, embarquei para desfrutar férias na bela região do Alasca.

Com a ajuda de estudantes de coração generoso, em fins de 1925, estabeleci a Sede americana em terras do Monte Washington, em Los Angeles. O edifício é o mesmo que contemplei em minha visão de Cachemira. Apressei-me a enviar a Sri Yuktéswar fotografias ilustrando minhas distantes atividades na América. Ele respondeu com um cartão postal em bengali, que transcrevo a seguir:

11 de agosto de 1926.

Filho de meu coração, 6 Yogananda!

Admirando as fotografias de sua escola e de seus estudantes, não posso expressar em palavras o contentamento que inunda a minha vida. Transbordo de alegria ao contemplar seus estudantes de ioga de diferentes cidades.

Lendo sobre seus métodos de afirmações cantadas, vibrações de saúde e preces para a cura divina, sinto-me inclinado a lhe agradecer de todo o coração.

Vendo o portão de entrada, o caminho ascendente, em espiral, íngreme, e a belíssima paisagem que se estende aos pés de Monte Washington, só tenho um desejo: contemplá-los com meus próprios olhos.

Tudo aqui vai bem. Que você possa, com a graça de Deus, gozar de beatitude eterna.

SRI YUKTÉSWAR GIRI

Os anos decorreram velozes. Dei conferências em todos os pontos de minha nova terra, e falei a centenas de clubes, faculdades, igrejas e grupos de todas as denominações. Durante a década de 1920-1930, minhas aulas de ioga eram freqüentadas por dezenas de milhares de norte-americanos. A todos eles, dediquei meu novo livro de preces e pensamentos espirituais, “Sussurros de Eternidade”, prefaciado pela sra. Amelita Galli-Curci.

Às vezes (geralmente nos primeiros dias do mês, quando nos chegavam as contas de manutenção do Centro de Monte Washington, sede de Self-Realizafion Fellowship) eu pensava com saudade na paz singela da índia. Mas reconhecia que diariamente se ampliava a compreensão entre o Ocidente e o Oriente; e minha alma se rejubilava.

George Washington, o “Pai de sua pátria”, que sentiu em muitas ocasiões estar sendo divinamente guiado, pronunciou (em seu “Discurso de Adeus”), as seguintes palavras de inspiração para a América:

[322] “Novas peregrinações do Espírito” (Boston, Beacon Press, 1921).
[323] O dr. Robinson e sra. visitaram a Índia em 1939 e foram convidados de honra a uma reunião de Yogôda Satsanga.

“Oferecer à humanidade o exemplo magnânimo e novíssimo de um povo sempre guiado pela mais alta justiça e benevolência, será digno de uma nação livre, iluminada e grande num tempo que não está longe. No decurso do tempo e dos fatos, os frutos de semelhante plano compensarão quaisquer vantagens temporárias que possam ser perdidas por uma firme adesão a ele - quem o duvida? Será que a Providência não vinculou a permanente felicidade de uma nação à sua virtude?”

HINO À AMÉRICA, de Walt Whitman

(De “Tu, Mãe, com teus descendentes vivendo em igualdade de direitos “)

Em ti, em teu futuro; em tua descendência mais numerosa a mais sadia de homens e mulheres; em teus atletas morais e espirituais, de norte, sul, leste e oeste;

em tua riquíssima civilização moral (até a vinda desta, a tua orgulhosa civilização material será vã); em teu culto que a tudo supre e a tudo abarca, e não em nenhuma bíblia ou messias particular

teus inúmeros messias, latentes em teu seio, iguais a qualquer [homem, divinos como qualquer um... estes! (cuja vinda é infalível), estes em ti, hoje, profetizo.

Capítulo 38 - Lutero Burbank - um santo entre as rosas

O segredo de melhorar o cultivo das plantas, além do conhecimento científico, é o amor. - Lutero Burbank pronunciou estas palavras de sabedoria enquanto eu caminhava a seu lado, em seu jardim de Santa Rosa, na Califórnia. Paramos em frente a um canteiro de cactos comestíveis.

- Enquanto eu realizava experimentos para produzir cactos sem espinhos - continuou ele - falava freqüentemente com as plantas pata criar uma vibração de amor. “Não tenham medo”, dizia-lhes eu, “vocês não precisarão de seus espinhos defensivos. Eu as protegerei”. Gradativamente, a útil planta do deserto brotou numa variedade sem espinhos.

Encantou-me este milagre. - Por favor, querido Lutero, dê-me algumas folhas de cactos para plantar em meu jardim de Monte Washington.

Um trabalhador, que se encontrava perto, começou a arrancar algumas folhas; Burbank impediu-o de continuar.

- Eu próprio as colherei para o swâmi. - Deu-me três folhas que mais tarde plantei, regozijando-me à medida que elas atingiam alto porte.

O grande horticultor contou-me que seu primeiro triunfo notável foi a obtenção de uma batata enorme, agora conhecida por seu sobrenome. Com a infatigabilidade do gênio, ele prosseguiu apresentando ao mundo centenas de cruzamentos para melhorar a natureza - suas novas variedades Burbank de tomate, milho, abóbora, cerejas, ameixas, pêssegos, morangos, papoulas, lírios e rosas.

Focalizei minha câmara fotográfica quando Lutero me conduziu à famosa nogueira com a qual provou que a evolução natural pode ser telescopicamente apressada.

- Em dezesseis anos apenas - disse ele - esta nogueira chegou a produzir nozes em abundância. Sem auxílio, a Natureza teria requerido o dobro desse tempo,

A filhinha adotiva de Burbank veio ao jardim, brincando ruidosamente com seu cão.

- Ela é minha planta humana - Lutero fez um aceno afetuoso à menina. - Vejo a humanidade agora como uma planta única e vasta que precisa, para as suas mais altas realizações, apenas de amor, bênçãos naturais do amplo ar livre, cruzamentos e seleção inteligentes. No decurso de minha própria existência, observei progressos tão maravilhosos em evolução vegetal que prevejo com otimismo um mundo sadio e feliz, tão logo sejam ensinados às crianças os princípios da vida simples e natural. Devemos retornar à natureza e a Deus na natureza.

- Lutero, você sentiria grande prazer em minha escola de Ranchi, com suas aulas ao ar livre e sua atmosfera de alegria e simplicidade.

- Minhas palavras tocaram a corda sensível do coração de Burbank a educação da infância. Assediou-me com perguntas, o interesse cintilando em seus olhos serenos e profundos.

- Swâmiji - disse ele, finalmente - escolas como a sua são a única esperança da futura Idade de Ouro. Revolto-me contra os sistemas educacionais de nosso tempo, segregados da natureza e sufocando toda individualidade. De alma e coração compartilho de seus ideais práticos em educação.

Ao despedir-me do amável sábio, ele autografou e me ofereceu um pequeno volume[324].

- Aqui está meu livro sobre A Educação da Planta Humana[325] disse ele. - Novos treinamentos são necessários - experiências destemidas. Às vezes, as tentativas mais audaciosas lograram fazer surgir o que havia de melhor nas flores e nos frutos. Também as inovações educacionais para as crianças deveriam tornar-se mais freqüentes, mais corajosas.

---

[324] Burbank deu-me também urna fotografia sua, autografada. Guardo-a com o mesmo zelo e estima com que, no passado, um comerciante indiano guardava um retrato de Lincoin. 0 híndu, encontrando-se nos Estados Unidos durante a Guerra Civil, sentia tanta admiração por Lincoln que não desejava regres. sar à índia, antes de obter um retrato do Grande Emancipador. Plantando-se inflexivelmente na porta da casa de Lincoffi, o comerciante se recusou a ir embora enquanto o assombrado Presidente não lhe permitisse contratar os serviços de Daniel lJuntington, famoso artista de Nova York, Terminado o retrato, o hindu levou-o em triunfo a Calcutá.

[325] Nova York, Century Co., 1922,

Li o pequeno livro, com intenso interesse. Seu olhar vislumbrava um futuro glorioso para a raça humana quando ele escreveu: “A coisa viva mais teimosa neste mundo, a mais difícil de torcer, é uma planta, uma vez fixada em certos hábitos ... Recorde que essa planta preservou sua individualidade através das eras; talvez seja uma cuja existência possa ser retraçada através de milênios, aferrada às próprias rochas, nunca tendo variado em qualquer medida durante todos estes longos períodos. Você supõe que, depois destes séculos de repetição, a planta não se tornou possuidora de uma vontade, se assim se pode chamar, de uma tenacidade sem paralelo? Em verdade, há plantas, como certas palmeiras, tão persistentes que nenhum poder humano ainda conseguiu modificar. A vontade humana é débil comparada à vontade de uma planta. Mas, veja, como esta teimosia vegetal de milênios se quebranta simplesmente pela mistura, à sua, de uma nova vida através do cruzamento; opera-se uma modificação completa e poderosa nela. Então, ocorrida a mudança, é preciso fixá-la por supervisão e seleção pacientes durante sucessivas reproduções; e a nova planta se desenvolve em seu novo rumo para jamais voltar ao antigo; aquela vontade tenaz foi vencida e alterada definitivamente. Quando chegamos a algo tão sensível e maleável como a natureza de uma criança, o problema torna-se imensamente mais fácil”.

Atraído magneticamente por este grande norte-americano, visitei-o repetidas vezes. Certa manhã, cheguei ao mesmo tempo que o carteiro; este depositou no escritório de Burbank cerca de um milhar de cartas. Horticultores escreviam-lhe, de todas as regiões do mundo.

- Swâmiji, sua presença é justamente a desculpa que preciso para sair ao jardim - disse Lutero, com alegria. Abriu uma grande gaveta de escrivaninha, contendo centenas de folhetos turísticos.

- Veja - disse ele - é assim que viajo. Preso às minhas plantas e à correspondência, satisfaço meu desejo de conhecer terras estrangeiras, lançando, de vez em quando, um olhar a estas gravuras.

Meu carro havia estacionado diante de seu portão; Lutero e eu percorremos as ruas da pequena cidade, cujos jardins se coloriam com variedades de rosa “Peachblow”, “Santa Rosa”e “Burbank”,

O grande cientista recebera a iniciação em Kriya durante uma de minhas visitas anteriores. - Pratico a técnica com devoção, Swâmiji -disse-me ele. Depois de me fazer muitas perguntas bem refletidas sobre vários aspectos da ioga, Lutero comentou vagarosamente:

- O Oriente possui, em verdade, imensos tesouros de conhecimento que o Ocidental mal começou a explorar[326].

A comunhão íntima com a Natureza, que lhe desvendou muitos de seus segredos, dos mais ciosamente guardados, dera a Burbank uma veneração espiritual sem limites.

Às vezes, sinto-me muito próximo do Poder Infinito - confidenciou-me timidamente. Sua face sensível, modelada em beleza, iluminou-me com as reminiscências. - Sou então capaz de curar pessoas doentes ao meu redor, e também muitas plantas enfermas.

Falou-me de sua mãe, uma cristã sincera. - Muitas vezes depois de sua morte - disse Lutero - fui abençoado por sua aparição; nessas visões, ela tem falado comigo.

Com relutância voltamos à sua casa e àquelas milhares de cartas à espera.

- Lutero - observei - no próximo mês começarei a publicar uma revista destinada a ser um repositório de verdades do Oriente e do Ocidente. Por favor, ajude-me a escolher um nome conveniente para esta publicação.

Discutimos algum tempo sobre títulos e finalmente concordamos na escolha de East-West (Oriente-Ocidente)[327]. Quando já havíamos retornado a seu escritório, Burbank deu-me um artigo de sua autoria sobre “Ciência e Civilização”.

- Será publicado no primeiro número de East-West – disse-lhe eu em agradecimento.

---

[326] O dr. Julian Huxley, famoso biologista inglês e diretor da UNESCO, afirmou recentemente que os cientistas ocidentais deveriam “aprender as técnicas orientais”para entrar em estado de transe e controlar a respiração. “Que acontece? **Como** é possível?”perguntou ele. Um despacho da **Associate Press,** em 21 de agosto de 1948, informava: “0 dr. Huxley disse aos membros da nova Federação Mundial em prol da Saúde Mental que fariam melhw se examinassem a literatura mística do Oriente. Se esta literatura fosse investigada cientificamente, aconselhou ele aos especialistas em psicologia, então penso que se avançaria um enorme passo em seu campo.”

[327] Rebatizada em 1948 com o nome de Self-Realixation Magazine.

Quando nossa amizade cresceu em profundeza, chamei a Burbank de meu "santo norte-americano"- Eis um homem - parafraseei -em quem não existe dolo.[328] - Seu coração era insondavelmente profundo, há longo tempo familiarizado com a humildade, a paciência, o sacrifício. Seu pequeno lar entre as rosas era austeramente simples; ele conhecia a inutilidade do luxo, a alegria de ter poucos pertences. A modéstia com que carregava sua fama científica recordou-me, repetidas vezes, as árvores que se inclinam para o solo com o peso dos frutos maduros; é a árvore estéril que ergue ao céu a cabeça em alarde vazio.

Encontrava-me em Nova York, em 1926, quando meu querido amigo partiu deste mundo. Em lágrimas, pensei: "Oh, com que prazer eu faria todo o longo percurso daqui a Santa Rosa, só para vê-lo mais uma vez!" Afastando-me de visitantes e secretários, passei as vinte e quatro horas seguintes em reclusão.

No dia imediato, dirigi um ritual védico em sua memória, diante de uma grande fotografia de Lutero. Um grupo de discípulos meus, norte-americanos, vestindo trajes cerimoniais hindus, cantou hinos antiquissimos enquanto se procedia a uma oferenda de flores água e fogo. símbolos dos elementos físicos e de seu regresso à Fonte Infinita.

Embora o corpo de Burbank esteja num jazigo em Santa Rosa, sob um cedro do Líbano que ele plantou há anos atrás em seu jardim, sua alma se encontra para mim no santuário de toda flor desabrochada à margem do camião. Sumido durante algum tempo no espírito vasto da Natureza, não é Lutero quem sussurra em seus ventos e passeia em suas madrugadas?

Seu nome passou agora à herança da linguagem comum. Classificando "burbank" como verbo transitivo, o Novo Dicionário Internacional de Webster assim o - define: "cruzar ou enxertar (uma planta); daí, figuradamente, melhorar (qualquer coisa, seja um processo ou uma instituição), pela seleção de boas características e rejeição das más, ou pelo acréscimo de boas características",

- Amado Burbank - exclamei depois de ler a definição - seu próprio nome é agora um sinônimo de bondade!

Lutero, Burbank Santa Rosa, Califórnia U. S. A.

22 de setembro de 1924

Examinei o sistema Yogôda de Swâmi e, em minha opinião, é ideal para treinar e harmonizar as naturezas físicas, mental e espiritual do homem. O objetivo do Swâmi é estabelecer, em todo o mundo, escolas que ensinem a viver, onde a educação, longe de se limitar apenas ao desenvolvimento intelectual, abrangerá também o treinamento do corpo, da vontade e dos sentimentos.

O sistema Yogôda de desenvolvimento físico, mental e espiritual, oferecendo métodos simples e científicos de concentração e de meditação, permite a solução de muitos dos complexos problemas da vida, para que a paz e a boa-vontade reinem sobre a terra. O Swâmi tem um conceito de educação que é simples bom senso, livre de todo o misticismo e impraticabilidade: do contrário, não teria a minha aprovação.

Apraz-me ter a oportunidade de unir-me de coração ao Swâmi em seu apelo em prol de escolas internacionais que ensinem a arte de viver, as quais, se estabelecidas, assegurarão um futuro melhor que tudo quanto conheço.

Lutero Burbank

[328] João 1:47.

Capítulo 39 - Teresa Neumann, a estigmatizada católica

Volte à índia. Tenho esperado por você pacientemente durante quinze anos. Em breve, nadarei para fora deste corpo, rumo ao Domicílio Esplendoroso. Yogananda, venha!

A voz de Sri Yuktéswar ressoou surpreendemente em meu ouvido astral enquanto eu meditava, sentado em minha Sede em Monte Washington. Atravessando 16.000 quilômetros num piscar de olho, sua mensagem penetrou em meu ser como a luz de um relâmpago.

Quinze anos! “Sim”, refleti, “estamos em 1935; passei quinze anos na América, propagando os ensinamentos de meu guru. Agora ele me chama

Algumas horas depois, descrevi minha experiência a um querido amigo, o sr. James J. Lynn, Seu desenvolvimento espiritual, pela prática diária de Kriya Yoga, tem sido tão notável que eu o chamo, com freqüência, de “Santo Lynn”. Nele e em vários outros discípulos ocidentais, vejo com felicidade cumprir-se a profecia de Bábají de que também o Ocidente produziria santos de autêntica percepção de Deus, através da antiga senda de ioga.

O sr. Lynn insistiu generosamente em doar o necessário para minha viagem. Assim resolvido o problema financeiro, fiz os planos de embarque para a índia, via Europa. Em março de 1935, registrei “Self-Realiwtion Fellowship”(SRF) segundo as leis do Estado da Califórnia, como organização não-sectária e não-lucrativa, destinada a existir perpetuamente. Doei à SRF tudo o que me pertence na América, inclusive os direitos autorais de todos os livros escritos por mim. SRF sustenta-se com a venda de minhas obras e com doações de seus membros e do público, à semelhança da maioria das instituições educacionais e religiosas.

- Eu voltarei - disse a meus estudantes. - jamais esquecerei a América.

Durante o banquete de despedida que amigos queridos me ofereceram em Los Angeles, fitei-lhes demoradamente os semblantes e pensei, agradecido: “Senhor, a quem se lembra de Ti como o único Doador, nunca faltará a doçura da amizade entre os mortais”.

Parti de Nova York em 9 de junho de 1935, no vapor “Europa”. Dois estudantes me acompanhavam: meu secretária, o sr. C. Ríchard Wright, e uma dama de meia-idade, a srta, Ettie Bletch, de Cincirmati.

Desfrutamos dias de paz oceânica, em bem-vindo contraste com as semanas anteriores de pressa e trabalhos. Nosso período de descanso foi curto; a velocidade dos navios modernos tem seus aspectos lamentáveis!

Como qualquer outro grupo de turistas curiosos, caminhamos pela antiga e enorme cidade de Londres. No dia seguinte à minha chegada, convidaram-me a falar a uma grande assistência em Caxton Hall, sendo apresentado aos ouvintes londrinos por sir Francis Younghusband.

Nosso grupo passou um dia agradável como hóspede de sir Harry Lauder em sua propriedade rural da Escócia. Alguns dias mais tarde, nossa pequena comitiva cruzou o Canal da Mancha para o continente, pois eu desejava fazer uma peregrinação à Baviera. Senti que esta seria a única oportunidade de visitar a grande mística católica Teresa Neumann, de Konnersreuth.

Eu lera, há anos atrás, um admirável relato sobre Teresa, O artigo trazia os seguintes informes:

1. Teresa, nascida na Sexta-feira da Paixão, em 1898, feriu-se num acidente aos vinte anos; ficou cega e paralítica.
2. Recuperou a vista milagrosamente em 1923 por meio de preces a Sta. Teresinha do Menino Jesus, “A Florzinha”. Mais tarde, as pernas de Teresa Neumann foram curadas instantaneamente.
3. A partir de 1923, Teresa absteve-se completamente de alimentos e bebidas, exceto a ingestão diária de uma pequena hóstia consagrada.

4. Estigmas, chagas sagradas de Cristo, apareceram na cabeça, peito, mãos e pés de Teresa, em 1926. Todas as sextas-feiras[329], ela revive a Paixão de Cristo, padecendo em seu próprio corpo as históricas agonias de Jesus.

5. Conhecendo apenas o simples idioma germânico de sua aldeia, durante os transes de sexta-feira, Teresa pronuncia frases que os eruditos identificaram como aramaico antigo. Em certas etapas de sua visão, ela fala hebraico ou grego.

6. Com permissão eclesiástica, Teresa submeteu-se diversas vezes à rigorosa observação científica. O dr. Fritz Gerlich, redator de um jornal protestante alemão, foi a Konnersreuth para "desmascarar a fraude católica", mas terminou por escrever reverentemente a biografia de Teresa.

Como sempre, fosse no Oriente ou no Ocidente, eu estava ansioso por encontrar uma santa. Regozijei-me quando nosso pequeno grupo entrou, em 16 de julho, na curiosa aldeia de Konnersreuth. Os camponeses bávaros demonstraram vivo interesse por nosso automóvel Ford (trazido da América) e seus ocupantes tão diversos: um jovem norte-americano, uma senhora idosa e um oriental de pele azeitonada, com longos cabelos escondidos sob a gola do paletó.

A casinha de Teresa, limpa e arrumada, com gerânios florescendo junto a um poço primitivo, estava - aí! - silenciosamente fechada. Os vizinhos e até o carteiro da povoação, que por ali passava, não nos puderam dar qualquer informação. A chuva começou a cair; meus companheiros sugeriram que partíssemos.

- Não - disse eu, obstinado. - Permanecerei aqui até achar algum indício que me leve a Teresa.

Duas horas mais tarde, estávamos ainda sentados em nosso carro, sob pesada chuva. Suspirei, queixoso: - Senhor, por que Tu me conduziste até aqui, se ela desapareceu?

Um homem que falava inglês parou ao nosso lado e ofereceu-nos ajuda, cortesmente.

- Não sei com certeza onde Teresa está - disse ele - mas ela costuma visitar a casa do professor Franz Wutz que ensina línguas estrangeiras na Universidade de Eicbstatt, a cerca de cento e trinta quilômetros daqui.

Na manhã seguinte, nosso grupo prosseguiu de automóvel até a quieta cidade de Eichstatt. O dr. Wutz recebeu-nos ordíalmente em seu lar: - Sim, Teresa encontra-se aqui. - Ele mandou avisá-la de que visitantes a procuravam. Um mensageiro voltou com a resposta:

- Embora o bispo me haja pedido que não veja ninguém sem sua permissão, receberei o homem de Deus que vem da Índia.

Profundamente comovido por estas palavras, segui o dr. Wutz, escada acima, a uma saleta. Teresa entrou imediatamente, irradiando uma aura de paz e jovialidade. Usava vestido preto e véu imaculadamente branco sobre a cabeça, Apesar de ter trinta e sete anos naquela época, parecia muito mais jovem, possuindo realmente um encanto e frescor infantis. Saudável, bem proporcionada, com faces rosadas e sempre alegre, eis a santa que não come!

Teresa cumprimentou-me com um aperto de mãos muito gentil. Sorrimos em silenciosa comunhão, reconhecendo-nos, um ao outro, como amantes de Deus.

O dr. Wutz ofereceu-se bondosamente para servir de intérprete. Quando nos sentamos, notei que Teresa me fitava com ingênua curiosidade; evidentemente os hindus têm sido raros na Baviera.

- A senhora não se alimenta de nada? - Eu queria ouvir a resposta de seus próprios lábios.

- Não, exceto uma hóstia[330], às seis horas da manhã, todos o~ dias.

- De que tamanho é a hóstia?

- Tem a espessura do papel e o tamanho de uma pequena moeda,

- Ela acrescentou: - Tomo-a por motivos sacramentais; se não está consagrada, sou incapaz de ingeri-la.

---

[329] Desde 1939, início da última guerra, Teresa não sofria a Paixão em cada sexta-feira, mas somente em alguns dias do ano. Biografia desta mística: por Friedrich Ritter von Lama: "Teresa Neumann - uma estigmatizada de nossos dias"e "Outras crônicas de Teresa Neumann"; por A. P. Schimberg (1947), "A História de Teresa Neumann"; todos publicados por Bruce Pub. Co., Milwaukee, Wisconsin. E também "Tereza Neumann", por Johannes Steiner, publicado por Alba House, Staten Island, N. Y., 10314.

[330] Feita de farinha de trigo, para a consagração eucarística.

- Mas a senhora certamente não podia viver apenas disso, durante doze anos inteiros ...

- Vivo da luz de Deus.

Que simples a sua resposta, que einsteiniana!

- Compreendo; sabe que a energia flui para o interior de seu corpo, proveniente do éter, do sol e do ar.

Um rápido sorriso iluminou-lhe a face. - Sinto-me muito feliz por compreender de que modo eu vivo.

- Sua sagrada vida é uma demonstração diária da verdade proclamada por Cristo: "não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus"[331].

De novo, ela evidenciou alegria ao ouvir minha explicação. -- Assim é, de fato. Uma das razões por que estou na Terra atualmente é para provar que o homem pode viver da luz invisível de Deus, e não apenas de alimento.

- Pode ensinar outros a viverem sem alimento?

Ela pareceu um pouquinho chocada. - Não posso fazer isso; Deus não o quer.

Quando meu olhar recaiu em suas mãos fortes e graciosas, Teresa mostrou-me uma chaga quadrada, recém-cicatrizada, nas costas de cada mão. Em cada palma, ela assinalou uma chaga menor, recém-cicatrizada, em forma de lua crescente. Cada chaga transpassava completamente a mão. Isto me trouxe recordação clara de grandes pregos de ferro, quadrados, com extremidade em forma de meia-lua, ainda usados no Oriente, mas que não me lembro de ter visto no Ocidente.

A santa contou-me algo de seus transes semanais: - Como observadora indefesa, assisto integralmente à Paixão de Cristo.

Cada semana, de quinta-feira à noite até sexta-feira a uma hora da tarde, suas chagas abrem e sangram; ela perde quatro quilos e meio de seu peso habitual de cerca de cinqüenta e cinco. Sofrendo intensamente em seu piedoso amor, Teresa espera, entretanto, com alegria, estas visões semanais de seu Senhor.

Compreendi imediatamente que Deus planejou a estranha existência de Teresa para reassegurar a todos os cristãos a autenticidade histórica da vida e da crucificação de Jesus, conforme relatam os Evangelhos, e para demonstrar dramaticamente o laço sempre vivo entre o Mestre da Galiléia e seus devotos.

O professor Wutz contou algumas de suas experiências com a santa.

- Um grupo de amigos, incluindo Teresa, costuma excursionar durante vários dias para conhecer regiões diferentes da Alemanha -disse-me ele. - Verifica-se notável contraste: Teresa de nada se alimenta; todos os outros fazem três refeições por dia. Ela parece uma tosa recém-aberta, imune à fadiga. Sempre que algum de nós sente fome e procura as hospedarias do caminho, Teresa ri-se jovialmente.

O professor acrescentou alguns detalhes fisiológicos interessantes:

Como Teresa não ingere alimento, seu estômago contraiu-se. Ela não tem excreções, mas suas glândulas sudoríparas funcionam; sua pele é sempre suave e firme.

No momento de partir, manifestei a Teresa meu desejo de assistir a um de seus transes.

- Sim, venha, por favor, a Konnersreuth, na próxima sexta-feira disse ela graciosamente. - O bispo lhe dará permissão. Estou muito contente por me haver procurado em Eichstatt.

Teresa apertou-me as mãos, gentilmente, várias vezes, e acompanhou nosso grupo até o portão. O sr. Wright ligou o rádio do automóvel; a santa examinou-o com risinhos entusiásticos. juntou-se um número tão grande de crianças e jovens interessados que Teresa se retirou para o interior da casa. Reapareceu numa das janelas, donde nos observava, atenta, infantilmente, acenando com a mão.

---

[331] **Mateus,** 4À A bateria do corpo humano não se alimenta apenas de substâncias grosseiras (pão), mas de energia cósmica vibratória (Verbo, Aum). O poder invisível flui para o interior do corpo humano através da porta do bulbo raquiano. Este sexto centro localiza-se na parte posterior do pescoço, acima dos cinco **chákras,** em sânscrito, significa "rodas" ou centros de força vital irradiante). O bulbo raquiano, entrada principal por onde penetra Aum ou energia de vida universal que abastece o corpo, relaciona-se diretamente, por polaridade, com o centro da Consciência Crística **(Kutástha)** no olho único, entre as sobrancelhas, sede do poder de vontade do homem. A energia cósmica se armazena, então, no cérebro, no sétimo centro, reservatório de infinitas possibilidades (mencionado nos **Vedas** como "lótus de mil pétalas de luz"). A Bíblia refere-se a Aum sob a designação de Espírito Santo ou força vital invisível que sustenta divinamente a criação. "Quê? Não sabeis que vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que vós não vos pertenceis?" **I Coríntios,** 6:19.

Que a santa dorme apenas uma ou duas horas por noite soubemos por uma conversa, no dia seguinte, com dois irmãos de Teresa, muito bondosos e amigos. A despeito das diversas chagas em seu corpo, ela é ativa e eficiente. Ama os pássaros, cuida de um aquário de peixes, e trabalha freqüentemente em seu jardim. Sua correspondência é grande; os devotos católicos lhe pedem orações e bênçãos para cura. Muitos a procuraram, sendo por ela curados de enfermidades graves.

Seu irmão Ferdinando, com aproximadamente vinte e três anos de idade, explicou que Teresa tem o poder, através da prece, de transferir males alheios para seu próprio corpo, onde, então, os resgata. A abstinência da santa em relação ao alimento data da época em que ela rezava para que a moléstia da garganta de um jovem de sua paróquia, então se preparando para ingressar no sacerdócio, fosse transferida para a sua.

Na tarde de quinta-feira, nosso grupo dirigiu-se à casa do bispo, o qual fitou meus flutuantes cabelos com alguma surpresa. Ele redigiu prontamente a permissão necessária. Não havia pagamento a fazer; o regulamento criado pela Igreja destina-se apenas a proteger Teresa da avalanche de turistas fortuitos que, em anos anteriores, se precipitavam aos milhares em Konnersreuth, às sextas-feiras.

Chegamos à aldeia, na sexta-feira, aproximadamente às nove e meia da manhã. Notei que a casinha de Teresa possui uma clarabóia extensa para permitir, à santa, abundante luz. Agradou-nos ver a residência com as portas não mais fechadas, porém totalmente abertas, em hospitaleira acolhida. Entramos em uma fila de cerca de vinte visitantes, já de posse, cada um, da necessária permissão. Muitos tinham vindo de grandes distâncias para assistir ao transe místico.

Teresa fora aprovada no primeiro teste a que eu a submetera, em casa do professor; demonstrara seu conhecimento intuitivo de que eu a desejava ver por motivos espirituais e não para satisfazer uma curiosidade passageira.

Meu segundo teste ia prender-se ao fato de eu ter me colocado, pouco antes de subir as escadas para o seu aposento, em estado detranse iogue a fim de manter com ela uma relação de telepatia e de televisão. Penetrei no quarto repleto de visitantes; ela se encontrava deitada no leito, vestindo um traje branco. Com o sr. Wright logo atrás de mim, detive-me assim que transpus o limiar, intimidado ante um espetáculo dos mais estranhos e espantosos.

O sangue fluía das pálpebras inferiores de Teresa, num fio delgado e incessante, da espessura de uns dois centímetros e meio. Seu olhar dirigido para cima, focalizava o olho espiritual no centro da testa. O pano que lhe envolvia a cabeça estava ensopado de sangue, oriundo dos estigmas, as chagas da Coroa de Espinhos. O traje branco apresentava uma rubra mancha sobre o coração, proveniente da ferida do lado, no lugar onde o corpo de Cristo, séculos antes, sofrera a última injúria, ao ser atingido pela lança do soldado.

As mãos da santa estendiam-se em gesto maternal, suplicante; sua face tinha uma expressão simultaneamente torturada e divina. Teresa parecia mais delgada e apresentava mudanças sutis, tanto internas como externas. Murmurando palavras de uma língua estrangeira, falava com lábios ligeiramente trêmulos a pessoas que eram visíveis ao seu olhar superconsciente.

Como eu me pusera em estado de sintonizar com ela, comecei a ver as cenas de sua visão. Ela observava Jesus, enquanto ele carregava o madeiro da Cruz entre os escárnios da multidão[332]. Subitamente, ela ergueu a cabeça, consternada: o Senhor tombara sob o peso cruel. A visão sumiu. Exausta em sua fervorosa piedade, Teresa caiu pesadamente sobre o travesseiro.

Neste momento, ouvi um baque forte atrás de mim. Voltando a cabeça durante um segundo, vi dois homens carregarem para fora um corpo inanimado. Mas, por estar saindo do profundo estado supercons-ciente, não reconheci imediatamente a pessoa que havia caído. Fixei outra vez o olhar no rosto de Teresa, mortalmente pálido sob os filetes de sangue, mas agora tranqüilo, irradiando pureza e santidade. Pouco depois olhei para trás de mim e vi o sr. Wright de pé, com a mão sobre a face manchada de sangue.

- Dick - perguntei, ansioso - quem caiu? Você? - Sim, desmaiei com o pavoroso espetáculo.

- Bem - disse-lhe eu, para consolá-lo - você tem a coragem de voltar e presenciar outra vez o espetáculo.

[332] Durante as horas anteriores à minha chegada, Teresa já tivera muitas visões dos últimos dias da vida de Cristo. Seu transe geralmente começa com cenas dos acontecimentos posteriores à última Ceia. Suas visões sagradas terminam com a morte de Jesus na cruz; ou, às vezes, com seu sepultamento.

Lembrando-nos da paciente fila de peregrinos, o sr. Wright e eu silenciosamente nos curvamos em adeus a Teresa e nos afastamos de sua sagrada presença[333].

No dia seguinte, nosso pequeno grupo prosseguiu de automóvel em direção ao sul, agradecido por não precisar depender de trens, podendo, ao contrário, parar nosso Ford onde quiséssemos, ao longo da paisagem rural. Desfrutamos cada minuto de nossa viagem através da Alemanha, Holanda, França e Alpes suíços. Na Itália, fizemos uma excursão especial a Assis, em homenagem ao apóstolo da humanidade, São Francisco. A viagem pela Europa terminou na Grécia, onde visitamos os templos gregos e vimos a prisão onde o tranqüilo Sócrates[334] bebeu a cicuta mortal. Desperta plena admiração a arte com que os antigos gregos, em todo o país, esculpiram em alabastro as obras de sua imaginação.

Tomamos o navio para cruzar o Mediterrâneo ensolarado e desembarcarmos na Palestina. Percorrendo durante dias a Terra Santa, mais do que nunca me convenci do valor da peregrinação. Para o coração sensível, o espírito de Cristo impregna tudo na Palestina. Caminhei reverentemente ao seu lado em Belém e Getsêmani, no Calvário e no santo Monte das Oliveiras, ao longo do rio Jordão e do Mar da Galiléia.

Nosso pequeno grupo visitou o Presépio do Nascimento, a carpintaria de José, o sepulcro de Lázaro, a casa de Marta e Maria, o recinto da Última Ceia. Revivíamos a Antigüidade; cena após cena, assisti ao drama que Cristo representou então para os séculos vindouros.

O Egito veio a seguir, com seu Cairo dos tempos modernos e suas pirâmides de tempos idos. Depois, um navio descendo o longo Mar Vermelho, e cruzando o Mar de Omã; e afinal, a índia!

---

[333] Um despacho da agência "International News Servíce", vindo da Alemanha, em 26 de março de 1948, informava: "Urna camponesa jazia em seu catre nesta Sexta-feira Santa; tinha a cabeça, as mãos e os ombros assinalados de sangue nos mesmos lugares em que o corpo de Cristo sangrara com os pregos da Cruz e da Coroa de Espinhos. Milhares de alemães e de norte-**americanos, cheios** de temor reverente, desfilaram em silêncio ao lado **da cama de Teresa Neumann, em sua** casinha de aldeia."
A grande estigmatizada morreu em Konnersreuth em 18 de setembro de 1962. (Nota de SRF).

[334] **Uma passagem** de Eusébio relata interessante encontro entre Sócrates e um **sábio hindu.** Textualmente: "Aristoxenus, o músico, narra a seguinte história sobre os hindus. Um destes homens encontrou Sócrates em Atenas e **perguntou-lhe** qual era o objeto de sua filosofia: - **Uma investigação dos fenômenos humanos** - replicou Sócrates - o que fez o hindu explodir **de riso:** - Como pode um homem investigar os fenômenos humanos quando **ignora os divinos?"**
0 ideal grego, a que fazem eco as filosofias ocidentais, é: "Homem, conhece-te a ti rnesmo". Um hindu diria: "Homem, conhece o teu Ser divino."0 dito de Descartes, "Penso, logo sou", não é filosoficamente válido. As faculdades da razão não podem lançar luz sobre o Ser último do homem. A mente humana, à semelhança do mundo dos fenômenos que ela conhece, é um fluxo perpétuo e não pode atingir o fim último das coisas, A satisfação intelectual não constitui o objetivo mais alto. Quem busca a Deus é **realmente amante de vídya,** verdade inalterável; tudo o mais é avídya, conhecimento relativo.

Capítulo 40 - Regresso à Índia

Eu respirava, agradecido, o ar abençoado da índia. Nosso navio, o Rajputana, atracou, em 22 de agosto de 1935, no enorme porto de Bombaim. Já no primeiro dia de meu desembarque provei o gosto antecipado da atividade ininterrupta que me absorveria durante o ano inteiro. Amigos haviam se reunido no cais para nos recepcionar com guirlandas de flores; pouco depois, em nosso apartamento do Hotel Taj Mahal, recebemos diversos grupos de repórteres e fotógrafos.

Bombaim apresentou aspectos novos para mim; encontrei-a dinamicamente modernizada, com muitas inovações ocidentais. Palmeiras enfileiravam-se nas largas avenidas; magníficos edifícios do governo rivalizavam com os templos milenares. Contudo, pouco tempo empregamos em atividades turísticas; eu estava impaciente, ansioso por ver meu muito amado guru e outros seres queridos. Confiando o Ford ao vagão bagageiro, nosso grupo avançou velozmente em direção leste, por trem, rumo a Calcutá[335].

Chegando à estação de Hokrah, encontramos tão imensa multidão reunida para nos saudar que, por alguns momento, nos foi impossível descer do trem. O jovem Marajá de Kasimbazar e meu irmão Bíshnu encabeçavam a comissão de recepção; eu não me achava preparado para o calor e a magnitude daquela acolhida.

Precedidos por uma fila de automóveis e motocicletas, e entre sons de regozijo de tambores e de grandes búzios, a srta. Bletch, o sr. Wright e eu, cobertos de guirlandas da cabeça aos pés, dirigimo-nos lentamente de carro até à casa de meu velho pai.

Papai abraçou-me como se eu regressasse dentre os mortos; longamente nos fitamos, mudos de alegria. Irmãos e irmãs, tios, tias, primos, discípulos e amigos do passado agrupavam-se ao meu redor, todos com os olhos úmidos. Agora transferida aos arquivos da memória, a cena da afetuosa reunião perdura vividamente, inolvidável ao meu coração. Quanto ao meu encontro com Sri Yuktéswar, faltam-me palavras; permitam-me transcrever, suficientemente, a seguinte descrição de meu secretário:

"Hoje, pleno das mais sublimes expectativas, conduzi Yogananda, em nosso Ford, de Calcutá a Serampore - registrou o sr, Wright em seu diário de viagem.

Passamos por estabelecimentos comerciais singulares - um destes era o restaurante preferido de Yogananda em seu tempo de Faculdade - e finalmente penetramos numa estreita viela, entre muros. Uma súbita volta à esquerda e eis à nossa frente o áshram do mestre, um edifício de tijolos, em cujo andar superior se destaca uma sacada com grade de ferro. Irradiava-se da moradia uma aura de solidão tranqüila.

Com grave humildade, atrás de Yoganândaji, penetrei no pátio, dentro dos muros do eremitério. Nossos corações pulsando aceleradamente, subimos alguns degraus de cimento, pisados, sem dúvida, por inúmeros buscadores da verdade. Nossa tensão crescia agudamente, à medida que avançávamos. À nossa frente, no alto da escada, apareceu silenciosamente o Grande Ser, Swâmi Sri Yuktéswarji, de pé, em nobre atitude de sábio.

"Meu coração, arfando, dilatou-se pelo privilégio abençoado de estar em sua sublime presença. Lágrimas toldaram meu olhar ávido quando Yoganândaji caiu de joelhos e ofertou, com uma inclinação de cabeça, as saudações e o agradecimento de sua alma, tocando com a mão os pés do guru e, a seguir, em humilde obediência, a sua própria testa. Então se levantou e foi abraçado, dos dois lados do peito, por Sri Yuktéswarji.

"Palavra nenhuma se pronunciou de início, mas um sentimento intenso era expresso em mudas frases da alma. Como seus olhos resplandeciam no calor do encontro! Uma vibração de ternura espraiou-se pelo tranqüilo pátio e o sol repentinamente se esquivou das nuvens para acrescentar um fulgor de glória.

"De joelho em terra, diante do mestre, ofereci-lhe meu agradecimento e amor indizíveis; tocando-lhe os pés calejados pelo tempo e pelo serviço, recebi sua bênção, Levantei-me em seguida e fitei seus belos olhos profundamente íntrospectivos mas radiantes de ventura.

"Entramos em sua sala de estar, com um lado inteiro abrindo-se para a sacada que avistamos da rua. O mestre sentou-se num colchão forrado, no chão de cimento, apoiando o braço num velho sofá, Yoganândaji e eu nos sentamos junto aos pés do guru, recostados em almofadas cor-de-laranja, a fim de tornar mais cômoda a nossa posição sobre a esteira de palha.

---

[335] Interrompemos nossa viagem nas Províncias Centrais, a meio caminho através do continente, para visitar o Mahátma Gandhi em Wardha. Descrevo essa etapa no capítulo 44.

"Tentei, sem muito êxito, captar a essência da conversa em bengali entre os dois Swâmijis (pois descobri que eles não usam o inglês quando estão juntos, embora o Swâmiji Mahárâj, título com que também designam o grande guru, o possa falar, e o faça com freqüência). Entretanto, percebi facilmente a santidade deste Grande Ser, através de seu bondoso sorriso e de seus olhos cintilantes. Em sua conversa, engraçada ou séria, discerne-se rapidamente o caráter positivo de suas declarações - a marca de um sábio - alguém que sabe, porque conhece Deus. A grande sabedoria, o vigor de propósitos e a determinação do mestre são evidentes em cada um de seus atos.

"Ele se veste com simplicidade; seu dhóti e sua camisa, tingidos há tempos atrás com tonalidade ocre, apresentam agora um desbotado matiz de laranja. Observando-o, a intervalos, reverentemente, notei sua estatutra grande, atlética; seu corpo tornou-se rijo com as provas e os sacrifícios da vida de renúncia. Seu porte é majestoso. Caminha com passo nobre, em posição ereta. Um riso travesso e jovial brota das profundezas de seu peito, sacudindo e estremecendo seu corpo inteiro.

"Sua face austera transmite surpreendentemente uma impressão de divino poder. O cabelo, repartido ao meio, branco junto à testa, apresenta mechas de prata e negro, outras de ouro e negro, terminando em anéis sobre os ombros. Sua barba e bigode, escassos ou ralos, parecem realçar-lhe os traços do rosto. A testa é em rampa, como se procurasse os céus. Seus olhos pretos mostram um halo de etéreo azul.

"Tem nariz grande, comum, com o qual brinca em momentos de' ócio, esfregando-o e revirando-o com os dedos, como um menino. Em repouso, sua boca é severa, com um toque sutil de ternura.

"Olhando aqui e ali, observei que certos estragos na sala sugerem o desapego do proprietário ao conforto material. As paredes brancas da comprida câmara, manchadas pelo tempo, apresentam faixas de estuque azul desbotado. Em um dos extremos da sala está dependurado o único retrato de Láhiri Mahásaya, cujo ornamento devocional é uma simples guirlanda. Existe também uma velha fotografia mostrando Yoganândaji, de pé, na época de sua chegada a Boston, entre outros delegados ao Congresso de Religiões.

"Reparei na esquisita confluência do moderno com o antigo. Um enorme candelabro de vidro lapidado acha-se recoberto de teias de aranha, devido ao longo desuso; e na parede está preso um calendário vistoso e moderno. Da sala emana uma fragrância de paz e de felicidade.

"Para além da sacada, coqueiros se alteiam sobre o eremitério, em silenciosa proteção.

"O mestre só necessita bater palmas; antes mesmo de terminar, é atendido por algum pequeno discípulo. Um deles, um mocinho magro, cujo nome é Prafulla[336], tem longos cabelos escuros, brilhantes olhos negros e um sorriso celestial; seus olhos cintilam quando os cantos da boca se erguem, como se fossem duas estrelas e uma lua crescente que surgissem, repentinamente, ao crepúsculo.

"O júbilo de Swâmi Sri Yuktéswarji é obviamente intenso pelo regresso de seu "produto"(e ele parece um tanto curioso acerca de mim, o "subproduto"). Contudo, o predomínio de sabedoria na natureza deste Grande Ser impede a exteriorização de seus sentimentos.

"Yoganândaji ofereceu-lhe alguns presentes, segundo o costume quando um discípulo volta a seu guru. Mais tarde, nos sentamos para uma refeição simples, mas bem preparada, de arroz e vegetais. Para Sri Yuktéswarji foi um prazer a minha observância de certos costumes indianos; por exemplo, o de comer com os dedos.

"Após várias horas de rápido intercâmbio de frases bengalis, e da troca de cálidos sorrisos e felizes olhares, fizemos uma reverência a seus pés, dissemos adeus com um prônam[337] e partimos para Calcutá com a lembrança perpétua de um encontro sagrado. Embora eu escreva principalmente sobre minhas impressões externas do mestre, sempre tive consciência de sua glória espiritual. Senti o seu poder, e sempre hei de reter comigo este sentimento, considerando-o minha divina bênção. "

Da América, Europa e Palestina, eu trouxera muitos presentes para Sri Yuktéswar. Ele os recebeu, sorrindo, mas sem comentários. Para meu próprio uso, eu comprara na Alemanha uma combinação de guardachuva com bengala. Na índia, resolvi dar a bengala ao Mestre.

- Gosto muito mesmo deste presente! - Os olhos de meu guru voltaram-se para os meus, cheios de afetuosa compreensão, ao fazer um comentário que fugia aos seus hábitos. De todos os presentes, era a bengala que ele escolhia para exibir aos visitantes,

---

[336] Prafulla era o jovem que estava em companhia do Mestre quando a cobra se aproximou (capítulo 12).

[337] Literalmente, "saudação completa", da raiz sânscrita nam, saudar ou inclinar-se, e do prefixo pro, completamente. Faz-se a saudação de pronam principalmente diante de monges ou de pessoas merecedoras de respeito.

- Mestre, por favor, permita-me trazer um novo tapete para a sala-de-estar. - Eu percebera que a pele de tigre de Sri Yuktéswar estendia-se sobre um tapete rasgado.

- Pode fazê-lo, se lhe agrada. - A voz de meu guru não demonstrava entusiasmo. - Observe, minha pele de tigre é boa e limpa; sou um monarca em meu pequeno reino. Além, está o vasto mundo, interessado apenas em exterioridades.

Quando ele pronunciou estas palavras, senti que os anos voavam para trás; mais uma vez eu era um jovem discípulo, purificando diaríamente no fogo do castigo!

Assim que me pude arrancar de Serampore para Calcutá, parti com o sr. Wright para Ranchí. Que acolhimento ali, que comovente ovação! Lágrimas inundaram-me os olhos ao abraçar os professores altruístas que conservaram o estandarte da escola drapejando ao vento, durante minha ausência de quinze anos. As faces brilhantes e os sorrisos felizes dos alunos internos e externos testemunhavam amplamente o valor de seu cuidadoso preparo nas várias disciplinas escolares, bem como de seu treinamento em ioga.

Contudo, infelizmente, a instituição de Ranchi passava por terríveis dificuldades financeiras. Sri Manindra Chandra Nundy, o velho marajá cujo palácio de Kasimbazar se convertera no edifício central da escola, e que fizera numerosas doações principescas, agora estava morto. Muitas atividades beneficentes e liberais da escola se encontravam em sério perigo por falta de suficiente auxílio público.

Não vivera eu durante anos nos Estados Unidos sem aprender algo de sua sabedoria prática, seu espírito intrépido ante os obstáculos. Permaneci uma semana em Ranchi, lutando com problemas críticos. A seguir vieram as entrevistas em Calcutá com líderes e educadores eminentes, uma longa conversa com o jovem marajá de Kasimbazar, um apelo financeiro a meu pai e - viva! - os abalados alicerces da escola de Ranchi começaram a se firmar. Muitos donativos chegaram, de meus estudantes norte-americanos, no momento crítico.

Alguns meses após minha chegada à índia, tive a alegria de ver legalizada a situação da escola de Ranchi. O sonho de toda a minha vida, de um centro educacional iogue mantido por doações permanentes estava realizado. Esta aspiração guiara-me desde o humilde princípio em 1917, com um grupo de sete meninos.

A escola, Yogôda Satsanga Brahmachárya Vidyáláya, ministra aulas, ao ar livre, de matérias dos cursos primário e secundário. Os estudantes internos e externos também recebem treinamento vocacional para certas profissões,

Os próprios jovens regulamentam muitas de suas atividades através de comissões autônomas. Muito cedo em minha carreira de educador descobri que os mesmos jovens que se deliciam travessamente ao lograr um professor, aceitarão com alegria as regras disciplinares estabelecidas por seus, próprios colegas. Eu, que nunca fui aluno-modelo, tinha espontânea simpatia por todos os problemas e travessuras infantis.

Estimulam-se os esportes e jogos; os campos ressoam com práticas de futebol e hóquei. Estudantes de Ranchi ganham freqüentemente a taça em competições de importância. Aos jovens ensina-se o método Yogôda de reabastecer os músculos com o poder da vontade, dirigindo mentalmente a energia vital a qualquer parte do corpo. Também aprendem ásanas (posições) e exercícios de esgrima e de lathi (bastão ou vara). Treinados em socorros de urgência, os estudantes de Ranchí prestaram serviços dignos de louvor, em momentos trágicos de inundações ou escassez de víveres, em sua província. Os jovens trabalham no jardim e plantam, na horta, os vegetais para o seu próprio consumo.

A instrução em matérias do curso primário é ministrada em hindi às tribos aborígenes da província, os Kols, Santals e Mundas. Aulas exclusivamente para meninas são dadas em aldeias próximas.

Característica singular de Ranchi é a iniciação em Kriya Yoga. Os jovens praticam diariamente seus exercícios espirituais, empenham-se em cânticos do Gíta e aprendem, pelo preceito e pelo exemplo, as virtudes da simplicidade, do auto- sacríf ício, da honra e da verdade. A eles se ensina que o mal é o causador de infelicidades, e o bem, aquelas ações que resultam em verdadeira felicidade. O mal se compara ao mel envenenado: tentador, carregando, porém, a morte.

Dominando a inquietude de corpo e mente pelas técnicas de concentração, atingiram-se resultados assombrosos: em Ranchi, não é novidade ver uma atrativa figurinha, de nove ou dez anos, sentada por uma hora ou mais, em equilíbrio íninterrupto, o olhar imóvel dirigido ao olho espiritual.

No pomar existe um templo a Shiva, com uma estátua do abençoado mestre Láhiri Mahásaya. Diariamente, orações e aulas sobre as Escrituras ocorrem no jardim, à sombra das mangueiras.

Yogôda Sat-sanga Seváshram (“Lar de Serviço”) nos terrenos de Ranchi oferece assistência médica e cirúrgica gratuita a muitos milhares de pobres da índia.

Ranchi situa-se a 610 m acima do nível do mar; seu clima é ameno e uniforme. O terreno, com área superior a 100.000 m² margeando uma grande lagoa que serve ao banho e à natação, inclui um dos melhores pomares da índia: 500 árvores frutíferas - de mangas, tâmaras, goiabas, lechias e jacas.

A biblioteca de Ranchi contém numerosas revistas e um milhar de volumes em inglês e bengali, doados por ocidentais e orientais. Há uma coleção de todas as Escrituras do mundo. Um museu bem organizado exibe pedras preciosas e espécimes arqueológicos, geológicos e antropológicos - troféus, em sua maior parte, trazidos de minhas andanças pela variada terra do Senhor[338].

Escolas secundárias com as mesmas características de internato e de treinamento em ioga, filiais de Ranchi, foram abertas e estão agora em pleno florescimento. São elas: Yogôda Sesanga Vidyapíth (Escola) para meninos e rapazes em Lakshmanpur, em Bengala, e a Escola Secundária e Eremitério YSS em Ejmalichak, em Midriapore, Bengala[339].

Um imponente Yogôda Math (áshrarn) em Dakshinéswar, defronte ao Ganges, foi consagrado em 1938. Situado apenas a alguns quilômetros ao norte de Calcutá, o eremitério oferece um porto de paz aos habitantes da cidade.

O Math em Dakshinéswar é o centro diretor da Sociedade Yogôda SatSanga (YSS) e de suas escolas, centros e ashrams em várias regiões da índia. YSS filia-se legalmente à Sede Internacional: Self-Realization Fellowship (SRF) em Los Angeles, na'Califórnia, Estados Unidos da América. As atividades de Yogôda Sesanga Society[340] incluem a publicação do periódico trimestral Yogôda Magazine e as remessas quinzenais de Lições YSS-SRF aos estudantes em todas as regiões da índia. Estas lições dão instrução detalhada sobre os Exercícios de Tensão e Relaxação, e sobre as Técnicas de Concentração e de Meditação. Sua prática fiel constitui o fundamento essencial à instrução superior em Kriya Yoga, dada em lições subseqüentes a estudantes qualificados.

As atividades de YSS, educacionais, religiosas, humanitárias, exigem o serviço e a devoção de muitos professores e trabalhadores. Não menciono seus nomes aqui por serem muito numerosos; mas, em meu coração, cada um tem um nicho resplandecente.

O sr. Wright fez muitos amigos entre os jovens de Ranchi; vestindo um simples **dhóti**, conviveu durante algum tempo com eles. Em Bombaim, Ranchi, Calcutá, Serampore, em todos os lugares onde esteve, meu secretário registrava num diário de viagem as suas aventuras, com o talento da descrição vívida. Certa noite, fiz-lhe uma pergunta:

- Dick, qual é sua impressão da índia?

- De paz - disse ele, pensativo. - Sua aura racial é de paz.

---

[338] Um museu no Ocidente, com exposição de objetos semelhantes, colecionados por Paramahansa Yogananda, localiza-se no Santuário do Lago, de SRF, em Pacific Palisades, na Califórnia. (Nota de SRF)

[339] Deste núcleo original, surgiram muitas instituições educacionais para ambos os sexos, dirigídas por **Yogôda Satsanga Society** e agora prosperando em diversas localidades da índia. Seus currículos abrangem matérias do curso primário ao colegial. (6)
Yogôda deriva de **yoga,** "união, harmonia, equilíbrio", e de da, "o que concede". Satsanga compõe-se de Sat, "verdade"e **sanga,** "fraternidade ou associação".
Yogôda é uma palavra cunhada por Paramahansa Yogananda, em 1916, quando descobriu os princípios para reabastecer o corpo humano com energia proveniente da fonte c6smica. (Ver capítulo 27) Sri Yuktéswar denominou a sua organização eremítica de **Sananga** (Associação com a Verdade); seu discípulo Paramahânsaji quis, naturalmente, conservar o termo.
Yogôda Satsenga Society of India é uma organização não-lucrativa, destinada a existir perpetuamente. Sob essa denominação, Yoganândaji deu status jurídico a seu trabalho e fundações na índia, atualmente administradas com eficiência por um Conselho de Diretores. Yogachárya Swâmi Shymananda é o secretário geral e tesoureiro de **Yogôda Satsanga Society of India.** Numerosos pequenos e grandes centros de meditação de YSS estão surgindo em diversas partes da índia.
No Ocidente, para evitar palavras sânscritas, Paramahansa Yogananda deu é o secretário-geral e tesoureiro de **Yogôda Satsanga Society of frídia.** NuSri Daya Mata tem sido a presidente, desde 1955, de SRF e de YSS. (Nota de SRF)

[340] **Yogôda** deriva de **yoga,** "união, harmonia, equilíbrio", e de da, "o que concede". Satsanga compõe-se de Sat, "verdade"e **sanga,** "fraternidade ou associação".
Yogôda é uma palavra cunhada por Paramahansa Yogananda, em 1916, quando descobriu os princípios para reabastecer o corpo humano com energia proveniente da fonte c6smica. (Ver capítulo 27)
Sri Yuktéswar denominou a sua organização eremítica de **Satsanga** (Associação com a Verdade); seu discípulo Paramahânsaji quis, naturalmente, conservar o termo.
Yogôda Satsanga Society of India é uma organização não-lucrativa, destinada a existir perpetuamente. Sob essa denominação, Yoganândaji deu status jurídico a seu trabalho e fundações na índia, atualmente administradas com eficiência por um Conselho de Diretores. Yogachárya Swâmi Shymananda é o secretário geral e tesoureiro de **Yogôda Satsanga Society of India.** Numerosos pequenos e grandes centros de meditação de YSS estão surgindo em diversas partes da índia.
No Ocidente, para evitar palavras sânscritas, Paramahansa Yogananda deu é o secretário-geral e tesoureiro de **Yogôda Satsanga Society of índia.** NuSri Daya Mata tem sido a presidente, desde 1955, de SRF e de YSS. (Nota de SRF)

Capítulo 41 - Ídolo na Índia Meridional

Você é o primeiro ocidental, Dick, a entrar neste Santuário. Muitos outros tentaram fazê-lo, em vão.

Ao ouvir minhas palavras, o sr. Wright pareceu surpreendido e depois satisfeito. Acabávamos de sair do belo templo de Chamundi, lias colinas de cujas alturas se contempla Mysore, na índia meridional. Ali havíamos nos curvado ante os altares de ouro e prata da Deusa Chamundi, divindade padroeira da família dos rajás de Mysore.

- Como lembrança desta honra singular - disse o sr. Wright, embrulhando cuidadosamente algumas pétalas de rosa - sempre conservarei estas pétalas, abençoadas pelo sacerdote com água de rosas.

Meu companheiro e eu[341] passávamos o mês. de novembro de 1935, como hósoedes do Estado de Mysore. O herdeiro do Marajá, sua Alteza o Yuvarája, Sir Sri Kríshna Narasingharaj Wadiyar, convidara meu secretário e a mim para visitarmos seu reino culto e progressista.

Durante a quinzena anterior, eu falara, na cidade de Mysore, a milhares de cidadãos e estudantes, no Auditório oficial, na Escola Universitária do Marajá e na Faculdade de Medicina; e fizera três conferências públicas em Bangalore, na Escola Secundária Nacional, na Escola Superior e no Auditório Chetty onde três mil pessoas se reuniram.

Se os atentos ouvintes deram crédito à imagem vivaz que tracei dos Estados Unidos, não o sei; mas os aplausos sempre foram mais sonoros quando falei dos benefícios mútuos que derivariam do intercâmbio do que existe de melhor na civilização do Oriente e do Ocidente.

O sr. Wright e eu descansávamos agora, na paz tropical. Seu diário de viagem contém o seguinte relato de suas impressões de Mysore:

"Muitos instantes de arrebatamento tivemos ao contemplar, quase absortos, a sempre cambiante tela do Pintor Divino, estendida pelo firmamento, pois somente o pincel de Deus é capaz de produzir cores que vibram com o frescor da vida. Essa juventude de cores se perde quando o homem procura imitá-lo com meras tintas, pois o Senhor recorre a um meio mais singelo e eficiente: nem óleos nem corantes, mas simples raios de luz. Atira Ele um borrão de luz aqui, e surgem reflexos do vermelho; agita Seu pincel novamente e a cor tinge-se gradativamente de alaranjado e ouro; a seguir, impulsiva e penetrantemente, Ele apunhala as nuvens com uma pincelada de púrpura que deixa um anel ou franja escarlate gotejando da ferida; e assim, Ele continua sem pausas, de madrugada e ao crepúsculo. o Seu jogo, sempre cambiante, sempre novo, sempre vivo; nenhuma reprodução, nenhum modelo, nenhum matiz é sempre o mesmo. A beleza das transformações do dia para a noite e da noite para o dia, na índia, não tem paralelo em nenhuma outra parte do mundo; o céu apresenta-se, freqüentemente, como se Deus houvesse retirado todas as cores de Sua paleta e as houvesse atirado, num gesto poderoso e caleidoscópico, pelo firmamento afora.

"Devo relatar o esplendor de uma visita, à luz das primeiras estrelas, à enorme represa de Krishnaraja Sagar[342], a dezenove quilômetros da cidade de Mysore. Yoganândaji e eu alugamos uma perua e acompanhados por um mocinho, que faria as vezes de ajudante de mecânico ou substituto da bateria, partimos por uma suave estrada de terra, exatamente quando o sol se punha, espremido no horizonte como um tomate maduro.

"Nosso trajeto nos levou, passados os infalíveis campos quadrangulares de arroz, a cruzar uma plantação de acolhedoras figueiras de Bengala, entre coqueiros altíssimos; a vegetação era, de todos os lados, tão densa quanto uma selva. Chegando ao alto de uma colina, contemplamos a represa, um imenso lago artificial onde se refletiam as estrelas, as palmeiras e o arvoredo de suas margens; circundavam-na belos jardins terraceados e fileiras de lâmpadas elétricas.

[341] A srta. Bletch, impossibilitada de acompanhar minha ativa movimentação com o sr. Wright, permaneceu com meus parentes em Calcutá.

[342] A represa, enorme instalação hidrelétrica, fornece luz à cidade de Mysore e força às fábricas de seda, sabões e óleo de sândalo.

“Ao pé da barragem da represa, vimos um deslumbrante espetáculo: fontes parecidas a gêiseres, cujas águas coloridas recordavam jorros de tintas brilhantes - cascatas esplendidamente azuis, vermelhas, verdes e amarelas; e majestosos elefantes de pedra esguichando água. A represa (suas fontes luminosas lembravam-me as da Feira Mundial de Chicago, em 1933), destaca-se, por sua modernidade, numa veneranda terra de campos de arroz e gente simples. Os indianos nos deram uma acolhida tão carinhosa que, receio, será necessário mais que o meu poder e veemência para levar Yoganândaji de volta aos Estados Unidos.

“Outro raro privilégio - meu primeiro percurso em elefante. Ontem, o Yuvarája nos convidou, em seu palácio de verão, a dar um passeio no dorso de um de seus elefantes, um enorme animal. Subi por uma escadinha que se destina a trepar até a **howdah**, sela em forma de caixa, revestida por um acolchoado de seda; e adiante! aos trancos e barrancos, sacudido de todo o jeito dentro da caixa, conforme as depressões do terreno - excessivamente emocionado para exclamações, ou preocupações, mas agarrando-me com todas as forças para conservar a própria vida! “

A índia meridional, rica em ruínas históricas e arqueológicas, é uma terra de encanto definido e, contudo, indefinível. Ao norte de Mysore situa-se Hyderabad, pitoresco altiplano cortado pelo caudaloso rio Godavari. Encontram-se ali planícies extensas e férteis, as belas Montanhas Azuis ou Nilgiris, e regiões com estéreis colinas de pedra calcária ou de granito. Longa e colorida é a história de Hyderabad, começando há três mil anos sob o domínio dos reis Andhra, e continuando sob as dinastias hindus até 1294 depois de Cristo, quando a região passou a uma linhagem de governantes muçulmanos.

A mais empolgante exposição de arquitetura, escultura e pintura de toda a índia localiza-se em Hyderabad, nas antigas cavernas de rocha tsculpida, de Ellora e Ajanta. Em Ellora, o Kaílasa, enorme templo monolítico, possui figuras entalhadas de deuses, de homens e animais, nas estupendas proporções de um Miguel Ãngelo. Ajanta é sede de vinte e cinco mosteiros e cinco catedrais, todos escavados na própria rocha e sustentados por extraordinárias colunas, em cujos afrescos, artistas e escultores imortalizaram seu gênio.

Embelezam a cidade de Hyderabad a Universidade de Osmânia e a imponente mesquita “Mecca Masjid”onde dez mil muçulmanos se reúnem para a oração.

O Estado de Mysore, a mais de 900 m acima do nível do mar, tem numerosas e densas florestas tropicais: morada de elefantes selvagens, Lisões, ursos, panteras e tigres. As duas cidades principais, Bangalore e Mysore, são limpas e atraentes, com muitos parques e jardins públicos famosos.

A arquitetura e a escultura da índia atingiram sua maior perfeição em Mysore, sob o patrocínio dos reis hindus dos séculos 11 ao 15. O templo em Belur, uma obra-prima do século 11, completado durante o governo do rei Vishnuvardharna, é insuperável, em qualquer parte do mundo, pela delicadeza de detalhes e estatuária exuberante.

Os éditos inscritos na rocha, encontrados na região norte de Mysore, datam do século 3 antes de Cristo. Recordam, luminosamente, o rei Açoca[343] cujo vasto império incluía a índia, o Afeganistão e o Beluquistão. Gravados em vários dialetos, os “sermões na rocha”de Açoca testemunham o notável índice de instrução alcançado em sua época. O Édito na Rocha ri.' 13 condena as guerras: “Nada considerem como verdadeira conquista: só a religião o é.”O Édito na Rocha n.o 10 declara que a legítima glória do rei depende do progresso moral que ele ajuda seu povo a atingir. O Édito n.o 11 define “a autêntica dádiva”como sendo, não os bens, mas o Bem - a difusão da verdade. No Édito ri.' 6 o querido imperador convida seus súditos a discutirem os negócios públicos com ele “a qualquer bora do dia ou da noite”, acrescentando que, pelo desempenho fiel de seus deveres monárquicos, ele estava “resgatando a dívida que tinha para com seus companheiros, os homens “.

Açoca era neto do temível Chandragupta Maurya que destruiu as guarnições militares deixadas na índia por Alexandre, o Grande, e derrotou o exército macedônico invasor chefiado por Seleuco em 305 antes de Cristo. Chandragupta recebeu, então, em sua corte em PataLputra[344] o embaixador grego Megástenes, que nos deixou descrições da índia feliz e empreendedora de sua época.

---

[343] O imperador Açoca erigiu 84.000 **stupas** (santuários) em várias partes da India. Subsistem 14 éditos inscritos em rocha e 10 colunas de pedra. Ele providenciou a construção de muitos reservatórios, diques e canais de irrigação; de estradas principais e secundárias, sombreadas por árvores e pontilhadas de albergues para viajantes; de jardins botânicos para fins medicinais; e de hospitais para homens e animais.

[344] A cidade de “Pataliputra (a moderna Patria) tem uma história fascinante. O Senhor Buda visitou o lugar no século 6 antes de Cristo, quando era apenas uma fortaleza sem importância. Ele fez uma profecia: “Enquanto o povo ariano afluir a esta região, enquanto os mercadores viajarem, Pataliputra se tornará para eles a cidade principal, um centro para o intercâmbio de todas as espécies de mercadorias.” (**Mahaparinirbana Sutra).** Dois séculos mais tarde, Pataliputra tornou-se a capital do vasto império de Chandragupta Maurya. Seu neto Açoca levou a metrópole a uma prosperidade e esplendor ainda maiores.

Em 298 antes de Cristo, o vitorioso Chandragupta entregou as rédeas do governo da índia a seu filho. Viajando para o sul do país, Chandragupta passou os últimos doze anos de sua vida como um asceta sem dinheiro, buscando a experiência de Deus numa caverna rochosa em Sravanabelagola, hoje um santuário de Mysore. A mesma região ostenta a maior estátua do mundo, cinzelada num imenso seixo rolado, pelos jainas, em 983 depois de Cristo, em honra do sábio Gomatéswara.

Relatos interessantes foram minuciosamente registrados pelos historiadores, gregos e outros, que acompanharam Alexandre em sua expedição à índia ou seguiram-no depois. As narrativas de Arriano, Deodoro, Plutarco e do geógrafo Estrabão, traduzidas ao inglês pelo dr. J. W. McGrindle[345], lançaram um raio de luz na história antiga ela índia. O aspecto mais admirável da fracassada invasão de Alexandre foi o profundo interesse que ele demonstrou pela filosofia hindu e pelos jogues e santos, encontrados intermitentemente, cuja companhia ele buscava com ansiedade. Pouco depois de chegar o guerreiro ocidental a Taxila, na região norte da índia, enviou Onesikritos, discípulo Ja escola helênica de Diógenes, à procura de um grande sannyási de Taxila, Dandamis.

- Salve, ó mestre dos brâmanes! - disse Onesikrítos, depois de encontrar Dandamis em seu retiro na floresta. - O filho de Deus, do poderoso Zeus, Alexandre, soberano senhor de todos os homens, solicita a sua presença. Se consentir, ele o recompensará com grandes dádivas; se recusar, ele lhe cortará a cabeça!

O iogue recebeu com toda calma este convite absolutamente compulsório e "não fez mais que erguer a cabeça de seu leito de folhas".

- Eu também sou filho de Zeus, se Alexandre o é - comentou ele. - Nada quero do que pertence a Alexandre, pois estou contente com o que tenho, enquanto observo que ele vagueia, errante com seus homens, através de mares e terras, sem nenhum proveito, e nunca põe fim às suas andanças.

"Vá e diga a Alexandre que Deus, o Supremo Rei, jamais é o Autor de erros insolentes, mas o Criador da luz, da paz, da vida, da água, do corpo humano, das almas; Ele recebe todos os homens quando a morte os libera e não está sujeito, em absoluto, à doença fatal, Unicamente Ele é o Deus de minhas homenagens, que abomina o assassínio e não incita guerras.

"Alexandre não é nenhum deus, uma vez que deverá provar o gosto da morte - continuou o sábio, com tranqüilo desdém. - Como pode alguém como ele ser o senhor do mundo, quando ainda não conseguiu se instalar no trono do domínio interno do universo? Nem entrou vivo ainda na região dos mortos, nem mesmo conhece o percurso do sol sobre vastas nações da Terra. Muitas nem sequer ouviram o seu nome!"

Após este castigo - sem dúvida, o mais cáustico dos que investiram contra os ouvidos do "Senhor do Mundo"- o sábio acrescentou itonicamente: - Se os domínios atuais de Alexandre não são bastante espaçosos para os seus desejos, que ele atravesse o Ganges; ali encontrará um país capaz de sustentar todos os seus homens[346].

"As dádivas que Alexandre promete são inúteis para mim - continuou Dandamis. - O que eu aprecio e tem real valor são árvores, que constituem meu abrigo; plantas viçosas que me fornecem o alimente, diário; je água que me sacia a sede. Bens acumulados com preocupação e ansiedade tendem a revelar-se ruinosos àqueles que os ajuntaram, produzindo somente a tristeza e a vergonha que afligem tantos homens não iluminados,

"Quanto a mim, deito-me sobre folhas na selva, e nada possuindo para guardar, fecho os olhos em sono tranqüilo; ao passo que, se tivesse algo de valor para o mundo, esse peso me tiraria o sono. A terra me fornece tudo o que preciso, semelhante à mãe que amamenta o filho. Vou aonde quero, não onerado por cuidados materiais.

"Se Alexandre me cortar a cabeça, não poderá também destruir minha alma. Minha cabeça, então silenciosa, e meu corpo, como um traje rasgado, permanecerão na terra, donde seus elementos químicos foram extraídos. Eu, então, vindo a ser Espírito, subirei a Deus. A todos nós Ele enclausurou na carne, e nos colocou na Terra para verificar se, aqui em baixo, viveríamos em obediência aos Seus mandamentos; e Ele nos exigirá, ao partirmos daqui, a prestação de contas de nossas vidas. Ele é o juiz de todo o mal praticado; os queixumes do oprimido ordenam a punição do opressor.

---

[345] Seis volumes sobre **índia Antiga** (publicados em Calcutá em 1897 e reeditados em 1927 pela editora Chuckervertty, Chatterjee e Co,)

[346] Nem Alexandre, nem qualquer de seus chefes militares, jamais cruzou o Ganges. Encontrando decidida resistência a noroeste, o exército macedônico amotinou-se, recusando-se a ir mais longe. Alexandre foi obrigado a renunciar à índia. Procurou conquistas posteriores na Pérsia.

- Deixe que Alexandre aterrorize com ameaças os homens que ambicionam riquezas e temem a morte. Contra os brâmanes, suas armas são inofensivas; nós nem amamos o ouro nem receamos a morte. Vá, pois, e diga a Alexandre isto: - Dandamis não precisa das suas ninharias e por isso não irá; e se Alexandre quer alguma coisa de Dandamis, que venha ele mesmo até aqui."

Onesikritos transmitiu devidamente a mensagem; Alexandre ouviu-a com atenção concentrada e "sentiu, mais forte que nunca, o desejo de ver Dandamis; reconhecendo neste, apesar de velho e nu, alguém que lhe era superior, único antagonista invencível do conquistador de numerosas nações. "

Alexandre convidou, para virem a Taxila, vários ascetas brâmanes, famosos por sua habilidade em responder a questões filosóficas com sabedoria de oráculo. Plutarco dá uma relação dessas escaramuças verbais; o próprio Alexandre formulou todas as perguntas.

- Quem são mais numerosos, os vivos ou os mortos?

- Os vivos, pois os mortos não existem.

- Quem dá nascimento aos maiores animais, o mar ou a terra?

- A terra, pois o mar é somente uma parte dela.

- Qual é a mais inteligente das feras?

- Aquela que o homem ainda não conhece. (O homem teme o desconhecido).

- O que existiu primeiro, o dia ou a noite?

- O dia, surgindo um dia antes. - Esta resposta fez que Alexandre traísse a sua surpresa; o brâmane acrescentou: - Perguntas impossíveis exigem respostas impossíveis.

- Qual o melhor modo de um homem se fazer amado?

- Um homem será amado se, de posse de um grande poder, não se fizer temido.

- Como pode um homem tornar-se um deus?[347]

- Fazendo o que é impossível que um homem faça.

- Que é mais forte, a vida ou a morte?

- A vida' porque carrega tantos males.

Alexandre conseguiu levar da índia, como seu instrutor, um verdadeiro iogue. Este homem era Kalyana (Swâmi Sphines), chamado "Kalanos" pelos gregos, O sábio acompanhou Alexandre à Pérsia. Em dia previamente determinado, em Susa, na Pérsía, Kalanos desfez-se de seu velho corpo, subindo a uma pira fúnebre, à vista de todo o exército macedônico. Os historiadores recordam o assombro dos soldados ao observarem que o iogue não temia a dor nem a morte; nem uma só vez ele se moveu de sua posição, enquanto era consumido pelas chamas. Antes de partir para a cremação, Kalanos abraçara muitos de seus companheiros mais íntimos, mas abstivera-se de dar adeus a Alexandre, a quem o santo hindu disse simplesmente:

- Vê-lo-ei mais tarde, em Babilônia.

Alexandre deixou a Pérsia e, um ano mais tarde, morreu em Babilônia. A profecia do guru indiano fora uma declaração de eterna presença, de que ele estaria com Alexandre na vida e na morte.

Os historiadores gregos nos deixaram muitas descrições, vívidas e inspiradoras, da sociedade hindu. A lei hindu, diz-nos Arriano, protege o povo e "ordena que nem um só dos habitantes, sob quaisquer circunstâncias, seja escravo; mas que, gozando eles próprios de liberdade, respeitem a dos outros, concedendo-lhes igual direito"[348].

---

[347] Por esta pergunta, podemos supor que o "Filho de Zeus"duvidou, naquela oportunidade, de que já tivesse alcançado a perfeição.

[348] Todos os observadores gregos comentam a ausência de escravidão na Índia, em contraste com a estrutura da sociedade helênica. **índia Criadora,** pelo prof. Bency Kumar Sankar, dá uma visão global das realizações da índia antiga e moderna, e dos valores que a distinguem em economia, política, literatura, arte e filosofia social (editores Motilal Banarsi Dass, de Lahore, 1937). Outro volume recomendado é **Cultura Hindu através dos tempos,** por S. V. Venkatéswara (editores Lorigmans, Green e Co., de Nova York).

"Os hindus"- prossegue outro texto - "nem emprestam dinheiro a juros, nem sabem como pedi-lo emprestado. É contrário aos usos estabelecidos que um hindu pratique uma fraude ou dela seja vítima; por isso, eles nem fazem contratos nem exigem fiadores". A cura, segundo nos informam, era obtida por meios simples e naturais. "Efetuam-se curas mais pelo regime alimentar metódico que pelo uso de medicamentos. Os remédios mais apreciados são ungüentos e emplastros. Todos os outros são considerados perniciosos". A obrigação de servir na guerra restringia-se aos Xátrias, casta militar. "Nem mesmo um inimigo, ao deparar com um lavrador trabalhando em seu campo, lhe faria qualquer mal; pois os homens da classe agrícola são considerados benfeitores públicos e protegidos contra qualquer dano. A terra, assim garantida contra as devastações e a pilhagem, e produzindo abundantes colheitas, fornece aos habitantes os recursos para tornar agradável a vida".

Os santuários, ubiquos em Mysore, lembram constantemente muitos grandes santos da índia meridional. Um destes mestres, Thayumanavatar, deixou-nos o seguinte poema que é um desafio:

- "Você pode controlar um elefante enlouquecido; pode fechar a boca do urso e do tigre; cavalgar um leão e brincar com uma serpente; Por meio da alquimia, ganhar o seu sustento; pode vagar incógnito pelo universo; dos deuses, fazer vassalos; conservar-se eternamente jovem; pode caminhar sobre a água e viver no fogo; mas é melhor governar sua mente, é muito mais difícil.

No belo e fecundo Estado de Travancore, no extremo sul da índia, onde o tráfego se faz em rios e canais, o marajá cumpre todos os anos o compromisso hereditário de expiar os pecados oriundos da anexação à mão armada, em tempos idos, de vários pequeninos estados ao de Travancore. Durante 56 dias anualmente, o marajá visita o templo, três vezes por dia, para ouvir hinos e recitatívos védicos; a cerimônia de expiação termina com o lakshadipam ou a iluminação do templo por cem mil luzes.

A Presidência[349] de Madras, na costa sudeste da índia, apresenta a plana e ampla cidade de Madras, cingida pelo mar, e Conjeeveram, a Cidade de Ouro, capital da dinastia Pallava cujos reis governaram durante os primeiros séculos da era cristã. Na moderna Presidência de Madras, os ideais de não-violência do Mahátma Gandhi fizeram grande progresso; os "gorros de Gandhí", que se distinguem por sua brancura, são vistos em toda parte. No sul, em geral, o Mahátma efetuou muitas alterações eclesiásticas importantes para os "intocáveis" e também reformas no sistema de castas.

Em sua origem, o sistema de castas, formulado pelo grande legislador Manu, era admirável. Ele percebeu claramente que os homens se distinguem pela evolução natural em quatro grandes classes: os capazes de prestar serviços à sociedade através de seu trabalho braçal ou manual (Sudras); os que servem através de raciocínio e perícia, em agricultura, comércio, intercâmbio e negócios em geral (Vaicias); os que possuem talento administrativo, executivo e defensivo - governantes e guerreiros (Xátrias); os de natureza contemplativa, espiritualmente inspirados e inspiradores (Bramins). Declara o Mahábhárata: "Nem nascimento, nem sacramentos, nem estudo, nem antepassados podem determinar se alguém nasceu duas vezes (isto é, nasceu Bramin). Somente o determinam caráter e conduta"[350]. Manu ensinou que os membros de uma sociedade merecem respeito na medida de sua sabedoria, virtude, idade, parentesco ou, por último, riqueza. Homens ricos na índia védica eram sempre desprezados se fossem avarentos ou contrários às obras de caridade. Aos homens de grande fortuna, mas destituídos de generosidade, reservava-se uma posição social inferior.

---

[349] "Presidência" era uma divisão territorial da índia Britânica.

[350] "A inclusão numa destas quatro castas dependia, primitivamente, não do nascimento, mas das capacidades inatas do homem, demonstradas pelo objetivo que ele procurasse alcançar na vida"- diz-nos um artigo de **EcestWest,** de janeiro de 1935. "Este objetivo poderia ser: 1. **kama,** desejo, atividade relacionada com a vida dos sentidos (estágio de **sudra); 2. artha,** ganho, satisfação pelo domínio dos desejos (estágio de **vaicia); 3. Márma,** autodisciplína, a vida de responsabilidade e de ação correta (estágio de **xátria); 4. moksha,** liberação, a vida de espiritualidade e de ensino religioso (estágio de **bramin).** Estas quatro castas prestam serviço à humanidade empregando: 1. o corpo; 2. a mente; 3. a força de vontade; 4. o Espírito. Estes quatro estágios têm seus correspondentes nas eternas **gunas** ou qualidades da natureza, **temas, rejas e sanva:** obstrução, atividade e expansão; ou, matéria, energia e inteligência. Cada uma das quatro castas apresenta a seguinte correlação com as **gunas:** 1. **temas** (ignorância); 2. **tamas-rajas** (misto de ignorância e atividade); **3. rajas-sanva** (misto de atividade correta e iluminação); 4. **sattva** (iluminação). Desse modo, a natureza de cada homem define a casta a que ele pertence, pela predominância nele de umo, só **guna** ou da mistura de duas. Sem dúvida, cada homem possui todas as três **gunas** em proporções variadas. 0 guru será capaz de determinar com acerto a casta ou o **status** evolutivo de um homem.
"Em certa medida, todas as raças e nações obedecem na prática, senão em teoria, aos aspectos de casta. Onde há grande licença, ou suposta liberdade, particularmente no caso de união consanguínea entre os extremos das castas naturais, a raça degenera e extingue-se. 0 **Purana Samhita** compara os filhos de tais uniões aos híbridos estéreis, por exemplo, à mula que é incapaz de propagar sua própria espécie. As espécies artificiais são finalmente exterminadas. A História oferece provas abundantes de numerosas grandes raças que não têm mais um só representante vivo. Acreditam os pensadores mais profundos que o sistema de castas da índia é um freio ou preventivo contra a libertinagem, pois preservou a pureza da raça e permitiu-lhe so. breviver às vicissitudes durante milênios, enquanto muitas outras raças antigas desapareceram completamente".

Sérios abusos surgiram quando o sistema de castas se cristalizou, através dos séculos, convertendo-se num cabresto hereditário. A índia, nação soberana desde 1947, progride, com vagar mas com segurança, na restauração dos antigos valores de casta, baseados unicamente na qualificação natural e não no nascimento. Toda nação na Terra luta com carma de injustiças sociais que lhe é particular e que deve esgotar honrosamente. A índia, com seu espírito invulnerável e versátil, enfrenta dignamente a sua tarefa de reformar as castas.

Tão fascinante é a índia meridional que o sr. Wright e eu ansiávamos prolongar nosso idílio. Mas o tempo, em sua rudeza imemorial, não teve a cortesia de dilatar nossa permanência ali. Fui incluído entre os que falariam na sessão final do Congresso Filosófico Indiano, na Universidade de Calcutá. Ao término de minha visita a Mysore, tive o prazer de conversar com Sri C. V. Raman, presidente da Academia Hindu de Ciências. Este brilhante físico indiano recebeu o Prêmio Nobel em 1930, por sua importante descoberta do "Efeito Raman"na difusão da luz.

Com um gesto de adeus relutante à multidão de discípulos e amigos em Madras, o sr. Wright e eu empreendemos a partida. Em caminho, detiverno-nos num pequeno santuário consagrado à memória de Sadásiva Brâhman[351], cuja vida decorreu no século 18, repleta de milagres. Um outro, e maior santuário a Sadásiva, erigido pelo Rajá de Pudukkottai, em Nerur, é um lugar de peregrinação que testemunhou muitas curas divinas. Sucessivos governantes de Pudukkottai vêm conservando, como tesouro sacrossanto, as instruções religiosas que Sadásiva escreveu em 1750, para orientação do príncipe reinante.

Muitas e estranhas histórias sobre Sadásiva, um mestre querido e completamente iluminado, ainda são contadas pelos habitantes das aldeias da índia meridional. Certo dia, viram Sadásiva, em samádhi, à margem do rio Kaveri, ser arrastado por uma enchente repentina. Semanas depois, descobriram-no enterrado profundamente sob espessa camada de lodo, perto de Kodumudi no distrito de Coimbatore. Quando as pás dos habitantes da aldeia lhe golpearam o corpo, o santo ergueu-se e afastou-se, lépido.

Sadásiva tornou-se um múni (santo silencioso) depois de seu guru o ter repreendido por derrotar categoricamente, em discussão dialética, um erudito em Vedanta, mais idoso. - Quando um jovem como você aprenderá a refrear a língua? - comentara o guru.

- A partir deste momento, com sua bênção.

O guru. de Sadásiva foi Swâmi Pararnasivendra Saráswatí, autor de Daharavídya Prakasika e um profundo comentarista do Uttara Gíta. Certos homens mundanos, ofendidos porque Sadásiva, inebriado com Deus, era visto freqüentemente a dançar "sem decoro" nas ruas, levaram suas queixas ao erudito guru: - Senhor - declararam eles

Sadásiva não passa de um louco.

Mas Paramasivendra, sorrindo alegremente, exclamou: - Oh, se ao menos os outros tivessem a mesma loucura!

Manifestações numerosas, estranhas e belas, da Mão Interveniente, assinalaram a vida de Sadásiva. Muita injustiça aparente existe neste inundo; mas os devotos de Deus dão testemunho dos inúmeros casos em que Sua justiça foi imediata. Uma noite, Sadásiva, em samádhi, parou junto ao celeiro de um rico chefe de família. Três criados, de sentinela contra os ladrões, ergueram suas varas para golpear o santo. Seus braços, porém, ficaram imobilizados. Como estátuas, os braços para cima' o trio permaneceu compondo um excepcional quadro-vivo, até a partida de Sadásiva, pela madrugada.

Em outra ocasião, o grande mestre foi rudemente forçado a participar de um serviço, por um capataz que por ali passava e cujos trabalhadores carregavam combustível. O santo silencioso transportou humildemente a sua carga até o lugar de destino e ali a depositou, em cima de uma enorme pira. A carga inteira de combustível incendiou-se imediatamente.

Sadásiva, como Trailanga Swâmi, não usava roupa. Certa manhã, nu e absorto, penetrou na tenda de um chefe tribal muçulmano. Duas mulheres gritaram alarmadas; o guerreiro, com um selvagem golpe de espada, decepou o braço de Sadásiva. O mestre foi-se embora, como se nada houvesse acontecido. Tomado de pânico e remorso, o muçulmano apanhou do solo o braço e seguiu Sadásiva. O iogue, calmamente, inseriu seu braço no coto sangrento. Quando o chefe da tribo implorou, humílimo, alguma instrução espiritual, Sadásiva escreveu com o dedo na areia:

---

[351] Seu título formal era Swâmi Sri Sadasivendra Saráswati, usado ao escrevei seus livros (comentários aos **Yoga Sutras** de Patânjali e aos **Brahma Sutras).** Filósofos modernos da índia têm por ele o maior respeito.
O último Shânkarachárya do mosteiro Sringeri, em Mysore, Sua Santidade Sri Chandrasekhara Swaminah Bhárati, escreveu uma inspiradora Ode dedicada a Sadásiva.

“Não faça o que quer e então poderá fazer o que preferir”.

O muçulmano viu-se elevado a um estado mental mais puro e compreendeu que esse conselho paradoxal significava “através do domínio do ego ganha-se a liberdade da alma”, Tão grande foi o impacto espiritual daquelas poucas palavras que o guerreiro se tornou um discípulo digno de Sadásiva; seus conhecidos anteriores não mais o reconheceram.

As crianças da aldeia expressaram, certa vez diante de Sadásiva, o desejo de assistir a um festival religioso em Madura, a 240 quilômetros de distância. O iogue fez um gesto aos pequenos para que tocassem o seu corpo. Instantaneamente, o grupo inteiro foi transportado a Madura. As crianças perambularam, felizes, entre milhares de peregrinos, Dentro de poucas horas, o iogue trouxe para casa os seus pequenos volumes, usando o mesmo simples meio de transporte. Os pais assombrados ouviram as vívidas narrativas sobre a procissão de imagens em Madura e notaram que as crianças traziam pacotes de doces característicos daquela cidade.

Um jovenzinho incrédulo zombou do santo e da história. Por ocasião do festival religioso subseqüente, realizado em Srirangam, o mocinho acercou-se de Sadásiva:

- Mestre - disse ele, escarnecendo - por que não me leva ao festival em Srirangam, como levou as outras crianças a Madura?

Sadásiva aquiesceu; o jovenzinho encontrou-se imediatamente entre a multidão da distante cidade. Mas - ai! - quando o adolescente quis regressar, onde estava o santo? O fatigado rapazinho voltou a seu lar pelo método prosaico da locomoção a pé.

Antes de deixarmos a índia meridional, o sr. Wright e eu fizemos uma peregrinação à colina sagrada de Arunachala, perto de Tiruvannainalai, para nos encontrarmos com Sri Ramana Maharishi. Em seu ashram, o sábio nos acolheu afetuosamente, e assinalou, com o dedo, uma pilha de revistas East-West. Durante as horas que passamos com o Maharishi e seus discípulos, ele permaneceu silencioso, sua face amena irradiando amor e sabedoria divinos.

Para ajudar a sofredora humanidade a reconquistar seu esquecido estado de Perfeição, Sri Ramana ensina a formular, sem pausas, esta pergunta -- “Quem sou eu?”- indiscutivelmente, a Grande Interrogação. Rejeitando com rigor todos os outros pensamentos, o devoto cedo descobre que está se aprofundando cada vez mais em seu verdadeiro Ser, e deixam de surgir os desvios e perplexidades de outras reflexões. O iluminado sábio da índia meridional escreveu:

“Dualidades e trindades em algo estão dependuradas;

sem suporte é que nunca aparecem:

encontre em que se agarram, elas se soltam e tombam.

Existe a Verdade. Quem a vê, nunca titubeia”

Capítulo 42 - Últimos dias com meu Guru

Gúruji, que alegria encontrá-lo sozinho esta manhã! - Eu acabara de chegar ao eremitério de Serampore, carregando uma oferenda aromática de frutas e rosas. Sri Yuktéswar fitou-me com olhar suave.

- Que pergunta quer me fazer? - O Mestre relanceou os olhos pela sala como se procurasse por onde fugir.

- Gúruji, vim para a sua companhia quando eu era um jovenzinho de escola secundária; agora sou um homem feito, já com um ou dois fios de cabelo branco. Embora o senhor me tivesse cumulado de silenciosa afeição desde o primeiro instante até o presente, já pensou que só uma vez, no dia de nosso encontro, disse "eu te amo"? - Encarei-o, suplicante.

O Mestre abaixou os olhos: - Yogananda, é necessário que eu traga o gélido reino da linguagem sentimentos ardentes, guardados melhor na mudez do coração?

- Gúruji, sei que me ama, mas meus ouvidos mortais querem ansiosamente a confissão desse amor.

- Faça-se a sua vontade. Durante minha vida de casado, muitas -vezes desejei vivamente ter um filho para educá-lo na senda iogue. Quando você chegou, porém, fiquei satisfeito; em você, encontrei meu filho. - Duas lágrimas límpidas marejavam dos olhos de Sri Yuktéswar.

Yogananda, eu o amo, sempre.

- Sua resposta é meu passaporte para o céu. - Senti que, de cima de meu coração, se retirava um peso, dissolvido para sempre em suas palavras. Apesar de saber que ele não era emotivo, mas reservado em seus sentimentos, eu cismava sobre o significado de seu silêncio. Ás vezes, receava ter fracassado, talvez não lhe tivesse dado completa satisfação. Era ele de natureza estranha, jamais sendo possível conhecê-lo inteiramente; natureza profunda e silenciosa, insondável para o mundo exterior, cujos valores, há muito tempo, ele transcendera.

Alguns dias depois, falei a um grande público no Albert Hall, em Calcutá. Sri Yuktéswar consentiu em sentar-se no estrado do conferencista, com o Marajá de Santosh e o Prefeito de Calcutá. O Mestre não fez qualquer comentário ao meu discurso; durante este, porém, fitei-o de vez em quando e ele me pareceu satisfeito.

A seguir, fiz uma palestra aos ex-alunos da Faculdade de Serampore. Ao encarar meus velhos colegas e ao verem eles o seu "Monge alucinado", lágrimas de alegria brotaram, sem nenhuma vergonha[352]. Meu eloqüente professor de filosofia, o dr. Ghoshal, adiantou-se para me cumprimentar; todos os nossos antigos desentendimentos já o Tempo, o alquimista, dissolvera.

Celebrou-se o Festival do Solstício de Inverno, em fins de dezembro, no eremitério de Serampore. Como sempre, reuniram-se os discípulos de Sri Yuktéswar, vindos de pequena e de grande distância. Senkírtans devocionais; solos pela voz, doce como o néctar, de Kristoda; um banquete servido por jovens discípulos; o discurso profundo e comovente do Mestre no pátio repleto do áshram sob as estrelas - quantas recordações! Alegres festivais de tempos idos! Naquela noite, entretanto, ia haver algo de novo.

- Yogananda, por favor, fale à assembléia, em inglês - Os olhos do Mestre piscavam, brilhantes, ao me fazer este pedido duplamente incomum; estaria ele pensando na situação de apuro em que me vi no navio, antes de minha primeira palestra em inglês? Contei a história a meus ouvintes e condiscípulos, terminando com um fervoroso tributo a meu guru.

- Ele me guiou infalivelmente, não só no transatlântico - concluí - mas todos os dias, durante meus quinze anos no vasto e hospitaleiro território da América.

Depois de partirem os hóspedes, Srí Yuktéswar chamou-me ao mesmo dormitório onde (uma só vez, após um festival semelhante) ele me permitira dormir em sua cama. Naquela noite, meu guru estava sentado ali, tranqüilamente, com um semicírculo de discípulos a seus pés.

- Yogananda, você vai partir agora para Calcutá? Por favor, volte aqui amanhã. Tenho algo a dizer-lhe.

---

[352] O dr. C. E, Abraham, diretor da Faculdade de Serampore, em carta dirigida a SRF, após o **mabésarnádhi** de Paramahânsaji, disse: "Sei que Sua Santidade tinha um grande amor pela Faculdade de Serampore; e a Bolsa de Estudos "Yogananda"permanecerá como um tributo adequado à sua memória e a esse amor" (Nota de SRF).

Na tarde seguinte, com poucas e singelas palavras de bênção, Sri Yuktéswar conferiu-me o título monástico de Paramahansa[353].

- Este título substitui formalmente o seu anterior de Switni disse ele, enquanto eu me ajoelhava à sua frente. Com um sorriso, pense nos esforços que teriam de fazer meus estudantes ocidentais para pronunciar Paramahânsaji[354].

- Agora minha tarefa na Terra terminou; você deve continuá-la. O Mestre expressou-se mansamente, com sossego e bondade no olhar. Meu coração palpitava de medo.

- Por favor, envie alguém para responsabilizar-se pelo áshram de Puri[355] - continuou Sri Yuktéswar. - Deixo tudo em suas mãos. Você poderá, com sucesso, guiar o barco de sua vida e o da organização as praias da Divindade.

Em lágrimas, eu abraçava seus pés; ele se ergueu e me abençoou com amor.

No dia seguinte, chamei de Ranchi um devoto, Swâmi Sebanarida, e mandei-o a Puri para responsabilizar-se pelo eremitério. Mais tarde, meu guru discutiu comigo os detalhes legais para doar seus bens; ele queria muito impedir um possível litígio entre os parentes, após a sua morte, quanto à posse de seus dois eremitérios e de outras propriedades que ele desejava fossem transferidas por escritura, exclusivamente para fins caritativos.

- O Mestre tornou providências recentemente para visitar Kidderpore, mas acabou por não ir. - Amulaya Babú, um condiscípulo, fez-me esta observação, uma tarde; experimentei um arrepio gelado de premonição. Às minhas insistentes perguntas, Srí Yuktéswar apenas respondeu: - Nunca mais irei a Kidderpore. - Por um momento, ele estremeceu como criança assustada.

("Apego à residência corpórea, oriundo de sua própria natureza[356], existe em grau mínimo até nos grandes santos" escreveu Patânjali. Em alguns dos discursos de meu guru sobre a morte ' ele se habituara a acrescentar: "... assim como um pássaro, há longo tempo habituado à gaiola, hesita em abandoná-la, quando a porta se abre".)

- Gúruji - supliquei-lhe, soluçando - não me diga isso! Nunca pronuncie estas palavras diante de mim!

O rosto de Sri Yuktéswar abrandou-me, com um sorriso apaziguante. Embora estivesse próximo a seu 81.' aniversário, ele demonstrava saúde e vigor.

Dia após dia, banhando-me na luz solar de seu amor, inexpresso mas agudamente sentido, afastei de meu pensamento as várias insinuações que ele fizera, relativas ao iminente abandono do seu corpo.

- Senhor, a Kumbha Mela reúne-se este mês em Allahabad. Apontei ao Mestre as datas da mela num almanaque berigali[357].

- Você quer realmente ir?

Sem perceber que Sri Yuktéswar relutava em aceitar o meu afastamento, prossegui: - O senhor viu, uma vez, a abençoada figura de Bábají em uma kumbha de Allababad, Talvez, nesta oportunidade, eu tenha a sorte de vê-lo.

- Não creio que o encontrará ali. - Meu guru, então, silenciou, não desejando contrariar meus planos.

---

[353] Literalmente, parama, o mais alto; **hansa,** cisne, 0 cisne branco é representado mitologicamente como veículo ou montaria de Brahma, o Criador. Dizse que o **hansa** sagrado tem o poder de extrair, de uma mistura de água e leite, somente o leite; é um símbolo de discernimento espiritual.
Abari-sa ou fiansa (pronuncia-se h6ng-só) significa literalmente "Eu sou Ele". Estas potentes palavras sânscritas têm relação vibratória com o alento inspirado e expirado. Assim, com sua própria respiração, o homem afirma inconscientemente a verdade de seu ser: Eu sou Ele!

[354] Em geral, contornavam a dificuldade, chamando-me de sir (senhor).

[355] **Sri Yuktéswar Vidyapith,** escola para meninos, funciona atualmente no **áshram** de Puri. Reuniões de **sádhus** e eruditos na Escrituras ocorrem ali periodicamente.

[356] Isto é, oriundo de raízes imemoriais, de anteriores experiências de morte. Esta passagem encontra-se nos **Yoga Sutras, 11:9,** de Patânjali.

[357] Mencionam-se **meles** religiosas no antigo **Mabébbárata.** 0 viajante chinês Hieuen Tsiang deixou um relato de uma vasta **Kumbha Mela** realizada em Allahabad, em 644 depois de Cristo. A **mela** maior ocorre cada dez anos; a imediatamente menor **(ardha** ou metade) ocorre cada seis anos. **Meles** menores reúnem-se cada três anos. As quatro cidades onde as **meles** se congregam são Allahabad, Hardwar, Nasik e Ujjain. Hiuen Tsiang conta-nos que Harsha, rei da índia do norte, distribuiu aos monges e peregrinos na Kumbha Mela toda a riqueza (acumulada durante cinco anos) do tesouro régio. Quando Hicuen partiu para a China, recusou os presentes de jóias e ouro, oferecidos por Harsha; mas levou consigo, como objetos de grande valor, 657 manuscritos religiosos.

Quando parti para Allababad no dia seguinte, com um pequeno grupo, o Mestre me abençoou, muda e serenamente, como sempre costumava fazer. Compreende-se que eu esquecesse o que estava implícito na atitude de Sri Yuktéswar, porque o Senhor desejava poupar-me a experiência de ser obrigado a presenciar a morte de meu guru, sem nada poder fazer. Sempre aconteceu em minha vida, por ocasião da morte de meus seres mais queridos, ter Deus disposto, piedosamente, que eu estivesse longe deles[358].

Nossa comitiva chegou a Kumbha Mela em 23 de janeiro de 1936. A multidão de quase dois milhões de pessoas, ondulando como o oceano ' era um espetáculo impressionante e, até mesmo, opressivo. O gênio peculiar do povo Líndu é a reverência inata, mesmo no mais humilde homem, do campo, pelos valores do Espírito e pelos monges e sádhus que renunciaram aos laços mundanos para buscar o ancoradouro divino. Impostores e hipócritas existem, sem dúvida; mas a índia respeita todos por amor àqueles poucos que iluminam a Terra com bênçãos sublimes. Os ocidentais que contemplaram o imenso espetáculo tiveram a oportunidade única de sentir o pulso da nação, o ardor espiritual ao qual a índia deve sua vitalidade inesgotável, que a preservou dos assaltos do tempo.

Nosso grupo passou o primeiro dia com os olhos arregalados. Milhares de peregrinos banhavam-se no sagrado Ganges para a remissão dos pecados; sacerdotes brâmanes realizavam ritos solenes de adoração; oferendas devocionais espalhavam-se aos pés de sannyásis silenciosos, filas de elefantes, cavalos ajaezados e camelos vagarosos de Rajput passavam por nós, seguidos por um estranho desfile religioso de sádhus desnudos que agitavam seus cetros de ouro e prata, ou suas flâmulas de sedoso veludo.

Anacoretas, usando apenas tangas, sentavam-se quietos em pequenos grupos, os corpos untados de cinzas para protegê-los do calor e do frio. O olho espiritual achava-se vividamente representado em suas testas por uma pinta única de pasta de sândalo. Swâtnis com os cabelos raspados apareciam aos milhares, todos carregando um bastão de bambu e uma escudela de esmolas. Suas faces resplandeciam com a paz dos que renunciaram.

Aqui e ali, sob as árvores, ao redor de enormes piras de toras queimando, encontravam-se sádhus pitorescos[359], com os cabelos trançados formando birote no alto da cabeça. Alguns usavam barbas de mais de um metro de comprimento, crespas e amarradas com um nó. Sentavam-se em meditação ou estendiam suas mãos abençoando centenas de transeuntes: mendigos, marajás montados em elefantes; mulheres em saris policrômicos, com pulseiras tilintantes nos braços e tornozelos; faquires com braços raquíticos erguidos grotescamente; bramácha. ris carregando suportes dos cotovelos para a meditação; e humildes sábios cuja solenidade escondia a sua beatitude interior. Muito acima desse alarido, ouvíamos a convocação incessante dos sinos dos templos.

Em nosso segundo dia de **mela**, meus companheiros e eu entramos em vários ásitrams e choças temporárias, saudando com **çrônams** as figuras santas. Recebemos a bênção do Chefe do Ramo Gíri da Ordem dos Swâmis (um monge magro, ascético, de olhos de fogo, sorridente). Nosso grupo visitou, a seguir, um eremitério cujo guru, nos últimos nove arios, vinha cumprindo o voto de silêncio e observando uma dieta frugívora, Em um estrado no salão desse áshran, sentava-se um sádhu cego, Prajna-Chakshu[360], profundo conhecedor dos shástras e extremamente reverenciado por todas as seitas.

Depois que pronunciei breve discurso em híridi sobre Vedanta, nosse grupo deixou o tranqüilo eremitério para saudar um swâmi vizinho, Krishnananda, um belo monge com faces saudáveis e ombros impressionantes. junto a ele, reclinava-se uma leoa domesticada. Sucumbindo ao encanto espiritual do monge (não, certamente, à sua força física!) o animal da selva recusa a carne, preferindo arroz e leite. O swâmi ensinou a fera de pêlo fulvo a pronunciar Aum com um rugido profundo e atraente - uma devota entre os felídeos!

Nossa aventura seguinte, uma entrevista com um jovem sádhu erudito, é descrita com vivacidade no diário de viagem do sr. Wright:

---

[358] Não estive presente à morte de minha mãe, de meu irmão mais velho Ananta, de minha irmã mais velha Roma, de meu Mestre, de Papai e de muitos outros **seres** queridos. (Papai abandonou este mundo em Calcutá, em 1942, com a idade de 89 anos).

[359] As centenas de milhares de sádhus na índia são controladas por uma comis são executiva de sete líderes representantes de sete grandes regiões do país.
0 atual **mabárnandaléswar** ou presidente é joyendra Puri. Este santo é extremamente reservado, limitando-se, em geral, a sua linguagem a três palavras:
Verdade, Amor e Trabalho. Discurso mais que suficiente!

[360] Título pelo qual é conhecido; significa “alguém que vê corri sua inteligência” (não possuíndo visão física).

“Viajamos no Ford, cruzando o Ganges, quase junto à foz, numa balsa que rangia; movíamo-nos devagar, como serpentes entre as multidões, e por ruelas tortuosas; trafegamos pelo local, à margem do rio, onde, segundo Yoganândaií, se deu o primeiro encontro de Bábaj1 com Sri Yuktéswar, Descendo do carro, algum tempo depois, caminhamos um pouco, através da espessa fumaça que se evolava das fogueiras dos sádhus, e sobre areias escorregadias, para alcançar um aglomerado de minúsculas choças feitas de palha e barro. Detivemo-nos em frente a uma dessas habitações temporárias, com uma pequena entrada sem porta - abrigo de Kara Patri, jovem sádhu errante, notável por sua excepdonal. inteligência. Ele estava sentado de pernas cruzadas num monte de palha, de tom amarelo vivo; sua única vestimenta - e, diga-se de passagem, sua única propriedade - era um tecido ocre, pendendo, em dobras, de seus ombros.

“Uma face verdadeiramente divina nos sorriu, depois que penetramos de gatinhas no interior da choça e realizamos a saudação de prônam diante dele, enquanto uma lanterna de querosene, à entrada, tiemeluzia, fantástica, projetando sombras dançantes nas paredes de bambu. Os olhos do sádhu irradiavam felicidade; seus dentes perfeitos reluziam. Eu não podia entender suas palavras em hindi, mas seu rosto exprimia entusiasmo, amor e glória espiritual. Ninguém poderia enganar-se quanto à sua grandeza.

“Imagine-se sua existência venturosa! Ele está livre do problema de vestuário; livre da avidez por alimentos variados; livre de complicações financeiras - nunca armazenando nada, não levando consigo nem dínheiro nem escudela de esmolas, sempre confiando em Deus; livre das preocupações de transporte, jamais viajando em veículos mas caminhando pelas margens dos rios sagrados; não permanecendo em um só lugar mais de uma semana, para evitar o apego.

“Que modéstia de alma! Possuindo erudição invulgar sobre os Vedas, tem o grau universitário de Doutor em Letras e o título de Shástri (Mestre em Escrituras) pela Universidade de Benares. Um sentimento sublime me penetrou enquanto estive a seus pés; parecia uma resposta ao meu anseio de ver a índia autêntica, a venerável, pois ele é um representante genuíno desta terra de gigantes espirituais”.

Indaguei de Kara Patri sobre sua vida errante: - Você tem uma roupa a mais para o inverno?

- Não, esta é bastante.

- Leva alguns livros consigo?

- Não, ensino de memória as pessoas que me desejam ouvir.

- Que mais você faz?

- Vagueio ao longo do Ganges.

Aos ouvir estas palavras tranqüilas, dominou-me o desejo ardente de fruir a simplicidade de sua vida. Lembrei-me dos Estados Unidos, e de todas as responsabilidades que me pesavam sobre os ombros.

“Não, Yogananda”, pensei tristemente, por um momento, “nesta encarnação, vagar ao longo do Ganges não é para você”.

Quando o sádhu terminou o relato de algumas de suas realizações espirituais, interroguei-o bruscamente:

- Você me faz estas descrições, baseado na tradição das Escrituras ou em sua experiência interior?

- Metade, aprendi em livros - disse ele, com um sorriso franco - e metade, por experiência.

Sentamo-nos por algum tempo, felizes, em silêncio meditativo. Depois de nos afastarmos de sua santa presença, eu disse ao sr. Wright: “Ele é um rei sentado num trono de palhas douradas.”

Jantamos, aquela noite, nos terrenos da mela, sob as estrelas, em “pratos” de folhas alinhavadas juntas por galhinhos tenros. Reduz-se ao mínimo, na índia, a lavagem de pratos!

Dois dias ainda de mela fascinante; a seguir, rumo ao noroeste, ao longo das margens do Jurnna, para Agra. Mais uma vez contemplei o Taj Mahal; em minha memória, Jitendra estava ao meu lado, admirando, reverente, aquele sonho de mármore. Depois, para o áshrarn de Swâmi Keshabananda em Brindában.

Meu objetivo, ao procurar Keshabananda, relacionava-se com este livro. Nunca me esqueci do pedido de Sri Yuktéswar para que eu escrevesse a vida de Láhiri Mahásaya. Durante minha permanência na Índia, aproveitava qualquer oportunidade para visitar discípulos diretos ou parentes do Yogavatár. Registrando suas declarações em volumosos apontamentos, eu verificava datas e fatos, colecionava fotografias, cartas antigas e documentos. Minha pasta de informações sobre Láhiri Mahásaya começou a engrossar; percebi, com espanto, que teria diante de mim um árduo trabalho de escritor. Orei para estar à altura de minha função de biógrafo do gigantesco mestre. Muitos de seus discípulos temiam que, em relato escrito, seu guru aparecesse diminuído ou fosse mal interpretado.

- Em frias palavras, dificilmente se pode fazer justiça à vida de uma encarnação divina - comentou, certa vez, para mim, Panchanon Battachárya.

Outros discípulos íntimos revelavam igual satisfação em guardar o Yogavatár oculto em seus corações, como preceptor imorredouro. Não obstante, consciente da predição da Láhiri Mahásaya sobre sua biografia, não poupei esforços para descobrir e confirmar fatos de sua vida exterior.

Swâmi Keshabananda saudou calorosamente nossa comitiva, em Brindában, em seu áshram Katyayani Peith, imponente edifício de tijolos, com maciços pilares negros, circundado por um belo jardim. Introduziu-nos imediatamente na sala de recepção, cujo adorno era uma fotografia ampliada de Láhiri Mahásaya. O swâmi aproximava-se dos noventa anos, mas seu corpo musculoso irradiava saúde e vigor. De cabelos compridos, barba alvíssima como a neve, olhos cintilantes de alegria, ele era, em verdade, a personificação de um patriarca, informei-o de que desejava mencioná-lo em meu livro sobre os mestres da índia.

- Por favor, conte-me algo de sua vida em anos anteriores.

Mostrei um sorriso suplicante; os grandes iogues não são, geralmente, comunicativos.

Keshabananda fez um gesto de humildade: - Quase nada que tenha importância exterior. Praticamente, minha vida inteira decorreu nas solidões do Himalaia, viajando a pé, de uma para outra caverna silenciosa. Durante algum tempo, mantive um pequeno áshram nos arredores de Hardwar, cercado de todos os lados por um bosque de altas árvores. Era um sítio de paz, escassamente visitado por viajantes, d evido à ubiqüidade das cobras. - Swâmi Keshabananda esboçou um riso. - Mais tarde, uma enchente do Ganges carregou tanto o eremitério como as serpentes. Então, meus discípulos ajudaram-me a construir este áshram em Brindában.

Um dos membros de nossa comitiva perguntou ao swâmi como se protegera dos tigres do Himalaia[361].

Keshabananda aquiesceu com uma inclinação de cabeça: - Naquelas elevadas altitudes espirituais, os animais selvagens raramente molestam os iogues. Certa vez, na selva, encontrei-me face a face com um tigre. Bastou uma súbita exclamação minha e o animal paralisou-se como se fora convertido em pedra. - Novamente o swâmi riu-se de suas reminiscências. - Às vezes, eu abandonava a reclusão para visitar meu guru em Benares. Ele costumava gracejar comigo sobre minhas incessantes viagens pelas selvas himalaicas. Em certa ocasião, disse-me: “Você tem nos pés a marca do andarilho. Ainda bem que o sagrado

Flimalaia apresenta extensão bastante para o entreter”.

- Muitas vezes - prosseguiu Keshabananda - Láhiri Mahásaya apareceu fisicamente diante de mim, tanto antes como depois de sua rrorte. Para ele, nenhum pico do Himalaia é inacessível!

Duas horas depois, conduziu-nos a um pátio, para o jantar. Suspírei, em silencioso terror! Mais uma refeição de quinze pratos! Menos de um ano de hospitalidade indiana e eu ganhara mais de 22 quilos! Entretanto, teria sido considerado o cúmulo da descortesia se eu recusasse qualquer dos pratos cuidadosamente preparados, nos intermináveis banquetes em minha honra. Na índia (em nenhuma outra região, infelizmente!) um swâmi bem acolchoado em sua gordura é um espetáculo que não provoca sorrisos de mofa.

Após o jantar, Kesbabananda conduziu-me a um recanto isolado.

- Sua chegada não é imprevista - disse ele. - Tenho uma mensagem para você.

Fiquei surpreso; eu não falara a ninguém sobre meus planos de visitar Keshabananda.

- Vagando o ano passado pelo Himalaia, na parte norte da cordilheira, perto de Badrinarayan - continuou o swâmi - perdi o rumo. Encontrei abrigo numa espaçosa gruta, que estava vazia, apesar de reluzirem brasas num orifício cavado no chão da rocha. Enquanto me perguntava quem seria o ocupante daquele retiro solitário, sentei perto do fogo, com o olhar fixo na abertura ensolarada da caverna.

---

[361] Parece que há vários métodos de lograr um tigre. Um explorador australiano, Francis Birtles, afirmou ter achado as selvas indianas “variadas , belas e seguras”. Essa segurança, ele a obtinha com um feitiço: papel de apanhar moscas. “Todas as noites, eu estendia uma quantidade desta fitas em redor de meu acampamento e nunca fui perturbado - explicou ele. - A razão é psicológica. 0 tigre é um animal consciente de sua grande dignidade. Ele ronda, espreita e desafia o homem até que se cola ao papel pega-moscas; então, retira-se furtivamente. Nenhum tigre digno se atreveria a enfrentar um homem depois de embaraçar as patas num papel viscoso destinado a apanhar moscas!”

"- Keshabananda, alegro-me por você estar aqui. - Estas palavras vieram de trás de mim. Voltei-me, com espanto, e fiquei ofuscado ao contemplar Bábají! O grande guru materializara-se no recesso da gruta. Transbordando de júbilo por vê-lo outra vez, depois de tantos anos, prostrei-me a seus pés sagrados.

"- Chamei-o aqui - prosseguiu Bábají. - Por isso você perdeu o caminho e foi conduzido à minha residência temporária nesta caverna. Longo tempo se passou desde o nosso último encontro; tenho o prazer de cumprimentá-lo mais uma vez.

"O imperecível mestre abençoou-me com algumas palavras de ajuda espiritual; depois, acrescentou: - Deixo com você uma mensagem para Yogananda. Ele virá visitá-lo quando voltar à índia. Muitos assuntos relacionados com seu guru Yuktéswar e com os outros discípulos ainda vivos de Láhiri manterão Yogananda inteiramente ocupado. Diga-lhe, então, que não o verei desta vez, como ele ansiosamente espera; ve-lo-ei, porém, em outra ocasião."

Comoveu-me profundamente receber dos lábios de Keshabananda esta consoladora promessa de Bábají. Certa mágoa em meu coração desapareceu; não me lamentei mais por Bábají não haver aparecido na Kumbha Mela como, aliás, Sri Yuktéswar insinuara.

Passando uma noite como hóspedes do ásbram, nosso grupo partiu na tarde seguinte para Calcutá. Ao cruzar uma ponte sobre o rio Junma, apreciamos uma vista magnífica do perfil de Brindában contra o céu, no exato momento em que o sol incendiava o horizonte - uma rubra fornalha de Vulcano, refletida a nossos pés, nas águas serenas.

Reminiscências do menino Sri Krishna santificam a praia do Junina. Aqui ele se entretinha com inocente doçura em seu Ifias (jogos) com as gôpís (donzelas), exemplificando o amor sobrenatural que eternamente existe entre uma encarnação divina e seus devotos. A vida do Senhor Krishna tem sido mal compreendida por muitos comentaristas do Ocidente; as alegorias das Escrituras são desnorteantes para as mentes que as tomam ao pé da letra. Hilariante equívoco de um tradutor ilustrará este ponto. A história refere-se ao inspirado santo medieval, o sapateiro Ravidas; na linguagem simples de sua profissão, ele cantou a glória espiritual oculta em toda a humanidade:

"Sob a vasta abóbada azul vive a divindade, vestida de couro cru."

Voltamo-nos de lado para esconder um sorriso ao ouvir a prosaica interpretação dada ao poema de Ravidas por um escritor ocidental:

"Depois construiu uma choça, nela colocou um ídolo que ele mesmo fez, aproveitando um pedaço de couro, e pôs-se a adorá-lo."

Ravidas foi um condiscípulo do grande Kabir. Um dos mais adiantados chelas de Ravidas foi Rani (Princesa) de Chitor. Ela convidou grande número de brâmanes para uma festa em honra de seu instrutor, mas eles recusaram comer com um modesto sapateiro. Quando, à distancia, cheios de dignidade, sentavam-se os nascidos da mais alta casta para comer a sua refeição incontaminada, surpresa! cada brâmane encontrou ao seu lado a forma de Ravidas. Esta visão em massa provocou um renascimento espiritual de ampla difusão em Chitor.

Em pouco dias, nosso pequeno grupo chegou a Calcutá. Ansioso por ver Sri Yuktéswar, fiquei desapontado ao saber que ele deixara Serampore e estava agora em Puri, cerca de 483 quilômetros ao sul.

"Vem ao áshram de Puri imediatamente."- Este telegrama foi enviado por um condiscípulo, em 8 de março, para Atul Chandra Roy Chowdhry, um dos chelas do Mestre em Calcutá. Chegou aos meus ouvidos a notícia de que Atul recebera essa mensagem; angustiado por suposições, caí de joelhos e implorei a Deus que poupasse a vida de meu guru. Quando eu estava para deixar a casa de Papai a fim de tomar o trem, uma Voz Divina falou dentro de mim.

"Não vá a Puri esta noite. Sua prece não pode ser atendida."

- Senhor - disse eu, estarrecido e magoado sob este golpe - Tu não queres que sejamos antagonistas em Puri, onde terás de dizer "não" às minhas preces incessantes pela vida do Mestre. Deve ele, então, partir para deveres mais altos, por ordem Tua?

Em obediência à ordem interna, não parti naquela noite para Purí. No crepúsculo da tarde seguinte, saí para tomar o trem; enquanto caminhava, às dezenove horas ' uma negra nuvem astral cobriu repentinamente o céu[362]. Mais tarde, durante a ruidosa viagem de trem em direção a Puri, uma visão de Sri Yuktéswar apareceu à minha frente. Ele estava sentado, com o semblante muito grave, e com uma luz de cada lado.

- Tudo terminou? - Ergui meus braços, em súplica.

Ele assentiu, inclinando a cabeça, e depois lentamente desapareceu.

Ao descer na plataforma da estação de Puri, na manhã seguinte, ainda esperando contra toda esperança, vi um desconhecido aproximar-se de mim.

- Já soube que seu Mestre se foi? - E se afastou, sem dizer mais nada; nunca descobri quem ele era nem como soube onde me encontrar.

Atordoado, cambaleando numa tontura, apoiei-me contra a parede ela plataforma, compreendendo que, por meios diversos, meu guru estava tentando transmitir-me a devastadora notícia. Fervendo de rebeldia, minha alma era um vulcão. Quando cheguei ao eremitério de Puri, achava-me à beira de um colapso. A Voz Interna repetia com ternura: Concentre-se. Acalme-se."

Entrei no quarto do áshram onde o corpo do Mestre, sentado na posição de lótus, parecia incrivelmente vivo - uma personificação da saúde e do encanto pessoal. Pouco tempo antes do último transe, meu guru estivera ligeiramente enfermo, com febre, mas na véspera da ascensão para o Infinito, seu corpo recuperara inteiramente a saúde. Por mais que eu contemplasse sua adorada forma, não podia me convencer de que sua vida já não estava ali. Sua pele era lisa e suave; a face tinha uma expressão beatífica de tranqüilidade. Ele abandonara conscientemente o corpo na hora do místico chamado.

- O Leão de Bengala partiu! - gritei, aturdido.

Em 10 de março, dirigi a solene cerimônia fúnebre. Sri Yuktéswar foi sepultado[363] de acordo com o antigo ritual dos swâmis no jardim de seu áshram em Puri. Dias depois, seus discípulos chegaram, de todas as distâncias, a fim de prestar honras ao guru, num ofício religioso em sua memória, no equinócio de verão. Ãmrita Bazar Patrika, o jornal mais importante de Calcutá, publicou seu retrato e a seguinte notícia:

"A cerimônia fúnebre Bhandara para Srímat Swâmi Sri Yuktéswar Gíri Marajá, de oitenta anos, verificou-se em Purí em 21 de março. Muitos discípulos foram a Puri para assistir aos ritos.

"Um dos mais notáveis intérpretes do Bhágavad Gíta, Swâmi Marajá foi um grande discípulo de Yogíraj Sri Shyama Charan Láhiri Mahásaya, de Benares. Swâmi Marajá fundou diversos centros Yogôda Sat-Sanga (SeIf-Realization Fellowship) na índia e foi o grande inspirador do movimento de ioga levado ao Ocidente por Swâmi Yogananda, seu principal discípulo. Foram os poderes proféticos de Sri Yuktéswar e sua profunda experiência de Deus que inspiraram Swâmi Yogananda a cruzar os oceanos e a divulgar na América a mensagem dos mestres da índia.

"A interpretação do Bhágavad Gíta e a de outras Escrituras por Sri Yuktéswar testemunham com que profundeza ele dominava a filosofia, tanto oriental como ocidental; elas são um aperitivo, um brinde erguido à harmonia entre Oriente e Ocidente. Acreditando na unidade de todas as religiões, Sri Yuktéswar Marajá estabeleceu Sádhu Sabha (Sociedade de Santos) com a cooperação de chefes de várias seitas e credos, para a difusão do espírito científico em matéria religiosa. Na época de sua partida deste mundo, ele nomeou Swâmi Yogananda seu sucessor como presidente da Sádhu Sabha.

"A índia está, hoje, realmente mais pobre, com o desaparecimento de homem tão notável. Oxalá todos os que tiveram a fortuna de se aproximarem dele se compenetrem do verdadeiro espírito da sádhana e da cultura hindus que ele personificou. "

Regressei a Calcutá. Não confiando em mim mesmo, ainda, para ir ao eremitério de Serampore, e defrontar-me com suas sagradas recordações, fiz vir de lá o pequeno discípulo de Sri Yuktéswar, Prafulla, e tomei as providências para seu ingresso na escola de Ranchi.

- Na manhã em que o senhor partiu para a mela de Allahabad -- contou-me Prafulla - o Mestre tombou pesadamente no sofá.

---

[362] Meu **guru** entrou em **mahásamádhi** naquela hora; sete da noite, de 9 de março de **1936.**

[363] Os costumes funerários na índia exigem a cremação para os chefes de família; **swimis** e monges de outras Ordens não são cremados, mas enterrados. (Há exceções ocasionais). Quando o monge professa os votos monásticos, considera-se que seu corpo foi cremado simbolicamente no fogo da sabedoria.

“- Yogananda partiu”- gritou ele - “Yogananda partiu! “- E acrescentou enigmaticamente: “Terei de informá-lo, de alguma forma.” A seguir, ele se sentou durante horas, em silêncio.

Meus dias foram preenchidos por conferências, aulas, entrevistas e reuniões com velhos amigos. Sob um sorriso forçado e uma vida de incessante atividade, um afluente de enlutados pensamentos poluía o íntimo rio da beatitude que, durante tantos anos, se espraiara em meandros, sob as areias de todas as minhas percepções.

- Para onde foi aquele sábio divino? - gritava eu, silenciosamente, das profundezas de meu espírito atormentado. Nenhuma resposta chegava.

- O Mestre completou sua união com o Bem-Amado Cósmico; melhor para ele - a mente me garantia. - Ele vive no resplendor eterno, no reino da imortalidade.

- Nunca mais você poderá vê-lo na antiga morada de Serampore lamentava-se o meu coração. - Não mais poderá trazer seus amigos para conhecê-lo, nem dizer com orgulho: “Contemplem, senta-se ali o Jnânavatár da índia!

O sr. Wright providenciou os documentos a fim de que a partida de nosso grupo, de Bombaim para o Ocidente, se desse no início de junho. Em Calcutá, a última quinzena de maio decorreu entre discursos e banquetes de despedida; a seguir, a srta. Bletch, o sr. Wright e eu partimos para Bombaim, em nosso Ford. Ao chegarmos, as autoridades do navio nos pediram o cancelamento das passagens, pois já não havia lugar para o Ford, do qual necessitaríamos novamente na Europa.

- Não tem importância - disse eu, acabrunhado, ao sr. Wright. Quero voltar a Puri. - E silenciosamente agreguei: “Que minhas lágrimas reguem mais uma vez a sepultura de meu guru.”

Capítulo 43 - A ressurreição de Sri Yuktéswar

Senhor Krisbria! - A gloriosa forma de avatar apareceu-me num resplendor intenso, quando me encontrava no Hotel Regente, em Bombaim, sentado em meu quarto. Fulgurando sobre o telhado de um alto edifício, do outro lado da rua, a inefável visão manifestou-se repentinamente, enquanto eu contemplava a paisagem pela janela do se~ gundo andar, há longo tempo aberta.

A divina figura acenou-me com a mão, sorrindo e inclinando a cabeça em cumprimento. Depois, como eu não pudesse compreender a exata mensagem do Senhor Krishna, ele partiu com um gesto de bênção. Maravilhosamente elevado, senti que a aparição era o presságio de algum evento espiritual.

Minha viagem ao Ocidente fora, provisoriamente, cancelada. Eu me comprometera a fazer diversas conferências em Bombaim, antes de partir em nova visita a Bengala.

Sentado em meu leito no hotel de Bombaim, às três horas da tarde de 19 de junho de 1936 - uma semana após a visão de Krishna -- fui interrompido em minha meditação por uma luz beatífica. Ante Meus olhos abertos e atônitos, o quarto inteiro transformou-se num mundo estranho; a luz do sol transmutava-se num esplendor sobrenatural.

Sentindo-me arrebatado em ondas de êxtase, contemplei a figura ele Sri Yuktéswar, em carne e osso!

- Meu filho! - exclamou o Mestre com ternura e um sorriso de anjo sedutor.

Pela primeira vez em minha vida não me ajoelhei a seus pés para saudá-lo, mas avancei no mesmo instante para apertá-lo em meus braços, avidamente. Momento divino! A angústia dos meses anteriores extinguiu-se, fez-se imponderável se comparada à beatitude torrencial que me inundou então.

- Mestre meu, bem-amado de meu coração, por que me deixou? -- Atribuo esta incoerência ao meu excesso de alegria. - Por que permitiu que eu fosse a Kumbha Mela? Com que amargura venho me recriminando por me haver afastado de sua presença!

- Eu não quis interferir, você era feliz em sua expectativa de conhecer o local de peregrinação onde encontrei Bábají pela primeira vez. Deixei-o apenas por breve momento; não estou com você de novo?

- Mas é o senhor de verdade, Mestre, o mesmo Leão de Deus? Está usando um corpo igual ao que enterrei sob as cruéis areias de Puri?

- Sim, meu filho, sou eu mesmo. Este é um corpo de carne e osso. Embora eu o veja como etéreo, para a sua vista é físico. Com os átomos cósmicos, criei uma forma inteiramente nova, exatamente igual ao corpo-físico-de-sonho-cósmíco que você depositou sob as areias-de-sonho de Puri, em seu mundo-de-sonho. Em verdade, ressuscitei - não na Terra, mas num planeta astral. Seus habitantes estão melhor capacitados que a humanidade terrena para seguir os meus elevados padrões espirituais. Você e seus entes queridos, os que alcançaram o êxtase, para lá irão algum dia; estaremos todos juntos.

- Imortal guru, conte-me ainda mais!

O Mestre teve um riso breve, cheio de jovialidade. - Por favor, querido - disse ele. - Não quer afrouxar um pouco o seu abraço?

- Só um pouquinho! - Eu o estivera abraçando com uma pressão de polvo. Percebi o mesmo débil, aromático e natural odor que fora característico de seu corpo terreno. O emocionante contato de sua carne divina ainda persiste nas faces internas de meus braços e nas palmas das mãos, sempre que relembro aquelas horas gloriosas.

- Como os profetas são enviados à Terra para ajudar os homens a esgotarem seu carma físico, assim Deus me enviou a um planeta astral com a missão de salvador - explicou Sri Yuktéswar. - Esse globo chama-se Hiranyaloka ou "Planeta Astral Iluminado". Lá estou auxiliando seres adiantados a se desembaraçarem de seu carma astral e a se libertarem, portanto, dos renascimentos astrais. Os residentes em Hiranyaloka têm elevado desenvolvimento espiritual; todos adquiriram, em sua última encarnação terrestre, o poder, conferido pela meditação, de abandonar conscientemente o corpo na hora da morte. Ninguém poderá entrar em Hiranyaloka se não tiver experimentado na Terra, não apenas sabikálpa samádhi, mas também o estado superior de êxtase, nirbikalpa sainádhi[364].

"Os habitantes de Hiranyaloka já ultrapassaram as esferas astrais ordinárias para onde quase todas as pessoas da Terra devem ir ao morrer; nelas destruíram muitas sementes cármicas relativas a suas ações passadas no mundo astral. Apenas devotos adiantados realizam com eficiência esse trabalho redentor nas esferas astrais[365]. Então, o fim de livrarem inteiramente sua alma de todos os traços de carma astral, a lei cósmica impeliu estas criaturas de aspiração mais alta a renascerem em novos corpos astrais em Hiranyaloka, o céu ou sol astral, onde me encontro para ajudá-los. Vivem também em Hiranyaloka seres quase perfeitos vindos do mundo causal superior."

Minha mente encontrava-se, a essa altura, em tão perfeita sintonização com a de meu guru, que ele me comunicava suas imagens-palavras, em parte através da linguagem e em parte pela transmissão de pensamento. Assim eu recebia, rapidamente, seus tablóides de idéias.

- Você leu nas Escrituras - continuou o Mestre - que Deus encerrou a alma humana em três corpos, sucessivamente: o corpo causal ou de idéias; o sutil corpo astral, sede das naturezas mental e emocional do homem; e o grosseiro corpo material. Na Terra, o homem está equipado com os sentidos físicos. Um ser astral age através de sua consciência e sentimentos, e de um corpo feito de vitátrons[366]. Um ser em corpo causal paira no beatifico reino das idéias. Meu trabalho relaciona-se com aqueles seres astrais que estão se preparando para entrar no mundo causal.

- Mestre adorável, por favor, fale-me ainda mais sobre o cosmos astral. - Embora eu tivesse afrouxado um pouco o meu abraço a pedido de Sri Yuktéswar, meus braços ainda continuavam a rodeá-lo. Tesouro acima de todos os tesouros, meu guru se rira das Morte para chegar até mim!

- Existe uma infinidade de esferas astrais, fervilhantes de seres começou o Mestre. - Seus habitantes usam veículos astrais, ou massas de luz, para viajar de um a outro planeta - mais depressa que as energias elétricas ou radioativas.

"O universo astral, composto de diversas vibrações sutis de luz e calor, é centenas de vezes maior que o cosmos material. A criação física inteira, como sólida barquinha, está dependurada do gigantesco aeróstato luminoso que é a esfera astral. Assim como numerosos sóis e estrelas físicas vagam pelo espaço, existem também, no astral, incontáveis sistemas solares e estelares. Seus planetas contam com sóis e luas mais belos que os físicos. Os luminares astrais se parecem com as auroras boreais - a aurora do sol astral deslumbra mais que os tênues raios do despontar da lua astral. E dias e noites são muito mais longos que os da Terra.

"O universo astral é, pois, infinitamente belo, limpo, puro e ordenado. Não existem planetas mortos nem terrenos estéreis. Os defeitos, lamentados na Terra, lá estão ausentes: ervas daninhas, bactérias, insetos, serpentes. Ao contrário das estações e climas variáveis do globo terrestre, os planetas astrais mantêm uma temperatura uniforme de eterna primavera, caindo, às vezes, neve de luminosa alvura e chuvas de luz multicolorida. Lá, sobejam lagos opalinos, mares rebrilhantes, e rios com os matizes do arco-íris.

---

[364] Ver capítulo 26. Em **sabikálpa samádhi** alcançou a realização de sua uni. dade com o Espírito, mas não pode manter sua consciência cósmica, exceto no imóvel estado de transe. A meditação incessante lhe permite atingir o estado superior de **nirbikálpa samádhi;** então, move-se livremente no mundo sem perder a percepção de Deus.
Em **nirbikálpa samédhi,** o iogue dissolve os últimos vestígios de seu carma material ou terreno. Contudo, ainda pode possuir certo carma astral e causal para esgotar e, por isso, reveste-se de corpo astral, e depois de causal, em esferas de mais elevada vibração.

[365] Porque numerosas criaturas, gozando a beleza do mundo astral, nenhuma necessidade sentem de se entregar a um esforço espiritual mais severo.

[366] Sri Yuktéswar usou a palavra **prana;** para traduzi-la, criei a palavra "virátrons". As Escrituras hindus mencionam o anu, "átomo"; o **paramanu,** "além do átomo", energias eletrônicas mais refinadas; e **prana,** "força criadora vitratônica". Átomos e elétrons são forças cegas; **prana** dispõe de inteligência inerente. Por exemplo, prana ou vitátrons, nos espermatozóides e óvulos, dirige o desenvolvimento do embrião de acordo com um traçado cármico.

"O universo astral ordinário - não o céu sufilíssimo de **Hiranyaloka** - é povoado por milhões de seres astrais, vindos, mais ou menos recentemente, da Terra; e também por míríades de fadas, sereias, peixes, animais, duendes, gnomos, semideuses e espíritos, todos residindo em diferentes planetas astrais de acordo com suas qualificações cármicas. Reservam-se várias moradas planetárias ou regiões vibratórias para espíritos bons e para espíritos maus. Os bons podem viajar livremente, mas as entidades prejudiciais estão confinadas a zonas restritas. Aqui, os seres humanos vivem na superfície da terra, os vermes no interior do solo, os peixes na água e os pássaros no ar; lá, também, os seres astrais se encaminham a regiões vibratórias adequadas a seus diferentes estágios de evolução.

"Entre sombrios anjos caídos, expulsos de outros mundos, surgem atritos e declaram-se guerras com bombas "vitatrônicas" ou raios vibratórios da mente, mântricos[367]. Estes marginais habitam regiões de trevas densas,, no cosmo astral inferior, saldando as dívidas de seu mau carma.

"Em vastos reinos acima da lúgubre penitenciária astral, tudo é resplandecente e formoso. O cosmo sutil, por sua natureza, acha-se mais sintonizado com a vontade de Deus e com Seu plano de perfeição que a Terra. Todo objeto astral manifesta-se primordialmente pela vontade declarada dos seres astrais. Estes possuem o poder de modificar ou realçar a graça e a forma de qualquer objeto já criado pelo Senhor. A Seus filhos astrais, Ele deu a liberdade e o privilégio de modificarem ou aperfeiçoarem à vontade o cosmo astral. Na Terra, para transformar um sólido em líquido ou alterar-lhe a forma, é preciso submetê-lo a processos físicos ou químicos, enquanto os sólidos astrais são convertidos em líquidos astrais, gases astrais ou energia atômica astral, apenas e instantaneamente, pela vontade de seus habitantes.

"A Terra mergulha nas sombras das guerras e dos assassínios, rios continentes, nos mares e no ar - continuou meu guru. - Nos domínios astrais, porém, observa-se uma igualdade e harmonia felizes. Os seres astrais desmaterializarn suas formas e voltam a materializá-las, à vontade. Flores, peixes ou outros animais podem se metamorfosear temporariamente em homens astrais. Todos os seres do astral são livres para assumir qualquer forma e podem facilmente conversar entre si. Nenhuma lei natural, fixa, definitiva, os limita: a qualquer árvore astral se pode pedir, por exemplo, que produza mangas astrais, flores ou, separadamente, qualquer outro objeto, com êxito. Existem certas restrições cármicas mas nenhuma distinção se faz, no mundo astral, quanto ao desejo de possuir esta ou aquela forma. Tudo vibra com a luz criadora de Deus.

"Ninguém nasce de mulher; seres astrais, por meio de sua vontade cósmica, materializam sua prole em formas expressivamente esculpidas, astralmente condensadas. Quem recentemente desencarnou no mundo físico integra-se numa família astral por convite, atraída por tendências mentais e espirituais semelhantes.

"O corpo astral não está sujeito ao frio e ao calor, ou a outras condições da natureza. Sua anatomia inclui um cérebro astral ou o "lótus de mil pétalas de luz"e seis centros despertos no sushumna ou eixo astral cerebrospínal. Do cérebro astral, o coração retira energia cósmica e luz, enviando-as aos nervos astrais e às células do corpo astral ou "vitátrons". Os seres astrais podem alterar suas formas por energia "vitatrônica" ou por santas vibrações mântricas.

"Em muitos casos, o corpo astral é uma cópia exata da última forma física. A face e a figura de uma pessoa astral assemelham-se aos que possuía durante a mocidade em sua última jornada terrena. Às vezes, alguém, como eu, prefere conservar a aparência que tinha em sua velhice". - O Mestre, a quintessência da juventude, riu jovialmente.

"Ao contrário do mundo físico tridimensional, só conhecido por meio dos cinco sentidos, as esferas astrais são perceptíveis ao sexto sentido, a intuição, que inclui os demais. Os seres astrais vêem, escutam, cheiram, saboreiam e apalpam por meio da multisciente sensação intuitiva. Possuem três olhos, dois dos quaís parcialmente fechados. O terceiro e principal olho, verticalmente colocado na testa, está aberto. Os seres astrais têm todos os órgãos externos dos sentidos - olhos, ouvidos, nariz, língua e pele - mas empregam o sentido da intuição para experimentar sensações através de qualquer parte do corpo; podem ver por meio do ouvido, do nariz ou da pele, escutar pelos olhos ou pela língua, saborear através dos ouvidos ou da pele, e assim por diante[368].

---

[367] Adjetivo de **mantra,** som cantado, semente de outros, um projétil disparado pela arma mental da concentração. Os **Puranas** (antigos **shástras** ou tratados) descrevem guerras **mântricas entre devas e asuras (deuses e** demônios), Um **asura** tentou, certa vez, assassinar um deva com um poderoso canto mas, devido à pronúncia incorreta, a bomba mental agiu como bumerangue e matou o demônio.

[368] Não faltam exemplos de tais poderes na Terra, como no caso de Helen Keller e de outras criaturas.

"O corpo físico do homem encontra-se exposto a inúmeros perigos e facilmente se machuca ou se mutila; o etéreo corpo astral pode, às vezes, ser cortado ou esmagado, mas cura-se instantaneamente por mera expressão da vontade."

- Gurudeva, todas as pessoas astrais são belas?

- A beleza no mundo astral é uma qualidade do espírito e não se aquilata pela conformação exterior - respondeu Sri Yuktéswar. - Os seres astrais, por isso, atribuem pouca importância às feições. Eles têm o privilégio, entretanto, de se revestirem, à vontade, de corpos astralmente materializados, novos e coloridos. Assim como os homens mundanos envergam novo traje para acontecimentos de gala, também as pessoas etéreas encontram oportunidade de se adornar com formas esculturais.

"Festas de regozijo nos planetas astrais superiores, como Hírany2loka, ocorrem quando um ser, por seu adiantamento espiritual, liberta-se do mundo astral e acha-se preparado assim para ingressar no céu do mundo causal. Nessas ocasiões, o Pai Celestíal Invisível e os santos n'Ele imersos, materializam-se em corpos de Sua própria escolha e participam das celebrações astrais. Para agradar a Seu devoto bem-amado, o Senhor assume a forma sob a qual este mais O adora. A quem O cultuou com devoção, Deus aparece como Divina Mãe. Para Jesus, o aspecto de Pai Infinito sobrepassava todas as demais concepções. A individualidade conferida pelo Criador a cada uma de Suas criaturas faz que todo tipo de demanda, concebível ou inconcebível, ponha à mostra a versatilidade do Senhor! "- Meu guru e eu rimos felizes.

"Amigos de vidas passadas facilmente se reconhecem uns aos outros no mundo astral - continuou Srí Yuktéswar, em sua encantadora voz de flauta. Rejubilando-se com o caráter imortal da amizade, eles experimentam a indestrutibilidade do amor, de que tantas vezes se duvidou, na hora das tristes e ilusórias separações na Terra.

"A intuição dos seres astrais perfura o véu e observa as atividades humanas na Terra; o homem, ao contrário, não pode ver o mundo astral, a menos que seu sexto sentido esteja desenvolvido. Milhares de habitantes da Terra vislumbraram momentaneamente um ser astral ou um mundo astral[369].

"Os residentes adiantados de Hiranyalci,ka permanecem, em geral, despertos em êxtase durante os longos dias e noites astrais, ajudando a resolver problemas intricados de governo cósmico e de redenção de filhos pródigos, almas apegadas à Terra. Quando os seres de Hiranyaloka dormem têm, às vezes, visões astrais semelhantes ao sonho. Suas mentes, como de hábito, estão absortas no estado consciente da mais elevada beatitude nirbikalpa.

"Os habitantes de todas as regiões dos mundos astrais ainda estão sujeitos a agonias mentais. As mentes hipersensíveis dos seres mais adiantados, em planetas como Hiranyaloka, sentem dor aguda se algum erro é cometido, de percepção da verdade ou de conduta. Estes seres mais evoluídos esforçam-se para harmonizar cada um de seus pensamentos e atos com a perfeição da lei espiritual.

"As comunicações entre os habitantes astrais efetuam-se inteiramente por telepatia e por televisão astrais. Lá se desconhecem a confusão e a incompreensão oriundas da palavra oral e escrita, que os moradores da Terra estão obrigados a suportar. Exatamente como os homens numa tela de cinema parecem mover-se e participar de atividades ao longo de uma série de cenas luminosas, sem respirar de verdade, também os habitantes do mundo astral andam e trabalham como imagens de luz inteligentemente guiadas e coordenadas, sem necessidade de retirar forças do oxigênio. O homem depende de sólidos, líquidos, gases e energia para a sua subsistência; os moradores do astral alimentam-se principalmente de luz cósmica."

- Mestre meu, os seres astrais comem alguma outra substância?

Eu sorvia seus maravilhosos esclarecimentos com a receptividade de todas as minhas faculdades - mente, coração e alma. As percepções superconscientes da verdade são permanentemente reais e imutáveis, enquanto as experiências e impressões fugazes dos sentidos são apenas temporária e relativamente verdadeiras; a memória que delas o homem conserva logo perde a vivacidade. As palavras de meu guru imprimiram-se de modo tão indelével no pergaminho de meu ser que, a qualquer momento, transferindo minha mente para o estado de superconsciência, posso reviver com nitidez a divina experiência.

[369] Na Terra, crianças de mente pura são, às vezes, capazes de ver os graciosos corpos astrais das fadas.
Por meio de drogas ou bebidas tóxicas, cujo uso é proibido por todas as Escritudas, um homem pode transtornar sua consciência a ponto de perceber formas hediondas nos infernos astrais.

Legumes de tessitura luminosa são abundantes nos solos astrais - respondeu ele. - Os moradores do mundo astral consomem vegetais e bebem o néctar que jorra de gloriosas fontes de luz e que flui nos regatos e rios astrais. Exatamente como na Terra é possível extrair do éter as imagens invisíveis dos homens, torná-las visíveis por meio de um aparelho de televisão e, posteriormente, dissolvê-las de novo no espaço, assim também os invisíveis projetos estruturais de plantas e legumes, criados por Deus e flutuantes no éter, condensam-se num planeta astral pela vontade de seus habitantes. Do mesmo modo, nascidos da fantasia insubmissa destes seres, jardins inteiros de perfumada flora materializam-se para retornar mais tarde à invisibilidade etérea. Se os moradores de planetas celestiais, como Hiranyaloka, estão quase livres da necessidade de comer, ainda mais excelsa é a existência incondicionada de almas quase completamente livres no mundo causal, cujo único alimento é o maná da bem-aventurança.

"Um ser astral liberto da Terra encontra-se com uma multidão de parentes, pais, mães, esposas, maridos e amigos, havidos em diferentes encarnações na Terra[370], à medida que essas criaturas regressam, de tempos em tempos, a várias regiões do cosmo astral. Por isso, sente-se confuso ao tentar saber a quem amar especialmente; aprende assim a dedicar amor divino e igual a todos, como filhos e expressões individualizadas de Deus. Embora a aparência externa dos seres queridos possa haver mudado, menos ou mais, de acordo com o desenvolvimento de novas qualidades na última vida, o ser astral em prega sua infalível intuição para reconhecer todos aqueles que uma vez meu em outros planos dá existência, e ara recebê-los com alegria ao chegarem a seu novo lar astral. Em virtude de cada átomo na criação estar dotado de individualidade inextinguível[371], um amigo astral será reconhecido, seja qual for o traje de que se revista, assim como na Terra se descobre, observando-se atentamente, a identidade de um ator, apesar da caracterização que o disfarça.

"O espaço de tempo em que um ser se demora no mundo astral é mais longo que na Terra. Em média, o período de vida de um ser astral adiantado é de quinhentos a mil anos, medido segundo os padrões de tempo terreno. Determinadas sequóias sobrevivem à maioria das árvores durante milênios; certos jogues vivem várias centenas de anos embora a maior parte faleça aos sessenta anos; alguns seres astrais ultrapassam o período médio de vida astral. Os visitantes do mundo astral nele residem por períodos mais curtos ou mais prolongados de acordo com o peso de seu carma físico, que os atrai de regresso à Terra dentro de um prazo específico.

"O ser astral não tem de lutar dolorosamente contra a morte, no momento de desprender-se de seu corpo luminoso. Muitos, não obstante, sentem-se um pouco nervosos à idéia de se despojarem do invólucro astral para continuarmos apenas com o mais sutil, o causal. O inundo astral acha-se livre da morte, da doença e da velhice indesejável - três pavores que são a maldição da Terra, onde o homem permitiu à sua consciência identificar-se quase inteiramente com um frágil corpo físico, exigindo o socorro constante do ar, do alimento e do sono a fim de subsistir.

"A morte física caracteriza-se pelo desaparecimento da respiração e pela desintegração das células orgânicas. A morte astral consiste na dispersão dos vitátrons, unidades de energia de que depende a vida dos seres astrais. Na morte física, o homem perde consciência carnal e torna-se cônscio de seu corpo sutil no mundo astral. Experimentando a morte astral, a seu devido tempo, um ser passa, da consciência de nascimento e morte astrais, à de nascimento e morte físicos. Estes ciclos periódicos de alojamentos astrais e físicos constituem o destino inelutável de todos os seres não-fluiníriados. Conceitos de céu e inferno, -nas Escrituras, às, vezes despertam no homem memórias de sua longa série de experiências no agradável reino astral e no decepcionante mundo terrestre, revolvendo arquivos mais profundos que a subconsciência. "

- Bem-amado Mestre - supliquei - pode descrever com maiores detalhes a diferença entre renascimento na Terra e renascimento nas esferas astrais e causais?

"- O homem, enquanto alma individualizada, tem um corpo essencialmente causal - explicou Sri Yuktéswar. - Esse corpo é a matriz das 35 idéias concebidas por Deus, forças de pensamento causal, fundamentais para que, delas, Ele pudesse formar posteriormente o sutil corpo astral, de 19 elementos, e o denso corpo físico, de 16.

---

[370] Perguntaram, certa vez, ao Senhor Buda, por que deveria o homem amar todas as pessoas igualmente. "Porque - respondeu o grande instrutor - nos numerosíssimos e diversificados períodos de vida de cada homem, toda criatura lhe foi, nesta ou naquela época, muito querida."

[371] As oito qualidades elementares que participam de toda vida criada, desde os átomos até o homem, são: terra, água, fogo, ar, éter, movimento, mente e individualidade. (Bhágavad-Gíta, 7:4).

"Os 19 integrantes do corpo astral são mentais, emocionais e vitatrônicos. São eles: inteligência; ego; sentimento; mente (consciência dos sentidos); cinco instrumentos de conhecimento, réplicas sutis dos sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tacto; cinco instrumentos de ação, correspondentes mentais das capacidades executivas de procriar, excretar, falar, caminhar e executar atividade manual; e cinco instrumentos de força vital, com poder de realizar as funções orgânicas de cristalização, assimilação, eliminação, metabolismo e circulação do sangue. Este sutil envoltório astral de 19 elementos sobrevive à morte do corpo físico, composto de 16 elementos metálicos e não-metálicos.

"Deus concebeu diferentes idéias dentro de Si mesmo, e na tela de Seus sonhos fez a projeção delas. Assim nasceu Máya, a Sonhadora Cósmica, gigantesca e interminavelmente ataviada com seus ornamentos de relatividade.

"As 35 categorias ideativas do corpo causal encerram, elaboradas por Deus, todas as complexidades de suas 19 réplicas astrais e 16 físicas. Pela condensação de forças vibratórias, a princípio sutis e depois grosseiras, Ele produziu o corpo astral e finalmente a forma física do homem. De acordo com a lei da relatividade, segundo a qual a Simplicidade Prístina veio a ser desconcertante multiplicidade, o cosmo causal e o corpo causal são diferentes do cosmo astral e do corpo astral; o cosmo físico e o corpo físico, igualmente, diferem, em suas características, daquelas outras formas de criação.

"O corpo carnal é feito de sonhos materializados, solidificados, do Criador. Dualidades sempre caracterizam a vida na Terra: saúde e doença, prazer e dor, ganho e perda. Os seres humanos encontram limitação e resistência na matéria tridimensional. Quando a doença ou causas diversas abalam severamente o desejo de viver, intervém a morte; cai ao chão, temporariamente, o pesado sobretudo da carne. A alma, porem, continua aprisionada nos corpos astral e causal[372]. A força de coesão que mantém unidos os três corpos é o desejo. O poder dos desejos irrealizados é a raiz de toda a escravidão do homem.

"Desejos físicos radicam-se no egoísmo e nos prazeres dos sentidos. A compulsão ou a tentação da experiência sensorial é mais poderosa que a força do desejo referente a apegos astrais e percepções causais.

"Desejos astrais concentram-se em prazeres de tipo vibratório. Os seres astrais deliciam-se com a etérea música das esferas e extasiam-se com a visão do universo inteiro criado como expressão inesgotável de luz cambiante. Também cheiram, saboreiam e tocam a luz. Assim, seus desejos relacionam-se com seu poder de condensar todos os objetos e experiências em formas de luz ou em pensamentos condensados ou sonhos.

"Desejos causais são realizações do intelecto. Os seres quase livres, alojados apenas no corpo causal, vêem o cosmo inteiro como projeções das idéias - sonhos de Deus; tudo experimentam em purís-simo pensamento. Consideram o gozo de sensações físicas e deleites astrais, por isso, grosseiros e sufocantes para a requintada sensibilidade da alma. Os seres causais realizam seus desejos, materializando-os[373] instantaneamente. As almas que se cobrem somente com o delicado véu do corpo causal, podem materializar universos, à semelhança do Criador. Tendo todos os mundos uma só textura, a do sonho cósmico, uma alma, na diáfana veste causal, tem vastos poderes de realização.

"Sendo invisível por natureza, a alma só pode ser percebida pela presença de seu corpo ou corpos. A mera presença de um corpo significa que sua existência se tornou possível devido a desejos irreali-zados[374].

"Enquanto a alma do homem se encontra encerrada em um, dois, ou três frascos corporais, tampados hermeticamente com as rolhas da ignorância e dos desejos, não pode mergulhar no oceano do Espírito. Destruído o denso receptáculo físico pelo martelo da morte, seus dois outros invólucros - o astral e o causal - ainda persistem e impedem que a alma se una, com absoluta consciência, à Vida Onipresente. Quando se alcança, através da sabedoria, a ausência do desejos, seu poder desintegra os dois vasos remanescentes. A diminuta alma do homem emerge, livre afinal, unificada com a Amplidão Imensurável."

Pedi a meu divino guru que me desse maiores esclarecimentos sobre a superior e misteriosa esfera causal.

"- O mundo causal é indescritivelmente sutil - respondeu ele.

---

[372] Corpo significa qualquer alojamento da alma, seja grosseiro ou sutil. Os três corpos são gaiolas para a Ave do Paraíso.

[373] Assim como Bábají ajudou Láhiri Mahásaya a livrar-se de um desejo subconsciente, vestígio de alguma vida anterior, criando-lhe um palácio, descrito no capítulo 34.

[374] "E disse-lhes ele: "Onde estiver o corpo, ali se ajuntarão as águias" (**Lucas,** 17:37). Esteja a alma alojada em corpo físico, astral ou causal, aí as águias dos desejos - que se nutrem, como aves de rapina, das fraquezas da sensualidade humana ou dos apegos astrais e causais - também se reunirão para conservar prisioneira a alma.

Para entendê-lo, o homem teria de possuir poderes de concentração tão extraordinários que o habilitariam a fechar os olhos e visualizar, como se existissem unicamente em idéias, os cosmos astral e físico em toda a sua vastidão: o aeróstato luminoso com sua sólida barquinha. Se, por meio desta concentração sobre-humana, ele pudesse reconverter em idéias puras esses dois cosmo, com todas as suas complexidades, alcançaria então o mundo causal: a fronteira de fusão entre a mente e a matéria. Ali, percebem-se todas as coisas criadas - sólidos, líquidos, gases, eletricidade, energia, os seres todos: deuses, homens, animais, plantas, bactérias, como formas de consciência; exatamente como um homem, ao fechar os olhos, percebe que ele existe, apesar de seu corpo ser invisível aos seus olhos fisicos, uma presença mental, uma idéia apenas.

"Tudo o que um ser humano apenas imagina, um ser causal converte em realidade. Um homem dotado de grande imaginação e inteligência é capaz - em sua mente, apenas - de saltar de planeta em planeta, de deixar-se cair interminavelmente num abismo de eternidade, de subir como um foguete ao pálio de galáxias, e de incidír como um holofote sobre as vias-lácteas e os espaços constelados, Os seres do mundo causal, porém, gozam de liberdade muito maior: projetam seus pensamentos, objetivando-os instantaneamente, em esforço, sem qualquer obstrução material ou astral, e sem limitação cármica.

"Os seres causais sabem, por experiência própria, que o cosmo físico não se compõe primordialmente de eléctrons, nem o cosmo astral se constitui basicamente de vitátrons, mas, em realidade, ambos se originam de diminutas partículas do pensamento de Deus, fendidas e fragmentadas por máya, a lei da relatividade que intervém para separar, aparentemente, a criação de seu Criador.

"No mundo causal, as almas se reconhecem umas às outras como fragmentos individualizados do Espírito beatífico; seus objetos pensados são os únicos que as rodeiam. Os seres causais percebem que a diferença entre seus corpos e pensamentos é uma idéia, simplesmente. Assim como o homem, fechando os olhos, pode visualizar uma ofuscante luz branca ou uma névoa azul desbotada, os seres causais também, por intermédio exclusivo de seu pensamento, enxergam, ouvem, cheiram, saboreiam e apalpam; eles criam tudo, ou tudo dissolvem, pelo poder de sua mente cósmica.

"Tanto a morte como o renascimento no mundo causal ocorrem em pensamento. O alimento delicioso dos seres causais é um só, a ambrosia do conhecimento eternamente novo. Bebem dos mananciais de paz, vagam pelo solo sem trilhas das percepções, nadam no oceano sem praias da beatitude. Oh, contemple! Seus brilhantes corpos-pensamentos passam zunindo vertiginosamente por trilhões de planetas criados pelo Espírito, por recentes borbulhas de universos, por moradas estelares de sábios, e por sonhos espectrais de áureas nebulosas, no seio azul-celeste do Infinito!

"Muitos seres permanecem durante milhares de anos no cosmo causal. Então, depois de êxtases progressivamente mais profundos, a olma se libera do pequeno corpo causal e incorpora-se à imensidão do cosmo causal. Todos os 'estanques remoinhos de idéias, as ondas particularizadas de poder, amor, vontade, alegria, paz, intuição, calma, autodomínio e concentração, fundem-se no inesgotável Oceano de Beatitude. Não mais a alma fruirá sua ventura como onda individualizada de consciência; agora mergulha no Oceano Cósmico único, na totalidade das ondas - e é riso eterno, comoção, pulsação perene.

"Quando uma alma rompe o casulo dos três corpos, escapa para sempre à lei da relatividade, e converte-se no inefável Sempre-Existente[375]. Ei-la, a borboleta da Onipresença, com estrelas e luas e sóis rebrilhando em suas asas! A alma expandida no Espírito paira sozinha na região da luz sem luz, da treva sem treva, do pensamento sem pensamento; inebriada com seu êxtase beatífico, imersa no mesmo sonho de Deus, o da criação cósmica."

Uma alma livre! - exclamei com reverência.

Quando uma alma se livra, finalmente, das três ânforas de ilusões corpóreas - prosseguiu o Mestre - unifica-se com o Infinito sem qualquer perda de individualidade, Cristo conquistara sua liberdade derradeira, antes mesmo de nascer como Jesus. Em três. etapas de seu passado, simbolizadas aqui na Terra pelos três dias de morte e ressurreição, ele alcançara o poder absoluto de subir aos céus em Espírito.

[375] "A quem vencer, eu o farei coluna no templo de meu Deus, e dele não mais sairá (isto é, não mais reencarnará) ... A quem vencer, concederei que se assente comigo em meu trono, assim como eu venci e me sentei com meu Pai em Seu trono." (Apocafipse, 3:12-21).

"O homem não-desenvolvido submete-se a incontáveis encarnações terrestres, astrais e causais, a fim de desprender-se de seus três corpos. Um mestre que conquista a liberdade final pode escolher, se há de voltar à Terra como profeta, para ajudar outros seres humanos a regressarem a Deus, ou se, como eu, há de residir no cosmo astral. Lá, um redentor carrega, em parte, o peso do carma dos habitantes e assim os ajuda a abreviar seu ciclo de reencarnações no cosmo astral, a fim de partirem definitivamente para as esferas causais[376]. Ou, então, uma alma liberada pode entrar no mundo causal para ajudar seus habitantes a encurtarem seu prazo no corpo causal e assim conquistarem a Liberdade Absoluta."

_ Mestre ressurrecto, quero saber mais a respeito do carma que obriga as almas a regressarem aos três mundos. - Eu poderia ouvir meu Mestre onisciente, pensei, por toda a eternidade. Nunca em sua vida terrena eu fora capaz, em tão pouco tempo, de assimilar tanto de sua sabedoria. Agora, pela primeira vez, eu obtinha percepção clara e definitiva das casas enigmáticas no tabuleiro de xadrez da vida e da morte.

"- O carma físico, ou seja, os desejos do homem, devem ser completamente esgotados antes que se torne possível sua residência permanente nos mundos astrais - esclareceu meu guru com sua voz emocionante. - Dois tipos de moradores vivem nas esferas astrais. Os que ainda possuem carma físico insatisfeito e devem, por isso, reabitar um corpo denso a fim de saldar suas dívidas cármicas, classificam-se, após a morte física, mais como visitantes temporários do n-iiindo astral que seus moradores permanentes.

"Após a morte astral, seres que não expiaram seu carma físico, não têm permissão de entrar na excelsa esfera causal das idéias cósmicas, mas estão obrigados a viagens de ida e volta entre os mundos astrais e físicos, alternativamente conscientes de seu corpo físico de 16 elementos grosseiros e de seu corpo astral de 19 elementos sutis. Contudo, uma criatura não-desenvolvida, depois de cada perda de seu corpo terreno, permanece a maior parte do tempo no profundo estupor do sono da morte e dificilmente tem consciência do formoso reino astral. Terminado o descanso astral, regressa ao plano físico para novas lições, acostumando-se gradualmente, através de repetidas viagens, aos mundos de sutil textura astral.

"Ao contrário, residentes normais, isto é, há longo tempo no universo astral, livres para sempre de todos os anseíos materiais, já não precisam regressar às vibrações grosseiras da Terra. Eles só têm carma astral ou causal para esgotar. Na morte astral, transferem-se para o mundo causal infinitamente mais sutil e delicado. No fim de certo prazo, determinado pela lei cósmica, estes seres evoluídos voltam, então, a Hiranyaloka ou a um planeta astral de idêntica elevação onde renascem em novo corpo etéreo para redimir os remanescentes de seu carma astral.

"Meu filho, agora você pode compreender melhor que ressuscitei, por decreto divino - continuou Sri Yuktéswar - como um redentor de almas reencarnadas no astral, especialmente das que baixam da esfera causal e não das que sobem da Terra. Estas últimas, se ainda conservam vestígios de carma físico, não sobem aos mais altos planetas astrais como Hiranyaloka.

"Muitos habitantes terrestres não aprenderam, através do olho desenvolvido pela meditação, a apreciar as alegrias e vantagens superiores da existência astral e, por isso, após a morte, desejam regressar aos prazeres limitados e imperfeitos da Terra; assim também muitos seres astrais, durante a normal desintegração de seus corpos sutis, não chegam a vislumbrar o excelso estado de alegria espiritual no mundo das idéias; demorando-se em recordar a felicidade astral mais grosseira e de vistosos adornos, eles anseiam revisitar o paraíso astral. Esses seres devem redimir-se do pesado carma astral que possam obter, após a morte astral, residência permanente no mundo causal, o das idéias, este, aliás, tão superficialmente secionado de sua origem, o Criador.

"Só quando um ser não deseja mais experiências no cosmo astral, tão agradável à vista, e já não sente a tentação de voltar a ele, é que permanece no mundo causal. Completando ali a obra de redimir-se do carma causal ou sementes dos desejos passados, a alma aprisionada faz saltar a última das três rolhas da ignorância e, emergindo da derradeira ânfora do corpo causal, mistura-se ao Eterno.

"Compreende agora?"- O sorriso do Mestre era de um encanto raro!

- Sim, por um ato seu, de graça sobrenatural. Estou emudecido de alegria e de gratidão.

[376] Sri Yuktéswar queria dizer que, antes, em sua encarnação terrena, carregara às vezes o fardo da doença para aliviar o carma de seus discípulos e, agora, sua missão de salvador o capacita a transferir para si certo carnia astral dos residentes de **Hiranyaloka,** apressando-lhes, desta maneira, a evolução para o mundo causal, superior.

Nunca, de um cântico ou de um relato, recebi conhecimento tão inspirador! As Escrituras hindus referem-se aos mundos astral e causal e aos três corpos do homem, mas que remotas e inexpressivas aquelas páginas, comparadas à tépida autenticidade de meu Mestre ressurrecto! Para ele, não existia nenhum "país não-descoberto", de cujas fronteiras nenhum viajante regressa! "[377]

- A interpenetração dos três corpos do homem se revela de muitas maneiras através de sua tríplice natureza - continuou meu grande guru. - No estado de vigília na Terra, um ser humano é mais ou menos consciente de seus três veículos. Quando seus sentidos estão funcionando, ao saborear, cheirar, apalpar, ouvir e ver, ele está operando principalmente com seu corpo físico. Quando exercita seus poderes de vontade e de visualização, está operando sobretudo com seu corpo astral. Seu instrumento causal expressa-se quando o homem pensa ou mergulha profundamente em introspecção ou em meditação; pensamentos cósmicos geniais visitam o homem que habitualmente estabelece contato com seu corpo causal. Neste sentido pode-se classificar um indivíduo como predominantemente "sensual ", "volitivo "ou "intelectual ".

"Um homem identifica-se com seu veículo físico durante 16 horas por dia; depois, dorme; se tem sonhos, permanece no mundo astral, criando sem esforço qualquer objeto, à semelhança dos entes astrais. Se o sono é profundo e sem sonhos, o homem transfere, durante muitas horas, sua consciência, ou noção do eu, ao corpo causal; tal sono é revigorante. Quem sonha está em contato com seu corpo astral e não com o causal; este sono não é inteiramente restaurador".

Eu estivera observando Sri Yuktéswar amorosamente, enquanto ele procedia à sua maravilhosa exposição.

- Guru angélico - disse eu - seu corpo é exatamente igual àquele sobre o qual chorei, pela última vez, no áshram de Puri.

Oh, sim, meu novo corpo é uma cópia perfeita do velho. Eu materializo e desmaterializo esta forma, em qualquer momento, à vontade, com muito mais freqüência do que o fazia quando me encontrava sobre a Terra.. Pela desmaterialização instantânea, viajo agora de planeta em planeta, num expresso de luz; ou, em verdade, do cosmo astral ao causal, ou ao físico. - Meu divino guru sorriu. - Embora você mudasse de lugar tão rapidamente nestes dias, não tive dificuldades em encontrá-lo em Bombaim!

Oh, Mestre, eu andava tão profundamente aflito com sua morte! Ah, então eu morri? Você não está sendo contraditório? - Os olhos de Sri Yuktéswar cintilavam de divertimento e de amor. E prosseguiu:

"- Você não tem feito mais que sonhar na Terra; e em seu planetasonho, você viu meu corpo-sonho. Mais tarde, enterrou aquela figurasonho. Agora meu corpo-sonho mais requintado (que você contempla, neste momento e abraça um tanto apertadamente!) ressuscitou num mais requintado planeta-sonho-de-Deus. Algum dia, este corpo-sonhomais-sutil desaparecerá; ele também não existirá para sempre. Todas as bolhas de ilusão devem afinal explodir a um derradeiro toque de despertar. Discerne, meu filho Yogananda, entre sonhos e Realidade! "

Esta idéia vedântica[378] de ressurreição maravilhou-me. Envergonhei-me de haver chorado meu Mestre quando vi seu corpo sem vida em Puri. Compreendi, afinal, que meu guru sempre estivera completamente desperto em Deus - sua própria vida e morte na Terra, e sua ressurreição atual, nada mais eram para ele que relatividades ou idéias de Deus no sonho cósmico.

"- Já lhe disse, Yogananda, a verdade sobre minha vida, morte e ressurreição. Não se aflija por mim; em vez disso, espalhe por toda parte a história de minha ressurreição, da Terra- sonho-de-Deus onde vivem os homens, para outro planeta-sonho-de-Deus onde vivem almas com vestes astrais. Nova esperança infundir-se-á nos corações dos que sonham neste mundo, exasperados pela angústia e temerosos da morte.

- Sim Mestre! - Com que boa vontade eu iria partilhar com o mundo inteiro minha ventura por sua ressurreição!

"- Na Terra, meus padrões de conduta foram incomodamente altos, inadequados à natureza da maioria dos homens. Freqüentemente o repreendi mais do que devia. Você foi posto à prova e saiu-se bem; seu amor brilhou através das nuvens de todas as reprimendas. - E acrescentou com ternura: - Hoje, vim também para dizer-lhe: nunca mais o olharei com o rigor da censura. Não o repreenderei mais.

---

[377] Shakespeare, Harnlet, 3.o ato, 1 a cena.

[378] Vida e morte são apenas relatividades do pensamento. A **Vedanta** salienta que Deus é a única Realidade; toda criação ou existência separada é máya ou ilusão. Esta filosofia monísta teve sua mais alta expressão nos comentários de Shânkara aos antigos Upanisbads.

Quanto sentira falta dos castigos de meu grande guru! Cada um fora um anjo custódio a proteger-me.

- Mestre caríssimo! Reprove-me um milhão de vezes! Censure-me agora!

- Nunca mais ralharei com você. - Sua divina voz era grave e, contudo, nela senti uma correnteza subterrânea de riso. - Você e eu sorriremos juntos, enquanto nossas duas figuras forem diferentes no sonho-máya de Deus. Finalmente, mergulharemos unificados no Bem-Amado Cósmico; nossos sorrisos serão o Seu sorriso, nosso cântico de alegria, em uníssono, vibrará por toda a eternidade irradiando às almas sintonizadas com Deus!

Sri Yuktéswar esclareceu-me sobre assuntos que não posso revelar aqui. Durante as duas horas que passou comigo no quarto de hotel em Bombaim, ele teve resposta para cada uma de minhas perguntas. Certas profecias sobre o mundo, confiadas a mim naquele dia de junho ele 1936, já se cumpriram.

"- Agora devo ir-me, bem-amado!"- Ao ouvir estas palavras, senti que o Mestre se desvanecia dentro do círculo de meus braços.

"- Meu filho - sua voz ressoou, vibrando no mais íntimo firmamento de minha alma - sempre que você entrar pela porta de nirbikálpa simádhi e me chamar, virei, como hoje, em carne e osso.

Com esta promessa celestial, Sri Yuktéswar desapareceu de minha vista. Uma voz das nuvens repetia, reboando musicalmente: "Diga a todos! Quem souber, por meio de êxtase nirbikálpa, que seu planeta é um sonho de Deus, pode vir ao ultra-sutíl planeta-sonho de Hiranyaloka, para me achar ali, ressuscitado num corpo exatamente igual ao que tive na Terra. Yogananda, diga isto a todos!

Fora-se a tristeza da separação. Os queixumes aflitos por sua morte, que longamente me roubaram a paz, debandaram envergonhados. A beatitude jorrava como fonte, através de poros intermináveis, recém-abertos em minha alma. No dilúvio do êxtase que me transportava, os poros da alma, obstruídos pelo desuso desde remotas eras, agora se alargavam purificadíssimos. Em seqüência cinematográfica, minhas encarnações anteriores deslizaram ante o meu olhar interno. Todo o bom e o mau carma, pertencentes àquelas figuras-sonhos, foram dissolvidos na luz cósmica derramada sobre mim durante a divina visita do Mestre.

Neste capítulo de minha autobiografia, obedeci às ordens de meu guru, divulgando a bendita notícia, embora confunda mais uma vez uma geração cética, Rastejar, o homem sabe muito bem; o desespero raramente lhe parece um estranho; estas perversões, entretanto, não pertencem ao verdadeiro destino do homem. Quando quiser, ele se colocará na senda da liberdade. Durante demasiado tempo, ele deu ouvidos ao deprimente pessimismo de seus conselheiros que proclamam "tu és pó", sem atentar para a natureza indomável da alma.

Não fui o único a ter o privilégio de contemplar o Guru Ressurrecto.

Um dos chelas de Sri Yuktéswar era uma idosa mulher, conhecida pela alcunha afetuosa de Ma (Mãe), cuja moradia se achava próxima de eremitério de Puri. O Mestre detinha-se freqüentemente para conversar com ela durante seu passeio matinal. Na noite de 16 de março de 1936, Ma chegou ao áshram e pediu permissão para ver seu guru.

- Como, se o Mestre morreu faz uma semana! - Swâmi Sebananda, agora responsável pelo eremitério de Puri, fitou-a tristemente.

Impossível! - protestou ela, com um sorriso.

- Não. - E Sebananda contou-lhe detalhes do enterro. Venha, levá-la-ei ao jardim da frente, à sua sepultura.

Ma abanou a cabeça, negativamente - Para ele, não existe sepultura. Esta manhã, às dez horas, ele passou diante de minha porta, em seu passeio habitual. Falei com ele, durante alguns minutos, à plena luz do dia. Convidou-me: "Venha esta noite ao áshram". E aqui estou; suas bênçãos derramam-se sobre esta velha cabeça grisalha! Quis o imortal guru que eu compreendesse em que corpo transcendente ele me visitou esta manhã!

O assombrado Sebananda ajoelhou-se diante dela.

- Ma, que peso aflitivo suas palavras tiram de meu coração! Ele ressuscitou!

Capítulo 44 - Com Mahátma Gandhi em Wardha

Sejam bem-vindos a Wardha! - Mahádev Desai, secretário de Mahátma Gandhi, com estas palavras cordiais e com guirlandas de khaddar (algodão fiado em casa), cumprimentou a srta. Bletch, o sr. Wright e a mim. Nosso pequeno grupo, satisfeito por deixar a poeira e o calor do trem, acabava de chegar à estação de Wardha, em certa manhã de agosto, bem cedo. Depois de colocarmos nossa bagagem num carro de bois, entramos num automóvel sem capota, com o sr. Desai e seus companheiros, Babasaheb Deshmukh e o dr. Pingale. Uma curta viagem por estradas rurais enlameadas nos trouxe a Maganvadi, o áshram do santo político da Índia.

O sr. Desai levou-nos imediatamente ao escritório, onde o Mahatma Gandhi se encontrava sentado à moda oriental. Caneta numa das mãos e papel de rascunho na outra; em sua face, um amplo, amável e conquistador sorriso!

- Bem-vindos! - rabiscou ele em hindi; era segunda-feira, seu dia de silêncio semanal.

Embora fosse este o nosso primeiro encontro, sorrimos um ao outro, afetuosamente. Em 1925, Mahatma Gandhi concedera a honra de sua visita à escola Yogôda Sat-Sanga em Ranchi e escrevera suas benevolentes impressões no livro destinado aos visitantes.

O minúsculo santo de 45 quilos irradiava saúde física, mental e espiritual. Seus olhos castanhos suaves brilharam com inteligência, sínceridade e discernimento. Ei-lo, o estadista cuja perspicácia fora desafiada em centenas de batalhas legais, sociais e políticas, delas emergindo vitorioso. Nenhum outro líder no mundo alcançou nicho tão garantido nos corações de seu povo como o que Gandhi ocupa no seio de milhões de iletrados da índia. O espontâneo tributo das massas se exprime no famoso título - ~Uma - "grande alma"[379]. Por amor a eles unicamente, Gandhí limita sua roupa a uma espécie de tanga, conhecida mundialmente através de caricaturas, e símbolo de sua unidade com as multidões oprimidas que não podem vestir outra coisa.

- Os residentes do áshram estão inteiramente às suas ordens; por favor, recorram a eles para qualquer serviço. - Com sua característica cortesia, o Mahatma estendeu-me outra nota escrita rapidamente, quando ia o sr. Desai conduzir nosso grupo, do escritório à casa de hóspedes.

Nosso guia levou-nos, através de pomares e campos de flores, a um edifício coberto de telhas e com rótulas nas janelas. No pátio fronteiro, um poço de sete metros e meio de diâmetro era usado, segundo nos disse o sr. Desai, para o suprimento de água; perto dali, achava-se uma roda de cimento, girando para descascar arroz. Cada um de nossos pequenos dormitórios demonstrava não ter mais que o mínimo irredutível: Lima cama de cordas trançadas à mão. A cozinha caiada exibia orgulhosamente uma torneira num canto; no outro, uma cavidade no chão, com fogo, para preparar o alimento. Singelos sons arcádicos alcançavam nossos ouvidos: o crocitar das gralhas, o chilreio dos pardais, o mugir do gado e os golpes do cinzel lavrando a pedra.

Ao notar o diário de viagem do sr. Wright, o sr. Desai abriu-o e escreveu numa página a lista dos votos Satyagraha[380] proferidos por todos os estritos seguidores (satyágrahís) do Mahatma:

"Não-violência. Verdade. Não roubar, Celibato. Não possuir. Trabalho braçal ou manual. Controle do paladar. Destemor. Respeito igual a todas as religiões. Swadéshi (uso de produtos manufaturados no lar). Livrar-se do preconceito da intocabilidade dos párias. Estes onze votos devem ser observados em espírito de humildade".

(O próprio Gandhi assinou esta página no dia seguinte, acrescentondo-lhe a data: 27 de agosto de 1935.)

Duas horas após a nossa chegada, meus companheiros e eu fomos chamados para o almoço. O Mahatma já cruzara as pernas sob as arcadas do pórtico do ásbram, oposto a seu escritório, do outro lado do pátio. Cerca de vinte e cinco satyágrahís descalços sentavam-se à moda oriental diante de pratos e xícaras de latão. Toda a comunidade participou do coro de preces; a seguir, serviu-se uma refeição, em grandes panelas de latão que continham chapátis (pães de trigo integral sem fermento) untados com ghee (manteiga, quase líquida, de leite de búfala), tálsari (vegetais picados e cozidos) e uma geléia de limão.

[379] Seu nome de família é Mohandas Karamchand Gandhi. Ele nunca se refere a si mesmo como Mahárria.
[380] A tradução literal do sânscrito é "ater-se à verdade". Satvagraha é o famoso movimento de não-violência liderado por Gandhi.

O Mahatma comeu chapátis, beterrabas cozidas, alguns vegetais crus e laranjas. Ao lado de seu prato encontrava-se um monte de amaríssimas folhas de neem, notável depurativo do sangue. Com sua colher, ele separou uma porção e colocou-a em meu prato. Mastiguei-as depressa e enguli-as com água, recordando os dias de minha meninice quando Mamãe me forçava a tragar a desagradável dose. Gandhi, entretanto, estava comendo a pasta de neem, aos poucos, sem desagrado.

Neste banal incidente, notei a habilidade do Mahatma em desligar dos sentidos a sua mente, à vontade. Lembrei-me de uma apendicetornia, muito noticiada a que o submeteram há alguns anos atrás. Recusando anestésicos, o santo conversou alegremente com seus devotos durante toda a operação, e um tranqüilo sorriso revelava sua inconsciência à dor.

À tarde, tive a oportunidade de conversar com uma renomada discípula de Gandhí, filha de um almirante inglês, a srta. Madeleine Slade, a quem chamam agora de Mirá Belín[381]. Seu rosto calmo e firme iluminou-se de entusiasmo enquanto me falava sobre suas atividades diárias, em impecável hindi.

- A obra de reconstrução rural tem suas recompensas! Um de nossos grupos vai todas as manhãs, às cinco horas, servir os habitantes da aldeia vizinha e ensinar-lhes as regras elementares de higiene. Fazemos questão de limpar-lhes as fossas sanitárias e suas choças de palha e barro. Os camponeses são analfabetos; não podem ser educados a não ser pelo exemplo! - Ela riu jovialmente.

Fitei com admiração esta inglesa de linhagem aristocrática, cuja verdadeira humildade cristã lhe permitia ser varredora de ruas, trabalho geralmente executado apenas pelos "intocáveis".

- Vim para a índia em 1925 - disse-me ela. - Neste país, sinto que "regressei ao meu lar". Agora, já não desejaria retornar à minha antiga vida e aos meus interesses anteriores.

Trocamos idéias sobre os Estados Unidos, durante alguns minutos. Disse ela: - Sempre me agrada e me surpreende encontrar em muitos americanos que visitam a índia, profundo interesse por assuntos espirituais[382].

As mãos de Mira Behn logo se ocuparam com uma charká (roda de fiar). Graças aos esforços do Mahátma, as charkás são agora onipresentes na índia rural.

Gandhi tem bons motivos econômicos e culturais para encorajar a revivescência das indústrias caseiras, mas não aconselha o repúdio fanático de todo o progresso moderno. Maquinaria, trens, automóveis, telégrafo desempenharam papéis importantes em sua prodigiosa vida! Cinqüenta anos de serviço público, dentro ou fora das prisões, lutando diariamente com detalhes práticos e duras realidades do mundo político, apenas aumentaram seu equilíbrio, amplitude de idéias, sensatez e apreciação humorística do singular espetáculo humano.

Nosso trio deliciou-se com um jantar às dezoito horas, como convidados de Babasaheb Deshmukh. Às dezenove horas, para a prece da noite, já estávamos de regresso ao áshram Magativadi; subimos ao terraço superior onde trinta satyágrahís formavam um semicírculo ao redor de Gandhi. Ele cruzara as pernas numa esteira de palha, com um antigo relógio de bolso espetado diante de si. O sol, prestes a sumir, lançava UM último raio à fronde das palmeiras e bânyans (figueiras de Bengala); os sussurros da noite e o trilar dos grilos haviam começado. De pura serenidade era a atmosfera; eu me sentia enlevado.

Iniciou-se um canto solene sob a direção do sr. Desai, com responsório do grupo; a seguir, leitura do Gíta. O Mahatma propôs que eu fizesse a oração de encerramento. Que divina concordância de pensamentos e aspirações! E uma lembrança para sempre: a meditação, na açotéia de Wardha, sob as primeiras estrelas.

Às vinte horas, pontualmente, Gandhi terminou seu silêncio. Os trabalhos hercúleos de sua vida exigiam que ele dividisse seu tempo, de minuto em minuto.

---

[381] Ela publicou certo número de cartas escritas pelo Mahátma, que revelam o treinamento em autodisciplina recebido de seu guru. **(Cartas de Gatulhi o uma discípula,** Harper & Bros., N.Y., 1950). Em livro posterior **(A Peregrinação do Espírito,** Coward McCann, N.Y., 1960), a senhorita Slade menciona numerosos visitantes que foram ver Gandhi em Wardha. Escreveu ela: "Decorrido tão longo tempo, não posso lembrar-me de todos, mas dois permanecem nítidos em minha memória: Halide Edib Hanum, a célebre escritora turca, e Swami Yogananda, fundador de **Self-Realization Fellowship** nos Estados Unidos". (Nota de SRF)

[382] A senhorita Slade faz-me recordar outra distinta mulher ocidental, a srta. Margaret Woodrow Wilson, filha mais velha do grande presidente norte-americano. Encontrei-a em Nova York; ela mostrou intenso interesse pela india. Dirigiu-se mais tarde a Pondichetry, onde passou os últimos cinco anos de sua vida, venturosamente trilhando a senda da disciplina aos pés do iluminado mestre Sri Aurobindo Ghosb.

- Bem-vindo, Swâmiji! - A saudação do Mahatma, desta vez, não se transmitia por meio do papel. Acabávamos de descer da açotéia para seu escritório , mobiliado simplesmente com esteiras quadrangula res (nenhuma cadeira), uma mesa baixa com livros, papéis e algumas penas de escrever comuns (nenhuma caneta-tinteiro); a um canto, um exótico relógio fazia ouvir seu tique-taque. Uma aura de paz e devoção ~, tudo abrangia. Gandhí mostrava um de seus sorrisos cativantes, cavernosos, quase desdentados.

- Há anos atrás - explicou ele - comecei minha observância semanal de um dia de silêncio, como recurso para ganhar tempo, a fim de cuidar de minha correspondência. Agora, entretanto, essas vinte e quatro horas tornaram-se uma necessidade vital do espírito. Um decreto de silêncio periódico não é uma tortura, mas uma bênção.

Concordei, muito sinceramente[383]. O Mahatma fez-me perguntas sobre a América e a Europa; trocamos idéias sobre a índia e as condições do mundo.

- Mahádev - disse Gandhi ao sr. Desai que entrava na sala por favor, arranje tudo para o Swâmiji falar sobre ioga, amanhã à noite, no salão da prefeitura de Wardha.

Quando dei boa-noite ao Mahatma, ele me ofereceu atenciosamente uma garrafa de óleo de citronela[384].

- Os mosquitos de Wardha ignoram tudo sobre ahímsa[385], swâmiji! - disse ele, rindo.

Na manhã seguinte, bem cedo, nosso pequeno grupo fez a primeira

refeição que consistiu em mingau de trigo integral com leite e melado. Às dez e trinta, fomos chamados ao pórtico do áshram para almoçar com Gandhi e os satyagrahís. Naquele dia, o cardápio incluía arroz com cutícula, uma nova seleção de vegetais e sementes de cardamono.

À tarde, perambulei pelos terrenos do áshram, até o pasto de algumas vacas imperturbáveis. A proteção à vaca é uma paixão de Gandhi.

- Para mim, a vaca é o símbolo de todo o mundo infra-humano: ela amplia a solidariedade do homem para além de sua própria espécie explicara o Mahatma. - Através da vaca, o homem é impelido a perceber sua identidade com tudo o que vive. Os antigos ríshis escolheram a vaca para esta apoteose, por um motivo muito óbvio para mim. A vaca na índia vinha a ser a melhor comparação; ela é que trazia a abundância. Não só dava leite, mas tornava possível a agricultura. A vaca é um poema de compaixão; lê-se piedade neste manso animal. Ela é a segunda mãe de milhões de criaturas. Proteger a vaca significa proteger toda a muda criação de Deus. A súplica dos seres inferiores da criação é tanto mais intensa por não serem eles dotados de fala[386].

Certos ritos diários são obrigatórios para o hindu ortodoxo. Um é Bhúta Yâjna, oferenda de alimento ao reino animal. Esta cerimônia simboliza o entendimento que o homem adquiriu de suas obrigações com as formas menos evoluídas do universo, identificadas por instinto com o corpo (ilusão que também atormenta o homem) ' faltando-lhes, porém, a faculdade liberadora da razão, peculiar à humanidade.

Assim, Bhúta Yâina reforça no homem a disposição de prestar socorro ao fraco: em 1 troca, ele é confortado por inúmeras solicitudes de seres invisíveis superiores. A humanidade acha-se também sob a obrigação moral de proteger as dádivas da Natureza, tão pródiga na terra, no mar e no céu. A barreira evolutiva de incomunicabilidade entre a Natureza, os animais, o homem e os anjos astrais é transposta por ritos (yâjnas) diários de silencioso amor.

Outros dois yâjnas são Pitri e Nri . Pitri Yâjna é uma oblação aos ancestrais: um símbolo de que o homem reconhece sua dívida para com as gerações passadas, cuja sabedoria acumulada ilumina a humanidade atual. Nri Yâina é uma oferta de alimento aos estranhos ou aos pobres: um símbolo das responsabilidades hodiernas do homem, seus deveres para com os seus contemporâneos.

---

[383] Já faz muitos anos que, nos Estados Unidos, venho observando períodos de silêncio, para consternação de visitantes e secretários.

[384] Designação científica da erva cidreira e de várias outras plantas que têm aroma semelhante ao do limão.

[385] Qualidade do que é inofensivo; não-violência; a rocha em que se alicerça o credo de Gandhi, Ele recebeu profunda influência dos jainas que reverenciam ahímsa como a virtude básica. 0 jainismo, uma seita do hinduísmo, difundiu-se amplamente no século 6.o antes de Cristo, graças a Mahavira, contemporaneo de Buda. Possa Mahavira (“grande herói”) contemplar-se, através dos séculos, em seu heróico filho Gandhil

[386] Gandhi escreveu com beleza sobre numerosos assuntos. Sobre a prece, disse: “Ela nos recorda que somos desamparados sem o apoio de Deus. Nenhum labor é completo sem prece, sem o reconhecimento definido de que o melhor esforço humano é improdutivo sem a bênção de Deus na retaguarda. A prece é um chamado à humildade. Um chamado à autopurificação, à pesquisa interior”.

No início da tarde, como bom vizinho, cumpri um Nri Yâjna, fazendo uma visita ao áshram de Gandhi para meninas. O sr. Wright acompanhou-me, de automóvel, numa viagem de dez minutos. juvenis e minúsculos rostos de flor, encimando talos de saris coloridos! No fim de breve palestra em híndi[387] que fiz ao ar livre, tombou dos céus um súbito aguaceiro. Rindo, o sr. Wright e eu subimos ao carro e nos apressamos a voltar a Maganvadi, entre precipitantes lençóis de prata. Que intensidade tropical e que travessia chapinhante!

Ao reentrar na casa de hóspedes, comoveram-me de novo a austera simplicidade e as provas de auto-sacrifício, visíveis em toda parte. O voto de não-possuir, pronunciou-o Gandhi algum tempo depois de seu casamento. Renunciando a um amplo exercício da advocacia, que lhe assegurava uma renda anual superior a 20.000 dólares, o Maliatina distribuiu toda a sua riqueza aos pobres.

Sri Yuktéswar costumava ridicularizar com gentil finura as concepções, geralmente errôneas, sobre renúncia:

- Um mendigo não pode renunciar à riqueza - dizia o Mestre. Se um homem se lamenta: “meus negócios faliram; minha mulher me abandonou; vou renunciar a tudo e ingressar num mosteiro”, a que sacrifício ao mundo está se referindo? Ele não renunciou ao dinheiro nem ao amor. Estes é que renunciaram a ele!

Santos como Gandhi, ao contrário, não só fizeram sacrifícios materiais tangíveis, mas também a renúncia, muito mais difícil, aos motivos egoístas e aos objetivos pessoais, imergindo seu mais íntimo ser na caudal coletiva, a serviço total da humanidade.

Kastúrabai, a notável esposa do Maliatina, não pôs objeções quando ele deixou de reservar uma parte de sua riqueza para uso dela mesma e de seus filhos. Casados no início da adolescência, Gandhi e sua mulher fizeram o voto de celibato após o nascimento de quatro filhos[388]. Heroína tranqüila no intenso drama que tem sido sua vida em comum, Kastúrabai tem seguido seu esposo, nas prisões, partilhado seus jejuns de três semanas e arcado integralmente com seu quinhão nas ín termináveis responsabilidades do marido. Ela prestou a Gandhi o seguinte tributo:

“Agradeço-lhe por haver tido o privilégio de ser sua colaboradora e companheira na vida. Agradeço-lhe pelo mais perfeito casamento neste mundo, baseado em brarnachárya (autodomínio) e não do sexo. Agradeço-lhe por me haver considerado sua igual no labor de toda a sua vida em prol da índia. Agradeço-lhe por não ser um desses esposos que malbaratam seu tempo em jogos, corridas de cavalos, mulheres, vinho e canções, cansando-se de suas esposas e filhos como um menino logo se cansa de seus brinquedos infantis. Que gratidão sinto por não ser você um desses maridos que passam o tempo a se enriquecerem com a exploração do trabalho alheio!

“Que agradecida estou por você haver colocado Deus e a pátria acima do suborno e haver tido a coragem de suas convicções, e fé completa e implícita em Deus. Que agradecida estou por haver tido um esposo que considerou primeiro Deus e a pátria, e só depois a mim. Agradeço-lhe por me haver tolerado e às minhas deficiências na juventude, quando eu resmungava contra a mudança que você trouxe ao nosso modo de vida, do muito para o pouco.

“Em criança vivi no lar de seus pais; sua mãe foi uma grande e bondosa mulher; ela me treinou, ensinando-me a ser uma esposa valente, corajosa, e a conservar o amor e o respeito de seu filho, meu futuro esposo. No decurso dos anos, à medida que você se convertia no mais querido líder da índia, não senti qualquer dos temores que perturbam a esposa quando seu marido subiu a escada do sucesso, como tantas vezes acontece em outros países. E sabia que a morte nos encontraria ainda como esposo e esposa”.

---

[387] Hindi, uma língua indo-ariana, ricamente baseada em raízes sânscritas, é o idioma predominante no norte da índia. O dialeto principal do Hindi ocidental é o hindustani, escrito tanto com caracteres devanágari (sânscrito) quanto com os sinais arábicos. Seu subdialeto, o urdu, é falado pelos muçulmanos, e pelos hindus no norte da índia.

[388] Gandhi descreveu sua vida com impiedosa franqueza em **História da Minha Experiência com a Verdade** (Alimedebad, Navajivan Press, 1927-29). Muitas biografias repletas de nomes famosos e de acontecimentos pitorescos silenciam quase completamente sobre períodos de auto-análise ou de desenvolvimento interior. 0 leitor fecha cada um desses livros com certa insatisfação, como se dissesse: “Eis aqui um homem que conheceu muita gente notável mas nunca se conheceu a si mesmo”. Esta reação é impossível com a autobiografia de Gandhí; ele expõe suas faltas e subterfárgios com devoção impessoal à verdade, rara nos anais de qualquer época.

Durante anos, Kastúrabai exerceu as funções de tesoureira, gerindo os fundos públicos que o idolatrado Mahatma é capaz de levantar aos milhões. Narram-se muitas histórias humorísticas, nos lares da índia, sobre o nervosismo dos maridos quando suas esposas, usando jóias, vão ouvir pregações de Gandhi; a magia na linguagem do Mahatma, suplicando pelos oprimidos, enfeitiça os braceletes de ouro e os colares de brilhantes, que saltam, dos pescoços e braços das mulheres de fortuna para a cesta de coleta!

Certo dia, a tesoureira pública, Kastúrabai, não pôde prestar contas do desembolso de quatro rúpias. Gandhi publicou pontualmente o balancete; inexorável, assinalou o débito de quatro rúpias, atribuindo-o à sua esposa.

Freqüentemente narrei este caso às minhas classes de estudantes norte-americanos. Certa noite, num salão de aulas, uma senhora, indignada, desabafou com veemência:

- Mahátma ou não-Mahátma, se fosse meu marido, eu lhe deixaria um olho preto por esse desnecessário insulto público!

Depois de alguns gracejos bem-humorados entre nós, sobre esposas americanas e esposas hindus, prossegui, oferecendo uma explicação mais completa:

- A senhora Gandhi considera o Mahátma não como seu marido, mas como seu guru, alguém que tem o direito de corrigi-la, mesmo por erros insignificantes - salientei. - Algum tempo depois da repreensão pública de Kastúrabai, Gandhi foi condenado à prisão sob acusação política. Quando ele calmamente dava adeus a Kastúrabai, ela lhe caiu aos pés, dizendo com humildade: - Mestre, se alguma vez o ofendi, por favor, perdoe-me[389].

Ao escritório do santo que assim pudera fazer de sua própria esposa uma discípula inabalável - milagre raro! - compareci às três horas daquela tarde em Warcília, para um encontro previamente marcado. Gandhi levantou os olhos para mim, com um sorriso inesquecível.

- Mahátmaji - disse eu, enquanto cruzava as pernas sobre a esteira sem almofadas - por favor, dê-me sua definição de ahímsa.

- Evitar danos a qualquer criatura viva, em pensamento ou ação. - Belíssimo ideal! O mundo, porém, perguntará sempre: é permitido matar uma cobra para proteger uma criança, ou em defesa própria?

_ Eu não poderia matar uma cobra sem violar dois de meus votos: destemor e não-matar. Eu tentaria antes, internamente, acalmar a cobra com vibrações de amor. Não posso, absolutamente, rebaixar meus princípios para ajustá-los às circunstâncias. - E acrescentou, em sua encantadora franqueza: - Devo confessar que eu não poderia continuar serenamente esta conversa se uma víbora aparecesse diante de mim!

Notei, em sua mesa, diversos livros ocidentais, muito recentes, sobre regimes alimentares.

- Sim, a dieta é importante no movimento Satyágraha, como em qualquer outro lugar - disse ele, esboçando um sorriso. - Porque advogo a continência completa para os satyágrahís, estou sempre tentando descobrir o melhor regime alimentar para o celibatário. Deve-se vencer o paladar antes de poder controlar o instinto de procriação. Semi-inanição e dietas desequilibradas não constituem soluções. Depois de vencer a gula interna, o satyágrahí deve seguir uma dieta vegetariana racional com todas as necessárias vitaminas, minerais, calorias, etc. Usando de sabedoria interna e externa em relação à comida, o fluido sexual do satyágrahí converte-se facilmente em energia vital para o corpo inteiro.

O Mahátma e eu comparamos nossos conhecimentos quanto aos bons substitutos da carne. - O abacate é excelente - disse eu. - Há numerosas plantações de abacate próximas ao meu Centro na Califórnia.

O interesse brilhou na face de Gandhi. - Gostaria de saber se cresceriam em Wardha. Os satyágrabís apreciariam um novo alimento.

- Faço questão de mandar alguns abacateiros de Los Angeles para Wardha. - E acrescentei: - Os ovos são um alimento com elevado teor de proteína; estão proibidos aos satyágrabís?

- Somente os ovos fecundados. - O Mahátma riu-se, evocativo.

---

[389] Kastúrabai Gándhi morreu na prisão de Poona, em 22 de fevereiro de 1944. Gandhi, que em geral não se emociona, chorou silenciosamente. Pouco de pois, os admiradores de Kastúrabai sugeriram criar em sua honra um Fundo **In Mernoriarn;** 12.500.000 rúpias (quase 4 milhões de dólares) literalmen te choveram de todos os cantos da índia. Gandhi providenciou para que esse capital fosse aplicado na assistência social às mulheres e crianças das aldeias.

Durante anos, não apoiei seu uso; ainda hoje, não os como. Certa vez, uma de minhas noras estava morrendo devido à má nutrição; seu médico insistia para que a alimentassem de ovos. Não concordei e aconselhei-o a dar à doente algum sucedâneo do ovo.

"- Gândhiji - disse o médico - galinhas não fecundadas põem ovos sem o esperma vital; não se viola o preceito de não-matar.

"- Então, consenti de bom grado que minha nora se alimentasse de ovos; em pouco tempo, ela recuperou a saúde".

Na noite anterior, Gandhi expressara o desejo de receber a Kriya Yoga de Láhiri Mahásaya. Comoveu-me a amplitude do Mahátma e seu espírito de pesquisa. Ele se parece a um menino em sua divina busca, revelando a pura receptividade que Jesus enalteceu nas crianças ... destas é o reino dos céus".

Chegara a hora de minha prometida instrução; diversos satyágrabís penetraram na sala: o sr. Desai, o dr. Pingale e alguns outros que desejavam a técnica de Kriya.

Ensinei primeiramente à pequena classe os exercícios Yogôda. Visualiza-se o corpo dividido em vinte partes; a vontade dirige a energia a cada uma, sucessivamente. Logo, cada um dos presentes vibrava diante de mim como um motor humano. Era fácil observar as ondas de energia nas vinte partes do corpo de Gandhi, quase sempre expostos à vista! Apesar de muito magro, ele não desagrada aos olhos; a pele de seu corpo é suave e sem rugas[390].

Em seguida, iniciei o grupo na técnica liberadora de Kriya Yoga.

O Mahátma estudou, com reverencia, todas as religiões do mundo. As Escrituras jainas, o Novo Testamento da Bíblia e os escritos sociológicos de Tolstoi[391] são as três fontes principais das convicções de não-violência de Gandhi. Ele assim afirmou o seu credo:

"Creio que a Bíblia, o Alcorão e o Zend-Avesta[392] são revelações divinas, como os Vedas. Creio na instituição dos gurus mas, em nossa época, milhões de criaturas devem caminhar sem guru, porque é raro encontrar uma combinação de perfeita pureza e de perfeita instrução. Ninguém, entretanto, se desespere de jamais vir a conhecer as verdades religiosas, porque os princípios fundamentais do Hinduísmo, como os de todas as grandes religiões, são imutáveis e fáceis de compreender.

"Creio, como todo hindu, em Deus e em Sua unidade, no renascimento e na salvação ... Meus sentimentos pelo Hinduísmo já são tão indescritíveis como os que tenho por minha própria esposa. Ela me comove e me impele como nenhuma outra mulher do mundo o pode fazer. Não que ela seja isenta de faltas; ousaria dizer que ela possui muito mais faltas do que vejo. Mas entre nós existe o sentimento de um vínculo indissolúvel. Sinto o mesmo pelo Hinduísmo, com todas as suas faltas e limitações. Nada me encanta mais que a música do Gíta ou do Ramayâna por Túlsidás. Quando eu imaginava estar exalando o último suspiro, o Gíta era o meu consolo

"O Hinduísmo não é uma religião exclusivista. Nele existe lugar para o culto de todos os profetas do mundo[393]. Não é uma religião missionária, no sentido comum do termo. Absorveu, sem dúvida, muitas tribos em seu seio, mas esta absorção foi de caráter evolutivo, imperceptível. O Hinduísmo ensina cada homem a adorar a Deus segundo a sua própria fé ou dhárma[394], vivendo assim em paz com todas as religiões ".

Sobre Cristo, Gandhi escreveu: "Tenho certeza de que se Ele vivesse entre os homens, agora, abençoaria as vidas de muitos que talvez nunca ouviram pronunciar o Seu nome... conforme está escrito: "Nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor ... mas o que faz a vontade de meu Pai"[395]. Com a lição de Sua própria vida, Jesus apontou à humanidade a determinação magnífica e o objetivo único que deveriam ser os de todos nós. Creio que Ele pertence, não apenas à Cristandade, mas ao mundo inteiro, a todas as nações e raças".

---

[390] Gandhi tem empreendido muitos jejuns curtos e prolongados. Goza de saúde excepcional. Seus livros "Dieta e Reforma da Dieta", "Cura NaturaV e "Chave da Saúde"foram publicados pela Editora Navajivan, em Ahmedabad, índia.
[391] Thoreau, Ruskin e Mazzini são outros escritores ocidentais cujas teorias sociológicas Gandhi estudou cuidadosamente.
[392] A sagrada Escritura dada por Zoroastro à Pérsia, 1000 anos antes de Cristo.
[393] Característica ímpar do Hinduísmo, entre as religiões do mundo, é sua derivação, não de um único grande fundador, mas das Escrituras Védicas impessoais. Assim, o Hincluísmo dá liberdade para a incorporação, em seu seio, de cultos e profetas de todas as épocas e terras. As Escrituras Védicas regulam não apenas as práticas de devoção mas todos os costumes sociais importantes, num esforço para harmonizar cada ação do homem com a lei divina.
[394] Palavra sânscrita que inclui muitos significados, equivalente a "lei"; conformidade com a lei ou justiça natural; dever inerente às circunstâncias em que o homem se encontra em determinado momento. As Escrituras definem **Márina** como "as leis universais naturais, cuja observância permite ao homem salvar-se da degradação e do sofrimento"
[395] Mateus, 7:21.

Em minha última noite em Wardha, falei ao público que fora convocado pelo sr. Desai, no salão da prefeitura local. No recinto, e até no peitoril das janelas, aglomeravam-se cerca de quatrocentas pessoas, reunidas para ouvir minha palestra sobre ioga. Expressei-me primeiramente em hindi e depois em inglês. Nosso pequeno grupo retornou ao áshram em tempo de dirigir um olhar de boa-noite ao Mahátma, absorto em sua correspondência e em sua paz.

Ainda era noite quando me levantei às cinco horas. A vida da aldeia começava a animar-se: primeiro um carro de bois à porta do ásbram, depois um lavrador com sua pesada carga equilibrada precariamente na cabeça. Terminada a primeira refeição, nosso trio procurou Gandhí para os prônams de despedida, O santo levanta-se às quatro horas para a sua prece matutina.

- Mahátmaji, adeus! - ajoelheí-me para tocar-lhe os pés. - Sob sua guarda, a índia não corre perigo.

Anos transcorreram após o idílio de Wardha; a terra, os oceanos e os céus escureceram com o mundo em guerra. Sozinho entre grandes líderes, Gandhí ofereceu, às forças armadas, a alternativa prática da não-violência. Para reparar queixas e remover injustiças, o Mabátma empregou recursos não-violentos que reiteradamente provaram sua eficácia. Sua doutrina, ele a expõe nestes termos:

“Verifiquei que a vida persiste em meio à destruição. Deve

existir, portanto, uma lei superior à da destruição. Unicamente sob essa lei se poderá conceber a sociedade organizada e a vida digna de ser vivida.

“Se essa é a lei da existência, devemos praticá-la na rotina diária. Sempre que houver guerras, sempre que nos defrontarmos com um oponente: conquistar pelo amor. Descobri que a lei do amor tem correspondido com amor, em minha própria vida, enquanto a lei da destruição me deixaria só.

“Na índia, tivemos a prova ocular da operação desta lei, na mais ampla escala possível. Não proclamo que a não-violência tenha penetrado nos corações dos 360.000.000 de habitantes da índia, mas proclamo, sim, que em tempo incrivelmente curto penetrou mais fundo que qualquer outra doutrina.

“Para atingir o estado mental de não-violência, exige-se um treinamento demorado e rigoroso. É uma vida de disciplina, como a vida do soldado. Alcança-se o estado perfeito quando a mente, o corpo e a palavra consumam sua coordenação. Todo problema evoluirá para uma solução se decidirmos fazer da lei da verdade e da não-violência a lei da vida”.

A marcha inflexível dos acontecimentos políticos mundiais salienta inexoravelmente a verdade de que, sem visão espiritual, um povo perece. A ciência, se a religião não o fez, despertou na humanidade um obscuro senso de insegurança e até da insubstancialidade de todas as coisas materiais. Para onde, em verdade, poderá o homem ir agora, senão para sua Fonte e Origem: o Espírito dentro do próprio ser humano?

Consultando a História, pode-se declarar que o uso da força bruta nunca resolveu um só dos problemas do homem. A Primeira Guerra Mundial, para arrepio da Terra, produziu uma bola-de-neve de pavoroso carma que, aumentando, converteu-se na Segunda Guerra Mundial. Somente o calor da fraternidade pode derreter a atual e gigantesca bolade-neve de carma sanguinário ou, do contrário, avolumando-se, ela provocará a Terceira Guerra Mundial. Pecaminosa, não santíssima trindade do século vinte! O uso da lógica da selva, em vez do raciocínio humano, para liquidar com disputas, fará o planeta regredir a uma selva. já que não são irmãos na vida, então se fazem irmãos na morte violenta. Não foi para semelhante ignomínia que Deus amorosamente permitiu ao homem descobrir a liberação das energias atômicas!

A guerra e o crime não compensam. Os bilhões de dólares que se evolaram no fumo de uma bomba explodida, convertida em nada, teriam sido suficientes para construir um mundo melhor, livre de quase todas as enfermidades e absolutamente livre de pobreza. Não uma Teria de medo, caos, fome, peste a danse macabre, mas uma Terra sem fronteiras de paz, prosperidade e conhecimentos de crescente amplitude.

O apelo de Gandhi à não-violência fala à suprema consciência do homem. Que as nações não mais sejam as aliadas da morte, mas da vida; não da destruição, mas da construção; não do ódio, mas dos milagres criadores do amor.

Ensina o Mahábhárata: “Deve-se perdoar qualquer ofensa. A continuação das espécies tornou-se possível graças à capacidade humana de perdoar. O perdão é santidade; pelo perdão, o universo se mantém coeso. O perdão é a força dos fortes; o perdão é sacrifício; o perdão é a tranqüilidade da mente. Perdão e doçura são qualidades de quem é o senhor de si mesmo. Representam a virtude imperecível”.

A não-violência é o fruto natural da lei de perdão e amor. Gandhi proclamou: “Se for necessário perder uma vida numa batalha justa, deve-se estar preparado, como Jesus, para derramar o próprio sangue: não o dos outros. E por fim, haverá menos sangue vertido no mundo”.

Algum dia, uma epopéia será escrita sobre os satyágrabís da índia que resistiram ao ódio com o amor, à violência com a não-violência e se deixaram impiedosamente assassinar, em vez de empunhar armas. Disto resultou que, em certas ocasiões históricas, foram os adversários que jogaram ao chão as armas e fugiram - cheios de vergonha, abalados em suas convicções mais profundas, à vista de homens que valorizavam a vida dos outros acima da sua própria.

Disse Gandhi: “Eu preferiria esperar, se necessário durante séculos, a procurar a liberdade de minha pátria através do derramamento de sangue”. E a Bíblia nos adverte: “Todos os que empunharem a espada, morrerão pela espada”[396]. O Mabátina escreveu:

“Denomino-me nacionalista, mas meu nacionalismo é tão amplo como o universo. Inclui em sua vastidão todas as nações da Terra[397]. Meu nacionalismo inclui o bem-estar do mundo inteiro. Não desejo que a minha índia se levante das cinzas de outras nações. Não quero que a índia explore um único ser humano. Quero que a índia seja forte, para que ela possa contagiar com sua força também as outras nações. Isto não ocorre, hoje, a nenhuma nação da Europa; elas não transmitem força às outras.

O presidente Wílson mencionou os seus belos catorze pontos, mas disse: “Afinal, se este esforço nosso para atingir a paz vier a fracassar, temos nossas armas para recorrer de novo a elas”.

- Quero inverter essa posição e dizer: Nosso armamento já fracassou. Vamos procurar algo novo; experimentemos a força do amor e de Deus que é a verdade. - Quando tivermos essa força, nenhum outro recurso será necessário”.

Pelo treinamento que o Mabátina deu a milhares de verdadeiros satyágrahís (os que professaram os onze votos rigorosos mencionados na primeira parte deste capítulo) os quais, por sua vez, propagaram a sua mensagem; por sua paciente educação das multidões hindus para que compreendessem os benefícios espirituais e eventualmente materiais da não-violência; por equipar seu povo com armas não-víolentas: a ausência de cooperação com a injustiça, a disposição voluntária para suportar os ultrajes, a prisão e a própria morte em vez de recorrer às armas; e por recrutar a solidariedade do mundo através de exemplos inúmeros de heróico martírio entre os satyágrahís, Ganclhi retratou dramaticamente o caráter prático da não-violência, seu poder solene de resolver disputas dispensando a guerra.

Gandhi, já conquistou, por meios não-violentos, maior número de concessões políticas para sua terra que as obtidas por qualquer outro líder, de qualquer outro país, à custa de balas.

Os métodos não-violentos para a erradicação de todos os males e injustiças têm sido notavelmente aplicados, não só na arena política, mas no campo complexo e delicado das reformas sociais da índia. Gandhi e seus seguidores puseram fim a muitas velhas querelas entre maometanos e hindus; centenas de milhares de muçulmanos encaram o Mabátina como seu líder. Os intocáveis encontraram nele o paladino destemido e triunfante: - Se existir um renascimento para mim - escreveu ele - quero nascer como pária entre os párias, porque assim poderei prestar-lhes um serviço mais eficaz[398].

O Maliátina é, em verdade, uma “grande alina”. Entretanto, os que tiveram o discernimento de conferir-lhe este título foram milhões de analfabetos. Este manso profeta é venerado em sua pátria. O camponês mais inferior colocou-se à altura do superior desafio de Gandhi. O Mahátma acredita com toda sinceridade na inerente nobreza do homem. As falhas inevitáveis nunca o desiludiram. Escreveu: “Mesmo que seu oponente o tenha enganado vinte vezes, um satyágrahí está pronto a confiar nele pela vigésima primeira vez, pois uma confiança ímplícita na natureza humana é a verdadeira essência de seu credo[399].

---

[396] Mateus, 26:52. Esta é uma das numerosas passagens bíblicas das quais se infere necessariamente a reencarnação do homem. Muitas das complexidades da vida somente são explicáveis quando o homem compreende a lei cármica da justiça.

[397] “Que o homem não se ufane por amor a seu país; mas, antes, que se ufane por amor.à sua espécie”. - Provérbio persa.

[398] Gandhi chamava aos parias ou sem casta, **harijãs,** “filhos de Deus”. Ainda em vida do Mahátma, eles passaram a ser eleitos para as legislaturas provinciais; um deles veio a ser ministro da República. Foram os jejuns de Gandhi que provocaram esse progresso. Com um jejum, templos famosos da ortodoxia hindu, bem como universidades, abriram suas portas aos chamados intocáveis. Quanto à reforma agrária, Gandhí advogava doações voluntárias de terras. Seu discípulo, Vinoba Bhave, homem de fé e de renúncia, valendo-se apenas da prece e da persuasão moral, conseguiu obter a di visão voluntária de grandes latifúndios, em benefício dos camponeses.

[399] “Então Pedro se aproximou e disse: - Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim e eu lhe perdoarei? Até sete? - Jesus lhe respondeu: - Não te digo até sete, mas até setenta vezes sete” (**Mateus,** 18:21-22)
0 rei profundamente para compreender este conselho inflexível. - Senhor - protestei - é possível perdoar tanto? - Quando a Voz Divina afinal respondeu, trouxe-me, num dilúvio de luz, uma renovação de humildade: - Quantas vezes, ó Homem, Eu perdoo a cada criatura diariamente?

- Mabátmaji, o senhor é um homem excepcional. Não deve esperar que o mundo tenha o seu comportamento. - Um crítico fez-lhe, certa vez, esta observação.

- É curioso como nos iludimos a nós mesmos, imaginando que podemos melhorar o corpo, mas que é impossível despertar os poderes ocultos da alma - replicou Gandhi. - Empenho-me na tentativa de mostrar que, se possuo algum desses poderes, sou um mortal tão frágil como qualquer outro e nunca houve, nem há agora, nada de extraordinário a meu respeito. Sou um simples indivíduo, sujeito a errar como qualquer companheiro mortal. Reconheço, que possuo humildade bastante para confessar meus erros e corrigir os passos que dei. Admito que tenho uma fé inalterável em Deus e em Sua bondade, e uma paixão inextinguível pela verdade e pelo amor. Mas não é isso o que toda pessoa tem latente em si? - E acrescentou: - Se podemos fazer novas descobertas e invenções no mundo dos fenômenos, devemos declarar nossa falência no domínio espiritual? Será impossível multiplicar as exceções de modo a torná-las a regra? Deve o homem, sempre, ser primeiro um bruto e só depois um homem, se chegar a tanto?[400]

Os norte-americanos podem recordar com orgulho o êxito que teve a experiência de não-violência de William Perin, fundador de uma povoação na Pensilvânia, no século 17. Ali "não havia fortalezas, nem soldados, nem milícia, nem mesmo armas". Em meio às selvagens guerras de fronteiras e às carnificinas que repetidamente ocorriam entre os novos colonos e os pele-vermelhas, só os quacres da Pensilvânia nunca foram molestados. "Outros foram assassinados, outros foram massacrados; eles, porém, continuavam a salvo. Nenhuma mulher quacre foi assaltada; nenhuma criança quacre foi morta; nenhum homem quacre foi torturado". Quando os quacres, afinal, foram obrigados a renunciar ao governo do Estado, "rebentou a guerra e houve colonos da Pensilvânia assassinados. Mas só três quacres foram mortos: aqueles que chegaram ao extremo de renegar a sua fé com o porte de armas defensivas".

- O recurso à força na Primeira Grande Guerra não trouxe a tranqüilidade - assinalou Franklin D. Roosevelt. - A vitória e a derrota foram igualmente estéreis. O mundo deveria ter aprendido essa lição.

Ensinou Lao-tse: "Quanto mais armas de violência, mais miséria para a humanidade. O triunfo da violência culmina num festival de luto ".

- Estou lutando pela paz do mundo, e por nada menos que a paz - declarou Gandhi. - Se o movimento indiano alcançar êxito nas bases não-violentas de Satyágraha, dará um novo significado ao patriotismo; e, se e que posso dizer isto com inteira humildade, um novo significado à própria vida.

Reflita o Ocidente, antes de rejeitar o programa de Gandhi como G de um sonhador pouco prático, nesta definição de Satyagraha dada pelo Mestre da Galiléia:

"Ouviste que foi dito: olho por olho e dente por dente; mas eu vos digo: não resistais ao mal (com o mal); mas a quem vos bater na face direita, oferece também a esquerda".

A época de Gandhi prolongou-se, com a bela precisão do metrônomo cósmico, até a metade de um século já desolado e devastado por duas Guerras Mundiais. Uma divina caligrafia aparece no muro de granito de sua vida: uma advertência contra mais derramamento de sangue entre irmãos.

O Mabátma Gancibi visitou Yogôda Sat-Sanga Brahmachárya Vídyaláya, escola secundária com treinamento de ioga, em Ranchí, Índia. Amavelmente escreveu as palavras acima, no livro dos visitantes. Eis a tradução:

"Este instituto deixou profunda impressão em minha mente. Nutro grandes esperanças de que esta escola venha a incentivar, dentro em breve, o uso prático da roda de fiar".

(assinado) Mohandas Gandhi 17 de setembro de 1925

Mahátma Gandhi

In Memoriam

---

[400] Charles P. Steinmetz, o grande engenheiro eletricista, foi interpelado, certa vez, pelo sr, Reger W. Babson: "Em que rumo a pesquisa científica encontrará maior desenvolvimento dentro dos próximos cinqüenta anos? Steinmetz respondeu: "Penso que a maior descoberta será feita no campo da espiritualidade. Aí estão forças, e a História nos ensina claramente, que tiveram a maior influência no desenvolvimento dos homens. Apesar disso, 410 estivemos até aqui simplesmente brincando com elas e nunca as estudamos com a seriedade que demos às forças físicas. Algum dia, homens e mulheres aprenderão que as coisas materiais não trazem felicidade e são de pouca utilidade para torná-los criadores e poderosos. Então, os cientistas do mundo inteiro voltarão seus laboratórios **para** o estudo de Deus, da prece e de forças espirituais que, até hoje, mal foram pesquisadas. Quando esse dia chegar, o mundo verá mais progresso, numa só geração, do que conheceu nas quatro áltimas".

“Ele era, no verdadeiro sentido, o pai da nação, e um desvairado o assassinou. Centenas de milhões se lamentam porque a luz se apagou ... A luz que brilhou neste país era Lima luz invulgar. Durante milênios, essa luz será visível em nossa terra e o mundo a verá fulgir”. Assim falou o Primeiro Ministro da índia, Jawaharlal Nehru, logo após o assassínio de Mahátma Gandhi, em Nova Delhi, em 30 de janeiro de 1948.

Cinco meses antes, a índia alcançara pacificamente a sua independência nacional. Terminara a obra do Mabátma, então com 78 nos; ele sabia que sua hora estava próxima. “Ava, traga-me todos os papéis importantes” disse ele à sua neta na manhã da tragédia. “Devo responder hoje. Amanhã talvez seja tarde”. Em numerosos trechos de seus escritos, Gandhi também insinuou que já conhecia seu destino final.

Quando, moribundo, o Mahátrna tombava lentamente ao solo, com três balas em seu corpo frágil e esgotado, ele ergueu as mãos no gesto tradicional de saudação hindu (prônam), concedendo silenciosamente o seu perdão. Artista ingênuo como fora em todas as circunstâncias de sua vida, Gandhi veio a ser um artista supremo no instante de sua morte. Todos os sacrifícios de sua vida altruísta tornaram possível aquele derradeiro gesto de amor.

Albert Einstein, em seu tributo ao Mabátma, escreveu: “Talvez as gerações vindouras dificilmente acreditem que alguém como ele, em carne e osso, tenha caminhado, um dia, sobre a terra”. Um despacho do Vaticano, de Roma, afirmava: “O assassinato causou grande consternação aqui. Gandhi é pranteado como um apóstolo das virtudes cristãs”.

Férteis em significado simbólico são as vidas de todos os grandes seres que vieram à Terra para encarecer e realizar uma justiça específica. A dramática morte de Gandhi, pela causa da unidade indiana, realçou luminosamente sua mensagem para um mundo estraçalhado por desuniões em cada um dos continentes. Essa mensagem, ele a afirmou em palavras proféticas:

“A não-violência nasceu entre os homens e viverá. Ela é a precursora da paz mundial”.

Capítulo 45 - A "Mãe Saturada de Beatitude"

Senhor, peço-lhe que não deixe a índia sem antes conhecer Nirmala Devi. Sua santidade é intensa: ela é conhecida em toda a parte como Ananda Moyi Ma (Mãe saturada de Beatítude) - Minha sobrínha, Amiyo Bose, olhava-me suplicante.

- Sem dúvida! Quero muito ver esta santa mulher. - E acrescentei: - Tenho lido sobre o seu adiantamento da realização divina. Um artigo sobre ela apareceu há anos atrás na revista East-West.

- Estive com ela - prosseguiu Amiyo. - Ananda Móyi Ma visitou recentemente minha cidadezinha de jamshedpur. Instada pelas súplicas de um discípulo, ela foi à casa de um moribundo. Permaneceu junto ao leito do agonizante e quando lhe tocou a testa com a mão, o estertor da morte cessou. A doença desapareceu no mesmo instante; com surpresa e alegria, o homem viu-se curado.

Poucos dias depois, eu soube que a Mãe Beatífica estava hospedada em casa de um discípulo no bairro Bhowanipur de Calcutá. O sr. Wright e eu partimos imediatamente da residência de meu pai naquela mesma cidade. Quando o Ford se aproximava da moradia de Bhowanipur, meu companheiro e eu presenciamos uma cena invulgar em plena tua.

Ananda Moyi Ma encontrava-se de pé, num conversível de capota abaixada, abençoando uma centena de discípulos, Tudo indicava que ela ia partir dali. O sr. Wright estacionou o Ford a alguma distância e acompanhou-me a pé até a multidão silenciosa. A santa lançou um olhar em nossa direção, desceu do carro e caminhou ao nosso encontro.

- Pai, o senhor veio! - Com estas palavras de fervor, falando em bengali, ela pôs o braço em volta de meu pescoço e a cabeça em meu ombro. O sr. Wright, a quem eu acabara de dizer que não conhecia a santa, deleitava-se imensamente com esta extraordinária demonstração de boas vindas. Os olhos de uma centena de chelas também estavam fixos, com certa surpresa, no afetuoso quadro vivo.

Eu percebera instantaneamente que a santa se encontrava em elevado estado de samádhi. Esquecida de sua aparência externa como mulher, só tinha consciência de ser uma alma imutável; desse plano, saudava com júbilo um outro devoto de Deus. Ela me conduziu pela mão eo automóvel.

Ananda Moyi Ma, estou retardando a sua viagem! - protestei.

- Pai, estou me encontrando com o senhor pela primeira vez nesta vida, depois de séculos! - disse ela. - Por favor, não me deixe ainda.

Sentamos juntos no assento traseiro do carro. A Mãe Beatífica entrou logo em estado imóvel de êxtase. Seus belos olhos ergueram-se em direção ao céu e estabilizaram-se, semi-abertos, sondando o Paraíso interno, tão distante e tão próximo. Os discípulos cantavam suavemente: "Vitória à Mãe Divina!"

Encontrara eu, na índia, muitos homens com a realização de Deus, mas nunca uma santa de tal sublimidade. Sua face delicada tinha o brilho da inefável ventura que lhe valera o título de Mãe Saturada de Beatitude. Longas tranças negras caíam livremente por trás de sua cabeça que nenhum véu recobria. Em sua fronte, um sinal vermelho de pasta de sândalo simbolizava o olho espiritual, sempre aberto em seu interior. Rosto pequeno, mãos pequenas, pés pequenos - que contraste com sua magnitude espiritual!

Fiz algumas perguntas a uma discípula próxima da santa, enquanto esta permanecia em transe.

- A Mãe Beatifica viaja extensamente pela índia; em muitas regiões, ela tem centenas de discípulos - disse-me a chela. - Seus corajosos esforços permitiram a realização de muitas reformas sociais desejáveis. Embora seja brâmane, a santa não reconhece distinções de casta[401]. Um grupo de discípulos viaja sempre com ela, cuidando de seu conforto. Nós temos de ser mães para ela, pois não toma conhecimento de seu próprio corpo. Se ninguém lhe dá alimento, não come nem pede. Mesmo quando as refeições são colocadas à sua frente, ela não 2s toca. Para evitar seu desaparecimento deste mundo, nós, os discípulos, a alimentamos com nossas próprias mãos. Durante dias consecutivos, costuma permanecer em transe divino, quase sem respirar, e com os olhos imóveis. Um de seus principais discípulos é o marido. Há muitos anos atrás, logo após o casamento, ele fez voto de silêncio.

A chela apontou para um homem de ombros largos, feições harmoniosas, cabelos compridos e barba grisalha, Ele se encontrava de pé, silencioso em meio ao grupo, as palmas das mãos unidas na atitude reverente do discípulo.

---

[401] Ananda Moyi Ma nasceu em 1896 na aldeia de Kheora, no distrito de Tripura, em Bengala oriental.

Emergindo de seu mergulho refrescante no Infinito, Ananda Moyi Ma focalizava sua consciência, desta vez, no mundo material.

- Pai, diga-me, por favor, onde é a sua morada. - Sua voz era clara e melodiosa.

Atualmente, em Calcutá ou Ranchi; mas, em breve, regressarei à América.

- América?

- Sim, uma santa hindu será ali muito estimada pelos que buscam a espiritualidade. Você gostaria de ir?

- Se o Pai me levar, irei.

Esta resposta provocou alarme entre os discípulos que estavam mais perto.

- Vinte ou mais discípulos sempre viajam com a Mãe Beatifica disse-me um deles, com firmeza. - Não poderíamos viver sem nossa Mãe. Aonde ela for, iremos nós.

Abandonei meu plano, com relutância, pois ele adquiria proporções impraticáveis de crescimento espontâneo!

- Por favor, venha pelo menos a Ranchí com seus devotos disse eu ao me despedir da santa. - Você, que é uma criança divina, apreciará os pequeninos da minha escola.

- Quando o Pai me levar, irei com prazer.

Pouco tempo depois, a Vídyaláya de Ranchi engalanou-se para a prometida visita da santa. Os meninos aguardavam ansiosos qualquer dia de festa - sem lições, mas com horas de música e uma refeição festiva para culminar!

- Vitória! Ananda Moyi Ma, ki jai! - Este canto, reiterado por grupos de entusiásticas gargantas infantis, saudou a comitiva da santa ac, cruzar os portões da escola. Chuvas de flores de calêndula, címbalos a tinir, grandes búzios assoprados vigorosamente, e o tambor mridânga a rufar!

A Mãe Saturada de Beatitude vagou sorridente pelos terrenos ensolarados da Vídyaláya, sempre carregando dentro de si, -o paraíso portátil.

- É lindo aqui - disse graciosamente Ananda Moyi Ma, quando q introduzi no edifício da sede. Sentou-se a meu lado, com um sorriso de menina. Dava a impressão de ser a amiga mais íntima e, no entanto, uma aura de distanciamento a envolvia sempre - o paradoxal isolamento da Onipresença.

- Por favor, conte-me algo de sua vida.

- O Pai já sabe de tudo; para que repetir? - Ela sentia, evidentemente, que os fatos de uma breve encarnação nem sequer mereciam referência.

Rindo, insisti delicadamente em meu pedido.

- Pai, pouco tenho a dizer. - Ela estendeu as mãos graciosas em gesto de quem suplica perdão. - Minha consciência nunca se associou a este corpo temporário. Antes de vir a este mundo, Pai, “eu era a mesma”[402]. Em menina, “eu era a mesma”. Cresci e me fiz mulher, ainda “eu era a mesma”. Quando a família na qual nasci, empreendeu ajustes para que este corpo casasse, “eu era a mestria”. E agora, Pai, em sua presença, “eu sou a mesma”. Depois desta vida, embora, a meu redor a dança da criação se modifique nos salões da eternidade, eu serei a mesma “.

Ananda Moyi Ma sumiu-se em profundo êxtase. Sua figura adquiriu imobilidade de estátua; ela voara para seu reino, o do apelo eterno. As escuras lagoas de seus olhos apresentavam-se mortas e vítreas. Esta expressão costuma aparecer quando os santos removem sua consciência do corpo físico que não passa, então, de uma peça de argila sem alma. Sentamos juntos durante uma hora, em transe extático. Ela voltou a este mundo com um pequeno riso de alegria.

Por favor, Ananda Moyi Ma - disse eu - venha comigo ao jardim. O sr. Wright vai tirar algumas fotografias.

- Pois não, Pai. Sua vontade é a minha. - Seus olhos gloriosos retinham um imutável esplendor divino, ao posar para vários retratos.

---

[402] Ananda Moyi Ma, ao se referir a si mesma, não diz “eu”; usa circunlóquios como “este corpo”, “esta rnenina”ou “sua filha”. Também nunca se refere a qualquer pessoa como seu “discípulo”. Com sabedoria impessoal, ela concede a todos, sejam devotos antigos ou recém-vindos, o divino amor da Mãe Universal.

Hora do banquete! Ananda Moyi Ma cruzou as pernas sobre o cobertor que lhe servia de assento, tendo um discípulo junto ao seu ombro para alimentá-la. A santa, parecendo criancinha, engolia obedientemente a comida que o discípulo lhe punha nos lábios. Era óbvio que a Mãe Saturada de Beatitude não via diferença entre o molho de caril e as frutas cristalizadas!

Ao acercar-se o crepúsculo, a santa partiu, com sua comitiva, sob uma chuva de pétalas de rosa, enquanto com as mãos erguidas, abençoava os meninos. Seus rostinhos expressavam, iluminadamente, o afeto que ela despertara neles sem qualquer esforço.

"Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças proclamou o Cristo, "este é o primeiro mandamento"[403].

Rejeitando todo apego inferior, Ananda Moyi Ma jura fidelidade exclusiva ao Senhor. Com a lógica segura da fé, e jamais recorrendo às distinções excessivamente rebuscadas dos eruditos, a santa, em sua singeleza de menina, resolveu o único problema da vida humana estabelecer unidade com Deus.

O homem esqueceu esta simplicidade absoluta, nublada hoje por mil complicações. Recusando um amor monoteísta ao Criador, as nações tentam mascarar sua infidelidade com o respeito escrupuloso ao culto exterior da caridade. Estes gestos humanitários são virtuosos porque, durante um momento, desviam o homem da adoração de si mesmo, -mas não o eximem de sua primordial responsabilidade na vida, "o primeiro mandamento" a que Jesus se referiu. A edificante obrigação de amar a Deus é contraída pelo homem desde que ele respira pela primeira vez o ar concedido gratuitamente por seu único Benfeitor[404].

Após sua visita à escola de Ranchi, mais uma vez tive oportunidade de ver Ananda Moyí Ma. Alguns meses depois, ela e seu grupo esperavam por um trem na plataforma da estação de Serampore.

- Pai, vou ao Himalaia - disse-me ela. - Pessoas bondosas construíram para nós um eremitério em Dehra Dun.

Assistindo ao seu embarque, maravilhei-me ao constatar que, fosse em meio à multidão, num trem ou num banquete, ou ainda sentada em silêncio, seus olhos nunca se desviavam de Deus.

Dentro de mim, ainda escuto sua voz, um eco de doçura imensurável:

Veja, agora e sempre unida ao Eterno, "eu sou sempre a mesma ".

[403] Marcos, 12:30

[404] "Muitos sentem a necessidade de criar um mundo novo e melhor. Em vez de permitir aos seus pensamentos que se demorem neste assunto, você deveria concentrar-se Naquele em Cuja contemplação há esperança de perfeita paz, É dever do homem procurar Deus ou a Verdade". - Ananda Moyi Ma.

Capítulo 46 - A mulher iogue que nunca se alimenta

Senhor, para onde vamos esta manhã? - Dirigindo o Ford, o sr. Wright desviou os olhos da estrada o tempo suficiente para me encarar com uma cintilação interrogativa. Ele raramente sabia, de véspera, qual a próxima região de Bengala a descobrir.

- Se Deus quiser - repliquei com devoção - nosso caminho nos levará a conhecer uma oitava maravilha do mundo: uma santa mulher cujo único alimento é o ar puro!

- Os assombros se repetem, depois de Teresa Neumann. - Mesmo assim, o sr. Wright teve um riso ansioso; até acelerou a velocidade do carro. Mais trigo excepcional para o seu moinho; para o seu diário de viagem. O seu não era o de um turista vulgar!'

Acabávamos de deixar para trás a escola de Ranchi; havíamos levantado antes do nascer do sol. Além de meu secretário e de mim, mais três amigos bengalis compunham a comitiva. Sorvemos o ar revigorante, o vinho natural da manhã. Nosso motorista guiava o automóvel com todo o cuidado, entre camponeses madrugadores e carretas de duas rodas, lentamente puxadas por zebus sob a canga, tesolvidos a disputar a estrada a um intruso, provido de buzina.

- Senhor, gostaríamos de saber mais a respeito da santa que jejua.

- Seu nome é Gíri Bala - informei aos meus companheiros.

Ouvi referências a ela, pela primeira vez, há anos atrás, de um amável erudito, Sthiti Lal Nundy. Ele vinha com freqüência à nossa cosa de Gurpar Road para dar lições particulares a meu irmão Bishnu. Disse-me Sthiti Babú: “Conheço Gíri Bala muito bem. Ela usa certa técnica iogue, que lhe permite viver sem alimento. Fui seu vizinho em Nawabganj, perto de Ichapur[405]. Decidi vigiá-la de perto e nunca tive provas de que ingerisse comida ou bebesse. Meu interesse cresceu a tal ponto que procurei o Marajá de Burdwan[406] e pedi-lhe que realizasse uma investigação. Espantado com a história, ele a convidou a ir até o seu palácio. Ela concordou em submeter-se a uma prova. e viveu dois meses fechada num pequeno retiro da residência do marajá. Posteriormente, voltou ao palácio para uma permanência de vinte dias; e, a seguir, para uma terceira prova, de quinze dias. O próprio marajá declarou-me que os três exames rigorosos o convenceram, acima de qualquer dúvida, de que ela jamais comia.”

E concluí: - Esta história de Sthiti Babú permaneceu em minha mente por mais de vinte e cinco anos. Algumas vezes, nos Estados Unidos, eu me indagava se o rio do tempo não tragaria a yógíni[407] antes que eu a pudesse encontrar. Agora, deve ser bem idosa. Ainda não sei onde ela vive, nem se vive. Mas, dentro de poucas horas, chegaremos a Purulia; o irmão de Gíri Bala tem uma casa ali.

Às dez e meia, nosso pequeno grupo conversava com esse irmão, Lambodar Dey, advogado em Purulía.

- Sim, minha irmã ainda vive. Às vezes, ela se demora comigo, aqui, mas neste momento se encontra no lar de nossa família, em Biur. - Lambodar Babú lançou um olhar duvidoso ao Ford. - Penso, Swâmiji, que jamais qualquer automóvel se aventurou até um lugar interiorano tão remoto como Biur. Seria melhor se todos se resignassem aos solavancos de uma carreta de bois.

Nosso grupo, em uníssono, jurou manter-se fiel ao Orgulho de Detroit.

- O Ford vem dos Estados Unidos - disse eu ao advogado. - Seria uma vergonha privá-lo da oportunidade de travar relações com o coração de Bengala!

- Que Ganesh[408] os acompanhe! - disse Lambodar Babú, com uma risada. E acrescentou cortesmente: - Se chegarem até lá, estou certo de que sua visita será um prazer para Gíri Bala. Ela conta quase setenta anos, mas conserva excelente saúde.

- Diga-me, por obséquio, senhor, se é absolutamente verdade que ela de nada se alimenta? - Encarei-o diretamente nos olhos, essas indiscretas janelas da alma.

---

[405] Em Bengala do norte.
[406] Sua Santidade Sir Bijay Chand Mahtab, já falecido. Sua família possui, sedúvida, algun~ registro das três investigações do Marajá a respeito de Gíri Bala.
[407] Mulher iogue
[408] “Removedor de obstáculos”, o deus da boa sorte.

- É verdade. - Seu olhar era franco e leal. - Durante mais de cinco décadas, nunca a vi provar a menor migalha. Se chegasse, de repente, o fim do mundo, eu não ficaria tão surpreendido como se visse minha irmã ingerindo alimento.

A risada foi geral, devido à improbabilidade destes dois acontecimentos cósmicos.

- Gíri Bala nunca procurou a solidão inacessível para suas práticas de ioga - continuou Lambodar Babú. - Sua vida inteira vem transcorrendo no convívio de seus familiares e amigos. Todos estão agora perfeitamente acostumados às estranhas condições em que ela vive. Qualquer um deles ficaria estupefacto se Gíri Bala subitamente resolvesse comer! Minha irmã vive em discreto retiro, como convém a uma viúva hindu, mas nosso pequeno círculo em Purulia e Biur sabe que ela é, literalmente, uma "mulher excepcional".

A sinceridade do irmão era evidente. Nosso pequeno grupo agradeceu-lhe calorosamente e partiu para Biur. Paramos numa loja para comprar luchis e caril, atraindo assim um enxame de garotos que circundou o sr. Wright para vê-lo comer com os dedos, à maneira simples dos indianos[409]. Um exigente apetite nos revigorou para a jornada da tarde; sem que o suspeitássemos naquele momento, ela viria a ser bastante penosa.

Nosso caminho agora, em direção leste, cruzando arrozais queimados pelo sol, levava à zona Burdwan de Bengala. Prosseguíamos por estradas abertas na vegetação densa; as canções de rnaynas e bulbus[410], de pescoço listado, partiam de árvores cujas ramagens se pareciam a enormes guarda-sóis. De vez em quando, topávamos uma carreta de bois; o chiante "rim-rim"do eixo, e das rodas de madeira com aros de ferro, contrastava em nossas mentes, de forma nítida, com o deslizar dos pneus no asfalto aristocrático das cidades.

- Dick, pare - Meu súbito pedido resultou num solavanco de protesto do Ford. - Essa mangueira carregada de frutos está gritando um convite perfeito!.

Como meninos, corremos os cinco para o terreno coberto de mangas; a árvore desprendera prodigamente os seus frutos à medida que se tornavam maduros.

- Muita mangueira nasce para não ser vista - parafraseei - e para desperdiçar sua doçura no chão de pedras.

- Nada igual a isto nos Estados Unidos, hein, Swâmiji? - disse, rindo, Sailesh Mazumdar, um de meus estudantes bengalis.

- Não - admiti, repleto de mangas e de contentamento. - Que falta senti desta fruta no Ocidente! Sem mangas, o paraíso para o hindu é inconcebível!

Atirei uma pedra, fazendo despencar uma beldade orgulhosa do ramo mais alto.

- Dick - perguntei, entre nacos de ambrosia aquecida ao sol tropical - todas as máquinas fotográficas estão no carro?

- Sim, senhor, no porta-malas.

- Se Gíri Bala provar que é uma verdadeira santa, quero escrever a respeito dela no Ocidente. Uma yógini hindu, com poderes tão inspiradores, não deveria viver e morrer desconhecida - como a maioria destas mangas.

Meia hora mais tarde, eu ainda vagava naquela paz silvestre.

- Senhor - observou o sr. Wright - devemos alcançar Gíri Bala antes do poente, a fim de ter luz bastante para as fotografias.

- Ele acrescentou com um sorriso malicioso: - Os ocidentais são um lote de céticos; sem fotos, não se convencem!

Esta pontinha de sabedoria era indiscutível; dei as costas à tentação e entrei de novo no carro.

Você está com a razão, Dick, - suspirei, enquanto avançávamos - sacrifico o paraíso de mangas no altar do realismo ocidental. Temos de conseguir fotografias!

---

[409] Sri Yuktéswar costumava dizer: "O Senhor nos deu os frutos da boa terra. Gostamos de ver nossa comida, cheirá-la e saboreá-la - o hindu gosta de apalpá-la também!"E, se ninguém mais está presente à refeição, não nos desgosta ouvi-la!

[410] Aves canoras da Ásia. O bulbul é o rouxinol oriental.

A estrada se tornou gradativamente mais doentia: rugas na trilha das carretas, tumores de barro endurecido - as tristes enfermidades da velhice. Nosso grupo descia do carro, às vezes, para permitir ao sr. Wright manobrar mais facilmente o Ford, enquanto nós empurrávamos por trás.

- Lambodar Babú disse a verdade - reconheceu Sailesh. - O automóvel não nos transporta; nós é que o transportamos.

Entrar e sair do carro já se tornava monótono, mas nosso tédio se amenizava, de vez em quando, com o aparecimento de uma aldeia, cada uma constituindo um cenário de fantástica simplicidade.

"Nosso caminho se torcia e se recurvava, cruzando bosques de palmeiras entre vilarejos antigos e intactos, aninhados à sombra da floresta - registrou o sr. Wright em seu diário de viagem, em 5 de maio de 1936. - Extremamente fascinantes são estes aglomerados de choupanas de barro e tetos de sapé, com um dos nomes de Deus pintado sobre a porta; muitas criancinhas nuas, brincando inocentemente detinham-se para arregalar os olhos ou fugir selvagemente desta carruagem enorme, preta e sem bois, que cortava, alucinada, a sua aldeia. As mulheres simplesmente espiavam das sombras, enquanto os homens se refestelavam preguiçosamente sob as árvores, à margem do caminho, irias aparentando indiferença. Em certo vilarejo, todos os habitantes tomavam banho alegremente num grande tanque (vestidos, substituindo depois os trajes úmidos por outros secos que pregueavam em redor de seus corpos). As mulheres carregavam água para suas casas em enormes jarras de latão.

"A estrada nos conduzia por montes e regos, como em divertida caçada; fomos sacudidos em todas as direções, mergulhamos em pequenos arroios; obrigamo-nos a seguir por variantes devido a uma estrada pavimentada ainda por terminar; deslizamos por leitos de rios secos e arenosos; e finalmente, quase às cinco horas da tarde, nos aproximamos de nosso destino: Biur. Esta diminuta aldeia no interior do distrito de Balcura, escondida sob a proteção de densa folhagem, é inacessível aos viajantes na estação das chuvas, segundo nos disseram; então, os riachos são torrentes furiosas e as estradas assemelham-se a serpentes cuspindo o seu veneno, a lama.

"Pedindo um guia a um grupo de devotos, que voltava para casa após as orações no templo (fora, no campo sem casas), fomos assediados por uma dúzia os garotos escassamente vestidos, que treparam de ambos os lados do veículo, ansiosos de nos conduzirem à casa de Gíri Bala.

"O caminho levava a um bosque de tamareiras abrigando um grupo de choças de barro, mas antes de alcançá-lo, o Ford inclinou-se momentaneamente em ângulo perigoso, arremessou-se para o alto e voltou ao chão. A estreita trilha, volteando árvores e uma cisterna, conduziu-nos por sobre regos a buracos e sulcos profundos. O carro estacou em uma moita de arbustos; a seguir, encalhou numa pequena elevação de terreno, obrigando-nos a remover parte da terra. Continuamos, lentamente, com toda a precaução. De súbito, a estradinha foi interrompida por uma capoeira, no meio da trilha carroçável, sendo necessário um desvio descendente à beira de um precipício que ia terminar num tanque seco, do qual nos livramos com algum trabalho de sapa. Repetidas vezes, o caminho nos pareceu intransitável, mas ô peregrinação devia continuar; garotos serviçais iam buscar pás e demoliam os obstáculos (bênçãos de Ganesh!), enquanto centenas de crianças e pais nos olhavam com assombro.

"Prosseguíamos, logo, penosamente, a nossa rota, ao longo dos dois antiquíssimos sulcos de carretas; as mulheres nos observavam com olhos muito arregalados, das portas de suas choupanas; os homens seguiam em nosso rastro, de ambos os lados e por trás de nós; e as crianças corriam para aumentar a procissão, o nosso foi talvez o primeiro automóvel a transitar por estas paragens; o "Sindicato dos Transportadores em Carretas de Boi" deve ser onipotente aqui! Que impressão sensacional causávamos nós - um grupo de viajantes com um motorista americano, pioneiros montados num veículo resfolegante, irrompendo diretamente na praça principal de sua aldeia e invadindo seu antigo isolamento e santidade!

"Detivemo-nos numa viela estreita, a uns trinta metros do lar ancestral de Gíri Bala. Sentíamos a emoção do sucesso, após a longa luta com a estrada, coroada por um último trecho, brutal. Acercamo-nos de um grande edifício de tijolos e estuque, com um andar superior, dominando as choças de adobe circunvizinhas; a casa estava passando por consertos, pois em torno dela se via o característico andaime tropical de bambus.

"Com febril esperança e reprimido júbilo, estacamos ante as portas abertas; ali vivia a criatura abençoada pelo Senhor com o sinal dos que não têm fome. Constantemente boquiabertos se mostravam os habitantes da aldeia, jovens e velhos, nus e vestidos - as mulheres, um pouco à distância, mas também interrogativas - homens e meninos, sem nenhum rubor, colados aos nossos tornozelos, enquanto seus olhos fixavam o espetáculo sem precedentes.

"Uma figura baixa logo surgiu no vão da porta - Gíri Bala! Envolvia-se num traje de seda cor-de-ouro baço; segundo o costume tipicamente hindu, ela avançou, espiando-nos com modéstia e hesitação por sob a dobra superior do manto de swadéshi que lhe cobria a cabeça. Seus olhos reluziam como brasas queimando sem chama, por entre as Sombras da mantilha; cativou-nos seu rosto de benevolência e auto-realização, livre da mácula do apego terrestre.

"Ela se aproximou mansamente e concordou em silêncio com o nosso pedido de fotografá-la e filmá-la várias vezes com nossas câmaras[411]. Paciente e tímida, ela suportou nossas técnicas fotográficas, de ajuste e posição e de arranjos de luz. Por fim, tínhamos guardado, 1)ara a posteridade, muitas imagens da única mulher no mundo que se sabe ter vivido sem comer nem beber por mais de cinqüenta anos (Teresa Neumann, naturalmente, jejua desde 1923). Muito maternal era a expressão de Gíri Bala, ao permanecer diante de nós, inteiramente coberta por sua vestimenta solta e flutuante, sem que nada se visse de seu corpo a não ser a face de olhos baixos, as mãos e os pequenos pés. Um rosto de paz invulgar e de inocente equilíbrio - lábios largos, trêmulos, infantis, um nariz feminino, olhos estreitos e reluzentes, e um sorriso pensativo."

Compartilhei das impressões do sr. Wright sobre Gíri Bala; a espiritualidade a envolvia toda, semelhante ao seu véu de suave brilho. Ela fez o gesto de **prônam** diante de mim, conforme a tradicional saudação de uma dona de casa a um monge. Seu encanto simples e sorriso quieto deram-nos uma acolhida superior à oratória melíflua; esquecida ficou a nossa difícil viagem sob a poeira.

A diminuta santa sentou-se de pernas cruzadas na varanda. Embora demonstrasse os sinais da idade, não tinha aspecto macilento; a pele cor-de-oliva conservava sua tradicional tonalidade pura e saudável.

- Mãe - disse eu, em bengali - durante mais de vinte e cinco anos pensei com ansiedade nesta verdadeira peregrinação! Quem me referiu sua vida sagrada foi Sthiti Lal Nundy Babú.

Ela acenou com a cabeça, em sinal de reconhecimento: - Sim, bom vizinho em Nawabgani.

- Atravessei o oceano e estive longe durante muitos anos, mas nunca esqueci meu plano de vê-la, um dia. O drama sublime que a senhora está representando tão imperceptivelmente deveria ser proclamado a um mundo que há longo tempo esqueceu o divino alimento interior.

Por um instante, a santa ergueu os olhos, sorrindo com sereno interesse.

- Babá (Venerado Pai) sabe o que é melhor - respondeu ela, humildemente.

Fiquei contente por ela não ter recebido minha sugestão como uma ofensa; ninguém jamais como os iogues e as ióguines reagirão à idéia de publicidade. Em regra, eles a evitam, desejosos de prosseguir em silêncio a profunda investigação da alma. Uma autorização interna, quando chega a hora, lhes permite exibir suas vidas abertamente, em benefício das mentes que buscam a verdade.

- Mãe - continuei - perdoe-me, então, por sobrecarregá-la com tantas perguntas. Por favor, responda somente às que lhe agradarem; compreenderei seu silêncio também.

Ela estendeu as mãos em gesto gracioso: - Responderei com prazer, na medida em que uma pessoa, insignificante como eu, possa dar respostas satisfatórias.

- Oh, não, insignificante não! - protestei sinceramente. - A senhora é uma grande alma.

- Sou a humilde serva de todos - E fantasticamente, ela acrescentou: - Gosto de cozinhar e de alimentar os outros.

"Passatempo estranho - pensei eu - para uma santa que não come! "

- Que seus próprios lábios me digam, Mãe: é verdade que vive sem nenhum alimento?

- É verdade. - Ela se manteve silenciosa por alguns instantes; seu próximo comentário indicava que estivera lutando com o cálculo mental. - Desde a idade de doze anos e quatro meses até minha idade atual de sessenta e oito (um período superior a cinqüenta anos), -não ingeri alimento nem tomei líquidos.

- Não sente a tentação de comer?

- Se eu sentisse necessidade de alimentos, teria de comer. - Ela afirmou com simplicidade e, não obstante, com uma classe régia, esta verdade axiomática conhecida num mundo que gira em torno de três refeições por dia!

---

[411] 0 sr. Wright filmou também Sti Yuktésmar durante seu último Festival de Solstício de Inverno, em Serampore.

- Mas a senhora se alimenta de alguma coisa! - Havia em meu tom de voz uma objeção.

Entendendo imediatamente, ela sorriu: - Sem dúvida!

- Sua nutrição provém das energias sutis do ar e da luz solar[412]) e do poder cósmico que reabastece seu corpo através do bulbo raquiano.

- Babá sabe. - Ela novamente concordou, em sua maneira de ser suave e sem ênfase.

- Mãe, por favor, conte-me algo de sua vida, de seus primeiros anos. Ela tem profundo interesse para todos na índia e até para nossos irmãos e irmãs além dos mares.

Gíri Bala pôs de lado sua habitual reserva, mitigando a tensão com uma conversa informal.

- Assim seja. - Sua voz era baixa e firme. - Nasci nesta região -de florestas. Minha infância nada teve de excepcional, a não ser a aberração de um apetite insaciável. Meu noivado ocorreu aos nove anos de idade. “Filha”, advertia minha mãe freqüentemente, “trate de controlar sua voracidade. Quando chegar o tempo de viver entre estranhos, em casa da família de seu marido, que pensarão de você, quando a virem comendo sem parar? “

“A calamidade que ela previra, aconteceu. Eu tinha apenas doze anos quando me reuni à família de meu marido em Nawabganj. De manhã, à tarde, e à noite, minha sogra me humilhava para que eu sentisse vegonha de meus hábitos de gula. Suas repreensões foram, porém, urna bênção disfarçada; despertaram minhas tendências espirituais 2dormecidas. Certa manhã, ela foi impiedosa em sua tarefa de ridi-cularizar-me.

“- Nunca mais comerei enquanto viver - disse eu, sentindo a ferroada até a medula - e lhe darei provas em breve.

“- Ah, é? - Minha sogra riu-se com menosprezo. -- Como pode viver sem alimentação quem não pode viver sem superalimentação?

“Este comentário era irrefutável! Contudo, uma resolução de aço apoderara-se de meu coração. Em lugar solitário, procurei meu Pai Celestial. Rezei incessantemente: Senhor, eu Te suplico, envia-me um guru, alguém que possa ensinar-me a viver de Tua luz e não de alimentos.

“Um êxtase me acometeu. Sob um encantamento beatífico, parti para o ghat de Nawabganj, no Ganges. Em caminho, encontrei o sacerdote da família de meu marido.

Venerável senhor - disse eu confiantemente - diga-me, por favor, como poderei viver sem comida.

“Ele demorou os olhos em mim, sem responder. E afinal falou, consoladoramente: - Filha, venha ao templo hoje à noite. Oficiarei uma cerimônia védica especialmente em sua intenção.

“Esta resposta indefinida não era a que eu procurava; continuei a andar em direção ao ghat. O sol matutino perfurava as águas; purifiquei-me, como se fosse para uma iniciação sagrada. Ao me afastar da margem do rio, de roupa molhada sobre o corpo, à luz clara do dia, vi meu mestre materializar-se diante de mim!

“- Minha querida pequena - disse ele com voz de amorosa compaixão - sou o guru enviado por Deus para satisfazer sua prece urgente. Ele ficou profundamente comovido com a essência invulgar dessa prece! De hoje em diante, você viverá da luz astral; os átomos de seu corpo se reabastecerão de carga na corrente infinita.”

Gíri Bala silenciou. Tomei o lápis e o bloco de apontamentos do sr. Wright e traduzi para o inglês alguns trechos de minha conversa a fim de informá-lo.

---

[412] “0 que comemos é radiação; nosso alimento equivale a determinados **quanta de energia”,** disse o dr. George W. Crile, de Cleveland, numa reunião de médicos em Mênfis, em 17 de maio de 1933. Seguem-se trechos de seu discurso: “Os raios do sol fornecem esta radiação importantíssima aos alimentos e estes cedem correntes elétricas ao sistema nervoso, ou seja, ao circuito elétrico do corpo. Os átomos são sistemas solares. São veículos túrgidos de radiação solar, semelhantes a molas em espiral a que se deu corda ou tensão. Ingerimos, sob a forma de alimentos, estes átomos inumeráveis, repletos de energia. Uma vez no corpo humano, estes caminhões abarrotados, veículos tensos, os átomos, são descarregados no protoplasma do organismo, fornecendo-lhe nova energia química, novas correntes elétricas. Todo o nosso corpo é construído por esses átomos: músculos, cérebro e órgãos sensoriais (olhos, ouvidos, etc.)”. Algum dia, os cientistas descobrirão como pode o homem viver diretamente da luz solar. Escreve o dr, William 1.. Lamence, no **New York Times:** “A clorofila é a única substância na natureza que possui, de algum modo, o poder de agir como armadilha da luz solar. Ela aprisiona a energia do sol, armazenando-a na planta. Sem ;sto, vida nenhuma poderia existir. A energia de que precisamos para viver, obtêmo-la da energia solar armazenada na planta que cornemos ou na carne dos animais que comem as plantas. Hoje retiramos do carvão ou do petróleo a energia solar aprisionada na clorofila dos vegetais que viveram há milhõe, de anos atrás. Vivemos do sol, por intermédio da cloroffia”.

A santa reatou a conversação, com voz suave, quase inaudível. “O ghat achava-se deserto, mas meu guru lançou em torno de nós uma aura de luz protetora, para que nenhum banhista vagando por ali nos viesse molestar. Ele me iniciou numa técnica de kria que liberta o corpo cia dependência para com a grosseira alimentação dos mortais. A técnica inclui o uso de certo mantra[413] e um exercício respiratório mais difícil que os realizáveis por uma pessoa comum. Não implica magia nem drogas medicinais; nada além de kria.

Imitando o repórter de um jornal norte-americano que, sem perceber, me ensinou sua arte, interroguei Gíri Bala sobre muitos assuntos que, pensei, seriam de interesse para o mundo. Ela me deu, fracionadamente, as seguintes informações:

Nunca tive filhos; há muitos anos atrás, fiquei viúva. Durmo pouquíssimo, já que sono e vigília são iguais para mim. Medito à noite, cumprindo meus deveres domésticos durante o dia. Sinto ligeiramente a mudança de clima de uma estação para a outra. Nunca estive doente nem sofri jamais qualquer doença. Sinto apenas uma leve dor quando sou ferida acidentalmente. Não tenho excreções físicas. Posso controlar as batidas de meu coração e minha respiração. Contemplo freqüentemente em visões, meu guru e outras grandes almas.

- Mãe - perguntei-lhe - por que não ensina a outros o método de viver sem alimento?

Minhas ambiciosas esperanças foram destruídas no mesmo instante, embora eu pensasse nos milhões de famintos que há no mundo.

- Não - ela abanou a cabeça. - Recebi ordens estritas de meu guru para não divulgar o segredo. Ele não pretende intrometer-se rio drama divino da criação. Os agricultores não me agradeceriam se eu ensinasse muita gente a viver sem alimentos! As frutas deliciosas Jazeriam no solo, sem mais utilidade. Parece que a miséria, a inanição t, a doença são chicotes de nosso carma que nos impelem, por fim, a buscar o verdadeiro significado da vida.

- Mãe - disse eu, lentamente - que adianta então, que utilidade há nisto, em ter sido eleita para viver sem alimentar,

- Provar que o homem é Espírito. - Seu rosto iluminou-se de sabedoria. Demonstrar que, pelo adiantamento na senda de Deus, o homem pode gradualmente aprender a viver da Luz Eterna e não da comida[414].

A santa entrou em profundo estado meditativo. Seu olhar dirigiu-se para cima: a suave profundeza de seus olhos tornou-se inexpressiva. Ela exalou um certo suspiro, prelúdio do transe extático, isento de respiração. Por algum tempo, voara ao reino onde não existem perguntas, ao paraíso da beatitude interior!

A escuridão tropical descera. A luz de uma lâmpada de querosene bruxuleava com intermitência sobre as cabeças de muitos camponeses que se haviam sentado de pernas cruzadas, silenciosamente, nas sombras. Coriscantes vaga-lumes e remotas lâmpadas a óleo das choças teciam rútilos e caprichosos arabescos na noite de veludo. Soava o momento doloroso da partida; uma jornada lenta, tediosa, era a perspectiva do pequeno grupo.

- Gíri Bala - disse eu quando a santa abriu os olhos - dê-me, por favor, uma lembrança: uma pequena tira de um de seus **saris**.

Logo ela voltou com um **sarí** de seda de Benares, oferecendo-a com a mão, enquanto se prostrava repentinamente no solo.

- Mãe - disse eu com reverência - permita-me, com mais razão, tocar os seus pés sagrados!

---

[413] Poderoso canto vibratótio. A tradução literal do sânscrito rnantra é “insiro mento do pensamento”, Significa “sons ideais, inaudíveis, que representam um aspecto da criação; quando vocalizado em sílabas, um mantra constitui uma terminologia universaU. **(Novo Dicionário Internacional** de Webster, 2.' edição). Os poderes, infinitos do som derivam de Aurri, o “Verbo- ou zumbido criador do Motor Cósmico.

[414] 0 estado que dispensa alimento, atingido por Gírí Bala, é um poder iogue mencionado nos Yoga Sutras 3:31, de Patânjali. Ela emprega certo exercício respiratório que afeta o chákra visudha, o quinto centro de energias sutis localizado na espinha. 0 chákra visudha, oposto à garganta, controla o quinto elemento, akash ou éter, infiltrado nos espaços intra-atômicos das células orgânicas. A concentração neste chákra (“roda”) capacita o devoto a viver da energia etérica,
Teresa Neumann nem vive de alimento denso, nem pratica uma técnica iogue científica que a dispense de comer. A explicação oculta-se nas complexidades do carma pessoal. Muitas vidas de dedicação a Deus escondem-se atrás de uma Teresa Neumann ou de uma Gíri Bala, mas seus canais de exteriorização diferem. Entre os santos cristãos que viveram sem comer (apresentavam também os estigmas) destacam-se: Santa Lidwina de Schiedam, a Bem-aventurada Elisabeth de Rent, Santa Catarina de Siena, Dominica Lazarri, a Bem-aventurada Ângela de Foligno e Louise Lateau, esta do século 19. São Nicolau de Flue (o irmão Klaus, eremita do século 15, cuja súplica apaixonada em favor da união salvou a Confederação Suíça) absteve-se de alimento durante vinte anos.

Capítulo 47 - Regresso ao Ocidente

Dei muitas lições de ioga na índia e nos Estados Unidos; mas devo confessar que me sinto extraordinariamente feliz, como hindu, em dar aula a uma classe de estudantes ingleses.

Os membros da classe que eu instruía em Londres riram, compreensivamente; jamais a política perturbou a nossa paz de iogues.

A índia é, agora, uma recordação sagrada. É 26 de setembro de 1936. Estou na Inglaterra para cumprir uma promessa, feita há dezesseis meses atrás, de voltar a Londres para outras conferências.

Também a Inglaterra é receptiva à mensagem intemporal da ioga. Repórteres e cinematografistas fervilhavam como enxames em meu apartamento de Grosvenor House. O Conselho Nacional Britânico da Fraternidade Mundial de Credos organizou uma reunião, em 29 de setembro, na Igreja Congregacionista de Whitefield, onde falei à assembléia sobre o oportuno tema "Corno pode a Fé na Fraternidade salvar a Civilização". As palestras em Caxton Hall, às vinte horas, atraíram multidões: em duas noites, os excedentes esperaram no auditório de Windsor House para a repetição da palestra às vinte e uma horas e meia. As classes de ioga nas semanas seguintes aumentaram tanto que o sr. Wright se viu obrigado a arranjar nossa transferência para outro salão.

A tenacidade inglesa exprime-se admiravelmente nas relações esp rituais. Após minha partida, os estudantes de ioga em Londres orginizaram-se lealmente em um Centro de SRF, mantendo todas as semanas suas reuniões de meditação, através dos anos amargos da Segunda Guerra Mundial.

Semanas inesquecíveis na Inglaterra; dias de passeios turísticos em Londres e, a seguir, na bela zona rural, O sr. Wright e eu usamos o Ford, tão fiel, para visitar o local de nascimento e a tumba de grandes poetas e heróis da história britânica.

Nosso pequeno grupo partiu de Soutbampton para os Estados Unidos, em fins de outubro, pelo "Bremen". A visão da majestosa Estátua da Liberdade no porto de Nova York provocou um nó de alegria e de emoção em nossa garganta.

O Ford, um pouco danificado por suas lutas em solos de velhos continentes, ainda era possante; agora fazia sem dificuldades a viagem transcontinental até a Califórnia. Em fins de 1936 - viva! - chegamos ao Centro de Monte Washington.

As festas de fim de ano celebram-se invariavelmente no Centro ele Los Angeles, com uma meditação coletiva de oito horas, em 24 de dezembro (o Natal espiritual)[415], prosseguindo no dia 25 com um banquete (o Natal social). As festividades neste ano contaram com maior número de participantes, queridos amigos e discípulos, vindos de longe, para acolher amavelmente os três viajantes que acabavam de dar a volta ao mundo.

O banquete de Natal incluiu algumas iguarias, trazidas de uma distância de 24.000 quilômetros, especialmente para esta feliz ocasião: cogumelos gucchi de Cachemira, rasagulla e polpa de mangas enlatadas, biscoitos de papar e um óleo da flor hindu de keora para dar sabor e aroma aos sorvetes. À noite, nos reunimos em volta de uma enorme 1 e cintilante árvore de Natal, perto da lareira onde crepitavam achas de cipreste aromático.

[415] Numa palestra em 17 de dezembro de 1944, Paramahansa Yogananda disse, referindo-se a uma prática que já durava mais de dez anos: "Introduzimos o costume de dedicar, nesta época natalina, um dia inteiro à meditação devota em Cristo e esta idéia nunca morrerá. 0 hábito espiritual de meditar em Cristo, no Natal, será adotado em todo o mundo - eu faço esta predição". Desde 1950, a longa meditação diurna em Monte Washington vem se reali zando em 23 de dezembro, Os membros de SRF em todo o mundo celebram o Natal neste dia especial em seus lares e nos centros ou templos de SRF, recebendo grande auxílio espiritual e bênçãos ao sintonizarem interiormente com os devotos reunidos em meditação na Sede Internacional, O mesmo soerguimento divino pode ser experimentado a qualquer momento pelos que sintonizam com o Conselho de Preces, também sediado em Monte Washing ton, onde orações são feitas diariamente pelos que pedem ajuda para resolver e dissolver seus problemas particulares. (Nota de SRF),

Hora dos presentes! Trazidos de regiões longínquas do mundo Palestina, Egito, índia, França, Itália. Com que trabalho o sr. Wrigbt contava as nossas malas em cada entroncamento ferroviário e em cada alfândega, no estrangeiro, para evitar que mãos sorrateiras recebessem os tesouros destinados aos seres queridos nos Estados Unidos! Fragmentos de oliveira sagrada da Terra Santa; delicadas rendas e bordados da Bélgica e da Holanda; tapetes persas; chales de Cachemira de admirável tessitura; bandejas de madeira de sândalo, perenemente aromadas, de Mysore; pedras conhecidas como "Olho de Shiva", das Províncias Centrais; antigas moedas hindus de dinastias há muito tempo extintas; vasos e taças incrustadas de jóias; miniaturas; tapeçarias; incenso; perfumes; swadéshi, algodão estampado, de tecelagem caseira; trabalhos em laca; esculturas em marfim de Mysore; chinelos da Pérsia com sua excêntrica ponta em forma interrogativa; velhos e estranhos manuscritos com iluminuras; veludos; brocados; gorros de Gandhi; cerâmica; azulejos; peças trabalhadas em bronze; esteiras para oração - um saque a três continentes!

1 ' Jrn a um, distribuí os pacotes vistosamente embrulhados, dispostos em enorme pilha sob a árvore.

- Irmã Gyanamata! - Estendi uma longa caixa à santa senhora norte-americana, de doce olhar e profunda realização, a quem coubera a responsabilidade de dirigir Monte Washington durante a minha ausência'. Das envolturas do papel, ela ergueu um sarí cor-de-ouro, de seda de Bengala.

- Obrigada, senhor; isto traz aos meus olhos o fausto legendário da índia[416].

- Sr. Dickinson! - O pacote seguinte continha um presente que eu comprara num bazar de Calcutá. "O sr. Dickinson gostará disto" pensara eu naquele dia. Discípulo muito querido, o sr, E. E. Dickinson estivera presente a todas as festas de Natal, desde 1925, ano da fundação do Centro de Monte Washington.

Nesta décima primeira celebração anual, ele permanecia de pé à minha frente, desatando as fitas de um pacote oblongo.

- A taça de prata! - Lutando com suas emoções, ele contemplou o presente, uma longa taça para bebida. Sentou-se a alguma distância, aparentando deslumbramento. Sorri para ele, afetuosamente, antes de retomar meu papel de Papai Noel.

A noite de exclamações encerrou-se com uma prece ao Doador de todas as dádivas; e, a seguir, um grupo entoou canções de Natal.

Alguns dias mais tarde, o sr. Dickinson conversava comigo.

- Senhor - disse ele - permita-me agora que eu lhe agradeça pela taça de prata. Não pude encontrar palavras na noite de Natal.

- Eu trouxe aquele presente especialmente para o senhor.

- Durante quarenta e três anos esperei por esta taça de prata! É, uma longa história, que venho guardando oculta dentro de mim. -- O sr. Dickinson olhou-me timidamente. - O começo foi dramático; eu estava me afogando. Meu irmão mais velho me empurrara, por brincadeira, para dentro de uma lagoa de quatro metros e meio de profundidade, numa pequena cidade de Nebraska. Eu tinha, então, apenas cinco anos. Quando ia me afundar pela segunda vez, uma ofuscante luz multicolorida apareceu, enchendo todo o espaço. No centro estava a figura de um homem com olhos tranqüilos e sorriso confiante. Meu corpo submergia pela terceira vez quando um dos companheiros de meu irmão curvou um alto e delgado salgueiro, em ângulo estreito com as águas, de modo que eu pudesse agarrá-lo com meus Jedos desesperados. Os meninos içaram-me para a margem e prestaram-me, com êxito, os primeiros socorros.

-Doze anos mais tarde, quando já era tini jovem de dezessete anos, visitei Chicago em companhia de minha mãe. Estávamos em setembro de 1893; o grande Parlamento Mundial de Religiões realizava suas sessões. Mamãe e eu descíamos uma das ruas principais quando tornei a ver a poderosa radiação de luz. Alguns passos adiante, caminhando devagar, estava o mesmo homem que me aparecera, há anos atrás, em visão. Aproximou-se de um grande auditório e sumiu por trás da porta.

Mamãe - gritei - aquele era o homem que me apareceu quando eu estava me afogando!

---

[416] "Gyanamata"significa "Mãe de Sabedoria". Casada com um professor universitário, encontrou-se com Paramahansa Yogananda em 1927, quando se tornou sua discípula. Cinco anos mais tarde, seu marido a conduziu a Monte Washington, sede internacional de SRF. Três meses depois ele veio a falecer. Naquele mesmo ano, em 1932, Gyanamata tornou-se Irmã da Ordem Monástica de Auto-realização. Abandonou seu corpo, em **nirbikalpa samádhi,** em 17 de novembro de 1951, com a idade de 82 anos.

"Ela e eu nos apressamos a entrar no edifício; o homem estava sentado na plataforma destinada ao conferencista. Não demoramos a saber que era Swâmi Vivekananda[417], da índia. Ao terminar a sua comovente palestra, adiantei-me para encontrá-lo. Sorriu-me benevo1nmente, como se fôssemos velhos amigos. Eu era tão jovem que não sabia como expressar meus sentimentos, mas em meu coração tinha esperanças de que ele se oferecesse para ser meu instrutor. Ele leu o meu pensamento.

"- Não, meu filho, eu não sou o seu guru. - Vivekananda, com seus olhos belos e penetrantes, fitou profundamente os meus. - Seu mestre virá mais tarde. E lhe dará uma taça de prata. - Após uma pequena pausa, Vivekananda acrescentou, sorrindo: - Ele derramará sobre sua cabeça mais bênção do que você está agora em condições de receber.

"Saí de Chicago alguns dias depois - continuou o sr. Dickinson e nunca mais vi o grande Vivekananda. Cada uma das palavras que ele pronunciou, porém, inscrevera-se indelevelmente no mais íntimo de minha consciência. Passaram-se os anos; nenhum instrutor apareceu. Uma noite, em 1925, rezei profundamente a Deus para que me enviasse a meu guru. Algumas horas mais tarde fui despertado do sono pelos acordes de uma suave melodia. Uma banda de entes celestiais, tocando flautas e outros instrumentos, surgiu diante de meus olhos. Depois de impregnar o ar com sua gloriosa música, os anjos desapareceram vagarosamente.

"Na noite seguinte, assisti pela primeira vez a uma de suas conferências aqui em Los Angeles e soube, então, que minha prece fora atendida. "

Sorrimos um para o outro, em silêncio.

- Durante os últimos onze anos, fui seu discípulo de Kriya Yoga continuou o sr. Dickinson. - As vezes, eu cismava sobre a taça de prata; quase me convencera de que as palavras de Vivekananda eram apenas metáforas.

"Na noite de Natal, porém, quando o senhor me entregou a pequena caixa, junto à árvore, vi, pela terceira vez em minha vida, a mesma claridade ofuscante. No minuto seguinte, eu contemplava o presente de meu guru, profetizado por Vivekananda quarenta e três anos antes[418] - uma taça de prata!"

---

[417] Discípulo principal do Mestre Crístico, Paramahansa Ramakrishna.

[418] 0 sr. Dickinson encontrou-se com Swâmi Vivekananda em setembro de 1893 - no mesmo ano em que Paramahansa Yogananda nasceu (5 de janeiro). Vivelcananda evidentemente tinha consciência de que Yogananda de novo se encarnara e que iria aos Estados Unidos para ensinar a filosofia da Indía. Em 1965, o sr. Dickinson, ainda saudável e ativo aos 89 anos, recebeu o título de Yogachárya (instrutor de loga) em cerimônia realizada na Sede Internacional de SRF em Los Angeles. Freqüentemente ele meditava com Yogananda durante longos períodos e nunca deixou de praticar Kriva Yoga três vezes por dia.
Dois anos antes de sua morte, ocorrida em 30 de junho de 1967, Yogachária Dickinson fez uma palestra aos monges de SRF. Forneceu-lhes então um detalhe interessante que se esquecera de mencionar a Paramahânsaji. Disse: "Qu2ndo subi à plataforma do conferencista em Chicago para falar com Swâmi Vivelcanarida, antes que eu pudesse cumprimentá-lo, ele me disse: "Moço, quero que você permaneça fora da (Nota de SRF)

Capítulo 48 - Em Encinitas, na Califórnia

Uma surpresa, senhor! Durante sua permanência em terras estrangeiras, construímos este eremitério em Encinitas. É um presente para quem volta ao lar. Seja bem-vindo! - O sr. Lynn, a Irmã Gyana--nata, Durga Ma e alguns outros devotos conduziram-me, por um portão, a uma alameda ascendente, sombreada de árvores.

Vi um edifício, projetando-se como um grande navio alvíssimo rumo ao oceano azul. A princípio, emudecido, a seguir não reprimindo interjeições como “Oh!”e “Ah!”, e por fim, usando todo o insuficiente vocabulário humano para expressar alegria e gratidão, examinei o áshram - dezesseis salas muito espaçosas, cada uma delas encantadoramente mobiliada.

O majestoso salão central, com largas janelas alcançando o teto, abre-se para um altar de relva, oceano e céu: uma sinfonia em esmeralda, opala e safira. No salão, sobre a cornija da enorme lareira, encontram-se os retratos de Cristo, Bábají, Láhiri Mahásaya e Sri Yuktéswar; sinto que eles derramam suas bênçãos sobre este tranqüilo áshram do Ocidente. Exatamente embaixo do salão, construídas na própria rocha escarpada, duas cavernas destinadas à meditação confrontam os infínitds de céu e mar. Nos terrenos do eremitério existem recantos para o banho de sol, veredas de laje conduzindo a pérgolas sossegadas, roseirais, um bosque de eucaliptos e um pomar.

“Venham ter aqui as boas e heróicas almas dos santos (diz a “Oração para uma Residência”, extraída do Zend-Avesta e fixada a uma das portas do eremitério) e caminhem de mãos dadas conosco, esparzindo as virtudes curativas de seus dons benditos - amplos como a terra, altos como os céus! “

A grande propriedade em Encinitas, na Califórnia, é um presente oferecido a SRF pelo sr. James J. Lynn, um Kriya Yogi cheio de fé e de fidelidade, desde sua iniciação em janeiro de 1932. Homem de negócios norte-americano, com inúmeras responsabilidades (como dirigente de empresas de petróleo e presidente da maior companhia do mundo no ramo de seguros contra incêndio), o sr. Lynn, não obstante, encontra tempo, todos os dias, para a longa e profunda meditação em Kriya Yoga. Levando assim uma vida equilibrada, ele alcançou em samádhi a graça de uma paz imperturbável.

Enquanto estive ira Índia e na Europa (de junho de 1935 a outubro de 1936) o sr. Lynn[419], em afetuosa conspiração com meus correspondentes na Califórnia, impediu que chegasse ao meu conhecimento qualquer palavra sobre a construção do áshram de Encinitas. Que surpresa e deleite!

Durante meus primeiros anos nos Estados Unidos, esquadrinhei o litoral da Califórnia em busca de um pequeno terreno para um áshram à beira-mar. Sempre que deparava com um local apropriado, algum obstáculo surgia invariavelmente para me contrariar. Contemplando agora os terrenos ensolarados de Encinitas, assisto humildemente ao cumprimento da profecia de Sri Yuktéswar, feita num passado distante: “um retiro silvestre ... junto ao oceano”[420].

Poucos meses depois, na Páscoa de 1937, celebrei nos gramados do novo áshram o primeiro de muitos cultos pascais ao sol despontando no horizonte. Como os magos da antigüidade, várias centenas de estudantes contemplaram com veneração o milagre diário: o rito do sol nascente no céu oriental. A oeste, estendia-se o Oceano Pacífico, marulhando seu louvor solene; ao longe, um barquinho de velas brancas e o vôo solitário de uma gaivota. “Cristo, tu ressuscitaste! “Não apenas com o sol da primavera, mas na eterna aurora do Espírito.

Muitos meses felizes transcorreram velozes; no cenário de beleza perfeita que é Encinitas, completei um livro projetado há muito tempo: Cantos Cósmicos. Traduzi para o inglês cerca de quarenta cantos e adaptei-os à notação musical do Ocidente. Incluí o canto de Shânkara, 'Nem nascimento, nem morte”; o antiquíssimo “Hino sânscrito a Brahma”; a canção de Tagore, “Quem está em meu templo?”; e uma série de composições minhas: “Serei sempre Teu”, “Na terra que está além de meus sonhos”, “Surge do céu silencioso”, “Ouve o chamado de minha alma”, “No templo do silêncio”[421].

---

[419] Após a morte de Paramabânsaji, o sr. Lynn (Rajari jânakananda) foi presidente de **Self-Realization Fellowship e de Yogoda Satsanga Society.** A respeito de seu guru, o sr. Lynn disse: “Que celestial é a companhia de um santo! De tudo o que a vida me deu, considero meu maior tesouro os bênção que Paramahânsaji derramou sobre mim”.
0 sr. Lynn entrou em **mahasamádhi** em 1955. (Nota de SRF)

[420] Ver capítulo 12.

[421] Paramahansa Yogananda gravou, em disco, algumas das composições incluídas em **Cantos Cósmicos.** (Nota de SRF).

No prefácio deste livro de canções, narrei minha primeira experiência notável sobre a reação dos ocidentais à música vocal do Oriente. Aconteceu no decurso de uma de minhas conferências públicas; época: 18 de abril de 1926; lugar: o Carnegie Hall, de Nova York.

Em 17 de abril, eu dissera confidencialmente a um estudante norte-americano, o sr. Alviri Hunsicker: - Estou pensando em pedir à assistência que cante um antigo hino hindu "Ó Deus de Beleza"[422].

Ó Deus de Beleza, o Deus de Beleza, eu me curvo aos Teus pés.

Ó Deus de Beleza, ó Deus de Beleza, és o verde das florestas, correnteza és nos rios, altitude nas montanhas, profundeza no oceano.

Ó Deus de Beleza, ó Deus de Beleza, eu me curvo aos Teus pés.

Ó Deus de Beleza, ó Deus de Beleza, para o servidor és trabalho, para o amante és o amor, para o sofredor és consolo, para o iogue, beatitude.

Ó Deus de Beleza, ó Deus de Beleza, eu me curvo aos Teus pés.

O sr. Hunsicker protestara, afirmando que as canções orientais não seriam de compreensão fácil para os norte-americanos.

- A música é uma linguagem universal - respondi. - Os americanos não deixarão de sentir os anseios espirituais neste sublime cântico.

Na noite seguinte, com devoção, as notas de "Ó Deus de Beleza" brotaram de três mil bocas durante mais de uma hora. Querida gente nova-iorquirra, desaparecera o seu cansaço de prazeres fúteis! Os corações pairavam nas alturas, nas asas de um singelo hino de regozijo. Curas divinas ocorreram naquela noite, entre os devotos que entoavam com amor o santo nome do Senhor.

Em 1939, visitei o Centro de SRF em Boston. O dirigente deste grupo de discípulos, o dr. M. W. Lewis[423], alojou-me num apartamento artisticamente decorado. - Senhor - disse o dr. Lewís, sorrindo - durante os primeiros anos de sua permanência nos Estados Unidos, seu alojamento nesta cidade foi um simples quarto, sem banheiro privativo. Desejei que soubesse que Boston pode ostentar alguns apartamentos de alto luxo!

Anos venturosos decorreram na Califórnia, cheios de atividade. Em terrenos de Self-Realization Fellowship em Encinitas, em 1937 junto ao eremitério principal, ergueram-se um ashram para os monges, e um para as monjas, um refeitório, um Retiro para membros e amigos desta organização e uma Capela aberta ao povo. Colunas brancas, em série, de frente para a rodovia, são encimadas por lótus em metal cor de ouro[424].

As numerosas atividades do conjunto de Encinitas incluem o treino multifário de discípulos segundo os ideais de SRF. Cultivam-se frutos e legumes para consumo dos centros de Encinitas e de Los Angeles.

"De um único sangue, Ele fez os homens de todas as nações."[425] Se "fraternidade mundial" é um termo amplo, o homem deve tornar ainda mais ampla sua solidariedade ao próximo, considerando-se a si mesmo um cidadão do mundo. Quem realmente compreende que se trata de "minha América, minha índia, minhas Filipinas, minha Europa, minha África"etc, jamais terá falta de espaço e de oportunidade para uma vida feliz e útil.

Embora o corpo de meu Mestre nunca habitasse outro solo a não ser o da índia, Sri Yuktéswar conhecia esta verdade fraternal:

"O mundo é o meu lar. "

---

[422] Eis a letra da canção do guru Nanak:

[423] 0 dr. Lewis foi vice-presidente de SRF-YSS e um dos diretores da colórna de Encinitas, na Califórnia, até 13 de abril de 1960 quando abandonou o corpo físico. Ao falar durante a Convocação de SRF em 1937 sobre o tema "Meu Guru", disse o dr. Lewis: "Quando pela primeira vez me sentei aos pés de Paramahansa Yogananda em 1920 e vi a compaixão em sens olhos, fiquei irresistivelmente subjugado. Algo adormecido despertou dentro de mim, algo de que me esquecera; e tem estado comigo desde então. Ainizades e laços humanos comuns empalidecem à luz dessa àivina relação entre mestre e discípulo." (Nota de SRF)

[424] Na arte da índia, o lótus simboliza o centro de Consciência Cósmica **(sahasrara)** no cérebro, "o lótus de mil pétalas de Iti7".

[425] Atos, 17:26

Capítulo 49 - O período de 1940 a 1951

"Aprendemos realmente o valor da meditação e sabemos que nada pode perturbar a nossa paz interior. Nas últimas semanas, durante as reuniões, ouvimos as sirenes prenunciadoras de ataques aéreos e o estrondo de bombas de ação retardada, mas nossos estudantes ainda se congregam e apreciam, de começo a fim, nosso ofício religioso, de tanta beleza. "

Esta corajosa mensagem, escrita pelo líder do Centro de SR17 em Londres, foi uma das muitas que recebi da Inglaterra e da Europa devastadas pela guerra durante os anos que precederam a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

O dr. L. Cranmer-Byng, de Londres, ilustre editor da coleção de obras A Sabedoria do Oriente, escreveu-me em 1942:

"Lendo a revista East-West[426], tive consciência da distância que parece existir entre nós; vivemos, aparentemente, em dois mundos diversos. A beleza, a ordem, a calma e a paz chegam a mim de Los Angeles, como um barco carregado das bênçãos e consolações do Santo Graal entra no porto de uma cidade sitiada,

"Vejo, como em sonhos, o bosque de palmeiras e o templo de Encinitas com sua amplidão de oceano e seu panorama de montanhas; e acima de tudo está a confraria de homens e mulheres de tendências espirituais - uma comunidade implantada na unidade, absorvida em trabalho criador e revitalizada pela contemplação ... Saudações a toda a Fraternidade, enviadas por um soldado raso, de sua torre de vigia, aguardando a aurora."

Uma Igreja de Todas as Religiões, em Hollywood, na Califórnia, foi construída por discípulos de SRF e consagrada em 1942. Um ano depois, fundou-se outra igreja, em San Diego, na Califórnia; e mais uma em Long Beach, também na Califórnia, em 1947.[427]

Uma das mais lindas propriedades rurais do mundo, mirífico país de flores, em Pacific Palisades, distrito de Los Angeles, foi doada 9 SRF em 1949. A propriedade, com uma área de 48.500 m² é um anfiteatro da nature2a, cercado de colinas verdejantes. Um grande lago natural, jóia azul engastada num diadema de montanhas, deu à propriedade o seu nome de Santuário do Lago (SRF Lake Shrine). Um curioso moinho holandês abriga uma capela de SRF, impregnada de paz. junto de um jardim aquático, enorme roda hidráulica respinga sua preguiçosa música. Duas estátuas de mármore, provenientes da China, adornam o lugar - uma do Senhor Buda e outra de Kwan Yin (a personificação chinesa da Mãe Divina). Uma estátua de Cristo em tamanho natural, com suas vestes esvoaçantes e com seu rosto impressionantemente iluminado à noite, é visível no alto de uma colina, tendo, a seus pés, uma queda de água.

Aí, no Santuário do Lago, em 1950, ano que assinalou o trigésimo aniversário de SRF nos Estados Unidos[428], consagrei um Monumento à Paz Mundial, em memória do Mahátma Gandhi. Um punhado de cinzas do Mahátma, remetidas da índia, foi guardado como relíquia num sarcófago de pedra datando de mil anos.

Em Hollywood, em 1951, fundou-se um Centro da índia, outro empreendimento de SRF. O vice-governador da Califórnia, sr. Goodwin J. Kníght, e o cônsul geral da índia, sr. M. R. Ahuja, acompanharam-me no ofício religioso da consagração. No local, existe um auditório com capacidade para 250 pessoas[429].

Os recém-chegados aos vários centros de SRF costumam solicitar maiores esclarecimentos sobre ioga. Ouço, às vezes, esta pergunta: "É verdade, conforme asseveram certas organizações, que a ioga não pode ser estudada com bons resultados através de material impresso, mas deveria ser praticada somente sob a orientação imediata de um instrutor ? "

---

[426] Chama-se agora Self-Realization Magazine

[427] A Igreja de Long Beach, por ser pequena para o número crescente de devotos, leve sua congregação transferida, em 1967, para uma sede nova e mais ampla, na vizinha cidade de Fullerton, Califórnia. (Nota de SRF)

[428] Celebrando este aniversário, dirigi uma sagrada cerimônia, à luz de velas e com oferenda de rosas, em Los Angeles, em 27 de agosto de 1950, durante a qual dei a iniciação em **Kriya Yoga** a quinhtntos estudantes.

[429] Núcleo, com o templo adjacente, de um **Asbram** de SRF, sob a direção de devotos que se consagram ao serviço da humanidade e à realização dos ideais de Paramahansa Yogananda em suas próprias vidas.

Na Idade Atômica, a ioga deve ser ensinada por um curso impresso de instruções, corno as Lições de SRF, ou a ciência da libertação novamente se limitará a alguns eleitos. Seria, de fato, uma bênção inapreciável se cada estudante pudesse ter a seu lado um guru, na posse perfeita da sabedoria divina; mas o mundo é constituído de muitos ,1 pecadores" e poucos santos. Como poderão as multidões, neste caso, receber o auxílio da ioga, a não ser pelo estudo, em seus lares, de instruções escritas por verdadeiros jogues?

A única alternativa seria ignorar o "homem comum" e privá-lo do ,conhecimento da ioga. Mas este não é o plano de Deus para a nova era. Bábají prometeu proteger e guiar todos os Kriya Yogis sinceros na senda para a Meta Suprema[430]. Precisa-se de centenas de milhares de Kríya Yogis e não apenas de meia-dúzía, para tornar realidade o mundo de paz e de abundância que aguarda os homens quando tiverem feito o esforço necessário para restabelecer seu "status"como filhos do Pai Divino.

Fundar no Ocidente uma organização como SRF, "uma colmeia para o mel espiritual", foi a tarefa que Sri Yuktéswar e Bábají me atribuíram. O cumprimento desta sagrada missão de confiança não tem sido isenta de dificuldades.

- Francamente, Paramahânsaji, valeu a pena? - Esta lacônica pergunta foi feita, certa noite, pelo dr. Lloyd Kennell, dirigente da Igreja de SRF em San Diego. Compreendi que era este o sentido da pergunta: - O senhor foi feliz nos Estados Unidos? Que tal as falsidades difundidas por pessoas mal orientadas, ansiosas de impedir a expansão da ioga? Que tal as decepções, as mágoas, os dirigentes de centros que não puderam dirigir, os estudantes que não puderam ser ensinados?

E respondi: - Abençoado o homem a quem Deus submete a provas! De vez em quando, Ele se recordava de pôr em meus ombros algum fardo. - Pensei, então, em todos os que permaneceram fiéis, e no amor, na devoção e no entendimento que iluminam o coração dos Estados Unidos. Devagar, com ênfase, prossegui: - Mas minha resposta é sim, mil vezes sim! Valeu a pena, muito mais do que sonhei, ver o Oriente e o Ocidente estreitarem sua proximidade pelo único vínculo duradouro, o espiritual.

Todos os grandes mestres da índia, que demonstraram agudo interesse pelo Ocidente, compreenderam muito bem as condições modernas. Eles sabem que os problemas do mundo continuarão insolúveis enquanto todas as nações não assimilarem melhor as virtudes características do Oriente e do Ocidente. Cada hemisfério necessita daquilo que o outro tem a oferecer de melhor.

No decurso de minha viagem pelo mundo, observei com tristeza muito sofrimento[431]. No Oriente, acentuado sofrimento no plano material. No Ocidente, sobretudo, miséria mental e espiritual. Em todos os países repercutem os dolorosos efeitos de civilizações desequilibra das. A índia e muitos outros países orientais poderão beneficiar-se imensamente se tratarem de competir com o senso prático de empresários, a eficiência material das nações ocidentais, como os Estados Unidos. Os povos ocidentais, ao contrário, necessitam compreender com maior profundeza a base espiritual da vida, e especialmente as técnicas científicas que a índia desenvolveu, desde a antigüidade, para r comunhão consciente do homem com Deus.

---

[430] Paramahansa Yogananda também afirmou a seus estudantes do Oriente e do Ocidente que, após sua partida deste mundo físico, continuaria a zelar pelo progresso espiritual de todos os **Kriya Yogis.** Belíssima promessa, cuja verdade se comprova, **desde o seu mahásamádhi,** por cartas de numerosos devotos de SRF-YSS que se tornaram cônscios de sua orientação onipresente. (Nota de SRF).

[431] Essa voz me envolve, como oceano rebentando em praia:
"E acha-se a tua terra tão arruinada,
um acúmulo de destroços sobre destroços?
Vê, tudo foge de ti, porque tu fugiste de Mim!
Tudo o que tomei de ti, tomei-o,
não para fazer-te mal,
apenas para que tu o buscasses em Meus braços.
Tudo o que a tua fantasia de criança
imaginou perdido, eu armazenei para ti em Meu lar.
Levanta-te, agarra Minha mão, e vem!"
Francis Thompson, em 0 Perdigueiro do Céu.

O ideal de uma civilização equilibrada não é quimérico. Durante milênios, a índia foi, simultaneamente, o país da luz espiritual e de bem distribuída prosperidade material. A pobreza dos últimos duzentos anos é, na longa história da índia, apenas uma fase cármica passageira. Proverbial em todo o mundo, século após século, era a expressão "fausto das índias"[432]. A abundância, material e espiritual, vem a ser uma manifestação da estrutura de **ritá**, lei cósmica ou justiça natural. Não há parcimônia no Espírito Divino, nem em Sua deusa dos fenômenos, a exuberante Natureza.

As Escrituras hindus ensinam que o homem é atraído para este planeta a fim de aprender, e aprender melhor em cada vida sucessiva, as infinitas variantes em que o Espírito pode, não só expressar-se através das condições materiais, mas também governá-las. O Oriente e o Ocidente estão aprendendo esta grande verdade, de maneiras diversas, e deveriam partilhar de bom grado, um com o outro, as Suas descobertas. Acima de qualquer dúvida, agrada ao Senhor que Seus filhos terrenos lutem por alcançar para o mundo uma civilização livre de pobreza, doença e ignorância espiritual. O esquecimento, pelo homem, de seus divinos recursos é resultado do uso incorreto de seu livre-arbítrio[433] e causa primeira de todas as outras formas de sofrimento.

---

[432] O arquivo da História apresenta a índia, até o século 18, como a nação mais rica do mundo, A propósito, na literatura e na tradição indianas, não se encontra qualquer fundamento para a teoria histórica, corrente no hemisfério ocidental, de que os primeiros arianos "invadiram"a índia, vindos da Europa ou de alguma outra parte da Ásia. É compreensível que os eruditos não possam fixar um ponto de partida para esta viagem imaginária. Prova intrínseca nos **Vedas,** indicando a índia como a pátria imemorial dos hindus, foi apresentada num volume incomunt e de atraente leitura, a **índia do Rig Veda,** por Abinas Chandra Das, publicado em 1921 pela Universidade de Calcutá. 0 professor Das sustenta que emigrantes da índia se estabeleceram em várias regiões da Europa e da Ásia, difundindo o idioma e o folclore arianos. A língua lituana, por exemplo, apresenta notável similitude com o sânscrito, sob muitos aspectos. 0 filósofo Kant, que ignorava inteiramente o sânscrito, surpreendeu-se com a estrutura científica da língua lituarta. "Ela possui a chave - disse ele - que abrirá todos os enigmas, não só os da filologia, mas também os da história".
A Bíblia refere-se às riquezas da índia, contando-nos **(11 Crônicas,** 9:21,10) que os "navios de Tarshish"trouxeram ao Rei Salontão "ouro e prata, marfim, macacos, pavões"e "abundância de árvores de **sandalum alburn** (pausândalo) e pedras preciosas"de Ophir (Spara, na costa de Bombaim). Megástenes, o embaixador grego (século 4 antes de Cristo) legou-nos um re-trato detalhado da prosperidade da índia. Plínio (século 1 depois de Cristo) nos diz que os romanos gastavam anualmente cinqüenta milhões de sestércios (cinco milhões de dólares) em importações da índia, senhora, naquela época, de vasta e poderosa marinha.
Viajantes chineses escreveram, em tons vívidos, sobre a opulenta civilização da índia, a cultura generalizada entre seus habitantes e o seu excelente governo. 0 sacerdote chinês Fa-Hsien (século 5) conta-nos que o povo hindu era feliz, honesto e próspero. Consultem-se, da autoria de Samuel Beal, os **Arquivos Budistas sobre o Mundo Ocidental** (a índia era "o mundo ocidental"para os chineses!) publicados pela Casa Trubner, de Londres; e, da autoria de Thomas Watters, **Sobre as viagens de Yuan Chwang na índia, no período de 629-45 depois de Cristo,** publicação da Royal Asiatic Society.
Colombo, descobrindo o Novo Mundo no século 15, estava na realidade procurando uma rota comercial mais curta para chegar à índia. Durante séculos, a Europa ansiava pela posse de artigos exportados da índia - sedas, tecidos finos (de tal transparência que mereceram ser descritos como "ar tecido"e "neblina invisíveU), algodões estampados, brocados, bordados, tapetes, cutelaria, armaduras, marfim e peças trabalhadas em marfim, perfumes, incenso, sândalo, artigos de cerâmica, drogas medicinais e ungüentos, anil, arroz, especiarias, coral, ouro, prata, pérolas, rubis, esmeraldas e diamantes.
Mercadores portugueses e italianos registraram seu deslumbramçnto reverente pela fabulosa magnificência que se derramava por todo o império de Vijayanagar (1336-1565). A glória de sua capital foi descrita por Razzak, embaixador da Arábia, como "aquela que olho nenhum viu; e ouvido nenhum ouviu referência a outro lugar que se lhe equipare no mundo".
No século 16, pela primeira vez em sua história, a índia caiu totalmente sob governo não-hindu. 0 turco Baber invadiu o país em 1524 e fundou uma dinastia de reis muçulmanos. Estabelecendo-se em país tão antigo, os novos monarcas não lhe drenaram as riquezas a ponto de exauri-lo. Enfraquecida, entretanto, por dissenções internas, a opulenta índia tornou-se, no século 17, a presa de diversas nações européias; a Inglaterra destacou-se afinal como governo imperante. A índia alcançou pacificamente a sua independência em 15 de agosto de 1947.
Como tantos hindus, tenho uma história que "já pode ser contada". Um grupo de moços que eu conhecera na Faculdade, veio ter comigo durante a Primeira Guerra Mundial e pressionou-me para que eu chefiasse um movimento revolucionário. Recusei, com estas palavras: "A matança de nossos irmãos ingleses nada pode trazer de bom para a índia. Sua independência não virá através das armas e, sim, de sua força espiritual". Preveni, então, meus amigos que os navios alemães carregados de armas, dos quais eles dependiam, seriam interceptados pelos ingleses no porto de Diamond, em Bengala. Os jovens, contudo, levaram avante seus planos e fracassaram, conforme eu previra. Meus amigos foram libertados da prisão alguns anos depois. Abandonando suas convicções violentas, muitos deles ingressaram no movimento político idealista de Gandhi. Por fim, celebraram a vitória da índia numa "guerra" ganha por meios pacíficos.
A triste divisão territorial em índia e Paquistão, e o breve mas sangrento interlúdio que ela provocou em algumas regiões do país, foram causados por fatores econômicos e não essencialmente por fanatismo religioso (um motivo menor, geralmente apresentado como motivo maior). Inúmeros hindus e muçulmanos, na atualidade como em tempos idos, vivem lado a lado, em amizade. Homens de ambos os credos, em número imenso, tornaram-se discípulos do mestre "sem credo" Kabir (1450-1518); e até hoje ele conta milhões de seguidores fiéis **(Kabirpanthis).** Sob a lei muçulmana de Akbar, o Grande, a mais ampla liberdade de crença prevaleceu em toda a índia. Nem existe ali, atualmente, qualquer desavença religiosa entre os 95% de gente simples. A índia verdadeira, a índia que pode compreender e seguir um MIhátma Gandhi, não se encontra nas grandes cidades inquietas, mas nas 700.000 aldeias tranqüilas, onde formas simples e justas de autogoverno por **panchayats** (conselhos locais) vêm sendo uma característica desde tempos imemoriais. Os problemas que hoje perturbam uma índia livre serão certamente resolvidos com o tempo, por aqueles grandes homens que ela nunca deixou de revelar ao mundo.

[433] "Livremente servimos
porque livremente amamos, em nosso arbítrio
de Amar ou não; livres, nos firmamos ou caímos.
Em alguns estão, caídos em desobediência,

Os males atribuídos a uma abstração antropomórfica chamada “sociedade” podem ser imputados, mais realisticamente, a cada homem[434]. A utopia deve medrar na intimidade de cada peito humano, antes que possa florir em virtude cívica, pois as reformas internas conduzem naturalmente às externas. Um homem que se reformou a si mesmo, reformará milhares de outros.

As Escrituras do mundo, submetidas ao teste do tempo, são, em essência, uma só, inspirando o homem em sua jornada ascendente. Passei um dos períodos mais felizes de minha vida, ditando para Self-Realization Magazine minha interpretação de trechos do Novo Testamento. Implorei fervorosamente ao Cristo para que me guiasse na apreensão do verdadeiro significado de suas palavras, muitas das quais têm sido gravemente desvirtuadas durante vinte séculos.

Uma noite, quando silenciosamente me entregava à prece, minha sala de trabalho no eremitério de Encinitas inundou-se de luz azul cor-de-opala. Contemplei a forma resplandecente do abençoado Senhor Jesus. Parecia um jovem de vinte e cinco anos, com barba esparsa; seu longo cabelo preto, repartido ao meio, apresentava um balo de ouro cintilante.

Seus olhos eram eternamente maravilhosos; enquanto eu os fitava, eles se alternavam infinitamente. A cada mudança divina em sua expressão, eu compreendia intuitivamente a sabedoria que eles transmitiam. Em seu olhar glorioso, senti o poder que sustém miríades de mundos. Um Santo Graal apareceu-lhe na boca; desceu aos meus lábios e, a seguir, voltou a Jesus. Alguns momentos depois, ele pronunciou palavras belíssimas, tão pessoais em sua natureza que eu as guardo em meu coração.

Em 1950 e 1951, passei muito tempo em um retiro de SRF, próximo ao deserto de Mojava, na Califórnia, onde traduzi o Bhágavad-Gíta e escrevi um detalhado comentário[435] aos seus versículos que abordam as várias sendas de ioga.

Referindo-se duas vezes[436], explicitamente, a uma técnica iogue (a única mencionada no Bhálgavad-Gita, e a mesma que Bábají chamou, simplesmente, de Kriya Yoga), a maior Escritura da índia proporciona duplo ensinamento, o moral e o prático. Em nosso mundo-sonho (um oceano), nossa respiração (uma tempestade específica da ilusão) produz a consciência de nossas formas de homens e de todos os outros objetos materiais (ondas individuais). O mero conhecimento filosófico e ético é insuficiente para despertar o homem do doloroso sonho de que sua existência é separada das outras: sabendo-o, o Senhor Krishna deu realce à ciência sagrada que possibilita ao homem dominar o seu corpo e convertê-lo, à vontade, em energia pura. A possibilidade desta proeza iogue não está além da compreensão teórica dos cientistas modernos, pioneiros de uma Idade Atômica. Já se provou que toda matéria é redutível à energia.

As Escrituras hindus exaltam a ciência porque é aplicável, sem exceção, a todos os homens. O mistério da respiração, é verdade, já foi algumas vezes desvendado, sem o emprego de técnicas iogues formais, como no caso de místicos não-hindus que possuíam poderes transcendentes de devoção ao Senhor. Tais santos do cristianismo, do islamismo e de outras religiões foram observados, de fato, em transe de imobilidade e ausência de respiração (sabikálpa samádhi)[437], sem o qual ninguém pode penetrar nas primeiras fases da percepção de Deus. (Contudo, depois que um santo alcançou nirbikálpa, ou o mais elevado samádhí, acha-se irrevogavelmente estabelecido no Senhor - respire ou não, esteja imóvel ou ativo).

---

decaindo do céu ao inferno mais profundo. 0' queda,
de que alto estado de beatitude a que aflição!”
Milton, Paraíso Perdido

[434] O plano do fila divino ou “atividade desportiva” que trouxe à existência o mundo dos fenômenos, é um jogo de **reciprocidade** entre a criatura e o Criador. A única dádiva que o homem pode oferecer a Deus é o amor; este basta para provocar Sua generosidade avassaladora. “Vós, a nação inteira me roubastes. Trazei todos os dízimos ao meu celeiro, para que haja mantimento em minha casa; e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos exércitos, se eu não vos abrir as comportas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que não haverá espaço suficiente para recebê-la”. **(Malaquias,** 3:9-10)

[435] Publicado periodicamente em **SR Magazine. 0 Bhágavad-Gíta** é a mais amada de todas as Escrituras da índia. Contém os conselhos do Senhor Krishna a seu discípulo Ariuna: palavras de guia espiritual, aplicáveis a todos os que buscam a verdade, em qualquer época. Esta é a mensagem do Gíta: o homem pode conquistar a emancipação através do amor a Deus, sabedoria e execução de ações corretas com espírito de desprendimento.

[436] **Bhágavad-Gíta,** 4:29 e 5:27-28.

[437] Ver capítulo 26. Entre os místicos cristãos que foram observados em **sabikálpa sarnádhi** pode-se mencionar Santa Teresa de Avila, cujo corpo se imobilizava a ponto de as assombradas monjas do convento serem incapazes de alterar a posição da madre ou de fazê-la voltar à consciência do mundo exterior.

Frei Lawrence, místico cristão do século 17, conta-nos que teve seu primeiro vislumbre da experiência de Deus ao contemplar uma árvore. Quase todos os seres humanos viram uma árvore; poucos, infelizmente, viram, através dela, o Criador da árvore. A maioria é absolutamente incapaz de invocar aqueles poderes de devoção irresistíveis, possuídos sem esforço por alguns ekantins, santos de um só e supremo objetivo, encontrados em todas as sendas religiosas, sejam do Oriente ou do Ocidente. Entretanto, o homem comum[438] não se acha, por isso, excluído da possibilidade de comungar com Deus. Para despertar a memória de sua própria divindade, ele de nada mais precisa que a técnica de Kriya Yoga, a observância diária dos preceitos morais e a aptidão de clamar sinceramente: "Senhor, anseio conhecer-Te! "

A ioga tem, assim, interesse universal porque permite a todos aproximar-se de Deus, pelo uso diário de um método científico, em vez de um fervor religioso que, para o homem comum, está além de seu alcance emocional.

Vários grandes mestres do jainismo na índia têm sido chamados de tírthakaras, "construtores de vaus", porque revelam a passagem através da qual a humanidade desorientada pode atravessar e vencer os mares tempestuosos de sarnsára (a roda cármica, a recorrência de vidas e mortes). Sarnsára (literalmente, "boiando a favor"da correnteza dos fenômenos) induz o homem a tomar a linha de menor resistência. "Quem for, pois, amigo do mundo, é inimigo de Deus"[439]. Para tornar-se amigo de Deus, o homem deve vencer os demônios, isto é, os males de suas próprias ações ou carma, que sempre o incitam a uma desfibrada aquiescência às ilusões do mundo (máya). Quem se empenha numa busca séria é encorajado, pelo conhecimento da férrea lei do carma, a encontrar a saída, a liberação final de seus grilhões. já que a escravidão cámica dos seres humanos tem sua raiz nos desejos das mentes obnubiladas por máya, o iogue se interessa pelo controle da mente[440]. E despoja-se de vários mantos de ignorância cármica, para contemplar-se a si mesmo em sua essência nativa.

O mistério da vida e da morte, cuja solução é o único objetivo da passagem do homem pela Terra, está intimamente entrelaçado com a respiração. Ausência de respiração é ausência de morte. Tendo experiência desta verdade, os antigos ríshis da índia apoderaram-se desta chave única, a da respiração, e desenvolveram uma ciência, racional e exata, de não-respiração.

Não tivesse a índia outra dádiva para oferecer ao mundo, e Kriya Yoga, só por si, bastaria como presente régio.

A Bíblia contém passagens reveladoras de que os profetas hebreus estavam cientes de ter Deus criado a respiração para servir de vínculo sutil entre o corpo e a alma. O Gênese afirma: "O Senhor Deus formou o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o alento de vida; e o homem tornou-se uma alma vivente"[441]. O corpo humano compõese de substâncias químicas e metálicas que também se encontram no "pó da terra". A carne do homem jamais poderia desenvolver qualquer atividade, ou manifestar energia e movimento, se não fossem as correntes vitais transmitidas pela alma ao corpo, por intermédio da respiração (energia gasosa). Nos homens não-iluminados, as correntes de vida, operando no corpo humano sob a forma de prana quíntuplo ou cinco energias vitais sutis, são manifestações da vibração Aum da alma onipresente.

O reflexo, a verossimilhança, da vida que, refulgindo nas células da carne, tem sua origem na alma, é a causa única do apego do homem ao corpo; é óbvio que ele não prestaria solícita homenagem a um punhado de argila. Um ser humano identífica-se falsamente com sua forma física porque as correntes vitais da alma são transportadas pela respiração para o interior da carne, com tamanha intensidde, que o homem toma o efeito pela causa, e supõe, idolatramente, que o corpo tem vida própria.

---

[438] Algum dia, algures, "o homem comum" deverá dar seu primeiro passo espiritual. "A jornada de mil quilômetros começa com um passo"- observou Lao-tse. Compare-se com as palavras do Senhor Buda: "Que nenhum homem pensa levianamente no Bem, dizendo em seu coração: - 0 Bem não virá até mim. - Pela queda de gotas de água, um pote fica repleto; o homem sábio abarrota-se com o Bem, mesmo que o ajunte aos pouquinhos".

[439] Tiago, 4:4.

[440] "Imperturbável, um vela queima, abrigada do vento; este é o símile da mente do iogue, cerrada às tormentas dos sentidos mas ardendo vivamente para o céu. Quando a mente, plácida, medita, acostumada à santa calmaria; quando o ser contempla o Ser, e em seu interior acha consolo; quando conhece a inefável alegria fora do alcance dos sentidos ' revelada à alma - somente à alma! - e conhecendo-a, não se agita, fiel à Verdade suprema; quando, possuindo-a, não considera outro tesouro a ela comparável, mas, ao abrigo desse porto, não se excita nem se perturba com alguma aflição gravíssima; chamai a esse estado "paz", a esse feliz desprendimento, Ioga; chamai a esse homem 0 Perfeito Iogue!"

Bhágavad Gíta, 6:19-23 (da tradução de Arnold para o inglês)

[441] Gênese, 2:7

O estado consciente do homem associa-se à percepção do corpo e da respiração. No estado subconsciente, ativo durante o sono, a mente separa-se, temporariamente, do corpo e da respiração. Em estado superconsciente, o homem se liberta da ilusão de que a "existência"depende do corpo e da respiração[442]. Deus vive sem respirar; a alma criada à Sua imagem torna-se consciente de si mesma, pela primeira vez, apenas durante o estado de ausência de respiração.

Quando o carma evolutivo corta o laço respiratório entre corpo e alma, segue-se a transição abrupta denominada "morte"; as células físicas revertem à sua natural impotência. O Kriya Yogi, porém, corta o vínculo respiratório à vontade, com sabedoria científica, sem a rude intromissão da necessidade cármica. Senhor de experiência efetiva, o iogue já é cônscio de sua essência incorpórea e dispensa a insinuação, um tanto contundente da Morte, de que o homem anda mal-avisado ao depositar sua confiança no corpo físico,

Vida após vida, cada homem progride (em seu próprio passo, ainda que erradio), rumo à apoteose de si mesmo. A Morte, que não interrompe este avanço, simplesmente lhe oferece um ambiente de maior afinidade no mundo astral para nele se purificar de suas escórias. "Não se perturbe o vosso coração ... Na casa de meu Pai há muitas moradas"[443] . É deveras improvável que Deus tenha esgotado Sua faculdade inventiva ao criar este mundo, ou que, no seguinte, Ele nada tenha a oferecer de mais para o nosso interesse do que o arranhar de harpas.

A morte não é a destruição da existência, a derradeira fuga à vida; nem é a porta para a imortalidade. Quem perdeu o seu eterno Eu nos prazeres terrenos, não O recapturará entre os delicados encantos do mundo astral. Ali, acumula simplesmente percepções mais refinadas e adquire maior sensibilidade para o belo e o bom que são uma e a mesma coisa. É na bigorna deste planeta grosseiro que o homem deve forjar o imperecível ouro da identidade espiritual. Exibindo em sua mão esse ouro arduamente ganho, único presente aceitável para a Morte voraz, o ser humano conquista sua libertação definitiva dos ciclos de reencarnação física.

Durante muitos anos, dei aulas em Encinitas e Los Angeles sobre os Yoga Sutras de Patânjali e outras obras profundas da filosofia hindu.

- Mas por que tinha Deus de juntar alma e corpo? - perguntou-me, certa vez, um estudante. - Qual era o Seu objetivo ao imprimir o primeiro movimento a este drama evolutivo da criação? - Inúmeros outros homens fizeram as mesmas perguntas; filósofos procuraram, em vão, respondê-las satisfatoriamente.

- Deixe alguns mistérios para explorar na Eternidade - costumava dizer Sri Yuktéswar com um sorriso. - Como poderiam os limitados poderes de raciocínio do homem compreender os motivos inconcebíveis do Absoluto Incriado? A faculdade raciocinal no homem, limitada pelo princípio de causa e efeito do mundo dos fenômenos, desconcerta-se ante o enigma de Deus, o Sem Princípio, o Incausado. Contudo, embora a razão humana não possa sondar os mistérios da criação, cada um dos enigmas será afinal decifrado para o devoto pelo próprio Deus.

Quem anseia sincera e ardentemente pela sabedoria, contenta-se em iniciar sua busca pela aprendizagem humilde de um simples abecedário dos planos divinos, sem exigir prematuramente um gráfico matemático exato da "Teoria Einsteiniana" da vida.

"Nenhum homem jamais viu Deus (nenhum mortal sujeito ao "tempo", às relatividades de máya[444] pode ter experiência do Infinito); o Filho Unigênito, que está no seio do Pai (a Consciência Crística, reflexo do Pai ou projeção exterior da Inteligência Perfeita que, guiando todos os fenômenos estruturais, através da vibração Aum, emergiu do "seio" ou das profundezas do Divino Incriado a fim de expressar a multiplicidade da Unidade) revelou (sujeitou à forma, manifestou) esse mesmo Pai"[445].

---

[442] "Você nunca apreciará o mundo como deve, até que o próprio mar deslize em suas veias, até que você se encontre vestido de céu, coroado de estrelas, e perceba que é o único herdeiro do mundo inteiro, e mais que isso, porque nele existem homens que são outros tantos herdeiros únicos, seus iguais; até que você possa cantar, e deliciar-se e regozijar-se em Deus como os miseráveis fazem com o ouro, e os reis com os cetros ... até que se familiarize com os caminhos de Deus em todos os tempos, como se fossem seu passo e sua mesa; até que você tenha alcançado intimidade com Esse indefinível nas sombras, do qual o mundo foi feito", - Thornos Traherne, em **centúrias**

[443] **João,** 14:1-2.

[444] "Pois meus pensamentos não são os teus pensamentos, nem teus caminhos são os meus, diz o Senhor. Pois, assim como os céus são mais altos que a terra, meus caminhos são mais altos que os teus caminhos, e meus pensamentos mais altos que os teus" (**Isaías,** 55:8-9). Dante deu o mesmo testemunho na **Divina Comédia:**
"Estive naquele céu, o mais iluminado pela luz que provém d'Ele, e vi coisas indizíveis; quem regressa não tem, para exprimi-las, talento nem ciência; pois quando se aproxima do objeto de seu ardente desejo, nosso intelecto sente-se tão profundamente comovido que nunca pode refazer a senda palmilhada. Mas tudo quanto do reino sagrado a memória teve o poder de entesourar será meu tema até que o verso finde".

[445] **João,** 1: 18

"Em verdade, em verdade vos digo - explicou Jesus - o Filho por si mesmo nada pode fazer, mas apenas o que vê o Pai fazer: porque tudo o que o Pai fizer, o Filho também o faz"[446].

A tríplice natureza de Deus, conforme Ele se revela no mundo dos fenômenos, é simbolizada nas Escrituras hindus por Brahma, o Criador, Vishnu, o Conservador, e Shiva, o Destruidor-Renovador. Sua atividade, trina e una, patenteia-se incessantemente através da criação vibratória. Como o Absoluto situa-se além dos poderes de concepção do homem, o hindu devoto adora-O nas augustas corporificações da Trindade[447].

O aspecto universal de Deus, de criador-conservador-destruidor, não é Sua natureza última nem mesmo essencial (pois a criação cósmica é apenas Seu fila, esporte criador)[448]. Sua natureza intrínseca não pode ser compreendida, nem mesmo compreendendo-se todos os mistérios da Trindade, porque Sua natureza extrínseca, que se manifesta na criação atômica regida por leis, limita-se a expressá-Lo sem O revelar.

A natureza última do Senhor só é conhecida quando "o Filho sobe ao Pai"[449]. O homem liberto ultrapassa os reinos vibratórios e entra na Origem Sem Vibração.

Todos os grandes profetas permaneceram silenciosos quando solicitados a desvendar os segredos últimos. Quando Pilatos perguntou: "Que é a Verdade?"[450], Cristo não respondeu. As indagações muito pomposas de racionalistas como Pilatos raramente procedem de um ardente espírito de pesquisa. Tais homens preferem falar com essa arrogância vazia que considera a falta de convicção sobre os valores espírituaís[451] como um sinal de "mentalidade aberta".

"Nasci para este fim e vim ao mundo para (servir) esta causa, a de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade, ouve a minha voz"[452]. Nestas poucas palavras, Cristo falou volumes. Um filho de Deus "dá testemunho" com a sua própria vida. Ele encarna a verdade; se também a explica, trata-se de generosa redundância.

A verdade não é teoria, nem sistema especulativo de filosofia, nem súbita compreensão intelectual. A verdade é a exata correspondência com a realidade, Para o homem, a verdade é o inabalável conhecimento de sua natureza real, de sua alma ou Ser eterno. Jesus, em cada ato e palavra de sua vida, provou conhecer a verdade de seu ser - sua origem divina. Totalmente identificado com a Consciência Crística onipresente, ele podia dizer, em caráter final: "Todo aquele que é da verdade, ouve a minha voz".

Buda também se recusou a lançar luz sobre as questões derradeiras da metafísica, assinalando secamente que os poucos momentos do homem na Terra seriam melhor empregados no aperfeiçoamento de sua natureza moral. O místico chinês Lao-tsé ensinou corretamente: "Quem sabe, não o diz; quem diz, não o sabe". Os mistérios últimos de Deus não se acham "abertos à discussão". A decifração de Seu código secreto é uma arte que o homem não pode comunicar ao homem; aqui, só o Senhor é o Mestre.

"Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus"[453]. Nunca fazendo alarde de Sua onipresença, o Senhor só é ouvido nos silêncios imaculados. Reverberando por todo o universo como vibração criadora Aum, o Som Primordial traduz-se instantaneamente em palavras inteligíveis para o devoto com Ele sintonizado.

O objetivo divino da criação, até onde a razão humana pode compreendê-lo, está exposto nos Vedas. Os ríshís ensinaram que cada ser humano foi criado por Deus como alma que manifestará, de modo ímpar, algum atributo especial do Infinito, antes de reassumir sua Absoluta Identidade. Todos os homens, assim dotados com uma faceta da Individualidade Divina, são igualmente amados por Deus[454].

---

[446] **João,** 5:19

[447] Uma outra concepção da Realidade Trinitária: **Sat, Tat, Aum; ou Pai,** Filho e Espírito Sa nto, Brahma-Víshnu-Shiva representam a expressão trina e una de Deus no aspecto de Tet ou Filho, a Consciência Crística imanente na criação vibratória. **Shakfis,** energias ou "consortes"da Trindade, são símbolos de Aum ou Espírito Santo, a força causal única que sustenta o cosmo através de vibração.

[448] "0' Senhor... Tu criaste todas as coisas, e para Te comprazeres elas são e foram criadas". **(Apocalipse, 4:11)**

[449] João, 14:12.

[450] João, 18:38.

[451] "Ame a virtude; somente ela é livre;
ela pode ensiná-lo a subir
muito além da harmonia das esferas;
ou, se pobre de forças a Virtude fosse,
o próprio céu, a ela, desceria". Milton, Comus.

[452] João, 18:37.

[453] Salmos, 46:10,

[454] "0 Senhor me possuiu no início de Seus caminhos, antes de criar Suas obras mais antigas. Fui ungida desde a eternidade, desde o princípJo, antes que a Terra fosse". **(Provérbios,** 8:22-23)

A sabedoria acumulada pela índia, irmã mais velha das demais nações, é uma herança de toda a humanidade. A verdade védica, como toda verdade, pertence ao Senhor e não à índia. Os ríshis, cujas mentes eram receptáculos puríssimos onde se verteram as divinas profundezas dos Vedas, foram membros da raça humana, nascido neste planeta, e não em outro, para servir a toda a humanidade. Distinções de raça ou de nacionalidade não têm sentido no reino da verdade, onde a única qualificação é a capacidade espiritual para recebê-la.

Deus é Amor; logo, Seu plano para a criação só pode ter raiz no amor. Não oferece este simples pensamento mais consolo ao coração humano que todos os raciocínios dos eruditos? Todo santo que penetrou no âmago da Realidade deu testemunho de que existe um planejamento divino do universo, pleno de beleza e de alegria.

Ao profeta Isaías, Deus revelou Suas intenções nestas palavras: "Assim será a palavra (Aum criador) que sair de minha boca: ela não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei. Porque com alegria saireis e em paz sereis guiados; os montes e as colinas prorromperão em cânticos diante de vós e todas as árvores do campo baterão palmas"[455].

"Saireis com alegria e sereis guiados em paz". Os homens do atribulado século 20 ouvem nostalgicamente esta promessa maravilhosa. A verdade total nela contida pode ser comprovada por todo devoto de Deus que desenvolva um esforço varonil para recuperar sua divina herança.

A função abençoada de Kriya Yoga no Oriente e no Ocidente está apenas em seu começo[456]. Possam todos os homens saber que existe uma técnica científica, definida, para o Encontro com Deus e a superação de toda miséria humana!

Ao enviar vibrações mentais de amor aos milhares de Kriya Yogis, esparsos pela Terra como jóias riátilas, quantas vezes penso, agradecido: Senhor, Tu deste a este monge uma grande família!

---

[455] **Isaías,** 55:11-12

[456] No Brasil, a Iniciação em **Kriya Yoga** foi dada, pela primeira vez, a um grupo de discípulos de Paramahansa Yogananda em São Paulo, em 1.o de janeiro de 1956, por intermédio do Yogachárya José M. Cuarón, da cidade do México, discípulo direto do Mestre, enviado pela Sede Internacional de SRF (Los Angeles), Idêntica cerimônia realizou-se, poucos dias depois, no Rio de Janeiro.
Embora esse devotado discípulo tenha se desprendido de seu corpo físico em 1967, a Sede Internacional envia, a intervalos regulares, seu representante monástico ao Brasil e a países sul-americanos.

Objetivos e Ideais da Self-Realization Fellowship

Disseminar entre as nações o conhecimento de técnicas científicas definidas para atingir a experiência pessoal e direta de Deus.

Revelar a unidade básica e a completa harmonia entre o Cristianismo original ensinado por Jesus Cristo e a Ioga original ensinada por Bhágavan Krishna; e mostrar que estes princípios são o fundamento científico comum a todas as verdadeiras religiões.

Apontar a divina e única estrada preferencial para a qual todas as sendas das verdadeiras crenças religiosas eventualmente se dirigem: a estrada preferencial da meditação em Deus, diária, científica e devocional.

Demonstrar a superioridade da mente sobre o corpo, e da alma sobre a mente.

Liberar o homem de seu tríplice sofrimento: doença física, desarmonias mentais e ignorância espiritual.

Promover a compreensão espiritual entre Ocidente e Oriente, e advogar o intercâmbio de suas características distintivas mais refinadas.

Harmonizar ciência e religião pelo conhecimento de que a Natureza e suas leis tiveram origem na Mente Divina: a Causa Primeira e Única.

Encorajar “o viver com simplicidade e o pensar com elevação”; e difundir o espírito de fraternidade entre todos os povos, ensinando-lhes o eterno alicerce de sua unidade: filiação a Deus.

Vencer o mal com o bem, a tristeza com a alegria, a crueldade com a bondade, a ignorância com a sabedoria.

Servir a humanidade como ao seu próprio Eu ampliado.